



Cousas do Preste: Da Verdadeira Informação à História de Etiópia- Visões da Etiópia em Francisco Álvares e Pêro Pais

**Dissertação de Mestrado em
Estudos Portugueses Interdisciplinares apresentada à Universidade
Aberta sob a orientação da Professora Doutora Ana Paula Avelar**

Índice

Introdução

Capítulo I - O Reino do Preste João pela pena de viajantes, missionários e cronistas portugueses do século XVI e XVII

1. O relatos do fabuloso reino do Preste e a Etiópia

2. Verdadeiras Informações do reino do Preste

3. Missão na Etiópia: o empenhamento jesuíta na terra do Preste

Capítulo II- P.e Francisco Álvares e P.e Pêro Pais: Percursos e Obras

1. Francisco Álvares e Pêro Pais: suas Vivências e Escritas

1.1. Francisco Álvares: Um clérigo curioso na embaixada ao Preste

1.2. Pêro Pais : *História* de um jesuíta no reino da Etiópia

2. Revelando as obras: Percursos, Estrutura e Conteúdos da Verdadeira Informação... e História de Etiópia

2.1. *Verdadeira Informação das Terras do Preste Joam...*: do Itinerário de Viagem à Descrição da Etiópia

2.2. *História de Etiópia*: Discurso histórico em torno do *Reino do Preste*

Capítulo III- No Reino do Preste: a Historicidade dos Olhares na Verdadeira Informação... e na História de Etiópia

1. Descrições da Etiópia nas vozes de Francisco Álvares e Pêro Pais

1.1. Da Configuração Geográfica

1.2. Da Natureza

1.3. Dos Habitantes, Usos e Costumes

1.4 Da Organização da Sociedade Etíope

1.5- Da Religião

2. No Diálogo de Olhares: a Verdadeira Informação...e a Historia de Etiópia

2.1.A Construção da Visão do *outro* em Francisco Álvares e Pêro Pais

2.2. Transmutação dos *olhares*: de Francisco Álvares a Pêro Pais

Conclusão

Quadros

Anexos

Bibliografia

INTRODUÇÃO

O entusiasmo pelas narrativas de teor descritivo produzidas no âmbito da expansão portuguesa e o interesse pela *imagem* nelas veiculada de diversos e diferentes povos e paragens a partir de um determinado *olhar* de um autor, levou-nos a encetar este trabalho.

Assim a partir de descrições de viagens, da historiografia da Expansão e de obras de missionários, gostaríamos de tentar captar o modo como os relatos portugueses da época testemunharam o reino da Etiópia, identificado com o tão procurado reino cristão do opulento *Preste João*. Este estudo pretende, desta forma, inserir-se no espírito do Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares, ao privilegiar o diálogo entre géneros literários quinhentistas e seiscentistas e a história (com a qual, de resto, estão intimamente ligados).

O objectivo deste trabalho era determinar essa *visão* em duas obras essenciais sobre o território da Etiópia, escritas porém em diferentes épocas e contextos, datando uma do início do século XVI e a outra do início da centúria seguinte. Centrâmo-nos, pois, em duas obras, que consideramos fundadoras da *imagem* da Etiópia: a *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*, do P. Francisco Álvares, impressa em Lisboa em 1540, primeiro registo presencial e escrito de um europeu naquelas paragens, “fundando” a imagem europeia do reino cristão copta da Etiópia e encetando o primeiro passo para afastá-lo das suas roupagens míticas. Os relatos posteriores muitas vezes se socorrerão dele ou reafirmarão a sua veracidade e verosimilhança

Composta praticamente um século depois, a *História da Etiópia*, do P. Pêro Pais datada de c.1622, apenas editada em português no Porto em 1945, é um amplo e exaustivo relato, redigido com base nos conhecimentos adquiridos durante a sua longa estadia como missionário da Companhia de Jesus na Etiópia, que lhe permitiu um contacto próximo e prolongado com a realidade local, de forma quiçá mais profunda do que o seu antecessor.

Tentando centrar a nossa temática, não era nossa intenção focalizarmo-nos nos relatos míticos e da questão da localização geográfica do famoso Prestes e do seu papel na demanda portuguesa de novas paragens, assim como não pretendemos historiar com base nessas fontes, as relações políticas, diplomáticas e religiosas entre a monarquia abexim e o reino de Portugal, nem os seus episódios militares, questões já brilhantemente analisados por outros autores¹, embora não possamos deixar de referir estas questões no decorrer do nosso trabalho.

Não abordamos, pois, as fontes para delas retirar dados históricos propriamente ditos, mas sim para desvendar as formas de representação cultural e mentais feitas do reino abexim por ambos os autores.

Desta forma o ponto de partida para a nossa análise será uma comparação intertextual dos dois textos procurando matrizes de caracterização dessa nova terra, a nível dos costumes das suas populações, da organização da sua sociedade e da realidade envolvente.

Pretendemos, portanto, empreender um estudo de âmbito comparativo do conteúdo das obras, que se afasta do completo estudo panorâmico sobre a história da Etiópia e sua relação com Portugal levado a cabo por Pedro Mota Curto,² existindo um considerável número de estudos e artigos sobre este tema, alguns já bastante datados.

Também não se trata de um estudo aprofundado sobre um determinado autor ou um dado episódios das relações luso/etíopes, como é o caso do estudo do trabalho de Maria Teresa do Rosário Lopes³ sobre Miguel de Castanhoso e seu relato sobre o episódio militar de D, Cristóvão da Gama. Igualmente sobre este episódio, seu impacto na literatura e sua relação com os interesses da casa da Vidigueira e da

¹ Cfr. Teses de Mestrado na área de História dos Descobrimentos e Expansão, de Pedro Mota Curto, *Portugal, o Preste João e a Etiópia (séculos XV e XVI)*, texto policopiado, F.L. Univ. de Lisboa, 1996 e de Maria Teresa do Rosário Lopes, *A Etiópia na obra de Miguel de Castanhoso*, texto policopiado, F. L. Univ. de Lisboa, 2000, orientadas respectivamente por A Borges Coelho e A Dias Farinha.

² Vide nota 2

³ Idem

companhia de Jesus, Isabel Boavida Carvalho elaborou um estudo sobre a *Tragicomédia El Mártir de Etiópia*, de Miguel Botelho de Carvalho de 1646.

A pertinência do nosso trabalho prende-se ainda com a proliferação de estudos parcelares sobre as descritivas portuguesas de Quinhentos e Seiscentos de determinadas regiões, como a China, o Japão, a Tailândia, o Sião, o Tibete, a península hindustânica, a costa ocidental africana, o Brasil, abrindo-se a questão da análise das populações e sociedades da costa oriental africana.

Acresce ainda o renascer do interesse pelos estudos sobre a influência e impactos; produção cultural e heranças da Companhia de Jesus no Império Português, segundo uma perspectiva mais objectiva e imparcial sobre esta ordem revelada em obras historiográficas recentes. Nesta perspectiva se insere história dos Jesuítas na Etiópia, sob o ponto de vista de estratégia política e de implantação cultural e espacial, presente na obra de Hervé Pennec⁴, que retoma a questão da influência portuguesa na arquitectura etíope coeva.

Foram igualmente produzidos estudos na área do estudo antropológico dos símbolos e mitos, pelo antropólogo Manuel João Ramos, sobre o impacto do mito do *Preste João*, sua identificação com a Etiópia e sua desarticulação e transfiguração (ou inversão simbólica) graças aos relatos da expansão.

Verifica-se também uma renovação do interesse pelos estudos etíopes, nomeadamente no seu relacionamento com Portugal, por parte de um grupo da qual fazem parte os autores citados

No entanto não existem até á data estudos sobre estes autores em particular e, dada a importância que lhe atribuímos e a riqueza temática que esta região encerra (desde a questão do mito do *Preste João*; a questão do Nilo e suas fontes; a lenda de Salomão e da rainha de Sabá; relações diplomáticas do Império português; jogo de influências no Mar Vermelho; política de missionação jesuíta; conhecimento do interior africano, entre outras) resolvemos encetar a sua análise.

Assim, as questões que procuramos levantar e responder são as seguintes: Qual o paradigma cultural em que os autores desses relatos se inserem? Qual o seu sistema de referências e a intencionalidade que transparece no texto? Quais os tópicos presentes nas descrições da Etiópia empreendidas por estes autores? Face a esse povo e a uma organização social e cultural diferente como reagem e qual a

⁴ Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

valorização que deles fazem? Finalmente, verifica-se uma transmutação desse *olhar* de uma obra para outra?

No fundo, ao tentarmos responder a estas interrogações, procuraremos captar, como num jogo de espelhos, o encontro com e a descrição do outro, que ao mesmo tempo reflecte o *eu* de um autor, da sociedade e da época com todas as problemáticas em que se insere.

No primeiro capítulo procurámos contextualizar brevemente a identificação da Etiópia com o reino perdido do *Preste*, historiando um pouco as relações luso/etíopes e nelas enquadrando a produção de textos em geral sobre essa região.

No segundo capítulo acompanhamos as vivências e escritas de Francisco Álvares e Pêro Pais assim como a redacção, e percursos das respectivas obras, sua estruturação, conteúdos, tipo de discurso à luz das características da escrita coeva e das intencionalidades autorais.

No terceiro capítulo procederemos à análise da descrição da natureza, sociedade e costumes das populações etíopes, no que diz respeito à caracterização do território; à natureza; à caracterização dos habitantes e seus espaços físicos; ao seu modo de vida; o poder político e a administração; às suas práticas religiosas, cruzando as informações dos autores, para finalmente, nesse diálogo de olhares aferirmos a visão do outro por eles transmitida e observar a sua convergência/manutenção ou afastamento.

Resta-nos dizer que a nível metodológico seguimos o levantamento de vectores descritivos e a análise do discurso com base num sistema de referências característico da época, que enquadra a voz do autor e sua intencionalidade e o seu *olhar* sobre a alteridade, na senda dos estudos empreendidos por Ana Paula Avelar, privilegiando os conceitos de *imagem*, *visão*, *olhar*, *outro*, *voz* do autor na construção de uma alteridade, cujo ponto de partida e chegada é a *persona social*, cultural, mas também o *eu* subjectivo e individual do autor.

Iniciemos pois, a nossa viagem, conduzidos pelos autores.

***CAPÍTULO I- O reino do Preste João pela pena de viajantes,
missionários e cronistas portugueses do século XVI e XVII***

«No século XV, os navegadores portugueses (...), espalharam-se por todas as direcções do globo a descobrir. Acompanharam-nos comerciantes, missionários e aventureiros, realizando uma quantidade de façanhas individuais e de aventuras colectivas única na história da humanidade. Irão revelar assim (...) alguns mundos e uma humanidade que, até então, não se suspeitava que existissem.»
Michel Chandeigne, *Lisboa e os Descobrimentos*

Em 1540 vem a lume a *Verdadeira Informaçam das Terras do Preste Joam...*⁵, obra redigida pelo P.e Francisco Álvares, provavelmente entre 1527 e 1531⁶. A obra reporta as suas experiências e observações, colhidas no decorrer da participação na muito esperada e conturbada embaixada ao reino do lendário *Preste João*, localizado na Etiópia, que decorrera entre 1520 e 1526 inaugurando o conhecimento de facto, a nível europeu, de uma região envolvida até então na mítica nebulosa das concepções medievais.

Aproximadamente um século depois outro autor de origem clerical, o padre jesuíta Pêro Pais⁷, redige um outro testemunho, a *Historia de Etiópia*⁸, a qual narra

⁵ Utilizaremos a seguinte edição: P.e Francisco Álvares, *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*, reprodução fac-similada da edição de 1943, anotada e actualizada por Augusto Reis Machado, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1974. Por questões de ordem prática será doravante referenciada por abreviatura Álvares

⁶ Vide, Cap. II, do presente trabalho, pp. 42/43

⁷ Embora este autor tivesse nascido em Castela e o seu nome de baptismo fosse Pedro Paez Xaramilho, utilizaremos a versão portuguesa do seu nome, Pêro Pais.

a sua presença e trabalhos nessas paragens da África Oriental, onde aportara em 1603 na sua missão de evangelização. A sua redacção terá ocorrido c. 1615 até à data da sua morte na Etiópia em 1622⁹.

As duas serão marcos do conhecimento europeu dessas paragens, embora envoltas em contextos diferentes, conhecendo diferentes circunstâncias de produção e diferentes percursos até chegarem ao conhecimento público. De qualquer forma ambas são produto de um tempo e de uma conjuntura: a expansão europeia, mais precisamente a portuguesa no mundo e da imensa e aliciante possibilidade de o conhecer nas suas múltiplas facetas. De facto, as viagens de descobrimento empreendidas pelos portugueses desde o início do séc. XV possibilitam um conhecimento, até então escuso às suas diferentes populações, possibilitando a «invenção do mundo» no feliz subtítulo da obra dirigida em francês por Michel Chandeigne¹⁰. É pois neste pano de fundo que procuraremos inseri-las, partindo da generalidade das *notícias* e lendas medievais que as antecederam.

1- Os Relatos do fabuloso reino do Preste João e a Etiópia

Seguidamente percorreremos as conjunturas políticas e culturais e os contactos que possibilitaram a redacção das nossas obras e referiremos outros relatos seus contemporâneos que à Etiópia dizem respeito, não esquecendo a sua ligação à imagem mítica do Reino do *Preste João*. E começaremos precisamente por tentar explicitar como se estabeleceu a identificação da figura do monarca lendário com o soberano etíope e como surgem os primeiros relatos de base verídica sobre essa região, uma vez alcançadas essas paragens com a progressão da Expansão portuguesa, não deixando de sublinhar o papel de Damião de Góis na recolha de informações credíveis sobre a realidade etíope e a sua divulgação nos meios humanistas europeus.

⁸ Utilizaremos a única edição existente e disponível à data: Pêro Pais, *História da Etiópia*, 3 Vols., Porto, Livraria Civilização, 1945-1946. Por questões de ordem prática será doravante referenciada por abreviatura e sigla, Pais.

⁹ Vide, Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 251

¹⁰ Michel Chandeigne (dir.), *Lisbonne Hors les Murs, 1415-1580: l'invention du monde par les navigateurs portugais*, Paris, Éditions Autrement, 1990 (trad. port. *Lisboa e os Descobrimentos- 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*, Carlos Araújo (dir), 2ª ed., Lisboa, Terramar, 1999)

Dentro das temáticas referentes a espaços geográficos que figuram na «Literatura da Expansão» houve uma particularmente interessante para os europeus de Quinhentos e Seiscentos. Isto porque corporizava um mito persistente no «Velho Continente» desde pelo menos o séc. XII. Trata-se do famoso *Preste João das Índias*, que tanto deu que falar na época das navegações e descobertas portuguesas no século XV e início do século XVI. O empenho em alcançar esse lendário rei de uma Cristandade perdida a Levante, auxílio precioso para definitivamente derrotar o inimigo islâmico que cerca a Europa, constituiu, segundo a opinião de numerosos historiadores, uma real motivação no programa das Navegações e Descobrimentos portugueses¹¹.

Vamos seguir Vitorino Magalhães Godinho na tentativa de explicitação da origem da ideia desse longínquo rei cristão, que galvaniza o Ocidente tardo-medieval:

«De meados do século XI ao último quartel do século XII, no pensamento e na imaginação da Cristandade ocidental, em crescente intimidade de relações com Bizâncio, com o Magrebe e com o Islame levantino, vão caldear-se em concepções e mitos geográficos compósitos novos, os velhos fios da geografia fantástica da decadência romana, tradições esfumadas e deformadas da existência de comunidades cristãs africanas e asiáticas, as tradições bíblicas e patrísticas, e os informes mais ou menos directos e mais ou menos deformados também de mercadores, aventureiros e viajantes, carreando igualmente material de proveniência muçulmana. Entre tais mitos, um dos que serão bafejados por extraordinária fortuna será o do Preste João – o de um vasto e poderoso império cristão senhoreado por um rei-sacerdote.»¹²

O fio dessa mítica meada parece reportar-se a remotas e antigas comunidades cristãs nestorianas que se haviam implantado, através da igreja caldaica ou síria-

¹¹ Como exemplo podemos referir a apresentação do mito do Preste e a sua demanda como uma das motivações da expansão portuguesa por C. R. Boxer, *O Império Colonial Português*, Lisboa, Edições 70, s.d., p.43; também C. F. Beckingham, afirma a evidência da procura do Preste no programa de navegações portuguesas, «The Quest for Prester John» in, *Between Islam and Christendom*, London, Variorum Reprints, 1983, pp. 291/ 310; por sua vez Vitorino Magalhães Godinho afirma: «Os mitos do Paraíso Terreal e do Preste João(...) são os incentivos das iniciativas portuguesas durante a primeira metade de Quatrocentos.», *Mito, Mercadoria e Prática de Navegar- séc. XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990, pp. 506-507; Luís Filipe Thomaz refere o mesmo facto no seu artigo «Preste João» in, *Dicionário dos Descobrimentos Portugueses*, Luís de Albuquerque (dir.), Vol. II, Lisboa Caminho, 1994, p.921; mais recentemente João Paulo Oliveira e Costa afirma «O único mito que condicionava a expansão lusa era o do Preste João», *D. Manuel I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p. 158

¹² Vitorino Magalhães Godinho, *op.cit.*, pp.153-167

oriental da Mesopotâmia via Golfo Pérsico, na Índia cerca do séc. IV, nas regiões do Malabar, Coromandel e em Ceilão. A tradição atribuí essa acção evangelizadora ao apóstolo S. Tomé. A sua influência, restrita, teria alcançado as estepes asiáticas, chegando ao Norte da China. Por outro lado, na África Oriental, a Etiópia, cristianizada a partir da Síria, aproximadamente na mesma época, adopta o rito copta ou monofisista, que perdura tenazmente, a despeito do avanço islâmico, mercê, talvez, das suas particularidades geográficas¹³. Destas realidades chegam apenas recordações esfumadas à Cristandade Ocidental Romana.

Os primeiros relatos explícitos surgem na sequência da queda da cidade de Edessa, na Síria ocupada pelos cristãos francos na sequência das cruzadas, às mãos dos turcos seljúcidas em 1144. Segundo V. M. Godinho «Nessa cidade e região levantina (...) se deve ter caldeado a tradição das Actas de S. Tomé com as notícias de comunidades cristãs orientais que ao apóstolo e aos reis magos se iriam filiar.»¹⁴. As movimentações das tribos mongóis, não islâmicas, nas estepes tártaras e a vitória de uma delas sobre os seljúcidas constituem a base para a ideia de uma vitória de um rei cristão do oriente, que progredira até ser detido pelo rio Tigre, que não conseguira transpor. Este episódio foi relatado pelo bispo arménio Hugo de Gábala, vindo a Itália de Edessa sitiada (c. 1145) e transcrita pelo bispo bávaro, parente do imperador Frederico *Barba-Ruiva*, Otto von Freisingen na sua *Chronica* (c. 1158). Também corre a notícia da visita a Roma de um prelado indiano, de nome João, c. 1122¹⁵.

Neste contexto começará a circular na Europa a famosa *Carta* enviada pelo *Preste João*¹⁶ das Índias, introduzindo a singular personagem no imaginário ocidental. Este, congregando a nostalgia de um elo perdido entre reinos cristãos e de uma força salvadora ou unificadora da Cristandade, no longínquo Oriente, caracterizava-se pelo seu aspecto dual de sacerdote cristão e de rei. Esta dupla imagem parece ter raízes nos textos do *Apocalipse segundo S. João*, ao configurar este monarca como uma espécie de Cristo apocalíptico, reinando uma sociedade cristã de características fabulosas ou, como o caracteriza o estudioso deste mito, o

¹³ Cf. V. M. Godinho, «Preste João» in, *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão (dir), Vol. V, Lisboa, 1981, pp. 174/175 e Luís Filipe Thomaz, , *op. cit.*, pp. 918/919

¹⁴ V. M. Godinho, *Mito, Mercadoria e Prática de Navegar...*, p. 175

¹⁵ Luís Filipe Thomaz, «Cristãos de S. Tomé e Preste João» in, Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia*, ed. crítica coord. por M. Augusta Lima Cruz, vol. III (notas históricas e filológicas, glossário e índices), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Fundação Oriente / INCM, 1999, p. 123

¹⁶ Não nos deteremos aqui nas tentativas de decifração da origem e significado do nome, matéria muito complexa e que foge ao âmbito do nosso trabalho.

antropólogo Manuel João Ramos, como um «(...) soberano poderoso, pleno de virtudes cristãs, reinando sobre uma nação asiática de gente virtuosa, próxima do Paraíso.»¹⁷ Por outro lado inspira-se numa figura temporal de um imperador poderoso, capaz de unificar Ocidente e Oriente, modelada na popular obra, *Romance de Alexandre*¹⁸.

A *Carta* consiste num um texto apócrifo, em latim que funde as referidas características de tom apocalíptico com a missiva diplomática, o apelo à cruzada com a convergência de toda uma mitologia fabulosa na descrição do reino do *Preste* e seus atributos, assim como das regiões que com ele confluem. Consubstancia assim uma fusão de tradições antigas e de aspirações medievais, conjugando elementos geográficos, lendários e maravilhosos e o tom milenarista¹⁹, numa intrincada visão simbólica plena de oposições e antíteses coexistentes²⁰.

Por outro lado «A carta pode inclusivamente ser encarada como um exemplo de literatura *utópica* que confronta os altos padrões morais e a teocracia ideal do reino do Preste João com as permanentes discórdias e conflitos existentes na altura, no seio da Cristandade do Ocidente (...)»²¹.

Este documento forjado, «(...) parece ser originário dos meios clericais da corte imperial alemã, surgida num contexto de preparação das segundas cruzadas e de intensa rivalidade política entre os Hohenstaufen e a corte bizantina, por um lado, e o pontificado romano, por outro (...)»²². Existem várias versões do documento, dirigidas a diversos destinatários: ao imperador bizantino, Manuel Comeno; ao imperador Frederico *Barba-Ruiva*; ao rei de França; ao Papa Alexandre III. O facto é que estas versões pululam pelo Ocidente desde o final do século XII (c. de 1165) e cada uma parece somar informações de carácter efabulatório à possível versão original.

¹⁷ Manuel João Ramos, *Ensaio de Mitologia Cristã... - O Preste João e a Reversibilidade Simbólica*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1997, p. 179

¹⁸ Recolha de lendas em torno da vida e dos feitos de Alexandre, o Grande, agrupando diferentes tradições, coligidas no final da era cristã sob o nome de Pseudo-Calístenes. Continua a circular na Idade Média e a temática é utilizada nas canções de gesta por autores do século XII, como Albéric de Pisaçon ou Briançon (c.1120), Pfaffe Lamprecht (c. 1140) e Alexandre de Bernay (c. 1185), um dos autores que terá dado a forma definitiva ao poema. Conheceu grande circulação na época. *Vide Bibliotheca Augustana*, séc. XII, [on line] disponível em <http://www.fh-augsburg.de> (acesso em 20 de Outubro de 2006) e «Légende et Roman de Alexandre le Grand», in *Dictionnaire des Oeuvres ? Imago Mundi*, [on line] disponível em <http://www.cosmovisions.com/textalexandre.htm> (acesso em 20 de Outubro de 2006)

¹⁹ *Vide*, Manuel João Ramos, «Introdução» in, *Carta do Preste João das Índias*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1998, p.10

²⁰ *Vide*, *Idem*, *Ensaio de Mitologia Cristã...*

²¹ *Vide*, «Do Preste João», Luís António Abreu Tavares, *Imagens do Tibete: dos relatos medievais aos textos dos Jesuítas de Seiscentos*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares apresentada à Universidade Aberta, Lisboa, 2004, p. 64

²² Manuel João Ramos, «Introdução» in, *Carta do Preste João das Índias*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1998, p. 10

A popularidade da *Carta*, tão ao gosto da época, é de tal ordem que teriam existido cerca de 93 versões manuscritas em latim e línguas vulgares, além de versões abreviadas inseridas noutras obras²³.

O *Preste João*, descendente do apóstolo S. Tomé ou dos reis Magos, habita uma região de contornos indefinidos (como indefinidas eram as concepções geográficas e cosmográficas da época), espécie de Nova Jerusalém, algures para Oriente, a região mais próxima do antigo Paraíso terreal, que subsiste, embora inacessível à humanidade, onde nascem os principais rios da Antiguidade: o Ganges; o Eufrates; o Tigre e o Nilo que, de alguma forma, alcançam a terra conhecida. A vasta e imprecisa área onde se situava era identificada com a Índia, confinando com os estranhos seres que vivem para lá do Equador. Daí o seu título de soberano das Índias, região que se confundia com o Oriente de uma forma indefinida, sendo frequentemente dividida em três zonas: a *Índia maior* ou *superior*, a oriente do Ganges; a *menor* ou *inferior*, a ocidente do mesmo rio, entre este e o Indo e a *Índia média*, *terceira*, ou *última* ou ainda, a *Índia Etiópica*, entre outras designações, englobando os territórios a leste do Nilo, pois cria-se que este demarcava a África da Ásia. Por vezes eram apenas consideradas duas Índias, sendo a *menor* integrada nas restantes²⁴.

A vontade de encontrar as cristandades perdidas e o desejo de recuperar a Terra Santa, face ao declínio dos reinos cristãos do Oriente e do movimento das cruzadas, suscitam uma forte preocupação com a sua identificação nos confins de uma Ásia da qual apenas chegam ao Ocidente vagos ecos de nomes de terras e rios da tradição antiga e bíblica. Confundem-se com as notícias do referido cristianismo copta; com a possível existência de núcleos cristãos nestorianos na Índia e nas estepes asiáticas; com os cristãos arménios; com a lendária pregação de S. Tomé na Índia e de S. Mateus na África Oriental, núcleos agora isolados pelo avanço do Islão²⁵.

Assim notícias do *Preste* e da localização do seu reino serão uma constante nos relatos europeus de viagens a partir do século XII. Periodicamente vão chegando notícias de presumíveis enviados do *Preste* e o seu reino vai sendo identificado nas

²³ Vide. Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, pp.123-124

²⁴ Vide, V. M. Godinho, *op cit.*, pp.173/174

²⁵ Luís António Abreu Tavares, *op cit.*, pp.58-61

estepes tártaras, com avanços de tribos não islamizadas ou confundido-se com o próprio Gengis Khan²⁶, como acontece a Tiago de Vitry, bispo de S. João de Acre, em 1221. Já a *Ymago Mundi* de Honório (c. de 1100), assim como outras obras que circulam pela Europa, o situara confusamente entre o mar Cáspio e a Índia .

A *pax mongólica* permite o início de viagens pela Ásia Central partir do século XIII e as tentativas de identificação sucedem-se: a *Historia Mongolorum* decorrente da viagem a Karakorum de Fr. Giovanni da Pian del Carpine (1245-1247) ao serviço da igreja de Roma, identifica-o na *Índia Maior*, a sul do império mongol. Em 1251, Guilherme de Rubruk enviado pelo rei de França, S. Luís, viaja desde o Don e o Volga até à mesma região, encontrando comunidades cristãs, mas nenhum sinal do *Preste*. No final do século XIII (c. de 1271-1295) é a vez do célebre veneziano, Marco Pólo, demandar o império mongol, no qual não encontra nenhum reino cristão comparável ao do *Preste*. Identifica-o com um líder tártaro derrotado por Gengis-Khan, mas cuja linhagem persistia através de um neto que herdara o título do pequeno reino, vassalo do imperador mongol. Distingue no entanto a sua lenda da de S. Tomé, o Apóstolo das Índias. Contudo, a descrição que faz do Oriente, mesclada de histórias duvidosas, no seu livro ditado a Rusticello de Pisa, no regresso à Europa, *As Maravilhas do Mundo*, também denominada *Il Milione*, conheceu larga circulação em latim (na versão de fr. Francisco Pipino) ou em línguas vulgares.

Outro viajante, o franciscano Odorico de Pordenone, parte em 1318 e numa longa viagem, alcança a China por mar e regressa pelas estepes, onde identificará um reino do *Preste* de religião imprecisa. Outro clérigo, Giovanni da Monte Corvino, nomeado arcebispo de Pequim, enviado à China c. 1289, reconhece o descendente do *Preste* num certo rei Jorge, chefe de uma tribo tártara nestoriana, que teria convertido ao catolicismo²⁷.

John Mandeville²⁸ nas suas *Viagens* ou *Livro das Maravilhas do Mundo*, que conheceu grande difusão no século XIV e seguintes, reconstrui essa confusa

²⁶ *Ibd.*, p.58

²⁷ *Vide*, Jean Delumeau, *Uma História do Paraíso*, Lisboa, Terramar, 1994, p.28

²⁸ O auto-entitulado Sir John Mandeville, pretense cavaleiro inglês, narra uma longa viagem pelo Médio Oriente e Ásia, onde teria passado 34 anos, regressando em 1356. A identidade do autor não é conhecida. Pode ser atribuída ao físico de Liège, Jean de Bourgogne ou de Outremeuse. A sua estadia no Egito e Terra Santa parece confirmar-se, mas a obra consiste numa compilação de relatos da época e de obras antigas, onde o anedótico e o fantástico medieval se mistura com as pretensas descrições. Conheceu numerosas cópias manuscritas e edições impressas desde o final do século XV. Cf. «Jean de Mandeville», in *New Advent Catholic Encyclopedia*, [on line] disponível em <http://www.newadvent.org./cathen/09587b.htm> (acesso em 20 de Outubro de 2006); M. Benoist, «La Voyage

geografia mítica, combinando a *Carta* e as informações de Marco Polo, localizando o *Preste* na Índia, entre a Bactria e o Cataio, a Oriente da Pérsia, colorindo-o de forma fantástica, mas graças ao seu tom de autenticidade testemunhal²⁹ exercerá uma forte influência sobre os letrados da Europa .

O encontro com peregrinos cristãos nestorianos ou coptas na Terra Santa³⁰, contactos ocasionais estabelecidos no Egipto e do Mediterrâneo Oriental e mesmo a sua presença em Roma, permitindo constatar que estes nunca tinham ouvido falar do *Preste João*, confundia ainda mais a identificação do poderoso imperador.

No início do século XV, após as suas viagens narradas por Poggio Bracciolini, Nicolò di Conti (1414- 1439), menciona cristãos nestorianos na Índia, mas não encontra ecos do *Preste*. De facto, outras obras, como o *Livre de la Description des Pays* de Gilles le Bouvier (1451-1455) continuam a situar o *Preste* no Extremo Oriente.

As confusas concepções geográficas do homem medieval eram alimentadas por textos como os *Imago Mundi*, como a já referida obra de Honório Augustudunensi, ou as obras homónimas de Gossuin de Metz (c. 1248) e do cardeal o Pierre d' Ailly (c. 1410)³¹ e os *De Situ Orbis*³²; outras referências eram a obra homónima de Pompónio Mela, a *História Natural* de Plínio e as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, continuando a servir de fonte de informações para obras de conteúdo diversificado como o *Speculum Maius* do dominicano Vicent de Beauvais (primeira metade do século XIV) e a *Margarita Filosófica* do início do século XVI, mas ainda de cariz medieval³³.

littéraire de Jean de Mandeville», in *L'Histoire en Ligne.Moyen Age et Orient* [on line] disponível em http://www.cliosoft.fr/09_02/voyages_mandeville.htm (acesso em 20 de Outubro de 2006); V. M. Godinho, «Mandeville» in , *op cit.*, p. 547

²⁹ Vide, Luís de Albuquerque, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Europa –América, s.d., p. 137

³⁰ «(...) A ocupação de Jerusalém pelos cruzados favoreceu a vinda de etíopes para a cidade santa. (...) As relações entre a Etiópia e a Palestina continuaram mesmo depois de Saladino ter ocupado Jerusalém em 1189. Foi ele que deu aos etíopes um local no Monte das Oliveiras.», Jean Delumeau, *op cit.*, p.92

³¹Vide «Pierred' Ailly» in, *Dictionnaire Biographique Imago Mundi*, [online] disponível em www.cosmovisions.com/ailly.htm (acesso em 20 de Outubro de 2006)

³²Os títulos advém de *De Situ Orbis*, obra geográfica de Pompónio Mela datada do século I d.C.. Estes textos contém descrições geográficas segundo a visão religiosa medieval, expressando a sua *Imagem do Mundo*, fundindo as tradições antigas e crenças medievais. Eram obras correntes nos círculos cultos, assim como, por exemplo a *Sphaera Mundi*, de John Holywood, amplamente editada até ao século XVII. Vide, Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e Mercadoria...*, p.79 e Luís de Albuquerque, *op. cit.*,pp.119/125

³³ Estas obras têm um teor geral que visa a sistematização dos conhecimentos das respectivas épocas para utilização no ensino universitário: refiram-se o *Speculum Maius (Espelho Geral)*, de Beauvais, compilado na primeira metade de Trezentos; a *Margarita Philosophica (Pérola do Conhecimento)*, do monge Gregório Reisch, professor na Universidade de Friburgo, impressa em 1503.Vide, Hugh Cahill, *Margarita Philosophica*, Kings College London [on line] disponível em <http://www.kcl.ac.uk/depsta/iss/library/speccoll/bomarch/bomapril06.html> (acesso em 20 de Outubro de 2006)

Essas fontes de informação geográfica radicam essencialmente nas narrativas greco-romanas e bíblicas e nos relatos dos poucos viajantes, que misturam o que vêem e colmatam com elas os conhecimentos que lhes falta. Além disso acrescentam toda a espécie de pormenores fabulosos. A cada nova versão os textos eram enriquecidos e exagerados. «O interesse pelo mundo maravilhoso alimentou uma literatura copiosa que se reúne com justificação sob o título genérico de *livros de maravilhas*; radicando-se em informações fidedignas, esses textos não tinham limites para a imaginação dos seus autores (...)»³⁴. Assim encontramos a cada passo e também na história do *Preste*, seres fabulosos: dragões, faunos, grifos, salamandras, as amazonas, o cinocéfalos, os cinópodes, a fénix, formigas gigantes, sátiros antropófagos, o basilisco, pedras, águas e plantas com propriedades maravilhosas, o país de Gog e Magog, o Paraíso terreal, o monte Olimpo³⁵. De sublinhar que «(...) no decorrer da Idade Média, verdades e mitos se podiam mesclar na mesma história, sem se deixar ao leitor qualquer possibilidade de entre umas e outras fazer a destriça.»³⁶.

Com o retrocesso do movimento das Cruzadas, iniciam-se tímidos contactos com zonas coarctadas pelo poderio Islâmico, como o perdido reino cristão copta da Etiópia. A tradição de um reencontro entre reinos cristãos, talvez relatada pelos cruzados vindos do Oriente, poderá ter aumentado o entusiasmo pela ideia de aliança contra o Islão no início do séc. XIV.

Já em 1177 o Papa Alexandre III enviara uma carta no sentido da aproximação entre Roma e um potentado cristão, que o Papa identifica com o *Preste das Índias*, como provável resultado do encontro do seu cirurgião, Mestre Filipe, com monges etíopes em peregrinação na Terra Santa³⁷. Encarregado de levar a carta do Pontífice, não se sabe o destino da viagem de mestre Filipe.

Segundo Luís de Albuquerque, o cartógrafo Giovanni de Carignano teria mesmo escrito uma breve relação sobre a Etiópia com base em informações veiculadas por emissários do rei etíope de passagem por Génova a caminho da corte papal de Avinhão (c. de 1307)³⁸.

³⁴ Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Alfa, 1985, p.238

³⁵ Cf. *idem*, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, pp. 132/133 e Paulo Lopes, «Quadro 1-Imaginário»in, *Viajar na Idade Média...*, Lisboa, Círculo de Leitores, s.d. [2005], pp.231/233

³⁶ Paulo Lopes, *op. cit.*, p. 243

³⁷ C. F. Beckingham não duvida que a origem dos enviados com quem Filipe se avistou fosse a Etiópia. , *Vide*, Beckingham, *op cit.*, p. 13

³⁸ Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, p.244

É apenas em 1316 que oito dominicanos a mando do Papa, alcançam de facto a Etiópia. Os seus possíveis relatos parecem ter chegado ao conde de Foix, no Languedoc, e suscitam a curiosidade do rei de Aragão, João I, que c. 1391 solicita o envio de um frade etíope, que terá passado alguns anos nesse país para relatar ao rei aragonês as histórias das maravilhas do *Preste*³⁹. No século XV novas embaixadas etíopes chegam Veneza (1402); em 1408 há notícia de peregrinos etíopes em Bolonha e Florença. No concílio de Constança (1414-1418) encontra-se uma representação copta. Em 1427 chega uma embaixada da Etiópia à corte de Afonso V de Aragão, em Valência. Parece ter havido contactos recíprocos entre o duque de Berry e o rei etíope, assim como com as cidades mediterrâneas, principais interlocutoras dos contactos europeus com o Levante. Alguns monges etíopes estarão presentes a convite do Papa Eugênio IV no Concílio ecuménico de Florença-Ferrara (1438/1441).

As relações, embora esporádicas, com a Itália e Aragão parecem suceder-se. Por volta de 1450 uma nova representação etíope é enviada ao Papa e a este último reino. Desta embaixada adviria um emissário etíope a Portugal denominado Jorge Sur de que há notícia em 1452, que teria posteriormente seguido para a Borgonha⁴⁰.

Embora desconhecendo o *Preste*, os sucessivos enviados mencionam o Nilo, um dos rios cuja nascente se situa tradicionalmente no paraíso, o qual atravessa parte das suas terras. Assim as concepções geográficas de um reino cristão, banhado pelo Nilo e do *Preste* irão confluir. Segundo Manuel João Ramos, «A mais antiga referencia literária à associação entre o Preste e a Etiópia parece ter sido proposta no tratado de Giovanni de Carignano(...)»⁴¹, hoje desaparecido. Numa transição lenta e hesitante, a tendência será para a sua localização na Etiópia, região que de resto era situada, como vimos, no Oriente como uma das *Índias*. Com efeito toda a região do Índico se confundia com a Índia.

Desta forma assiste-se durante o século XIV a uma deslocação progressiva do *locus* do reino do *Preste* para uma África, que ainda se confunde com as maravilhas do Oriente. Tal é no caso da *Crónica da Boémia* (1354-1356) do

³⁹ Vide *Ibd*, p. 244

⁴⁰ Sobre a presença destes emissário etíopes, Cf. *Ibd. e idem, Introdução à História dos Descobrimientos Portugueses*, p. 139; V. M. Godinho, *op cit.*, p.166; «Preste João »in *Dicionário dos Descobrimientos Portugueses*, Vol.II, Luís de Albuquerque (dir.), Lisboa, Caminho, 1989, pp. 919/923; «Etiópia» in, *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, Joel Serrão (dir.), Porto, Figueirinhas, s.d., pp. 477/481

⁴¹ Manuel João Ramos, «O Destino etíope do Preste João...» in, *Condicionantes culturais da Lietratura de Viagens..*, Fernando Cristovão (coord.), Lisboa, Cosmos/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa, 1999, p. 243

enviado papal ao Oriente de 1338 a 1353, Giovanni de Marignoli. Já cerca de 1329, o dominicano Jordanus de Séverac, bispo de Coulão, viajante no Oriente, não tendo encontrado vestígio do rei lendário, localizara-o na Etiópia, na *Mirabilia Descripta*. O mesmo acontece no *Itinerarium* do genovês Antoniotto Uso de Mare (1455), que viaja em navios portugueses. Por sua vez as viagens de Pietro Rombulo ao Mar Vermelho, no início do século XVI, narradas por Pietro Ranzano, confirmam o cristianismo da Etiópia, mas o *Preste* é identificado com outra terra lendária, o longínquo reino de Cataio⁴².

Também na Península Ibérica, o *Preste* irá ser identificado com os cristãos etíopes: por exemplo o *Libro del Conoscimiento de todos los Reinos* de c.1348 (relato de viagens imaginárias na esteira das *Viagens de Mandeville*), identifica a Núbia e a Etiópia com a terra do *Preste*, e defende uma ligação fluvial (através do rio do Ouro) entre a África Ocidental e a Oriental⁴³. Mas as suas características continuam a ser fabulosas e o Paraíso ainda está muito próximo. No entanto como afirma Paulo Lopes «Como se pode verificar, é tremenda a força do mito do *Preste* João. Com efeito, apesar das experiências e dos relatos dos viajantes europeus na Ásia deixarem claro que esta figura não seria encontrada ali, a história não perdeu nenhuma da sua força ou fascínio. Como tantas outras maravilhas, a localização simplesmente mudou de lugar.»⁴⁴

Quanto à circulação de obras que versam esta temática, em Portugal dos finais da Idade Média, a *Carta* correria já no séc. XIV como comprova a existência de uma cópia de um códice em latim no mosteiro de Alcobaça, intitulado *Acerca da Índia e das suas Maravilhas*⁴⁵. A *Carta do Preste* teria também sido incluída num livro de grande circulação, o *Livro do Infante D. Pedro de Portugal*, de Gómez de Santisteban, da segunda metade do século XV, que relatava de forma ficcionada e repleta de prodígios, as viagens do Infante D. Pedro e de doze companheiros (a viagem real realizara-se a partir de 1425), onde se continua a narrar as maravilhas do *Preste* (embora neste caso se continue a situa-las na Ásia⁴⁶). Também o livro de

⁴² Outro reino maravilhoso da tradição medieval, existente no limite oriental do globo, assimilado ao mito clássico dos *Seres*, povos felizes e puros, associado ao cristianismo e à proximidade do Paraíso. Os missionários jesuítas irão identificá-lo com a China no início do século XVII; até e depois desta data, persistirá a procura desse feliz reino cristão no Oriente, por vezes identificado como o verdadeiro reino do *Preste*. Cf. Raffaella d'Intino, « À Procura do Cataio » in, *Lisboa e os Descobrimentos*, ..., pp.231-246

⁴³ Vide, Paulo Lopes, *op cit.*,

⁴⁴ Paulo Lopes, *op. cit.*, p.239

⁴⁵ Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, p.244

⁴⁶ Luis Filipe Tomás, *op cit.*, p.126

Marco Polo existia na biblioteca de D. Duarte, em latim e língua vulgar (segundo a versão latina) trazido de Veneza (c. 1428), , pelo infante D. Pedro no decorrer das suas viagens de acordo com a tradição. Corriam ainda na Península outros relatos de viagens de origem local ou árabe⁴⁷.

Na verdade muitas das informações cerca da África sub-saariana e da sua costa oriental percorriam as rotas das caravanas árabes e dos seus contactos mediterrâneos. É de sublinhar a importância de *Roteiros* de autores árabes como Edrisi e Ibn Said entre outros⁴⁸, que embora comportem muitas inexactidões, exercem a sua influência nas concepções geográficas peninsulares. No entanto as informações poderiam também circular com as embaixadas etíopes aos concílios papais, defendendo J. S. da Silva Dias a inevitabilidade dos contactos entre as representações etíopes e as portuguesas nestas ocasiões⁴⁹. Outra fonte de esclarecimentos seriam as visitas dos ditos enviados às cortes mediterrâneas, especialmente à aragonesa, com a qual a corte portuguesa mantém ligações estreitas na época (a rainha de D. Duarte era a aragonesa D. Leonor; a duquesa de D. Pedro era a igualmente aragonesa, D. Isabel de Urgel), não esquecendo as viagens pela Europa, nomeadamente a passagem pela Itália, do já mencionado D. Pedro, ou a peregrinação à Terra Santa do seu irmão, D. João, conde de Barcelos (antes de 1415).

Assim no século XV, o poderoso monarca é definitivamente africano na perspectiva dos navegadores portugueses e ao bordejarem África, não tendo, como já vimos, ideia exacta da dimensão do continente, procuram afincadamente encontrar o seu reino ou encontrarem forma de alcançá-lo através dos largos rios que encontram na costa ocidental africana, que se criam ser braços do Nilo, rio que banhava aquelas terras maravilhosas. «Em suma: não parece que no Portugal da época henriquina se tivesse acerca do Preste João outra concepção que não fosse a que situava na Abissínia o seu império e o alargava para Ocidente até ser penetrado pelo ansiado rio do Ouro.»⁵⁰. Desde os dias do Infante, D. Henrique aos de D. João II, à medida que vão descendo a costa ocidental africana, os navegadores portugueses inquirirão cuidadosamente sobre a possível ligação e forma de alcançar o reino do mítico

⁴⁷ Paulo Lopes, *op cit.*, pp.40-54

⁴⁸ Luís de Albuquerque, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, p. 129

⁴⁹ Vide, J. S. Da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do século XVI*, Lisboa, Presença, s.d.. pp. 68/69

⁵⁰ Vitorino Magalhães Godinho, *op.cit.*, p. 166

soberano. Na esteira dessa concepção identificam-se erroneamente o rei do Benim e do Congo com o lendário *Preste*. Efectivamente «(...) nunca os portugueses procurariam o Preste na Ásia. Já na primeira viagem do Gama, em Moçambique souberam que ele estava muito dentro pelo sertão, só lá se podendo chegar em andadura de camelos, mas (...) [possuía cidades ao longo da costa]. Iam começar os longos esforços para o alcançar pelo mar Roxo e África Oriental.»⁵¹.

De qualquer forma o reino do *Preste João* perde progressivamente as suas configurações míticas e lendárias, sendo cada vez mais tido como um, desejavelmente poderoso senhor cristão de um reino terreno, e um possível interlocutor dos reinos da Cristandade para uma aliança contra o Islão.

Por outro lado e relativamente aos enviados abexins⁵² ao Ocidente, como refere Luís de Albuquerque⁵³, não sabemos o que eles teriam transmitido aos seus anfitriões, mas certamente não destruíram a ideia de que o seu senhor era detentor de apreciáveis riquezas e poder.

2 - Verdadeiras Informações do Reino do Preste

Identificado o *Reino do Preste João das Índias* com o reino cristão copta da Etiópia, veremos em seguida como e em que contexto se desenrolaram os primeiros contactos entre os Portugueses e aquelas regiões, seus reflexos na escrita coeva e seus efeitos na imagem lendária.

Retrocedendo um pouco, em 1487, no reinado de D. João II, esboça-se um plano complementar de recolha de informações: o avanço marítimo paulatino pela costa Ocidental africana até se conseguir alcançar o limite do continente e ultrapassá-lo (viagem de Bartolomeu Dias nesse mesmo ano) por um lado; por outro lado o envio de uma expedição por terra a partir do Norte de África (Cairo) para alcançar as tão pretendidas *Índias* e *Etiópia* ou o *reino do Preste*. Um pouco antes já

⁵¹ *Ibid.*, p.167

⁵² Utilizaremos no decorrer do trabalho ambas as designações: Etiópia / etíopes ou Abissínia/ abexins, uma vez explicitada a sua etimologia. *Vide nota supra*, p. 12

⁵³ *Vide*, Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses.*, p. 11

o rei havia enviado o franciscano Fr. António de Lisboa via Palestina, onde este se deterá por não conhecer a língua árabe⁵⁴. Duma nova expedição no referido ano, foram encarregados Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã «(...) lhe haverem ambos de ir descobrir e saber do Preste João e onde acham a canela e outras especiarias (...) foram despachados em Santarém aos 7 dias de Maio do ano de 1487 anos, presente el-Rei D. Manuel, sendo Duque(...)»⁵⁵, cumprindo os seus objectivos⁵⁶. Para além de fazer chegar ao monarca notícias do Índico e da Índia, Covilhã é o primeiro português a penetrar na Abissínia, crendo estar no famoso reino do *Preste*⁵⁷.

De lá não mais sairá, nem dele chegarão notícias ao reino durante muitos anos⁵⁸. Por essa época teria D. João II recebido na sua corte um monge abexim proveniente de Roma, Lucas Marcos, que redige cartas do rei português ao *Preste* devendo entregá-las aos seus conterrâneos no Levante. Elabora ainda uma lista de palavras para comparação com a linguagem dos povos com quem os navegadores portugueses iam estabelecendo contactos, numa tentativa de localizar a sua terra ainda a partir do litoral Atlântico⁵⁹. O destino dessas missivas não é conhecido, mas não é impossível que alguma delas tivesse chegado ao *Preste*⁶⁰. As tentativas de penetração terrestre pela costa ocidental africana e ligação das duas costas continuarão por muito tempo, até os seus magros resultados dissuadirem os governantes portugueses.

Mas persiste a esperança de que o reino abexim seja suficientemente poderoso para «(...) o tomar como seu aliado e desencadear, com a sua ajuda, uma calculada manobra envolvente para anular os Turcos(...)»⁶¹, nova ameaça islâmica que os portugueses encontram a par e passo no Oriente, e além do mais avançando ameaçadora sobre as «portas» da Europa, sendo o *Preste* «(...) considerado quase

⁵⁴ Francisco Álvares refere que « (...) já nesta ida mandara um homem da casa de Monterio [Pedro de Monterroio segundo nota do texto] e um frade que se chamava Frei António, natural de Lisboa e que após chegaram a Jerusalém e daí fizeram volta dizendo que a estas terras não podiam ir se não soubessem aravia (...)», Álvares, *op. cit.*, p.279

⁵⁵ *Ibd.*, p. 279

⁵⁶ A identificação do *Preste* com o imperador etíope, como vimos, não depende desta viagem e é anterior a ela. Cf. Luís Filipe Tomás, *op. cit.*, p. 124

⁵⁷ « E mandado este recado a el-Rei pelo judeu de Lamego, se fôra o Pêro de Covilhã com o outro judeu de Beja [do Cairo] até Adem e daí a Ormuz e o deixou aí, e, daí tornou-se e veio ver Judá, e Meca, e Medina, onde jaz o sançarrão e, daí a Monte Sinai. E tudo bem visto tornou a embarcar no Toro e foi até ao estreito da cidade de Zeila e daí caminhou por terra até chegar ao Preste João que é de Zeila muito perto (...)», Álvares, *op. cit.*, p.282

⁵⁸ Francisco Álvares providenciará o primeiro testemunho escrito sobre o destino de Covilhã: « (...) Pêro de Covilhã, português, que é nesta terra (...) é razão que se diga como a esta terra veio ter, e, dele darei conta como é razão e êle de si ma deu.», *Ibd.*, p.277

⁵⁹ Vide, Jean Aubin, «L' Ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel » in, *Le Latin et l' Astrolabe*, Vol. I, Lisbonne/Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian/ Commission Nationale pour les Commémorations des Découvertes Portugaises, 1996, p.134

⁶⁰ *Ibd.*

⁶¹ Luís de Albuquerque, *op. cit.*, p.9

como uma figura redentora, pois poderia vir libertar a Europa de um perigo que constantemente ameaçava a cristandade (...)»⁶². De facto desde a conquista de Constantinopla em 1453 os turcos Otomanos haviam avançado nos Balcãs, anexando a Sérvia, a Bósnia e a Albânia até 1459.

Em 1492 Gama alcança, enfim, a muito almejada Índia, já no reinado de D. Manuel I. A recolha de informações prossegue, agora na costa oriental africana e no Mar Vermelho. É também possível que os Portugueses tenham encontrado um número considerável de abexins nessas paragens, especialmente escravos capturados pelos árabes e convertidos ao Islão. O reconhecimento de que o reino do *Preste* será essencialmente um reino interior, não esmorece a crença no seu poderio e continua a tentar obter-se contactos a partir do Índico, como refere Hervé Pennec na seguinte passagem: «L' idée d' une alliance politique avec l'Ethiopie à l'epoque de D. Manuel Ier (1495-1521), s'intègre dans un véritable project impérial(...). La position continentale de celui-ci est bien connue depuis la voyage de Vasco da Gama, et il paraît assure que l'alliance recherché fut bien moins commerciale que politique et militaire.»⁶³.

Com efeito apesar da inexistência de especiarias e portos no reino abexim este integra-se no projecto imperial acarinhado pelo rei D. Manuel⁶⁴. A sua titulação, adoptada logo após o regresso da expedição de Gama em Agosto de 1499, *Senhor da conquista e da navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia*, constitui por si só, o esboço de uma linha programática, que implica a soberania sobre numerosos vassallos aliados, relação tutelar que abrange igualmente o comércio e a navegação com o controlo português dos mares, consubstanciando a hipótese de ascendência política ou domínio por direito desse conjunto de territórios⁶⁵. De denotar a inclusão da *Etiópia*, neste vasto título, designasse ela uma grande parte do continente africano ou apenas a zona oriental de África. Como nos esclarece Luís

⁶² *Ibid.*, p.11

⁶³ Hervé Pennec, *op cit.*, p. 28;

⁶⁴ «L' idée impériale manuéline représente une sorte de grande synthèse de tous les projets de croisades, mythes, aspirations et utopies du Moyen Age finissant. Son originalité ne réside nullement dans les éléments dont elle se compose mais plutôt dans leur agencement en ensemble vaste, simple et assez cohérent(...) déjà moderne de par la stratégie qui se déploie à une échelle quasi-planétaire.», Luís Filipe Thomaz, «L' Idee impériale manuéline» in *La Découverte, le Portugal et l'Europe*, Actes du Colloque, Paris Fondation Calouste Gulbenkian, 1990, p. 98

⁶⁵ Segundo António Vasconcelos de Saldanha, «Independentemente da existência de vastíssimas zonas onde, por pura impossibilidade política militar e humana, não era exercida corporalmente a soberania portuguesa, o simples facto da sua inclusão na área de “propriedade” definida pelos tratados e pelas bulas, fazia crescer (...) à área de “conquista concretizada”, uma zona fluida, a área de “conquista potencial” .», «Conceitos de *Espaço e Poder* e seus reflexos na titulação régia portuguesa» in, *La Découverte, le Portugal et l'Europe*, Actes du Colloque, Paris Fondation Calouste Gulbenkian, 1990, p. 121

Filipe Thomaz⁶⁶, a ideia de cruzada contra o bloco islâmico parece ter sido um dos pilares da concepção imperial e estratégia expansionista manuelina. Segundo o mesmo autor o rei ambiciona ainda recuperar a Terra Santa e continua o seu programa de conquistas marroquinas como parte desta política, acalentando a ideia de uma aliança anti- islâmica com povos cristãos a Oriente. Neste contexto o Preste teria um importante papel a desempenhar.

Mas se «o sonho da cruzada jamais seria abandonado pelo *Venturoso* até ao fim dos seus dias.»⁶⁷, a opinião na corte portuguesa não era unânime: «(...) il semble n'avoir intéresse qu'un petit cercle autour du Roi, et avoir subi, dès les débuts, une forte opposition au sein même du groupe dirigeant.»⁶⁸. Segundo João Paulo de Oliveira e Costa, «Defrontavam-se (...) um partido imperialista e centralizador, face a outro de tendência liberal.»⁶⁹, explicitando o mesmo autor que:

« Ao longo do seu reinado, o monarca enfrentou a oposição sistemática de uma parte significativa da fidalguia em relação á sua estratégia oriental. Esse grupo (...) pugnou por uma intervenção discreta da coroa, que desse espaço para a acção privada (...). O rei, por sua vez tinha um plano bem diferente, pois entendia o avanço para o Índico, a abertura da rota do Cabo e o bloqueio à circulação das especiarias pelo mar Vermelho como uma tática conducente ao enfraquecimento do império mameluco, sediado no Cairo. (...) e criar condições para que a cristandade pudesse realizar a Grande Cruzada e alcançar a libertação de Jerusalém.»⁷⁰

Se o primeiro Vice-rei da Índia, D. Francisco de Almeida partilhava da primeira posição, o rei contará com o firme apoio de Duarte Galvão, seu diplomata e secretário e de Afonso de Albuquerque, seu capitão. Este último é enviado para o Oriente para criar uma base em Socotorá juntamente com a esquadra de Tristão da Cunha em 1507, que transporta novas cartas para o *Preste*. Três mensageiros, o P. Fernão Gomes, o mourisco cristão João Sanches e um guia árabe Cid Mohamed, são desembarcados em Melinde (visto não haver noção precisa da localização do reino do *Preste*, crê-se que o seu império se estenderia para sul e seria alcançável a partir dos estabelecimentos acessíveis aos portugueses na costa oriental africana) mas

⁶⁶ Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, p.50 e pp. 65/68; ideia igualmente subscrita por João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, pp.175/179

⁶⁷ João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, p. 178

⁶⁸ Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, p.36

⁶⁹ João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, p. 172

⁷⁰ *Ibd.*, pp. 154/155

são recolhidos novamente em 1508, sendo então transportados por Albuquerque para a costa da Somália (Zeila), a oeste do Cabo Guardafui. Tratava-se de uma expedição terrestre de reconhecimento que continua a pretender alcançar a costa ocidental africana (o que evidentemente não conseguiu). No entanto os enviados terão alcançado a corte do imperador etíope.

De facto e segundo Hervé Pennec «L'objectif du souverain portugais était de compter sur les forces militaires offertes par le prêtre Jean afin de donner l'assaut contre l'Égypte mamelouke en mer Rouge.»⁷¹ Também Luís Filipe Thomaz refere esta política de «asfixia do Egipto» através do controlo do Mar Vermelho para o qual seria muito conveniente uma aliança militar com a Etiópia.⁷²

Neste contexto o domínio do mar Vermelho era uma importante vertente da política do rei, coadjuvado por Afonso de Albuquerque, que parte para o oriente com um comando geral, independente do vice-rei, D. Francisco de Almeida, encarregado de controlar a saída do mar Vermelho, construir a referida fortaleza na ilha de Socotorá e dominar o golfo pérsico através da conquista de Ormuz, o que se verifica em 1506⁷³. Uma primeira reacção do império mameluco é eliminada em 1509 ao largo de Diu.

As vitórias militares portuguesas e as suas incursões no mar Vermelho despertam o interesse da corte etíope também esta a braços com uma crise de autoridade política e religiosa, além do cerco territorial muçulmano e suas incursões no reino. Parece pois ter existido interesse, de pelo menos por parte de uma facção da corte etíope, nos avanços portugueses no mar Vermelho⁷⁴. Segundo Jean Aubin, a regente Helena, que governa desde 1508, não sem oposições internas, em nome do seu neto adoptivo, o jovem Lebena Denguil⁷⁵, e o patriarca egípcio, o *abuná* Marcos, concordam em enviar, talvez com o desconhecimento da maioria da corte⁷⁶, um emissário ao governo do Estado Português da Índia com uma missiva para D.

⁷¹ Hervé Pennec, *op cit.*, p. 28 ?

⁷² « Albuquerque caressait un autre projet, qui eût ruiné l'agriculture égyptienne tout comme le blocus de la Mer Rouge (...): ni plus ni moins que de dévier le cours du Nil et ainsi assécher l'Égypt. Cette idée non plus n'était pas neuve. Dans la littérature de la fin du Moyen Age on décrit très souvent l'une des cataractes du Nil comme une écluse, dont le Prête Jean pourrait détourner les eaux de l'Égypte.», Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, pp. 54/55

⁷³ João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, pp.154/155

⁷⁴ Vide, Jean Aubin, *op cit.*, pp.140/151

⁷⁵ Por uma questão operativa e por nosso desconhecimento da língua e grafias da etíopes e sua correcta transliteração, que de resto também não é evidentemente seguida pelos nossos autores, que «aportuguesam» as palavras etíopes, seguiremos a grafia apresentada nas edições de ambos os autores que temos vindo a seguir, apresentando ambas as versões. Esta opção é discutível, mas seguimo-la por razões de funcionalidade e coerência interna do texto.

⁷⁶ Vide, Jean Aubin, *op. cit.*, pp.140/151

Manuel. Esse emissário era um mercador arménio, de nome Mateus, homem de confiança da regente, certamente bem preparado para o desempenho de missões confidenciais.

Porém esta missão não se revelará fácil. É Mateus, o embaixador abexim é preso em Zeila (porto da costa etíope, mas controlada por potentados muçulmanos), em Adém e novamente em Dabul, sendo libertado a instancias de Afonso de Albuquerque, governador desde 1508, que o recebe em Goa em Dezembro de 1512 com honras de embaixador, comunicando ao rei a ocorrência. Infelizmente para Mateus, a estrela de Albuquerque iniciou o seu ocaso assim como os seus planos para o domínio do mar Vermelho; Socotorá será abandonada em 1511 e o plano de uma ocupação de Adem ponto chave para o controlo da entrada do mar Vermelho não será concretizado após o desaire da expedição militar de 1513.

Na verdade,«(...) le fiasco de l'expédition de 1513 [a Adém] avait, à Lisbonne, joué contre lui.»⁷⁷, determinando também os sucessos das relações com o reino do *Prete*. Durante os preparativos para o embarque do embaixador abexim para a Corte rebenta um escândalo contra Mateus, preparado pelos inimigos de Albuquerque, que contestam os desígnios manuelinos para a região⁷⁸. Espalha-se o rumor de que o embaixador é na verdade um impostor e um espião mameluco e durante a viagem marítima será mesmo posto a ferros. Mas, chegando a Lisboa em Fevereiro de 1514, D. Manuel, ignora as suspeitas contra ele, talvez graças a notícias que lhe haviam chegado por intermédio de peregrinos etíopes a Roma e até a Santiago de Compostela⁷⁹. No entanto as reservas contra o embaixador, devido ao carácter não oficial da sua missão, do lado etíope, e à sua instrumentalização pelos inimigos de Albuquerque, do lado português, nunca se dissiparão: Francisco Álvares revela na sua obra que «(...) todos tinham Mateus por falso e mentiroso (...)»⁸⁰.

Contudo, o rei persistirá na sua orientação e iniciam-se os preparativos para o envio de uma embaixada ao Prete, encabeçada pelo já idoso Duarte Galvão, apoiante entusiástico da política ultramarina do rei⁸¹, e na qual regressaria Mateus. A

77

⁷⁸ Cf. Jean Aubin, *op. cit.*, pp. 169/180 e Luís Filipe Thomaz, *op. cit.*, pp. 58/59

⁷⁹ Vide, Jean Aubin, *op. cit.*

⁸⁰ Álvares, *op. cit.*, p. 16

⁸¹ Vide, A. A. Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o Êxito Europeu da Verdadeira Informação sobre a Etiópia» in, *Presença de Portugal no Mundo*, Actas do Colóquio, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1972, p. 291

embaixada levaria ainda um sumptuoso presente para o imperador abexim⁸². Isto apesar da destituição de Albuquerque (que faleceria em Goa em Dezembro de 1515)⁸³ e da sua substituição por um representante da posição contrária, Lopo Soares de Albergaria⁸⁴ sob o comando do qual deveria partir a embaixada, tendo Galvão declinado a chefia de uma capitania-mor, que asseguraria a sua independência de acção.

Graças a esta dicotomia a embaixada não foi um sucesso, nem se acabarão as atribuições de Mateus. Lopo Soares empreende, de facto, uma viagem ao mar Vermelho, mas afasta-se ostensivamente dos objectivos de Albuquerque, acabando por falecer o velho embaixador português à Etiópia, e ficando adiada a embaixada, retida na Índia até à nomeação de um novo governador, Diogo Lopes de Sequeira em 1518. A missão será então reconduzida e reorganizada em 1520 na costa etíope, onde se reconhece, finalmente, a veracidade da identidade de Mateus, ao encontrarem-se cristãos na terra, como referirá o P.e Francisco Álvares: «Ouvindo isto o Gram-Capitão deu graças a Deos pela notícia e nome de cristão que achava e favoreceu em grande maneira a Mateus, que assaz vinha desfavorecido (...)»⁸⁵ Aí o governador avista-se com o governante local, e com o senhor da região, vassalo do Preste :«E aqui afirmaram [os membros da expedição portuguesa], pelo que viam, Mateus ser verdadeiro embaixador.»⁸⁶ A expedição interna-se finalmente nas terras do Preste, onde permanecerá de 1521 a 1526.

⁸² Sobre o famoso presente enviado por D. Manuel ao Preste, Rui Manuel Loureiro sublinha o envio de um lote de cerca de mil e quinhentos livros, na sua maioria impressos, onde se destacavam as obras de cariz religioso: catecismos, cartinhas, lendas de santos, *Flos Sanctorum*. Vide Rui Manuel Loureiro, *A Biblioteca de Diogo de Couto, Macau, Instituto Cultural* 1988, p. 33 e o artigo de David Hook, «A note on the Books sent to Prester John...» in, *Studia*, nº 37, Lisboa, 1973, pp. 303/315; Gaspar Correia procede a uma relação do presente nas suas *Lendas da Índia*, da qual destacaremos o leito e suas roupas preciosas «(...) pannos de frandres de fina verdura (...) de seda e ouro; e sobreceço de teor e corrediças de tafetá azul e amarelo; e cobridor de damasco amarelo antretalhado de veludo preto, atrocelado d'ouro (...)»; «colchões d'Olanda», lençóis, travesseiros e almofadas bordados a ouro ou de cetim; colchas brancas ricamente lavradas; cadeiras e coxins de brocado e entalhes de prata; «mesa d'estado», de peças, marchetada, serviço de mesa, que até incluía facas; ricas roupas de homem de seda e ouro ou brocado; capas forradas a marta; couraças, elmos, espadas adagas, selas etc., enfeitadas a ouro e prata, instrumentos e vestes litúrgicas; dois «livros de rezas», um deles iluminado a esmalte; um retábulo de portas do tamanho de um altar; panos de armar com cenas religiosas, de seda e ouro da Flandres: «O qual presente se dixe que no Reyno custará passante de trinta mil cruzados.», Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Vol. II, Porto, Lello e Irmãos, 1975, pp.464-465

⁸³ «A política de Afonso de Albuquerque, embora não tivesse criado as condições para a realização do assalto ao Próximo Oriente, dotou a coroa lusa de posições sólidas que asseguraram a hegemonia marítima dos Portugueses nos mares da Ásia até ao aparecimento da concorrência europeia.», João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, p. 160

⁸⁴ Acerca destas divisões partidárias quanto à política do Oriente afirma Luís Filipe Thomaz, «(...) on a plutôt l'impression que l'aristocratie est divisée, les clivages correspondant plotôt à ceux des clans qui se disputent le pouvoir (...)», *op cit.*, p.99; João Paulo de Oliveira e Costa refere o papel das solidariedades familiares nas tomadas de posição nos jogos de bastidores da corte. Cf. *ibid.*, p. 172

⁸⁵ Álvares, *op. cit.*, p.11

⁸⁶ *Ibid.*, p.16

Quando estas notícias dos contactos com a Etiópia chegam ao reino começam a correr os primeiros textos impressos sobre as *novas* dos contactos com o Preste, sob a forma de epístolas oficiais ou de cariz informativo: a carta do monarca ao Papa Leão X de 8 de Maio de 1521, *Epistola Super foedere cum Presbytero Ioanne*, anunciando a sua embaixada na corte abexim e uma possível aliança contra o inimigo muçulmano, é publicada em Lisboa por Germão Galhardo, traduzida para o francês no mesmo ano⁸⁷; é igualmente publicada em Roma sob o título *Epistola Invictissimmi Regis Portugalliae ad Leonem X.P.M. super foedere inito cum Presbytero Ioanne Aethiopiae Rege* (que também conhece uma tradução em francês)⁸⁸.

Também a carta da regente etíope parece ter sido publicada em Lisboa em Maio ou Junho de 1521, inserida na *Carta das novas que vieram a el Rey nosso senhor do Descobrimento do Preste Joham que lhe enviara o seu Capitao e Governador das Índias, Diogo Lopes de Sequeira*, sob o título *Treslado da carta que ho Preste Joham enviou a elRey nosso Senhor, por seu embaixador Matheus, no anno de mil e quinhentos e quatorze*⁸⁹. Esta famosa *Carta das Novas* impressa na oficina de Germão Galhardo, narra a viagem da esquadra de Diogo Lopes de Sequeira no mar Vermelho até à costa etíope e os contactos que aí foram mantidos. Contém a missiva do governador e uma carta do licenciado Pêro Gomes de Teixeira, ouvidor na Índia, contendo dados religiosos e geográficos, recolhidos quando da sua visita ao Mosteiro de Bisão na sequência do encontro com os frades abexins, como relatará Francisco Álvares⁹⁰.

A *Carta das Novas*, prontamente difundida pelo rei, contém as primeiras informações precisas na Europa sobre a zona do Índico e mar Vermelho; por outro lado, segundo a opinião de João Paulo Oliveira e Costa, «Era o primeiro texto relativo à Expansão lusa a ser publicado em língua portuguesa. [sendo](...) uma arma política destinada a galvanizar a opinião pública (que era favorável à cruzada) e a

⁸⁷ *La rescription du très humain, vertueux et invictissime roy de Portugal, envoyée a Nostre Sainct Pere le Pape des gestes faicts en la mer Rouge, et de la paix, faction, convenance, et alliance comencé par luy avec le presbitre Jehan roy de Ethiopie*, cf., A.A Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1972, p. 856

⁸⁸ *Vide., ibd.*

⁸⁹ *Vide, ibd., p.858*

⁹⁰ «Andando estes frades assim entre nós, mandou o Capitão-mor um homem por nome Fernão Dias, que sabia aravia, que fôsse ver o mosteiro e por mais autoridade e a cousa ser melhor sabida para se escrever a el-Rei Nosso Senhor, mandou após o dito (...) o licenciado Pêro Gomes Teixeira, ouvidor das Índias (...). O dito ouvidor trouxe do dito mosteiro um livro de pergaminho escrito da sua letra [etíope] para mandar a el-Rei Nosso Senhor.» , Álvares, *op. cit.*, pp.13/14

colocar a oposição perante um facto consumado e deixar claro que os seus opositores haviam errado nos seus julgamentos.»⁹¹

Mas não era a única notícia escrita a circular na Europa: uma das cartas de Andrea Corsali, que viajou com os portugueses na armada de Lopo Soares da Albergaria (entre 1515 e 1518) enviada a Lourenço de Médicis (17 de Setembro de 1517) relatando os feitos no mar Vermelho e a “redescoberta” da Etiópia, circula na Itália e possivelmente na restante Europa⁹². O lendário rei cristão está, de repente, mais próximo.

Seis meses depois morria o rei, D. Manuel I. O seu herdeiro, D. João III, operará uma “paragem” na política da expansão de seu pai, iniciando-se uma época de mudança. A *Carta* é retirada de circulação (apenas tendo sido recuperado um exemplar em 1935, conservado em Inglaterra no Museu Britânico⁹³). Mas não constituirá a última e exclusiva informação sobre o *Preste* e o seu reino.

Da viagem decorrente da embaixada enviada por D. Manuel resultará o relato pelo clérigo Francisco Álvares, seu provável capelão, das experiências e peripécias do percurso e stadia, assim como a descrição da terra e suas gentes e o acolhimento da embaixada pelo famoso *Preste* ou senhor local. Mas o que importa salientar é o facto de a obra de Álvares ser a primeira notícia directa de uma efectiva visita aquela região e ao seu governante. Mas os apontamentos ou a obra que Álvares traz do Oriente terá ainda que esperar alguns anos até ser dada ao prelo.

Com efeito talvez o entusiasmo despertado pela relação da viagem e da embaixada de Álvares tenha sido comedida na corte lisboeta. Como refere Jean Aubin, o P.e Álvares e o embaixador etíope, «Egalment désireux d’asseoir l’entente, au spirituel avec Rome, au politique avec Lisbonne(...), les deux ecclésiastiques rencontrèrent un accueil honorable et la plus nette des méfiances. L’un et l’autre devaient mourir avant que ne soient publiés les écrits, à des titres différents remarquables, qu’ils laissaient sur le pays du Prêtre Jean (...)»⁹⁴. O interesse pelo *Preste* havia-se diluído face à confirmação das suspeitas do carácter herético da sua

⁹¹ João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, p. 256

⁹² Cf., Marília dos Santos Lopes, *Da Descoberta ao Saber-Os Conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem, 2002, p. 128 e A A Banha de Andrade, « Francisco Álvares e o Êxito Europeu...» in, *Presença de Portugal no Mundo*, p.292

⁹³ Vide, Jean Aubin, «Le prêtre Jean devant la censure portugaise», *Le latin et l’astrolabe*, p.184-185 e Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, p. 61. Segundo A. de Magalhães Basto, teria sido reeditada em Lisboa, em 1938 por Armando Cortesão e Henry Thomas, « Os Portugueses na Abissínia » in, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, António Baião (dir), vol. II, Lisboa, Ática, 1939, nota 1, p. 277; A A Banha de Andrade corrobora esta indicação, *op cit.*, nota 3, p. 855

⁹⁴ Jean Aubin, «Le Prêtre Jean devant la Censure Portugaise», *op cit.*, p. 185

prática cristã. O vento da Reforma protestante já começara a soprar na Europa. Mateus, o primeiro embaixador vindo do Preste, havia sido sujeito a um “exame” teológico pelo rei e teólogos (processo que foi redigido pelo Secretário de Estado, António Carneiro⁹⁵). Agora a presença de um segundo enviado, o frade Zagazabo e as disputas teológicas a que é submetido com D. Diogo Ortiz, bispo de S. Tomé e com o teólogo Pedro Margalho entre 1529 e 1533, atestam o carácter tergiversante da fé etíope em relação à romana.

A crença de que as pequenas diferenças religiosas seriam facilmente dirimidas é substituída pelo pessimismo e intolerância. O embaixador é conservado sem aparente destino em Lisboa ao mesmo tempo que se dificulta a partida de Álvares para a corte papal e uma vez ali, a sua missão não conhece um desenlace.

Mas o interesse pela temática etíope persiste : já antes, em 1532, Damião de Gois, secretário da feitoria da Flandres, embaixador, estudioso e humanista, edita em Antuérpia uma relação da embaixada e informações sobre a religião etíope possivelmente a partir das informações facultadas pelo primeiro embaixador abexim, o arménio Mateus, que ele ainda muito jovem havia encontrado em Lisboa na corte de D. Manuel, ou mais precisamente, como afirma Jean Aubin⁹⁶, a partir do já referido processo verbal registado pelo secretário António Carneiro. Trata-se de *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis ad Emmanuelem Lusitanae*, redigido a pedido do Bispo de Upsala, João Magno.

Em Fevereiro 1533 aparece em Bolonha, e um pouco mais tarde em Antuérpia, outro opúsculo, *Legatio David Aethiopia Regis* que contém as cartas enviadas pelo imperador etíope ao rei D. Manuel e ao seu sucessor, D. João III, assim como ao Papa, e ainda a descrição da embaixada de Álvares ao Pontífice e dois capítulos da sua obra. Segundo A A Banha de Andrade a publicação da *Legatio...* coincidiu com a embaixada de Álvares ao Papa, refutando a tese da autoria de Damião de Gois que não se encontraria à data na Itália. Este teria provavelmente uma cópia do manuscrito de Álvares, que desejava verter para latim. No entanto a sua tradução, no opúsculo, ficou a cargo de Paulo Jóvio. O que, segundo o mesmo autor, não prova necessariamente a sua autoria do opúsculo⁹⁷.

⁹⁵ *Idem*, «L' Ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel», *op. cit.*, p.173

⁹⁶ *Ibid.*, p.173

⁹⁷ A A Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o Êxito Europeu da verdadeira Informação... » in, *Presença de Portugal no Mundo*, pp.297/298

No Verão de 1533, Gois está novamente em Lisboa para considerar a oferta do cargo de Tesoureiro na casa da Índia, que acabará por recusar. Desde essa data até cerca do final do mesmo ano enceta relações com o esquecido embaixador etíope. Interessado na questão das diferenças religiosas dentro do cristianismo, Gois solicita ao emissário etíope uma exposição dos princípios e costumes da igreja abexim. Um ano depois o frade envia uma relação para Pádua, onde se encontra Gois à época, e este procederá à sua tradução e adaptação do português imperfeito (que entretanto o embaixador aprendera⁹⁸) para latim, originando o núcleo do opúsculo *Fides, Religio, Moresque Aethiopum*, que será editado em Louvaina, com autorização das autoridades religiosas, em 1540, contendo igualmente a carta da regente Helena e a correspondência do Preste para os reis D. Manuel I e D. João III, além da carta do rei português, D. João III, ao Papa, recomendando a missão de Francisco Álvares.

Trata-se da justificação da religião etíope e do apelo ao espírito de tolerância e união entre os cristãos, caro ao ecumenismo defendido por Erasmo, por quem Góis nutre grande admiração. Ao mesmo tempo que incorpora parte do texto da *Legatio...*, procede a várias correcções, nomeadamente na titulação do imperador etíope e na situação do reino, no sentido de uma localização na Etiópia⁹⁹. A obra parece ter tido uma abundante circulação entre os meios intelectuais europeus, tendo sido apreciada nos círculos humanistas. Conheceu várias reedições em 1541 (Paris), 1544 (Louvaina) e ainda em Lyon, Colónia, Genebra e Frankfurt¹⁰⁰.

Em Portugal foi alvo do desagrado dos católicos mais ortodoxos, como a Inquisição (em acção desde 1539) que acolhe a obra com reservas, não permitindo em 1541, a publicação da segunda parte do tratado com o texto do clérigo etíope (pressionando a sua proibição junto do inquisidor-mor, o cardeal D. Henrique, de formação humanista, que justifica o facto em carta dirigida a Góis, com o perigo de heresia, dirigindo as suas críticas ao embaixador etíope¹⁰¹) ou suscitando o desagrado dos Jesuítas de Goa, que possuiriam a obra c. 1543¹⁰².

De facto nesta época acentua-se a atitude de intolerância católica na protecção da ortodoxia e as práticas evitadas de judaísmo do cristianismo copta

⁹⁸ Vide., Isabel Boavida, « Damião de Góis e “ a Frase Caldaica e Etiópica » in, *Damião de Góis na Europa do Renascimento*, Actas do Congresso Internacional de Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade católica, 1993, pp. 731/742

⁹⁹ Vide., Elisabeth Feist-Hirsch, *op. cit.*, p. 181

¹⁰⁰ Vide., Joaquim Chorão Lavajo, « Damião de Góis e o Diálogo Religioso » in, *Damião de Góis e o seu Tempo (1502/ 1574)*, Actas do Colóquio, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 2002, p.26

¹⁰¹ Vide., Elisabeth Feist Hirsch, *op. cit.*, p.187

¹⁰² Cf., Elisabeth Feist-Hirsch, *op. cit.*, p. 185 e , Hervé Pennec, *op. cit.*, p. 34

abexim, numa sociedade que ainda não conseguiu diluir no seu tecido social o recente fenómeno dos cristão-novos, torna pouco recomendável a ausência de objecções com que Gois ainda defende o diálogo entre cristãos numa época em que este se torna impossível¹⁰³. No entanto a sua obra parece ter continuado a circular em Portugal¹⁰⁴ e não só: «À l'évidence, les mesures de censure, prises au Portugal dès 1540, ne limitèrent pas la diffusion du *Fides...*, tant en Europe qu'en Orient (Goa).»¹⁰⁵

O opúsculo descreve também, sucintamente, os costumes da sociedade local e o relacionamento luso-etíope até à época, com base no manuscrito de Francisco Álvares, pois para além da questão religiosa, Góis teria «(...)um grande desejo de revelar aos Europeus, que pouca informação tinham sobre esse país, toda a complexidade do modo de vida dessa nação africana.»¹⁰⁶. Para lá da reflexão humanista e do debate religioso que suscitou, a sua publicação continua a manter o tema da Etiópia e do *Preste* na ordem do dia, disponibilizando informações à Europa culta.

Quanto à obra de Francisco Álvares, será impressa igualmente em 1540. Mas a versão impressa não parece corresponder à totalidade de um possível manuscrito original, como veremos no capítulo seguinte. Segundo Jean Aubin a obra parece ter sido sujeita a uma censura prévia devido à delicada questão religiosa e a motivos políticos que se prendem com as diferentes considerações sobre a política a seguir no Oriente e às dificuldades encontradas na Índia pela primeira embaixada.

Seguindo ainda o mesmo autor, cerca de 1539 (quando Zagazabo regressa ao Oriente) verifica-se uma mudança de política em relação à Etiópia. Com o cerco turco a Diu em 1538, a colaboração e ajuda recíproca voltam a estar na ordem do dia¹⁰⁷. Assim é o próprio rei que ordena a impressão do manuscrito de Álvares ao tipógrafo Luís Rodrigues, sob o título *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*. De denotar que esta e a *Carta das Novas* serão as únicas obras sobre a expansão impressas na primeira metade do século XVI, como refere Luís Filipe Thomaz¹⁰⁸. Por outro lado «Pode dizer-se que foi a vinda de Zaag-Zaaâb [Zagazabo] e do Padre Álvares a Portugal(...), que marcam definitivamente o fim do mistério que

¹⁰³ Vide, Joaquim Chorão Lavajo, *op. cit.*, pp.26-35

¹⁰⁴ Vide., Jean Aubin, «Le Prêtre Jean devant la Censure Portugaise», p.209

¹⁰⁵ Hervé Pennec, *op cit.*, p. 34

¹⁰⁶ Elisabeth Feist –Hirsch, *op.cit.*, p. 189

¹⁰⁷ Vide, Jean Aubin, *op cit.*, pp. 184/207

¹⁰⁸ Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, p. 60

até então cobria a Etiópia.»¹⁰⁹, mercê das narrativas de Álvares e de Góis, que revelam a realidade da terra do *Preste*, sem nada de mítico ou grandioso. E embora o título lendário se mantenha, cada vez se circunscreve mais à realidade da Etiópia (como atesta o título do opúsculo de Góis).

Procuraremos em seguida, acompanhar as referências feitas ao reino da Etiópia nas obras dos grandes cronistas da Expansão, a partir das informações facultadas por Álvares e outras fontes. Ao mesmo tempo são publicadas obras de menor fôlego, centradas na temática etíope, escritas por personagens também eles conhecedores da realidade etíope.

Outras obras sobre a temática etíope são produzidas por autores que estiveram no terreno e se terão até cruzado. Tal é o caso de Mestre João de Bermudes que acompanhara a embaixada de D. Rodrigo de Lima, relatada por Francisco Álvares, na qualidade de barbeiro e cirurgião, tendo permanecido na Etiópia, talvez como uma espécie de garantia do embaixador enviado pelos etíopes, quando da partida da embaixada em 1526. Ali viverá durante dez anos até que, segundo o mesmo, o imperador etíope acometido pelos ataques de forças muçulmanas apoiadas pelo crescente poderio turco no mar Vermelho, o envia a Portugal como seu emissário numa tentativa de obter auxílio do monarca português e do Papa a troco da promessa de obediência à igreja romana e pedido de envio de um patriarca latino. O patriarca copta, Marcos, entretanto falecido, não fora substituído e, segundo a sua versão, Bermudes teria sido investido, ainda pelo velho *abuná* Marcos, na dignidade de Patriarca católico¹¹⁰.

Depois de passar por Roma e apresentar as missivas ao Papa, parte «(...) inopinadamente de Roma pela calada encaminhando-se à corte de Portugal, onde foi recebido como embaixador do monarca etíópico.»¹¹¹ Uma vez em Lisboa manda prender Zagazabo pelo incumprimento da missão (embora o monarca português o mande libertar¹¹²). Consegue, todavia, o auxílio de D. João III e regressa ao Oriente na armada de 1539, denominando-se patriarca da Etiópia alegando ter sido a sua dignidade confirmada pelo Papa Paulo III. Em 1541, acompanha o governador D.

¹⁰⁹ A . de Magalhães de Basto, *op cit.*, p. 278

¹¹⁰ O que é discutível pois essa função cabia ao patriarca copta de Alexandria, sendo o intervalo entre as nomeações geralmente muito longo pelas dificuldades de comunicação, segundo as informações recolhidas em Álvares, *op cit.* e Pais, *op cit.*

¹¹¹ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo I, Vol. II, Porto, s.n., 1931/1939, p.567

¹¹² Vide, Jean Aubin, *op cit.*, pp. 206/207

Estevão da Gama, filho de D.Vasco da Gama, na expedição militar ao mar Vermelho.

A armada portuguesa, alcançando o porto de Maçuá, envia uma força expedicionária portuguesa de quatrocentos homens comandados pelo jovem irmão do governador e antigo capitão de Malaca, D. Cristóvão da Gama. Na mesma expedição segue um militar, membro da pequena nobreza, Miguel de Castanhoso, que será o responsável por outra obra sobre a Etiópia.

Os sucessos da expedição são por demais conhecidos: perante uma estrutura política destroçada e refugiada nos montes escarpados pelas investidas de Ahmed Ibne Ibrahim Al-Ghazi, o Granhe (o Canhoto), emir de Zeila e líder das tribos muçulmanas da região circundante, a expedição portuguesa reanima as forças etíopes e consegue deter a ameaça moura. No entanto numa refrega as forças portuguesas são divididas sendo o seu capitão capturado, torturado e morto. O restante exército consegue, porém, sustentar a vitória etíope.

Ambos os autores relatarão o trágico feito de D. Cristóvão da Gama, que será frequentemente referido nas obras posteriores sobre a Etiópia, como o primeiro mártir português naquelas paragens, dando origem a várias lendas que acompanharão o episódio¹¹³. A história da sua confrontação com o Granhe perdurará também no imaginário etíope até aos nossos dias¹¹⁴.

Os sobreviventes do exército de D. Cristóvão permaneceram na Etiópia, honrados e instalados, mas virtualmente prisioneiros do *Negus* como havia já acontecido a Pêro da Covilhã¹¹⁵. Casam com mulheres locais e tal como os seus descendentes, que continuam a ser conhecidos como portugueses e a praticar o catolicismo, dedicam-se à actividade militar dispersos pelo país, especialmente nas zonas fronteiriças¹¹⁶. Segundo A. de Magalhães Basto esta situação convinha igualmente ao rei português, que ali deteria uma “guarda-avançada” para possíveis

¹¹³ Lenda da fonte milagrosa no local do seu martírio; a notícia da árvore que ficou com as raízes para cima no momento da sua execução, voltando à posição normal quando da posterior derrota do emir. Vide Pais, Vol. I, pp.269-270

¹¹⁴ Numa recente viagem à Etiópia (Março e Junho de 1999), o antropólogo Manuel João Ramos, recolheu várias lendas ou recolhas orais, referentes à presença portuguesa naquele país e ao episódio de D. Cristóvão da Gama e seu confronto com o Granhe, na zona de Gondar e do lago Tana. Vide Manuel João Ramos, *Histórias etíopes- Diário de Viagem*, 2ª parte, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000, pp.113/121

¹¹⁵ «Os sobreviventes eram o suporte militar e político do monarca, sendo o seu papel importante para a manutenção do reino abexim. Por isso, o rei tentou evitar a todo o custo, a sua partida(...). Muitos portugueses acabaram por permanecer na Etiópia, a maioria não de livre vontade.», M. Teresa do Rosário Lopes, *A Etiópia na obra de Miguel de Castanhoso*, Dissertação de Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001, p.121

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 247

ligações com os estabelecimentos portugueses na África Oriental, Cabo e África Ocidental¹¹⁷.

Castanhoso não terá destino igual ao dos seus companheiros pois consegue regressar em 1544 com uma carta de “recomendação” do *Negus* para D. João III. A partir da sua experiência compõe *A Historia das cousas que o muy esforçado capitão Dom Cristovão da Gama fez nos Reynos do Preste João com quatrocentos Portugueses que consigo levou*, publicada em 1564 pelo impressor João Barreira que teria procedido a algumas reformulações e retoques¹¹⁸. Existe também um *Tratado...*, não impresso, permanecendo apenas uma cópia do século XVIII, talvez mais próxima do manuscrito original, que teria circulado como fonte de informação entre os cronistas da época¹¹⁹.

A obra de Castanhoso, é antes de mais, um relato de um feito militar e apologia de D. Cristóvão da Gama, mas tem igualmente uma dimensão descritiva da terra e do povo.

Quanto a Mestre João Bermudes permanece igualmente na Etiópia, assumindo a sua dignidade de patriarca. Mas os documentos que tal confirmavam¹²⁰ teriam sido perdidos na batalha que resultou na captura do jovem Gama. Na realidade muitos duvidam da sua credibilidade, incluindo a Igreja romana, a companhia de Jesus¹²¹ e o próprio rei português¹²². Mas a maioria dos escritores da época e posteriores (incluindo Jesuítas) apresentam-no como o primeiro patriarca católico da Etiópia¹²³, continuando a sua verdadeira posição oficial a ser motivo de confusão. Face à falta de vontade do novo imperador Claudius/ Atanâf Çaguêd de prestar obediência a Roma, uma vez repelida a ameaça islâmica, o convívio como pretense patriarca deteriora-se. Interpelado desabridamente e mesmo excomungado, o imperador indispõem-se e parece ter enviado a Lisboa, c.1545, um emissário com uma carta ao rei português onde se queixava de Bermudes e lhe solicitava um novo patriarca, obtendo resposta afirmativa de D. João III¹²⁴. Por fim foi Bermudes

¹¹⁷ A de Magalhães Bastos, *op cit.*, pp. 285/286

¹¹⁸ Vide, M. Teresa do Rosário Lopes, *op cit.*, p. 242

¹¹⁹ Vide, a análise das obras feitas por M. Teresa do Rosário Lopes, *Ibd.*, p. 243

¹²⁰ Segundo Francisco Rodrigues, Bermudes « (...) fingiu ou forjou bulas pontifícias (...)», *ibd.*, p. 567

¹²¹ Vide, Hervé Pennec, *op cit.*, pp.43-46

¹²² Vide, S. T., «Prefação», *Breve Relação da embaixada que o Patriarcha D. João Bermudez trouxe do Imperador da Etiópia...*, Col. de Opusc. T. I, nº IV, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1875, p. V

¹²³ Vide *ibd.* e Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente ...*, Lisboa, Colibri, 2003, p. 44 e Hervé Pennec, *op cit.*, pp. 43-46

¹²⁴ Vide, . Francisco Rodrigues, *op cit.*, p. 569

destituído, preso e banido da corte em 1556¹²⁵, acabando por chegar um novo patriarca da Alexandria ¹²⁶.

Em 1559 Bermudes regressa a Lisboa. Em 1565 é publicada a sua *Breve Relação da Embaixada que o Patriarcha D. João Bermudez trouxe do Imperador da Ethiopia vulgarmente chamado Preste João*, onde, segundo uma versão muito própria centrada na importância da sua pessoa, narra os acontecimentos decorridos durante a sua estadia na Etiópia, incluindo o episódio de D. Cristóvão, no qual não estivera presente e a posterior pacificação do reino, socorrendo-se provavelmente do relato de Castanhoso para este incidente¹²⁷.

Estas descrições de intervenientes nos acontecimentos são mais um passo na desmitificação da terra do *Preste*. Os contornos verdadeiros do seu reino são novamente referidos, confirmando-se a descrição de Álvares. A designação de *Preste* torna-se meramente acomodatória; o *Preste João* é-o cada vez menos, tornando-se cada vez mais no *Imperador da Etiópia*.

No decorrer do século XVI, o interesse pela Etiópia manter-se à, embora esta fosse uma região “marginal” ao império português do Oriente. Havia alcançado/mantido a sua importância no imaginário europeu, continuando a deter segundo Rui Manuel Loureiro, o estatuto de interlocutor privilegiado do Império português¹²⁸. Daí que esta temática seja retomada pelos grandes cronistas da expansão. Estes narrarão os episódios das relações luso-etíopes (as expedições ao mar Vermelho; o envio de emissários etíopes; a embaixada de D. Rodrigo de Lima; a expedição de D. Cristóvão da Gama) e abordarão, embora brevemente, as características da terra e costumes, inseridas nos seus relatos dos feitos portugueses no Oriente.

Tanto João de Barros na sua *Ásia*, organizada em Décadas (três volumes que cobrem o período de 1489 a 1553, publicadas entre 1552 e 1563), como Fernão Lopes de Castanheda na sua *História do Descobrimento e Conquista da Índia*

¹²⁵ Regressa a Goa, «(...) e lançou sua maldição a as terras por onde passou, excepto ao Teyno de Tigrê, que affirmão deixou a rogo de alguns Portugueses, q o acompanhavão(...). E dizia que via entrar em as terras do Emperador huas formigas pretas que as destruíão; que parece erão huns gentios m.to pretos que chamão Galas, que pouco depois se forão chegando (...)»*Ibd.*, pp. 286/287

¹²⁶ «Depois q o Emperador Claudio (...) teve reduzidas a sua obediencia as terras q tomarão os mouros e pacificado seu Imperio(...) quando ouvera de ser mais agradecido a Deos N. S.(...) e sujeitarse de todo à Sta Igreja Romana, seguindo a doutrina q ensinava o santo Patrarcha [sic] D. João Bermudez, a quem havia tres annos q por tal tinha recebido e entregado as terras do Patriarchado, q são m.to grandes então mostrou quam longe estava desta obediencia (...); porq fez trazer outro Patriarcha de Alexandria, pera excluir o q tinha de Roma e no mesmo tempo se conçertarão os frades de hum mosteiro grande pera infamar a D. João Bermudez, cuja santidade de vida lhes era m.to molesta (...)» Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 285/286

¹²⁷ Vide Ana Paula Avelar, *op cit.*, pp. 44/45; sobre a especificidade da sua obra, *vide, ibd.*, pp.209/215

¹²⁸ Tal é também a situação da China, esta no extremo do Império português a levante. *Vide* Rui Manuel Loureiro, *op.cit.*, p. 109

pelos Portugueses (publicada a partir de 1551 sendo o último livro, o oitavo¹²⁹, publicado já postumamente, em 1561. Abrange os acontecimentos ocorridos desde a descoberta da Índia por mar até 1548), relatam e referem esses sucessos.

Barros possuía largos conhecimentos e tinha acesso a documentação, sendo detentor de vários cargos oficiais, mas nunca esteve no Oriente; Castanheda, por sua vez, viveu dez anos na Índia, sendo seu pai ouvidor em Goa. Em relação à temática do *Preste*, Barros refere os contactos desde as viagens de Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva, às expedições ao mar Vermelho, a partida e o regresso da embaixada de D. Rodrigo de Lima, dedicando os dois primeiros capítulos do livro quatro da terceira Década ao seu reino, povo, religião e costumes.

Quanto a Castanheda, refere, a propósito da chegada do embaixador Mateus, a terra e os costumes; as expedições ao estreito de Meca; os contactos da expedição de Diogo Lopes de Sequeira e o mosteiro de Bisão perto da costa, a embaixada de D. Rodrigo de Lima e seus sucessos até ao regresso da dita.

Ambas as obras seriam largamente divulgadas e consultadas na sua época. O mesmo não aconteceria com a obra de um terceiro cronista seu contemporâneo, cujo manuscrito permaneceria inédito até ao século XIX. Trata-se de Gaspar Correia que redigiu as *Lendas da Índia*¹³⁰, durante os largos anos em que permaneceu no Oriente como funcionário da Coroa, narrando os feitos dos portugueses no Oriente desde os seus inícios auspiciosos até ao final do governo de Jorge Cabral em 1550. A obra inicia-se precisamente com a viagem de Paiva e Covilhã ao *Preste João* das Índias. Tal como os autores anteriores vai referindo ao longo da sua obra as notícias de contactos com o reino do *Preste*, salientando-se no capítulo III, referente ao governo de Lopo Vaz de Sampaio, «As cousas que os nossos contarão que passarão, depois que partirão de Maçuha, com o Preste e té que tornarão a embargar no mesmo Maçuha»¹³¹, onde faz uma descrição relativamente detalhada do reino, seus costumes, habitantes, fauna, terras limítrofes, além de narrar a embaixada de 1521, a entrevista com o Preste no seu arraial e os cerimoniais da corte, valendo-se da

¹²⁹ Deveriam ser dez, segundo uma estruturação clássica também seguida por Barros, mas os dois últimos são desconhecidos, apenas se tendo recuperado trinta e um capítulos graças ao Jesuíta Gian Pietro Maffei. Cf., P. M. Laranjo Coelho, « Preâmbulo» in, Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Livros VII, VIII e IX, Coimbra, Imprensa da universidade, 1933, pp. VII-IX e Ana Paula Avelar, *op cit.*, p. 18

¹³⁰ « A obra de Gaspar Correia teve um destino literário que não se pode considerar feliz. Não mereceu o interesse nem a protecção para sair à luz de nenhum magnate utente, não a precedia carta de dedicatória ou envio solicitante como era tão costumado por autores lisonjeiros da jerarquia social (...)» , M. Lopes de Almeida, «Introdução» in, *Lendas da Índia* vol. I , Porto, Lello e Irmãos, 1975, p.XXXIV

¹³¹ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Vol III, pp.26-79

descrição do P.e. Francisco Álvares como refere e de memórias de outros membros da embaixada¹³². Será também com base no testemunho de Castanhoso e de outros sobreviventes que narra a história do contingente militar de 1540 e do seu trágico comandante¹³³.

Sublinhemos que a designação *Preste João* continua a ser utilizada, mas com reticências, identificando-se com o rei da Etiópia ou, segundo a designação erudita, com a Abássia¹³⁴(ou Abissínia) como é o exemplo de João de Barros: «Em que se escreve as cousas delrey da Abasia ou Ethiópia sobre Egypto, a q vulgarmente chamamos Preste Ioam: e as causas do error deste nome(...)»¹³⁵.

Neste grupo de cronistas do Oriente, de salientar ainda a monumental obra de Diogo do Couto no dealbar do século XVII. Este autor segue a carreira militar na Índia, ocupando depois vários cargos oficiais. Encarregado por Filipe I de continuar as *Décadas* de Barros, desde 1526 até c. 1616, redigirá na esteira do primeiro, doze *Décadas*, entre diversos desaires¹³⁶. Além dos tópicos habituais e devido à delimitação temporal da sua obra, Couto narra ainda a odisseia de D. João de Bermudes e as primeiras iniciativas de missionação na Etiópia com o Pe. Mestre Gonçalo; a viagem e chegada à corte etíope do bispo, D. André de Oviedo. Nas suas últimas referências à Etiópia refere os ataques de povos tribais e mouros, as dificuldades da missionação e as convulsões políticas do reino etíope no início do século XVII.

De denotar que Couto utiliza frequentemente o termo *Abássia* ou *Etiópia*; a utilização da designação de *Preste João* torna-se uma mera questão de forma. Aliás, Couto discutirá esta nomenclatura no primeiro capítulo do Livro X, da *Década*

¹³²Jean Aubin contesta o conhecimento da obra completa de Álvares por Gaspar Correia devido à imprecisão que o caracteriza: « (...) les *Lendas da Índia* contiennent sur l'ambassade de 1520-1526 en Éthiopie des erreurs manifestes et des particularités inconciliables à celles des autres sources connues, à commencer par *Verdadera Informaçam*. Rien de ce que relate Corrêa ne peut être attribué à une version première d'Álvares.», *op cit.*, p. 193

¹³³Gaspar Correia, *op cit.*, Vol IV, pp. 345-398

¹³⁴ Vide , João de Barros, *Ásia(...) dos feitos que os portuguese fizerm no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente- Terceira Década*, Livro IV, Cap. I , ed. facsimilada da ed. princeps de 1563 da Oficina de João de Barreira,Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, s.d. 1992, fo. 84 verso

¹³⁵*Ibid.* , Fols. 84 e 85.

¹³⁶ Entre os acasos sucedidos conta-se um incêndio na tipografia, roubos, extravios, novas versões, e finalmente a perda da XI *Década* e apenas alguns capítulos da XII. À data da sua morte em 1616 apenas 4 das suas *Décadas* haviam conhecido publicação. As restantes foram publicadas de forma espaçada, e não ordenada, conhecendo-se apenas 5 livros da XII *Década*(publicados em Paris em 1645); a X apenas foi publicada na única edição exaustiva feita até hoje, pela Régia Oficina Tipográfica, conjuntamente com as obra de Barros, entre 1778 e 1788; a XI perdeu-se .Cf. Manuel Severim de Fraia, «Vida de Diogo de Couto» in, Diogo de Couto, *Da Asia de João de Barros e de Diogo do Couto*, Vol. 10 , *Década Quarta*, Parte Primeira, Lisboa Na regia Oficina TYpografica, 1788, pp.V/XII; M. Augusta de Lima Cruz, «Palavras Prévias» in, Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia*, ec. Crítica, Lisboa , Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimtos Portugueses/ Fundação Oriente/Imprensa Nacional, 1999, pp.VII/XII; Rui Manuel Loureiro , *op cit.*, pp.55 e ss.

quarta, segunda parte¹³⁷, sendo a confusão na denominação da terra atribuída a Pêro da Covilhã, o que continuava a dar origem a imprecisões, tal como Barros havia já anotado.

Portanto a matéria do *Preste* e do seu reino etíope continua a merecer a atenção nos relatos do Oriente até inícios do séc. XVII, seguindo de perto as informações veiculadas pelos autores que haviam tido experiência no terreno abexim¹³⁸. É agora, no entanto um reino razoavelmente conhecido e localizado, ao qual é mesmo necessários prestar auxílio face às suas dificuldades políticas. Os velhos sonhos de alianças político-militares vão-se esfumando. Acrescendo que, a despeito do seu Cristianismo, este tem para os rigoristas católicos da Contra-Reforma, um carácter herético, tal como sentiram na pele o emissário Zagazabo e Damião de Gois¹³⁹.

3- Missão na Etiópia: O empenhamento jesuíta no reino do *Preste*

Inicia-se no final do século XVI e início do XVII uma segunda fase de contactos com a Etiópia, centrados na questão religiosa.

Com efeito, o afastamento etíope da (considerada) verdadeira religião abre, porém, um novo campo de contactos: o da missionação. Os primeiros membros da Companhia de Jesus aportam na segunda metade do século XVI às costas da Abissínia para converter os hereges, tal como Couto já referira nas suas últimas *Décadas*. Esta nova modalidade de contactos insere-se num novo paradigma, que determinará a produção da nossa segunda obra em análise, a *História de Etiópia* do padre jesuíta Pêro Pais.

¹³⁷«Da origem, e princípios dos Mogores, e Tartaros, e Provincias que possuíram (...) e de como entre elles se constituiu a dignidade de Preste João, a que chamam das Índias: e de como se trespassou no Imperador da Ethiopia.» ,Diogo do Couto, *Décadas da Ásia*, Vols. X a XXIII, Lisboa , Régia Officina TYpographica, 1778/1788

¹³⁸ «(...) apesar das sucessivas desilusões, as cousas da Etiópia alimentaram consistentemente o interesse de numerosos autores europeus, que lhes foram dedicando sucessivos tratados monográficos ao longo das centúrias de Quinhentos e Seiscentos.», Rui Manuel Loureiro, *op cit*, pp. 90-91

¹³⁹ *Vide supra*

Caracterizemos, pois, essa nova mundivisão que se instalara na Europa católica ao longo da segunda metade de Quinhentos. Com efeito à relativa abertura do início do século XVI, à euforia de circulação de ideias e informações do Humanismo e Descobertas e renovação cultural do Renascimento, apoiado pelo círculo da Corte de D. Manuel I¹⁴⁰ e dos primeiros anos do reinado de seu filho, D. João III (monarca, que numa primeira fase, se assumirá como patrocinador de uma cultura “moderna”, encetando um programa cultural no sentido de um acompanhamento da Europa¹⁴¹), o sul da Europa será marcado, a partir, *grosso modo*, da segunda metade do século XVI, pela ruptura do bloco cristão romano com o norte da Europa reformista, ruptura essa iniciada com a dissidência luterana em 1520. Como refere António Rosa Mendes, cerca de 1552, os campos culturais e religiosos haviam-se extremado; a conciliação entre católicos romanos e reformistas não seria possível¹⁴². Esta conjuntura é acompanhada pelo perigoso e imparável avanço do império otomano a Oriente¹⁴³.

Roma vê-se perante a necessidade de reunir as suas hostes e tentar uma solução eficaz para remediar a divisão: efectua assim um prolongado concílio em Trento para reforço da ortodoxia romana, em três fases temporais distintas entre 1545 e 1563, com empenhada participação do clero português¹⁴⁴.

Neste contexto a contra-reforma é amplamente recebida e observada na Igreja portuguesa, com apoio incondicional da Coroa: a 12 de Dezembro de 1564, o jovem D. Sebastião, promulga os decretos do Concílio de Trento, terminado em 1563. O tribunal do Santo Ofício havia sido introduzido em Portugal por D. João III em 1536 e estando em funcionamento desde 1539; o seu *Index* (a primeira lista de obras manuscritas proibidas surgida em 1547; o rol dos livros impressos apareceria em

¹⁴⁰ Cf., Elisabeth Feist-Hirsch, *Damião de Góis*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, pp. 9-20, João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, pp.213-216 e ainda José Eduardo Franco, *O Mito dos Jesuítas*, Vol. I, Lisboa, Gradiva, 2006, pp. 91/94

¹⁴¹ Vide Elisabeth Feist Hirsch, « O Humanismo em Portugal no reinado de D. João III » in , *op. cit.*, pp.193-211 e Ana Isabel Buescu, *D. João III*, Lisboa Círculo de Leitores, 2005, pp.245-259

¹⁴² António Rosa Mendes, «A Vida Cultural» in,*História de Portugal*, José Mattoso (dir.), Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p.403

¹⁴³ O império turco Otomano avança no Mediterrâneo desde a queda de Constantinopla em 1453 ao mesmo tempo que se estende na Ásia: em 1516 toma o império mameluco do Egipto; em 1521, Solimão, o Magnífico conquista Belgrado e ocupa o Iémen; no ano seguinte toma Rodes e em 1525 Argel caí em seu poder; em 1526 o Rei Luís II da Hungria tomba em combate com os Turcos e Buda é tomada no ano seguinte; em 1529 estão às portas de Viena onde regressarão em 1532; em 1534 conquistam Bagdade e a Pérsia; em 1537 atacam Corfu e o Sul de Itália e em 38 tomam a porta do Mar Vermelho, Adém; no mesmo ano é formada a Liga Católica contra os Turcos ; em 1541 atacam novamente Buda, enquanto as forças do Imperador Carlos V tentam opor-se-lhes no Mediterrâneo; em 1548 tomam Bassorá. , Ana Isabel Buescu « Cronologia » in,*op. cit.* pp.300/314

¹⁴⁴ Vide, António Camões Gouveia, «O Portugal do Renascimento» in, *Sociedade e Cultura portuguesa 2*, Maria José Ferro Tavares (coord.), Lisboa, Universidade Aberta, 1990, p.64

1551) controlará a produção e distribuição cultural, dentro da estrita ortodoxia. Também no império se assiste ao reforço da instituição eclesiástica: em 1534 é criado o bispado de Goa, que engloba toda a África Oriental, a Índia e todas as terras a Oriente. Os estabelecimentos religiosos proliferam e a importância da estrutura religiosa no Oriente aumenta significativamente (Goa passa a arquidiocese em 1558 e as dioceses multiplicam-se; em 1572 o arcebispo de Goa recebe o título de primaz e patriarca das Índias).

A uniformização doutrinal, preparação do clero e difusão da fé nos “novos territórios”, compensando os crentes perdidos na Europa e completando o pressuposto do apostolado evangélico, tornam-se uma prioridade na Europa pós-tridentina, conjugando-se com a necessidade de reorganização e consolidação do império português, cuja extensão inviabiliza uma política continuada de conquista militar¹⁴⁵.

Por outro lado, o ideal de cruzada e o proselitismo religioso sempre andaram de mãos dadas com a expansão política, militar ou comercial do império português. Aliás esta ligação da Igreja e do Estado é bem patente na instituição do “Padroado Régio”, segundo o qual, certos poderes de Roma são delegados na coroa portuguesa, entre eles a propagação da fé cristã¹⁴⁶.

A uma coexistência relativamente tolerante com as religiões locais no início do século XVI segue-se, a partir de Trento, a imposição do credo católico e a sua estreita observância (a Inquisição é instaurada em Goa em 1560; verificavam-se medidas repressivas contra outras religiões já desde 1540), segundo o princípio de um reino, uma fé (*cujus regio illius religio*).

¹⁴⁵ Segundo C. F. Boxer, « No fim do século XVI , os Portugueses tinham em grande parte abandonado as atitudes e mentalidades de conquistadores que os havia inspirado nas primeiras décadas da expansão na Ásia e encontravam-se fundamentalmente interessados no comércio pacífico e em conservarem o que já tinham conseguido.», C. R. Boxer, *op.cit.*,p. 92

¹⁴⁶ Situação institucionalizada pelas Bulas papais *Romanus Pontifex*, de Nicolau V e *Inter coetera*, de Calisto III, datadas respectivamente de 1455 e 1456, que concedem a jurisdição espiritual das terras descobertas à Ordem de Cristo, estreitamente ligada à família real. Regulamentadas pelas bulas *Aeterni Regis clementi*, 1481, e *Dum fidei constatiat*, de Leão X, 1514 (sanciona a jurisdição régia). A Bula *Eximiae devotionis*, 1522 confirma as os direitos da Ordem de Cristo, da qual, o rei é mestre. A ordem de Cristo será integradas na coroa através das Bulas *Aequum reputamus*, de Paulo III, 1534, e *Praeclara Charissimi*, de 1551. Vide.Francisco Bethencourt, «Configurações do Império» in *História da Expansão Portuguesa*, vol. I , Lisboa , Temas e Debates, 1988,pp.369-386 e Manuel Cadafaz de Matos, «Humanismo e evangelização no Oriente do século XVI» in *Revista do ICALP*, nº 7-8, 1987, pp. 1-32, [online]. Disponível em <http://www.institutocamjões.pt/cvc/buc/visisraicalp/humanismo.pdf> (acesso em 04/01/06) e Hervé Pénec, *op cit.*, pp.81 -82

Com a nova ordem cristã tridentina, assiste-se ao advento da igreja militante, corporizada nas actividades de missionação das ordens religiosas, onde sobressaem as da jovem Companhia de Jesus¹⁴⁷.

Caracterizemo-la brevemente para que possamos situar a nossa segunda obra em análise. A postura organizada e activa da Sociedade de Jesus na defesa e propagação da fé, pondo a tónica na preparação dos seus membros e na catequização dos próprios católicos através do ensino e pregação, deverá ter contribuído para a sua aceitação na Europa pós-Trento. Tendo por objectivo a uniformização e coesão da igreja romana, esta nova ordem militante era mais do que bem vinda. A “Fórmula do Instituto“ de 1540, um manifesto que constituía a base da bula fundadora da Companhia, falava da “propagação da fé“ como sua obrigação-chave. Em 1550, esta frase já se tornara “defesa e propagação da fé“.¹⁴⁸

A Companhia de Jesus instala-se rapidamente em Portugal, logo em 1540, tendo sido recomendada ao rei D. João III por Diogo de Gouveia sénior, principal do colégio de Santa Bárbara de Paris; este solicita ao Papa a autorização de entrada da Ordem no reino para a evangelização das conquistas portuguesas. De imediato, a Companhia de Jesus obtém uma posição privilegiada na corte portuguesa; mas deve igualmente contemporizar com o poder secular, ao qual fica intimamente ligado¹⁴⁹.

A sua acção evangelizadora fora da metrópole inicia-se com a chegada de um fervoroso Francisco Xavier a Goa em 1542; em 1549 é constituída a Província de Goa da Companhia. No início da década de 60 afirma-se a autonomia de Província de Goa face a Roma, na organização e distribuição do pessoal missionário no Oriente português, o que atesta a sua crescente importância.

A Companhia de Jesus, especialmente vocacionada para a evangelização, é o igualmente para o ensino, cujas instituições acaba por dominar no reino¹⁵⁰. A sua

¹⁴⁷ Esta era uma recente ordem religiosa, nascida da inspiração de Inácio de Loyola, cavaleiro espanhol, desejoso de defender o catolicismo. Depois da sua revelação estuda em Paris desde 1528, onde se cerca de um grupo de colegas. Num clima de crescente dissensão protestante, o pequeno grupo parte para Roma, onde reúne simpatias e em Setembro de 1540, a nova ordem religiosa, denominada Companhia de Jesus, é oficialmente reconhecida na bula *Regimini militantis ecclesiae* do Papa Paulo III. Vide, Jonathan Wright, *Os Jesuítas...*, Lisboa, Quetzal, 2005, p. 30 e José Eduardo Franco, *op. cit.*, p. 60

¹⁴⁸ Jonathan Wright, *op. cit.*, p. 34

¹⁴⁹ Cf., Hervé Pennec, *op. cit.*, pp.47-54 e José Eduardo Franco, *op. cit.*, pp. 87/8

¹⁵⁰ A preponderância jesuíta no ensino talvez se possa explicar através das simpatias dos conservadores de Paris (onde Loyola havia estudado) e da prática de estabelecimento de Colégios para a formação dos seus membros. Detendo já o Colégio de Santo Antão em Lisboa e do Espírito Santo em Évora (transformado em Universidade em 1559 pelo cardeal infante D. Henrique, ele próprio membro da ordem), o rei concede-lhes o Colégio das Artes de Coimbra em 1555. Do ponto de vista cultural, a grande inovação jesuíta parece ter sido a conjugação dos estudos clássicos, com a ortodoxia católica: «Haveria, pois, que lustrar a doutrina com o esmalte das boas letras. O escopo era conformar o “homem religioso“, munido da panóplia erudita que a

influência no campo da educação alargar-se-á a todo o Império, onde fundaram seminários e colégios, praticamente equivalentes ao ensino universitário. No quadro de conversão dos gentios, é fundada em Goa (1540) a Confraria da Santa Fé, cujo patrono era S. Paulo, que procede à construção de um colégio e seminário sob a direcção inicial dos franciscanos; mas, a partir de 1542, a sua direcção cabe aos jesuítas, que tomam plena posse do colégio desde 1551, por acordo com o rei¹⁵¹.

A dinâmica cultural jesuíta é comprovada pela indubitável importância que o livro e a leitura assumem para os seus membros. A biblioteca oferecida por D. João III a Francisco Xavier aquando da sua partida para o Oriente ilustra bem esta faceta dos Jesuítas, «(...) uma vez que os missionários eram, por excelência, os homens da “palavra” ou, melhor dizendo, do “discurso“, fosse este oral ou escrito, manuscrito ou impresso.»¹⁵²

O êxito da sua tarefa missionária pode explicar-se pela preparação, eficiência e motivação dos seus membros, além do interesse e apoio da monarquia portuguesa, como já atrás referimos. A Companhia tinha levado a sério as recomendações de Trento quanto à necessidade de formação intelectual nas suas fileiras. Segundo Rui Manuel Loureiro «Os missionários jesuítas (...)possuíam, regra geral, uma preparação cultural mais aprofundada, que lhes permitiu assumirem de imediato um evidente protagonismo no ensino e na missionação.»¹⁵³. Já anteriormente C. R. Boxer afirmara: «(...) suspeito que, no conjunto, o padrão dos Jesuítas era mais elevado e que frequentemente, demonstravam maior espírito de sacrifício do que os seus colegas de outras ordens (...)»¹⁵⁴. Com efeito, os “soldados de Deus“ da Companhia, internando-se em regiões longínquas, entre povos desconhecidos, são os “homens de fronteira”¹⁵⁵, essenciais na manutenção do

atmosfera intelectual criada pelo humanismo reclamava e apto a com ela sustentar as posições professadas pela igreja institucional.», criando assim o «classicismo católico». Vide António Rosa Mendes, *op. cit.*, p.406 e

¹⁵¹ Vide Hervé Pennec, *op. cit.*, p. 83; Este Colégio de Goa assume um importante papel de pólo cultural e pedagógico de moldes europeus no Oriente. Insere-se neste processo sistemático e militante de evangelização e de acção cultural, a introdução da tipografia em Goa, no dito Colégio de S. Paulo (c. 1556), em estreita ligação à Companhia de Jesus. O impressor João de Bustamente, de Valência, chega a Goa em 1556, na companhia dos Jesuítas, ordem em que havia ingressado em 1555, assim como João Gonçalves, conhecedor da fundição de caracteres tipográficos. A sua produção será de cariz eminentemente catequético ou teológico, embora não exclusivamente (por exemplo em 1563 é impresso o *Coloquio dos Simples, e drogas...* de Garcia de Orta Vide, Manuel Cadafaz de Matos, *op cit*, pp.10/14 e *Idem*, «Relação das edições da tipografia de Goa» *in, Ibd.*, pp 20-26);
¹⁵² Possuem bibliotecas em Goa (com bibliotecário e regras de circulação) e em Ormuz. Imprimem obras nas suas tipografias e importam outras do reino. O carácter supranacional da Ordem permite igualmente a circulação de livros estrangeiros, com assinalável rapidez, embora o seu propósito deva ser edificante e conforme à ortodoxia. Rui Manuel Loureiro, *op. cit.*, p.35 e pp. 36-37

¹⁵³ Rui Manuel Loureiro, *op cit.*, p. 35

¹⁵⁴ C.R. Boxer, *A Igreja e a Expansão Ibérica (1440- 1770)*, Lisboa, Edições 70, 1981, p.89

¹⁵⁵ « A militância dos primeiros missionários da Companhia, o entusiasmo, os bons resultados obtidos e a propaganda que os jesuítas faziam do seu trabalho (...) arrastaram outras ordens para um trabalho semelhante (...). Foi, com efeito, a partir destes anos que os religiosos começaram

império e na continuação do alargamento da sua esfera de influência a regiões não ocupadas política e militarmente, uma vez que com frequência se moverão nas cortes dos potentados locais¹⁵⁶.

Esta situação suscitou rivalidades entre as várias ordens religiosas do Império exacerbadas pelo sentimento de superioridade jesuíta, pelo seu forte *esprit de corps* e pelo seu evidente sucesso. Por este facto a Companhia de Jesus será frequentemente acusada de contemporizar com costumes idólatras pelas ordens suas rivais.¹⁵⁷ Mas é necessário ter em conta que os missionários da Sociedade de Jesus, aventurando-se em pequenos grupos em regiões fora do império, viram-se forçados a respeitar e adaptar-se ao *modus vivendi* local¹⁵⁸.

O seu convívio e observação cuidadosa das terras, povos e costumes originaram numerosas descrições, registadas por escrito e relatadas em primeira mão, que enviavam aos seus superiores mediante «(...) o elaborado sistema de recolha e circulação de notícias montado pela Companhia, o qual cobria todos os territórios ultramarinos frequentados pelos europeus numa apertada rede informativa.»¹⁵⁹. Esse completo sistema informativo originou a rica epistolografia das missões jesuítas¹⁶⁰ que tem por base as chamadas “cartas ânuas”, espécie de relatórios enviados anualmente ao geral da Companhia de Jesus em Roma, recolhidas pelos diversos superiores e provinciais, além de outra correspondência.¹⁶¹

Nesta conjuntura, Etiópia cristã é um terreno de eleição a recuperar para o seio da igreja católica, e sendo ao mesmo tempo um território limítrofe, a

a trabalhar sistematicamente fora das zonas controladas pelas armas lusas, ao mesmo tempo que intensificavam a acção nos territórios dominados (...), João Paulo Oliveira e Costa, «Da Propagação do cristianismo» in Martim de Albuquerque (dir.), *Rotas da Terra e do Mar*, Lisboa, Diário de Notícias, 1994-95 *Rotas da Terra e do Mar*, fascs. 23-24, p.507

¹⁵⁶ «Os Jesuítas eram frequentemente confesores dos governantes e de outros oficiais superiores, que, por vezes, lhes pediam também conselhos acerca de assuntos terrenos. A sua influência era inegavelmente grande em todas as esferas da vida e do trabalho no mundo português.» , *ibid.*, p. 327

¹⁵⁷ Para a contestação da Companhia de Jesus desde os seus primórdios e polémicas com outras ordens religiosas e críticas à sua metodologia de missionação, *vide*, José Eduardo Franco, *op. cit.*, Parte I, pp. 49/316

¹⁵⁸ «Foram os Jesuítas os únicos missionários que procuraram transmitir às populações orientais o Cristianismo despido das tradições europeias; preocupavam-se com o estudo das línguas locais e tentavam cristianizar os ritos dos gentios.» João Paulo Oliveira e Costa, « As missões cristãs em África» in *Portugal no Mundo*, Luís de Albuquerque (dir.), Lisboa, Alfa, 1989, p.176 . Com efeito estes missionários necessitaram de se tornar fluentes na língua local (a acção proselitista jesuíta caracteriza-se, pelo interesse no conhecimento das línguas locais e sua fixação escrita e normalização gramatical de alguns idiomas, com a elaboração de dicionários, gramáticas e catecismos pelos missionários com um fim eminentemente prático: veicular o ensino da doutrina cristã); estudavam igualmente as crenças locais (traduzindo obras religiosas).

¹⁵⁹ Rui Manuel Loureiro, *op cit.*, p. 86

¹⁶⁰ *Vide* José Manuel Garcia, «A Epistolografia Ultramarina dos Jesuítas impressa em Portugal do século XVI» in, *Ao Encontro dos Descobrimentos- Temas de História da expansão*, Lisboa, Presença, 1994, pp. 234-243

¹⁶¹ Enviadas para a Europa na Carreira das Índias eram traduzidas e compiladas, agrupando-se por regiões. Geralmente destinavam-se à leitura nos seus refeitórios a fim de motivar o zelo apostólico de seus irmãos. Mas as curiosidades que relatavam e que tanto interesse suscitavam, e o benefício da propaganda da expansão da fé cristã e dos feitos da Companhia, conduziu à impressão de algumas colectâneas em Portugal desde 1550, embora muitas circulassem manuscritas. *Vide, Ibidem*

Companhia de Jesus será o baluarte da presença portuguesa e o agente transmissor de informações para a Europa, face ao aumento da presença muçulmana que rodeia o território. Doravante a doutrinação religiosa substituirá as alianças político-militares de difícil viabilidade nas relações com a terra do *Preste* :

« Ainsi la politique portugaise à l'égard de l'Éthiopie évoluait en ces termes: on passait de l' idée de croisade contre les Infidèles où l' Éthiopie chrétienne pourrait s'unir à la flotte portugaise, avec D. Manuel Ier (1495-1521), à celle d' une mission pour une terre hérétique, sous D. João III (1521-1558).où l' Ethiopie chrétienne était devenue une chrétienté déviante qu'il convenait de ramener dans le giron de l' Église romaine.»¹⁶²

Esta ideia de conciliação ou conversão à Igreja de Roma é encorajada pelas missivas do *Preste*, nas quais, como vimos, se parece declarar a vontade de submissão ao Papa¹⁶³. A Etiópia será, pois, um terreno exclusivo dos membros da Companhia de Jesus (excluindo o referido episódio do mestre cirurgião Bermudes, transformado em patriarca). Com o empenho do rei português esboça-se um projecto de missão e a nomeação de um patriarca católico para a região desde 1546. Este deveria ser um membro da Companhia, por sugestão do rei e foi considerado um membro fundador da Companhia, Pedro Fabro¹⁶⁴. Inácio de Loyola empenha-se pessoalmente na preparação da missão, mas o processo é lento parecendo mesmo ter sofrido a concorrência em Roma da movimentação de um monge abexim, Tesfá Sion ou Pedro Malzabé, chegado com Bermudes em 1537, que visava o envio de um patriarca à margem do rei português¹⁶⁵. Assim, apenas em 1554 é nomeado o português João Nunes Barreto como Patriarca católico da Etiópia e dois bispos auxiliares e sucessores (indiferente ao facto de na época a Etiópia ter o seu próprio patriarca da igreja copta egípcia, vindo de Alexandria,¹⁶⁶) sendo constituída a diocese da Etiópia pela Bula Papal de 27 de Janeiro do mesmo ano¹⁶⁷.

¹⁶² Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 37-38

¹⁶³ *Vide, Ibidem*, pp. 40-42

¹⁶⁴ Cf. Nuno da Silva Gonçalves, «Inácio de Loyola, D. João III e a missão da Etiópia» in, *Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, Actas do Congresso Internacional de História, Vol. II- África Oriental, Oriente e Brasil, Braga, Universidade Católica, [1993], pp. 91/93 e Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 51/53

¹⁶⁵ Cf., Francisco Rodrigues, *op. cit.*, p. 573; *vide supra*, p.27

¹⁶⁶ Hervé Pennec, *op. cit.*, pp.85-86

¹⁶⁷ Caio Boschi, «Estruturas eclesíásticas e Inquisição- Os Bispados», in, Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol II., quadros I e II, pp. 433-434

Estabelece-se uma estratégia de conversão a levar a cabo que parte do próprio Inácio de Loyola (instruções redigidas a João Nunes Barreto de 1554 e 1555¹⁶⁸); estas reflectem um considerável conhecimento da realidade etíope provavelmente através dos relatos portugueses ou da presença de peregrinos ou emissários abexins em Roma (onde o Papa lhes concedera mesmo uma sede para a sua comunidade, a igreja de Santo Stefano dei Mori ou dei Indiani ¹⁶⁹). As directivas de Loyola visavam a conversão do imperador a quem se atribuí, segundo a tradição, a autoridade espiritual, à qual se seguiria a da restante população, com especial incidência no clero, substituindo-se paulatinamente o modelo copta pelo católico romano de uma forma gradual e suave¹⁷⁰, partindo do pressuposto da vontade de submissão do monarca da Abissínia à Igreja de Roma¹⁷¹

Mas primeiro é necessário verificar a situação de facto e, no ano de 1555 são enviados à corte abexim, a partir de Goa, dois membros da Companhia, o P. Gonçalo Rodrigues e o irmão Fulgêncio Freire, e um militar português que havia pertencido ao contingente de 1540, Diogo Dias. Os resultados são frustrantes: o imperador abexim, Glaudêus/ Atanaf Çaguêd não demonstra o mínimo interesse em abandonar o seu credo tradicional, como refere Gonçalo Rodrigues numa carta que remete no regresso a Goa para os seus companheiros portugueses¹⁷². Enquanto permaneceu na Etiópia, redigiu o *Tratado em que se mostrava pela decisão dos concílios, e autoridade dos Santos Padres a Primazia da Igreja Romana contra os erros scismaticos dos Abexins*, destinado ao pouco interessado imperador, impressa em Goa em 1560¹⁷³. A tónica das notícias sobre a Etiópia centra-se agora na questão da heresia religiosa.

O Patriarca designado chega a Goa em 1556, com um grupo de missionários, que inclui os coadjutores Belchior Carneiro, ordenado bispo de Niceia e o castelhano, André de Oviedo, antigo reitor do Colégio de Nápoles e ordenado bispo de Hierópolis. Mas face à situação pouco favorável, o grupo é refeito: o patriarca não partirá de Goa (onde, aliás, virá a falecer em 1562 sem ter jamais pisado solo etíope) e, em 1557 partem de Goa cinco missionários (cinco padres portugueses, Manuel

¹⁶⁸Vide Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 63-71 e Nuno da Silva Gonçalves, *op. cit.*, pp.95/100

¹⁶⁹ Vide, Nuno da Silva Gonçalves, Universidade Católica Portuguesa, *op. cit.*, pp. 95/96

¹⁷⁰ Vide, Hervé Pennec, *op. cit.*, pp.63/71e 228

¹⁷¹ *Ibd.*, pp. 73/74 e 307

¹⁷² Pais cita a carta a partir da compilação na edição do p.e Fernão Guerreiro, *op. cit.*, Vol II, pp.266-271 e Hervé Pennec, *op. cit.*, pp.87/88

¹⁷³ Vide., Manuel Cadafaz de Matos, *op. cit.*, p. 20

Fernandes; Gonçalo Cardoso; António Fernandes; Francisco Lopes e o castelhano, P.e Gonçalo Gualdamez) chefiados por D. André de Oviedo¹⁷⁴.

Como se receava a sua coexistência com o novo imperador, Minâs / Adamâs Çaguêd, não será fácil¹⁷⁵, e o bispo abandonará a corte etíope dois anos depois da sua chegada¹⁷⁶. Levantado o degredo é-lhe permitida a instalação de uma residência (sede de missionação e actividade dos membros da Companhia) no reino de Tigré, onde permanecerão com poucos contactos com a corte assim como com a arquidiocese de Goa, onde não chegarão notícias suas até 1560.

A Etiópia havia “engolido” a pequena missão, à qual se juntaram alguns dos sobreviventes e descendentes dos soldados de D. Cristóvão da Gama, que compõem a pequena comunidade católica portuguesa¹⁷⁷. O Papa solicita a partida de Oviedo para a missão do Japão em 1566, mas o Bispo recusa-se a partir abandonando os católicos que dispersos no território procura reunir no reino de Tigré. Oviedo instala-se na missão em Fremona¹⁷⁸, «(...) lugar tão desamparado das cousas humanas (...), situada ao longo de hu mato onde não avia mais q bestas feras.»¹⁷⁹ O patriarca, retido na Índia, envia então o irmão Fulgêncio Freire e um jovem abexim educado no colégio de S.Paulo, João, na tentativa de alcançar a missão etíope (c.

¹⁷⁴ «(...) ouve m.tas consultas assi do Patriarcha com os P.es, como do Viso Rey com os de seu Cons.º, e cõ os mesmos P.es (...) porq avião por cousa de mº pouca authoridade do Papa, e da Stª Sé Apostólica vir da sua p.e hua tam grande dignidade a Emp.or scismatico, e não aver de ser recebido delle como convinha, e tambem pello grande agravo, q (...) fazia a ElRey de Portugal, q sua petição fora medianeiro cõ o Papa (...) pelo q assentarão, q o Patriarcha D. João Nunes sobrestivesse cõ sua vinda, e q se deixasse estar em Goa, e q entretanto viesse diante a Ethiopia o P.e Bpo. Andre de Oviedo com çinco Comp.ºs pera q conforme ao q achasse, e fosse recebido do Emp.or avisasse a India pera com isso se resolver a vinda ou ficada do Patriarcha.», Pais, Vol II, pp.271-272

¹⁷⁵ Com base em testemunhos da época Pais refere o seguinte episódio: «(...) o Emp.or scilicet Adamâs Çaguêd) (...) o mando chamar [ao Patriarca] e o reprehendeo cõ m.tª indignação (...). Avisaivos q daqui por diante não entendais mais q cõ os vossos, nem ensineis vossa doutrina a minha gente. Ao q o S.tº respondeo com grande liberdade de espírito dizendo: O q eu faço he meu officio; este por nenhu respeito o hei de deixar de fazer e einar a todos os q me quiserem ouvir (...) ainda q me custe a vida. O mau Emp.ºr (...) se acendeo em tanta ira, e furor q com grande agastamento lhe chamou m.tos nomes e m.tªs injúrias; (...) , e com tanto furor arremeteo a elle, q travando lhe da roupa lha rasgou(...)», Pais, *op cit.*, pp.297-298

¹⁷⁶ «(...) [o imperador] o mandou degredar juntam.te com o P.e Fr.co Lopes (...) pera hus montes muy altos e tão asperos e esteriles, q quasi ningue morava nelle, e lhes mandou sob pena de morte, q se não deçessem daly (...)» *ibid.*, p. 298

¹⁷⁷ Segundo Girma Beshah e Merid Wolde Aregay, Oviedo ter-se-ia envolvido na política interna etíope, apoiando opositores ao rei e tentando obter ajuda militar portuguesa, em vão. Por fim conseguiu-se a paz interna, firmando os próprios descendentes dos portugueses o seu apoio ao imperador, recuperando seus antigos privilégios, ficando Oviedo isolado com o seu pequeno grupo em Fremona. *Vide, The Question of the union of the Churches in Luso-Ethiopian relations (1500/1632)*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar e Centro de Estudos Ultramarinos, 1964, pp. 66/68

¹⁷⁸ O seu nome teria origem no primeiro bispo da Etiópia, Frumêncio, do século IV d.c., segundo a tradição. Constitua uma forma de legitimação da presença jesuíta e católica na região segundo Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 154,159

¹⁷⁹ Pais, *op cit.*, p. 335

1563). Mas estes são capturados na cidade árabe de Mocca e enviados para o Cairo, de onde conseguem enviar notícias a Arquico, na costa etíope¹⁸⁰.

É a época da discussão entre o método pacífico de conversão e a utilização da força militar¹⁸¹, prevalecendo a primeira via. A ideia de repatriação da missão jesuíta isolada numa zona de difícil acesso também é abandonada¹⁸². Assim esta sobrevive em precárias condições, tal como refere Pais, citando o testemunho de uma carta de outro missionário, Manuel Fernandes de 1566¹⁸³. Além do mais o cerco turco aperta-se: por essa época as forças turcas ocupam os portos etíopes do mar Vermelho e aumentam a pressão a norte, face à ausência portuguesa nessa zona. O pequeno grupo católico está à mercê das incursões turcas no reino de Tigrê¹⁸⁴.

A população local acaba por respeitar o seu estilo de vida despojado, subsistindo a missão das suas esmolas. O estilo cenobítico é sublinhado por Pais :

«A casinha, onde morava, era redonda e m.tº estreita, e sem repartimento nenhu; a parede de pedra e barro tão baixa, q levantando eu a mão, quasi chegava ao alto della. (...) O vestido veo a ser tão pobre, q não tinha senão hu pano baixo com q se cobrir. O pão, q comia era de hua semente vermelha desabrida (...) mantimento mais de passarinhos, q de homens (...). As iguarias, q o S.tº com isto comia erão ervas cozidas m.tºs vezes só com agoa e sal (...)»¹⁸⁵.

Os seus companheiros «Quasi sempre andavão por serras, e caminhos m.tº asperos, de huas partes a outras ensinando, e sacramentando aos Portugueses e catholicos, q estavam em partes muy distanttes (...)»¹⁸⁶, sofrendo ataques dos gentios, dos Turcos e de ladrões indiscriminados, que tudo lhes tiravam e por vezes

¹⁸⁰ Ali parecem ter recebido uma carta do missionário P.e Manuel Fernandes, reenviada para Roma. Terão sido resgatados dois anos depois por dois enviados do Papa Pio IV, a cargo do embaixador português em Roma. Vide, Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Vol II, Damião Peres (dir. nova ed.), Porto / Lisboa, Livraria Civilização, 1968, nota 8 p. 292

¹⁸¹ Pais treslada o seguinte passo da carta de D. André de Oviedo ao Papa: « Quanto a ter melhor esperança de redução de gente de Ethiopia a Igreja Catholica, sem duvida a tenho, se da India se mandarem a esta terra 500 ou 600 soldados Portugueses, como sempre esperamos, conforme ao q lá se tratou ante q eu pera cá viesse.» Pais, *op cit.*, p.303

¹⁸² Vide Hervé Pennec, *op cit.*, pp.100-102; segundo a mesma carta de Oviedo citada acima : «(...) mas, (...) se outra cousa se ordenar, ou El Rey de Portugal não fôr servido mandar o socorro de soldados (...), V. Santidade lhe escreva q mande pello menos hua armada grande, q baste pera recolher todos os catholicos, q aqui se acharem (...)». Pais, *op cit.*, Vol. II, p. 306

¹⁸³ «Achamos [o referido padre, Gonçalo Cardoso e o irmão Manuel Fernandes que missionavam no interior] o P.e Patriarcha posto em hu tão baxo e abjecto estado q vello he magua ; e agora ficamos negociando algua junta de bois, pera ver se lavrando podemos remediar nossa pobreza.» *Ap. ibd.*, p.320

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 321

¹⁸⁵ *Ibid.*, pp.321-322

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 339

os agrediam¹⁸⁷. Os membros da missão na Etiópia irão morrendo sem alcançar grandes êxitos; Guldames falece em em 1562, morto pelos turcos quando procurava levar notícias da missão à Índia; Cardoso foi morto por ladrões em viagem em 1575; por sua vez D. André de Oviedo falecerá de doença em 1577; substitui-o Manuel Fernandes que morrerá de febres em Fremona em 1585¹⁸⁸.

Contudo a missão de evangelização continua a ser matéria grata aos monarcas da Coroa portuguesa. Tal é o caso do bisneto dos reis católicos, Filipe II de Espanha. Enquanto rei da monarquia dual peninsular continua a apoiar o esforço evangelizador no império português, que se mantém distinto do reino espanhol¹⁸⁹. Assim a partir de 1587, Filipe II, retoma a ideia de aliança cristã contra os turcos, apoiada no factor religioso, e até numa possibilidade de comércio, estrangulada pelos muçulmanos¹⁹⁰. Sob instâncias do rei junto do vice-rei da Índia, o provincial jesuíta de Goa deve retomar as missões.

Seguem-se novas tentativas falhadas para alcançar a terra abexim como a do P.e André Guldames e de Marco Fernandes, que tentam passar pela “cortina turca” disfarçados. Traídos em Maçua, são executados em 1564.

Neste difícil contexto encontramos o nosso segundo autor, o P. jesuíta, Pêro Pais. De origem castelhana, Pais, foi enviado muito jovem para a Província portuguesa de Goa, onde a missão evangelizadora se sobrepôs à formação e em 1589, pouco depois da sua ordenação, parte rumo à Etiópia com o P.e António de Monserrate. Mas esta viagem salda-se igualmente em fracasso. São capturados nas costas do Mar Vermelho e serão mantidos prisioneiros durante sete anos em vários locais da Península Arábica, até serem resgatados como veremos no capítulo seguinte.

Porém durante o cativeiro dos dois jesuítas, a Companhia e o rei não desistiram do seu intento e as tentativas de alcançar a terra do Preste, cada vez mais bloqueada pelos turcos e dilacerada por lutas internas, continua. O P.e António Fernandes, um dos dois últimos resistentes da missão de D. André de Oviedo, falece em 1593, restando apenas um último padre na missão: Francisco Lopes, já de idade avançada. É escolhido desta vez o P.e Abrão de Georgis, um membro nativo,

¹⁸⁷ *Ibd.*, p.339

¹⁸⁸ *Ibd.*, pp.340-343

¹⁸⁹ *Vide* Fernando Bouza, *D. Filipe I*, Lisboa, Círculo de Leitores, [2005], pp. 150155

¹⁹⁰ *Vide*, Hervé Pennec, *op. cit.*, pp.102-104

oriundo de Alepo, preparado na Europa e conhecedor das línguas locais¹⁹¹, e detendo os traços fisionómicos da região, o que lhe dava maiores probabilidades de passar entre os mouros. Parte em 1595 disfarçado de mercador, mas é denunciado e não escondendo a sua religião e recusando abjurar a sua fé¹⁹², acaba por ser decapitado em Maçua alguns meses depois. Também os últimos padres da missão desaparecem: António Fernandes morreu também de doença em 1593 e, em 1597 é a vez de Francisco Lopes¹⁹³. A comunidade católica da Abissínia está desamparada.

O próximo missionário, proposto pela acção concertada do Principal da Companhia de Jesus, do Arcebispo de Goa, D. Aleixo de Meneses e do Vice-rei, D. Francisco da Gama, é o P.e Melchior da Silva, um brâmane convertido, que pela sua tez e conhecimentos da línguas locais não levantaria suspeitas¹⁹⁴. E desta vez consegue alcançar a comunidade católica no reino do Tigré, que ameaça diluir-se e continuar o trabalho da missão¹⁹⁵.

Por essa época, encontramos novamente o P.e Pêro Pais a caminho das costas etíopes que alcançará disfarçado de mercador arménio. A Etiópia e a sua missão tornar-se-ão a sua “casa“ e ali permanecerá, em trabalho evangélico (será nomeado superior da missão), até ao fim dos seus dias em 1622. O epílogo da sua obra será o crescimento da missão católica na Etiópia: o número de membros aumenta a partir de 1624 (20 ou 22 membros entre 1628 e 1632 segundo H. Pennec¹⁹⁶); as suas residências também se multiplicam (entre 11 e 13 em 1625/1630¹⁹⁷) assim como o número de igrejas católicas de pedra construídas (9 igrejas de 1624 a 1628¹⁹⁸).

Além do mais cumpre o velho sonho de conversão de dois imperadores: Za Denguil / Atanâf Çaguêd, cedo deposto e morto em batalha e Suzeneos / Seltan

¹⁹¹ «(...) nomeou o P.e Provincial da Índia ao P.e Abraham de Georgis Maronita de nação, q de Roma foi mandado para a Índia (...), Pais, *op cit.*, p. 409

¹⁹² «Teve aqille Capitão preso ao P.e alguns dias, persuadindo lhe q se fizesse mouro (...). Respondeo q não gastasse tempo nisso, q se não avia de fazer mouro, q a ley de Mahamed não valia tanto como o seu çapato. Indignousse grandem.te o Capitão cõ esta resposta; e mandou q o levassem fora da povoação a hu pequeno campo q está na Ilha e q lhe cortassem a cabeça.», *Ibd.*, p. 411

¹⁹³ *Ibd.*, pp. 343-345

¹⁹⁴ «(...) achouse hu m.tº virtuoso e letrado de casta Bramene, por nome Belchior da Silva, q de menino se creara no seminário, q os P.es da Comp.^a tem em Goa(...)», Pais, *op cit.*, Vol III, p. 12

¹⁹⁵ «(...) e porq os Portugueses e catholicos estão muy espalhados em civersos e distantes reynos, padeceo m.tºs trabalhos em os caminhos q são muy asperos, e sempre andava de huas p.tes a outras pera os confessar e doutrinar, sem ter descanso em seis annos q andou em Ethiopia, (...)», *ibid.*, p. 13

¹⁹⁶ Hervé Pennec procedeu a um levantamento e estudo, inclusive em termos quantitativos das trajectórias, perfis e implantação do pessoal missionário jesuíta na Etiópia, *vide, op cit.*, p. 115 e ss.

¹⁹⁷ *Ibd.*, p.159

¹⁹⁸ *Ibd.*, p.174

Çaguêd, que acabará por impor o catolicismo como religião oficial. A actividade do P. Pais marca, pois, a época de ouro da missão católica na Etiópia.

Entretanto a Europa continua a ser informada dos sucessos etíopes, desta vez pelos membros da Companhia de Jesus. Já sublinhámos anteriormente a importância do exercício da escrita para os jesuítas, assim como a obrigatoriedade do envio de correspondência, e a prática do seu posterior agrupamento e edição. O P.e Fernão Guerreiro procedeu à sua compilação e agrupamento por regiões, sendo impressa a relação respeitante à Etiópia em 1611.

No entanto outro tipo de obras aparecem num quadro de rivalidade sobre territórios a evangelizar e propaganda entre as ordens religiosas, especialmente entre Jesuítas e Dominicanos. Uma dessas obras, inserindo-se na questão da “divisão” entre as suas zonas de influência do território que hoje é Moçambique, será a heterogénea obra de Fr. João dos Santos, *Etiópia Oriental*, publicada no Convento de S. Domingos de Évora em 1609. No entanto esta refere-se ao conceito geográfico clássico em que Etiópia designa todo o continente subsaariano. As informações sobre a Etiópia, A Alta, ainda identificada como terra do *Preste*, não são o fulcro do seu trabalho (sendo território exclusivamente jesuíta), embora a ela faça também referências. Para tal o autor socorre-se de informações em segunda mão de viajantes naturais da terra, de um mercador italiano que lá vivera, um certo Jerónimo Querubim, confirmadas pelas obras de Álvares e Bermudes¹⁹⁹.

Bem mais polémica revelar-se-ia a obra impressa em Valência, em 1610 por outro dominicano, o teólogo Fr. Luís de Urreta, a *Historia Ecclesiastica, Politica, natural y moral de los grandes y remotos Reynos de la Etiopia, Monarchia del Emperador llamado Preste Juan de las Indias*. Esta obra retoma as visões utópicas de uma terra fabulosa, plena de lendas e factos incríveis, além de sublinhar a sua obediência a Roma na prática da religião católica. «Os padres jesuítas, que detinham o exclusivo da missão católica numa Etiópia que descreviam como herética (...), reagiram fortemente a esta obra que questionava a legitimidade da sua presença ali.»²⁰⁰. Instala-se a necessidade de refutação de uma obra plena de inexactidões, elaborada por um homem que nada sabia e nem sequer se informara correctamente

¹⁹⁹ .Vide, Manuel Lobato, «Introdução» in, Fr. João dos Santos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, pp.10-28

²⁰⁰ «Textos e mapas europeus sobre a Etiópia dos séculos XVI –XVII», *De fora, Da terra- Presença Jesuíta na Etiópia do século XVII*, Secção Profissional de estudos do Património (Núcleo de estudos Etíopes da Sociedade de Geografia de Lisboa (org.), Exposição na Universidade do Minho, Braga, Novembro de 2005 [on line] disponível em <http://pwp.netcabo.pt/patrimonio.sgl> (acesso em 27 de Novembro de 2005)

da realidade etíope (a fonte de informação teria sido um certo João Baltasar, viajante abexim na Europa) e «(...) fortemente dependente do imaginário medieval da *Carta do Preste João* [que] pretendia sugerir que a missão dominicana (...) tinha precedido a da sociedade de Jesus em mais de meio século.»²⁰¹. Este último aspecto é reforçado na obra publicada subsequentemente, pelo mesmo autor, *Historia de la sagrada Orden de los Predicadores, en los remotos Reynos de la Etiopia*, de 1611.

Por conseguinte, os padres da Companhia lançam mãos à obra. Assim surge em apêndice à edição das cartas referentes ao Oriente de 1607 e 1608 do P.e Fernão Guerreiro, a *Adição à relação das coisas de Etiópia, com mais larga informação delas, mui certa e mui diferente das que seguiu o Padre Frei Luís de Urreta, no livro que imprimiu da História daquele Império do Preste João*, sob a égide do geral da ordem, Claudio Aquaviva²⁰².

A obra do valenciano terá irritado fortemente as fileiras jesuítas, porque a polémica se prolonga. Em 1615 o P.e Nicolau Godinho publica uma outra refutação, *De Abassinorum Rebus*. Por sua vez, na introdução das *Décadas* de Couto, Manuel Severim de Faria, na «Vida de Diogo de Couto», refere que teria sido pedida igualmente ao autor uma resposta a Urreta, redigida no final da vida de Couto²⁰³.

Mas a mais completa e sistemática rectificação da fantasia composta por Urreta, está contida na abrangente obra do já nosso conhecido Pêro Pais, *História de Etiópia*. Mas a obra ultrapassa largamente este aspecto, transmitindo grande quantidade de informação sobre a Etiópia. A história de Pais ficaria inédita até ao século XX remetida aos arquivos da ordem e não conhece traduções noutras línguas, como veremos no próximo capítulo.

Após a morte de Pais, chefia a missão o seu companheiro António Fernandes. Em 1626 é enviado um novo patriarca, o menos hábil e estimável P.e Afonso Mendes e verifica-se a institucionalização (forçada) do catolicismo. No entanto as convulsões internas provocadas pela conversão do imperador Suzeneos/Seltan

²⁰¹ Manuel João Ramos, *op cit.*, p. 249

²⁰² Vide, Hervé Penneç, *op cit.*, pp. 245-246

²⁰³ «Este zelo da honra da patria lhe fez escrever hum livro, contra o que compoz o P. Fr. Luiz de Urreta Dominico, da historia, e policia do Reyno da Ethiopia (...), no qual o Padre com a pouca noticia que tinha do Oriente, e sem ler as historias da India, nem deste Reyno, (como quem escreve entre os bosques , e delicias de Valencia, sem ver mais que hum só homem, que o informou, e a quem creio) disse muitas cousas contra toda a verdade da historia, sendo todo o seu livro huma obra fabulosa, e temeraria. E posto que os Padres Fernão Guerreiro, e Nicoláo Godinho da Companhia tinham respondido ao P. Urreta com particulares Apologias; os mesmos Padres da Companhia de Goa pediram a Diogo de Couto respondesse também pela honra deste reyno, o que elle fez, estando já quasi com o corpo na sepultura, mas com tanto vigor de animo (...). Este livro trouxeram os Padres da India ao arcebispo de Braga D. Fr. Aleixo de Menezes per ordem de seu Author.», Manuel Severim de Faria, «Vida de Diogo de Couto» in , *Da Asia de Diogo do Couto – Década quarta Parte Primeira*, Lisboa, Régia Officina Typografica, 1778, pp.XVII e XVIII

Çaguêd (o amigo de Pais) e pela dura imposição das novas regras religiosas decorrentes da adesão ao credo romano, provocam revoltas do clero local e da população. Violentemente reprimidas, conduzem à guerra civil. Sem apoio efectivo da coroa portuguesa, o imperador recuará em 1632, retomando os milenares ritos. Suzeneos morrerá pouco depois; o seu herdeiro, Fasiladas acabará por expulsar os incómodos jesuítas.

O grupo que regressa a Goa será aprisionado pelos turcos, sendo resgatados aos poucos. Os que se negam a sair de território etíope serão presos e executados, como o sucessor do patriarca, Apolinário de Almeida, Francisco Rodrigues, Giacinto Franceschi²⁰⁴ e outros, engrossando o panteão dos mártires da Companhia. Apesar dos esforços a missão falhou. Rodeada pelo Islão a Abissínia encerrar-se à num longo isolamento face ao Ocidente e rejeitará posteriores tentativas de aproximação.

A obra não publicada de Pais torna-se, no entanto, fonte de informação e ponto de partida de outras histórias da Etiópia. A rescrita da sua obra pelo P.e Manuel d'Almeida entre 1632 e 1646, iniciada na Etiópia (onde chegara em 1624) e concluída em Goa, já após a expulsão de 1633, dá origem à *Historia de Ethiopia a alta ou Abassia, Imperio do Abexim, cujo Rey vulgarmente he chamado Preste João...*, que procura apagar os traços de polémica contra Urreta, seguindo assumidamente, quanto aos factos e descrições, a obra do seu predecessor. No que a Fr. Luís Urreta diz respeito, a sua refutação é feita num anexo encontrado junto a um dos manuscritos existentes²⁰⁵. A obra de Almeida, enviada para Lisboa c. de 1646, não foi igualmente do agrado da Inquisição, não sendo impressa até ao início do século XX, quando Beccari a edita na sua colecção *Rerum Aethiopicarum scriptores occidentales inediti a saeculo XVI ad XVII* (tomos 5 a 7)²⁰⁶, assim como a de Pais.

Segundo Manuel João Ramos a escrita dos jesuítas que «(...) pareceu ter sido sujeita a um prolongado processo censório por parte da Inquisição portuguesa, no interior de cujas estruturas a ordem dominicana ganhou uma renovada influência durante o reinado de Filipe II.»²⁰⁷

²⁰⁴ Vide, Fortunato de Almeida, *op cit.*, p. 695

²⁰⁵ Em relação aos três manuscritos existentes (no British Museum; Biblioteca Nacional de Lisboa, ao que parece em mau estado e na School of Oriental and African Studies – SOAS, em Londres) e suas características Vide, Hervé Pennec, *op cit.*, pp. 260-263

²⁰⁶ Vide., *Ibidem.*, pp.260, 268-269

²⁰⁷ Manuel João Ramos, *op cit.*, p. 248

Outros autores, antigos missionários, continuam a redigir, aproximadamente na mesma época, obras referentes à terra do *Preste*,²⁰⁸:o P.e Manuel Barradas compõe *Tratado primeiro- Do Estado da Santa Fé romana em Ethiopia quando se lançou o pregão contra ella; Tratado segundo- Do Reyno de Tygrê e seus mandos em Ethiopia; Tratado terceiro Da cidade e fortalezas de Adem*, concluído já após a expulsão (1634), que envia em 1635 a Manuel Severim de Faria e, igualmente apenas publicado por Beccari. Diogo Barbosa Machado refere ainda uma *Descrição da Ethiopia em que relata a causa da sua Rebelião e Apologia contra Fr. Luiz de Urreta da Ordem dos Pregadores sobre o que escrevera do Imperio da Ethiopia*²⁰⁹.

O sucessor de Pais, António Fernandes encarregar-se-à de elaborar um catálogo de erros teológicos dos etíopes, entre 1610 e 1621, obra essa que será traduzida para geez (*Magseph Assetat idest Flagellum mendaciorum contra libellum Aethiopicum*) e impressa na tipografia do colégio de S. Paulo para ser enviada para a Etiópia em 1642, já depois da expulsão da Companhia de Jesus²¹⁰.

Também o patriarca, Afonso Mendes redige uma obra em latim, *Expeditiones Aethiopiae Patriarchae Alphonsi Mendesi et Societate Lusitani, libri tres et actuarii libri quarto* sobre a sua estadia na Etiópia, enviada em 1651 ao Geral da Companhia, Francesco Piccolomini²¹¹ que também permanecerá inédita até ao século XX²¹², sendo igualmente publicada por Beccari na colecção referida. Anteriormente havia redigido *Carta do Patriarcha de Ethiopia Dom Afonso Mendez escrita de sua propria mão ao muyro reverendo Padre Mutio Vileschi Preposito Geral da Companhia de Iesus; na qual se contem o que Sua Illustrissima Senhoria, com os demais padres da Companhia que andão naquelle grande imperio fizerão de serviço de Deos, & bem das almas, o anno de 1629*, impressa em Lisboa por Mateus Rodrigues em 1631.

²⁰⁸ Já em 1628 fora editada em Lisboa uma compilação com base nas cartas dos jesuítas de 1624 a 1626, feita pelo P.e Manuel da Veiga, sob o título *Relaçam Geral do Estado da Christandade na Ethiopia*. Vide, Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Vols 1 a 23, Ophir, Biblioteca Virtual dos Descobrimientos Portugueses, nº 9, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001 [CD-Rom] e J. V. Serrão, *A Historiografia Portuguesa*, Vol. II, Lisboa Verbo, s.n., pp.294/295

²⁰⁹ Vide, «Padre Manuel Barradas» in, Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Vol. III,1741/1752 .Ophir Biblioteca Virtual dos Descobrimientos, nº 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/Biblioteca Nacional, s.d. [CD-ROM]

²¹⁰ Obra referida por C. R. Boxer, *A Igreja e a Expansão Ibérica*, nota 17 « Interacções culturais» in *op cit.*, p.62 e por Hervé Penneç, *op cit*, p. 266

²¹¹ Vide, «P.e Afonso Mendes » in, Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Vol. I

²¹² Cf., Diogo Ramada Curto, «As Cristandades no Oriente» in *História da expansão portuguesa...*, volIII, pp. 469-477 e Luís Graça, «Os Portugueses na Etiópia» in *Portugal no Mundo*, vol. III, pp.135-142

Por sua vez o missionário jesuíta, P. Jerónimo Lobo, na Etiópia entre 1625 e 1634, redige um *Itinerário* após a sua expulsão, por volta de 1640, onde relata as suas viagens e estadia no Oriente (entre elas a tentativa de retomar o velho trajecto de ligação a Melinde em 1625), e inclui vários capítulos sobre a história e características da Etiópia, além da clássica história da expedição molitar de D. Cristóvão da Gama e a questão das nascentes do Nilo. Segundo a opinião do P. M. Gonçalves da Costa, responsável pela edição crítica da sua obra no século XX, Lobo baseia-se na sua experiência e em testemunhos contemporâneos, com excepção da descrição das fontes do Nilo, em que recorre à obra de Pais ²¹³. Mas na época também não verá a sua obra publicada, fosse pela falta da retórica barroca, ao gosto literário da época, fosse por inimizades pessoais ou institucionais, ou diferendos dentro da Companhia quanto à publicação de obras.

No entanto graças aos seus contactos com a Royal Society de Londres, através do enviado especial à corte portuguesa, Sir Robert Southwell, para o qual comporá dois pequenos tratados (*Breve Relação do Rio Nilo...* e *Discurso das Palmeiras...*), que conhecerão tradução inglesa com várias reedições e igualmente versões francesas e alemãs, italianas e holandesas, uma parte da sua obra será conhecida durante o final do século XVII e XVIII.

Por outro lado, um novo manuscrito teria sido terminado em 1668, e, objecto da curiosidade por parte do secretário do enviado francês, Joaquim Le Grand, foi traduzido para o francês e publicado em 1728. Versão essa, que traduzida para inglês por Samuel Jonhson, em 1735, conhece várias publicações até ao século XIX. Será também traduzida para alemão por T. F. Ehrmann e publicado em Zurique em 1793. No entanto o manuscrito original e completo permanecerá inédito até ao século XX, sendo editado em português apenas em 1971 ²¹⁴.

Apenas uma obra centrada na Etiópia é publicada no século XVII: uma terceira rescrita de Pais e de Almeida, levada a cabo pelo P. Baltasar Teles, filósofo, teólogo e historiador da Companhia (e que nunca fora à terra abexim), que decide ou é encarregado pelo geral da Companhia em Roma ²¹⁵ de resumir e refazer as obras anteriores na sua *Historia Geral da Ethiopia, a Alta, ou Preste João e do que n'ella*

²¹³ Vide, M. Gonçalves da Costa, « Introdução » in, Jerónimo Lobo, *Itinerário e outros Escritos Inéditos*, ed. crítica, Porto, Livraria Civilização, 1971, pp.105/110

²¹⁴ O seu editor, P.e M. Gonçalves da Costa refere a sua descoberta na Biblioteca Pública de Braga em 1947. Vide, *ibid.*, p.110; quanto às traduções vide pp.125/128; para os Manuscritos da Royal Society vide, pp. 663/670

²¹⁵ Cf., J. V. Serrão, *op cit.*, p. 297

obraram os Padres da Companhia de Jesus..., impressa em Coimbra em 1660, com traduções em francês e inglês ainda no mesmo século, «(...) onde conjuga as informações etnográficas e históricas de missionários como os P.e Pêro Pais e P.e Manuel de Almeida, com a retórica anatemizadora dos enviados pontificais André de Oviedo e Afonso Mendes.»²¹⁶.

A obra contém um mapa preciso da Etiópia, já patente na obra de Manuel d'Almeida, que reduz a representação do território etíope a limites mais precisos, certamente elaborado por um membro da missão, divulgando na Europa a verdadeira dimensão geográfica da terra do Preste²¹⁷.

É o fim de um ciclo. Das imagens fabulosas do país do rei sacerdote, repositório de esperanças cristãs, chegamos à imagem da Etiópia ou Abissínia, território concreto, que com o *Preste João* mantém apenas uma ténue ligação, de nomenclatura.

²¹⁶Manuel João Ramos, «O destino etíope do Preste João...» in, *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens*, p.174

²¹⁷ Já em 1848 Charles T. Beke refere a importância desta carta apesar de não estar isenta de erros e imprecisões: «Leur Carte d'Abyssinie, envisagée dans son ensemble, est substantiellement exacte par rapport aux positions relatives des provinces(...) du cours des rivières et de la situation topographique des villes principales.», que os viajantes subsequentes apenas tiveram de precisar, Charles T. Beke, «Mémoire justificatif en Réhabilitation des Pères Pierre Paez et Jérôme Lobo...» in, *Bulletin de la Société de Géographie*, Primeira Secção, Março de 1848, p. 186. Por sua vez Kurt Krause em 1913 sublinha a evolução que ela representa em relação a cartas do século XVI, salientando a correcta sinalização do mar Vermelho e do desenho da linha de costa; a indicação das províncias e rios, com clara localização das residências jesuítas, o que é igualmente, sublinhado por Hervé Penneç, Cf., Kurt Krause, «Os Portugueses na Abissínia...» in, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1ª Parte, nºs 11-12, 31ª Série, Novembro- Dezembro de 1913, pp. 388/389 e Hervé Penneç, *op cit.*, pp. 141/142

Capítulo II- P.e Francisco Álvares e P.e Pêro Pais : Percursos e obras

«(...) eu sei esta terra melhor que nenhum natural dela(...)»

Francisco Álvares, *Verdadeira Informação...*

Descubramos agora um pouco mais sobre os autores e as obras que constituirão o núcleo do nosso trabalho, depois de os termos referido brevemente nas conjunturas coevas e e os situar no conjunto de autores de língua portuguesa que abordaram a temática etíope. Tentaremos perceber quem eram Francisco Álvares e Pêro Pais, o seu percurso e a sua formação, a partir dos poucos vestígios que deles perduraram, privilegiando o testemunho que nos chega a partir da sua escrita, face à escassez de notícias biográficas sobre ambos, inferindo algumas características suas da leitura das suas experiências e reflexões, por eles relatadas e registadas.

Tentaremos, igualmente, averiguar qual a importância das suas obras nos seus contextos epocais; as condições e motivações da sua redacção, suas características intrínsecas, quanto à sua estruturação, particularidades da escrita, utilização de fontes e dos sistemas de referência usados nas descrições, procurando entender o horizonte cultural dos autores. Intentamos desvendar as marcas da época e dos autores nas respectivas obras, além dos objectivos nela corporizados e o seu destino até chegarem às nossas mãos.

1- Francisco Álvares e Pêro Pais: Suas Vivências e *Escritas*

Começamos então por tentar traçar o percurso biográfico dos autores, inserindo-os nas conjunturas das suas épocas, especialmente no que se prende com a produção das suas obras. Obras essas das quais retiraremos uma boa parte dos dados referentes às suas andanças, das quais nos deixaram testemunhos na sua escrita. Quanto aos restantes dados, socorrer-nos-emos do rasto que outros autores lhes poderão traçar através da consulta de documentos coevos.

1.1 . P.e Francisco Álvares : Um clérigo curioso na embaixada ao *Preste*

«(...) estivemos nessa terra seis anos seguidos, durante os quais pude saber uma grande parte das terras, reinos e senhorios do dito Preste João, e seus costumes e práticas, a uns por os ver, outros por ouvir falar a quem os conhecia bem.»,
Francisco Álvares, Prefácio incluído na obra de Ramusio, ap. Jean Aubin, *Le Latin et le Astrolabe* (adaptado)

O nosso primeiro autor, o P. Francisco Álvares, segundo a maior parte dos autores que sobre a sua vida se debruçaram, teria nascido cerca de 1490²¹⁸ em Coimbra²¹⁹. Pouco se sabe da sua origem. Era clérigo secular e beneficiado²²⁰ da Igreja de Santa Justa de Coimbra. Provavelmente estava próximo dos círculos da corte, pois o rei escolhe-o para capelão da já referida embaixada enviada ao reino do

²¹⁸ Embora o autor no decorrer da Embaixada se assumia como velho numa entrevista com o Preste: « (...) mandei-lhe dizer que houvesse Sua Alteza dó de um velho (...)», F. Álvares, *op. cit.*, p. 238, passagem em que C. F. Beckingham se apoia para pôr em dúvida esta data. Cf., C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, London, Variorum Reprints, 1983, p.3

²¹⁹ Esta cidade é geralmente aceite como local de nascimento de Álvares, segundo o testemunho de Gois *Ap.,Ibd.* No entanto num prefácio da sua autoria incluso num manuscrito da Biblioteca do Vaticano (Ottob. 1104) refere como local de naturalidade o “castelo de Franchosa”, identificado pelo seu editor Almagià in, *Contributi alla storia della conoscenza dell’Etiopia*, Pádua, 1941, como uma zona nas cercanias de Sintra, *ap, ibd.*; já Beckingham propõe Trancoso como uma possibilidade, *Ibd.* Mas Coimbra é, de facto, o local referida pela maioria das notas biográficas.

²²⁰ Teria um cargo eclesiástico ou uma renda dessa igreja. José Pedro Machado (coord.), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vol.I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, p. 550

Preste em 1520, chefiada pelo velho diplomata e cortesão, D. Duarte Galvão. No entanto, segundo Banha de Andrade, a qualidade de capelão real talvez lhe fosse apenas conferida no regresso da embaixada²²¹. C. F. Beckingham defende, apoiado numa referencia de João de Barros, que Álvares faria parte da casa de Duarte Galvão, sendo, desta forma, natural a sua inclusão na embaixada, mas também não consegue apurar a data da sua nomeação como capelão do rei²²².

As circunstâncias da famosa embaixada ao *Preste* prendem-se, como vimos no capítulo anterior, com as aspirações imperiais manuelinas e com a chegada à Índia e depois de algumas peripécias, ao reino, do embaixador abexim, o arménio Mateus²²³.

As circunstancias secretas da missão deste embaixador, a sua nacionalidade arménia e as referidas diferenças entre a elite dirigente no Estado da Índia e as várias facções presentes na corte²²⁴ irão criar numerosos escolhos á sua missão²²⁵. Mas, o rei português empenha-se no envio de uma missão diplomática a enviar ao monarca etíope. Todavia, embora mantendo o seu projecto, «(...) o monarca tinha de contemporizar com as várias correntes de opinião que o rodeavam, o que foi manifesto nas nomeações que fez para o governo da Índia, ao longo do seu reinado.»²²⁶ Assim Albuquerque, o entusiasta do plano do domínio do Mar Vermelho e da aliança abexim, fora entretanto deposto e falecera (1515), sendo substituído pelo seu opositor Lopo Soares de Albergaria, que curiosamente, presidia na corte à facção oposta à política real de centralização imperial, e a quem será confiada a capitania da armada onde seguirá a dita embaixada à Abissínia.

Desta forma, os membros da embaixada e o famoso presente enviado por D. Manuel²²⁷ ao *Preste* embarcam para a Índia, a 7 de Abril de 1515, na nau *Piedade* da armada de Lopo Soares. Este, tomando o poder na Índia, alheia-se da missão, para contrariar a política do seu antecessor, Afonso de Albuquerque, ignorando os protestos da embaixada. Esta não partirá até 1517. Até lá os seus membros aborrecer-se-ão, os dois embaixadores entrarão em disputas, que Álvares tenta mediar. Mateus continua a ser hostilizado como impostor pelo novo governador e seus homens, longe

²²¹ A A Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o êxito Europeu da Verdadeira Informação sobre a Etiópia» in, *Presença de Portugal no Mundo*, Actas, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1972, p.299

²²² Cf.²²² C. F. Beckingham, *op cit.*, p. 4

²²³ Vide, Cap. I, pp. 18 e ss.

²²⁴ Sobre esta questão vide, capítulo I do presente trabalho, pp. 16/19

²²⁵ Vide Jean Aubin, «L' Ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel» in, *Le Latin et l' Astrolobe*, pp.133/180

²²⁶ João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, p.157

²²⁷ Vide Cap.I, nota 83, p. 19

do reino e sem a protecção de Albuquerque²²⁸, sendo Álvares o protector do frequentemente maltratado e ultrajado embaixador abexim.

Em 1517 partem finalmente na nau «São Pedro» da armada do mar Vermelho, sob o comando do governador. Todavia, Lopo Soares deixa escapar a oportunidade de tomar Adem, que se lhe entregaria voluntariamente; a armada sofre tempestades e naufrágios, perdendo-se um filho de Duarte Galvão; a frota tresmalha-se; uma parte dela (em que seguiam Álvares e Mateus), desembarcando em Dalaca, contra os avisos do arménio, sofre um ataque da população local e alguns membros da tripulação são mortos, entre eles o capitão de uma embarcação, Lourenço de Cosmo. Ao mesmo tempo, Lopo Soares lança âncora ao largo da cidade de Djedá, onde afronta o fogo muçulmano e depois parte calmamente sem atacar a cidade. A armada volta a reunir-se na despojada ilha de Camarão onde um desolado e doente Duarte Galvão morre.

Sem embaixador português, a comitiva volta a Cochim, depois da monção, onde permanece esquecida, longe da vontade do rei. Mateus continua a queixar-se de desconsiderações. Álvares também espera que o seu destino de penetrar numa terra desconhecida se cumpra, e escreve ao rei a 9 de Janeiro de 1518 narrando os sucessos e insucessos da embaixada e má vontade das autoridades portuguesas do Oriente e referindo o tipo de tratamento indigno de que Mateus era alvo²²⁹.

Em 1518 com a nomeação de um novo governador, do partido contrário a Lopo Soares, Diogo Lopes de Sequeira, o projecto é retomado: em 1520 é preparada uma nova armada, que parte para o mar Vermelho e nela são transportados Mateus, os membros da embaixada e o que restava do presente magnífico de D. Manuel, entretanto disperso ou deteriorado na Índia. Tal nos afirma o próprio Álvares no início do seu livro²³⁰.

Não sabemos se a intenção é a de enviar oficialmente nova representação ou não. De qualquer forma a 7 de Abril desembarcam em Maçua, uma ilha ao largo da costa etíope. Avistando-se dias depois com o governante da região, em Arquico e

²²⁸ Segundo Jean Aubin «(...) il faut entendre que le successeur d' Albuquerque et ses partisans faisaient payer à l'ambassadeur du Prêtre la protection du Gouverneur passé, et le châtimeut qu'il avait attiré sur un des membres de leur caste.», Jean Aubin, *op cit.*, p. 178

²²⁹ Cf., AA Banha de Andrade, *op cit.*, p. 306; Luís de Albuquerque, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros portugueses- Séculos XV e XVI*, p. 54 e Jorge Couto, *op cit.*, p. 27

²³⁰ «Digo que sucedendo Diogo Lopes de Sequeira na governação da Índia (...), pôs por obra o que Lopo Soares não quis acabar, seja, levar Mateus embaixador (...), ao pôrto de Maçua, que é junto de Arquico, pôrto e terra do Preste João. E fêz sua grossa e formosa armada e caminhámos para o dito mar Roxo e chegámos à dita ilha de Maçua segunda-feira das oitavas da Páscoa, 7 dias do mês de Abril do ano de 1520 (...), Álvares, *op cit.*, pp.9/10

confirmando-se a religião cristã dos seus habitantes²³¹, o governador decide enviar nova embaixada, pois como nos narra Francisco Álvares, «Vendo os nossos fidalgos e capitães esta novidade (...) e como se abria caminho para se exalçar a Santa Fé católica, (...), somente era fundamento pô-lo [Mateus] em terra e deixá-lo só, muitos se alvoroçaram a pedir mercê ao Governador (...) que os deixasse ir com o dito Mateus por embaixadores ao Preste João.»²³²

O comando é entregue a um dos fidalgos da expedição, D. Rodrigo de Lima, filho natural de D. Duarte da Cunha de Lima, visconde de Vila Nova de Cerveira²³³, secundado por outro fidalgo, Jorge de Abreu e pelo P.e Francisco Álvares. Sobre a importância deste último na expedição, o capitão –mor teria sublinhado ao embaixador «- D. Rodrigo eu não mando o Padre Francisco Álvares convosco, mas a vós mando com êle e cousa nenhuma façais sem seu conselho.»²³⁴ Quanto à anterior magnífica oferta de D. Manuel, , torna-se igualmente necessário improvisar²³⁵.

O embaixador recebe um Regimento de Diogo Lopes de Sequeira, do qual constam as recomendações a ter e objectivos da missão: além do seu carácter pacífico e diplomático, devia recolher tanto quanto pudesse todo o tipo de informações sobre a Etiópia: geográficas, naturais, económicas, políticas e religiosas. Era igualmente necessário obter informações sobre o Nilo, sua nascente e características e extensão do reino assim como as suas *antiguidades* e ainda a recomendação de, se fosse encontrado um *alicorne*, o enviar ao rei e somente ao rei e o registo de todas as coisas *monstruosas* que fossem encontradas²³⁶. Mas se tal relação foi elaborada pelo escrivão que seguia com a embaixada e entregue ao rei no regresso, não resta traço dela.

O P. Francisco Álvares enumera-nos os membros da embaixada: além do embaixador, D. Rodrigo e seus criados Gaspar Pereira (que falecerá de doença na

²³¹ Cf., Cap.I, p.20

²³² Álvares, *op. cit.*, p.16

²³³ Vide Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal-Diccionario Historico....*, vol.IV, Lisboa, João Romano-Torres, 1904/1915, p. 200; João Paulo Oliveira e Costa refere a importância da linhagem dos Limas no Estado Português da Índia, *op. cit.*, p.171

²³⁴ Álvares, *op. cit.*, p.16

²³⁵ « E logo ordenaram o presente que haviam de mandar ao Preste e não como el-Rei Nosso Senhor lho mandava por Duarte Galvão, porque já êste era desbaratado em Cochim por Lopo Soares, e o que agora levámos era assaz pobre e levámos por escusa que as peças que lhe traziam se perderam na nau Santo António que se perdeu (...).E estas são as peças que levávamos ao Preste João: primeiramente uma espada rica, um rico punhal, quatro panos de armar, umas ricas couraças e um capacete e dois berços, quatro câmaras e certos pelouros, dois barris de pólvora, e um mapa-mundi e uns orgãos.» *Ibd.*, pp.17/18

²³⁶ *Ap.*, AA Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, cap.I, pp.859/860

mesma altura que Mateus) e Estevão Palharte, e de outro fidalgo, Jorge de Abreu²³⁷ e do próprio Álvares, seguiam Lopo da Gama; o escrivão, João Escolar; o intérprete e feitor, João Gonçalves; Manuel de Mares, *tangedor de órgãos* e criado do Marquês de Vila Real; o barbeiro e cirurgião, Mestre João [Bermudes], João Fernandes, o pintor Lázaro de Andrade, natural de Lisboa e Afonso Mendes²³⁸, além de outros criados e escravos da região (Índia e Arábia ou abexins resgatados aos mouros) e dos necessários intérpretes abexins e árabes, sobre cuja proveniência nos esclarece o próprio Álvares numa resposta que dará mais tarde ao *Preste*:

« (...) no mar havia muitos arábios e abexins que de contínuo andavam nas naus del-Rei de Portugal e que os mouros levavam furtados os abexins de sua terra e os iam vender à Arábia e à Pérsia e ao Egípto e à Índia aos portugueses. E os portugueses onde tomavam mouros, acertavam tomar entre eles muitos abexins e logo os forram e vestem e tratam muito bem, porque sabe que são cristãos e que aí trazíamos a Jorge, língua, (...) que fôra tirado de cativo de poder de um mouro de Ormuz (...)»²³⁹.

Na expedição seguiria igualmente um seu sobrinho, referido várias vezes ao longo do seu relato, como sendo cavaleiro da casa do rei, de nome Pêro Lopes, seu companheiro de alojamento²⁴⁰ e provável companheiro de aventuras e desventuras como refere o autor a certo passo: «(...) com um meu sobrinho que sempre me acompanhou (...)»²⁴¹. Na segunda parte, Álvares fará referência a outro familiar, mais precisamente a outro sobrinho, irmão do primeiro, procurador do mosteiro de Santos-o-Novo em Lisboa²⁴².

Atingida a costa etíope, comitiva afasta-se da armada em Arquico, já em terra firme e, a 30 de Abril de 1520, embrenha-se no interior da terra desconhecida, que teimam em chamar do *Preste*. Para seguirmos as peripécias da viagem, episódio que nos parece central na biografia de Francisco Álvares, seguiremos a obra por ele composta.

²³⁷ Segundo Esteves Pereira, Jorge de Abreu capitaneou um galeão em 1527. Em combate com o sultão de Achem, seria ferido e feito prisioneiro na galé de Simão de Sousa Galvão. Vide J. M. Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *op.cit.*, vol.I, p.30

²³⁸ Álvares, *op cit.*, pp. 16, 26/27,233

²³⁹ *Ibd.*, p.271

²⁴⁰ *Ibd.*, p.121, p.299 e p. 294

²⁴¹ *Ibd.*, p.367

²⁴² *Ibd.*, p. 396

Os percalços começam logo no início da viagem. Mateus insiste com a expedição para não seguir caminho com o senhor da região, o *Barnagais*, conduzindo-a ao mosteiro de Bisão «(...) e assim ficámos descontentes conhecendo o êrro que fizemos em deixar Barnagais por fazer prazer a Mateus.»²⁴³

Recolhendo-se a missão num mosteiro, para que Mateus tratasse dos seus assuntos em Bisão, os seus membros caem doentes e entre eles o próprio embaixador abexim. Este, vendo-se melhor parte apressadamente para Bisão. No caminho recaí e morre a 23 de Maio de 1520, acompanhado do físico, Mestre João, de D. Rodrigo e de Francisco Álvares. Sem o embaixador é necessário, porém, prosseguir.

Mas surgem dificuldades na partida do mosteiro. Sucede-se o envio de mensageiros ao *Barnagais* com pedidos de auxílio para a viagem, o que lhes toma um mês. Quando conseguem partir, a 15 de Junho, têm poucos bois para o transporte dos haveres e dada a inexistência de mulas para todos, muitos vão a pé. A falta de meios de transportes e os acidentes orográficos das terras dificultam o transporte da bagagem. Por exemplo as bombardas e quatro barris de pólvora ficam no mosteiro²⁴⁴.

Desta forma, constituindo uma das primeiras expedições europeias ao interior do continente africano, o grupo arrosta com as suas inclemências: as dificuldades do caminho, percorrendo desfiladeiros assustadores, suportando *calmas* e frio intenso, atravessando a vau ribeiras impetuosas no meio da violenta estação das chuvas, deparando com dificuldades logísticas a cada passo, sofrendo a péssima culinária etíope e a constante falta de meios para transporte das bagagens²⁴⁵ ou a falta de *agasalho*²⁴⁶, pernoitando frequentemente a céu aberto, num círculo de fogueiras para

²⁴³ *Ibd.* p. 18; de facto enveredaram«(...) uns matos e serras sem caminho nenhum (...) dizendo, que êle sabia melhor a terra que outrem ninguém e que a êle havíamos de seguir(...) . Todos começámos a bradar com êle, porque nos levava pelos montes a perder e romper o que levávamos, deixando os caminhos reais e caminhávamos por onde andam os lóbos.»; *Ibd.* pp. 20 /21

²⁴⁴ «E nós , não muito longe do mosteiro, meia légua quando mais, chegou o Embaixador e nós que com êle ficávamos e achámos todo o fato descarregado . Não podendo entender a causa porque o fizeram , fizemos outra vez carregar e (...) levantou-se o rumor entre os negros que nos levavam o fato, dizendo que havia aí ladrões e que nos esperavam no caminho. Porém nem por isso deixámos de fazer partir o fato por estes matos (...). Determinou o Embaixador e todos os que com êle iam morrer sôbre a fazenda del-Rei.»; *Ibd.*, pp. 46/47

²⁴⁵ «(...) os que nos levavam, foram com nossa fazenda, espaço de meia légua dizendo que não era mais seu termo (...), e nos puseram em uma campina, a mui grandes chuvas, tôda a nossa fazenda.»*Ibd.*, pp. 65/66; noutra passagem: «E noutro dia partimos e ia nosso fato diante e achámo-lo aposentado na metade de um campo, de muita água. Quando chegámos pesou-nos de ver assim nossa fazenda (...)»; *Ibd.*, p. 109

²⁴⁶ Quando a embaixada portuguesa chega a Barúa, o *Barnagais* parte para a sede de outro concelho, Barra: «Pareceu-nos que a sua partida fôra por nos não agasalhar e alguns diziam que se fôra com dor de olhos.» Três dias depois o embaixador desloca-se com cinco companheiros e entre eles P.e Francisco, a Barra para se avistar com o *Barnagais* , mas a entrada na sua casa é-lhe impedida. No dia seguinte, após longa espera são chamados, mas são detidos por guardas com azorragues que lhe exigem pimenta e outra espera. Depois de ultrapassarem a primeira porta, são detidos esperam numa segunda até D. Rodrigo perder a paciência e declarar que ou entrava ou partiriam.

afastar os felinos que rugem em torno do acampamento²⁴⁷ como nos relata Álvares detalhadamente. A comitiva prossegue penosamente entre os acidentes do terreno e do clima e as atitudes ambíguas dos abexins: os senhores das terras não parecem muito interessados em cooperar em relação ao apoio devido a uma embaixada²⁴⁸; a população apedreja-os em certos locais, dificultando ainda mais a progressão da embaixada: «Nós fomos dormir a umas pobres casas ou junto delas, onde nos receberam com muitas pedradas e dormimos sem ceia e a grandes chuvas que vieram de noite com trovoadas na terra chã(...)»²⁴⁹ Outras passagens reflectem também a animosidade local: durante a passagem pela serra dos “infantes” são apedrejados por locais, dividindo-se o grupo em três, que fogem em várias direcções²⁵⁰.

Perante estas situações D. Rodrigo de Lima sente-se frequentemente ofendido e irritado na sua dignidade de emissário real. Situação que persiste, alcançado o arraial do Preste²⁵¹.

Para agravar as dificuldades as zangas entre os principais membros da comitiva são uma constante desde o início da viagem²⁵². Estas prolongam-se ao longo de toda a viagem e estadia da embaixada: por exemplo ao pernoitarem no

Entrando pedem aviamento ao dito oficial em serviço do rei português e do seu imperador. Este responde que lhes daria aviamento, excepto em relação às mulas, que «(...) não podia dar que as comprássemos nós (...)»*Ibd.*, p.49; alguns dias depois «(...) chegou um fidalgo da casa do Preste João, fêz-lhe o Barnagais tal recebimento e festa que nós lhe esquecemos(...)» Depois [da recepção ao fidalgo abexim] veio-se o Embaixador e nós com êle para falarmos ao Barnagais e êle nos despediu dizendo que pelo amor de Deus o deixássemos, que estava doente e quando vínhamos não nos deixavam entrar dizendo que dormia.»*Ibd.*, p.67.

²⁴⁷ «Entrando em serrania não de altura, mas fundura, passámos parte da noite perdidos uns dos outros. (...) Na parte onde eu ia vimos fogo fora das valuras(...) parecia perto e era mais de duas léguas e, indo demandá-lo, seguiram-nos tantos tigres que não é cousa para crer e se chegávamos perto de algum mato, chegavam-se tanto a nós que com mão tente lhe puderam dar com uma lança. (...) [Para evitarem os felinos] Assim nos aposentámos no mais limpo que achámos no meio de uma lavoura e prendemos as mulas tôdas juntas e os companheiros por sua virtude me disseram:- Padre vós dormi que nós vigiaremos as mulas com as espadas nuas. E assim o fizeram.»*Ibd.*, pp.112/113.

²⁴⁸ «Estando o *Tigremahon* [outro senhor local, do reino de Tigré] de caminho para outras terras, fomo-nos despedir dele, pedindo-lhe que nos mandasse dar bom aviamento para nosso caminho, e respondeu-nos a isto dizendo que a fazenda que levávamos para o Preste João, que êle a mandaria levar e a nossa fazenda (...) para nosso mantimento, que a mandássemos nós levar e com isto nos despediu(...) Vendo como não podíamos caminhar com tanto fato, acordámos mandar outra vez ao *Tigremahon* (...) e levaram-lhe certas peças, seja, um punhal rico e uma espada guarnecida de bainha de veludo e cabos dourados. Veio recado que nos levassem todo nosso fato, e nos dessem de comer em tôdas suas terras (...)»*Ibd.*, pp.103/104

²⁴⁹ *Ibd.*, p. 123

²⁵⁰ «(...) e tal houve aí que descavalgou da mula e fugiu com a barjuleta [bolsa de linhagem] na mão. Lopo da Gama e eu (...) fomos avante e chegámos a outro lugar (...). Alí choviam muitas pedras sôbre nós e o escuro era como não ter olhos e porque não me tirassem pelo sentir do andar da mula apeei-me (...). Quis Deus, que veio ter comigo um homem honrado (...) [e] mui grande (...) e tomou-me a cabeça debaixo de um braço, que eu não lhe chegava mais, e assim me levava como fole de gaitero (...)»*Ibd.*, p. 151

²⁵¹ «(...) esperando que nos mandaríamos chamar para falarmos ao Preste, êle partiu-se de caminho com sua côrte (...). Veio êste frade dizendo de sua parte se queríamos ir para onde se mudava el-Rei, que comprássemos mulas em que levássemos nosso fato, e, assim, dizendo ao Embaixador que se quisesse comprar e vender que o fizesse. Respondeu-lhe o Embaixador que não vinham para ser mercadores mas que vinham para servir a Deus e aos reis e ajuntar cristãos com cristãos.» *Ibd.*, pp.182/183

²⁵² E na noite que lá [no mosteiro de S. Miguel] ficaram e dormiram os nossos, não cessou Satanás de urdir suas teias e logo fêz haver brigas entre nossa gente e isto pelo Embaixador pôr em prática o que se havia e devia fazer por serviço de Deus e del-Rei e salvamento de nossa vidas e honras e um lhe responder que na companhia vinham homens, que não haviam de fazer o que lhe bem parecesse e nisto vieram às lançadas. Deus seja louvado nenhum se feriu. Tanto que fomos todos no mosteiro, fi-los logo amigos, repreendendo as tais palavras(...)»*Ibd.*, p. 25

lugar de Acel, houve uma acesa disputa entre D. Rodrigo e Jorge de Abreu «sôbre cousa mui leve» apesar do feroz ataque dos tigres. A embaixada amuada, divide-se para a sesta, no dia seguinte, no alto de uma serra²⁵³.

Após a chegada à corte a 10 de Outubro de 1520, decorrerão meses de morosos cerimoniais e entrevistas inconclusivas com o Preste, em que este se mostra essencialmente preocupado com o paradeiro do fabuloso presente enviado por D. Manuel e entretanto perdido. O embaixador tenta justificar o destino das oferendas dispersas na Índia²⁵⁴.

Noutra passagem o Preste, a quem chegavam informações das actividades dos portugueses no Oriente e nomeadamente, nas costas etíopes, torna a referir o famoso presente da embaixada de 1517, inquirindo «(...) el-Rei de Portugal lhe mandava por êle [Mateus, o antigo embaixador abexim] muitas cousas, - que eram delas? - e porque as não traziam como el-Rei lhas mandava? (...)»²⁵⁵. O embaixador tenta responder-lhe, com pedidos de confiança e promessas de apresentar por escrito o relato do Capitão-mor sobre o assunto²⁵⁶.

Além do mais a comitiva portuguesa não é alvo de uma recepção propriamente entusiástica. Uma vez na corte, dirigindo-se D. Rodrigo a um oficial do rei etíope em prol de um português aprisionado «Respondeu o *betudete* dizendo que quem nos mandava cá vir, que Mateus não fôra a Portugal por mandado do Preste João, nem da Rainha Helena (...)»²⁵⁷. O carácter pouco claro e até secreto²⁵⁸ da missão do defunto embaixador, depois de suscitar suspeitas em relação à sua pessoa, é agora utilizado pelo monarca etíope para confrontar a missão portuguesa. Afirma «(...) que êle [o Preste] não mandara Mateus a Portugal (...)»²⁵⁹. Noutra ocasião sujeita o embaixador a um interrogatório sobre o que o rei português lhe poderia enviar e suscita um diálogo crispado com D. Rodrigo, que responde «(...) não costumam os portugueses fazer falsidades, mas tratar muita verdade em tudo o que lhes encarregam e mandam (...)»²⁶⁰. O já muito irritado embaixador, pede o despacho da tão desconsiderada embaixada, afirmando:

²⁵³ *Ibd.* pp.160/161

²⁵⁴ «(...) por se não danarem e por servir a Deus e honrar as igrejas, eu os ajudara a armar na igreja principal de Cochim, que é de santa Cruz, nas festas principais e as festas acabadas, os ajudara a desarmar, dobrara e guardar e que isto se fizera por servir a Deus (...) e assim por se os panos não danarem e comerem de bicho e, por isto, lhe poderiam dizer que os deram às igrejas, mas que tal não era verdade.» *Ibd.*, p. 189/190

²⁵⁵ *Ibd.*, p. 192/193

²⁵⁶ *Ibd.*

²⁵⁷ *Ibd.*, p. 181

²⁵⁸ *Vide* Cap.I, p.18

²⁵⁹ *Ibd.*, p.192

²⁶⁰ *Ibd.*, p.251

« E o Embaixador lhe respondeu que antes em suas terras nos foram feitos muitos agravos e roubos, furtando-nos quanto tínhamos (...) e que se nesta terra morrêssemos iríamos todos ao Paraíso como mártires, pelas afrontas (...), que já por três ou quatro vezes nos quiseram matar em suas terras e que sofríamos tudo com paciência por amor de Deus e del-Rei de Portugal (...) e que outra honra fizera (...) a Mateus por dizer que era seu embaixador (...)»²⁶¹.

O Preste sujeita igualmente a comitiva portuguesa a exames minuciosos sobre questões religiosas, cuja principal vítima era o nosso autor, conduzido à exaustão²⁶². Na verdade, como afirma C. F. Beckingham sobre esta expedição, «Historians have not always appreciated how much it was handicapped by misunderstandings and misconceptions.»²⁶³ advindas das particularidades políticas que cercaram a construção das relações entre etíopes e portugueses como já atrás vimos²⁶⁴, sendo marcante o carácter oficioso da missão de Mateus, denegada, como vimos pelo *Preste*, acrescido do carácter improvisado da embaixada portuguesa, visível na questão da exiguidade do presente e nas próprias disputas entre os dois principais fidalgos, D. Rodrigo de Lima e Jorge de Abreu. A isto junta-se o recuo muçulmano (derrota infligida pelo jovem rei abexim ao rei mouro de Adel²⁶⁵), do lado abexim, e as limitação das acções portuguesas no mar Vermelho (o falhanço de Albuquerque em Adem em 1513 e as expedições pouco significativas de Lopo Soares e Diogo Lopes de Sequeira)²⁶⁶, que poderão ter moderado os expectativas do jovem rei Lebena Denguil em relação ao valor de uma aliança com Portugal.

Álvares refere ainda o encontro, certamente emocionante, com o velho servidor de D. João II, Pêro da Covilhã²⁶⁷, que, impedido de partir, havia

²⁶¹ *Ibd.*, p.251

²⁶² «Assim me tiveram em perguntas sem nunca dois mensageiros cessarem de ir e vir nem eu me assentar senão estar sôbre um bordão até horas de vésperas, as quais perguntas com suas respostas havendo-se de escrever não abastariam duas mãos de papel nem poderia memória reter pela pressa que me davam e umas respostas iam e outras perguntas vinham cada uma por sua guisa (e bem desvairadas), (...) foi de tal maneira que eu de fome e fraqueza, não podia estar e em lugar de uma resposta mandei-lhe dizer que houvesse Sua Alteza dó de um velho que dêis ontem ao meio dia não comera, nem bebera, nem dormira, nem podia estar de fraqueza. Mandou-me dizer que pois folgava de falar comigo, porque não folgava eu? Respon-di-lhe que velhice, fome e fraqueza não me davam lugar.(...)» *Ibd.*, pp.237, 238

²⁶³ C. F. Beckingham, «Introduction», *The Prester John of the Indies-A true Relation of the Lands of the Prester John* ..., tradução de Lord Stanley of Alderley, 1881, C. F. Beckingham e G. W.B. Huntigford (rev. e ed.), 2, vols., Cambridge, University Press, 1961, p.3

²⁶⁴ *Vide*, Cap. I, p.18 e ss.

²⁶⁵ Cf. cap. I, p.22 e País, *op cit.*, Vol II, pp.257/258

²⁶⁶ *Vide*, C. F. Beckingham, *op cit.*, pp.3/5

²⁶⁷ Segundo C. F. Beckingham «There are not many reliable sources of information about Covilhã's mission. By far the most important is (...) the *Verdadeira Informaçã...*(...) So far as we know (...) [Álvares] is the only one of our authorities who had met the traveller personally and it is evident that he saw him frequently over a period of several years.», «The Travels of Pero da Covilhã and their significance» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto IX, London, Variorum Reprints, 1983, pp.3/16

reconstruído a sua vida na Etiópia: «É algumas vezes falado em Pêro da Covilhã, português que é nesta terra e com êle alegado e não deixarei de alegar por ser pessoa honrada e de merecimento e crédito e é razão que se diga como a esta terra veio ter e, dele darei conta como é razão e êle de si ma deu.»²⁶⁸. De facto como relata Álvares, Covilhã teria alcançado a Etiópia via Arábia e Médio Oriente²⁶⁹. Tendo alcançado Zeila, chegara à corte do Preste, onde fora bem acolhido pelo imperador, mas nunca fora autorizado a sair «(...) E pedindo licença [para partir] não lha quis dar[o imperador Naôd. (...) e reinou seu filho David [Lebena Denguil] (...) dizendo que não viera no seu tempo e que os seus antecessores lhe deram terras e senhorios, que as regesse e lograsse, que a licença não lha podia dar e assim ficou.»²⁷⁰

A sua presença terá sido preciosa para a embaixada portuguesa: «Êste Pêro da Covilhã é homem que tôdas as línguas sabe que se falar podem assim de cristãos como mouros e gentios e que tôdas as cousas a que o mandaram soube e assim delas dá conta como que as tivesse presente.»²⁷¹ Embora não estivesse na corte quando da chegada dos portugueses («Não achámos agora nesta côrte êste Pero da Covilhã e nos dizem que é em sua casa junto das fragosas portas que passámos.»²⁷²) toma parte, mais tarde, na missa de Natal, servindo de intérprete aos portugueses²⁷³.

Além dele, a embaixada encontra outros europeus nas terras do Preste. Trata-se dos denominados *frangues*, (corruptela de «francos» termo usado pelos árabes e populações levantinas para designar os europeus desde as cruzadas medievais). Alguns são conterrâneos «E a êstes portugueses não os deixaram ir porque lhes diziam que lhes causaria morte irem-se. (...)Êstes andam na corte e outros que faleceram sem os deixarem ir.»²⁷⁴

Encontraram também genoveses, dois catalães, um grego de Chios, um biscaíno e um alemão, que teriam fugido para a Etiópia do seu cativeiro em Gidah com companheiros abexins, quando da passagem de Lopo Soares de Albergaria por essa cidade²⁷⁵.

²⁶⁸ Álvares, *op cit.*, p. 283

²⁶⁹ *Ibid.*, cap. CIV, pp.277/282

²⁷⁰ *Ibid.*, p.282

²⁷¹ *Ibid.*, p.282

²⁷² *Ibid.*, p.188

²⁷³ *Ibid.*, p.235

²⁷⁴ *Ibid.*, pp.187-188

²⁷⁵ « Porque muitas vezes digo frangues quero dizer que quando Lopo Soares, (...), chegou a Judá [Gidah] com grossa frota em a qual eu também fui, que estavam na dita ilha de Judá sessenta homens cristãos cativos dos turcos(...) . Dizem estes que estão na côrte que todos estavam esperando a graça de Deus e a entrada dos portugueses (...) para se lançarem com êles e, por a frota de Lopo Soares não sair em terra, ficaram. Logo, a poucos dias, dezasseis dêstes homens brancos com outros tantos abexins (...), que também lá eram cativos, furtaram dois bergantins e

A sua presença ameniza a estadia dos portugueses. Há referências a alguns em particular: ao português alcunhado Carneiro, preso na corte do Preste por desobediência²⁷⁶; a Mestre Nicolau Brancaleão, pintor veneziano, que ali estava à mais de quarenta anos «(...) e sabia bem a língua da terra, pessoa mui honrada e grande senhor pôsto que pintor.»²⁷⁷ e a Mestre Pedro, cordoeiro genovês, cujo filho recém-nascido foi baptizado por Álvares, no arraial do Preste²⁷⁸. A estes estrangeiros «(...) lhes fazia muita honra, mais que a nós até ao presente, e, lhes têm dado terras e vassalos que os servem, de que comem.»²⁷⁹

Álvares refere também os membros da expedição enviada por Tristão da Cunha, que lhes teriam facultado informações sobre os hábitos abexins, em relação aos estrangeiros, como refere Álvares «(...) pelo o que já sabíamos de João [ou Fernão] Gomes e de João [Sanches], clérigo, portugueses que cá vieram (...) na companhia de um mouro, que ainda vive e mora em Manadelei.»²⁸⁰, embora não seja claro onde os teria encontrado, pois à data teriam já regressado (ou pelo menos tentado regressar) ao Reino.

Com promessas de aliança contra o Mouro, trocam-se finalmente cartas entre os monarcas mediante um moroso processo de tradução em três línguas, abexim, árabe e português, com a preciosa colaboração de Covilhã, como nos descreve o clérigo:

«(...) logo começaram a fazer suas cartas em sua língua abexim, outras cartas em arábio e mais outras em nossa língua portuguesa, as quais lia o frade que nos guiava em abexim e Pêro de Covilhã tornava em português e João Escolar, escrivão da embaixada escrevia, e, eu que por mandado do Preste estava ao concertar da língua que é mui trabalhosa tornar de abexim na língua portuguesa, e, assim se faziam as cartas para el-Rei nosso Senhor em três línguas (...), e, assim para o Capitão-mor e tôdas dobradas, seja, duas de abexim, duas de arábio e duas portuguesas.»²⁸¹

De facto, o árabe parece ser a língua franca da região, daí a redacção de cópias nesta língua, dominada por Covilhã. Mas este teria a capacidade de traduzir

fugiram para irem em busca da dita armada. Não podendo tomar Camarão, tomaram Maçuá que ´s junto de Arquico, terra do Preste. (...) foram-se à côrte do Preste (...), *Ibd.*, p.185

²⁷⁶ *Ibd.*, p.182

²⁷⁷ *ibid.*, pp.221/222

²⁷⁸ *Ibd.*, p.228

²⁷⁹ *Ibd.*, pp. 184-185

²⁸⁰ *Ibd.*, p.188

²⁸¹ Álvares, p. 283

directamente as ideias etíopes para o português, devidamente (re)composto por Francisco Álvares.

No decorrer da estadia da embaixada no arraial do Preste, as divergências entre D. Rodrigo de Lima e Jorge de Abreu agudizam-se, em torno das ofertas recebidas, das quais o Embaixador, «(...) Tomou (...)o que quis dizendo que tudo era seu.»²⁸² Quando da visita do oficial abexim, o principal dos escrivães, a inquirir sobre as condições de viagem, Jorge de Abreu insurge-se contra o embaixador, seguindo-se uma altercação entre os dois diante do enviado do Preste, narrada por Francisco Álvares²⁸³.

Este clima permanecerá até ao final da embaixada transformando-se em aberta hostilidade entre ambas as partes, a despeito das admoestações do Preste. Sabendo da rixa entre os portugueses quando da partida do arraial, a embaixada é chamada ante o Preste, que pede uma reconciliação perante o reticente e zangado embaixador

A embaixada é autorizada a partir em Fevereiro de 1521, deixando para trás um Preste “ofendido”²⁸⁴ com as dissensões violentas no seio da comitiva portuguesa, na qual D. Rodrigo e Jorge de Abreu se incompatibilizam, ao ponto de se não poderem tolerar. No dia da partida não se avistará com o embaixador português .«(...) e diziam que estava muito descontente do embaixador porque tão mal tratava os homens e por não ser amigo de Jorge de Abreu e por outras coisas que em si guardava (...)»²⁸⁵.

Francisco Álvares fora nomeado emissário junto ao Papa pelo *Preste*, que lhe entregara uma cruz de ouro para o Pontífice e «um cajado lavrado de tauria» símbolo de uma senhoria que o padre que lhe fora atribuída (recompensa que teria provavelmente um valor mais simbólico do que efectivo)²⁸⁶. É também portador de

²⁸² *Ibid.*, p.224

²⁸³ «Respondeu a isto [aos agradecimentos do Embaixador] Jorge de Abreu que não disesse aquilo, que lhe não deram tôdas as mulas e as que deram eram tortas e cegas e os escravos eram velhos, que não valiam nada e que tal qual tudo era o Embaixador lhe tomara sem dar nada a ninguém. Respondeu-lhe o Embaixador que não o disesse, que (...) tôdas as cousas eram mui perfeitamente. Respondeu Jorge de Abreu:- (...) vós as tendes e a vós dão mulas e cavalos e aos outros não dão nada, daqui avante não há assim de ser. (...) [Após a partida do enviado do Preste] disse o Embaixador a Jorge de Abreu:- Pelo amor de Deus não demos descontentamentos, aviemos nosso caminho que mulas há aí que fartam (...). Daqui se vieram a levantar em tais razões que vieram às espadas e lanças e eu com o meu cajado no meio fazendo as pazes parecendo-me mal estes feitos. Houve aí assaz de golpes e botes e não houve senão uma pequena ferida que deram a Jorge de Abreu e o dito Jorge de Abreu e Lopo da Gama foram fora da tenda e os outros ficaram na tenda». *Ibid.* pp.224/225

²⁸⁴ «(...) o Preste João estava muito menencório do Embaixador porque havia dois dias que mandara acutillar e espancar junto da sua tenda a um português que se chamava Magalhães e se acolheu com Jorge de Abreu e que assim o estava porque não queria ser amigo de Jorge de Abreu e que nos despedia muito esquivamente, que não esperássemos por vestidos nem por outra cousa, que muito perdêramos pelo que dito é.» *Ibid.*, p. 286

²⁸⁵ *Ibid.*, p.226

²⁸⁶ *Ibid.*, p. 284 e no traslado que faz da carta do Preste a Diogo Lopes de Sequeira refere «(...) E ao Padre Francisco dai duas tantas graças, porque êle é homem santo e de boa consciência e honesto (...) e lhe dei de sua senhoria cruz e

cartas, aliás redigidas sob a supervisão do autor, afirmando o desejo de obediência do Preste ao chefe da Igreja romana. No entanto esta posição do Imperador pode ter obedecido a uma estratégia diplomática ou ser apenas uma forma de cortesia, como advoga Elaine Sanceau na sua obra clássica²⁸⁷, não existindo ideia real de submissão a Roma, mas provavelmente um desejo de simples aliança. Ou, possivelmente, as cartas revelariam mais do desejo do seu portador do que das reais intenções do remetente. Para o monarca português segue ainda uma coroa de ouro e prata, de maior tamanho que valor, como aponta o autor e uma pequena recompensa em ouro para o embaixador e para Álvares²⁸⁸.

Terça –feira, a 12 de fevereiro de 1521, está tudo a postos para a partida da corte incluindo um frade que serve de guia e a sua gente. Na Etiópia ficam o pintor e Mestre João. Pêro da Covilhã e a sua família etíope acompanha-nos durante parte do caminho²⁸⁹. Segundo Gaspar Correia, um filho do casamento etíope de Covilhã teria mesmo partido com a embaixada para se apresentar ao rei português mas, teria falecido no caminho²⁹⁰.

A perspectiva de regresso não acalma, porém os ânimos entre o embaixador e Jorge de Abreu. Assim a comitiva portuguesa seguirá o caminho de regresso dividida em dois grupos: o do embaixador português e o do frade abexim: «(...) o frade vinha com Jorge de Abreu quási como sua guarda e pousaram de nós apartados.»²⁹¹ Mas os conflitos persistirão no seio da embaixada: há novos desacatos desta feita entre o feitor, João Gonçalves e um seu auxiliar, João Fernandes²⁹². Para mais não conseguem atingir a costa a tempo de serem recolhidos pela armada de 1523.

báculo na sua mão, isto é sinal de sua senhoria e é abade de nossa terras e vós acrescentai-o e fazei-o senhor de Maçuá e Zeila e de tódas as ilhas do mar Roxo e dos cabos das nossas terras (...), p. 386

²⁸⁷ Elaine Sanceau, *Em Demanda do Preste João*, Porto, Livraria Civilização, s.d., p. 157

²⁸⁸ *Ibid.*, p. 285

²⁸⁹ *Ibid.*, pp. 286/289

²⁹⁰ Cf., Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Cap. III, Vol. III, p.49

²⁹¹ *Ibid.*, p. 288

²⁹² «(...) logo nesta noite, segundo dia de nosso caminho, o pecado começou ordenar outras brigas, que João Gonçalves, nosso feitor se começou a tomar de razões com um João Fernandes que trazia, ou o Capitão- mor lho dera por seu ajudador (...), de maneira que diziam que lhe dera com um pau. E, as brigas armadas, fizemo-los em paz o mais que pudemos e o Embaixador favoreceu ao João Fernandes e êle deixou o feitor (...). Mas ao entrarem nas terras do Abdenago [senhor local], indo o grupo por duas passagens distintas, «(...) o pecado meteu-se na cabeça de João Fernandes e foi aguardar o feitor que ia só com a fazenda e com uma lança do Embaixador lhe deu duas lançadas (...), a da mão feriu-lhe os dedos e a dos peitos quis Deus dar-lhe em uma costela (...). No entanto «(...) achámo-lo quási morto, quis Deus com a boa diligência dar-lhe saúde.» Por seu lado, ao fugir João Fernandes, para junto do embaixador «(...) bradaram rijamente os que após êle iam que o prendessem que matara o feitor e foi preso e o feitor [que pelos vistos não estava exactamente morto] bradava e dizia que o Embaixador o matara com favor e lança que dera a seu criado (...). Com tanto desentendimento, não alcançam o sítio onde deviam pernoitar. João Fernandes foi preso e atado, mas durante a noite alguém o soltou e este escapou-se para junto de Jorge de Abreu, ficando o embaixador ainda mais apreensivo. *Ibid.*, pp. 288/289

O clima é de tal ordem que emissários do Preste exortam o grupo à paz: «(...) o Adrugaz [oficial da corte do Preste] fêz fala ao Embaixador, dizendo porque o fazia tão mal com os seus naturais (...) que se não costumava entre os grandes, que olhasse quanto desprazer dele tivera o Preste João, por tanto maltratar a sua companhia e, que se doutra maneira os tratara, doutra maneira viera êle tratado e mais contente (...)»²⁹³. O embaixador mantém-se, todavia, irredutível na acusação de traição a Jorge de Abreu e recusa-se a partilhar os seus mantimentos. Seguem-se episódios violentos como o assalto à pousada de D. Rodrigo pelo grupo de Abreu, para roubar espingardas. A comitiva portuguesa exhibe uma triste imagem de si perante os desalentados emissários do monarca etíope²⁹⁴. Talvez as razões das disputas adviessem do carácter improvisado da embaixada, que não havia delimitado com precisão as questões do exercício de autoridade e competências. Ou trata-se apenas de um episódio ilustrativo das querelas entre fidalgos, que pareciam proliferar no Oriente²⁹⁵. Como refere J. P. Oliveira e Costa, a nobreza encabeça o processo da expansão portuguesa, nela se distinguindo os membros necessitados de réditos e honrarias da baixa nobreza, fidalgos, cavaleiros e escudeiros que encontraram um modo de vida e de ascensão social nas actividades administrativas e bélicas do Estado da Índia²⁹⁶. É, pois, natural que a pertença a “casas” nobres diferentes, a inveja, a disputa e a arrogância do estatuto nobre despoletassem acesas contendas e inimizades.

²⁹³ *Ibd.*, p.293

²⁹⁴ «E, jazendo nós [o escrivão, ele e seu sobrinho] na cama, alta noite ouvimos bradar: - Toma de cá, toma de lá. E logo espingardas. E, acudindo nós a isto (...) os vimos como com vaivens [aríetes] derribavam as casas e tiravam espingardas, parecendo-nos que eram mortos os que dentro estavam que tamanho era o arruído, fomos correndo às casas do Barnagais [senhor local] em que pousavam os ditos senhores [emissários do Preste] a dizer-lhes que acudissem (...) entrando nós por uma porta e o Embaixador e os seus entravam por outra e traziam consigo a coroa e cartas do Preste e a fazenda que puderam (...). E saíram-se (...) por um postigo que a casa tinha. Mandaram logo estes fidalgos [o embaixador e os seus homens] todos os outros prender (...) e ainda os achámos [o grupo de Jorge de Abreu] no derribar das casas (...) e aí os andaram maltratando a punhadas e pancadas, porque êles já não tinham pólvora (...) e foram todos levados ante estes fidalgos. Mais outro-sim os maltrataram e os mandaram levar a outro lugar (...) que aí estivessem sem saír e lhes deram guardas que os guardassem (...) [os emissários do Preste] não sabiam que fazer de nós e não ousavam de nos deixar nem levar nem êles se tornar nem podiam meter paz entre nós e todavia tomaram seu conselho de nos tornar em côrte (...)». *Ibd.*, pp.294/295

²⁹⁴ *Vide*, os numerosos episódios de rivalidades entre fidalgos narrados por exemplo por Gaspar Correia, *op. cit.*

²⁹⁵ *Ibd.*, p. 296

²⁹⁶ *Vide* J. P. Oliveira e Costa, *D. Manuel I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p.169

As desavenças farão perder a paciência aos cortesões etíopes²⁹⁷. Seguirão com o importunado *Barnagais* e serão alojados separadamente: os do embaixador em Barué e os de Abreu em Barruá, onde também fica o *Barnagais*, «(...) e diziam que o fizera para não estar a chaças do Embaixador (...). Neste tempo éramos bem mal providos de tôdas as cousas. Melhor provido era Jorge de Abreu e os que com êle estavam, que nós outros e valia-nos o nosso grande caçar e pescar que fazíamos (...)»²⁹⁸.

O regresso não seria fácil. A embaixada permaneceriam ainda em terras etíopes por mais cinco anos. Durante a sua permanência Francisco Álvares continua a narrar e a protagonizar os episódios e deslocções que não são claramente localizados no tempo ao contrário da progressão da viagem inicial até à corte, tendo que ser inferidos a partir de pormenores resgatados no meio da informação diversa assim como a sua sequência cronológica. Seguindo C. F. Beckingham²⁹⁹, estarão novamente na corte do Preste, nas terras de Gorage, em Abril de 1523, onde passarão a Quaresma e onde encontrarão novamente Pêro da Covilhã³⁰⁰. Ali recebem cartas de D. Luís de Meneses, capitão–mor da esquadra que os aguardava em Maçuá, pelas quais sabem do falecimento do rei D. Manuel (13 de Dezembro de 1521), que comunicam ao Preste. Partindo um mês e meio depois, já não encontram a armada portuguesa na costa, mas apenas cartas e mantimentos. D. Rodrigo decide partir novamente para a corte para ofertar toda a pimenta recebida, levando consigo o P. Francisco Álvares para traduzir as cartas, no início de Setembro. Alcança-a desta feita em terras de Fatigar, nos finais de Novembro. Pelas informações que o autor recebe sobre a região é provável que reencontrassem novamente Pêro da Covilhã³⁰¹.

Quando abandonam a corte (1524) são seguidos por um novo emissário abexim, o frade Zagazabo, já conhecido dos portugueses pela intempestiva aparição que fizera durante a viagem inicial dos portugueses, na região de Tigré, espancando o

²⁹⁷ «(...) encontrámos com o Barnagais que vinha da côrte e trazia recado para os fidalgos [etíopes] e para nós (...). Foram estes fidalgos mui repreendidos (...) por nos trazerem sem licença [à corte] e assim bradou muito com o Embaixador e com Jorge de Abreu (...) e entre o Embaixador e Jorge de Abreu se passaram mui feias palavras.», Álvares, *op. cit.*, pp.

²⁹⁸ *Ibid.*, pp.296/297

²⁹⁹ Cf. C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom*, texto XII, London, Variorum Reprints, 1983, pp. 1/11

³⁰⁰ Álvares, *op. cit.*, p. 310

³⁰¹ Cf. *Ibid.*, pp. 315/316

oficial que os guiava e suscitando a animosidade da embaixada, que acalmou falando um pouco em italiano³⁰².

No decorrer da narração, o nosso autor afirma que «Êste frade andava na Itália e sabia algum tanto de latim.»³⁰³. Assim quando o Preste interroga D. Rodrigo e Francisco Álvares «(...) se nos parecia Zagazabo ser suficiente para êste caminho, porquanto sabia falar a nossa língua e fôra já a nossas terras. Nós lhe respondemos que (...) era bem suficiente (...) porque era homem que se entendia bem connosco e nós com êle e que não havia mister de turgimão(...)»³⁰⁴. Alcançam novamente Barué, mas nesse ano não há sinais da armada. O soberano abexim envia-os então para a localidade de *Aquaxumo*, onde são aprovisionados e onde permanecerão cerca de oito meses. Álvares acompanhará ainda o embaixador abexim à corte em demandas sobre terras (final de 1524), onde saberá da morte da velha imperatriz Helena, apressando-se o Preste a arrecadar os direitos da terra que aquela senhoreava e a afastar certos dignitários próximos da imperatriz. Ali encontram igualmente a rainha moura de Adea em busca de auxílio contra a invasão do reino por um parente.

O Preste partirá com sua corte em seu auxílio, sendo acompanhado de vários *frangues*: o nosso conhecido Jorge de Abreu, Diogo (ou João, antigo auxiliar do feitor?) Fernandes, Afonso Mendes (membro da embaixada) e Alvarenga (?), além de cinco ou seis genoveses³⁰⁵. Mas antes resolveu o caso de Zagazabo, ainda lhe concedendo outro senhorio.

Zagazabo, acompanhado de Álvares segue para a sua nova possessão, que era a caminho do local de pousada dos portugueses (Aksum ou Debaroa?), onde chegaram dez dias antes do Entrudo de 1525, segundo a datação portuguesa. Zagazabo toma posse da terra, sendo também investido da dignidade de Licacante ou superior de um mosteiro, que ali existia.³⁰⁶ A meio da Quaresma alcançam a morada da embaixada, da qual se vai apossando a melancolia: «(...) indo como os olhos longos que naquela Páscoa viriam os portugueses por nós. E passando a Páscoa que é a monção não vindo ninguém, ficámos tristes como dantes (...)»³⁰⁷. Os

³⁰² De facto o desconhecimento entre europeus e abexins não era total. Como vimos no capítulo anterior, os frades etíopes peregrinavam à Terra Santa e a Roma entre outros locais; por seu lado havia contactos com os europeus via Mediterrâneo/Norte de África (e daí a presença de genoveses, venezianos e catalães) e na zona do mar Vermelho e Índico, com a presença portuguesa nessas paragens.

³⁰³ Álvares, *op cit.*, pp. 109/110 e p. 204

³⁰⁴ *Ibd.*, p.326

³⁰⁵ *Ibd.*, p.340

³⁰⁶ Sobre o embaixador etíope cf. Isabel Boavida, «Damião de Gois e “a frase caldaica e etiópica”» in , *Damião de Góis na Europa do Renascimento*, Braga Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 2003, pp.731/742

³⁰⁷ *Ibd.*, p.365

portugueses recebem ordem de se afastar da costa e dirigir-se ao reino de Abugima onde ficavam as terras do embaixador abexim, para receberem mantimentos. Os portugueses seguiram contrafeitos como relata o P.e Francisco Álvares³⁰⁸.

Instalados em Barué na Páscoa de 1526, sofrem um momento de pânico face a um boato da derrota portuguesa na Índia:

«(...) Vinham como mortos e começaram a dizer:- Não há aí portugueses que venham por nós, nem os há na Índia que todos são desbaratados e a Índia perdida e diziam que esta nova sabiam pelos mouros de três naus que chegaram à ilha de Maçuá com muitos tangeres e festas (...). e me fui só por uma ribeira acima até uma grande rocha, chorando todo o caminho e com chôro e suspiros me deitei naquela sombra espaço mais de uma hora e deixando o chôro tornei em mim e comigo falando disse:- Ora isto de Deus vem e se há-de por servido de mim nesta terra, o Senhor seja louvado (...)»³⁰⁹

A pequena comitiva portuguesa é confrontada com a possibilidade de ficar retida em terras etíopes, de onde seria muito difícil partir visto estar rodeada de estados muçulmanos. Francisco Álvares, com base nos conhecimentos e experiência que tem da terra, reanima-se e esboça um plano de contingência, o que revela uma espantosa força de ânimo:

«(...) Porque ando a caçar e sei as montanhas e as águas delas e a terra que é boa para aproveitar e que dará tudo o que lhe plantarem e semearem, e tenho bons escravos e catorze vacas e tenho carneiros que trocarei por ovelhas; ir-me-ei junto dalguma água e mandarei fazer grande e forte tapume de mato por guarda das feras alimárias e armarei minha tenda (...) e logo ordenarei uma ermida dentro e cada dia direi missa e me encomendarei a Deus (...). Mandarei roçar matos em que faça hortas e semearei pão de toda a sorte e por minhas novidades e caças mantereí a mim e aos meus moços e criados.»³¹⁰

³⁰⁸ «(...) fomos com intenção de não estar lá mais de até acabar de receber e logo fazer volta e assim o fizemos que em meio do Janeiro [1525] que vinha nos partimos daquela terra caminho donde siamos estar perto do mar e sem licença , nem esperámos pelo Embaixador [Zagazabo] nem lho fizemos a saber por nos não embaraçar senão nós a nosso cabo.»*Ibd.*, p. 366

³⁰⁹ *Ibd.*, p. 367

³¹⁰ «(...) - Isso é cousa que vem por Deus e nós iremos todos convosco e levaremos nossas mulheres e filhos e escravos; temos mui boas mulas e sabemos mui bem o mar e as feiras da terra e deles ficarão connosco, outros iremos tratar, enriqueceremos e faremos um lugar nosso em que criemos gados e faremos grandes semeadas.»*Ibd.*, p. 368

Quanto aos seus companheiros, portugueses e de outras nações, todos aprovam o seu plano³¹¹, excepto D. Rodrigo (que preferia retornar à corte do Preste). Mas heis que chega finalmente uma nova armada chefiada por Heitor da Silveira,

A embaixada parte de Barué, provavelmente incluindo os tais referidos escravos e mulheres que alguns teriam tomado nesta sua estadia e seus filhos e ainda alguns europeus (segundo Gaspar Correia um grupo de *frangues* teria partido com a embaixada portuguesa em 1521, mas entretanto muitos se haviam dispersado, permanecendo apenas à data da partida, segundo o mesmo autor, um castelhano e dois biscaínhos³¹²). Também decerto a eles se juntariam o grupo dissidente, mas sobre este não nos dá o autor mais notícia. Partem desse local a 9 de Abril de 1526 com o *Barnagais* e sua gente a acompanhá-los; depois de uma semana de viagem, aposentam-se em Arquico. Finalmente na terça-feira chegam junto à armada; quinta-feira chega Zagazabo, que viajara dia e noite para chegar a tempo de acompanhar a embaixada portuguesa no seu regresso, e esperam a monção (fins de Abril, princípios de Maio) para partir.

Contudo a 21 de Abril chegam emissários da corte, instando-os a regressarem. Mas a embaixada ignorando a nova decisão do *Preste*³¹³ (assim como o emissário etíope, que receia ser deitado aos leões se se apresentar ao Imperador sem os portugueses) e zarpa a 26 de Abril.

A viagem de regresso à Índia e depois ao reino é descrita por Álvares, numa segunda parte da sua obra, ilustrando as rotas e caminhos entre as praças portuguesas da Índia, e exemplificando os sucessos e dificuldades de uma viagem marítima do Oriente para Lisboa, pela Rota do Cabo.

Uma vez abandonada a costa etíope no mar Vermelho e antes de aportar em Ormuz (onde serão acolhidos pelo novo governador Lopo Vaz de Sampaio e recompensados³¹⁴) fazem escala na ilha de Camarão, onde Álvares recolhe, em segredo, as ossadas do embaixador Duarte Galvão, que devolverá posteriormente a seu filho António Galvão em Cochim (sendo depois igualmente em segredo,

³¹¹ *Ibd.*, p.369

³¹² Gaspar Correia, *op. cit.*, Cap.III, Vol.III, p.49

³¹³ «Respondeu Heitor da Silveira e nós com êle (...) que em nenhuma maneira podíamos tornar, nem êle esperara, nem a monção dava lugar e que desta feita não fôssemos que nunca naus por nós viriam e que seu Embaixador podia tornar se quisesse. (...) [Este] respondeu que em nenhuma maneira regressaria sem nós porque o mandaria deitar aos leões e assim ficámos todos com muito prazer. E os calacens descontentes por ser em balde seu trabalho.» *in ibd.*, p. 373

³¹⁴ «O Governador Lopo Vaz de Sampaio fêz mercê a D. Rodrigo de Lima (...) de duzentos pardaus e ao Embaixador do Preste doutros duzentos e a mim fêz mercê de cem pardaus.» Estas mercês talvez contribuam para explicar as acrimónias com Jorge de Abreu, *Ibd.*, pp. 380-381

transportadas para o reino, pois os mareantes recusavam tal transporte considerado de mau augúrio). Na sua viagem armada sofre uma forte tormenta no golfo de Adem que a divide. Esta reunir-se á no porto de Mascate, conquanto apenas dez dias depois seja avistada a nau capitania, que transportava o capitão-mor e ambos os embaixadores, onde muito se havia sofrido de fome e principalmente de sede.

Invernam em Ormuz e dali partem com o Governador para Chaul, «(...) terra mui forte e viçosa (...)»³¹⁵, onde reencontram o capitão Heitor da Silveira com as presas que tomou no mar Vermelho. Seguem depois para Goa, onde chegam a 25 de Novembro de 1526. Três dias depois dirigem-se para Cananor, onde permanecem seis dias e finalmente alcançam Cochim. Aí Francisco Álvares encontram-se com António Galvão, filho de Duarte Galvão. Este convida-o a partir para o reino na nau que comanda, a *Santa Maria do Espinheiro*. A armada em que segue (ambos os embaixadores irão na nau comandada por Tristão Vaz da Veiga) reúne-se ao largo de Cananor para carregarem (além da pimenta e cravo que já levam) gengibre e provisões para a viagem de volta ao reino: biscoito, pescado, vinho de palma, pólvora³¹⁶.

Partindo a 18 de Janeiro de 1527 arrostam com todas as dificuldades da travessia marítima da rota do Cabo: encontros e desencontros com as restantes naus das armadas, os desvios da rota e a terrível falta de água ao falhar-se a aguada de St^a Helena, resolvida por trovoadas e fortes aguaceiros; a recolha de náufragos; o receio dos corsários franceses³¹⁷, cujos ataques e roubos no mar dos Açores parecem ter sido um problema comum e receado especialmente nas décadas de 20 e 30 do século XVI³¹⁸.

Por fim entram na barra do Tejo dia 24 de Julho de 1527, assinalado pelo P. Francisco Álvares com uma frase expressiva: «Neste dia entrámos e surgimos defronte da cidade de Lisboa que nos deu assás prazer.»³¹⁹ Depois da chegada ao reino inicia uma breve descrição do caminho, também não isento de dificuldades, de Lisboa (isolada pela peste) a Coimbra, onde se encontra a corte de D. João III.

³¹⁵ *Ibid.*, p.388

³¹⁶ *Cf.,Ibid.*,p.391

³¹⁷ Como refere Ana Isabel Buescu entre os problemas que D. João III herdava dos últimos anos de governação do pai um deles era «(...) o dos primeiros tentames da França de Francisco I na aventura oceânica, e o corso e a pirataria sobre navios portugueses, realidade sensível [e receada como atesta Álvares] já nos finais do reinado de D. Manuel e que haveria de tornar-se um dos problemas mais persistentes e de difícil resolução no reinado de D. João III (...)», *D. João III*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p.224

³¹⁸ *Vide, Ibid.*, pp.231/234

³¹⁹ Álvares, *op cit.*, p.395

Alcançando Sernache, ali, ficam de quarentena por receios de peste. Um mês depois são entusiasticamente visitados por Diogo Lopes de Sequeira, «(...) Almotacé-mor de Sua Alteza e que à terra do Preste João nos levaria sendo Capitão-mor e esta embaixada havia por coisa sua e de sua mão feita e veio abraçar o Embaixador e do Preste João e a nós todos cada um per si (...)»³²⁰ Com ele partem para Coimbra onde são recebidos nos paços reais. Avistam-se com o rei duas vezes, entregando-lhe as cartas e o presentes do Preste. Nessa ocasião Francisco Álvares apresenta as cartas e a pequena cruz de ouro que o Preste enviava ao Papa, «(...) dizendo a Sua Alteza como o Preste mandara que fôssem entregues (...) a Sua Alteza, de mão de Sua Alteza fôssem dadas a mim Francisco Álvares que as levasse a Sua Santidade(...)»³²¹.

Porém, também a missão de Álvares a Roma não será destituída de dificuldades. Como vimos já no capítulo inicial, o novo monarca, D. João III representa uma inflexão no projecto imperial de seu pai. Como refere Ana Isabel Buescu, «(...) a construção do império português, nas suas várias frentes, foi, ao longo dos tempos, tudo menos um processo homogéneo de meios projectos e vontades.»³²² Assim o ideal imperial de D. Manuel, defendido pelo seu conselheiro, o malogrado embaixador português à Etiópia, Duarte Galvão, é abandonado em prol de uma visão mais pragmática..

Pouco depois a corte parte para Lisboa via Almeirim, localidade na qual o padre lembra ao rei a necessidade do desempenho da missão de que fora incumbido pelo Preste. Porém, o rei desaconselha-o devido às rivalidades entre a França e Carlos V, e o saque de Roma pelas tropas imperiais (1527). O diálogo repete-se estando já a corte em Lisboa. Na verdade os pedidos e as recusas parecem ter-se estendido de 1527 a 1529 e nesse último ano, assinada a paz de Cambrai entre a França e o Império, Álvares é impedido de partir com o embaixador em Roma, Brás Neto, com o pretexto que este se iria avistar com o Imperador e não com o Papa.

O rei acaba por decidir que o Francisco Álvares partirá apenas com o novo embaixador português na Santa Sé. D. Martinho de Portugal. O interesse pela aliança abexim parece ter esfriado³²³, com a confirmação do carácter herético do

³²⁰ *Ibd.*, p. 399

³²¹ *Ibd.*, p.401

³²² Ana Isabel Buescu, *op cit.*, p.226

³²³ *Vide*, Cap. I, p.21

cristianismo etíope. Entretanto o rei poderá ter nomeado Francisco Álvares, capelão régio e concede-lhe um benefício no arcebispado de Braga.

Assim para sua confirmação, a 30 de Julho de 1529, encontra-se Álvares naquela cidade durante alguns dias, durante os quais se avista com o arcebispo, D. Diogo de Sousa, e «(...) sendo eu com sua senhoria jamais cessava de me perguntar por cousas do Preste João. Eu lhe respondia na verdade como o eu mui bem sabia e Sua Senhoria tudo mandava escrever(...)»³²⁴. Com a transcrição deste relatório termina o relato de Álvares.

Segundo a análise que Jean Aubin faz deste relatório, apenas uma reduzida parte das questões postas pelo Arcebispo de Braga dizem respeito ao culto e costumes religiosos e nenhuma sobre dogmas teológicos, o que lhe permite afirmar: «L'archevêque sait. Le pays du Prêtre n'est pas celui d'une puissance alliée dont rêvait D. Manuel, c'est une terre de mission.»³²⁵ Reafirmando esta posição o mesmo autor refere as duas versões conhecidas das instruções régias a D. Martinho para sua missão. Numa das versões é patente a necessidade de correcção da religiosidade etíope e a melhor forma de apresentar a questão ao Papa.

Terminada a narrativa de Álvares, deixamos de poder acompanhar o autor pelas suas palavras e seguiremos vários autores que procuraram o seu rumo posterior à obra noutras fontes disponíveis.

Assim o P. Francisco Álvares é finalmente autorizado a partir em 1532 para a corte papal, acompanhando D. Martinho de Portugal, a fim de desempenhar a função de que havia sido incumbido pelo monarca etíope. Foi recebido em Consistório Público a 29 de Janeiro de 1533 por Clemente VII, na presença do imperador Carlos V, onde pronuncia a Oração de Obediência e entrega as missivas e o presente do Imperador da Etiópia.

No entanto a sua permanência na corte papal não será frutífera. Com o advento do novo Papa, Paulo III, e novas prioridades políticas do rei português; a questão da introdução do Tribunal do Santo Ofício em Portugal³²⁶; e as preocupações de D. Martinho em relação à sua carreira, nomeadamente a questão do arcebispado do Funchal, de que seria o futuro titular, o P. Francisco Álvares permanece esquecido e o seu projecto de aproximação entre a igreja etíope e a romana relegado para

³²⁴ Álvares, *op cit.*, p. 415

³²⁵ Jean Aubin, «Le Prêtre Jean devant la Censure Portugaise» in, *Le Latin et l'Astrolabe*, p.186

³²⁶ A A Banha de Andrade, *op cit.*, p. 295

segundo plano. De acordo com Jean Aubin, D. Martinho parece ter uma atitude ambígua face ao protagonismo da questão etíope, guardando Álvares como instrumento das suas aspirações pessoais³²⁷. Segundo Jorge Couto, numa carta de D. Henrique de Meneses, embaixador de D. João III junto à Santa Sé em 1534, enviada de Roma ao rei a 17 de Março de 1535, o padre é referido³²⁸. Estaria velho, desgostoso e choroso, receando morrer sem haver cumprido a sua missão. Já Fortunato de Almeida, havia denotado que na mesma carta se afirmava que o assunto era descurado e D. Martinho se encontraria mais ocupado em promover a sua ascensão ao Cardinalato do que em tratar do caso etíope, informando o rei, meses depois, que o Papa duvidava das informações sobre o Preste e que o monarca deveria escrever ao Pontífice reafirmando a verdade do caso³²⁹.

O que sabemos dos últimos tempos do P. Francisco Álvares advém da análise e estudos feitas sobre a sua figura e obra por autores como Luís de Albuquerque, Banha de Andrade e C. F. Beckingham.

Francisco Álvares veio a falecer em Roma entre 1535 e 1540³³⁰ ou 1546³³¹ devido talvez às canseiras e proveta idade. Segundo testemunhos italianos (Banha de Andrade refere um documento na Biblioteca Palatina de Parma; C. F. Beckingham faz alusão a manuscritos de Paulo Jóvio e de Beccadelli³³²) foi sepultado nessa cidade, na Igreja de Santo António dos Portugueses, junto do Campo de Marte. Na obra citada, C. F. Beckingham refere a sua visita a esse templo em 1962, procurando em vão a tumba ou qualquer lápide que mencionasse Álvares; em 1964 o mesmo autor, volta a consultar os registos e inscrições, chegando à conclusão que se algo aludia ao P.e Francisco, deve ter sido destruído pelas cheias a que a igreja esteve sujeita³³³. Ou, afirmamos nós, pela simples e inexorável passagem do tempo e dos homens.

O que permaneceu foi o seu vivo e espontâneo relato da viagem da embaixada, retractadas com uma vivacidade e expressividade patentes no discurso,

³²⁷ Cf., Jean Aubin, *op cit.*, p. 189 e p.195

³²⁸ *Apud.*, Jorge Couto, *op cit.*, p. 131

³²⁹ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 2º ed. dir. por Damião Peres (1º ed. Coimbra, 1930), Porto/Lisboa, Livraria Civilização, 1968, pp. 30/31

³³⁰ *Ibd.*

³³¹ Luís de Albuquerque, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses - séculos XV e XVI*, Vol. II, Lisboa, Caminho, 1987, p.54

³³² Cf., A A Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o êxito Europeu da Verdadeira Informação sobre a Etiópia» in, *Presença de Portugal no Mundo*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1972, p.301 e C.F. Beckingham, *op cit.*, pp.8/9

³³³ C.F. Beckingham, *op cit.*, p. 9

caracterizado por uma «(...) linguagem simples e saborosa(...)»³³⁴. A leitura da sua obra revela um espírito observador, interessado e pragmático, adaptando-se às necessidades do momento. A minúcia e a precisão do registo, assim como a probidade, sensatez e prudência do escritor são lugares comuns nos escritos sobre Álvares:«(...) era um homem escrupuloso no que nos transmitiu, e não deixava de anotar todas as minúcias sobre o que vira e ouvira(...)»³³⁵.

Depreende-se igualmente, da leitura da obra, uma natureza afável, uma bonomia e paciência para com os percalços da viagem, ao contrário dos seus companheiros de viagem. De facto resgatara cativos abexins dos mouros, como reitera o *língua* Jorge³³⁶; a pedido de Mateus, intercede para se desviarem do caminho real até ao mosteiro de Bisão, depois de «grandes alterações sôbre o dito caminhar», durante a pousada dessa noite³³⁷; serve de interlocutor entre as duas facções desavindas da embaixada³³⁸, entre outros exemplos. Como resume C. F. Beckingham, «He appears as a kind, tactful, sensible man, doing his best in very difficult circumstances(...). This, of course, is an estimate derived from his own book, but there is nothing in contemporary sources to suggest that it is not correct.»³³⁹

Mas basicamente, Álvares cumpre as funções de um funcionário ao serviço de uma embaixada real. A sua obra inscreve-se naquela visão prática de descrição do encontro com novas paragens, sem pretensões de carácter literário, antes com a intenção de deixar um testemunho através de uma experiência a que poucos europeus teriam acesso. Por outro lado, talvez não fosse propriamente um intelectual letrado. Salvo casos excepcionais «Os exploradores e missionários portugueses não podiam dizer-se, por via de regra, homens de cultura superior ou de formação académica regular (...). Eram políticos, mercadores, ou simples práticos e aventureiros, de uma pequena nação periférica.» como refere J.S. da Silva Dias³⁴⁰.

Provavelmente teria tido uma espécie de “formação média“, própria do clero da época iniciada a nível elementar pela leitura e escrita e um pouco de latim, talvez

³³⁴ Elaine Sanceau, «Etiópia e Portugal» in, *Ocidente*, nº 257, Set. 1959, vol. 57, p. 104

³³⁵ Luís de Albuquerque, *op cit.*, p. 72

³³⁶ Álvares, *op cit.*, p. 271

³³⁷ *Ibd.*, p.23

³³⁸ *Ibd.*, p. 293

³³⁹ C. F. Beckingham, «Introduction» in, *The Prester John of the Indies-A true Relation of the Lands of the Prester John ...*, tradução de Lord Stanley of Alderley, 1881, C. F. Beckingham e G. W.B. Huntigford (rev. e ed.), 2, vols., Cambridge, University Press, 1961, p. 13

³⁴⁰ J. S. Silva Dias, *op. cit.*, p. 64

um pouco de aritmética³⁴¹, gramática, retórica, doutrina cristã, tipo de ensino ministrado nas escolas conventuais (como é exemplo a escola dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Santa Cruz de Coimbra³⁴²) ou com um mestre. Segundo Fortunato de Almeida, para receber ordens sacras e benefícios, segundo as Constituições do Porto de 1496, era necessário um exame de leitura, gramática e canto, além do bom comportamento e honestidade³⁴³. Ao clero era especialmente recomendado o ensino da doutrina católica a partir do século XVI. Talvez tivesse frequentado a Universidade e cursado Artes, na época espécie de prolongamento do ensino elementar, e dirigida essencialmente para a formação do clero³⁴⁴.

A sua formação pode ter sido limitada : quando da sua entrevista com o Papa em Bolonha, em 1533, terá proferido o Discurso de Obediência em português, traduzido para latim pelo secretário da embaixada³⁴⁵. Além do mais, ao longo da sua narrativa também deixa escapar algumas dúvidas sobre aspectos bíblicos (por exemplo quanto ao número dos profetas e dos livros escritos por estes e pelos Evangelistas.

Apesar do estilo pouco culto ou da falta de qualidade literária que lhe tem sido apontada³⁴⁶, começando por João de Barros que salienta o seu estilo directo, mas pouco cultivado³⁴⁷, não lhe faltava sensibilidade para toda uma panóplia de interesses que iam desde a botânica à arquitectura religiosa. Além do colorido da descrição e do tom coloquial e pitoresco da linguagem, que nos faz acompanhar a progressão da embaixada e seus percalços, o número de dados históricos que faculta para o quotidiano da sociedade portuguesa da época; suas viagens no mar Vermelho e no Índico e para a história da Etiópia do século XVI, é inestimável, pese embora o seu desgosto por não ter conseguido resolver os seus assuntos nos areópagos políticos de Roma, e o desaparecimento dos seus restos mortais fora do seu país (ele que tanto cuidado tivera em resgatar os de Duarte Galvão).

³⁴¹ Vide, Rogério Fernandes, «Ensino elementar e suas técnicas no Portugal de Quinhentos», in *A Abertura do Mundo...*, pp. 53-65

³⁴² Veja-se o panorama estabelecido para os séc. XIV e XV por A. H. de Oliveira Marques, «Os Valores Culturais e artísticos», in *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, Lisboa, Presença, 1987, pp.400-430

³⁴³ Vide, Fortunato de Almeida, *op cit.*, pp. 551/569

³⁴⁴ *Ibd.*, p.201

³⁴⁵ A A Banha de Andrade, «Francisco Álvares» in *Dicionário da História da Igreja em Portugal*, vol. I, Lisboa, Editorial Resistência, [1980], p.160 e Jorge Couto, *op cit.*, p.131

³⁴⁶ Cf. Hernâni Cidade, *Cultura Portuguesa...*, Vol. V; Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1971, p. 26 ; J. Veríssimo Serrão, *A Historiografia Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Verbo, 1972, p.373 e José Nunes Carreira, « A Abissínia de Francisco Álvares: queda do mito » in *Literatura de Viagem: Narrativa, História e Mito*, p.87

³⁴⁷ Ap. AA Banha de Andrade, *op cit*, p.302

1.2. Pêro Pais: *História* de um jesuíta no reino da Etiópia

« Muitas e varias terras de Christãos, de Gentios, de Mouros e Turcos tenho corrido e em algumas dellas estado muito tempo; muitos bastos bosques e compridos desertos tenho passado(...)» P.e Pêro Pais, *História de Etiópia*

O nosso segundo autor, o jesuíta P.e Pêro Pais, de origem castelhana, sendo o seu nome de origem Pedro Paez Xaramillo, nasceu em 1564, no seio de uma família da aristocracia rural de Castela, na localidade de Olmeda de las Cebollas (que actualmente apresenta o nome mais “poético” de Olmeda de las Fuentes), próxima de Alcalá de Henares, na província de Madrid, diocese de Toledo. De acordo com Elaine Sanceau teria tido dois irmãos, Juan e Gaspar e outras tantas irmãs, Ana Maria e Isabel, com quem se teria correspondido ao longo da sua vida³⁴⁸.

Como propõe George Bishop na sua biografia romanceada, é possível que tivesse usufruído da educação tradicional de um membro da sua classe: «(...) estudió a los clásicos, aprendió matemáticas, ciencias, bellas artes y danza, y fue instruido en las artes guerreras, el manejo de la espada, la equitación, el empleo del arco y, no menos importante, la forma de comportarse como un hidalgo.»³⁴⁹ Segundo a obra de Javier Reverte, Pais poderia ter estudado em Alcalá de Henares, talvez no recém criado Colégio de Stº Ildefonso³⁵⁰. Talvez por influência de seu primo ou tio, Esteban Páez, provincial da Companhia no México e mais tarde ocupando o mesmo lugar no Peru, parte em 1580 para Portugal, continuando os seus estudos no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, sob direcção jesuíta. A escolha da universidade portuguesa pode explicar-se pelo prestígio e implantação da Ordem em Portugal pois, como refere C. R. Boxer, o poder, a influência e o prestígio que a Companhia

³⁴⁸ Elaine Sanceau, « Introdução », in Pêro Pais, *História de Etiópia*, Vol I, Porto, Livraria Civilização, 1945, p.XI

³⁴⁹ George Bishop, *Viajes y andanzas de Pedro Páez...*, Bilbao, Mensajero, 2002, p. 15

³⁵⁰ Vide a obra de divulgação composta pelo jornalista e escritor, Javier Reverte, *Dios, el Diablo y la Aventura-La historia de Pedro Páez, el español que descubrió el Nilo Azul*, 2ª ed. em formato de bolso, Barcelona, Debolsillo, 2004 (1ª ed.Barcelona, Random House Mondadori, 2001)

detinha em Portugal, suplantavam a sua posição em Espanha³⁵¹, gozando de um acolhimento favorável pela coroa portuguesa³⁵². É possível que tenha aprendido fluentemente o português durante esta estadia, língua na qual redigirá a sua obra. Aí deve ter seguido o programa de estudos, sistematizado em breve no famoso programa, *Ratio Studiorum*, impresso numa primeira versão em 1586 e definitivamente elaborado em 1599³⁵³. É possível que tivesse estudado, no seu primeiro nível, Gramática clássica, Humanidades (várias noções de cultura clássica, que confeririam a “Erudição” ao aluno, ou seja regras de conduta moral, estilo no manejo da língua e eloquência) e Retórica³⁵⁴. Não sabemos se por esta época, Pais cumpria já o seu noviciado na Companhia, mas parece ter ingressado nas suas fileiras muito jovem.

O fascínio que a Sociedade de Jesus exercia explicava-se talvez pela sua energia e dinâmica, pelo seu sistema educativo e pelo seu forte sentido de coesão, que permitia a um jovem fidalgo entusiasta colocar as suas capacidades e desejos de aventura ao serviço da fé, ingressando numa instituição de prestígio. De facto, a Companhia apresentava na época um carácter de inovação no modo como punha em prática o pensamento católico, valorizando a actuação no “século”, defendendo o pragmatismo e a crença nas capacidades do homem e na acção. A sua espiritualidade tinha uma componente dinâmica e não meramente contemplativa³⁵⁵, além da tónica, posta no ensino das letras e na formação dos indivíduos, e no interesse pela escrita e leitura na senda do espírito do humanismo.

Algum tempo depois em 1582, Pais teria ingressado na Província de Toledo da Companhia e continuado os seus estudos no colégio das Artes de Belmonte, na Província de Cuenca, o que se confirma através de uma referência recolhida por

³⁵¹ C. R. Boxer, *op cit.*, p.91

³⁵² Sobre o acolhimento da Companhia de Jesus em Portugal, protecção do rei D. João III e sua implantação («(...) a Companhia de Jesus encontrou em terras lusitanas (...) os seus maiores amigos e aliados que a fizeram grande e respeitada, isto é, em certa medida, encontrou em Portugal o seu berço mais promissor (...)»), *Vide*, José Eduardo Franco, *O Mito dos Jesuítas*, Vol. I, Lisboa, Gradiva, 2006, pp.87/89

³⁵³ António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, Vol. III..., p.225

³⁵⁴ *Ibid.*, pp.225/226

³⁵⁵ A Companhia de Jesus « Apresenta-se (...) como uma tentativa de síntese entre a tradição monástica e as novas correntes de espiritualidade (...) emergentes da modernidade. Neste esforço de síntese (...) os Jesuítas desenvolveram uma nova piedade perfilada para a acção. A sua reflexão teológico-antropológica professava uma valorização do indivíduo e da sua liberdade, do seu espírito crítico e da possibilidade de o homem se capacitar e se aperfeiçoar pela aquisição de saber e de técnicas.», José Eduardo Franco, *op cit.*, p. 67

Hervé Pennec nos Catálogos³⁵⁶ constantes dos Arquivos da Companhia de Jesus em Roma .

Aí teria iniciado, o jovem Pais, os estudos do nível superior, isto é três anos de Filosofia, com formação também em Moral e Matemática (Geometria e Cosmografia). No Colégio de Belmonte conheceu Tomás de Ituren³⁵⁷ seu professor de filosofia, com quem se corresponderia durante toda a vida³⁵⁸.

Podemos imaginar Pais na época, certamente como um jovem entusiasta, cuja personalidade fora moldada pelos *Exercícios Espirituais* concebidos pelo fundador da ordem, que visam a perfeição espiritual através da fé, mas também do exercício da autodisciplina e ordem, do pragmatismo, determinação da razão na conduta humana³⁵⁹ e pelo zelo apostólico que orientavam a actuação da Companhia.

A 5 de Maio de 1587 o ainda estudante, Pêro Pais, escreve ao Geral da Companhia, Cláudio Aquaviva solicitando o seu envio para as missões do Oriente do Padroado Régio português. E assim, ainda antes de ser ordenado, o irmão Pêro Pais, dirige-se a Lisboa, de onde embarca para Goa na nau S. Tomé, em Abril de 1588.

Goa, a terceira província da Companhia, criada em 1549, era o ponto de difusão da actividade missionária no Oriente, englobando a África Oriental e convertera-se igualmente num centro de formação. O jovem Pais ali aporta em Outubro de 1588 e retoma a sua formação, iniciando os estudos de Teologia, no Colégio de S. Paulo, que deveriam ter a duração de quatro anos.

Entretanto, face ao estíolar da pequena missão jesuíta em território etíope, o provincial da companhia em Goa, Pêro Martins pressionado pelas recomendações do monarca³⁶⁰, Filipe II de Portugal, transmitidas ao através do recém nomeado Governador, Manuel de Sousa Coutinho, decide enviar para a terra do *Preste* mais dois missionários, pois, como afirma Pais, «(...) por ser necessário grande secreto pareço ao Governador, q não convinha fossem mais q dous.»³⁶¹. São eles, precisamente o jovem Pêro Pais e o já experimentado P.e António de Monserrate, com longos anos de Companhia e 53 de idade, coadjutor espiritual, natural da

³⁵⁶ Listas de dados pessoais dos missionários, no caso da Etiópia compostos de três em três anos pela província de Goa. Cf., nota 137 in Hervé Pennec, *op cit.*, p.108

³⁵⁷ George Bishop, *op cit.*, p.17 e Javier Reverte, *op. cit.*, p. 49

³⁵⁸ Vide, como exemplo a carta a Ituren *ap.*, Hervé Pennec, *op cit.*, p. 106

³⁵⁹ Vide, Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo I, Porto, Apostolado da Imprensa, 1931, pp. 162/173

³⁶⁰ Vide, Cap. I, da presente obra, p. 28

³⁶¹ *Ibd.*, p. 369

Catalunha, que fora enviado à corte de Akbar, o Grão-Mongol, em Agra, em 1580 e havia redigido o manuscrito *Mongolicae Legationis Commentarius*.

Trata-se de uma nova tentativa de missionação e de retomar as comunicações, difíceis de estabelecer desde o avanço turco no Mar Vermelho e da ocupação de Suaquém, Maçuá e Arquico (c.1557), pontos na costa etíope que possibilitavam a entrada nesse reino. Por conseguinte, os contactos com a “missão mãe” de Goa são esporádicos mercê de mensageiros ocasionais (abexins, mercadores judeus, muçulmanos, etc.) que conseguem passar correspondência por entre as apertadas “malhas” turcas.

Preparando-se para a partida, o jovem irmão Pêro Pais, então com 24 ou 25 anos, recebe as ordens sacras em Janeiro de 1589, apenas com dois anos de formação em Teologia. Deve, assim interromper os seus estudos, destinado a constituir “uma guarda avançada” na Etiópia, que pouparia os melhores teólogos e as maiores dignidades dentro da Companhia. O que se pretendia ao contrário da missão de 1557, era simplesmente « (...) faire passer à travers les mailles du filet ottoman deux prêtres capables d’administrer les sacraments aux membres de la communauté métisse portugaise. Au caso où les événements tourneraient à leur avantage, un contact avec la cour par exemple, l’expérience d’António de Monserrate (...) pourrait lui servir.»³⁶².

É o próprio P. Pêro Pais que nos relata o início da missão na sua *Historia* que seguiremos tanto quanto possível no que aos seus dados biográficos diz respeito, uma vez que o padre muitas vezes nos aparece como protagonista ou interveniente dos assuntos narrados.

Desta forma logo a 2 de Fevereiro de 1589, os dois padres partem de Goa, via Chaúl, para Baçaim, onde o jovem padre Pais celebrou a sua primeira missa, no colégio local. Os dois missionários pretendiam dirigir-se a Diu, importante centro de ligação com o Golfo Pérsico e o Mar Vermelho graças á existência de uma comunidade local de mercadores com ligações a essas zonas, o que facilitaria um possível acesso à costa etíope. A partir dessa cidade tentariam alcançar o Mar Vermelho, disfarçados de mercadores arménios, dirigindo-se a Moca, de onde seguiriam pelo golfo de Adem, até ao porto de Macuá, na costa etíope.

³⁶² Hervé Pennec, *op cit.*, pp.108-109

Seguindo o relato que Pais nos deixou incluído na sua obra, podemos acompanhar a sua primeira tentativa de entrada em terras etíopes, que ilustra as dificuldades a que estavam sujeitos os padres da Companhia na prossecução das suas missões nessa região. Os dois missionários seguem para Diu³⁶³. É curioso acompanharmos os estratagemas utilizados pelos missionários para não serem detectados por possíveis delatores às autoridades uma vez em território turco. O disfarce será uma constante nas viagens dos Padres da Companhia neste percurso.

Assim apenas entram na cidade «(...)cõ toucas, e cabayas como Armenios(...)»³⁶⁴, são conduzidos pelo elemento de ligação, o Luís Mendonça, para uma casa onde permanecem secretamente um mês à espera de transporte. Nesse intervalo, Pais procura uma nau que os conduza. Mas este plano era difícil de cumprir. Luís Mendonça não encontra um capitão local que se atreva a transportar os dois cristãos.

Procurando alternativas, os dois padres acabam por aceitar o percurso proposto por um mercador arménio de Alepo: iriam até à Síria, daí à Babilónia, de onde seguiriam para o Cairo e deste para a Etiópia. Era um longo trajecto por terra, mas na altura parecia ser o único possível. Partiram, então, de Diu, numa nau que rumava a Ormuz a 5 de Abril de 1588. Após 49 dias devido à falta de água o navio entra na fortaleza portuguesa de Mascate. Aí o trajecto é novamente discutido com o capitão da cidade, Melchior Calaça, que avisa os dois padres do perigo de tal jornada e lhes propõe transporte com um piloto mouro seu conhecido até ao estreito de Meca e daí à costa abexim, ao porto de Zeila.

Entretanto os Padres chegam a Ormuz, onde deveriam aguardar. E ali ficam por três meses resguardados num mosteiro de Agostinhos. Durante esse tempo, retiram os disfarces, ocupando-se da direcção espiritual dos portugueses, que necessitavam de especial encaminhamento naquela cidade« (...)por estarem misturados, com Iudeos, Persios e harabios, q sam m.tº deliciosos.»³⁶⁵

As peripécias da sua viagem ilustram o domínio turco do mar Vermelho e a sua forte restrição à entrada de cristãos. Partem de Mascate no final do ano de 1588, com destino a Zeila. Uma tempestade quebra o leme do navio, que fica à deriva,

³⁶³ «(...) por não achar Navio nos metemos em hua Manchica embarcação m.tº pequena q hia pera Dio carregada de arroz; pello q dando nos hua tormenta no golfo, q durou toda a noute estivemos tão perdidos q o Capitão della cobrio a cabeça cõ sua cappa, e se meteo entre os bancos dizendo, q não queria estar olhando sua morte(...)»Pais, Vol. II, ,p.372

³⁶⁴ *Ibd.*,

³⁶⁵ *Ibd.*, p. 376

sendo os passageiros transportados por pequenos barcos de pescadores para a costa desértica do sul da Arábia. Resolvem procurar solução alcançando as ilhas de Guria Mura ao largo da costa da Arábia. Tendo ali o navio recebido um reparação improvisada, fazem-se ao largo para evitar a cidade muçulmana de Dhofar. Mas os ventos contrários impedem-nos de ultrapassar este ponto encaminhando-os para a indesejada costa, sendo interceptados por embarcações muçulmanas. Os missionários haviam sido denunciados e em Dhofar são acusados de espionagem e da intenção de levantar o monarca etíope contra os turcos, sendo seguidamente aprisionados³⁶⁶. Assim se inicia o seu cativeiro, gorando-se outra tentativa de alcançar a Etiópia por parte de missionários jesuítas³⁶⁷.

As atribuições dos dois padres continuarão, como nos relata Pais: saindo de Dhofar seguem por mar, durante cinco dias, após os quais se internam em caravana no deserto de Hadramaut, (ou *Recinto da Morte* em árabe³⁶⁸) no actual Yemén, onde empreendem uma difícil jornada narrada impressivamente por Pais³⁶⁹. Seriam os primeiros europeus a internarem-se naquelas desoladas regiões e Pais o primeiro a referir-se a elas por escrito.

Prosseguindo a viagem e recebidos na cidade de Qatna por um irmão do Sultão local, foram os primeiros europeus a provarem *cahúa*, ou a bebida da fervura do *bun*, fruto do arbusto do café³⁷⁰. Depois de uma noite de caminho chegam à cidade de Heinam, onde são aprisionados numa torre da fortaleza de adobe do sultão Humar durante quatro meses. O sultão inclinar-se-ia a possibilitar o seu resgate, não fora o receio das autoridades turcas. De facto todas estas regiões estavam sujeitas ao Paxá turco do Yémen, cuja capital se localiza em Sana, e que sabendo da existência dos cativos cristãos, exige ali a sua presença. Pais e o seu companheiro iniciam uma nova jornada através do deserto da zona sul do Rub-al-Khali ou «Casa Vazia»³⁷¹. Eram, de novo os primeiros europeus a percorre-lo. No

³⁶⁶ «(...) mandou q nos metessem mais dentro em hua Camara onde nos fecharão e estivemos toda a noute nsem poder dormir pellas m.tas pulgas, e persejeos q nella avia. O outro dia nos passarão a huas casas de taipa m.to fraca q elles tinham por fortaleza, onde estivemos alguns dias padecendo grande fome(...).Estando aly nos foi visitar o mouro q trazíamos de Mascate, e nos disse q o Capitão da Cidade se resolvera em nos não matar, senão mandar nos onde estava seu pay, pera q elle nos desse a morte, q melhor lhe parecesse.» *Ibd.*, pp.380/381

³⁶⁷ Para as várias tentativas de entrada de missionários na Etiópia, *Vide*, cap. I, do presente trabalho, pp.40/43

³⁶⁸ Javier Reverte, *op. cit.*, p.87

³⁶⁹ «Andamos por aelle deserto dez dias sem achar gente, nem caminho, porq o vento o çegua cõ a area, e assi de dia guiavão pello sol, e de noute pello Norte; e no ult.º dia a tarde chegamos a hua Cidade grande q chamão Tarím.» Pais, *op.cit.*, p.382. Apenas no século XIX os exploradores europeus se aventurariam nelas; o alemão A. Werde em 1843 e o britânico Hirsch em 1893. *Vide*, Javier Reverte, *op.cit.*, pp.89/90

³⁷⁰ «[Câhua] (...) he agoa cozida cõ a casca de hua fruta q chamão Bûn q bebem m.to quente em lugar de vinho.» Pais, *op cit.*, Vol. II, p.383

³⁷¹ Javier Reverte, *op cit.*, p.93

percurso são igualmente os primeiros ocidentais a visitar as ruínas e as inscrições desconhecidas de Melkis³⁷².

Chegados a Sana são novamente encarcerados. Naquela prisão encontram outros cativos portugueses e cristãos locais, aprisionados ao largo de Melinde.

Com o passar do tempo as condições dos cativos melhoram um pouco: são-lhes retirados os grilhões e vão trabalhar para as hortas nos arredores da cidade; o alcaide da fortaleza atribuí-lhes uma nova sala com uma câmara onde fazem um pequeno oratório, no qual celebram as suas práticas religiosas. Ao que parece a boa disposição dos funcionários turcos para com eles provinha de muitos serem de origem cristã, originários dos Balcãs (Pais refere-se-lhes como Albaneses), capturados em criança nas razias turcas e educados para serem fiéis elementos do império otomano³⁷³.

A situação dos dois missionários mantém-se por dois anos, durante os quais Pais, com a sua propensão para poliglota, aprende árabe e hebreu com outros prisioneiros. Entretanto, como era prática corrente, em troca da sua libertação é proposto um resgate. Apesar de terem contado com a intercessão da mulher do Paxá e da protecção de um turco natural Argel, homem letrado e considerado, e de um Paxá originário de Sevilha, os dois padres não obtêm a liberdade, face ao problema da negociação do resgate. Entretanto os restantes cativos vão sendo resgatados pela Misericórdia de Chaúl, e os Padres optam por realizar o seu apostolado ali mesmo, na prisão de Sana, acompanhando os cativos cristãos, como escrevem ao Provincial da Índia³⁷⁴.

No entanto, levantando-se novamente a questão do resgate, cujo valor a pagar pelos Padres seria maior do que pelos outros cativos, e face à recusa destes em assegurarem que esse valor seria liquidado, o Paxá, envia os dois missionários para a cidade de Moca, onde aportavam naus da Índia, para uma mais fácil negociação do seu resgate, empreendendo uma terceira e novamente acidentada viagem pelo deserto, especialmente para o já debilitado P.e Monserrate, como nos relata o P.e Pais³⁷⁵.

³⁷² Pais, *op. cit.*, Vol. II., p. 387

³⁷³ *Ibid.*, pp. 390/391

³⁷⁴ *Vide, ibid.*, p.400

³⁷⁵ «(...)e porq os Camellos em q hiamos davão m.to trabalho ao P.e Monserrate; e sempre andava cõ arreceo de cahir (...) tomamos hu lumento em q fosse; mas foi pior, porq entrando por hu caminho estreito, passou hu Camello Carregado, e derrudando o esteve a perigo de q o matassem cõ os pees os outros Camellos.(...) ficou tão maltratado, q nem no lumento se podia ter, pello q era necessario hir a pee huas vezes o Bramene e outras eu tendo mão nelle;(...)[o

Não podendo obter resgate com ameaças e maus tratos, as autoridades turcas acabam por enviar os dois Padres para as galés. Embora estas não partam devido a uma forte tempestade que dissuadira os passageiros, peregrinos para Meca, a vida a bordo é insuportável. Presos pelos pés aos bancos, sofrem com a fome e com a indiscriminável sujidade.

Apenas serão dispensados, devido ao estado de saúde do P.e António de Monserrate, em perigo de falecer e perder-se assim o seu resgate. São então enviados para casa de um mercador indiano, sem ferros mas também sem recursos para adquirir comida e água. Quando chegam as naus da Índia são finalmente resgatados por ordem do vice-rei Matias de Albuquerque, adiantando o mercador o dinheiro. Após um ano de cativo, deixam Moca numa nau que rumava a Diu, corria o ano de 1595.

Quase um mês depois chegam a Diu, não sem antes terem sofrido uma enorme tempestade. Passam depois por Chaul, onde recolhem parte do resgate junto dos já referidos Irmãos da Misericórdia de Chaul³⁷⁶, a caminho de Goa.

Para os P.es Pais e Monserrate terminou o périplo mas a missão da Etiópia revela-se uma rota cheia de duros escolhos³⁷⁷. Face à situação, segundo Pais, o Visitador da Companhia determina a instalação de uma Casa da Companhia em Diu em 1598, como centro de apoio e de contacto com a missão na Etiópia³⁷⁸, contando com o apoio do rei Filipe III, que encoraja junto do Vice-Rei Aires Saldanha, a prossecução do plano de missionação na Etiópia³⁷⁹.

Entretanto, nos cinco anos que se seguiram, o P.e Pais recupera do seu cativo (Monserrate falece em 1599). Depois de estacionar nos colégios de Salcete, Cambaia e Baçaim, parte para a Casa de Diu onde se encontra em 1601 e 1602³⁸⁰.

Finalmente o P. Melchior da Silva consegue alcançar a missão em Fremona³⁸¹, enviando uma missiva onde era apresentada a melhor rota de entrada na Etiópia, através do porto de Bailûl, no extremo africano da entrada do golfo de Ádem, senhorio do rei mouro de Dancalî, favorável aos cristãos, na margem oposta

turco que os conduzia] vinha cõ grande agastamento e dizia ao P.e q caminhasse depressa, senão q o amarraria sobre hu Camello.», *ibid.*, pp. 402/403

³⁷⁶ O Provincial da Companhia de Jesus em Goa, Francisco Cabral, acabará de saldar a dívida para com o mercador indiano.

³⁷⁷ Para as seguintes tentativas de missionação na Etiópia, *vide* cap. I, da presente obra, pp. 40/43

³⁷⁸ «(...) Dio fortaleza de Portugueses, donde partem sempre todas as Naos, q vão a Ilha de Maçuã, e Çuaquêm, q estão em esta costa d'Ethiopia(...)», Pais, *op cit.*, Vol. II, p. 409

³⁷⁹ Pais, *op cit.*, Vol III, pp. 14/15

³⁸⁰ George Bishop, *op cit.*, pp. 68-69 e Javier Reverte, *op cit.*, p.98

³⁸¹ *Vide*, Cap. I, da presente obra, p.43

a Moca. Embora o percurso por terra até à Etiópia fosse longo e penoso, é elaborado outro plano para a entrada de missionários naquele reino.

E em 1603, o P. Pêro Pais é novamente escolhido para o contingente jesuíta na Etiópia, com os padres António Fernandes e o napolitano Francisco de Angelis. No entanto os Turcos tornam a reforçar a guarda do estreito de Bab-al-Mandeb, entrada no Mar Vermelho entravando o plano, sendo escolhida outra via através de Diu até Maçuá. Como nos afirma o padre, «(...) tinha por cousa muy çerta q avia de passar a Ethiopia, e q estava mais seguro no coração desta viagem q se fora pera Goa. Nem era isto cousa nova; porq, de antes q me cativassem atee então, tivera sempre aquella confiança muy firme(...)»³⁸².

Pêro Pais parte sozinho mas, desta feita conhece a região e domina as línguas locais, embora continue a disfarçar-se de arménio. A 26 de Abril de 1603 aporta a Maçuá e, graças à protecção de um mercador, Raçuân Agâ, é muito bem recebido. Contudo sabendo de algumas desconfianças que suscitara, e gozando da autorização das autoridades turcas para contactar os cristãos, aproveita a companhia de alguns abexins, um deles católico, apressar-se a internar-se no interior do território a pretexto de recolher mercadorias. Passa a Arquico a 5 de Maio e dali parte com o grupo de cristãos para Debaroa, cidade já sob o domínio do imperador etíope.

A viagem demora dez dias e revela-se difícil como resume Pais:«(...) assim padeçi bem de trabalho naqllle caminho.»³⁸³ Em Debaroa encontra João Gabriel, capitão dos descendentes dos portugueses do contingente de D. Cristóvão da Gama³⁸⁴. Estes acompanham-no à missão em Fremona, no Tigré, onde chegam a 15 de Maio.

Pais pode finalmente dar início à missão apostólica, alcançando o seu núcleo, em Fremona, embora este se limite a uma pequena Igreja e duas cabanas para os missionários, como atesta a correspondência de Pais³⁸⁵. Mas é ali que cumprirá a sua missão e, antes de entrar na pequena Igreja dos portugueses, na qual foram sepultados os primeiros missionários, e onde é recebido com alegria e alvoroço pela

³⁸² Pais, *op cit.* Vol. III, ,p.17

³⁸³ *Ibd.*,p. 21

³⁸⁴ *Ibd.*,p.22

³⁸⁵ Carta de 24 de Julho, *ap.* Hervé Pennec, *op cit.*,pp. 157-158, muito idêntica, aliás, à passagem correspondente da sua *História de Etiópia*: «Daly fui ver a casa do em q morava o s.to P.e Patriarcha [D. André de Oviedo], q era redonda como mea laranja de 20 palmos de vão, m.to baixa, sem repartimento nenhu e cuberta de palha.», Pais, *op cit.*,p. 23

população, «(...) vesti a loba; e pus manteo e barrete, q atee então trouxe escondido.»³⁸⁶

Na verdade o sucesso dos poucos missionários que haviam até então logrado penetrar na Abissínia era muito limitado e a sua relação com o monarca tinha um carácter dúbio. Se a presença dos jesuítas, talvez pelo seu carácter restrito, era tolerada e toda e qualquer ajuda portuguesa bem vinda, o facto é que os imperadores abexins não estavam claramente dispostos a abandonar a igreja monofisita de Alexandria.

Nessa época a situação política na Etiópia era bastante instável devido à sucessão do imperador Malâc Çaguêd que, não tendo filhos, promete o trono ao sobrinho Za Denguel, mas acaba por nomear seu sucessor um jovem filho ilegítimo, Jacob, apoiado pelos seus genros Athanatêus e Azmâch Cafluhâd, que governam durante a sua menoridade³⁸⁷. Quando Pais enverga as suas vestes clericais em Fremona, Jacob/Malac Çaguêd II, assumira pessoalmente o governo do reino no ano anterior, apenas com quinze anos. O capitão dos portugueses que se desloca para a corte do jovem rei leva uma carta de Pais, cuja resposta é um convite para o Padre se apresentar na corte depois das chuvas do Inverno. Tal nunca acontecerá. Os antigos protectores de Jacob, descontentes com a sua crescente autonomia, proclamam o seu primo como novo imperador e o jovem Jacob é exilado para o longínquo reino de Narêa.

Entretanto, Pais ambienta-se à sua nova residência e funções: celebra os officios religiosos, faz prédicas, atraindo os cristãos dispersos. E dedica-se à educação: ensina a doutrina católica às crianças, mas na língua local «(...)porq logo como cheguei a Ethiopia, sabendo q não estava tresladada a Cartilha na lingoa da terra, a traduzi e fiz aprender aos mininos cõ a mor pressa q pude; do q todod os q opuvião folgavão tanto, q dizião q não avia cousa como as praticas e doutrina dos Portugueses(...)»³⁸⁸.

O novo imperador Za Denguel/Atanaf Çaguêd (1603) tenta cercear a influência dos grandes senhores que o apoiaram, e reforçar o seu poder. Neste contexto há novamente lugar para os padres jesuítas. E Pais parece impressionar favoravelmente

³⁸⁶ Pais, *op cit.* Vol. III, ,p. 23

³⁸⁷ Pais, *op cit.*, Vol. III, pp.10/11

³⁸⁸ *Ibd.*, p.25

na corte³⁸⁹, para onde se desloca. Za Denguel decide converter-se ao catolicismo, pedindo a Pais que lhe escrevesse cartas ao Papa, ao governador da Índia e ao rei Filipe II e as enviasse em segredo, para obter os respectivos apoios ocidentais. Os grandes senhores, que o haviam apoiado aproveitaram o pretexto da sua conversão para se revoltarem, encabeçados por Za Çelaçê e o *abuna* Petrus excomunga o rei. Defrontando-se em batalha, o imperador é morto³⁹⁰.

Todavia a posição dos jesuítas não é ameaçada como um dos nobres revoltosos, Atnanatêus, se apressa a demonstrar, recebendo-o com cordialidade³⁹¹. É altura do P. Pais usar as suas capacidades diplomáticas na protecção dos portugueses que haviam apoiado o rei deposto. Pais cultivava relações com a velha imperatriz e com Za Celaçê, que assumira praticamente o poder, junto ao qual intercede a favor da comunidade portuguesa.

Contudo a situação é complicada com duas facções que apoiam respectivamente um primo do imperador Jacob, Suseneos, que se havia dedicado à constante rebelião nas regiões de Amhara e Shoa e possuía um considerável exército³⁹²; os cabeçilhas da revolta preferem recolocar no trono Jacob, que haviam mandado regressar do seu exílio.

Face à instabilidade da situação³⁹³, Pais que se encontrava junto a Athanatêus em Gojam, toma uma decisão prudentemente calculada: «(...)determinei não ficar aly, pera poder depois ter melhor entrada cõ o q prevalecesse(...)»³⁹⁴ e regressa ao Tigré, alcançando Fremona no Natal, onde reencontra os seus companheiros que havia deixado em Diu, os padres António Fernandes e António de Angelis.

Pais, nesta época continua as suas actividades em Fremona, tomando conhecimento do território, convivendo com a população e sua cultura, pregando e ensinando. Parecendo ser excepcionalmente dotado dominará a língua clássica

³⁸⁹ «The emperor's zeal for reform was such that he invited Pero Pais to Coga [a sua corte] to learn from him of European laws and government. Pais came to the capital on June 17, 1604. His modesty and tact immediately won him the goodwill of the emperor, Maryam Sena [a imperatriz viúva], Atnatewos, and the other important people in the capital. He was permitted to teach publicly(...). The entire court (...) were moved by Pai's sermons.», Girma Beshah e Merid Wolde Aregay, REF. BIBLI., pp.71/72

³⁹⁰ Segundo Pais a morte do Imperador foi muito sentida, «(...)porq o amavão muito, principalmente a gente popular, e ainda os grandes (...). Tambem eu(...) o senti mais do q se pode encarecer, vendo quão depressa desandara a roda de tam feliz fortuna, como parecia q tinha aqllle bom imperador e se acabarão tão certas esperanças como dava do bem spiritual da Ethiopia;(...)» Pais, Vol.III.,p.53

³⁹¹ *Ibd.*,p.53

³⁹² *Vide*, Girma Beshah e Merid Wolde Aregay, *op cit.*,p.73

³⁹³ Suseneos avança com as suas forças sobre Gojam, e é coroado imperador a 13 de Dezembro. Mas o seu reino não durará muito, sob constante ameaça de traição. De facto em Junho de 1605, Jacob havia regressado a Dambiã e Suseneos, abandonado secretamente por muitos senhores, parte para as terras que antes dominava. Jacob é aclamado na cidade de Coga, onde tivera a sua anterior corte., *Vide, ibd.*,pp. 69/77

³⁹⁴ Pais, *op cit.* Vol. III,p. 55

erudita, o amárico assim como a sua versão corrente e o geez, a língua religiosa, além de vários dialectos locais.

Os três membros da missão não são suficientes para assistirem aos católicos espalhados pelas extensas regiões da Etiópia e para levar a cabo a sua estratégia de conversão como nos relata o P.e Pais, pois era «(...) necessário assistir hu P.e na Corte pera dar a entender ao Emperador e aos grandes as cousas de nossa s.ta fee e procurar de os affeição a ellas(...)»³⁹⁵. Assim em 1605 chegam, a Suaquem apesar dos perigos mais dois missionários vindos do Colégio de Diu: Os P.es Luís de Azevedo e o italiano Lourenço Romano.

Pais parte por essa época, com dois companheiros para a corte de Jacob que já havia manifestado desejo de o ver. O novo imperador vê-se a braços com levantamentos e afirma aos Padres a vontade de continuar o que Za Denguel tinha iniciado, ou seja mostrando igualmente vontade de encetar relações com a Igreja católica. Mais uma vez são escritas cartas em nome do Imperador, que Pais se deve encarregar de enviar para a Índia. Mas se as de Za Denguel nunca foram enviadas, as de Jacob foram atiradas ao mar no porto de Moca, com receio de uma inspecção das autoridades turcas. Quando se avista com o Imperador, Pais aproveita para repor a segurança dos católicos no Tigré, onde são perseguidos por um governador local.

Também o imperador Jacob não permanecerá muito tempo no trono. Impotente para derrotar Suseneos, este acaba por contar com o apoio dos antigos aliados do primeiro, e o imperador Jacob é morto em batalha. Suseneos ascende ao trono, onde está determinado a permanecer, ao contrário dos seus antecessores, tomando medidas de apaziguamento como nos relata Pais³⁹⁶.

Suseneos inicia a pacificação do reino, ilustrada pelas palavras de Pais, «(...) foi abaixando os soberbos e levantando os humildes; e todos os q governavão as terras lhe obedecerão (...). Tambem os Reis mouros vizinhos lhe mandarão presentes(...)»³⁹⁷. De qualquer forma teve de debelar inúmeros levantamentos no início do seu reinado, além de uma violenta invasão dos povos Galês.

A actuação deste novo imperador foi providencial para a pequena missão jesuíta. A relação entre o poder político e a missão católica havia oscilado, *grosso*

³⁹⁵ *Ibd.*, p. 64

³⁹⁶ «O seguinte dia pella manhã depois da vitória, mandou q enterrassem ao Emperador Jacob cõ grande honra; e lançou pregão q todos seus pagens e officiais de sua Casa ficassem com seus cargos e os viessem servir livremente e q a todos os demais perdoava (...); e sabendo logo onde estava Eraz Athanatêus, lhe mandou dizer q viesse, q lhe perdoava, e quando veo o recebeo cõ honra.» *Ibd.*, pp. 78/79

³⁹⁷ *Ibd.*, p.103

modo, entre a indiferença e desfavor das autoridades no século XVI e as tentativas de aliança no início do século XVII³⁹⁸. Para os pragmáticos missionários era necessário a aproximação ao novo monarca. Assim quando este se dirigia para Cogâ, local da corte, logo após sua vitória sobre um levantamento, foi visitado pelos P.es António Fernandes e Lourenço Romano que acolheu afavelmente, convidando-os para uma nova visita. Na audiência que o Imperador concedeu aos missionários interessou-se pelas suas actividades³⁹⁹ e fez-lhes concessões de terras na região de Dambiâ, perto do local da sua corte; mais tarde far-lhes á igualmente concessões no Tigre. O interesse no apoio é recíproco: se os jesuítas necessitavam da benevolência real, também o Imperador precisava de apoios para governar face aos senhores, à instabilidade de suas fronteiras, e à precariedade de um poder recentemente alcançado. Por tal solicita a presença de Pêro Pais na sua corte e este instalar-se à na região de Dambiâ.

O soberano etíope tem grande interesse numa possível aliança com Portugal, para deter os contínuos levantamentos que sofre no início do seu reinado, não só de membros da sua família (suspeito de traição, o antigo aliado, Za Celaçê é preso), como de frades na província de Tigré e uma enorme sublevação na mesma província provocada por um pseudo-Jacob, além das incursões dos Galas⁴⁰⁰. Sublevações estas que ameaçam igualmente as Casas jesuítas: no reino do Tigré é planeado um ataque à residência de Fremona e na sua base na Dâmbia os padres vivem igualmente momentos difíceis: «(...)Em este tempo tiverão os P.es António Fernandez e Lourenço Romano (...) m.tos trabalhos e perigos, fugindo de hua parte pera outra, cõ o fato da Igreja, sem achar lugar seguro; porq toda a terra andava revolta de maneira q não se vião senão roubos e forças, sem se poderem valer huns a outros(...)»⁴⁰¹

Em relação a este assunto Suseneos assume uma postura diferente dos seus antecessores e discute-o em concelho, embora a maioria dos dignitários etíopes fosse

³⁹⁸ «La présence physique des missionaire se manifeste dès 1555(...);mais il faut attendre environ cinquante ans por que leur influence soit efficace dans le camp royal. Même si des jésuites se trouvent déjà en Éthiopie durant la deuxième moitié du XVIe siècle, ils sont mis à l'écart de la cour royale(...), ce qui n'elles empêche pas d'être actifs en prenant le parti des opposants au pouvoir royal, ceux qui donnent des signes d'intérêt pour le catholicisme. Par conséquent(...) ils constituent une autre force politico-religieuse au sein du royaume(...). Mais, à l'évidence, c'est lorsqu'ils se sont trouvés du côté du pouvoir royal, c'est-à-dire dans le premier tiers du XVIIe siècle, qu'ils ont été plus actifs.», Hervé Pennec, *op. cit.*, p.185

³⁹⁹ :«(...)depois q o Emperador Seltan Sagued tomou posse do Imperio, desejou m.to saber o fundamento das controversias q temos cõ elles, e assi huas vezes me perguntava estando só; outras vezes fazia q me perguntassem diante delle alguns frades de quem se fiava, e foi Nosso Senhor servido q por este meio viesse a entender bem nossas cousas(...)», Pais., Vol.II, p. 30

⁴⁰⁰ *Vide, Ibid.*, pp.174/189

⁴⁰¹ *Ibid.*, p.185

avesso à interferência de forças estrangeiras⁴⁰². Não obstante, o Imperador convence-os e os padres secundam-no, salvaguardando a importância da sua presença⁴⁰³. Desta forma, pela terceira vez são redigidas cartas para o Papa, para o rei de Portugal, Filipe II; para o Vice-rei da Índia e Arcebispo de Goa, D. Fr. Aleixo de Meneses, as quais são levadas para sua tradução e para seu envio apartir de Tigré pelo P.e Pais. Alguns dignitários são igualmente convidados a escrever ao Vice-Rei da Índia. Entretanto, o Imperador vai continuando a consolidar o seu poder substituindo poderosos por pessoas de sua confiança. Tal é o destino do antigo tutor do antigo imperador Jacob, Athanatêus, grande simpatizante de Pais e da doutrina católica, que se recolhe num mosteiro ofendido com o rei⁴⁰⁴.

O pequeno núcleo jesuíta parece ascender ao primeiro plano da cena política etíope sob a égide do novo soberano como refere Hervé Pennec⁴⁰⁵. Mas como sublinha o mesmo autor «La stratégie du roi semble avoir été la mise en place d'un certain nombre d'actions visant en premier lieu ses propres intérêts et permettant le renforcement de son pouvoir personnel. Mais par la même occasion cette politique a servi de manière indirecte les intérêts des pères jésuites.»⁴⁰⁶ Por consequência os interesses são mútuos: da parte do Imperador assiste-se a uma tentativa de consolidação do poder com um providencial auxílio português; «(...) Susenyos was favourably impressed by the methodical approach of the Jesuits to religious problems. (...)The former [Jesuits] stood for order and hierarchical organization(...). The latter [Ethiopian clergy], on the other hand, had a distaste for centralized authority and rigid subordination. Further, the emperor saw in the Ethiopian clergy allies to his enemies, the unruly nobility.»⁴⁰⁷; por parte dos Padres da Companhia pretende-se a sua conversão e de seu povo e a sujeição à Igreja de Roma, como teria sido pretensamente a intenção dos monarcas etíopes do século XVI (o que é cuidadosamente salientado no discurso jesuíta). Além do mais «The missionaries

⁴⁰² *Ibd.*

⁴⁰³ «(...)ao q lhe respondemos, q se aquelles [o contingente de D. Cristovão da Gama] fizerão algumas forças, seria por ficarem sem Capitão e não terem P.es que os emendassem; mas q bem teria ouvido que como chegarão os P.es q primeiro morrerão, não ouve mais demasia alguma; e q se viessem, não avia de ser pera buscar senhorios, q la não lhes faltava nada, senão puramente por amor de Deos pera ajudar ao Emperador(...), determinando elle fazer o q seus antepassados pretendião.», *Ibd.*,p.168

⁴⁰⁴ *Vide, ibd.*,p.173

⁴⁰⁵ Hervé Pennec, *op cit.*,p.185

⁴⁰⁶ *Ibd.*,p.187

⁴⁰⁷ Girma Beshah e Merid Wolde Aregay, *op cit*, p.79

sympathized with the emperor's struggles to dominate the elements of decentralization and disorder.»⁴⁰⁸

Com efeito, para o Imperador seria uma boa estratégia apoiar-se num contingente português para reforçar a sua posição como se depreende da reprodução de discurso do Capitão dos Portugueses, João Gabriel no concelho real, salientando que no meio da agitação política anterior, o núcleo de população portuguesa sempre se havia colocado ao lado do Imperador que estava em funções⁴⁰⁹. E neste contexto os Jesuítas eram os intermediários privilegiados. Assim procuram encorajar o contacto com o Papa e com o Rei Filipe II⁴¹⁰.

Mas o auxílio pretendido pelo Imperador nunca virá⁴¹¹. Isto não obsta a que Suseneos persevere. Em 1613 decide enviar um embaixador ao Ocidente acompanhado pelo P.e António Fernandes, não pela via marítima obstruída pelos turcos, mas por terra, numa tentativa, aliás gorada, de alcançar as praças portuguesas na costa oriental africana, mais precisamente Melinde. A consideração desta via, que implicava a travessia de vastas regiões devia-se a desconhecimento do interior do continente africano. De facto essa embaixada regressará à Etiópia um ano e sete meses depois, sem ter alcançado os seus objectivos.

Um dos maiores sucessos dos missionários será o lugar-tenente de Suseneos, o seu irmão Celâ Christos⁴¹². Depositor à fé católica passa a seu ardente defensor após a sua conversão em 1612. No reino de Gojam, que senhoreava, vive o P.e Francisco António de Angelis, impulsionando um grande número de conversões. Com efeito, c. de 1619 o Gojam aparece à frente das zonas de implantação do catolicismo com 430 conversões⁴¹³. A sua conversão «(...) fut considérée par les pères comme un appui politique essentiel pour la propagation du catholicisme en

⁴⁰⁸ *Ibd.*

⁴⁰⁹ *Vide, ibd.*, p.184

⁴¹⁰ Como refere Pais, a correspondência com o rei português e espanhol é importante « (...) pera cõ isto o affeição mais e obrigar a q tivesse cõ elle amizade, e correspondencia(...), q sem ella mal se pudera nunca a affeição.», Pais, Vol. III., p.195

⁴¹¹ Era uma época de conjuntura difícil para os estados peninsulares: problemas financeiros, decréscimos do comércio das especiarias ataques ao monopólio e navios portugueses pelos inimigos da monarquia espanhol, ingleses e holandeses. Concorrência holandesa na Ásia (constituição da Companhia Holandesa das Índias em 1602); contestação ao monopólio comercial /político e religioso de Portugal no Oriente). Esta situação agudiza-se após 1630; segundo Oliveira Marques até essa década o Império Português do Oriente apresenta-se estável , apesar de perdas como Ormuz em 1622 e Amboíno em 1605. Porém foi necessário considerável esforço para conter os ataques holandeses às possessões portuguesas e revoltas indígenas. Cf. C.R. Boxer, *O Império Colonial Português*, 2ª ed., Lisboa, Edições 70, s.d., pp.117 e ss.; A H. de Oliveira Marques, *História de Portugal* 8ª ed., Vol. I, Lisboa, Palas, 1978p.453 e ss.; Fernanda Olival, *D. Filipe II, Reis de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007, pp. 175/177

⁴¹² Como refere Pais «(...) tendo contra nós hu Principe tão grande(...) era grande impedimento pera se dillatar nossa s.ta fee(...); Pello q aqle verão e parte do Inverno q elle esteve cõ o Emperador, me pus mui de proposito a lhe dar rezão de Nossa S.ta fee(...)», Pais, *op cit.* Vol, III, p.190

⁴¹³ Hervé Pennec, *op cit.*, pp.225/226

Éthiopie. En devenant le fer de lance du catholicisme, il donnait l'occasion au roi de rester à l'arrière-plan, de conserver son rôle d'arbitre(...)»⁴¹⁴. Mas também o Imperador não esconde as suas simpatias para com a igreja de Roma como refere Pais⁴¹⁵. A despeito da contestação de que é alvo, o Imperador, no dia 1 de Novembro de 1621 assume publicamente, perante a sua corte, a conversão ao catolicismo, reforçada em Março de 1622 pela manifestação do desejo de receber um patriarca católico, como nos relata pormenorizadamente Pais⁴¹⁶.

A presença deste missionário, marca, pois, o período áureo da influência jesuíta no reino do Preste⁴¹⁷ graças à proximidade deste com a corte onde é benquisto e respeitado. Segundo nos relata na sua obra, a sua opinião é ouvida com respeito pelo Imperador. A afeição e o respeito parecem ter sido mútuos, havendo talvez uma amizade que podemos pressentir para lá dos interesses que ambos encarnam.

Quando é nomeado superior da Missão o P. Pêro Pais erige uma nova residência em Gorgora (c. 1605 - 1606) mais perto da corte, na província de Dâmbia, nos terrenos concedidos pelo Imperador. Em 1612 é fundada a residência de Collelâ na província de Gojam, senhorio do irmão do monarca Cella Christo. Os êxitos no reino de Gojam incentivados pelo seu governante e a conversão em grande número de membros de tribos gentias pelo P. e António de Angelis a troco do perdão do Imperador pelas suas sortidas, após derrotas militares (os Agôus em 1618 e os Galas em 1621), leva a que o P. e Pais termine a sua obra anunciando uma segunda residência nessa província⁴¹⁸, onde as perspectivas são animadoras: como escreve Pais, no reino de Gojam as conversões sucedem-se graças ao fervor de Cella Christos, um verdadeiro S. Paulo, nas suas palavras e o êxito do catolicismo é de tal ordem que antes de uma expedição militar em Março de 1622 se fez fila para a confissão⁴¹⁹.

Segundo a maioria dos autores que se debruçaram sobre a figura do P. e Pais, este teria mesmo servido de arquitecto e engenheiro ao soberano etíope e de mestre

⁴¹⁴ *Ibd.*, p. 225

⁴¹⁵ «Nem por entender m. to bem q sem ajuda de Portugueses tarde se effectuaria[a obediência do reino a Roma], deixou de intentar todos os meios a elle possíveis, procurando atrahir a sua opinião os principais Ecclesiasticos, e seculares cõ dadivas e honras e provandolhes m. tas vezes em praticas particulares e em Juntas gerais cõ authoridade da sagrada Escripтура, e santos, e cõ rezoens, quaão verdadeira seja a fee da s. ta Igreja romana(...)», Pais, *op cit.* Vol. III., p. 247

⁴¹⁶ *Ibd.*, pp. 146 e ss.

⁴¹⁷ Será o período áureo a um nível de eficácia e proximidade com o poder real, mas não a nível quantitativo (1625/1630), no qual haverá um maior número de residências e do contingente de missionários. *Vide* Hervé Pennec, *op cit.*, 145/175 e 116/137

⁴¹⁸ Pais, , Vol. III, Capítulo XXXVII, pp. 245/256

⁴¹⁹ Pais, *op cit.*, Vol III, p. 194

aos operários na construção de igrejas católicas de pedra e de um palácio para o imperador⁴²⁰. Com efeito face aos bons resultados que obtidos, os missionários jesuítas consolidam a sua presença, iniciando após uma visita do Imperador à Residência jesuíta, em 1619, a construção em pedra da igreja de Górgora Velha⁴²¹ financiada por aquele e seu irmão, ficando o edifício finalizado em 1620 e sendo de imediato visitado pela corte. Mas a influência de Pais na corte e a possibilidade prática de se erigir uma igreja de pedra para uma comunidade que engloba essencialmente os descendentes dos portugueses e alguns convertidos e conta com a protecção e apoio financeiro do imperador, não o tornam necessariamente um técnico. Com efeito, a sua formação, segundo Hervé Pennec, era predominantemente intelectual, o que o leva a crer que o P.e Pais foi mais um empreendedor, o personagem que catalisou os meios e encabeçou a iniciativa, do que um construtor ou mestre de obras como é tradicionalmente apresentado. Certamente a construção da igreja dependeu da circulação de técnicos da região, alguns vindos da Índia, talvez incorporados no contingente jesuíta, da colaboração da comunidade portuguesa e da mão de obra etíope⁴²².

Em 1621 o monarca decide construir a “sua” igreja católica em Azazo na província de Dâmbia, escolhendo o local na companhia Pais⁴²³. Na sua obra Pais descreve-a da seguinte forma:

«(...)esta m.to fermosa, poq as portas travessas tem m.to ornato; e a frontaria, afora de doze columnas acaneladas q tem cõ fermosos pedestraes; chapiteis, e frisos, está chea de rosas grandes, flores de lis; jarras m.to bem lavradas cõ rosas e flores, q sahem dellas, gravadas em fermosa pedra, cousa nunca vista em Ethiopia(...). Mandou q sobre a porta principal, (q he de

⁴²⁰ « Pais (...) possuía talentos práticos e habilidades manuais. Sem que tivesse aprendido, podia fazer as vezes de arquitecto ou de engenheiro, adestrava-se aos trabalhos de pintor, de serralheiro, de carpinteiro ou pedreiro, e sabia fabricar as ferramentas necessárias e ensinar o seu uso aos etíopes ignorantes (*sic*).», Elaine Sanceau, *op cit.*, p.XI

⁴²¹ Esta é a descrição que Pais nos dá da Igreja: « (...) ella e a Samcristia são de pedra vermelha m.to boa; o arco e corpo de pedra m.to alva, e bem lavrada; a frontaria e portas travessas ornadas cõ outo colonas acaneladas; e os pedestais, capiteis e frisos com toda a demais obra lustrosa e m.to bem lavrada(...). Tem seu choro de grades e obra de Maçonaria(...), m.to clara com Janellas de hua e outra parte bem ornadas por fora com rosas e molduras na mesma pedra; he de terrado e sobre o parapeito por remates tem m.tas colonas; huas cõ o remate de Piramide sobre o capitel; e outras com bolas entresachadas; e no meio(...) tem hua cruz m.t fermosa com hu pee loavrado na mesma pedra cõ m.ta laçaria. Tem também sua torre na banda direita da frontaria cõ hu sino de cobre arrosoado q nos veo da India.», Pais, *op cit.*, Vol. II, pp.132/133

⁴²² Hervé Pennec, *op cit*, pp.178-181

⁴²³ Após a escolha do local determina o imperador «(...) q se desse a pressa possível a obra e se fizesse cõ m.ta perfeição cõforme a traça q nos lhe tinhamos dado(...)» Pais, *op cit.* Vol. II, ,p. 157

arco), debaixo da Janella do Choro (q tambem esta fermosa) se pusesse hua pedra quadrada(...), em q se Esculpisse o nome de Iesu com letras chaldeas e latinas (...)»⁴²⁴.

Será consagrada em 1623. No mesmo espaço, o soberano decide erigir também um palácio de pedra em 1624, iniciando-se uma confluência do espaço político e religioso, como sublinha Hervé Pennec⁴²⁵.

Para a maioria dos autores que se referiram ao P. Pêro Pais, o êxito coevo do pequeno contingente jesuíta na Etiópia assenta, essencialmente, nos seus esforços e personalidade. Pais é geralmente apresentado como exemplo do missionário modelo da Companhia: perseverante e convincente; fortemente ancorado nas suas convicções, mas sendo ao mesmo tempo suficientemente tolerante e sensato para agir com prudência⁴²⁶; disciplinado, enérgico e esforçado, combinando os dotes e a curiosidade intelectual com o gosto pela acção como se pode intuir pela leitura da sua obra. Se a estas características acrescentarmos o cultivo das virtudes apostólicas, a simpatia pessoal e bom trato, a tolerância e diplomacia e o sentido de humor, que a maioria dos autores que sobre ele escreveram lhe conferem, podemos entender o seu sucesso, para lá das conjunturas políticas.

Obrigado a inúmeras deslocações devido às visitas e ao acompanhamento da corte, chega a adoecer de febres em 1615. Devido ao excesso de trabalho será substituído na chefia da missão em 1617 pelo P.e António Fernandes⁴²⁷.

Curiosas são as referências que alguns autores fazem ao seu provável aspecto físico. Testemunhos da época teli-iam descrito como um homem alto, de boa presença, de cabelos castanhos, revelando uma natureza amável e cativante e uma inteligência arguta⁴²⁸. Com base nas fontes locais, outros autores caracterizam-no como um homem alto e magro de barba ruiva⁴²⁹.

Graças aos seus conhecimentos das línguas da região, para além do estudo das obras etíopes, Pais procede à tradução de obras religiosas (Comentários aos

⁴²⁴ *Ibd.*, p.158

⁴²⁵ Hervé Pennec, *op cit.*, pp.188/220

⁴²⁶ Como refere Elaine Sanceau «Tinha todo o ardor do seu compatriota, D. André de Oviedo, temperada por tacto muito maior.», *Em Demanda do Preste João*, Porto, Livraria Civilização, s.d., p.289

⁴²⁷ Alberto Feio, «Notícia Bio-bibliográfica» in Pêro Pais, *História de Etiópia*, p.XXXII

⁴²⁸ Informações recolhidas por Javier Reverte, *op cit.*, p.52, a partir de extractos da obra de Manuel de Almeida [refeita por Baltasar Teles de 1660], publicados por C.F. Beckingham, *Some Records of Ethiopia*, s.l., Hakluyt Society, 1954

⁴²⁹ *Ibd.*, p. 222 e Elaine Sanceau, *op cit.*, p.361

Livros do Evangelho por P.es da Companhia⁴³⁰) para amárico e empreenderá, como vimos, a obra *História de Etiópia*, que redigirá pelo menos até Março de 1622 ano da sua morte. Além da sua correspondência, conservadas nos registos da Companhia, são-lhe atribuídas o *Tratado dos Erros dos Abexins*, em amárico, obra também referida na sua obra maior nas duas passagens já citadas⁴³¹ e uma obra em goês, *Doutrina Cristã*⁴³².

Em 1618 no decurso de umas das deslocações em que acompanha o imperador, torna-se o primeiro europeu, a avistar as nascentes de um dos afluentes do Nilo, o Nilo Azul ou Abbai (na época tido como o único afluente), procurado desde a Antiguidade. Sobre este facto regista Pais, «(...) e confesso q me alegrei de ver o q tanto desejarão de ver antigamente ElRey Ciro e seu f.º Cambises, o Grande Alexandre e o famoso Julio Cesar.»⁴³³ Posteriormente o singelo testemunho de Pais foi desmentido pelo explorador escocês James Bruce, que atribuí à sua pessoa a descoberta das fontes do Nilo Azul na sua viagem à Etiópia em 1770, no livro *Travels to discover the source of the Nile*, de 1790. Bruce clamava ter lido três manuscritos da obra de Pais (em Roma, Milão e Bolonha em 1774) não tendo ali encontrado nenhuma referência ao Nilo, o que é improvável, dado que não se encontraram referências dessas cópias, como veremos mais adiante.

Contudo, o explorador escocês teria conhecido o achado de Pais, uma vez que circulam nos meios intelectuais europeus do século XVII referências à sua descoberta. A obra do Jesuíta alemão Gaspar Schott, estudioso de matemática e física, *Anatomia Physico Hydrostatica Fontium*, Würtzburg, 1663, contém uma tradução das passagens onde Pais escreveu sobre as nascentes do Nilo, também referidas nas edições de Roma das obras do erudito P.e Atanásio Kircher, *Oedipus Aegypticus* (1652) e *Mundus Subterraneus*, Amsterdão (1655). O relato foi incluído ainda na obra do académico e coleccionador holandês, Isaac Vossius de 1666, *De Nili et aliorum fluminum origine* e na do orientalista alemão, Hiob Ludolf de 1681, *Commentarius ad Historiam Oethiopicam*, publicado em Frankfurt, atribuindo-

⁴³⁰ Estas obras são discriminadas pelo autor em pelo menos duas passagens da sua obra: *Vide*, Pais, *op cit.*, Vol I, p.194 e Vol.III, p.247

⁴³¹ « Também hu tratado sobre todos os erros de Ethiopia, em q se mostra a verdade de Nossa Santa fé cõ a doutrina de m.tos Santos, cõ a Sagrada Escritura e santos Concilios, com rezoens e com autoridades de seus mesmos livros, e se responde a todas suas objecções e argumentos(...)» e «(...) e se fez hu tratado m.to feroso sobre os erros todos(...)», *Ibd.*, Vol.I, p. 194 e Vol. III, p.247

⁴³² *Vide*, Hernâni Cidade e Carlos Selvagem, *Cultura Portuguesa*, Vol. VII, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1971, pp. 53/55

⁴³³ Pais, *op cit.*, Vol. I, p.214

Ihe estes dois últimos a descoberta das nascentes do rio⁴³⁴. Apesar da presença de Pais nas nascentes do Nilo ter sido emsombreada pelas afirmações de Bruce, nunca foi completamente esquecida, por vários estudiosos europeus, como podemos ver no artigo datado de 1848 do explorador Charles T. Beke, que percorreu a Etiópia entre 1840/1843, cartografando grande parte do território. Este, recorrendo à obra de Kircher (uma vez que a obra de Pais não havia sido ainda publicada na íntegra), e à sua experiência, atesta a exactidão da descrição de Pais e os seus conhecimentos precisos sobre a região, pretendendo reabilitar a memória e o valor da sua obra⁴³⁵. Mas esta questão, que tanto apaixonou autores e exploradores até ao século XIX, não era central para o padre jesuíta. Sendo ele acima de tudo um convicto missionário, embora a questão do Nilo não tivesse deixado de suscitar a sua curiosidade científica, não era o assunto central da sua missão no reino etíope.

O P.e Pêro Pais, adoece em Gorgora com febres, após o regresso de uma deslocação ao arraial do imperador, em Maio de 1622 e morre no final do mesmo mês. Foi enterrado na igreja de Gorgora Velha e trasladado para a igreja nova, quando esta foi concluída (após 1626). Terá sido chorado por muitos etíopes, especialmente pelo imperador, que fez luto por ele, mostrando grandes sinais de dor, tendo visitado mais tarde a sua tumba⁴³⁶.

Após a sua morte assiste-se a um novo influxo missionário com a conversão pública do Imperador e o aumento do número de membros da missão. Mas o frágil edifício político/religioso que tinha sido construído com o Imperador caí face à revolta da população e às guerras civis que se seguiram à implementação forçada do catolicismo. O filho de Suzeneos, Fasiladas, expulsará os jesuítas e fechará o país aos contactos europeus, encerrando-se a Etiópia sobre si mesma por um longo período.

⁴³⁴ Cf., Hernâni Cidade e Carlos Selvagem, *op cit* pp. 53/55; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XIX, Lisboa/ Rio de Janeiro, Editora Enciclopédia, s.d., pp. 953-954 e George Bishop, *op. cit.*, p.200

⁴³⁵ Charles T. Beke, «Mémoire Justificatif en Réhabilitation des Pères Pierre Paez et Jérôme Lobo, Missionnaires en Abyssinie, en ce qui concerne leurs Visites à la Source de l' Abai (le Nil) et la Cataracte d' Alata» in, *Bulletin de la Société de Géographie*, Première Section, Março de 1848, pp.145/186 e Abril/Maio de 1848, pp.209/239; em 1860 publicou a obra, *The Sources of the Nile*.

⁴³⁶ George Bishop, *op cit*, p.187 e Alberto Feio, *op cit*, pp. XXXIV e XXXV. Numa carta aos jesuítas, o Imperador descreve a sua dor: «O virtuoso P.e Pero Pais foi o pai da nossa alma, o sol brilhante da fé iluminando a escuridão da Etiópia. Desde que o nosso sol se eclipsou e se pôs, a nossa alegria transformou-se em tristeza, a nossa felicidade em luto. Se eate papel fosse tão amplo como o céu e a tinta tanta como o mar, não seriam suficientes para descrever as suas virtudes e ensinamentos (...).» F. M. Esteves Pereira (trad.) *Crónica de Susenios, ??*

O P.e Pais, foi pouco a pouco esquecido. Na Etiópia perduraram memórias lendárias dessa época⁴³⁷, e as construções inspiradas no estilo português, que os governantes etíopes, apesar da expulsão dos jesuítas, continuaram a erigir⁴³⁸.

Já neste século a sua sepultura na capela-mor da Igreja de Gorgora Nova era pouco mais que uma ruína que ameaçava perder-se no pó do tempo. Mas heis que um autor espanhol recupera a figura do missionário como personagem de um romance/ ensaio de 2001⁴³⁹. Os espanhóis dão-se conta de que o provável primeiro visitante europeu das fontes do Nilo Azul era um castelhano⁴⁴⁰. E esse facto recupera a memória do P.e Paez em Espanha. Em 2003, ano do quarto centenário da sua entrada na Etiópia, o jornal *El Mundo*, promoveu uma expedição comemorativa e a sua lápide em Górgora foi restaurada. Perto da fonte do Nilo Azul foi colocada uma placa comemorativa em espanhol e amárico⁴⁴¹. Falta apenas recuperar essa memória também em Portugal, pois se o seu local de nascimento foi Castela, a língua em que redigiu a sua obra foi o português, o que nos permite acompanhar de forma privilegiada as suas andanças desde os desertos desolados do Yémen, até ao primeiro palácio de pedra do Imperador abexim, numa missão que o transcendia, mas na qual se empenhou e pela qual deu a sua vida.

⁴³⁷Segundo Elaine Sanceau, « Deixou de si uma lenda no país. Moallim Petrus- o padre estrangeiro (...) que viveu tanto tempo no meio dêles(...). A sua memória foi venerada na Etiópia por longos anos (...) mesmo depois de os seus companheiros serem expulsos para sempre do país.», *op cit.*, p.XXII também referida por Hernâni Cidade, lenda essa recolhida na *Crónica de Susenios*, traduzida por Esteves Pereira em 1890, como referem ambos os autores.

Curiosamente as lendas orais recolhidas por Manuel João Ramos na obra já citada referem esse monarca; Afonso Mendes, Bermudes (estes de forma negativa), D. Cristovão da Gama, mas não Pais.

⁴³⁸ Vide, « Arquitectura » in *De fora, Da terra- Presença Jesuíta na Etiópia do século XVII.*, org. Secção Profissional de estudos do Património (Núcleo de estudos Etíopes) da Sociedade de Geografia de Lisboa, Exposição na Universidade do Minho, Braga, Novembro de 2005 [on line] disponível em <http://pwp.netcabo.pt/patrimonio.sgl> (acesso em 27 de Novembro de 2005)

⁴³⁹ Javier Reverte, *Dios, el diablo y la aventura*, 1ª ed., Barcelona, Plaza e Janés, 2001

⁴⁴¹ Cf., « Crónica – Las Fuentes del Nilo Azul- Odisea africana de un misionero español » , suplemento de *El Mundo*, nº 405, 20 de Julho de 2003 [on line] disponível em <http://www.el-mundo.es/cronica/2003/405/1058789758.html> (acesso em 20 /03/2006) e Berthold Volberg, « Portugal: La “ Invasión “ de los Jesuitas en Etiopía : Pedro Paez y la “ Conversión “ del Emperador Susinios III», *Caiman.de*. 02/06, [on line] disponível em http://www.caiman.de/02_06/art_1/index_es.shtml, (acesso em 20/03/06)

2. Revelando as Obras: *Percursos, Estrutura e Conteúdos da Verdadeira Informação...e História de Etiópia*

A nossa análise incidirá agora sobre as obras de Francisco Álvares e de Pêro Pais, procurando descortinar os seus diferentes percursos até virem a lume, assim como a sua estrutura e conteúdos, características da escrita dos autores, que revelam os seus horizontes culturais, e a intencionalidade que por elas perpassa.

2.1. *Verdadeira Informação das Terras do Preste João...: do Itinerário de Viagem à Descrição da Etiópia*

Decidi pôr por escrito tudo que me aconteceu na viagem, coisas que vi e coisas que encontrei, junto ao mar e pelo interior, e os reinos, senhorias e províncias, cidades, paços e lugares onde fomos, e as nações e gentes, suas vestes, maneiras e costumes (...). Portanto prometo e juro por minha alma que não escreverei qualquer mentira, mas tudo o que escrever é garantida verdade. Se houver alguma palavra que escape à verdade, será um deslize da pena, e não algo dito por vontade, e ainda menos escrito.»

Francisco Álvares, Prefácio impresso por Almagià contido no Cod. Otto. Lat. 1104, seg. C. F. Beckingham, *The Prester John of the Indies* (adaptado)

Quando a relação da viagem e da estadia por terras abissínicas de Francisco Álvares saiu do prelo em 1540, já este prelado teria, com grande probabilidade, falecido. Quando e em que condições e com que propósitos teria ele composto a sua

obra, são perguntas difíceis de responder, pois, as opiniões dos autores dividem-se e são numerosas as questões a ter em conta.

Podemos começar pela tentativa de estabelecimento do local e data da sua redacção: Gaspar Correia afirma que a obra teria sido escrita na Índia: «Das quaes cousas [do Preste](...) o padre Francisco Alvares fez hum livro que levou ao Reyno, que se imprimio, em que recontou muy grandes cousas muy duvidosas de crer(...)»⁴⁴²; o Conde de Ficalho refere que a composição do manuscrito, se fizera com base nas numerosas notas que trouxera da viagem, em Lisboa ou Braga, e estaria pelo menos esboçada quando se apresenta ao rei em Coimbra em 1527⁴⁴³. Por sua vez, já no século XX, J. V. Serrão advoga a redacção da obra a bordo do navio que o trouxe da Índia de regresso ao reino, estando pronta a ser apresentada à corte à chegada a Coimbra, redigida, no entanto, com base em notas recolhidas durante a viagem por território etíope⁴⁴⁴. C. F. Beckingham considera que a primeira parte foi escrita na Etiópia, pelo menos sob a forma de diário⁴⁴⁵. Na opinião de Jean Aubinas notas de viagem foram aperfeiçoadas no regresso à Índia, na última metade de 1526⁴⁴⁶. Banha de Andrade defende que na altura do regresso de Francisco Álvares ao reino a obra estaria, pelo menos, esboçada⁴⁴⁷. Luís de Albuquerque, por sua vez, considera que, enquanto esperava partir para cumprir a sua missão junto ao Papa, Francisco Álvares terá redigido a sua obra a partir das notas de viagem, entre 1527 e 1531, sendo esta aperfeiçoada até 1533⁴⁴⁸, com o objectivo de a apresentar ao Pontífice, talvez por encorajamento ou interesse real.

De facto, traçar a origem da obra de Francisco Álvares e da versão que até nós chegou publicada em português, revela-se tarefa quase tão árdua como a acidentada viagem do padre. Recorrendo aos autores que sobre a sua edição mais profundamente se debruçaram, como A A Banha de Andrade, Jean Aubin e C. F. Beckingham, nos artigos que temos vindo a citar, podemos tentar estabelecer algumas ideias-chaves sobre o assunto.

⁴⁴² Gaspar Correia, *op cit.*, p. 79

⁴⁴³ Ap., A A Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o êxito Europeu da Verdadeira Informação sobre a Etiópia» in, *Presença de Portugal no Mundo*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1972. p.309

⁴⁴⁴ Vide J. V. Serrão, *A Historiografia Portuguesa...*, Vol. I, Lisboa, Verbo, 1972, pp.371 e 373

⁴⁴⁵ C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia», in *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, p.10

⁴⁴⁶ Jean Aubin, *op cit.*, pp. 194/195

⁴⁴⁷ A A Banha de Andrade, *op cit.*, p. 309

⁴⁴⁸ Luís de Albuquerque, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros...*, p.131

Como já anteriormente referimos, Álvares regressa ao reino em 1527, com a incumbência de representar o *Preste* junto do Pontífice. Em 1529, está em Braga, onde apresenta um relatório, ou resumo das suas impressões, sobre a sociedade etíope ao arcebispo, D. Diogo de Sousa. O clérigo parte finalmente para a Itália aquando da partida de D. Martinho de Portugal, novo embaixador junto à Santa Sé, na Primavera de 1532. As instruções confiadas ao embaixador (em Maio do mesmo ano) parecem definir o conteúdo a utilizar dos escritos que coligidos por Álvares, durante ou após a sua viagem, para serem apresentados ao Papa⁴⁴⁹, conteúdos esses muito próximos da versão impressa.

A notícia da embaixada de Álvares terá causado sensação nos meios intelectuais italianos pois cerca de 1531, Vincente Minuziano, numa obra, impressa em Roma, sobre os feitos dos portugueses no Oriente intitulada *Impresa del gran turco per mar e per terra contra portoghesi, quali signoreggiano gran parte de l'India ...*, refere a publicação, em breve, de um tratado em cinco livros, redigido por um enviado do rei de Portugal ao *Preste*, José [sic] Álvares. A informação poderá ter advindo da correspondência enviada pelo monarca ao então embaixador, Brás Neto, com quem Álvares tentara, já antes, partir para a corte papal.⁴⁵⁰

Francisco Álvares é recebido pelo Papa Clemente VII a 29 de Janeiro de 1533. Nesse ano é publicado em Bolonha e em Antuérpia o opúsculo *Legatio David Aethiopiae Regis ad Santissimum D.N. Clementem Papam VII*, que relatava a recepção de Álvares na corte papal, reproduzindo a correspondência entre os monarcas etíope e português e dois capítulos sobre a Etiópia. Também anuncia a publicação de uma obra dividida em cinco livros, cujo plano se assemelhava ao referido por Minuziano, excepto na distribuição das temáticas⁴⁵¹. Este opúsculo provavelmente traduzida para latim ou mesmo redigido pelo humanista Paulo Jóvio, refere a existência de uma tradução em latim da obra de Álvares. Outros autores afirmam a intenção do próprio Jóvio de a verter para latim a pedido de D. Martinho (uma carta de Góis por exemplo)⁴⁵², o que nunca se verificou⁴⁵³. Para a redacção do opúsculo, é provável que tivesse recolhido informações junto do próprio Padre

⁴⁴⁹Carta de instruções de D. João III ao embaixador D. Martinho de 1532, onde se sublinham os aspectos a serem referidos na descrição da Etiópia, *apud*, Hervé Pennec, *op cit*, p. 36; *Vide* também Jean Aubin, *op cit.*, p.189

⁴⁵⁰ *Vide*, A A Banha de Andrade, *op. cit.*, p.295

⁴⁵¹ *Vide, ibd.*, pp.313/314

⁴⁵² Cf. C.F. Beckingham, «Introduction» in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, pp.6/7 e Jean Aubin, *op cit.*, p.195

⁴⁵³ Ana Paula Avelar, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, p.221

Francisco Álvares (a quem também chama Pedro), consultando mais tarde Tasfa Seyon ou Pedro Etíope, o frade abexim que chega a Roma com João de Bermudes, entre 1536 e 1537, e que residirá no convento de Santo Stefano em Roma até à sua morte em 1552⁴⁵⁴.

A obra parece ter tido a aprovação de D. Martinho⁴⁵⁵, pelo que pode ter sido igualmente baseada em informações que partiriam do próprio⁴⁵⁶. Este opúsculo conheceu duas traduções italianas, uma francesa e uma alemã, e segundo Banha de Andrade, assim começou, «(...) o êxito das revelações da verdadeira Etiópia, a circular por toda a Europa.(...) não necessitou, pois, da impressão da obra do p. Francisco Álvares, posto que ela se encontre, certamente, na base de toda esta intensa divulgação seu nome figurava apenas como transmissor das novidades, na qualidade de embaixador do Preste João (...)»⁴⁵⁷

Seja como for a obra que será impressa em 1540 não corresponde ao plano traçado pelos dois opúsculos. Provavelmente as informações advém do conhecimento, por qualquer via da existência de notas, de um diário de viagem, ou de uma obra já escrita “por extenso“ ou delineada e levada para Itália por Francisco Álvares.

Em abono desta tese podem considerar-se os três manuscritos da Biblioteca Vaticana, descobertos em 1941 por Almagià⁴⁵⁸. O primeiro, e mais importante, o *Codex Ottoboniannus Latinus* 1104, consiste numa tradução latina (feita provavelmente por Luigi Beccadelli) certamente a partir dos papéis póstumos de Álvares (Almagià refere a existência de um texto que circularia em Roma c. 1539⁴⁵⁹, local para onde Álvares se deslocara acompanhando a corte papal em 1533). Este texto contém um prefácio do autor e quatro capítulos iniciais, descrevendo a viagem da armada de Diogo Lopes de Sequeira da Índia para o Mar Vermelho, incluídos na primeira parte, mas que não aparecem na referida edição portuguesa. Por sua vez o

⁴⁵⁴ Vide, Cap. I, p. 38

⁴⁵⁵ Cf., Jean Aubin, *op cit.*, pp.189/191

⁴⁵⁶ A A Banha de Andrade, *op cit.*, pp. 297/298

⁴⁵⁷ A A Banha de Andrade, *op cit.* pp. 297 e 298/299

⁴⁵⁸ Sobre a questão dos três códices da Biblioteca do Vaticano e do trabalho de Almagià sobre as diferentes versões da obra de Álvares no seu opúsculo *Contributi alla storia della conoscenza dell’Etiopia*, Pádua, 1941, vide C. F. Beckingham, «The Quest for Prester John» e «Notes on an unpublished manuscript of Francisco Alvares», in *Between Islam and Christendom...*, texto II e XIII; e ainda «Introduction» in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, pp.1/13

⁴⁵⁹ Ap., *idem*, «Notes on an unpublished manuscript of Francisco Alvares» ,in *Between Islam and Christendom...*, texto XIII, p. 140

manuscrito não contém a segunda parte. Segundo C. F. Beckingham, que o estudou, existem várias discrepâncias informativas entre esta versão latina e a versão portuguesa, mas tanto ele como Almagià concordam que ambos os textos são bastantes similares, exceptuando o prólogo e a primeira parte⁴⁶⁰.

Os outros dois códices, o 2789 e o 2202, correspondem respectivamente a uma versão da obra do manuscrito traduzido por Luigi Beccadelli, com notas suplementares recolhidas junto aos frades etíopes em Roma, nomeadamente do nosso já conhecido frade Pedro, e uma cópia sua.

Mas as versões que pululavam entre os eruditos a partir das notas ou obra de Álvares não ficam por aqui: em 1550 Ramúsio publica um resumo do texto nas suas *Navigazione et Viaggi*, Vol. I, em Veneza, com base na edição impressa em Lisboa e num outro manuscrito de conteúdo diverso, que lhe havia sido enviado por Damião de Góis e hoje desconhecido. Góis já possuiria este manuscrito desde a sua passagem por Lisboa, em 1533, segundo a opinião de Jean Aubin⁴⁶¹, e teria, talvez, a intenção de o traduzir para latim. Contudo, remete-lo à Ramúsio, estando, provavelmente, a braços com o novo projecto do relato do embaixador abexim, Zagazabo. Ramúsio servir-se-á dos dois textos para elaborar a sua versão, mais curta, em italiano, incluindo passagens omitidas na edição portuguesa, assim como um outro prólogo.

Face às versões existentes e às referências a um plano mais extenso, os autores que temos vindo a citar, crêem na existência de uma obra original de maior fôlego, ou pelo menos numa extensa recolha e compilação de notas efectuada durante ou após a viagem, e cujo manuscrito teria desaparecido⁴⁶².

Façamos pois o ponto da intrincada situação: existiria no início da década de trinta de 1500, senão uma obra completa, pelo menos uma compilação de memórias relativas às viagens empreendidas por Álvares; essas notas, segundo Jean Aubin, teriam sido revistas e seleccionadas posteriormente, existindo um manuscrito em Portugal, semelhante ao que esteve na posse de Góis, por volta de 1533.

Entretanto em Itália, c. 1532, surgem referências a uma obra com uma estrutura diferente da que hoje conhecemos, obra que nunca terá existido ou mesmo

⁴⁶⁰ Cf., *Idem*, «Introduction» in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, pp.1/13

⁴⁶¹ Cf., Jean Aubin, *op cit.*, p. 192

⁴⁶² «It is obvious that the original text is not fully represented by any of the surviving editions or manuscripts. Either it has perished or it lies undiscovered in some archive, probably in Portugal or Italy.», C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia», in *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, p.9

sido planeada pelo autor. A notícia poderá ter partido dos meios oficiais portugueses. Conheceu no entanto apreciável difusão. Existe ainda uma versão manuscrita anónima na Biblioteca Marciana, em Veneza publicada sob o título *De legatione imperatoris potentissimi Aethiopiae ad Clementem Pontificem VII*, no 2º volume da colecção de Andreas Schottus, em Frankfurt, 1605 e e reimpressa por Beccari no tomo X de *Rerum Aethiopicarum Scriptores Occidentales*⁴⁶³.

Por sua vez, Álvares em Itália desde 1532, teria levado consigo as suas notas, ou parte delas. Estas teriam sido conhecidas por alguns intelectuais italianos, como Paulo Jóvio e Luigi Becadelli, que teria traduzido e elaborado a versão dos Codices Ottobonianos da Biblioteca do Vaticano, mais próximos de uma possível primeira versão. Manuscritos similares existem na Biblioteca Palatina de Parma (Pal.977 A e B)⁴⁶⁴.

Francisco Álvares morre em Itália. A sua obra é impressa postumamente em Lisboa em 1540. Mas teria sido sujeita a alterações: os prólogos dos manuscritos são substituídos; os capítulos iniciais da primeira parte desaparecem assim como uma possível primeira parte que conteria a descrição da viagem de Lisboa à Índia e a primeira expedição ao Mar Vermelho, cuja existência é tida como credível para estes autores; finalmente, é adicionado novo material à obra.

Segundo Jean Aubin, «(...) il en ressort que la rédaction déjà censurée qu' Álvares laissait derrière lui fut l' object d' une nouvelle lecture avant l' impression, et subit des petits retranchements supplémentaires(...)»⁴⁶⁵. Já para Banha de Andrade, a revisão teria sido levada a cabo em Itália, pelo próprio Álvares, com base no conteúdo mais completo dos manuscritos do Vaticano, que seriam uma possível cópia do material por ele levado.

A revisão e modificações na obra estariam relacionados com as referências às circunstâncias que rodeavam a embaixada falhada de Duarte Galvão⁴⁶⁶. Por outro lado, também o conteúdo religioso da fé etíope não entusiasmou as autoridades portuguesas; mas a crença numa possibilidade de uniformização religiosa e a

⁴⁶³ *Idem*, «Introduction» in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh.....*, the translation of Lord Stanley of Alderley,p.6 e A A Banha de Andrade,*op cit.*, p. 297

⁴⁶⁴ C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, pp. 8/9

⁴⁶⁵ Jean Aubin, *op cit.*,p.197

⁴⁶⁶ «Ces pages elles-mêmes furent retranchées de l'edition de 1540. Ou plotôt, le manuscrit que l'imprimeur eut à sa disposition ne les comportait pas. Déjà, en 1533, Damião de Góis n' avait pu en prendre copie, croyons-nous, puisque Ramusio ignore cette partie initiale de la relation.», *ibid.*,p.198

continua pressão do Islão no Oriente leva, como referimos⁴⁶⁷ a um retomar do interesse pela questão etíope:

« Cést dans ce contexte politique que le livre du P. Álvares fut, enfin, sous la forme tronquée (...), autorisé à paraître à Lisbonne. Mieux même, sa publication “ par ordre du Roi “ fut voulue. L’imprimeur Luís Rodrigues(...) fut incité à publier la *Verdadera Informaçam das terras do Preste Joham* par l’ évêque de Lamego, D. Fernando de Meneses Coutinho de Vasconcelos, membre depuis leur création de la *Mesa da Consciencia* (1532) et du Tribunal de l’Inquisition (1536), qui devenait ce même automne 1540 archevêque de Lisbonne (...)»⁴⁶⁸.

Também A A Banha de Andrade confirma o papel do então bispo de Lamego no patrocínio e mesmo na preparação da edição da obra, com base no que quer que seja que Álvares tenha deixado escrito ou preparado em Lisboa ou na Itália.

Finalmente a já referida versão publicada por Ramúsio em 1550, baseada na edição portuguesa e no manuscrito de Góis, apresenta ainda detalhes ausentes das versões anteriores e um diferente Prólogo do manuscrito Ottob., prólogo esse que Jean Aubin⁴⁶⁹ crê ter sido redigido para a versão já depurada para impressão no verão de 1527⁴⁷⁰ (a que teria sido deixada em Lisboa) e entretanto retirado.

Em relação à natureza do material utilizado na impressão de Lisboa pode destacar-se a questão dos prólogos. Estes prefácios, eram, com efeito, importantes na apresentação dos objectivos da obra e intenção do autor, além das referências à entidade que possibilita a sua publicação, sob a forma de dedicatórias a personagens socialmente destacadas, permitindo enquadrar o livro nas condicionantes que determinaram a sua produção⁴⁷¹. Por outro lado a imprensa depende fortemente, senão exclusivamente, nesta época do poder real, clerical ou está na dependência de universidades (também elas controladas pelo poder público ou religioso). Os escritores estão igualmente ligados a essas instituições e no caso dos nossos autores, ambos se podem considerar *clérigos homem-de-letras*, segundo a expressão de José António Saraiva⁴⁷². De denotar ainda, como refere Rui Manuel Loureiro, as

⁴⁶⁷ Vide, Cap. I, p.25

⁴⁶⁸ Jean Aubin, *op cit.*, p.207

⁴⁶⁹ Vide, *Ibd.*, pp. 196/197

⁴⁷⁰ Jean Aubin, *op cit.*, p. 196

⁴⁷¹ Sobre a importância do Prólogo nas obras quinhentistas vide, Fernando Cristovão, «O *incipit* e o *explicit* nos diários e relações de viagem, e as razões da escrita da *Expansão*» in , Maria Alzira Seixo *et al.*(org), *A Vertigem do Oriente...*, pp.17/28

⁴⁷² António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, Vol.II., Lisboa, Jornal do Fôro, 1962, p.141

numerosas interferências, especialmente fortes na época, em detrimento do papel central do autor, que medeiam o processo entre a execução do manuscrito e a sua impressão, continuando as obras sujeitas a adições, supressões, modificações mesmo depois de impressas⁴⁷³. A ligação autor /texto nessa época é relativamente frágil, assistindo-se à reelaboração contínua do material escrito, não se submetendo as reproduções impressas (ou as cópias dos manuscritos, como aliás vimos) a uma averiguação de fidelidade ao original, desviada por numerosos obstáculos no do processo de impressão: dificuldades do texto, acrescentamentos, correcções, traduções que são adaptações, censura institucional, e outras supressões. A obra do P. Francisco Álvares parece ter, pois sofrido as contingências da época. Daí a existência de três prólogos.

O prólogo mais antigo parece ser o do manuscrito encontrado na Biblioteca do Vaticano. Nele Álvares, que se apresenta como «padre de missa e capelão do Rei D. Manuel»⁴⁷⁴ e nativo do desconhecido castelo de *Franchosa*, propõem-se «(...) descrever tudo que a me aconteceu na viagem(...). Se Deus me der vida, farei um livro em partes, ou seja, *a viagem e partida de Portugal até à nossa chegada à terra do Preste João, e desde nossa entrada nessas terras até à nossa partida*, assim porei eu por escrito uma descrição e um livro.»⁴⁷⁵ Copiado ou do punho do próprio Álvares, esta passagem parece justificar a tese da existência de um primeiro capítulo suprimido pelo possível encarregado da impressão da obra ou até pelo próprio autor, «(...) fosse por sugestão da Corte portuguesa(...), fosse por qualquer outro motivo ignorado.»⁴⁷⁶

A edição de Ramúcio apresenta outra versão do prólogo, um pouco retocada, mantendo os protestos de veracidade e honestidade na descrição, mas omitindo, por exemplo, a constituição da obra. «Cette deuxième préface(...) n'est plus conçue pour introduire la relation complete des voyages du P. Álvares.(...) elle est destine à presenter la partie qui traite du séjour chez le Prêtre Jean, partie que seule l'auteur pouvait espérer faire diffuser au Portugal.»⁴⁷⁷ Também esta parte do texto foi

⁴⁷³ Cf. Rui Manuel Loureiro, *op. cit.*, p. 16 p. 104

⁴⁷⁴ Esta designação apontaria então para a sua redacção na Etiópia e antes de Abril de 1523, data da morte de d. Manuel; mas coloca-se a questão se Álvares seria já nesta época capelão real.

⁴⁷⁵ «Preface by Alvares» [retirado do Cod. Ottob.Lat. 1104] in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, revised and edited with additional material by C. F. Beckingham and G.W.B. Huntingford, 2 Vols. Cambridge, for the Hakluyt Society at the University Press, 1961, p. 33 [tradução livre da autora]

⁴⁷⁶ Vide A A Banha de Andrade, *op cit.*, p. 312. Esta é também a opinião de Jean Aubin, *op cit*, pp. 197/198

⁴⁷⁷ Jean Aubin, *op. cit.*, pp.

suprimida da edição “oficial” impressa em Portugal. E, no entanto, não falta igualmente um prólogo a essa edição de 1540. Apenas é notoriamente diferente dos acima referidos e parece indiciar outra voz.

Este Prólogo de 1540 é dedicado «a el-Rei Nosso Senhor muito alto e muito poderoso príncipe»⁴⁷⁸, e evoca o seu favor para a obra, pois, «(...) além do *Bispo de Lamego a isso me incitar, Vossa Alteza me mandou que a imprimisse* dizendo que disso levaria contentamento que para mim foi grande mercê, e dou por isso muitas graças a Deus, pois com êste começo me vieram outros em cuja esperança de bom fim, bemaventurados fins espero.»⁴⁷⁹ Se este texto foi preparado especificamente para esta edição, Álvares já teria falecido em Itália. Mais curioso se apresenta o seguinte trecho:

« E como eu Senhor sempre dêis que sou seu foi meu desejo endereçado a seu serviço para com êle trazer algum fruto, pôsto que me faltem as fôrças não me falta a vontade, *com a qual fui a Paris buscar estampas, caratules de letras, oficiais e outras cousas convenientes à impressão, as quais não são de menos primor e qualidade, que as de Itália, França e Alemanha onde mais a arte floresce, como Vossa Alteza pode ver pela obra que tenho assentada nesta cidade*, e não com pequeno contentamento por me parecer que Vossa Alteza nisto leva gôsto, como se mostrou *pelas mercês que me tem feitas e espero que me faça.*»⁴⁸⁰

Os autores que temos vindo a citar atribuem a sua autoria ao impressor de Lisboa, Luís Rodrigues, baseando-se não só no estilo diferente da escrita, como na afirmação da deslocação a Paris para adquirir o material tipográfico⁴⁸¹. Por outro lado, o prólogo faz referência à *obra/oficina* que tem na cidade e a afirmação da importância da mercê real para a produção das suas obras remete-nos para o impressor. Vimos já a estreita ligação da imprensa com o poder institucional⁴⁸² e de facto no rosto da obra, o impressor Luís Rodrigues intitula-se «livreiro de sua

⁴⁷⁸ Álvares, p.5

⁴⁷⁹ *Ibd.*

⁴⁸⁰ *Ibd.*,p.6. O itálico é nosso.

⁴⁸¹ Vide, C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia», in *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, p.8 e Jean Aubin, *op cit.*, p. 196. A A Banha de Andrade divide-se quanto à autoria entre o impressor e o bispo de Lamego, *op cit.*, p.310

⁴⁸² Como também refere Ana Isabel Buescu, «A imprensa é com efeito um instrumento de alcance relativamente limitado no Portugal moderno, num quadro em que dificuldades de vária ordem condicionam fortemente a actividade editorial: desde logo, dificuldades na aquisição dos seus factores de produção (...), há que sublinhar a importação dos caracteres metálicos(...) que se prolonga por mais de dois séculos(...). Em suma “a nobre arte da imprimissão” implicava recursos económicos apreciáveis, o que ajuda a explicar o seu uso privilegiado pelos poderes (...)», « A Persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI e XVII » in, *Ler História*, nº 45, Lisboa, ICTE, 2003,

altesa.»⁴⁸³. Luís Rodrigues trabalha pois sob a égide real e do seu círculo mais próximo, de que fazia parte o dito bispo como atestam as palavras que podem aludir à sua função (compõe as palavras que se transformam em textos) e à sua dependência da Corte: «E se Vossa Alteza algumas palavras neste livro achar que lhe não contentem, lembre-lhe que *os homens de cá fora somos senhores das palavras e os príncipes são senhores das obras e da fortuna.*»⁴⁸⁴

Outra modificação sofrida pelo texto original de Álvares deverá ter sido o acrescento do traslado das cartas do Preste para os monarcas portugueses e o curioso relatório que resulta da resposta às questões postas pelo arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, sobre os costumes abexins, intitulado: «Perguntas que o senhor D. Diogo de Sousa, (...), fêz a Francisco Álvares, capelão-del-Rei Nosso Senhor de algumas cousas particulares da terra do Preste João, além das que o dito (...) tem escritas em seu livro (...)»⁴⁸⁵, cujo registo, de resto, não teria sido da autoria do autor, uma vez que vários dos seus parágrafos se iniciam com o verbo dizer flexionado na terceira pessoa, afirmando Álvares que «(...) Sua Senhoria tudo mandava escrever(...)»⁴⁸⁶.

Todos os factos que temos vindo a referir condicionaram a obra que a partir da edição portuguesa de 1540 chegou até nós e serve de base ao presente trabalho. Com efeito, e como os autores que nos têm acompanhado referem, a sua estrutura é um tanto confusa. A primeira parte consideravelmente maior do que a segunda (142 capítulos) e intitulada «Começa-se o tratado da entrada da terra do Preste João», inicia o seu primeiro capítulo fazendo aparentemente alusão uma parte da obra omissa: «Porque digo que vim com Duarte Galvão, que Deus haja, (...), e cessou sua embaixada no tempo que Lopo Soares era Capitão-mor e Governador das Índias, *como largamente já tenho escrito e aqui deixo de escrever por não ser necessário, escreverei o que necessário é.*»⁴⁸⁷

Esta primeira parte finaliza com a fórmula «Laus Deo» o que parece indicar o fim do texto, como refere Banha de Andrade⁴⁸⁸. A segunda parte inicia-se com a fórmula «IN NOMINI DOMINI AMEN» e intitula-se «Conta-se nesta parte o caminho que se fêz da terra do Preste João para Portugal». Contém apenas nove

⁴⁸³ Álvares, fac-simile do rosto da 1ª edição.

⁴⁸⁴ *Ibd.*, p.7

⁴⁸⁵ *Ibd.*, pp. 415/416

⁴⁸⁶ *Ibd.*, p.415

⁴⁸⁷ *Ibd.*, p.9

⁴⁸⁸ A A Banha de Andrade, *op cit*, p. 317

capítulos e termina de forma abrupta no relatório apresentado ao arcebispo de Braga, sem qualquer espécie de nota conclusiva, referindo a criação de poldros nas estrebarias dos senhores abexins. A última informação que temos sobre a demanda do nosso autor é a doação que recebeu do benefício em Braga :«(...) Sua Alteza me fêz mercê dele e com sua apresentação me mandou ao Arcebispo que me confirmasse(...)»⁴⁸⁹ e as questões colocadas por este.

Também não deixa de ser curioso o título completo da edição portuguesa: *Ho Preste Ioam das Indias / Verdadeira Informaçom das terras do Preste / Ioam / segundo vio e escreveo ho padre F. A. Capellã del Rey nosso / senhor. Agora novamente impresso*⁴⁹⁰ por mandado do dito senhor em casa de Luiz/ Rodriguez\ livreiro de sua alteza.⁴⁹¹ Teria havido uma primeira edição desconhecida ou ter-se-iam feito simplesmente provas ?⁴⁹² Questões que ficam por ora sem resposta.

Seja como for a edição conhecida em português, que saiu dos prelos no referido ano, «It is in a gothic type of a kind that had by then become unfashionable in many countries and it is not easy to read. Misprints are numerous, punctuation is very inadequate and often manifestly wrong and the style is in places extremely obscure.», segundo a caracterização de C. F. Beckingham⁴⁹³. A folha de rosto por cima do título apresenta uma estampa que ilustra um cortejo de cavaleiros, um dos quais com o pavilhão real português, saindo de uma cidade muralhada. Também ela se presta a várias interpretações, identificando alguns autores a figura do cavaleiro principal com o embaixador Duarte Galvão ou com D. Rodrigo de Lima ou ainda com o próprio autor, entrando na corte abexim, ou saindo, por exemplo, de Cochim; ou ainda com um monarca português, sendo a cidade, Lisboa⁴⁹⁴.

No verso do quinto fólio apresenta ainda o seguinte texto:

⁴⁸⁹ Álvares, p.415

⁴⁹⁰ O sublinhado é nosso.

⁴⁹¹ António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das Obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional. 1926, p. 294

⁴⁹² Segundo C. F. Beckingham uma versão teria sido preparada para impressão em 1532; como afirmámos acima, também Jean Aubin afirma a existência de uma versão por volta da mesma época. Cf., C.F. Beckingham, «Introduction» in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, p. 8 e Jean Aubin, *op cit.*, pp.189/200

⁴⁹³ C. F. Beckingham, *op cit.*, Texto II, p.4

⁴⁹⁴ Cf. A A Banha de Andrade, *op cit.*, p. 311; J. M. Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *op cit.*, vol.I, p.p. 358; Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Vol.1a 23, Ophir, Biblioteca Virtual dos Descobrimentos Portugueses, nº 9, Lisboa, Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001 [CD-Rom]

*A honra de deos e da gloriosa Virgem Nossa Sñra se acabou ho livro do Preste Ioã das Indias em q se conta todos os sitios da terras e dos tratos e commercios d'ellas e do q passara na viagem de dom Rodrigo de lima q foy mandado de Diogo lopez de sequeira q entam era governador da india: e assi das cartas e presentes q o Preste Ioã mandou a el Rey nosso senhor, cõ outras cousas notaveis q há na terra. Ho qual vio e escreveo ho psdre Frâcisco alvarez Capellã del Rey nosso senhor com muita diligencia e verdade. Acabou-se no anno da encarnaçom de nosso senhor Iesu Christo ahos vinte e dous dias de Outubro de mil quinhentos e quarenta annos.*⁴⁹⁵

A despeito das vicissitudes queo autor e a obra terão conhecido, esta suscitará considerável interesse dos seus contemporâneos como comprovam as sucessivas edições e traduções das suas versões impressas, tornando-se no dizer de Luís Filipe Barreto«(...) a mais divulgada descritiva de viagem terrestre da cultura dos descobrimentos portugueses.»⁴⁹⁶.

Conhece traduções em castelhano: em 1557, em Antuérpia, por Fr. Tomás de Padilha com o título *Historya de las cosas de Etyopia, en la qual se cuenta muy copiosamente el estado y potencia del Emperador della*, reeditada em 1561 em Saragoça pelo livreiro Miguel de Selves (por vezes incorrectamente identificado com o tradutor desta edição) e mais uma vez em Toledo, em 1588. As traduções em francês surgem em 1556 por Jean Temporal em Antuérpia e Lyon a partir da edição de Ramusio; em 1558, duas edições em Antuérpia, respectivamente por Cristovão Plantin e Jean Bellère; nova impressão em Paris, em 1674 e a versão de Jean Temporal reeditada em 1830. A versão em italiano foi integrada na obra já referida de Ramusio, *Navigazioni e Viaggi*, Vol. I, de 1550 (Veneza) com reedições em 1554, 1563 e 1588. Em língua alemã aparecem as traduções de 1566 (Eisleben) e 1567 (Frankfurt). Em inglês surge integrada na colectânea de Samuel Purchas, *Pilgrimes*, Parte II, Londres, 1625. Todas estas edições tiveram como base a edição portuguesa ou a italiana.

Depois do sucesso inicial e de um longo silêncio a obra parece redespertar no final do século XIX. Em 1881 aparece uma nova tradução em inglês, *Narrative of the Portuguese Embassy to Abyssinia during the years 1520-1527*, utilizando a versão portuguesa e a versão espanhola de Padilha, levada a cabo para a Hakluyt Society por

⁴⁹⁵ Vide, António Joaquim Anselmo, *op cit*, p. 249 e Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, *op cit.*, p.358

⁴⁹⁶ Luís Filipe Barreto, *op cit.*, p.56

Lord Stanley of Alderley, versão essa, revista e anotada em 1961, por C. F. Beckingham e G.W.B. Huntigford, recuperando informações das edições portuguesas, italianas e dos manuscritos do Vaticano⁴⁹⁷.

Também em Portugal, novas edições só se fizeram em 1889 (edição da Imprensa Nacional, conforme a edição original). Em 1943 conhece nova edição da Agência Geral das Colónias, prefaciada e actualizada na grafia e pontuação por Augusto Reis Machado, com correcção de alguns erros de impressão, assim como a numeração dos capítulos da 1ª parte, por se repetir o capítulo XXXV. Segue a edição de 1889, cotejando a de 1540; em 1966 o Centro de Estudos Ultramarinos procedeu à tradução para amárico por Girma Beshah e Merid Wolde Aregay da edição de 1943 com prefácio em inglês por A. da Silva Rego. A edição de 1943 foi novamente impressa em 1974 numa reprodução fac-similada pela Agência Geral do Ultramar. De referir ainda duas edições no âmbito das comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos em 1989: uma publicada pela Europa –América, com introdução de Neves Águas; outra na colecção dirigida por Luís de Albuquerque, publicada pela Alfa, com actualização do português por Maria da Graça Pericão.

À falta de uma edição crítica que tivesse em conta as problemáticas das diversas versões e a fixação do texto, o que não foi feito até hoje, optamos por seguir a edição mais próxima do original português e ao mesmo tempo mais recente, ou seja a mencionada edição de 1974.

Debrucemo-nos agora sobre a estrutura e conteúdo da versão de 1540 da *Verdadeira Informação...* Esta consiste na sua primeira e mais extensa parte num tratado sobre a viagem no interior do reino do *Preste* e na consequente descrição dessas paragens, incluindo a narração das experiências do autor durante a sua permanência, tendo essencialmente um carácter de itinerário terrestre. Todavia apresenta uma heterogeneidade de conteúdos, característicos desta literatura produzida durante a Expansão Portuguesa, o que lhe confere um carácter híbrido. Com efeito, segundo Luís Filipe Barreto, esta obra «(...) não é representativa das constantes máximas da ordem discursiva da viagem terrestre», na medida em que a

⁴⁹⁷Vide, A A Banha de Andrade, *op cit*, pp.318/320; Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, p. 201 ; Luís Filipe Barreto, *op cit*, p. 42; C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, pp1/11; Jordão de Freitas, «Literatura de Viagens» in *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, Albino Forjaz de Sampaio (dir.), Vol III, Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1929 p. 50; Marília dos Santos Lopes, *op cit*, pp.129-130

conjuga com um «desvio exteriorizante», ou seja com uma narrativa de viagem marítima de regresso a Portugal e deslocação da embaixada a Coimbra, sumarizada na segunda parte da obra, onde é sublinhada a «(...) ressonância diplomática e cultural das embaixadas do Preste João(...)» junto ao rei português. Por sua vez a «(...) dominante narrativa de viagem terrestre (...) em constante metamorfose acaba por ser também um tratado local descritivo e mesmo uma geografia historizada(...)»⁴⁹⁸. Como refere Francisco Bethencourt⁴⁹⁹, nela podemos também encontrar uma combinação das características de um diário com as de memórias de viagens, adoptando-se frequentemente o sistema das entradas diárias ou devidamente assinaladas no tempo. Assim, Francisco Álvares não se reduziu ao relato da viagem «(...) enquanto deslocação, (...) [mas] também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registo: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais(...)»⁵⁰⁰.

Porém se a obra de Álvares se pauta pelo percurso pelas terras da Etiópia⁵⁰¹, a sua sequência narrativa não se subordina inteiramente à progressão temporal e espacial, apresentando uma descontinuidade, característica das obras da época.

A narrativa da progressão minuciosa, assinalada pela referência ao dia, mês, ano, por vezes à hora e ao calendário litúrgico, é interrompida quando vem a propósito algum episódio ou descrição, conduzindo o leitor em incursões por factos que ainda estão por acontecer (uso de prolepses), como é o caso do episódio da praga de gafanhotos em Barué⁵⁰² ou da descrição de Aquaxumo, onde os portugueses estanciarium durante oito meses⁵⁰³ ou ainda a visitas do monarca abexim ao Mosteiro de Brilibanos⁵⁰⁴. Outras vezes o leitor retorna a um ponto temporal já passado (uso da analepse) ilustrada pelo relato da celebração da Quaresma na corte do *Preste*, instalada junto da terra de Gorage⁵⁰⁵ ou da vitória do *Preste* sobre o rei mouro de Adel⁵⁰⁶ e a história dos peregrinos abexins a Jerusalém, vítimas de um ataque dos

⁴⁹⁸ Luís Filipe Barreto, «As grandes obras portuguesas de carácter geográfico» in, *Portugal no Mundo*, Vol. III, Lisboa, Alfa, 1989, pp. 56/57

⁴⁹⁹ Francisco Bethencourt, «O Contacto entre povos e civilizações» in, *História da Expansão Portuguesa*, Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), Vol. I, p.96; Audrey Bell refere-o mesmo como «encantador diário de viagem», *A Literatura Portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p.289

⁵⁰⁰ Fernando Cristovão, *op cit.*, p. 35

⁵⁰¹ Ana Paula Avelar, *op cit.*, p. 225

⁵⁰² Álvares, *op cit.*, pp.76/79

⁵⁰³ *Ibd.*, p.86 e ss.

⁵⁰⁴ *Ibd.*, p.171 e ss.

⁵⁰⁵ *Ibd.*, p. 305 e ss.

⁵⁰⁶ *Ibd.*, p. 317 e ss.

mouros⁵⁰⁷. A progressão temporal, nesta obra é acompanhada por uma progressão no espaço, que o autor se preocupa em descrever, em anotações de teor geográfico, físico e antropológico, inseridos em momentos de pausa da narração da viagem.

Vejamos então como o autor estruturou a sua narração: a primeira parte inicia-se, pois, com a chegada à ilha de Maçuá, os primeiros contactos e a passagem a terra firme, Arquico, de onde partem até ao Mosteiro de Bisão. Aí verifica-se uma espécie de “pausa” de teor descritivo da região em causa, seus habitantes, flora e fauna.

Retornando às peripécias da viagem, a embaixada chega a Barué, onde se verifica novo “parênteses descritivo”; depois segue para Barra e onde o autor introduz uma nova descrição; daí continuam a acidentada viagem com paragem em vários locais. A propósito dos locais onde passa, o P. Francisco Álvares, vai narrando sucessos ou procedendo a pequenas anotações ou descrições mais detalhadas (como é o caso das igrejas de Lalibela ou da serra onde vivem os parentes do Preste), até alcançarem a corte do *Preste*. Os capítulos em que se narram os sucessos ali passados e se descreve o seu funcionamento, não estão concentrados no mesmo espaço físico, pois a corte é itinerante.

Seguidamente chega o momento da partida e a tentativa gorada de chegar à costa a tempo de alcançar a armada portuguesa. A partir deste ponto a lógica narrativa de itinerário e seu encadeamento temporal é interrompida. O autor, permanecendo por mais seis anos na nação abexim, narra várias deslocações e estadias na corte; episódios da política interna abexim; situações mais relevantes ou pitorescas. Procede a uma descrição aturada de aspectos tidos como significativos (como a organização do arraial Imperador). E, finalmente, os últimos sucessos envolvendo o regresso, são narrados nos capítulos finais da primeira parte.

A segunda parte é um resumo da viagem para a Índia e daí para o Reino, entrando no campo da narração de viagens marítimas, para novamente voltar ao itinerário terrestre ao aportar em Lisboa, de onde seguem para Coimbra onde estancia a corte portuguesa. Finaliza, como vimos, com o relatório ao Arcebispo de Braga, espécie de rápida repetição, ou resumo das descrições incluídas na primeira parte.

⁵⁰⁷ *Ibd.*, p. 352 e ss.

Podemos encontrar uma variedade e disseminação de assuntos pelos vários capítulos, focando aspectos cujo relato era importante fazer, que terão despertado a curiosidade do autor ou afectavam directamente a embaixada.

Este tipo de obra, que segue a modalidade discursiva do *Itinerário*, servindo propósitos práticos, escapa às pretensões de estilo literário, o que poderá eventualmente explicar o estilo *chão* com que a escrita de Álvares foi já caracterizada⁵⁰⁸. Ela revela simplicidade e vivacidade, marcada pela coloquialidade, de onde emerge o sujeito e a sua experiência marcadamente pessoal, traduzida no emprego da primeira pessoa do singular embora estreitamente ligada ao colectivo, reflectido no frequente uso do plural (donde o protagonista da obra é o autor e ao mesmo tempo o grupo de portugueses), e a frequente utilização do discurso directo, recursos que sugerem «a aproximação ao leitor»⁵⁰⁹, ao mesmo tempo que emprestam colorido à narração, características que se podem verificar no relato das entrevistas com o *Prestes* ou das dissensões entre a comitiva portuguesa⁵¹⁰. Um bom exemplo da utilização do discurso directo é o episódio das falsas notícias da derrota portuguesa na Índia e a chegada de uma nova armada portuguesa à costa etíope para recolher a embaixada⁵¹¹. De resto, em vários passos da obra, verifica-se uma interpelação directa do leitor com expressões com «Não se espantem» ou «dirão...».

A técnica descritiva de Álvares incide sobre o prosaico e realista, sem mais enfeites dos que a percepção do que o escritor apreendeu. Nela relata as peripécias da embaixada, aproveitando para descrever as suas experiências e o que realmente «viu», a nível de paisagem, fauna, flora, costumes e práticas, dos tão procurados, mas desconhecidos abexins. Daí o título conferido à sua obra, *Verdadeira Informação das terras do Preste João*. Esta escrita guiada pelo visualismo, pretende apenas retratar o real, dando o máximo de informações, como se a escrita tivesse por missão a reprodução e evocação das coisas o mais fielmente possível.

Com efeito a maior parte das informações que compõem a obra são fruto da experiência do autor, dessa experiência fundamentada no acto de estar presente e «ver» e confirmar pelo «visto» e «experienciado»: a fonte primordial da sua obra é o seu testemunho presencial, a realidade que capta com o sentido da visão.

⁵⁰⁸ Baltasar Telles, *História da Ethiopia, a Alta*, Livro 2, Cap. VI, ap. Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Tomo II, 2ª ed.. Lisboa, s.n., 1931 (1ª ed. Lisboa, Officina de Inácio Rodrigues, 1747) p. 94

⁵⁰⁹ Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente...*, Lisboa, Colibri, 2003, p. 186

⁵¹⁰ Álvares, *op cit.*, pp. 241,249, 270 e pp. 224 e 292 e ss.

⁵¹¹ Vide, *Ibd.*, pp. 367/370

Segundo Luís de Albuquerque, o termo “experiência” no início do séc. XVI, significava apenas ver, observar e relatar como se vira e apontar a sua discordância com o saber antigo ou realidade conhecida. A partir da observação directa/experiência pessoal, os homens de Quinhentos sentem-se capazes de desmentir/corrigir os dados veiculados pelo conhecimento antigo. A experiência sensorial assume-se como o garante da “verdade” e não o conhecimento livresco, adquirindo-se uma capacidade crítica baseada na razão e actuação do homem⁵¹², ou seja «a experiência e a natureza(...), são os pontos arquimédicos que vão substituindo ao longo da Renascença os paradigmas tradicionais desestruturados(...)»⁵¹³ sem, no entanto, romper com a visão do mundo e o conhecimento estabelecidos. Com efeito, os autores dos escritos dos Descobrimentos adquirem conhecimentos utilizando a sua razão na observação de fenómenos, mas não a da racionalidade matemática ou teórica (cujo alcance não será seu apanágio), mas a do senso-comum, de base empírica e pessoal⁵¹⁴.

A produção cultural directamente ligada aos Descobrimentos pauta-se, assim, pela objectividade dos dados recolhidos a partir da observação/experiência directa. À luz destas considerações podemos entender as recorrentes afirmações, presentes na obra: «eu vi», «isto sei eu por ver» ; «vi muitas vezes»; «disto direi o que vi» ou mesmo o pleonasma, «vi com os meus olhos», como para reiterar a sua credibilidade e o valor da sua experiência pessoal⁵¹⁵.

O autor narra «segundo eu vi» mas igualmente «segundo dizem» ou «ouvi dizer», sublinhando sempre que a informação é de segunda mão: por exemplo sobre os limites do reino de Gojame, afirma : «(...) não creio nem eu o afirmo, digo como ouvi no geral e não a pessoa com que alegue.»⁵¹⁶ ou «Estas são as confrontações que

⁵¹² «Os Descobrimentos não se acham na linha da especulação e da pesquisa teórica. E a ciência experimental não nasceu de um conflito (...) entre o saber teórico tradicional e as observações ou experiências sistemáticas (...). A sua origem situa-se na conquista decisiva do sentido crítico pelo espírito humano. (...) que levou a por em causa, pela via especulativa, o saber teórico tradicional (...). O experimentalismo só começou quando a crítica tinha minado o edifício secular da ciência (...)», J.S. da Silva Dias, *Problemática cultural do século XVI*, Lisboa, Presença, 1982, p. 110

⁵¹³ Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento*, 2ª ed., Lisboa Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983, p. 198

⁵¹⁴ Como expõe R. Hooykaas, «(...) não se testa a “experiência” por meio da razão teórica, sendo antes a razão teórica que é submetida à experiência. Estes pioneiros não estavam embaraçados por preconceitos eruditos, não decidiam através de argumentos *pro et contra* se determinado facto (...) era realmente verdadeiro; a observação bastava-lhes, e os factos eram aceites apesar da sua “absurdidade“., «Contexto e Razões do Surgimento da Ciência Moderna » in, Francisco Contente Domingues e Luís Filipe Barreto (org.), *A Abertura do Mundo...*, Vol. I, Lisboa, Presença, 1986, p. 171

⁵¹⁵ «A origem do saber radica nos sentidos e, sobretudo, na vista, esse sentido dos sentidos. Saber é ter a exacta determinação sensível e empírica do visto. (...) O realismo empírico do qualitativo visível é o norte do saber verdadeiro e suficiente.», Luís Filipe Barreto, *op cit.*, p.137

⁵¹⁶ F. Álvares, *op cit.*, p. 361

eu pude saber dos reinos e senhorios do Preste João e *deles soube de ouvida* e os poucos mais de vista.»⁵¹⁷. Outras vezes explicita os limites do seu conhecimento: «(...) e a grandeza desta terra de Doba, será de comprido grandes cinco jornadas, de largo não sei quanto será porque entra muito por terra de mouros *que eu não pude saber.*»⁵¹⁸ ou ainda quando não presenciou o desfile de um senhor na corte: «Êste apresentar *não vi* por estar mal sentido.»⁵¹⁹.

Por outro lado, P.e Francisco tem a preocupação não só de «ver», mas igualmente de comprovar informações. Assim o vemos a garimpar ouro em Aksum na época das trovoadas, em que o ouro posto a descoberto pelas chuvas poderia ser recolhido pelos habitantes nas terras de lavoura, apenas esgravatando com um pau. «Vendo eu isto e ouvindo dizer como achavam tanto ouro (...) determinei fazer uma tábua(...). *E feita me meti a lavar a terra e lancei duas tábuas e não achei ouro nenhum, nem sei se o não sabia lavar, ou se não o conhecia, ou se o não havia aí; a fama era que havia muito.*»⁵²⁰.

A noção da «novidade» do que vê e dá a conhecer mescla-se com a preocupação da incredulidade do leitor. Por isso a propósito das Igrejas de Lalibela refere: «Enfado-me de mais escrever destas obras, porque *me parece que me não crerão* de mais escrever e porque, ao que escrito tenho, *me poderão tachar de não verdade*, portanto juro em Deus em cujo o poder estou que *todo o escrito é verdade(...)*»⁵²¹.

Da mesma forma terá a preocupação de assistir a numerosas cerimónias e usos da terra, podendo afirmar com propriedade que descreve aquilo a que assistiu. Para além da sua experiência pessoal, Álvares recorre a informações que recolhe junto aos naturais, para confirmar factos como por exemplo, as rendas em cavalos pagas a um mosteiro: «E para disto sermos certos eu o fui perguntar ao Alicaxi do mosteiro,(...), porque este recebe e faz justiça, *êle me disse que era verdade(...)*»⁵²²; ou as conversas tidas com o Abuná (superior da igreja Etíope) Marcos sobre a questão religiosa ou com o frade Gabriandreas, que «(...)não tem mais que meia

⁵¹⁷ *Ibd.*, p.363

⁵¹⁸ *Ibd.*, p.113

⁵¹⁹ *Ibd.*, p.334

⁵²⁰ *Ibd.*, pp.93-94

⁵²¹ *Ibd.*, p.139

⁵²² *Ibd.*, pp.44-45

língua ao longo cortada, porque el-Rei Nahu Iha mandou cortar porque falava muito.»⁵²³.

Outra importante fonte de informações para Francisco Álvares foram os cristãos europeus presentes na corte do Preste, entre os quais se destaca, Pêro da Covilhã. No entanto o autor ressalva sempre o facto de a informação provir de outrem como na seguinte passagem: «*A Pêro de Covilhã ouvi dizer que êle fôra por mandado da Raínha Helena a dar maneira que se fizesse um altar em uma igreja [no reino de Goraje] (...) e que êste altar fizeram de madeira e o encheram de ouro e assim a pedra de ara de ouro maciço, alego com quem me disse e me parece que diria a verdade (...)*»⁵²⁴, ou noutro passo relativo à extracção de prata no reino de Bagamidri, «(,,) e que êste fogo fazia derreter a prata e que corria em canos cousa de não crere. *Preguntei isto a Pêro de Covilhã, disse-me que o não duvidasse que era muita verdade; (...)*»⁵²⁵.

Outras informações registadas por Francisco Álvares advêm de registos etíopes escritos como as velhas crónicas manuscritas da Igreja de Aksum: «*Está em êste lugar uma mui nobre igreja na qual achámos uma mui grande crónica escrita em língua da terra (...). Este livro de crónica é muito grande, não tomei dela senão os princípios.*»⁵²⁶ Noutro passo na igreja de Imbra Cristos, Francisco Álvares consulta «*(...) um livro grande e antigo, o qual eu tive com meus olhos e tive nas minhas mãos todo como crónica ou vida deste rei [que se teria retirado para este mosteiro e aí se teria sepultado, de nome Abrãa] e me passaram parte dele em dois dias que aí estive desocupado.*», lido talvez pelos monges locais e traduzido pelo intérprete, pois como afirma Álvares «*(...) digo que ouvi e o vi ler no livro (...)*»⁵²⁷.

Mas é provável que ao fim de seis anos em terra abexim, o curioso padre aprendesse, pelo menos, os rudimentos da língua local. De facto quando relata a intenção do embaixador regressar à corte do Preste, com toda a pimenta, após ter falhado o encontro com a armada de D. Luís de Meneses, Álvares refere que «*Eu ia somente a levar as cartas ao Preste e as tornar na sua língua.*»⁵²⁸.

Seja como for denota-se a preocupação, aliás frequente nos escritos da época de reproduzir, segundo a grafia portuguesa, palavras, nomes próprios, designações

⁵²³ *Ibd.*, p.321

⁵²⁴ *Ibd.*, p.361

⁵²⁵ *Ibd.*, p.362

⁵²⁶ *Ibd.*, pp.87/88

⁵²⁷ *Ibd.*, p.130

⁵²⁸ *Ibd.*, p.315

de cargos, nomes de terras e mesmos pequenas frases, numa tentativa de inteligibilidade da língua autóctone. Assim, e como exemplos podemos citar as seguintes passagens: «Seu título é de Rei, porque *nagais* quiere dizer rei e *bar* quiere dizer mar e assim *Barnagais* quiere dizer Rei do Mar.» e *Xum* será o equivalente a capitão e terra sob a sua jurisdição, *Xumeta* ou capitania⁵²⁹; «*Iché* quiere dizer prior ou abade e na língua tigré que é nos reinos de Barnagais e Tigremahon se disse *aba* pelo padre principal e pelo prior crasteiro que é debaixo dêle [na língua desta região, o último chama-se *gabez*]»⁵³⁰.

Embora nos deparemos com a sobreposição de referências textuais várias num dado texto, pois a intertextualidade era uma prática corrente na época, uma vez que a recorrência a textos alheios é prática comum⁵³¹, não encontramos muitas referências explícitas a textos escritos na obra de Álvares⁵³². Exceção é a referência ao reino lendário das amazonas, que se localizaria na parte Sul do reino de Damute: «(...)e não(...)como nós dizíamos ou nos diz o livro do Infante D. Pedro, porque estas amazonas (se estas são) tôdas têm marido geralmente todo o ano e sempre em todo o tempo com elas(...)fazem sua vida.»⁵³³ Pensamos que a obra referida se trata provavelmente do *Livro do Infante D. Pedro de Portugal*, de Gómez de Santisteban⁵³⁴, citado aliás com dúvida e reserva.

Mas para além deste tipo de obras, existem numerosas referências a livros religiosos, que seriam inclusivamente transportados nas viagens, mesmo no interior da Abissínia: quando diz a missa de Natal perante o Preste, P.e Francisco refere,«(...) levei lá quantos livros tinha, posto que bem fora eram da festa, sómente por fazermos número porque êles são muito de preguntar por livros e abri-los todos no altar.»⁵³⁵. Aliás os etíopes ficam fascinados pela cultura livresca europeia e inquiram frequentemente sobre os livros levados pela embaixada e seu conteúdo:

⁵²⁹ *Ibd.*, p.60

⁵³⁰ *Ibd.*, p.172

⁵³¹ «Estamos agora numa área pouco segura, que confronta o território do *plágio*, mas que com ele não pode ser levemente confundida, uma vez que as regras clássicas da retórica não excluíam o recurso à imitação, que nem sempre foi olhada da forma depreciativa com que a encaramos nos nossos dias. Na época de Diogo do Couto, aliás, estava vulgarizada a prática de recorrer a textos alheios, sem grandes preocupações de identificação exacta do respectivo proprietário intelectual. Ou seja as dívidas textuais nem sempre se pagavam, sem que tal actuação fosse considerada imoral ou criticável.», Rui Manuel Loureiro, *A Biblioteca de Diogo do Couto*, Instituto Cultural de Macau, 1998, p.17; «O recurso a passagens de uma fonte consultada não é na altura considerado plágio mas é tido pelo autor como uma comprovação do que é dito (...)», Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente*, p. 71

⁵³² Como refere Jean Aubin, «Son honnêteté naturelle aidant, son manqué de culture fait de lui un excellent observateur. Il n'y a pas trace dans son livre de ce savoir antique qui rend parfois si décevant, et souvent si fastidieuse, la lecture de voyages (...)», *op cit.*, p. 194

⁵³³ F. Álvares, *op cit.*, p.359

⁵³⁴ *Vide supra*, p.8

⁵³⁵ F. Álvares, *op.cit.*, p. 233

«Vêm com outro recado dizendo se tínhamos aquilo em livros que eram melhores os nossos livros que os seus, porque os nossos livros tinham tôdas as cousas.»⁵³⁶. Sabemos que uma dessas obras era o *Flos Sanctorum*, que o Preste solicita ao Padre para conhecimento da vida de alguns santos: «Pusemos dias em os tirar por serem grandes e mui trabalhosa cousa mudar a nossa língua na sua e, além destas vidas, cotejámos outras vidas de santos, que eles tinham (...)», interesse que se estendeu a outros.

No entanto Francisco Álvares afirma a dado passo «(...)», mas que desta resposta e das outras respostas me não afirmava muito por quanto havia seis anos que navegava e não trazia livros e a memória se trespassava.»⁵³⁷. O facto é que os livros (especialmente alguns de carácter religioso) parecem ter feito parte da bagagem transportada na carreira das Índias e a importância do livro, como objecto de valor e de divulgação cultural é atestada pelos cerca de mil e quinhentos volumes, na maioria impressos, que D. Manuel teria enviado no presente inicial ao Preste de 1515⁵³⁸. A referida obra religiosa era provavelmente propriedade do clérigo, uma vez que não são mencionados livros nos presentes que foram efectivamente entregues ao Preste⁵³⁹.

Como vimos a veracidade é atestada pela experiência e se o conhecimento não é obtido directamente pelo autor deve pelo menos ser ou verosímil ou obtido de uma fonte credível; o que não é credível é devidamente apontado. Isto não implica que pontualmente não se verifique a intromissão do fabuloso ou mítico, atavismo de uma longa tradição cultural ou de falsas informações ou impressões persistentes do que tendo sido tido por verdade tanto tempo pode agora ser confundido com ela ou ainda, ocasionalmente uma vontade de suscitar as atenções do leitor⁵⁴⁰. Aliás muitas obras de conteúdo fabuloso continuam a ser impressas e reimpressas e a circular na Europa em pleno séc. XVI, «(...) que não é ainda o século da Razão, mas o da sombra e luz interpenetrando-se.»⁵⁴¹. No entanto esta influência do fabuloso, no que diz respeito ao nosso autor, apenas se faz sentir pontualmente e em relação a territórios desconhecidos, que não foram visitados ou dos quais não se têm testemunhos credíveis. Envolto no mistério, já para além das fronteiras das terras do

⁵³⁶ *Ibid.*, p.237

⁵³⁷ *Ibid.*, p.213

⁵³⁸ Cf., Rui Manuel Loureiro, *op. cit.*, p.33 e David Hook, *op. cit.*, p.306

⁵³⁹ David Hook, *op. cit.*, p.316

⁵⁴⁰ Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Alfa, 1985, p.202

⁵⁴¹ V. Magalhães Godinho, *op. cit.*, p. 92

Preste, o autor pode ceder a referir o maravilhoso, como vimos acerca das amazonas, embora rectificando detalhes. Assim, para lá do reino etíope de Xoa:

« (...) nas cabeças destes reinos de Damute Gorage contra o Sul é o reino das amazonas (...) e não segundo me parece e me contaram como nós dizíamos (...) e não têm rei e têm rainha; esta não é casada nem tem marido certo, contudo não deixa de fazer filhos e filhas e a filha é herdeira em seu reino. Dizem ser mulheres de condição muito guerreiras e pelejam em cima de vacas e que são grandes frêcheiras e de pequenas lhes fazem secar a mama esquerda por causa de não estorvar o tiro da frecha. Dizem mais haver neste reino das amazonas muito infindo ouro(...). Os maridos destas mulheres dizem não serem guerreiros que elas os escusam.»⁵⁴²

Por sua vez no reino de Gojame, local onde nasceria o Nilo, «(...) e dizem que há nêles grandes lagos como mares, que há neles homens e mulheres marinhos e alguns afamam isto de vista.»⁵⁴³. No entanto Francisco Álvares não parece muito crédulo: acerca das amazonas e do seu ouro afirma: «(...) eu o digo como o ouvi.»⁵⁴⁴; e em relação a este último reino: «(...) não creio nem eu o afirmo, digo como ouvi no geral e não a pessoas que alegue.»⁵⁴⁵ Há informações aparentemente de fonte credível que não deixam no entanto de espantar o próprio autor: « (...)Preguntei isto a Pêro de Covilhã, disse-me que o não duvidasse que era muita verdade; digo como o ouvi (...)».⁵⁴⁶ As provas documentais, habitualmente transcritas neste tipo de obras, não são frequentes em Francisco Álvares, para além da consulta dos velhos canhenhos etíopes. Apenas na segunda parte é incluído material exógeno como é o caso da tradução da carta do *Preste* a Diogo Lopes de Sequeira, entregue ao novo governador Lopo Vaz de Sampaio⁵⁴⁷ e das missivas enviadas ao já falecido D. Manuel e ao seu sucessor, D. João III⁵⁴⁸, além das já referidas respostas às questões do Arcebispo de Braga.

O critério de precisão descritiva, valorizando o conhecimento concreto e real, implica um enquadramento referencial para percepcionar diferentes realidades. Este aspecto remete-nos para a emergência de uma nova noção de medida e de número

⁵⁴² Álvares, *op cit*, p. 359

⁵⁴³ *Ibd.*, p.361

⁵⁴⁴ *Ibd.*, p.359

⁵⁴⁵ *Ibd.*, p.361

⁵⁴⁶ *Ibd.*, p.362

⁵⁴⁷ *Ibd.*, pp. 381/388

⁵⁴⁸ *Ibd.*, pp.402/414

na avaliação do real, ou seja para o aparecimento de uma mentalidade quantitativa, emergente dentro de um paradigma ainda em grande medida qualitativo. Como refere Ana Paula Avelar, «A *medida*, a necessidade de precisão, é algo que atravessa e se torna premente no século XVI.»⁵⁴⁹

Segundo A. Marques de Almeida esta quantificação foi possível graças à adopção do sistema árabe de notação numérica, a partir dos séc. XIV/ XV (com resistências porém do velho sistema latino até bem mais tarde) no contexto da vida prática do comércio e navegação, possibilitando uma nova linguagem de descrição do real e do material. Mas esta quantificação não implica uma matematização, nível mais complexo e abstracto de descrição do real (de ocorrência mais tardia com as mudanças epistemológicas do séc. XVII), mas, segundo o mesmo autor, apenas uma aritmetização do real ⁵⁵⁰, suficiente para suprir a necessidade de uma nova forma de descrição da realidade aproximativa às suas medidas e proporções. Com efeito o qualitativo e o quantitativo coexistem ainda na descrição do real, interpenetrando-se.

Todavia, como sublinha V. M. Godinho, «Mas se a formação de uma atitude quantitativa, em campos restritos embora, começa a alterar a concepção do universo e a maneira de viver dos homens, no qualitativo a mudança não é de menor alcance: trata-se da conquista da precisão descritiva e narrativa.»⁵⁵¹

Esta preocupação com a medida e a precisão denotam-se nas descrições que Álvares efectua do espaço, da natureza e dos habitantes da Etiópia. Tomemos como exemplo a descrição que nos faz das ruínas antigas de Aquaxumo:

«Esta pedra [das ruínas de Aquaxumo] é de *comprido de sessenta e quatro côvados e de largo seis, em as ilhargas têm três*, muito direita e muito bem lavrada tôda feita em crastas de baixo até uma cabeça que faz como lua meada, (...) para o meio- dia.(...) E para que não digam como se podia tão alta pedra medir, já disse como era tôda em crastas, até o pé da meia lua. *E estas são de um compasso e aqueles que podíamos chegar medíamos e para estas lançávamos conta às outras e achámos sessenta côvados e à meia lua dávamos quatro, posto que ela fôsse de mais, assim fazem sessenta e quatro.*»⁵⁵²

⁵⁴⁹ Ana Paula Avelar, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, p.31

⁵⁵⁰ A. Marques de Almeida, «Aritmetização do real na Sociedade Portuguesa-século XIV-XVII» in, Francisco Contente Domingues e Luís Filipe Barreto, *op cit.*, pp. 153-165

⁵⁵¹ V. Magalhães Godinho, *op. cit.*, p.86

⁵⁵² Álvares, *op cit*, pp. 91/92

Descrevendo antigas pedras no mesmo local calcula que uma delas «(...) *passa de oitenta côvados e tem dez de largo (...)*»; quanto às arcas antigas que se encontram nuns compartimentos subterrâneos estabelece para: «(...) cada uma de *quatro côvados em comprido e um e meio de largo e outro tanto de altura (...)*»⁵⁵³. É igualmente exemplificativo a forma como descreve a Igreja de S. Salvador quando visita *Lalibela*⁵⁵⁴.

A preocupação com a notação precisa do espaço é patente, por exemplo na configuração da campina onde está instalada a igreja de *Macham Celacem*: «(...) *para a parte de cima será uma légua e para a outra parte duas e para outra três e para outra parte, no baixo que é contra o Sul, serão quatro ou cinco léguas.*»⁵⁵⁵ Mas a uniformização do sistema de medidas está ainda muito longe e «misturam-se(...) apreciações mais ou menos exactas,(...), com outras de características acentuadamente empíricas que, no entanto, visam ser precisas.»⁵⁵⁶, conjugando vários tipos de saberes práticos.

As dificuldades de aferição de medidas são resolvidas de diversas formas pelo autor: o circuito da igreja de Aba Pantaleão, em Aquaxumo «Não é mais de largueza do peitoril [muro que cerca a igreja] ao corpo da igreja que quanto *três homens juntos puderem andar por mãos.*»⁵⁵⁷; na terra Abugima, em Angote, o mosteiro em Acate, construído numa gruta, «(...)Ante a porta desta casa está um muro de *dez ou doze braças de comprido e alto(...)* e entre o muro e as portas do mosteiro (...) são *cinco braças (...)*»⁵⁵⁸; outra igreja a duas jornadas da de Acate: «(...) tem uma grande e rica igreja em outra lapa, a qual lapa a meu juízo em ela caberão *três grandes naus com seus mastros e a entrada dela, não é mais que quanto poderão entrar dois carros com seus fueiros.*»⁵⁵⁹. Como podemos constatar as referências oscilam entre padrões mais ou menos uniformizados e ainda muito assentes na medida humana e outros retirados do contexto náutico e militar. Tal é o caso do «tiro de besta» ou «tiro de espingarda» ; das medidas em «lanças»; utiliza-se também um espaço padronizado: o campo de jogo de mancal, por vezes também chamado malhão, uma

⁵⁵³ *Ibd.*,pp. 92 e 93

⁵⁵⁴ « (...) está só em uma roca talhada, é muito grande, *tem no vão comprido duzentos palmos e de largo cento e vinte. Tem cinco naves, em cada uma sete colunas de quadra, a grande quatro palmos e outro tanto têm as paredes da igreja. As colunas muito bem lavradas e arcos que descem, quantidade e grossura, de um palmo no baixo da abóbada (...)*», *Ibd.*,p.134

⁵⁵⁵ *Ibd.*,p.165

⁵⁵⁶ Ana Paula Avelar, *op cit.*,p.41

⁵⁵⁷ Álvares, *op cit.*,p.96

⁵⁵⁸ *Ibd.*,p.128

⁵⁵⁹ *Ibd.*,p.129.

espécie de jogo da malha: «Há outra casa [entre as ruínas de Aquaxumo] que é mais larga e não tem mais que casa dianteira e uma câmara. Da porta de uma à porta da outra *será um jogo de mancal (...)*»⁵⁶⁰.

As distâncias entre as localidades serão da mesma forma medidas através de um processo empírico, ou seja o tempo levado a percorrê-las, como é patente nos exemplos seguintes: «(...) e a grandeza desta terra de Doba, *será de comprido grandes cinco jornadas(...)*»⁵⁶¹ ou «Será esta terra de Abugima de *comprido seis dias de caminho e de largo três.*»⁵⁶². A serra onde vivem os parentes do Preste «(...) dizem ser redonda por cima *andadura de quinze dias* e parece-me que o *será(...)*»⁵⁶³. A correlação com o sistema incipiente de medição de distâncias etíope, não deixa de ser notado pelo nosso autor:

« Nesta terra nem em todos os reinos do Preste João não há léguas e se preguntais quanto há dêste lugar a tal lugar dizem-nos:- Se partirdes pela manhã quando sair o sol, chegareis quando o sol fôr em tal lugar e se andardes pouco chegareis lá quando encerrarem as vacas à noite; e, se é longe ,dizem:- Chegareis em um sambete, que é uma semana, e, assim , assinam segundo as distâncias. E porque eu disse que de Baruá a Barra haveria três léguas e meia até quatro, isto é, ao nosso parecer (...),e, nós as andámos depois por muitas vezes e partíamos de um e íamos jantar ao outro e negociávamos e tornávamos donde partíamos com sol e os da terra contam isto por andadura de um dia, porque caminham muito pouco.»⁵⁶⁴

A preponderância assumida pelo quantitativo no quotidiano quinhentista é patente na preocupação da tradução de certas realidades em números: «Eu sempre ouvi dizer que havia neste mosteiro [de Bisão] três mil frades e *porque eu muito o duvidava*, vim aí ter uma festa de Nossa Senhora de Agôsto para ver se se ajuntariam. (...). *A meu júzo os frades não passariam de trezentos* e os demais mui velhos.»⁵⁶⁵

Com efeito torna-se comum entre os viajantes coevos a enumeração de listas de números e dados⁵⁶⁶. Estes são ainda meramente aproximativos, no entanto,

⁵⁶⁰ *Ibd.*, p.93

⁵⁶¹ *Ibd.*,p.113

⁵⁶² *Ibd.*,p.127

⁵⁶³ *Ibd.*,p.153

⁵⁶⁴ *Ibd.*, p. 51

⁵⁶⁵ *Ibd.*, p.41

⁵⁶⁶ *Vide*, Antoni Maczak, «Renaissance Travellers' power of measuring» in, *Voyager à la Renaissance*, Colloque de Tours 1983, pp.245/253

Álvares tem em conta a sua procedência e verosimilhança⁵⁶⁷, pessoalmente testada como acabámos de ver.

Uma nova mentalidade em relação ao económico transparece na tentativa, quiçá um pouco confusa, de estabelecimento de equivalências e preços entre os sistemas conhecidos: «Em todos os reinos do Preste João não corre moeda, senão ouro a pêso e o principal pêso se chama ouquia e o que é uma onça faz em pêso dez cruzados e por miúdo meia ouquia e daí doze o drame e dez drames fazem uma ouquia.»⁵⁶⁸ Noutra passagem P.e Francisco ensaia uma tentativa de estabelecer o câmbio dos valores etíopes:

«Neste lugar onde se colhe êste sal [que serve como medida de valor e troca] dizem que valem cento e vinte, cento e trinta pedras o drame e o drame (como já disse) vale trezentos reais segundo nosso estimar. E logo em uma feira que está em nossa estrada[Corcora] (...), que será uma jornada, onde se o sal tira, já vale menos cinco, seis pedras, e assim vai diminuindo de feira em feira, Quando chega em côrte vale seis, sete pedras o drame. Eu as vi já cinco o drame quando é inverno. É o sal muito barato onde se tira e muito caro na côrte, porque não corre caminho.»⁵⁶⁹

Também os tributos pagos ao são objecto de escrutínio do clérigo: as colchas ou *basutos* «(...) são de preço o que menos vale, não desce de ouquia e valem dois, três, quatro até cinco ouquias e mais trinta mil panos de algodão de pouca valia que valem dois um drame e à vezes menos. E mais diziam que traziam trinta mil ouquias de ouro; já se sabe que uma ouquia pesa onze cruzados.»⁵⁷⁰ No reino de Angote tenta estabelecer uma correlação entre uma espécie de pás de ferro que usam como meio de troca nessa região e o *cruzado* português, a moeda árabe (o *drame*) e as já referidas pedras de sal etíopes⁵⁷¹; o roubo de que foram vítimas os portugueses no arraial do Preste é estimado em duzentos cruzados⁵⁷².

O quantitativo estende-se também à noção de tempo, que passa a ser medido, cronometrado, impondo-se tanto o tempo astronómico, abstracto, necessário para a

⁵⁶⁷ «(...) quanto ao número[de clérigos ordenados numa cerimónia] que nomeei que foram *dois mil, trezentos e cinquenta e sete*, eu os não contei, mas perguntei a quem tinha o cargo e êle me disse êste número e certo me parece que seria verdadeiro.», *Ibd.*, p.260

⁵⁶⁸ *Ibd.*, p.108

⁵⁶⁸ *Ibd.*, p.331

⁵⁷¹ *Ibd.*, p.127

⁵⁷² *Ibd.*, p.205

navegação, como o tempo marcado pelo desenrolar do dia, ou marcado pelos serviços religiosos, adaptando-se também ele às necessidades da vida prática. Isto, segundo as palavras de Ana Paula Avelar, porque «Tendo como um dos propósitos da narrativa o contar o que aconteceu, é essencial localizar o registo, encontrar o modo como o presente e o passado se dispuseram, assinalar os dias, os meses, e os anos. Estas são, a par do fluir cíclico das estações, as *unidades naturais*. Denota-se um cuidado neste registo.»⁵⁷³

A precisão na localização temporal estende-se mesmo ao precisar das horas, embora mesclado frequentemente com dados do calendário litúrgico. Encontramos este tipo de notações de tempo em Francisco Álvares. Logo no início da sua narrativa começa-nos por referir: «(...) chegámos à dita ilha de Maçuá segunda feira das oitavas da Páscoa, 7 dias do mês de Abril de 1520 (...)»⁵⁷⁴. A notação dos dias e meses permite-nos acompanhar cronologicamente a progressão da embaixada em direcção à corte do Preste e a sua estadia inicial. Como já vimos, a narração dos seis anos que passa em terras etíopes não será tão detalhada, perdendo-se a forma de entradas diárias, mas é retomada no final da narração, quando da partida. Também a segunda parte da obra tem numerosas e precisas notações temporais, permitindo acompanhar o regresso da expedição ao reino e à presença do rei.

Por vezes são mesmo dadas referências aproximadas de horas: «Á quarta feira, primeiro dia do mês de Novembro, uma hora ou duas andadas da noite, nos mandou chamar o Preste por um pagem.»⁵⁷⁵ ou «Nós jazendo dormindo em nossa tenda, pouco mais ou menos meia-noite, ouvimos grande trapala de mulas e gente que passava junto de nós (...)»⁵⁷⁶, recorrendo o autor frequentemente às horas litúrgicas, como as “horas de vésperas“. Álvares utiliza igualmente o calendário litúrgico para apoiar a referenciação precisa do tempo, com expressões como «um Sábado antes da Ascensão»; o dia da Santa Cruz de Maio ou de Santa Catarina⁵⁷⁷. No entanto, e como observa Antoni Maczak, «The age still had very little experience with quantifications and not many travellers had personal experience with counting and evaluating figures.»⁵⁷⁸ Com efeito as dificuldades encontradas no uso de uma correcta quantificação e meios de a avaliar são consideráveis, tendo em conta, por

⁵⁷³ Ana Paula Avelar, *op cit.*, p 37

⁵⁷⁴ Álvares, *op cit.*, p.10

⁵⁷⁵ *Ibd.*, p.190

⁵⁷⁶ *Ibd.*,p.239

⁵⁷⁷ *Ibd.*,pp.24, 37 e 221

⁵⁷⁸ Antoni Maczak, *op cit.*, p. 246

exemplo, a enorme diversidade e disparidade das medidas padrão existentes. Contudo, como afirma o mesmo autor, os viajantes «(...) had to transmit their impressions to their readers(...) they had to translate their-often originally vague- impressions into terms familiar to their audience at home. A comparable phenomenon from the motherland was best fit to become the yardstick. There is why the comparative degree happened to be much more useful and informative than the positive one (...)»⁵⁷⁹.

Este recurso ao método descritivo recorre ao uso da analogia dentro de um enquadramento referencial que lhe permite perceber o diferente, ou seja descrever o que vê através de «(...) figuras partilhadas pelo sujeito que escreve e pelo seu leitor e ouvinte.»⁵⁸⁰ Também em Francisco Álvares se denota a preocupação em alcançar a precisão descritiva, pois, «a clareza discursiva e a aproximação do leitor da descrição é um dos mais constantes cuidados destes autores.»⁵⁸¹

Vejamos alguns exemplos: acerca da paisagem junto aos mosteiros na terra do *Barnagais* refere o autor: «A penedia de que são estas rochas tem o grão dos *muros do Pôrto* de Portugal e são penedos mui grandes.»⁵⁸²; mais adiante, do reino de Tigré, no lugar de Abafazem «(...) está uma mui boa igreja de Nossa Senhora mui bem feita(...). Nenhuma tínhamos vista desta feição nesta terra. *Entre- Douro e Minho em Portugal há mosteiros desta feição.*»⁵⁸³; em relação à Igreja de Abas Pantaleão, em Aquaxumo «(...) assim esta é cercada de sepulturas de canto, *como Braga, em Portugal.*»⁵⁸⁴; sobre o Mosteiro de Acate em Abugima: «E porque digo que está em cruz é desta maneira: seja *da feição e tamanho de um mosteiro de São Frutuoso que está junto da cidade de Braga no reino de Portugal.*»; na mesma região «Os gados, assim vacas como ovelhas e cabras, muito pequenos, *como na terra da Maia, entre Douro e Minho, em Portugal.*»⁵⁸⁵

As comparações repetem-se a cada passo e não se confinam apenas à zona norte de Portugal: «Esta farinha é de cevada torrada e feita em farinha e com muito pouca água à *alentejana.*»⁵⁸⁶ ou «Aqui [depois de Salote] começámos caminhar terra

⁵⁷⁹ *Ibd.*

⁵⁸⁰ Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente*, p.278

⁵⁸¹ *Ibd.*

⁵⁸² Álvares, *op cit.*, p.29

⁵⁸³ *Ibd.*, p. 83

⁵⁸⁴ *Ibd.*, p.96

⁵⁸⁵ *Ibd.*, pp.127 e 128

⁵⁸⁶ *Ibd.*, p.51

chá, alqueives e lavouras à *guisa de Portugal(...)*»⁵⁸⁷. Trata-se de, segundo a expressão de Luís Filipe Barreto, «(...)fixar o acontecido nas malhas do conhecido(...)»⁵⁸⁸. Por vezes são as enumerações das qualidades o meio de transmitir a impressão causada no autor, por intermédio de expressões valorativas. Desta forma as serras podem ser *mui altas* ou *mui grandes*; os animais *formosos* ou *feros*; as aldeias e acomodações *mui boas* ou *mui más*; os objectos *mal feitos* ou *bem feitos* e certo pão de cevada, *bem mal feito*⁵⁸⁹.

De facto o pensamento da época «(...) afirma-se por uma lógica de paradoxo que alberga, maioritariamente, a última idade qualitativa do mundo e, minoritariamente, os primeiros enunciados duma futura idade quantitativa.»⁵⁹⁰

Para finalizar, o relato corporiza uma intencionalidade. Neste caso tem origem numa missão oficial, cujos objectivos se prendem com o encontro entre dois povos, que comungam de uma matriz inicial cristã. Como afirma D. Rodrigo de Lima no arraial do Preste, numa mensagem a este enviada, os portugueses, «(...) davam muitas graças a Deus por lhes cumprir seus desejos em se ajuntarem cristãos com cristãos e serem êles primeiros.»⁵⁹¹ Encontro este já preconizado pelo providencialismo cristão, que não deixa de impregnar esta narrativa, corporizada nas próprias tradições abexins. Quando dos primeiros contactos, o *Barnagais* refere «(...) que escrito tinham em livros, que cristãos de longas terras haviam de vir àquele pôrto a se ajuntar com a gente do Preste João e que fariam um poço de água e que não haveria aí mais mouros (...)»⁵⁹². Todavia, o desconhecimento é recíproco e é necessário transmitir à Cristandade ocidental, a *verdadeira informação*, que deveria desfazer definitivamente os mitos criados e referir a realidade que caracterizava o possível aliado.

Neste relato e nas direcções que toma o seu *olhar* revela-se a intencionalidade do autor no sentido de transmitir o *novo* e *verdadeiro*, sujeito consciente da sua actuação pessoal, embora integrado e subordinado ao interesse da nação

⁵⁸⁷ *Ibd.*, p.48

⁵⁸⁸ Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento*, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983, p.57

⁵⁸⁹ Álvares, *op cit.*, p.173

⁵⁹⁰ Luís Filipe Barreto, *op cit.*, p. 195

⁵⁹¹ Álvares, *op cit.*, p.180

⁵⁹² *Ibd.*, p.15, tradição confirmada pelo *Abuná*, que refere quando da visita da embaixada «(...) que assim o achavam em suas escrituras, que os frangues se ajuntariam com os abexins e destruiriam Meca e tomariam a Casa Santa (...)», *ibid.*, p. 276

portuguesa⁵⁹³. O seu objectivo é, pois, transmitir a verdade, que substituirão os mitos embora parta de uma colagem a esses mesmos mitos (o imperador etíope será sempre chamado *Preste* pelo autor). A escolha e agrupamento dos *topos* descritivos definiram ou influenciaram a forma europeia de ver/entender/imaginar o chamado reino do Preste João, nesta obra matricial para a construção de um olhar europeu sobre essas paragens.

Com efeito as informações relativas à Etiópia, numa perspectiva de estratégia da política europeia no Oriente e a curiosidade sobre a forma de cristianismo aí praticado, suscitam grande interesse, numa Europa onde as lendas dos *Livros de Maravilhas* continuam a circular e a figurar nas bibliotecas da época. Estas serão paulatinamente rectificadas e substituídas por um novo imaginário, construído a partir da percepção do real dentro do molde europeu de apreender⁵⁹⁴ o que lhe é *exótico*⁵⁹⁵. *Exótico* esse que suscita a curiosidade, o espanto e o encantamento do público letrado do Velho Continente.

⁵⁹³ Como refere Luís Filipe Barreto, «Ao fazer uma escolha de assuntos a privilegiar, dos elementos a tratar com maior atenção, um autor [com as características de Álvares](...) , não está a produzir uma escolha individual (...).Pelo contrário, o homem médio (...), faz uma escolha social objectiva que tem em conta os factores-chaves que no seu mundo presidem ao interesse pela viagem e escrita dela resultante.», Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento*, p.135, o que é inegavelmente verdade; mas consideramos existir uma zona de subjectividade em cada escrito impossível de ser submetida ao imperativo social.Cf. Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente*, p.149.Daí a possível censura a que teria sido submetido o manuscrito.

⁵⁹⁴ «Assim se absorve o exotismo mitificado por relatos distantes e difusos que foram correndo pela Europa e que agora assumem o registo de um olhar próprio de uma nação europeia.»Ana Paula Avelar,*Visões do Oriente*, p. 273

⁵⁹⁵ Sobre a concepção de exotismo e a Literatura de da Expansão, *Vide*, Maria Leonor Carvalhão Buescu, «O Exotismo ou a “Estética do Diverso” na Literatura Portuguesa» in, Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (org.), *Literatura de Viagem-Narrativa, História e Mito*, Lisboa, Cosmos, 1997,pp.565/578

2.2- A História de Etiópia : Discurso histórico em torno do *Reino do Preste*

« Hua das principais rezoens e causas , por q se escreve as historias, he pera q co o tempo não fiquem sepultadas no esquecimento as cousas dignas de memoria; senão q sirvão de lembrança e exemplo aos vindouros, (...)»,
Pêro Pais, *História de Etiópia*

A obra de Pêro Pais, que pretendemos analisar no nosso trabalho, do autor, insere-se na estratégia jesuíta de missionaçãõ. Como já vimos a escrita, por exemplo das cartas ânuas, mas igualmente de tratados; relaçoẽs; obras de carácter científico entre outras, fazem parte das incumbências e de uma prática desta ordem religiosa, que possui, de uma forma geral, formaçãõ cultural superior à média da época⁵⁹⁶. Esta escrita servia, na sua maioria, o propósito evengelizador e proselitista, a que a obra de Pais não escapa.

No caso específico da *Historia de Etiopia* do P.e Pêro Pais a razão inicial da sua elaboração reporta-se à rivalidade entre a Companhia de Jesus e a Ordem de S. Domingos⁵⁹⁷. De facto os métodos inovadores da Sociedade de Jesus, baseados na sua supremacia cultural, a sua estratégia activa de intervençãõ no “século” e a eficácia dos seus método, granjearam-lhes desde cedo fortes antipatias no seio da sociedade católica, suscitando «(...) um elemento de concorrência forte na relação com as ordens congêneres e até com outros pólos de poder e interesse na Igreja e na sociedade.»⁵⁹⁸. Entre essas ordens, salientam-se os Dominicanos e Franciscanos, sendo os primeiros particularmente activos desde os primórdios da Companhia (como por exemplo as posiçoẽs críticas do teólogo dominicano de Salamanca,

⁵⁹⁶ Vide, Cap. I, pp. 36/37.

⁵⁹⁷ Hervé Pennec, *op cit.*, p. 245

⁵⁹⁸ José Eduardo Franco, *op cit.*, p.56. Segundo o mesmo autor, «Se a opinião maioritária dos regulares era contrária à Companhia de Jesus (por razões que se prendem com as dúvidas dos especialistas em relação à natureza do seu instituto), (...)o sentimento de hostilidade não deixava de englobar razões de carácter menos nobre, como sejam o receio da sua concorrência e uma certa inveja em relação à sua rápida auferição de privilégios e outras regalias concedidas pelos monarcas e outras figuras de poder político e religioso.»*Ibd.*, pp.103/104

Melchior Cano, desde o Concílio de Trento⁵⁹⁹). Estas rivalidades são particularmente visíveis nas polémicas que estalam além-mar, a propósito da actividade missionária, face ao poder e ascendência da Companhia de Jesus. Para lá das críticas à concorrência desleal, as outras ordens religiosas, acusavam os métodos de evangelização inicianos nomeadamente de recurso à coerção e mais frequentemente de práticas de adaptação e acomodação dos missionários aos costumes estranhos ao catolicismo de certas regiões, como forma insidiosa de condução a Cristo, especialmente utilizada em sociedades com um considerável grau de desenvolvimento⁶⁰⁰.

É no quadro desta rivalidade entre Jesuítas e Dominicanos que surge em Valência a obra do frade dominicano Luís de Urreta⁶⁰¹. Em 1610 é publicada a *Historia Ecclesiastica, Politica, Natura, y Moral, de los Grandes, y remotos Reynos de la Etiopia, Monarchia del Emperador, llamado Preste Iuan de las Indias*. No ano seguinte saí do prelo *Historia de la sagrada Orden de Predicadores, en los Remotos Reynos de la Etiopia*, «(...) aparentemente concebida como uma segunda parte da anterior, mas apresentada como autónoma na folha de rosto que a dá por impressa em 1611.»⁶⁰², que historia uma pretensa penetração dominicana na Etiópia, vinte sete anos após a sua fundação, e sua instalação nesse território, com os seus conventos, santos e mártires⁶⁰³.

Com efeito, desconhecendo a realidade local, Urreta, cómodamente instalado «entre os bosques, e delicias de Valencia»⁶⁰⁴ efabula um reino maravilhoso e ortodoxamente católico (o que desacreditava e tornava desnecessária a acção Jesuíta). Essas fantasias que publicou⁶⁰⁵ foram sujeitas, ao escrutínio da Companhia

⁵⁹⁹ Vide, *Ibd.*, p.71

⁶⁰⁰ Para esta temática, Vide, *Ibd.*, pp.193/242 e Adriano Prosperi, que afirma acerca das estratégias de conversão: «Nessa época, o princípio segundo o qual os príncipes deviam ser conquistados com todas as artes possíveis era algo de óbvio, e a arte que então dominava era a da direcção das consciências. Dominar a consciência dos príncipes equivalia a governar através deles, e, como o fim era bom(...) [a salvação das almas], também os meios deviam ser considerados bons.»., Cap.VII, «O Missionário» in, Rosario Villari (dir.), *O Homem Barroco*, Lisboa, Presença, 1995, p.165

⁶⁰¹ Cf. cap. I, p. 28

⁶⁰² Isabel Boavida, « História e Fábula: a discussão em torno das “Histórias “ de Fr. Luís de Urreta no século XVII » in, *Literatura e História- Para uma prática interdisciplinar*, Actas do Colóquio, Lisboa, Universidade Aberta, 2005, p.181

⁶⁰³ Vide, Fr. Luís de Urreta, *Historia de la Sagrada Orden de Predicadores, en los remotos Reynos de la Etiopia...*, Valência, Casa de Juan Chrysostomo Garriz, 1611

⁶⁰⁴ Manuel Severim de Faria, *op. cit.*, p.XVIII

⁶⁰⁵ Segundo a mesma autora, essa obra, apesar de uma certa qualidade literária, ter-lhe-ia valido o descrédito póstumo mesmo no seio da sua ordem desaparecendo inclusive do inventário, por ela verificado, da livraria do Real Convento de Predicadores de Valência, terminado em 1699. Cf., *Ibd.*, pp.182-183

de Jesus e à consequente crítica que visava sua falta de lucidez e a falsidade de informações que registou⁶⁰⁶.

A obra de Fr. Luís de Urreta, *Historia Ecclesiastica, Politica, Natural, y Moral, de los grandes e remotos Reynos de la Etiopia...*, centra-se num « (...) problema da definição de limites entre a história e ficção literária. Para os padres jesuítas envolvidos, essa delimitação era um imperativo à luz da lógica racionalista que se instalava nos discursos. Na (...) obra de Fr. Luís de Urreta esses limites foram suspensos, cabendo nela tópicos que tinham tido lugar nos Livros de Maravilhas e Cavalarias.»⁶⁰⁷. De facto, Urreta recuperando a tradição da *Carta do Preste João das Índias*, ou misturando informações de proveniência diversa (a sua principal fonte seria um alegado etíope de nome João Baltasar⁶⁰⁸), transmite uma visão fabulosa de uma pretensa realidade etíope⁶⁰⁹.

Mas para além do carácter fantasioso da obra de 1610, e como não deixa de apontar o próprio Pais, «O q principalmente pretende Fr. Luís de Urreta no 2º Tomo de sua historia Ethiopica, he mostrar, q a religião do glorioso S. Domingos tem muitos e prodigiosos santos nas terras q senhorea o Preste João(...)»⁶¹⁰, retomando a ideia ao afirmar que «(...)a principal cousa, q frei Luiz de Urreta pretende em sua Historia Ethiopica, seja mostrar q os Emperadores de Ethiopia e seus vassalos não são nem forão nunca christãos cismaticos, senão muito obedientes a santa Igreja romana(...)»⁶¹¹. O seu provável objectivo seria provar a antiguidade da presença dominicana na Abissínia⁶¹² e o êxito do catolicismo, tentando desacreditar a acção jesuíta nessa região. Pelo menos assim o entendem os membros da Companhia, além do mais, confrontados com as histórias incríveis contidas nas obras⁶¹³.

⁶⁰⁶ Vide, cap. I, p. 44

⁶⁰⁷ Isabel Boavida, *op cit.*, p. 190

⁶⁰⁸ «(...) será bem de advertir, q, demais de q quasi todas as informações q João Baltasar deu a frei Luiz de Urreta, não só no que toca a cousas ecclesiasticas de Ethiopia, mas também nas políticas da paz, e da guerra, ritos e costumes, são meras ficções e cousas prodigiosamente fabulosas nas descrições geographicas, situação, gradação de terras, Reynos, Provincias, mares, rios e alagoas não diz cousa com cousa, senão tudo tão misturado e com tão grande confusão, q não há quem o entenda; e nos nomes proprios das cousas he necessario adivinhar pera saber de q falla; (...)», Pais, *op. cit.*, pp.13/14

⁶⁰⁹ Importaria proceder a uma análise comparativa entre este texto e outros, que circulariam na Europa à época, como o texto de Pietro Duodo sobre a Etiópia, de 1578, vide, Manuel João Ramos, «O Destino etíope do Preste João», nota 20, pp.249/250

⁶¹⁰ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 216; provavelmente Urreta reporta-se aos primeiros enviados ao Preste/Imperador da Etiópia, no século XIV, vide, cap. I, p. 9

⁶¹¹ *Ibd.*, p.311

⁶¹² O que tenta fazer confundindo referências à presença de frades, provavelmente do Oriente, com dominicanos, muito antes do nascimento de S. Domingos. Vide, *Ibd.*, p.150

⁶¹³ Sobre o assunto Manuel João Ramos sublinha que a polémica entre as duas obras se manifesta ainda «(...)como um expressivo sinal da estreita dependência ideológica que o olhar seiscentista europeu sobre a Etiópia ainda manifestava em relação ao molde discursivo da *Carta do Preste João*.», que influencia não só a ficção dominicana, como parte da estratégia de conversão jesuíta, ao incidir especialmente sobre o *Negus*, partindo da concepção da

A precisão e o relato fidedigno é outra das preocupações de Pais, até por contraposição a Urreta. Partindo da confrontação entre os factos narrados por este, Pais passa a repudiá-los e emendá-los, sublinhando repetidamente quão *falsas*, *fabulosas*, *imaginarias*, *contraria a verdade* ou *fora do caminho*, segundo expressões utilizadas pelo autor, quando não contraditórias, são as *portentosas patranhas* redigidas pelo valenciano. Por oposição à concepção rigorosa da História, a obra de Urreta é remetida inexoravelmente para o campo da ficção: «Pello q disse muito bem frei Luiz de Urreta no principio do Prologo de sua historia q as cousas q escrevia erão todas novas, não vistas ne lidas em author (...); porq. *Afora dos livros de cavalarias* , q *profissão ficções*, não parece q haverá nenhu q tenha tantas , (...))»⁶¹⁴

É frequente Pais afirmar que dado capítulo apenas se deve à amplitude com que Urreta deu asas à sua imaginação, havendo por isso que repôr a verdade, como no seguinte exemplo: «Não fora necessario fazer cap. particular pera tratar (...) se frei Luiz de Urreta *não me obrigara referir alguas cousas no cap. 20 do seu 1º livro*, porq passando eu sem fazer menção dellas, não cuise algue q tem fundamento, o q não he mais q mera ficção inventada e traçada no entendimento de que o informou.»⁶¹⁵ Todavia, Pais também considera que Urreta, podia ter sido vítima da sua credulidade, afirmando: « Não digo isto por desfazer no piadoso zello com q se deve presumir , q o P.e frei Luiz de Urreta escreveo; senão pera mostrar o q merecem as falsidades grandes cõ q João Baltasar o enganou.»⁶¹⁶ Mas Urreta, se não é responsável pelas informações veiculada-as, é-o pela falta de capacidade crítica e de discernimento, pelo desinteresse na confirmação e nas contradições em que incorre: «Contudo me parece muy provavel q não informarão a frei Luiz de Urreta desta

autoridade do rei como soberano e sacerdote, manifesta na *Carta.Vide*, «O Destino Etíope do Preste João, *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens...*,p.250; por outro lado Adriano Prosperi afirma acerca das estratégias de conversão:«Nessa época, o princípio segundo o qual os príncipes deviam ser conquistados com todas as artes possíveis era algo de óbvio, e a arte que então dominava era a da direcção das consciências. Dominar a consciência dos príncipes equivalia a governar através deles, e, como o fim era bom(...) [a salvação das almas], também os meios deviam ser considerados bons.», *op. cit.*,p.165

⁶¹⁴ *Ibd.*,p. 9

⁶¹⁵ *Ibd.*,p. 154 e ainda « As fabulas e mentiras de João Balthazar (se todas são suas) q moverão a frei Luiz de Urreta a escrever sobre esta materia hu cap.º mui comprido [a suposta livraria de Guixêm Ambâ , existentes nas Igrejas] , me obrigarão a mim a fazer este, (...), nem fora necessaria muita escritura, se se ouvera de contar singelamente a verdade do q passa; porq diz muitas coisas tão fora della , q não he bem q fiquem sem se declarar (...);« Se foi comprido frei Luiz de Urreta em fallar da livraria de Guixêm Ambâ, muito mais o he em tratar dos thesouros, (...) porq faz dous Cap.os, 10 e 11, sobre esta materia tão compridos, q não he pequena penitencia serlhe forçado ler os a quem tem outras cousas q fazer, principalmente se sabe quam fabulosas sejam todas quantas nelles diz (...)), *Ibd.*,p. 80 e 85

⁶¹⁶ *Ibd.*,p.10

man.ra, *senão q se confundio com os papeis de João Balthasar,(...) e acreçentou m.to mais* assi como a outras cousas q lhe disse João Balthasar(...)»⁶¹⁷.

Se os conhecimentos jesuítas desautorizam a versão de Urreta, é necessário repor a verdade, com a experiência adquirida no terreno. Para além de pequenos textos críticos, como o de Fernão Guerreiro, Nicolau Godinho (que, de resto não estiveram na Etiópia) e Manuel Barradas ou a polémica desaparecida de Diogo de Couto, referida por Manuel Severim de Faria⁶¹⁸, a refutação mais sistemática e pormenorizada da obra do frade dominicano pertence ao P.e Pêro Pais⁶¹⁹.

A origem do pedido ou ordem para a redacção da obra de Pais é difícil de apurar: segundo Hervé Pennec, não se encontra na correspondência do Geral da Companhia, Claudio Aquaviva⁶²⁰. Mas no Prólogo da obra, Pais refere que se dedicou à sua execução, «(...)por me encarregar o Padre Provincial da India [o P.e Francisco Vieira] q o fizesse(...)»⁶²¹.

Também dificilmente se estabelece uma data precisa para a sua redacção. Alberto Feio considera que Pais teria começado a recolher notas e a escrever desde 1607 (embora evidentemente sem ligação a Urreta que ainda não havia publicado a sua obra) com base numa referência de uma carta do P. Luís de Azevedo e numa relação enviada ao Provincial por Pais, *Relaçam da entrada dos P.es da Compo^a de Jesu em Aethyopia, e de alguas cousas que nella fiçeram* (1608-1609)⁶²². No entanto, mais recentemente, Hervé Pennec infere a data do início da sua redacção a partir da provável chegada à Etiópia da obra de Urreta, c. de 1613 (assim como a compilação de Fernão Guerreiro, que fazia parte do mesmo lote de livros) e de referências ao trabalho a levar a cabo em duas cartas, uma dirigida ao provincial de Goa e outra ao seu mestre, Tomás de Ituren, de 1615⁶²³.

Depois de estudar com cuidado os obras de Urreta e de enviar um relatório ao Provincial, Pais terá sido encarregue da redacção da obra⁶²⁴, tarefa que se estendeu até 1622, tendo coincidido praticamente com a data da sua morte (a mais

⁶¹⁷ *Ibd.*, p. 285

⁶¹⁸ Cfr., Cap. I, pp.28-30

⁶¹⁹ Rui Manuel Loureiro Levanta a hipótese de uma relação intertextual entre as duas obras (a de Couto e a de Pais), dado o carácter polémico que preside à construção da obra. *Vide*, Rui Manuel Loureiro, *op cit.*, p. 72

⁶²⁰ Hervé Penn, *op. cit.* p.247

⁶²¹ Pais, *op.cit.*, p.3

⁶²² Alberto Feio, *op. cit.*, p.XXX

⁶²³ *Vide*, Hervé Pennec, *op cit*, pp.249-250

⁶²⁴ Cf., *ibd.*, p. 251

provável é 20 de Maio do mesmo ano⁶²⁵). A dedicatória ao geral da Companhia, Mutio Vitelleschi do manuscrito existente nos arquivos da Companhia de Jesus em Roma, tem precisamente esta data embora alguns autores situem o dia da sua morte no início do mês. De qualquer forma essa página manuscrita apresenta algumas linhas truncadas e as cinco últimas são escritas por uma mão diferente, assim como a data e a assinatura. Possivelmente devem-se ao superior da missão P.e António Fernandes que assistiu Pais nos seus últimos momentos, e cuja letra apresenta grande similitude com a caligrafia dessa linhas⁶²⁶.

A questão da sua finalização pode ser discutível uma vez que a obra permanece na Etiópia até 1624, ou bloqueada pelo superior, ou dependendo da finalização da redacção do Livro II, a partir de notas que Pais havia ditado ou mais provavelmente deixado apontado, uma vez que o estilo e a estrutura permanecem idênticos ao resto da obra, diferindo apenas a letra do manuscrito. O final do segundo Livro pode ter sido redigido pelo P. Manuel d' Almeida, que chega à Etiópia nesse ano. Conhecedor da obra, Almeida propõe mesmo a sua impressão e até tradução para latim, para permitir uma mais fácil divulgação do obra, sublinhando o facto de a crítica a Urreta ser feita por outro espanhol, o que afastaria qualquer ideia de preconceito por parte dos membros portugueses da Companhia, como afirma numa das suas cartas⁶²⁷, juntamente com a qual terá remetido o manuscrito de Pais para a Índia (Maio de 1624).

Uma vez na Índia é possível que ficasse na posse do novo patriarca da Etiópia, D. Afonso Mendes, na residência de Baçaim, onde terá sido consultado. Mas o manuscrito não seguiu para a Europa; pelo contrário, terá retornado com o patriarca à Etiópia cerca de 1625. Com efeito, segundo Hervé Pennec « (...)à la difference du rapport favorable de d'Almeida pour une édition et large diffusion en Europe, il jugea l'oeuvre inadaptée à une publication. Il y aurait eu un second blocage dès 1624, un processus de censure dans les millieux jésuites de l' Inde `l' égard de l' *Historia de Ethiopia* de Pero Paes.»⁶²⁸ Existe pois, na opinião deste autor, uma censura implícita e comprovada pelo posterior pedido de reescrita da obra a Manuel d' Almeida. Este, mudando de opinião acerca das qualidades do manuscrito,

⁶²⁵ *Ibd.*, p.252

⁶²⁶ *Cf.*, *Ibd.*, pp.

⁶²⁷ *Ap.*, Hervé Pennec, *op.cit.*, ., pp. 256-257

⁶²⁸ *Ibd.*, p.259

refere na sua correspondência, a não publicação da *Hitoria* de Pais por ter ficado inacabada ou estar mal estruturada ou apresentar incorrecções no seu português⁶²⁹.

Joaquim Romero de Magalhães, sugere que a sua não publicação se deve à falta de interesse na questão da Etiópia, especialmente após a expulsão dos Jesuítas⁶³⁰.

Hervé Pennec propõe outra explicação para as causas do seu arquivo e esquecimento a que foi votada: «(...) le principal étant l'incompatibilité entre la *refutatio* et l'histoire.(...) C'était une réfutation qu'on lui avait commandée et pas une refutation-histoire. Or Paes proposait une formule tout à fait nouvelle: une histoire au ressort polémique.»⁶³¹. Esta postura não seria, segundo Hervé Pennec, comportável para a mentalidade jesuíta da época. Uma coisa era o exercício da polémica, outra a escrita da história, utilizando o estilo correcto; «(...) elle doit être écrite dans une langue subtile, plus recherchée et correcte, agrémentée de nombreuses références aux Anciens, aux Écritures et être cohérente et ordonnée (...)»⁶³². Assim a obra de Pais, não satisfazendo os objectivos dos seus superiores no Oriente, é vetada pela assembleia reunida em Gorgora no Natal de 1625 a propósito da prática anual dos *Exercícios Espirituais*⁶³³. Sublinha-se a actuação neste processo do P. António Fernandes, também ele a braços com uma obra de refutação dos erros religiosos dos etíopes, que ao contrário da de Pais, será publicada⁶³⁴.

Desta forma a não publicação da *História de Etiópia* prende-se, para Pennec, com a inadequação do seu modelo, que conciliava a polémica com a escrita da história. De facto, Manuel d'Almeida na sua reescrita, abandona a polémica, que remeterá para um apêndice, mas manterá as restantes informações, especialmente os dados sobre a terra.

Por outro lado talvez o seu conteúdo não fosse o exactamente desejado pela Companhia e autoridades portuguesas: para contrariar Urreta, há um certo tom contraditório entre os supostos êxitos da missão católica e a referência à dificuldade encontrada no seio de uma cultura antiga para implantar uma nova

⁶²⁹ *ap., Ibid.*, pp. 264 e 268

⁶³⁰ «Que a *História da Etiópia* (...) tivesse ficado em manuscrito e sem divulgação (...) diz bem do pouco interesse que a partir do século XVII havia em Portugal pela terra do Preste João. (...) A Abissínia ficava longe, sem proveito para as necessidades imediatas do império português. (...) representava afinal um saber supérfluo.», J. Romero de Magalhães, «As Incurções no Espaço Africano- A Abissínia» in *História da Expansão Portuguesa*, vol II, p.78

⁶³¹ Hervé Pennec, *op cit*, p. 264

⁶³² *Ibid.*, p. 265

⁶³³ Cf. *ibid.*, p.265

⁶³⁴ *Vide*, Cap. I, p. 47

concepção religiosa que afectava costumes arreigados. Como nos diz o próprio Pais no final da sua obra, a despeito da vontade e esforços do Imperador⁶³⁵.

Ou talvez a *Historia* fosse, simplesmente demasiado extensa e o seu conteúdo demasiado confuso e heterogéneo, para o “mercado” editorial da época. A tese da incompletude, imperfeição, e pobreza de estilo da obra de Pais foi aceite durante um largo período. Sabia-se da existência dessa obra, que teria estado na base da de Almeida, por sua vez depurada por Telles, sendo esta última unânime aceite⁶³⁶. A utilidade do manuscrito de Pais era a de ter servido de fonte de informação para os escritos posteriores, embora certos autores denotassem que a passagem publicada por Kircher⁶³⁷, retirada de Pais não coincidissem com a de Almeida⁶³⁸.

A obra que tantos anos de vida e pesquisa haviam custado ao P. Pais é remetida aos arquivos da Companhia em Roma (ARSI, Goa 42). Mas existe um segundo manuscrito. Trata-se de uma cópia que pode ter sido feita depois do envio para a Índia do manuscrito original, pois uma nota que Afonso Mendes ali teria redigido é igualmente copiada neste segundo manuscrito. Outra possibilidade proposta por Pennec é a de este poder ter sido também redigido na Etiópia⁶³⁹. Esta hipótese tem por base a semelhança entre a caligrafia do segundo manuscrito e a do final do Livro II, transcrito na Etiópia após a morte de Pais⁶⁴⁰. Nessa letra aparecem notas e correcções à margem do manuscrito original, que são transcritas também no segundo, sendo para aquele autor, da autoria de um membro da missão. Após a expulsão da missão católica, o manuscrito deverá ter sido depositado no Colégio de Rachol⁶⁴¹. Trata-se do manuscrito do Arquivo Distrital de Braga (ADB, Ms 778)⁶⁴².

⁶³⁵ «(...)cõ tudo isso não pode effeítuar o q pretende, porq, ainda q desta maneira tenha acquirido a si m.tos, os mais dos frades, e clerigos estão muy pertinazes, e continuamente andão amotinando o povo ignorante, e ainda a m.tos dos grandes metem em cabeça q nossa fee he falsa, e q há excomunhão cõtra os q ouvem nossa doutrina, e q o Emperador, e Eráz Cela Christõs, seu irmão te trocado sua antiga fee, e pretendem q todos a troquem, co q cada dia fazem alevantar cõtra o Emperador novas e perigosas embrulhadas.», Pais,*op.cit.*, Vol.III, p.247

⁶³⁶ Vide, Cap. I, pp.46 e 48

⁶³⁷ Vide, ,Cap. II, p. 61

⁶³⁸ Cf., M. W. Desborough Cooley, «Notice sur le Père Pedro Paez», *Bulletin de la Société de Géographie*, 1872, pp.533/545; Inocência Francisco da Silva e Brito Aranha, *Dicionário Bibliográfico Português* e Audrey Bell, *A Literatura Portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, pp.268/269

⁶³⁹ Hervé Pennec, *op.cit.*, nota 58, p.258

⁶⁴⁰ Idêntica hipótese é subscrita por Alberto Feio, *op.cit.*, p. XXVII

⁶⁴¹ Vide, Alberto Feio, «Introdução» in, Pêro Pais, *Historia de Etiópia*, Vol. I, p. XXIX

⁶⁴² Importa sublinhar o importante espólio relativo à missão jesuíta deste arquivo : além da obra em questão, possui uma colecção de cartas ânuas (ADB 779), de 1607 a 1653 , em grande parte inéditas, salvo a selecção publicada por Aurélio de Oliveira em 1999. A colecção inclui uma carta assinada por Pais de 1608, que comprova a autenticidade do manuscrito de Roma. Parece ter advindo da Royal Society (para onde poderão ter sido levadas por qualquer curioso inglês que os poderia ter adquirido de passagem na Índia portuguesa, após a expulsão jesuíta no século

Apenas no século XX foram publicados ambos os manuscritos. O de Roma, foi redescoberto pelo erudito jesuíta Camilo Beccari e incluído na colectânea *Rerum Aethiopicarum scriptores occidentales inediti*, Tomos II e III, Roma, publicado a partir de 1904-1905⁶⁴³. Pais é, desta forma, revelado à comunidade científica, como assinala F.M. Esteves Pereira num artigo coevo⁶⁴⁴. Quanto à cópia da Índia, o chamado códice do Conde da Barca, pois integrou o seu espólio, sendo adquirido pelo Arquivo Distrital de Braga, foi publicado entre 1945 e 1946, em três volumes, no Porto⁶⁴⁵. A existência de prováveis erros (por exemplo quanto ao género) ou a ausência de um critério quanto à grafia de palavras, que tanto aparecem abreviadas como por extenso ou à utilização indiscriminada de maiúsculas e minúsculas, parecem atestar uma cópia paleográfica do manuscrito. Esta edição não inclui aparato crítico. Alberto Feio refere as consideráveis diferenças em relação à edição de Beccari, não tendo sido efectuado, no entanto, um confronto entre as duas. Não se conhecendo nova publicação até à data, embora pareça estar no prelo uma nova edição crítica⁶⁴⁶, valemo-nos desta edição, a única disponível.

Vejamos agora com maior pormenor a obra redigida por Pais e algumas características da sua escrita. Como vimos esta faz parte integrante das funções do missionário jesuíta. A sistematização da informação escrita, é uma componente determinante nos procedimentos da Sociedade de Jesus, cujos membros estão fortemente ligados à cultura escrita. Se o pretexto da obra de Pais é a resposta ao livro de Urreta, o missionário, supera este propósito escrevendo uma *Historia*, mais complexa, que excede largamente o objectivo inicial. Se, por um lado, existe uma concepção de História influenciada pelos modelos clássicos para descrever os feitos

XVIII) ,como oferta ao então ministro plenipotenciário em Haia , António Araújo de Azevedo, Conde da Barca, no final do século XVIII. Vendida pelos seus herdeiros já no século XX ao médico Manuel de Oliveira, veio posteriormente a ser adquirido pelo Arquivo Distrital de Braga em 1926. Cf., *De fora, Da terra...*, *op cit*; sobre a origem e o destino dos manuscritos do Arquivo de Braga ver também, Alberto Feio, « Notícia Bio-bibliográfica » in Pêro Pais, *História de Etiópia*, pp. XXVII-XXXVI

⁶⁴³ Ironicamente também as obras de Afonso Mendes e Manuel d'Almeida serão pela primeira vez publicadas a par da de Pais, na mesma colectânea, organizada por Beccari.

⁶⁴⁴ F. M. Esteves Pereira, « Documentos Inéditos para a História e Geographia da Ethiopia », *Revista Portuguesa Colonial e Marítima*, 12º ano, 2º sem., n.ºs 139 a 144, vol. 24, Lisboa, Livraria Ferin, 1908/1909

⁶⁴⁵ Pêro Pais, *História de Etiópia*, 3 Vols., Biblioteca Histórica- série ultramarina nº5, leitura paleográfica de António Lopes Teixeira, 2º conservador do Arquivo Distrital de Braga, introdução de Elaine Sanceau e nota bibliográfica de Alberto Feio, Porto, Livraria Civilização, 1945/1946. O último volume contém um índice onomástico organizados por Cecilda L. de Figueiredo Pereira e Carlos Cidraes Rodrigues e uma corrigenda.

⁶⁴⁶ Esta nova edição crítica será preparada preparada por uma nova geração de autores, apaixonados pelos estudos etíopes, como o antropólogo Manuel João Ramos e os historiadores Hervé Pennec e Isabel Boavida, a cargo do Instituto Português do Livro e da editora Assírio e Alvim, assim como a sua tradução em espanhol e inglês. Se o projecto se concretizar, finalmente o P.e Pais irá⁶⁴⁶ respirar “ à luz do dia e conhecerá a internacionalização

coevos, por outro, mescla-se com as informações geográficas, antropológicas e culturais, como parte integrante do discurso histórico, de uma forma muito habitual nos escritos da Expansão, onde o habitual não é a separação dos campos, mas a complementaridade temática⁶⁴⁷. Ora sem dúvida que Pais intentou escrever uma obra de cariz histórico, conjugando-a com o propósito de rectificar a obra de Urreta e com a descrição da terra e seu povo.

A *História de Etiópia* inicia-se com uma dedicatória ao Geral da Companhia, Padre Mutio Vitelleschino, na qual Pais declara que o seu desejo de narrar as novas da Etiópia a uma Europa que «pouca noticia tinha dellas» fora posto em prática a pedido do Provincial da Índia, especialmente no que diz respeito ao historiar da acção dos padres que partiram do reino com o primeiro partiarca João Nunes Barreto⁶⁴⁸. A dedicatória está datada da Corte do Imperador em Dancas, 20 de Maio de 1622.

Deparamos, em seguida, com o Prólogo onde Pais afirma a importância do registo escrito como garante da permanência da memória, concepção que se denota nos escritos da época⁶⁴⁹. Pais retoma como exemplo a tradição bíblica, e a importância de registar os factos memoráveis tanto os positivos como os negativos, « (...)q esse he o fim da historia, como diz S. Augustinho, (...), contar com toda a verdade assi o mal como o bem de quem o tem.»⁶⁵⁰ Outras finalidades da escrita histórica consistem na divulgação de sucessos notáveis; na recreação que proporciona o relato de factos de locais remotos, a quem não tem acesso a eles *in loco*. Mas acima de tudo, a História, segundo Pais, deve obedecer a uma preocupação de rigor e verosimilhança e daí a importância da informação disponível para o historiador. A utilização de falsas informações, afirma-nos Pais, é a principal causa dos erros contidos nas obras históricas, tanto antigas como modernas. E essa falta de aferição das informações é exemplar na obra de Urreta. A intenção de Pais é a reposição da verdade, com base na sua experiência e defendendo o rigor da escrita histórica, como memória e exemplo fiel do passado, segundo a matriz aristotélica de narrar o que acontecera com propriedade, mesmo nela inserindo a *novidade*.

⁶⁴⁷ Vide, Luís Filipe Barreto, «As Grandes Obras Portuguesas de Carácter Geográfico» in, *Portugal no Mundo*, pp.46/47

⁶⁴⁸ Pais, *op.cit.*,p.3

⁶⁴⁹ Ana Paula Avelar, *op. cit.*,p.24

⁶⁵⁰ Pais, *op.cit.*,p.3

Desta forma a precisão e o relato fidedigno são outra das preocupações de Pais, até por contraposição a Urreta. Partindo da confrontação entre os factos narrados por este, Pais passa a repudiá-los e emendá-los, sublinhando repetidamente quão *falsas*, *fabulosas*, *imaginarias*, *contraria a verdade* ou *fora do caminho*, segundo expressões utilizadas pelo autor, quando não contraditórias, são as *portentosas patranhas* redigidas pelo valenciano. Por oposição à concepção rigorosa da História, a obra de Urreta é remetida inexoravelmente para o campo da ficção: «Pello q disse muito bem frei Luiz de Urreta no principio do Prologo de sua historia q as cousas q escrevia erão todas novas, não vistas ne lidas em author (...); *porq. Afora dos livros de cavalarias , q profissão ficções, não parece q haverá nenhu q tenha tantas , (...)*»⁶⁵¹. É frequente Pais afirmar que dado capítulo apenas se deve à amplitude com que Urreta deu asas à sua imaginação, havendo por isso que repôr a verdade.

Todavia, Pais também considera que Urreta, podia ter sido vítima da sua credulidade, afirmando: « Não digo isto por desfazer no piadoso zello com q se deve presumir , q o P.e frei Luiz de Urreta escreveo; senão pera mostrar o q merecem as falsidades grandes cõ q João Baltasar o enganou.»⁶⁵² Mas Urreta, se não é responsável pelas informações veiculada-as, é-o pela falta de capacidade crítica e de discernimento, pelo desinteresse na confirmação e nas contradições em que incorre: «Contudo me parece muy provavel q não informarão a frei Luiz de Urreta desta man.ra, *senão q se confundio com os papeis de João Balthasar,(...) e acreçentou m.to mais* assi como a outras cousas q lhe disse João Balthasar(...)»⁶⁵³.

Façamos então uma breve análise da estrutura da *História...* de Pêro Pais. O Livro primeiro e o segundo não são assinalados por qualquer espécie de título. Neles Pais responde capítulo a capítulo, tema a tema, a todas as informações veiculadas por Urreta nos seus livros de 1610e 1611, que são reproduzidosm por Pais em extensas citações, versando no Livro I as características do Império etíope e dos seus habitantes. Se o seu ponto de partida foi a necessidade de refutação da obra de Fr. Luís de Urreta, conferindo uma tónica polemista à obra, Pais alarga-se na caracterização da realidade etíope, que confere à sua história uma componente do que Luís Filipe Barreto intitula, na sua categorização de obras da Expansão

⁶⁵¹ *Ibd.*,p. 9

⁶⁵² *Ibd.*,p.10

⁶⁵³ *Ibd.*,p. 285

portuguesa, como uma *Sistemática Descritiva* de carácter geográfico/antropológico I⁶⁵⁴. De facto Pais descreve pormenorizadamente a realidade etíope, com as quais tomou contacto ao longo da sua vivência e deslocações que efectuou naquelas paragens. O Livro I termina com a história da expedição de D. Cristovão da Gama e as aventuras e desventuras de D. João de Bermudes. A inclusão destes últimos episódios são justificados pelo autor pela sua importância e fama, quer na Europa, quer na Etiópia, e igualmente para confrontação com a versão incorrecta de Urreta. O Livro II, aborda desenvolvidamente a questão religiosa seguindo a estratégia de refutação do frade valenciano.

O terceiro Livro intitula-se «Em q se referem as historias de Emperadores de Ethiopia, cõ as missoens q os P.es da Comp.^a fizeram pera este Imperio em o tempo de cada hum delles.» Inicia-se com a história do Imperador anterior à embaixada de Francisco Álvares, seguindo uma ordem cronológica, onde no devido momento é inserido o relato da missão dos companheiros do Patriarca D. João Nunes de Barreto e dos que lhe sucederam. Conjuga a história dos imperadores etíopes e da missão jesuíta de D. André de Oviedo e seu grupo de missionários, como ele próprio afirma: «(...)pois juntam.te cõ referir as historias dos Emp.res pretendemos tratar das missoens q os P.es da Comp.a fizeram a Ethiopia em tempo de cada hu delles.»⁶⁵⁵.

Ao narrar os êxitos e os falhanços da história das missões naquela área, introduz a sua própria tentativa de alcançar a missão do *Preste* e seus longos sete anos de cativeiro no sul da Península arábica, que assume um cunho de relato memorialista assim como de relação de viagens terrestre, contendo alguns elementos de relato de viagem marítima. Termina o Livro III com o relato da igualmente infeliz tentativa de penetração na Etiópia do P. Georgis.

O último Livro retoma esta linha cronística, mas centra-se nos inícios e sucessos da missão coeva: entitula-se «Da Historia da Ethiopia- Em q se trata dos tres ultmos Emperadores q atee oje ouve nella, e das missoens, q os P.es da Comp.^a fizeram em seo tempo pera este Imperio». Se no Livro III se mantém as desmistificações a Urreta em certos capítulos⁶⁵⁶, estas desaparecem apartir do capítulo XII e não constam do Livro IV, já ultrapassado o seu âmbito cronológico, uma vez que narra acontecimentos posteriores à publicação das obras do frade

⁶⁵⁴ Luís Filipe Barreto, *op. cit.*, pp. 48/49

⁶⁵⁵ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p.368

⁶⁵⁶ Cf. A estrutura de capítulos de Luís de Urreta, *Historia ecclesiastica, poliica, natural, y moral, de los grande y remotos Reynos de la Etiopia...*, Valência, Casa de Pedro Patrício Mey, 1610 e Pêro Pais, *op cit.*

dominicano. Nesta parte da obra, Pais continua a crónica dos três últimos Imperadores até à data, conjugada com o relato da bem sucedida chegada do P. Melchior Carneiro à missão da Etiópia e a sua própria entrada naquela região. Entretanto são narradas as vicissitudes da política interna etíope, com as revoltas, morte e sucessão dos vários imperadores. No meio da agitação vão penetrando novos missionários e vão sendo dados pequenos apontamentos da vida dos padres e do seu relacionamento com a corte.

No contexto da história dos imperadores etíopes mais recentes, inserem-se as narrativas das tentativas de conversão ao catolicismo e as contínuas dificuldades políticas (levantamentos, revoltas) até à vitória de Suseneos. Vários capítulos ocupam-se da história deste Imperador, constituindo um parêntese dentro da narrativa. Em seguida Pais retoma a crónica dos sucessos até à aceitação do catolicismo pelo monarca e as dificuldades encontradas nesse processo, assim como a correspondência encetada com o Papa, o rei de Espanha e Portugal e as autoridades na Índia.

Nesta sequência insere-se ainda um outro relato de viagens: a viagem do P. António Fernandes com o embaixador abexim até ao reino de Zeniero, nos confins do reino e o seu regresso. A obra termina com dois capítulos, um retomando a correspondência real e o último as progressões recentes do catolicismo no reino de Gojam.

Por esta breve resenha podemos constatar a heterogeneidade de conteúdos da obra, que assume características de polémica; de narração histórica, por vezes de tom apologético; de relato de memórias; de relação de viagens e uma forte componente descritiva, sendo que estes dois últimos aspectos são os que nos interessam em particular na elaboração deste trabalho. Em certas passagens a obra assume assumindo a narração um tom quase “diarístico”, como no caso da narrativa do cativo de Pais e Monserrate na Arábia ou as referências ao desempenho de Pais na missão da Etiópia. No entanto e devido à componente fortemente descritiva, a notação cronológica não será o fio condutor da narrativa nos dois primeiros Livros. A sua lógica interna parece ser antes temática. A narrativa pautada pelo avanço cronológico apenas é adoptada no Livro III e IV, em que Pais assume um modelo cronístico da narração dos reinados dos monarcas etíopes e paralelamente na narração da história da missão católica.

Efectivamente, a *Historia de Etiópia*, como sublinha Hervé Pennec, é acima de tudo uma história dos jesuítas na Etiópia, contendo um carácter auto-representativo. Segundo o mesmo autor evidencia também uma representação da Etiópia segundo uma nova perspectiva: a de europeus que se fixam no país tendo em mente um projecto de longo prazo, que aprenderam a língua local e têm acesso a novas fontes de informação, distanciando-se dos anteriores relatos de viajantes ou visitantes de circunstância⁶⁵⁷.

Outra questão curiosa que esta obra suscita é a do idioma em que foi escrita, o português, sendo Pais natural de Castela. Podemos ter em conta a divulgação da língua castelhana na corte portuguesa e o seu uso frequente nos círculos culturais, além do considerável número de obras impressas em Portugal entre os séculos XVI e XVII escritas em castelhano⁶⁵⁸. Mas esta constatação apenas reforça a questão de que teria sido fácil redigir a sua *Historia* em castelhano. Podemos sublinhar a forte presença e implantação da Sociedade de Jesus no nosso país e seu império, sendo por exemplo, mais questionada pelas restantes ordens religiosas em Espanha. Daí a provável cautelosa neutralidade face à União Dual mantida pelos inicianos em Portugal, que, mas ao mesmo tempo não pretendem ser associados ao governo espanhol⁶⁵⁹.

Esta distinção de esferas de influência pode ter-se reflectido no trabalho de Pais. O facto é que este estava ao serviço da Província portuguesa da Companhia de Jesus e, a ordem para a escrita da sua obra teria partido do Provincial de Goa. A sua missão na Etiópia insere-se na esfera de influência da coroa portuguesa. Além do mais, tendo feito parte dos seus estudos em Coimbra e no Colégio de Goa, Pais conhecia a língua portuguesa e terá optado, na nossa opinião, por redigir a sua *Historia* em português. Em reforço desta ideia, Pais elogia e defende a nação portuguesa em várias passagens, embora nunca renegue a sua origem castelhana⁶⁶⁰.

⁶⁵⁷ Vide Hervé Pennec, *op. cit.*, p.242

⁶⁵⁸ Vide, *História Crítica da Literatura Portuguesa: Maneirismo e Barroco*, Carlos Reis (dir.), Vol. III, Verbo, 2001, ; Ana Isabel Buescu, *D. João III*, p. 249 e Fernanda Olival, *D. Filipe II*, p 174

⁶⁵⁹ Vide, José Eduardo Franco, *op. cit.*, pp. 127/132

⁶⁶⁰ Em relação às mentiras de Urreta Pais indigna-se: « (...) porq não he razão se permita q livro livro de tantas mintiras, e q tanto tocão na honra e fama de hua nação tão catholica como a portuguesa, de quem ainda os mouros ,e Turcos, com serem tão grandes seus inimigos affirmão (como eu ouvi muitas vezes em sette anos q me tiverão cativo (...)) q não há nação mais fiel e verdadeira q a Portuguesa(...)» e mais à frente afirmará também em resposta a Urreta acerca dos portugueses no ultramar: « (...) se há gente desapegada de sua patria, e q menos caso faça de climas estranhos a sua natureza he a Portuguesa. Porq nação cometeo senão a portuguesa navegaçoens tão compridas, tam arduas, e difficultosas(...)? Q gente descobrio terras tão remotas e afastadas das suas? Quem abrandou, e domesticou mais barbaras e incognitas naçoens q os Portugueses? E com sua assistencia, exemplo e doutrina seduzirão m.tas dellas a nossa S.ta fee Catholica.», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 10 e Vol. II, pp. 275/276

Contudo, o modelo da escrita histórica da época deve obedecer a uma determinada forma de registo. Com efeito, a História, segue um modelo a nível da concepção e da escrita, segundo o princípio da *imitatio*. Como refere Ana Paula Avelar «O modo de escrever a História subscreve um modelo que parte do princípio humanista da *mimesis* clássica. A *ars historica* teria a sua génese a partir da definição aristotélica dos géneros elaborada na *Poética* e da distinção entre Poesia e História (...)»⁶⁶¹, em que a última se remete para o que sucedeu no passado. Quanto ao estilo «(...)subscreve a eloquência no seu registo. A arte da História está indissolúvelmente ligada à arte retórica; afinal ambas procuram demonstrar e encantar.»⁶⁶² Ora a retórica é um dos elementos decisivos do ensino jesuíta, dada a importância das «técnicas de argumentação e domínio da palavra.»⁶⁶³; além do mais estamos numa época em que, se a poética ainda faz sentir a sua influência, com o seu ideal de equilíbrio e clareza, as ideias de engenho e arte, na criação literária como exemplo de virtuosismo técnico, para edificação e recriação, se começam a impor.⁶⁶⁴ Vigora o gosto pela vasta síntese histórica, plena de demonstrações de erudição num estilo elaborado⁶⁶⁵. Como refere Ivo Carneiro de Sousa, a propósito da obra mais tardia de Baltasar Teles: «Esta estrutura oferece um modelo de narrativa histórica(...)largamente esgotada num problema de compilação literariamente atractiva e competente das verdadeiras fontes(...)»⁶⁶⁶.

Pais, pelo contrário, tem um estilo simples, directo e despretencioso, afastado do artificialismo que se imporá ao gosto da época. Mas, como afirma Hernâni Cidade⁶⁶⁷ o seu desempenho nas longínquas missões e as incumbências práticas podem ter apelado a um estilo mais sóbrio e natural, em que a necessidade de transmitir uma realidade diferente produziu uma escrita minuciosa e concreta, “chã”. Além do mais, o registo cuidadoso e exaustivo, a preocupação de ilustrar, de dar a conhecer, continuando a tradição de Quinhentos, sobrepõem-se aos cuidados de estilo. Assim, a informação e descrição do desconhecido é de tal forma empolgante

⁶⁶¹ Ana Paula Avelar, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, p.26

⁶⁶² Ana Paula Avelar, *op. cit.*, p.344

⁶⁶³ Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Carvalho, *História Crítica da Literatura Portuguesa: Maneirismo e Barroco*, Carlos Reis(dir.), Vol. III, Lisboa, Verbo, 2001, p.17

⁶⁶⁴ *Ibid.*, p.21

⁶⁶⁵ *Vide*, António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 6ª ed., Porto, Porto Editora, s.d., p. 419

⁶⁶⁶ Ivo Carneiro de Sousa, *A Crónica como Missão-A História da Etiópia-a-Alta ou Preste João do Padre Baltasar Teles (1660)*, Lisboa, Granito, 1998, p.127

⁶⁶⁷ Hernani Cidade, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, Vol. I, 3ª ed., Coimbra Editora, 1951, pp.291/298

que dispensa os artificialismos formais que outros géneros cultivarão nesta época⁶⁶⁸. Sob este ponto de vista talvez se possa interpretar a rejeição ou indiferença dos seus superiores perante a obra de Pais e as várias críticas ao estilo utilizado que lhe foram feitas no decorrer do século XVII.

Com efeito a preocupação de Pêro Pais é a transmissão da informação de modo objectivo. Predomina no seu discurso escrito na pessoa do autor (embora utilize bastantes vezes o pronome “nós”, englobando os seus companheiros de missão) que narra e descreve as suas experiências e o que vê, assumindo uma presença autodiegética; por vezes assume as funções de narrador heterodiegético ao relatar outros acontecimentos ou histórias a que teve acesso.

A utilização do discurso directo é frequente, conferindo vivacidade à narrativa, assim como a transcrição de diálogos, especialmente nas suas entrevistas com o Imperador. Outro meio de amenizar o discurso, denso de factos, episódios e descrições, é a interpelação ao leitor. Ou seja, Pais escreve com a preocupação de ir ao encontro de um possível leitor. Por isso refere em várias passagens: «(...) e por aqui vai contando tantas cousas q se ouverão de referir, fora (...) *cansar ao leitor* com q he muito alheio e muy diferente do q em Ethipia se usa.»⁶⁶⁹ ou apelando à cumplicidade do leitor como neste exemplo a propósito da conversão ao catolicismo de Seltân Çaguêd: «(...) *o q tenho por certo folgará de ver o leitor, ainda q seja comprido; porq demais de ser gostosa historia, achará não pequena occasião de louvar a Nosso Snor pellas merces grandes, q fez a este Emperador(...)*»⁶⁷⁰.

A resposta ao frade de Valência, para lá da correcção e do desmentido, é frequentemente a ironia e o riso. O recurso à ironia é utilizado para repudiar as fantasias de Urreta, no sentido de as desacreditar por tão fantasista que não merecem outra recepção que não seja a incredulidade e o sarcasmo, como podemos constatar nos seguintes comentários: acerca das fabulosas riquezas em pedrarias, «(...) se não quiser alguém dizer *q estas pedras tem a propriedade dos Anjos q não occupão lugar; o q ainda q se não possa verificar de cousas corporais, facilmente concederei eu, q estas não occupaão lugar*, pois na verdade não são mais q imaginarias e fabulosas»⁶⁷¹; acerca do rio Marâb, que Urreta chama Negro, e entre

⁶⁶⁸ *Idem, A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina*, Vol. II, Séculos XVII e XVIII, Coimbra, Arménio Amado, 1964, p.147

⁶⁶⁹ Pais, *op cit.*, Vol I, p.108

⁶⁷⁰ *Ibd.*, Vol.II,p.30

⁶⁷¹ *Ibd.*, Vo. I, p. 90

muitas imprecisões, a nível geográfico, o dominicano atribui-lhe grande riqueza em ouro e pedras preciosas, pérolas e âmbar, ao que comenta Pais: «(...) não se acha nelle ouro nenhu; nem os Robis, Zafiras; Esmeraldas e Topazios m.to finos, q diz, *antes topadas m.to finas; porq não faltão calhaus q quebrem os pees dos q se descuidão ao passar, q não he tão grande rio q se não passe a pee ainda no Inverno.*»⁶⁷²

Pela narração de Pais perpassam inúmeros momentos de convívio na Corte em que o Urreta e suas efabulações provocam o riso do Imperador e dignitários etíopes e é claro do próprio Pais. São dignas de nota pelo seu ridículo, as efabulações acerca dos animais: quer a descrição incrível dos hábitos dos gatos de algalia como a pretensa caçada ao rinoceronte com o auxílio de uma macaca; quer alusão ao fabuloso pássaro do paraíso ou a história das formigas garimpeiras de tamanho descomunal⁶⁷³, perante a qual«(...) não pode o Emperador conterse, quando lho contei, senão q, rompendo por toda sua mesura e gravidade, rio bom pedaço, e festejou muito a patranha(...)»⁶⁷⁴.

Para a sua descrição da sociedade, natureza e história etíope, Pais procura um critério de veracidade que garanta o valor das suas informações, ou por outras palavras, a instauração de uma nova autoridade face à desmistificação de Urreta⁶⁷⁵. A estratégia da escrita de Pais não se afasta muito da utilizada por Álvares, aproximadamente um século atrás: a experiência pessoal como garante de veracidade e a recolha de dados junto de testemunhos credíveis.

Logo no início da sua obra, Pais apresenta-nos o seu programa e método:«(...) no principal *falarei de vista e experiência* e não por informações (...); e no demais as *tomarei das pessoas mais importantes deste Imperio*; e em tudo o que escrever, ora toque aos Portugueses, ora aos de Ethiopia falarei desinteressadamente co clareza e sem encarecimentos; (...)».⁶⁷⁶

⁶⁷² *Ibd.*, pp.224/225. Podemos destacar ainda outra passagem: « Cousa muy maravilhosa q demais de tão grande multidão de ouro seja tal q tijolos de tres dedos de grosso se dobre e enrole, como se fora massa; nem nos houvera de ser de menor admiração, se nos fora concedido entrar naquella salla das pedras preciosas(...).Mas sobretudo ouveramos de ficar atonitos, e pasmados, se nos alevantarão aquelle tablon de fino ouro, com q está cuberto o penhasco em q a industriosa natureza, desocupandose das obrigaçoens forçosas, se esmerou tanto, q pos nelle juntas todas as pedras preciosas, q por diversas partes do mundo costuma criar repartidas.», *Ibd.*, pp. 89/90

⁶⁷³ *Ibd.*, pp.200/202, 207 e 240

⁶⁷⁴ *Ibd.*, p.240

⁶⁷⁵ Isabel Boavida, *op cit.*, p. 187

⁶⁷⁶ Pêro Pais, *op cit.*, Vol. I, p.11

Assim o seu testemunho pessoal, o facto de ter testemunhado a realidade e a sua longevidade na missão etíope (18 ou 19 anos), constituem uma base para essa autoridade assumida. Como nos refere Pais «(...) não há cousa nenhuma q [Urreta] diga co a verdade do q quá se passa como *eu tenho visto em 18 annos, q há q entrei em este Imperio, e o mais deste tempo gastei na Corte;*(...)»⁶⁷⁷. O testemunho presencial e repetido é garante de veracidade, mesmo perante, o que pela sua estranheza, parece incrível: «Sobre ella [lagoa de Dambiâ] *vi deçer m.tas vezes das nuvens mangas como redemoinho e levantavão tanta agoa (...) e co tanta furia q, se o não vira, não o pudera crer;*(...)»⁶⁷⁸.

Também as informações que recolhe têm subjacente uma preocupação de credibilidade. O P. Pais recolhe dados junto a personagens cujo conhecimento das realidades em questão, dificilmente pode ser posta em causa, tanto pelo seu cargo ou sua longevidade, como pela experiência em determinada situação. Movimentando-se na Corte, tem aí um precioso terreno de prospecção: os familiares do Imperador, os *Grandes* da Corte, os altos oficiais e o próprio Imperador, como o nosso jesuíta não deixa de sublinhar: «(...) segundo a informação q me derão os *Principes (...), e outros senhores da Corte e o Emperador Seltân Çaguêd, a que, pera mais me çertificar, por ter mais confiança pera fallar co elle, lhe perguntei de proposito as cousas principais, dizendo q as queria escrever; (...)*»⁶⁷⁹.

O P. Pais salienta particularmente as personagens de provecida idade referindo numerosas informações de *frades muito velhos* (perto dos sessenta ou setenta anos ou até oitenta anos); socorre-se ainda de informações provenientes do povo, não descurando os testemunhos dos descendentes dos portugueses, que formam o núcleo do seu “rebanho” católico, e que lhe relatam factos e reminiscências ouvidas a seus pais. Também entre estes os anciãos são uma fonte de eleição pois podem aferir dados coevos e relatos do passado. Entre eles Pais distingue, em várias passagens, o capitão dos portugueses, João Gabriel, homem que alia a provecida idade à ilustração e ao posicionamento na Corte: «(...)o Capitão, (...)e se chama João Gabriel, momem de muito ser, me disse q sendo pequeno, estive 3 annos continuos naquelle mosteiro aprendendo os livros de Ethiopia, e q nunca vira tal cousa, nem atee agora q he de idade 70 annos ouvira falar nella a ninguem, com andar ordinariamente no paço dos

⁶⁷⁷ *Ibd.*,p.157

⁶⁷⁸ *Ibd.*,p. 235

⁶⁷⁹ *Ibd.*,p.100

Emperadores(...)»⁶⁸⁰. Também é igualmente referido o veneziano João António, residente na Etiópia à largos anos⁶⁸¹.

A estratégia de confirmação das suas inquirições está bem patente nesta passagem: «(...) *tudo por informação de Erâz Cela Christôs irmão do Emperador e do thesoureiro, q não me avião de enganar, dizendo menos do q era; porq demais de serem homens tão graves e de grande primor, se confissão comigo, e lhes declarei q lho perguntava pera o escrever.*»⁶⁸². Pais repete ao longo da sua *História*, por oposição às *mentiras* e *patranhas* de Luís de Urreta, a preocupação em se *certificar mais, para mais se enteirar* ou *pera averiguar esta verdade*, sublinhando a *diligencia grande q fiz pera tirar em limpo certos factos*, recorrendo a *pessoas de vista e fidedignas* ou a *homens de muito crédito*.

Frequentemente o seu conhecimento e esses testemunhos, são por vezes, a única fonte que o padre tem à mão para redigir a sua obra. Por exemplo em relação às histórias dos imperadores Za Denguil e Jacob, mortos prematuramente, afirma, «(...) não poderei referir aqui mais q o q me contarão *algumas pessoas grandes*, q continuarão sempre seu paço, e o q eu passei *cõ elles*(...)»⁶⁸³. O relato da conversão do Imperador ao catolicismo também revela o testemunho directo do P. Pais, que estando na Corte, teria presenciado os acontecimentos, que relata, reproduzindo os discursos do Imperador e os diálogo que mantém com os seus opositores⁶⁸⁴.

Para os assuntos etíopes, Pais recorre às fontes que encontra no local, ou seja a velhas crónicas e livros religiosos abexins. Como afirma Hervé Pennec, as competências linguísticas adquiridas pelos Padres da Companhia, permitem a recuperação dos registos históricos locais e sua utilização e divulgação na Europa, na qual o P.e Pais se revela pioneiro⁶⁸⁵. Por outro lado, o que está escrito pode ser confrontado e cotejado com outras informações, constituindo um garante de verdade.

Assim, Pais inicia a sua obra precisamente com a história dos imperadores etíopes e sua linhagem, que se reporta à lenda bíblica da rainha de Sabá e de Salomão. Para tal socorre-se de um velho texto local: «Atee aqui são palavras de hu

⁶⁸⁰ *Ibd.*, Vol. II, pp.228/229

⁶⁸¹ « (...) e assi o affirma hu veneziano q se chama João Antonio, q diz q há 32 annos q quá entrou, e o capitão dos Portugueses por nome João Gabriel, homem de 66 annos, q de minino se criou co o P.e Patriarcha Andre de Oviedo diz q nunca vio, nem ouviu q em Etiopia ouvesse tal Conselho[latino]. O mesmo tetificarão muitos homens velhos f.o de Portugueses, q tambem se criarão na casa do Patriarcha, (...)»*Ibd.*, Vol. I, p.160

⁶⁸² *Ibd.*, Vol. I, p.239

⁶⁸³ *Ibd.*, Vol. III, p.9

⁶⁸⁴ *Vide, Ibd.*, Vol. III, Cap. XXI e Cap. XXII, pp.146/159

⁶⁸⁵ Hervé Pennec, *op.cit.*, p.270

livro, q se guarda na Igreja de Agçum, e não continua mais a historia; (...)»⁶⁸⁶. Este documento, *Glória dos Reis (Kebra Negast)*, narra a lenda fundadora da dinastia etíope. Trata-se de «(...)texto cuja forma actual foi fixada em finais do século XIII, na altura da ascensão da chamada dinastia salomónica ao trono imperial(...). Comemoração de uma ideologia de poder inspirada na literatura bíblica(...) faz dos etíopes os herdeiros do povo escolhido do Deus hebraico, e da Igreja cristã monofisita a guardiã da arca da aliança(...)»⁶⁸⁷.

O facto de Pais incorporar esta narrativa de carácter lendário a par com fontes credíveis, poderá dever-se ao apego que os etíopes a ela revelam na fundamentação da origem da sua linhagem imperial e na sua distinção em relação aos povos que os rodeiam. Por outro lado, e dado o seu carácter fundador/legitimador, é, na nossa opinião, uma forma óbvia de iniciar uma historia da Etiópia uma vez que corporizam os fundamentos que caracterizam e individualizam o reino.

Todavia o espírito crítico de Pais não deixa de se denotar, ao referir em relação à lenda da condução da Arca da Aliança para a Etiópia:« (...) tudo he historia apocrifa, e fabulosa; porq o contrario ensina a Sagra Escripura no 2º Livro dos Machabeus (...)»⁶⁸⁸. Aliás Pais apressa-se a desconstruir a lenda do transporte de forma oculta da Arca da Aliança para a Etiópia e sua guarda no templo de Dêbra Maquedâ, tendo tal história como *fábula* e *patranha* mantida pelos frades, afirmando «E muitos,em Ethiopia, tem esta historia por falsa, ainda q os frades de Agçum sempre affirmão q está em sai Igreja esta Arca.»⁶⁸⁹

Junto desse livro Igreja de Aksum, facultado pelo imperador Seltân Çaguêd, Pêro Pais encontrou duas listas ou *Catalogos de Emperadores*, traçando a linhagem real da dinastia coeva. Pais não deixa de assinalar as disparidades de número e nomenclaturade entre ambas, embora as reproduza na sua obra, de forma a corrigir pelo menos as imprecisões onomásticas tanto de Álvares, como as efabulações de Urreta⁶⁹⁰.

⁶⁸⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.41

⁶⁸⁷ Manuel João Ramos, «O Destino Etíope do Preste João », p. 238

⁶⁸⁸ Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 41/42

⁶⁸⁹ *Ibd.*,p.42

⁶⁹⁰ *Ibd.*,pp55/59 Pais declara: « E porq pode ser q em alguns livros de Portugal , fallando de hus mesmos Emperadores, se achem nomes diferentes, por causa da diversidade destes Catalogos, pera q isto não cause confusão, senão q se saiba de onde procede, os porei aqui ambos (...)», *Ibd.*,p.56

O próprio imperador, facultava-lhe velhas crónicas dos seus antecessores, como é o caso do livro que relata a história de Zara Jacob e ao qual Pais atribui grande rigor⁶⁹¹. Outro livro de Aksum consultado por Pais versa a vida do imperador Lalibela⁶⁹².

Quando se ocupa especificamente da história dos Imperadores, Pais lamenta a escassez de fontes de história etíope e a falta de empenho na cultura escrita por parte dos etíopes, ou a possível perda desses testemunhos nas constantes incursões muçulmanas e dos povos gentios. E com efeito, o Padre só encontra registos escritos a partir do Imperador Amd Çeôn/Gâbra Mazcâ⁶⁹³. Seguem-se, recolhidas noutras crónicas, as histórias de Lebena Denguil/David/Onâg Çaguêd (o imperador que recebeu a embaixada de D. Rodrigo de Lima e o P.e Álvares) e de Claudio/Atanâf Çaguêd (o dirigente que solicitou o auxílio da expedição de D. Cristovão da Gama). A história de Adamâs Çaguêd será narrada com base em testemunhos escritos locais.

Ao pretender relatar a conturbada história dos três últimos imperadores até à data, refere que tanto Za Denguil como Jacob pelos seus curtos reinados não foram objecto de um relato escrito, «(...)porq, se isto se não faz vivendo o mesmo Emperador, ou não lhe fica filho q o mande fazer , ninguem quer tomar esse trabalho(...)»⁶⁹⁴, desvendando assim a estratégia da escrita da história imperial etíope, que dependia do governante. Neste caso reporta-se aos testemunhos orais e ao seu próprio conhecimento directo desses imperadores, assim como dos acontecimentos que envolverão a morte de ambos e ascensão ao trono de Suseneos/Seltân Çaguêd. Já no caso deste último, com uma maior longevidade no trono etíope, teve a oportunidade de mandar escrever o relato não só da sua ascensão, como da sua anterior história pessoal⁶⁹⁵.

Sobre a forma como Pais utiliza estes documentos, mais precisamente a crónica deste último imperador, várias pistas são-nos propostas por Hervé Penne⁶⁹⁶, que se debruçou sobre a questão. As restantes crónicas teriam sido resumidas ou citadas; a de Suseneos é traduzida e integrada no corpo da obra, o que leva o mesmo autor a afirmar: «La volonté des écrivains jésuites semble avoir été de citer *in extenso*

⁶⁹¹ *Ibd.*, p. 60

⁶⁹² *Ibd.*, Vol. II, pp.238/241

⁶⁹³ *Ibd.*, Vol.II, p. 245

⁶⁹⁴ *Ibd.*, Vol. III, p.9

⁶⁹⁵ *Ibd.*, p.145

⁶⁹⁶ Sobre a inclusão da *Crónica de Suseneos* nas obras de Pais e de Almeida e o tipo de tradução ali feito e a comparação com a tradução de F. M. Esteves Pereira em 1892 e 1900 do manuscrito da dita crónica trazida para a Biblioteca Bodleiana de Oxford por James Bruce, no final do século XVIII *Vide*, Hervé Penne, *op cit.*, pp.287/297

cette *Chronique* qui pouvait légitimer leur présence en Éthiopie.» Dada a boa vontade deste imperador face ao catolicismo, a sua crónica presta-se à justificação da presença jesuíta na Etiópia, colocando-se no entanto a questão de uma possível exclusão ou acrescento de passagens por determinação de Pais.

Desta forma, segundo Pennec⁶⁹⁷, assiste-se, por parte de Pais, a uma utilização complementar dos relatos: por um lado a longa tradução do testemunho local; por outro o seu próprio testemunho dos acontecimentos, no que diz respeito ao papel da missão e propagação do catolicismo. Tal é confirmado pelo próprio P. Pais: «Até aqui são palavras da Historia do Emp.or Seltân Çaguêd como estão em seu livro; mas o autor diz muy pouco do m.to que elle fez e trabalhou por introduzir em seu Imp.o as cousas de Nossa s.ta fee (...). A causa disto foi porq o Escritor era naqlle tempo m.to contrario as cousas de nossa s.ta fee, por não as entender(...)»⁶⁹⁸

Outras fontes etíopes são consultadas: Pais refere não só a consulta um antigo livro de cerimónias civis, como outro que constava da Igreja de St^a Maria de Sião, em Aksum, sobre a construção desse templo pela rainha Candácia; as cerimónias religiosas são objecto de grande curiosidade para Pais, que tenta consultar livros religiosos sempre que possível, recorrendo aos préstimos do imperador e de seu irmão ou aos principais dos mosteiros, ainda que com dificuldades. Assim, transcreve a *Missa dos Apostolos*, a partir de um livro que obteve num mosteiro⁶⁹⁹. Reproduz várias orações da liturgia abexim, destacando a *Oração por El Rey*, que: «(...) tirei de hu livro q escondidam.te e em m.to segredo me deu hu frade meu amigo.»⁷⁰⁰; transcreve as orações que acompanham a tomada de hábito dos frades abexins, afirmando, «Tudo isto achei em hu livro, q me emprestou hu Abbade(...)»⁷⁰¹; o nosso autor refere também a consulta de um equivalente etíope de *Flos Sanctorum*, que Pais designa por *Cenqueçar*, num mosteiro etíope, sempre numa estratégia de aferir informações⁷⁰².

Merece especial interesse ao P.e Pais «As historias destes dous fundadores [das ordens religiosas etíopes] trabalhey m.to por aver, mas não pude alcaçar senão

⁶⁹⁷ Vide, *ibid.*, p.290

⁶⁹⁸ Pais, *op.cit.*, Vol. III, p. 145

⁶⁹⁹ *Ibid.*, pp.89/93

⁷⁰⁰ *Ibid.*, Vol. II, p.110

⁷⁰¹ *Ibid.*, pp.158/161

⁷⁰² *Ibid.*, p. 227

as de Abbâ Taquelâ Haimanôt (...)»⁷⁰³, com o objectivo de refutar dados de Urreta acerca de um assunto central na polémica, as ordens religiosas na Etiópia. Assim irá traduzir e incluir no seu trabalho, num longo excerto, a *Historia de Abbâ Taquellâ Haimanôt como aconteço os livros de Ethiopia*⁷⁰⁴. Segundo Hervé Pennec, Pais confronta o texto do dominicano com o etíope, conferindo a este último a autoridade e credibilidade para base de refutação do anterior, tal como procurara fazer com toda a espécie de testemunhos etíopes que contradiziam o frade valenciano⁷⁰⁵.

Outro documento etíope que terá possivelmente passado pelas mãos do P. Pais, presente na corte, foi a carta de 2 de Junho de 1621, endereçada pelos frades de Tigré ao Imperador depois da interdição da observância do Sábado, que ele reproduz na sua história sob a forma de um resumo. Socorrendo-nos ainda da profunda análise textual efectuada por Hervé Pennec para a compreensão da utilização das fontes etíopes em Pais, constatamos que se trata de uma versão abreviada do tratado do *Refúgio da Alma*, originalmente dividido em dez capítulos e do qual «Les morceaux choisis par l'historien jésuite sont en relation avec l'édit promulgué par le roi en 1620(...). le long passage sur la question du sabbat est le seul qui garde toute sa cohérence les autres n'étant que des extraits mutilés du traité.»⁷⁰⁶.

Esta utilização dos documentos abexins revela o conhecimento das línguas etíopes, elogiado por todos os autores que se debruçaram sobre Pais, o que lhe permite a sua consulta, resumo e tradução de forma a incluí-los na sua obra. Daí que numerosos apontamentos de etimologia apareçam na *Historia*, quer a propósito da titulação real⁷⁰⁷; quer na descrição dos oficiais da corte⁷⁰⁸; quer na dos diferentes dignidades religiosas⁷⁰⁹; quer nos nomes das igrejas, dos imperadores, das terras, dos objectos do quotidiano, da natureza⁷¹⁰. Os dois exemplos que se seguem ilustram como a etimologia é igualmente uma forma de corrigir as imprecisões de outros

⁷⁰³ *Ibd.*, p.154, Pais completa a informação quanto à história da outra ordem religiosa: «(...) a de Abbâ Stateus não pude aver porq alem de se acharem poucos livros della, não os querem emprestar por lhe parecer q os buscamos pera ver se se acha nelles algua cousa (...) com q se refutem seus erros (...)», *ibid.*

⁷⁰⁴ *Ibd.*, pp.167/204

⁷⁰⁵ «(...) hu seu livro, a q elles dão muito credito, e chamão Haimanôt Abâu, q quer dizer fee dos P.es, porq he de pedaços de humilias de S. Basilio, Chrisostomo, Athanasio e outros santos antigos.», *Ibd.*, Vol. III, p. 190

⁷⁰⁶ *Ibd.*, p. 305

⁷⁰⁷ Pais, *op. cit.*, Vol.I, p.61

⁷⁰⁸ *Ibd.*, pp.47/51

⁷⁰⁹ *Ibd.*, Vo.II, p.113

⁷¹⁰ Este interesse estende-se ao nome dos diferentes povos e nações. A partir da sua experiência entre os turcos, Pais procura descodificar a origem da terra de Rum, de onde teriam chegado santos à Etiópia, no início do cristianismo: «Alguns por esta palavra (...) entendem Roma.. Outros affirmão q não quer dizer Roma, senão outra terra q senhorea o Turco chamada Rum, e della vem chamar aos Turcos Rumes; ainda q estando eu cativo entre elles, me disserão, q aos q são Turcos de nação não os chamão rumes, senão aos q são de Casta Christãos (...)», *ibid.*, pp. 11/12

autores, nomeadamente o inevitável frade Urreta. Assim a respeito das fortalezas na Etiópia diz-nos:

« Mas pera q melhor se entenda o nome desta fortaleza, se hade advertir, q na lingoa de Ethiopia todo o monte e rocha, cujo cume se pode defender a gente de seus inimigos se chama Ambâ; e destes há em Ethiopia muitas e muito fortes; por onde o nome proprio daquelle lugar, onde se guardão os descendentes dos Emperadores antigos, não he Ambâ (...), senão Guixên, q quer dizer achou-se.»⁷¹¹

Também a palavra mosteiro, *debrâ*, se confunde com monte na língua utilizada pelos etíopes, mas Pais elucida-nos que «(...)ordinariam.te edificação em Ethiopia os mosteiros nos montes, daqui veo chamarem tambem ao mosteiro Dêber,e quando querem dizer o mosteiro de tal parte acrescentão esta letra A e dizem Debrâ (...)»⁷¹².

Outra base da narração do P. Pais foram testemunhos escritos dos autores ocidentais que o precederam em terras etíopes. Como refere Isabel Boavida, «O testemunho escrito resultante da experiência pessoal deve ser posto ao mesmo nível que o testemunho presencial»⁷¹³ e as missivas dos missionários, eram tidas como documentos de probidade inquestionável, assim como cartas oficiais das quais Pais obteve cópias.

Entre os vários tipos de correspondência que o autor reproduz com abundância podemos começar por destacar, as missivas reais datadas da época da sua missão na Etiópia. Estas estão incluídas no Livro IV, dentro do âmbito cronológico da narração histórica em que Pais é uma testemunha directa e participante (1604/16018) e dizem respeito a missivas trocadas entre si e os imperadores, principalmente a correspondência entre os imperadores etíopes, o Papa e o rei de Portugal e ainda, o governador da Índia. Cartas estas que foram concebidas com o apoio ou orientação dos padres da Companhia, e de Pais em particular, a quem cabia igualmente a sua tradução e o envio, a partir da sua missão em Tigré para algum porto, de onde pudessem seguir para a Índia,

È novamente Hervé Pennec que propõe uma releitura e o papel deste tipo de fontes na obra de Pais. Primeiramente há que evidenciar o papel determinante dos

⁷¹¹ *Ibd.*, Vol. I, pp.65/66

⁷¹² *Ibd.*, Vol. II, p. 206

⁷¹³ Isabel Boavida, *op cit.*, p. 188

Padres da Companhia nesta correspondência: não só no seu possível encorajamento e redacção, mas igualmente na sua tradução para espanhol ou português. O próprio Pais explicita a sua participação na redacção dessas epístolas e o motivo porque se encontram na sua posse: «(...)fiz que mandasse tresladar as cartas em papel, q estavam em pregaminho e fazião grande volume(...). Enviava hu frade por embaixador; mas depois não se atreueo a hir por medo dos Turcos; e, assi me entregou as Cartas pera q as mandasse secretamente, cujos treslados porei aqui(...)»⁷¹⁴. Por outro lado estas Cartas pretendem explicitar a lógica de submissão do imperador abexim à cabeça da Igreja de Roma. Mas o diálogo é dúbio: o que o imperador etíope pretendia a troco da sua conversão era o apoio militar e técnico e a ocupação da costa do Mar Vermelho por Filipe II, ponto de vista que sublinhava igualmente nas suas cartas para Roma⁷¹⁵. De qualquer forma, e segundo o mesmo autor, estes documentos são integrados num discurso que visa ilustrar o desejo de aproximação da Etiópia a Roma⁷¹⁶.

Quando Pais recua aos primórdios da acção jesuíta na Etiópia, socorre-se de igual forma, das missivas dos seus correligionários, documentos provavelmente conservados na missão de Fremona ou enviados/copiados na Índia para historiar a acção da Companhia de Jesus. Tal é o caso da transcrição de uma carta redigida por D. André de Oviedo acerca da falta de aceitação do catolicismo entre os etíopes nessa época, em que exemplifica o carácter cismático da religião etíope. Segundo Pais «(...) mas porq falando o p:e Bispo Dom Andre de Oviedo delle [Imperador Claudio e a rejeição da igreja de Roma], e de seus vassallos declarou isto mesmo por sentença, a qual eu tenho na minha mão assinada da propria sua a refirirei aqui por suas mesmas palavras, q são as seguintes: (...)»⁷¹⁷ seguindo-se a transcrição da carta de 2 de Fevereiro de 1559 em espanhol, na qual relata os erros dos etíopes e a dificuldade de conversão.

Outra fonte à qual o P.e Pais recorre frequentemente para os eventos relacionados com a Companhia de Jesus anteriores a 1607 e 1608 é precisamente a compilação de cartas ânuas e outra correspondência, nas relações anuais organizadas pelo P. Fernão Guerreiro. A relação correspondente ao território etíope teria sido

⁷¹⁴ *Ibd.*, Vol. III, pp.40/41

⁷¹⁵ Cf. *ibid.*, pp.169 /172 , 194/201 e 237/247 e Hervé Penneç, *op. cit.*, pp.270/276

⁷¹⁶ *Vide*, Hervé Penneç, *op. cit.*, p. 280

⁷¹⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. II, pp.62/63

publicada em Lisboa em 1611⁷¹⁸ e estaria na posse do missionário. Como refere Pennec, «Les missionnaires ont dû recevoir le livre de Guerreiro en même temps que ceux de de Urreta. Le fait que dans le développement de son *Historia*, Pero Paes utilize à plusieurs reprises le livre de Guerreiro ne peut que confirmer cette hypothèse.»⁷¹⁹ Segundo o autor que acabámos de citar, as recolhas feitas por Guerreiro tinham como propósito assinalar e comprovar os progressos da Companhia no território etíope⁷²⁰. Pais irá utilizá-las com frequência, embora não de forma sistemática, uma vez que se denota uma contextualização e até actualização da informação nela constante.

Referências à compilação de Guerreiro aparecem nos quatro Livros de Pais, a partir da qual Pais cita as cartas de outros missionários. Para os primeiros tempos da missão jesuíta, a fonte de Guerreiro revela-se preciosa, como, aliás, afirma o próprio P.e Pais, «(...) P.e Fernão Guerreiro de nossa Comp^a, a quem principalm.te sigo em as cousas desta missão do P.e patriacha D. João Nunes Barreto, e seus comp.os porq demais de ser homem m.to exacto em suas historias, e de grande authority tinha em seu poder os originaes desta Carta, e de outras (...)»⁷²¹.

Segundo Hervé Pennec as cartas enviadas pelos dirigentes abexins à Europa e já por nós referidas, teriam sido igualmente copiadas por Pais da obra de Guerreiro⁷²² com base na coincidência das missivas apresentadas em ambas as obras. No entanto, e apesar da presença e do papel determinante de Pais nas relações entre a corte etíope e o império português, é possível que as cartas publicadas fossem as únicas existentes e as demais se tivessem perdido, podendo fazer sentido afirmação de Pais acerca das cartas do Imperador datadas de 1607: «Das demais cartas q escreveo, não achei mais q esta.»⁷²³.

Uma destacada obra para o conhecimento da Abissínia é a já referida *Verdadeira Informação...* do P.e Francisco Álvares. Foi uma fonte amplamente utilizada por Pais que o refere amiúde, indicando mesmo a edição utilizada, ou seja a

⁷¹⁸ Fernão Guerreiro, *Relaçam annual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Jesus, nas partes da India Oriental, & em algumas outras da conquista deste Reyno nos annos de 607. & 608. & do processo da conversão & christandade daquellas partes, com mais hua addiçam à relaçam de Ethiopia. Tirado tudo das cartas dos mesmos padres que de lá vierão, & ordenado pello Padre Fernão Guerreiro*, Lisboa, Of. de Pedro Crasbeek, 1611

⁷¹⁹ Hervé Pennec, *op. cit.*, p. 278

⁷²⁰ *Ibd.*

⁷²¹ *Ibd.*, p. 266

⁷²² Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 278/279

⁷²³ Pais, *op. cit.*, p. 170; além do mais o próprio Pennec sustenta que estas cartas no texto e Pais são colocada num contexto mais amplo, que permite uma melhor percepção das condicionates e objectivos, quer do lado português, quer do lado etíope. *Vide*, Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 279/280

versão castelhana de Fr. Tomás de Padilha⁷²⁴ como confessa o autor a propósito do título de *Preste* dado ao Imperador: «(...) pella razão q dá o padre frei Tomaz de padilha em o prologo q acrescentou a historia Ethiopica de Francisco Alvares, quando a tresladou de Portugues em castelhano(...)», acrescentando no Livro II em relação a uma citação que Urreta pretende ter feito do livro de Francisco Álvares, «(...) eu não achei as palavras q alega por elle não citar o lugar, ne a historia de Francisco Alvares q eu tenho estar repartida em capitulos, ne ter index por ser m.to antiga,(...)»⁷²⁵. Com base nesta descrição da obra consultada, C.F. Beckingham, defende que a edição consultada é a de Antuérpia (a primeira edição), uma vez que é a única que não possui uma tábuas das matérias⁷²⁶.

Pais recorre frequentemente a Álvares como fonte fidedigna para a descrição da Etiópia, pela sua longa permanência naquelas paragens como afirma «Tambem não tenho duvida senão q pera afirmar (...) *se teria informado m.to bem (...)*»⁷²⁷. Álvares é usado como fonte de informações várias passagens, com destaque para sua descrição das igrejas de *Lalibela*: «(...) porq falla de vista, porei suas mesmas palavras(...)»⁷²⁸. E Pais sublinha o cuidado com a precisão da informação que orientou as descrições de Álvares: «(...) refirirei q elle escreveo *a q se deve dar mais credito, pois co curiosid.de notou as medidas*, e tudo o demais; e não falou a vulto como aquelles a que eu perguntei, q nenhu me soube declarar essas cousas.»⁷²⁹ Ao referir a história do imperador Lebenâ Denguil/David/Onâg Çagued, que reinava na época da embaixada de que Álvares fez parte, remete-nos para a obra deste último⁷³⁰.

Apesar da prova de credibilidade dispensada na passagem citada, Pais não hesita, porém, em corrigir as informações de Álvares quando se impõe, sublinhando os casos em que o clérigo Quinhentista veicula informações imprecisas ou

⁷²⁴ Tradução em castelhano de Fr. Tomás de Padilha, *Historia de las cosas de Etyopia en la qual se cuenta muy copoisamente el estado, y potencia del Emperador della(que es el muchos na pensado ser El Preste Juan) com otras infinitas particularidades assi de la religion de aquella gente, como de sus cerimonias, segun que de todo ello fue testigo de vista Francisco Alvarez, Capellan d'El-Rey D. Manoel*, Anvers, Juan Steelsio, 1557, ap., Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, 2ªed., Tomo II, Lisboa, 1931 (1ª ed. Lisboa, 1747), p. 93

⁷²⁵ Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp.64/65 e Vol. II, p. 156

⁷²⁶ Vide, C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Etiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, nota3, p. 11

⁷²⁷ Pais, Vol. ? *Ibd.*, p. 149

⁷²⁸ *Ibd* Vol II, p. 129

⁷²⁹ *Ibd.*, p. 127

⁷³⁰ «Estiverão seis annos em estas terras onde lhes soccederão m.tas cousas, que refere compridam.te o mesmo Fr.co alvares em a historia Ethiopica q inprimio intam.te cõ as cartas, q, sendo já Emperador, escreveo a ElRey Dom Manoel, e a El Rey Dom João(...), e o q prim.ro tinha escrito a Emperatriz Helena (...), pello q me pareceo escusado determe em ellas, senão passar aas q não são tão sabidas em Europa.», *Ibd.* Vol. III, p.260

incorrectas: «Nem também parece certo o q diz, q Pero de Covilhã affirmou a Francisco Alvres, q no Reyno de Begmêder há hu monte muito grande todo de prata(...) q fazião hua cova se q aly lhe davão fogo(...); e q corria a prata como ribeiras. *Isto não foi só encarecimento, mas patranha; (...)*»⁷³¹.

Contudo, as imprecisões de Álvares são na sua maioria justificadas pelo padre Jesuíta, atribuindo-as à falta de conhecimento apurado da língua, à mudança de costumes desde a época da sua embaixada, aos percalços do caminho⁷³² sofridas pelo prelado. Além do mais, Pais sublinha o encarecimento das cerimónias perante os estrangeiros por parte dos abexins, tema que assinala em várias passagens, como a referente à ida do Emperador à missa, às cerimónias matrimoniais, ou à entrega de tributos ao Imperador ou ainda o baptismo durante a Epifania⁷³³.

No caso do episódio de D. Cristovão da Gama, Pêro Pais recorrerá também a outro registo escrito a partir de uma fonte presencial, consultando Fernão Guerreiro, que compilara elementos, «(...)tomados, (como elle diz) de Miguel de Castanhoso, hu dos Portugueses q entrarão em Ethiopia cõ D. Christovão da Gama; a quem como *teste.ª de vista se deve dar todo o crédito.*»⁷³⁴, confrontada por Pais com testemunhos orais dos descendentes do contingente português, incluindo um ancião, «(...)q, sendo pequeno acompanhou a D. Christovão, desde q entrou atee ao dia q foi desbaratado(...)»⁷³⁵.

Da elencagem das obras que Pais tomou como fontes e utilização dos seus dados na escrita da sua *Historia*, acrescida da necessidade de denegação comprovada da versão de Fr. Luís de Urreta, podemos detectar a preocupação de uma leitura rigorosa das fontes, que afaste a narrativa histórica do domínio da lenda e da ficção obedecendo a um ideal de veracidade. Como afirma a dado passo o autor acerca da escrita da história de Urreta «Bem claro se vê nisto *quão mal guardou aqui o Autor as regras, e leys da historia*, pois a primeira(...) *he não se dizer cousa q seja falsa*, nem ainda dar ocasião de q possa aver tal suspeita(...)»⁷³⁶.

⁷³¹ *Ibd.*, Vol. I, p. 212

⁷³² «(...) mas não he maravilha q errasse, porq como era estrangeiro, e hia tão de passo e co tanto trabalho, como elle diz, por aquelles caminhos, não se podia informar tão em particular das cousas, nem examinar tanto como era necessario as relaçãoens q lhe davão; q ainda q fossem tiradas dos livros da terra, pedião muito exame, por estarem quasi todos cheios de patranhas.», *Ibd.*, pp. 101/102

⁷³³ « Ate aqui são palavras de Fr.co Alvres, mas parece q como a estrangeiro, e de terras tão remotas lhe quizerão mostrar este aparato em seus casamentos, como de proposito lhe mostrarão m.to extraordinario em outras cousas (...)», *Ibd.*, p. 125

⁷³⁴ *Ibd.*, Vol. I, p. 244

⁷³⁵ *Ibd.*

⁷³⁶ *Ibd.*, Vol. II, p. 274

Veracidade essa que assenta no crédito atribuído às fontes, ou seja, «(...) o carácter moral, ou virtude, do informante, do autor(...)» e a maneira como coligira as suas próprias informações na medida em que fora uma testemunha presencial ou credibilidade de quem o havia informado⁷³⁷.

Esta preocupação de rigor, reflectida na análise heurística e crítica das fontes, nos critérios de veracidade, na lógica racional empregue na consideração dos factos, poderia eventualmente advir da formação universitária jesuíta de que Pais usufruira. De facto denota-se em Pais, para além do seu programa ideológico e religioso, uma preocupação de isenção que o leva a avaliar uma a uma as informações de Urreta, procurando estabelecer, quando possível, as causas dos seus enganos e falsas informações em historias mal interpretadas, procurando uma justificação plausível para a origem de algumas afirmações de Urreta e do seu pretenso informador.

Pais revela o seu espírito crítico ao demonstrar embustes e corrigir falsas aceções nas informações com que depara, sejam em Urreta ou nos velhos livros etíopes. A base destas refutações são na maior parte informações que recolhe no terreno, junto a personagens avalizadas, como já referimos, ou a sua própria experiência: o ver e constatar com base no seu senso-comum e raciocínio lógico. Disto são exemplos, entre outros a denegação da lenda de que as avestruzes apedreariam os que as seguem, facto não verificado pelo autor quando as observou na cerca do rei, correndo com os pagens. Portanto depreende que algumas pedras poderiam saltar devido à força com que correm, e apenas isso estaria na base dessa informação⁷³⁸.

Na senda dos autores do século XVI, também as informações duvidosas dos autores antigos são postas em causa face à experiência pessoal. As várias teorias antigas sobre a origem das cheias de Nilo são, no dizer do autor, «mil disparates»⁷³⁹. De facto tentando uma explicação: «Até Aristoteles principe dos Philosophos, em hu livro q fez, de inundatione Nili, disse q ao longo do do nilo há m.tas fontes, q no inverno estão fechadas e no verão co a quntura do sol se dilata a terra e assi, sahindo ellas, creçe o Rio.» Ao conhecimento antigo Pais contrapõe o valor da experiência:

⁷³⁷ Exemplo desta posição é a seguinte passagem: apesar das histórias fantasiosas de Urreta sobre a utilização dos símios na Etiópia, o autor: « (...) não reprovando o q traz do P.e Joseph de Acosta, de que diz q tratando das cousas naturais do Peru, refere cousas semelhantes das Monas, e de hua q a mandavão por vinho a Taberna, e se lhe dizião algua cousa os rapazes, punha a vasilha perto de algua porta, e hia apos elles as pedradas, e como fujião , a tornava a tomar e prossegui seu caminho. Em isto não tenho q falar, porq sei muito bem q aquelle P.e não avia de escrever cousa por çerta q não o fosse muito.», *Ibd.* Vol. I, p.201

⁷³⁸ *Ibd.*, pp. 204/205

⁷³⁹ *Ibd.*, p.217

« Tudo isto vai m.to fora da experiencia, q não pode enganar como o discurso dos homens, tem mostrado, não somente aos naturais de Ethiopia, mas a todos os de europa, q estamos nella, (...). Esta pois he a verdadeira causa da enchente anual do Rio Nilo; (...). Todas as demais, q dão, são fabulas e meras imaginaçoens.»⁷⁴⁰

Apenas numa passagem o autor, embora não emita qualquer opinião sobre a sua veracidade, mencionará um ser lendário e isto a partir do testemunho de descendentes de portugueses sobre um episódio passado no reino de Gojam, no qual «(...), andando à caça virão em hu valle hu fermoso Cavallo co a coma [sic] muito comprida e o cabo q chegava ao chão;(...) em os vendo fugio cõ m.ta velocidade(...); e ainda q não enxergarão se tinha corno na frente ou não, lhes pareceo q não podia ser senão unicornio.»⁷⁴¹

Numerosas citações no decorrer da obra denotam o conhecimento de autores clássicos antigos: são referidos Marco Fábio Quintiliano, Plínio, provavelmente, o Velho propósito de erros na sua obra, Luciano, *Quo modo est scribenda historia*; Marco Túlio Cícero, Séneca, Stº Agostinho, *Epistola 131* autores que cita a propósito da noção de História ou da forma de a escrever, prováveis indícios do ensino de base clássica praticado pela Companhia de Jesus. No capítulo que dedica ao Nilo refere o já citado Aristóteles, refutando *De inundatione Nili*, assim como as informações veiculadas por Luciano e por Teodoreto, bispo de Ciro, autor de vários tratados, e ainda a obra de *Abulense*, ou o bispo de Ávila, Afonso de Madrigal.⁷⁴²

São igualmente referidas passagens dos vários Evangelhos como forma de ilustração exemplar do seu discurso. Durante o seu cativeiro na Arábia, mostra ter conhecimento do *Corão*, para rebater os argumentos teológicos muçulmanos⁷⁴³.

A técnica descritiva empregue por Pêro Pais assenta, tal como vimos a propósito do autor anterior, numa preocupação de precisão e de possibilitar uma espécie de “visualização” aos seus leitores, no quadro de um experiencialismo veiculado através do recurso à medida e à analogia. De facto como refere Luís Filipe Barreto, o «(...)experiencialismo renascentista que é ainda nos inícios do século XVII a situação dominante (em especial na forma de realismo empírico)(...)»⁷⁴⁴.

⁷⁴⁰ *Ibd.*, pp.217/218

⁷⁴¹ *Ibd.*, p.196

⁷⁴² *Vide, ibd.*, Vol., pp.7 e 217 e Vol.II, pp.274/275

⁷⁴³ *Ibd.*, Vo. II, p. 395

⁷⁴⁴ Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e renascimento...*, p.191

Se considerarmos a forma de enunciação das medidas de espaço, estas apresentam grandes similitudes com o P.e Francisco Ávares: também Pais afere as medidas em *tiros de espingarda* ou *tiros de pedra* ou de *funda*⁷⁴⁵; as *lanças* e *varas*⁷⁴⁶ são outra forma de medida, assim como as *braças* marítimas⁷⁴⁷. Um bom exemplo é a descrição das tentativas de Pais e de seus companheiros para medirem as famosas nascentes do Nilo:

« Fiz meter hua lança em hu dos olhos [das nascentes do Nilo], (...) ; e entrou onze palmos e parece q topava em baixo em as raizes de arvores, q estão na borda, (...). O 2º olho da fonte está mais abaixo pera Oriente , como hu tiro de pedra do 1º; e metendo nelle a lança, q era de 12 palmos, não se achou fundo. Hu Portugues tinha primeiro amarrado duas lanças q ambas tinhão 20 palmos, e metendoas tão pouco achou fundo; (...)»⁷⁴⁸

Como se vê nesta passagem o sistema de medidas utilizados continuam a conjugar sistemas de referência de vários tipos, quer militares e náuticos, quer anatómicos, utilizando a medição em *palmos*, e *passos* e o próprio corpo humano (sobre o percurso inicial do rio Nilo diz-nos Pais:«(...)e tendo andado como hu quarto de legoa, se descobre a agoa entre huas pedras e faz hua ribeirinha q, quando a eu vi, não era de *grossura de hu homem*;(...)»⁷⁴⁹) e ainda as *léguas* e os *côvados*⁷⁵⁰. Outra referência curiosa é da descrição do muro de uma povoação onde a corte se sediou, por algum tempo:«(...) com largura q podião andar por cima folgadamente *dous homens de cavallo hombro por hombro*;(...)»⁷⁵¹ ou da ilha de Dec, no lago Dambiã «(...) e tão grande q me affirmou o Governador della q *lavravão dentro quatrocentas juntas de bois.*»⁷⁵²

As dimensões totais do reino do Preste, suscitaram a curiosidade do nosso padre, que tenta a partir de estimativas variáveis, estabelecer um cômputo em léguas

⁷⁴⁵ « O assento desta Ambâ he em hus campos não muito chãos, porq tem muitos altos e baixos, e pera o Oriente como dous tiros de espingarda hus montes muito altos (...)A altura he tão grande q co dificuldade chegará funda, toda rocha talhada (...)» ,Pais, *op cit.*, Vol I, pp.70/71

⁷⁴⁶ Circuito real e a cerca de cortinas de algodão: « (...) se sustentão em varas mais altas q hu homem e a roda dellas fica hu campo de 40 lanças de largo cada hua de 15 palmos; (...)», *Ibd.*,p.136

⁷⁴⁷ Cataratas de Alatã: « (...) cae a pique por huas rochas , q terão d'alto quatorze braças; e será necessario funda pera chegar com pedra de banda a banda; (...)»,*Ibd.*,p. 216

⁷⁴⁸ *Ibd.*,p.214

⁷⁴⁹ *Ibd.*,pp.215/216

⁷⁵⁰ Sobre a fonte do rio Marâb «(...) está entre duas rochas, hua afastada da outra dezasseis covados, e de alto terão vinte. Como a agoa sae dentre ellas, vai por hua lagem cham 36 passos; e logo cai a pique por uma rocha(...)»*Ibd.*,p.225

⁷⁵¹ *Ibd.*,p.174

⁷⁵² *Ibd.*,p.232

e dias de caminho⁷⁵³, salvaguardando, no entanto a ideia da dificuldade da aferição exacta das dimensões do país, como nos afirma: « (...) ne ainda eu com estar quã poderei fallar mathematicamente nas distancias e situaçoens das terras, assi por não ter instrumentos ne cousa de q me ajudar (...); mas computando pouco mais ou menos pello q cõmummente costumão de andar em hum dia, colligirei as distancias com a maior probabilidade q puder.»⁷⁵⁴

É curioso denotarmos nesta passagem do discurso de Pais uma preocupação de precisão matemática e a necessidade de instrumentos de medição para a quantificação de dados que permitiriam ultrapassar o cálculo aproximativo e os dados empíricos, apontando para um novo tipo de mentalidade em que o conhecimento será pautado pelo experimentalismo e pelo quantitativo expresso em termos matemáticos⁷⁵⁵. Com efeito o P.e Pais lamenta a impossibilidade de localizar com exactidão as localidades etíopes pois, «(...)pera falar justam.te por graos, nem cá temos instrum.tos pera poder tomar altura, nem cousa em q o ver(...)»⁷⁵⁶. De qualquer forma estas considerações do P.e Pais são pequenos apontamentos entre uma forma de percepção ainda maioritariamente experiencialista e empírica.

No entanto, segundo de José Eduardo Franco é «De destacar nesta época [séculos XVI/XVII], o esforço da Companhia de Jesus em incrementar o ensino a matemática e de outras disciplinas afins.»⁷⁵⁷, contrariamente a uma velha imagem de bloqueio ao progresso científico que tem prevalecido até recentemente na concepção do ensino e da cultura da Companhia de Jesus.

Como Francisco Álvares também Pêro Pais indica com frequência estimativas numéricas, por exemplo referentes aos homens de armas da comitiva

⁷⁵³ Aferição das dimensões do país (tentativa) : de norte a sul, « Perguntei a muitos quantos dias serão de caminho, e achei muita variedade entre elles;», e interrogando o imperador e a corte « (...) fazendo conta cõ elles achou 45 dias de caminho; outros disseram q erão 50, q contados a 8 legoas q poderão andar cada dia, são 400 legoas, e se quisermos entender a 10 por dia (q conforme elles sinalavão a distancia , não o erão), então somarão 500. » Quanto ao sentido este/ oeste: « (...) dizem que serão trinta dias de caminho de huma parte a outra, q contados a 8 legoas , são 240. E se quizermos q tambem se contem a dez, então serão 300 legoas: E assi, quando alguns authores dizem q era tres meses e mais de caminho de hu extremo a outro (...), parece q entenderão das jornadas q faz o Preste João, quando caminha, q serão de tres ou quatro legoas; (...)», *Ibd.*, p.14

⁷⁵⁴ *Ibd.*, p. 14

⁷⁵⁵ Luís Filipe Barreto, *op. cit.*, p.192

⁷⁵⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p.217

⁷⁵⁷ O mesmo autor sublinha a importância da formação técnico/científica da *Aula da Esfera* do Colégio de Stº Antão e a importância deste tipo de saber para a sua actuação missionária. Além do mais «(...) a implantação multinacional da Companhia de Jesus permitia (...), através da sua rede de correspondência e de mobilidade dos seus membros, estarem informados e actualizados acerca das inovações científicas que iam surgindo pela Europa fora.(...)Disso mesmo é significativo exemplo o facto de os Jesuítas portugueses estarem a par das revolucionárias teorias de Galileu, bem como o facto da rápida introdução em Portugal do telescópio, pouco tempo depois de ter sido inventado em Itália.», iniciando a sua divulgação nos territórios ultramarinos. José Eduardo Franco, *O Mito dos Jesuítas*, Vol I, pp293/294

imperial⁷⁵⁸. Preocupa-se também com equivalências de valores, caracterizando a unidade de troca etíope: a pedra de sal,

«(...) cada hua tem oito dedos de comprido e dous e meio de largo pouco mais ou menos; (...) e com estas pedras se acha melhor o q querem, q com ouro em m.tas partes, e valem mais ou menos conforme a maior ou menor distância da parte onde se cortão (...). Aqui na Corte, onde vem de 16 ou 18 dias de caminho, 32 valem hu cruzado, e alguas vezes mais, e outras menos (...). O ouro dão por peso feito em pedacinhos, e o ordinario peso chamão Oquêa, q são oito venezianos de peso justamente; e mea Oquêa, e daqui vão diminuindo até peso muito pequeno (...)»⁷⁵⁹

Tal como em Álvares os produtos etíopes (especialmente as dádivas e os tributos pagos aos Imperador⁷⁶⁰) são constantemente avaliados na moeda lusa, entre eles os famosos cobertores de algodão, que também Francisco Álvares tinha salientado, e que segundo Pais «(...) são alguns tão bons, q custão dez Cruzados.»⁷⁶¹; ou as manilhas de ouro oferecidas aos grandes senhores da Corte avaliadas em duzentos ou trezentos cruzados⁷⁶².

Outra preocupação de Pais é de estabelecer uma equivalência entre as medidas etíopes e as peninsulares, quer seja no estabelecimento das distâncias: «Suas jornadas são curtas, mas quando lhes releva, as fazem não menos compridas como em espanha, e não falão por legoas; porq não dividem os caminhos com semelhante partição, senão por dias.»⁷⁶³; quer nas medidas utilizadas para os diversos produtos da terra: «Pera o algodão tambem tem seu peso; e os pannos q fazem delle, e as sedas e roupa q lhes vem de fora medem por covados; o mantimento, mel, e manteiga com certas medidas; (...)»⁷⁶⁴; o mel pago como tributo ao Imperador, «(...) dá quinhentos caloes[sic], q terá cada hu pouco menos da medida, q em Castella chamão arroba.» Já outro tipo de mantimentos apenas perfazem aproximadamente quatro *fanegas de castella*⁷⁶⁵.

⁷⁵⁸ «Muitas vezes desejei saber quanta gente limpa de guerra iria ordinariamente cõ o Emperador(q a outra cõ dificuldade se pode contar), e nunca me souberão dar rezão(...). Quanto a vez q eu vi mais, não cuido q passavão de quarenta mil (...)», *Ibd.*, Vol.I, p.135

⁷⁵⁹ *Ibd.*, p.182

⁷⁶⁰ *Ibd.*, p.236

⁷⁶¹ *Ibd.*, p. 211

⁷⁶² *Ibd.*, p.91

⁷⁶³ *Ibd.*, p.182

⁷⁶⁴ *Ibd.*

⁷⁶⁵ *Ibd.*, p. 237

São igualmente referenciadas notações precisas de tempo, quando envolvem episódios que podem ser correctamente balizados, especialmente os decorrentes da sua experiência pessoal: o dia, o mês e o ano, assim como intervalos de anos/meses/dias. Por vezes Pais indica também a data do calendário litúrgico: *dia da Ascensão*; dia de *Todos os Santos*, parecendo, no entanto preferir as indicações do calendário profano.

Encontramos em Pais a mesma “dicotomia” patente em Álvares no sentido de uma preocupação em descrever e precisar com recurso à medida possível e ao número, assim como à semelhança qualitativa. Nesta estratégia de descrição baseada na analogia, embora Pais se reporte a um horizonte comparativo um pouco mais vasto do que o do P.e Francisco Álvares, que consiste no conjunto da Península, com numerosas referências à sua Castela natal⁷⁶⁶, aliás já patente nas medidas indicadas, e a título mais alargado, à própria Europa.

Na verdade o universo referencial do autor é o europeu ou o conhecido dos europeus. É à fauna, flora e costumes europeus que Pais se reporta na descrição do que não tem equiparação na Europa ou partindo de possíveis analogias entre ambas as realidades. Por tal existe na Etiópia uma semente desconhecida na Europa, mas semelhante à linhaça⁷⁶⁷, tubérculos também desconhecidos, semelhantes a nabos⁷⁶⁸; outras sementes são semelhantes à mostarda⁷⁶⁹; por certas árvores sobe «(...) hua cousa como jazmim, q chamão endôd, seu fruto he como cachinhos de pimenta(...)»⁷⁷⁰. Um grande peixe pescado no rio é como o cação; as grandes aves da Lagoa de Dâmbia são comparadas a cisnes⁷⁷¹. Por outro lado os coelhos são diferentes dos de Espanha⁷⁷² e os cães mesmo os maiores, «(...) mas os q servem pera Çaçã não chegão aos galgos d' Espanha(...)»⁷⁷³, enquanto as perdizes são maiores que as europeias e existem rolas e corvos pretos semelhantes aos europeus⁷⁷⁴; o linho equipara-se ao cultivado em Espanha⁷⁷⁵ e «(...) os rabaos [sic] se come m.to bem; e ainda não queimam tanto como os de Portugal(...); e «(...) alhos há em grande

⁷⁶⁶ A cerca da igreja d Stª Maria de Sião em Aksum revela-nos «Hua cousa he digna de se advertir, q conforme a esta conta se começou a edificar a Igreja em honra da Virgem vivendo ainda a Senhora como a Capella del Pilar em Çaragoça de espanha.», *ibd.*, Vol.II, p. 126

⁷⁶⁷ *Vide, ibd.*, Vol. I, p.210

⁷⁶⁸ *Vide, ibd.*

⁷⁶⁹ *Vide, ibd.*, p. 290

⁷⁷⁰ *Ibd.*, p.72

⁷⁷¹ *Ibd.*, p. 204

⁷⁷² *Vide, ibd.*, p.72

⁷⁷³ *Ibd.*, p.196

⁷⁷⁴ *Vide, ibd.*, pp.203 e 204

⁷⁷⁵ *Vide, ibd.*, p.210

abundancia e cabeças tão fermosas, q não lhes fazem vantagem as melhores de Espanha.»⁷⁷⁶. Por sua vez os grandes senhores da terra, usam chapéus idênticos aos europeus mas “copiaram” os albornozes dos portugueses e usam cadeias de ouro idênticos aos comendadores de S. João; as mulheres nobres usam chapéu idêntico aos das portuguesas e o seu tom de pele é também comparado com os destas últimas⁷⁷⁷.

Entre a realidade portuguesa ou espanhola como referência, o P. Pais opta mais frequentemente pela última, com a qual se mostra mais familiarizado, como demonstra na seguinte passagem sobre a localização do mosteiro de Aleluia: «(...) podia dizer hu disparate tão grande como he, q do famoso mosteiro de Alleluya se descubra o monte de Amharâ; porq não he menos q dizer q da ribeira de Lisboa em Portugal se descobre Coimbra; *ou pera fallar das terras q tenho melhor vistas, q de Segovia se descubra el Alhambra de Granada.*»⁷⁷⁸

Porém, para lá do rigor e objectividade do seu espírito e do apego à verdade, Pais é um homem do seu tempo e um religioso da Companhia de Jesus. No seu historiar dos imperadores abexins e sua relação com os sucessos da missão católica e dos feitos dos portugueses nas terras etíopes, a narrativa de Pais assume frequentemente um conteúdo marcadamente religioso em prol do catolicismo, que comporta uma visão providencialista dos feitos e a introdução do milagroso. O episódio de D. Cristovão da Gama consubstancia esta interpretação, sendo o jovem Gama enaltecido como uma personagem de excepção no quadro dos objectivos portugueses e num sentido mais restrito, da própria Companhia. Ou seja, D. Cristovão da Gama torna-se um herói, ao protagonizar o resgate de uma cristandade desviada, sendo que o seu auxílio militar, ao preservar esse espaço religioso, o torna uma peça fundamental para o avanço proselitista da Companhia, assumindo ainda foros de santidade através do seu martírio. Desta forma os relatos milagrosos que rodeiam a morte de D. Cristovão são referidos e aceites pelo autor⁷⁷⁹ que ensaia a confirmação dos factos: «E perguntando eu agora a alguns frades por isto, me disserão q o ouvirão contar a outros mais velhos *por cousa m.to certa*; e *todas estas cousas atribuem a querer Deos honrara seu servo* e mostrar quanto lhe

⁷⁷⁶ *Ibd.*,p.213

⁷⁷⁷ *Vide, ibd.*,pp.167/168

⁷⁷⁸ *Ibd.*,pp.44/45

⁷⁷⁹ A fonte de água curativa no local onde D. Cristovão foi morto e a árvore voltada. *Vide, ibd.*,pp.269/270 e Cap. I, p.

agradou em sua vida e morte; e todos grandes e pequenos o tem e apregoão ate agora por *grande martir*; (...)»⁷⁸⁰.

O sucesso na batalha dos companheiros de D. Cristovão com os muçulmanos é atribuído à protecção divina, para sua glorificação, e mais especificamente por intercessão da Virgem da Piedade⁷⁸¹. Mais tarde o mesmo providencialismo será evocado quando da vitória do Imperador Suseneos sobre uma rebelião, apresentada como uma dádiva do Céu e milagre, face á disparidade das forças e ao facto de não terem existido baixas por parte das forças do imperador. A razão para tal é abertamente expressa: «Respondi q por tal [por milagre] o tinha eu tambem, e q o Snor o fizera pera mostrar o quanto lhe agradava o defender S. Mag.de as cousas da S.ta fee (...)»e por tal «(...) se podia ter por certo q Deos lhe quis dar a Coroa do Imp.o pera se servir d'elle em cousas tão importantes.»⁷⁸².

Outra personagem crucial para a justificação da presença jesuíta é a do primeiro Patriarca, D. André de Oviedo e todas as dificuldades que enfrentou, tornando-se assim uma figura tutelar da missão.O seu exemplo assume um carácter de santidade pelas provas de abnegação e persistência que deu em vida, originando uma hagiografia milagrosa de Oviedo, iniciada ainda em sua vida (embora estando já desterrado em Fremona) e uma apologia da santidade da sua vida em condições tão difíceis, que lhe teria conferido até dons de profecia. Após a sua morte numerosos milagres são-lhe atribuídos, especialmente salvamentos da missão católica em casos de levantamentos militares ou invasões de gentios. A pobreza da sua vida e o empenho no seu trabalho de apostolado, mesmo contra a opinião do Papa Pio V, levam Pais a compará-lo a Cristo, na prossecução do objectivo que os Padres da Companhia tinham por sagrado: «(...)cõ grande perseverança, pedindo a Nosso Snor em suas Oraçoens tivesse por bem de os liviar, e dar graça com q deixassem sua perfídia e se sojeitassem a santa Igreja Romana.»⁷⁸³. Também à sepultura de Oviedo são atribuídas qualidades milagrosas, sublinhando Pais o culto da figura do Patriarca e a apologia da sua vida como modelo cristão.

O mesmo sucede com os restantes padres dessa primeira missão, que lá permanecem e morrerão em condições adversas. O superior da missão após a morte

⁷⁸⁰ *Ibd.*,p. 270

⁷⁸¹ «(...) e foi cousa maravilhosa, q com ser esta batalha tão travada(...)não morreo nenhu. Por onde se pode ter por sem duvida q a Virgem da Piedade (a quem antes de entrar na batalha se encomendarão) a teve delles, e lhes alcançou do Pay das misericordias esta tão grande.», *Ibd.*, p. 278

⁷⁸² *Ibd.*, Vol. II, pp. 51/52 e Vol.III, pp.79

⁷⁸³ *Ibd.*,p.333

de Oviedo, Manuel Fernandes, é outro exemplo de apostolado, sendo-lhe atribuído o dom da premonição⁷⁸⁴. Outro membro da missão referido por Pais, Francisco Lopes, além de exemplo da vivência cristã, teria um aura de santidade no final de sua vida, rodeando-o um resplendor de graça divina que provocava o respeito do imperador Malâc Çagued, desfavorável aos católicos, segundo testemunhas daqueles tempos.⁷⁸⁵

O culto dos mártires é também exemplificado pelas tentativas de recuperação dos restos mortais de D. Cristovão da Gama pelo P.e Pais e de Abraham de Georgis pelos P.es Luís de Azevedo e Lourenço Romano ao aportarem a Maçuâ, ambas em vão⁷⁸⁶.

Esta espécie de dimensão profética dos feitos jesuítas na Etiópia é coadjuvada por uma série de histórias edificantes em prol da fé cristã e/ou católica, que o autor vai coligindo ao sabor da narração. Assim durante a primeira viagem para a Abissínia, Pais narra a história da donzela entrevada de Ormuz como exemplo de abnegação cristã e de confiança na fé⁷⁸⁷; quando do seu cativeiro em Heinan, Pais trancreve a história contada pela mulher de Pegu, também cativa, sobre a persistência dos portugueses e em particular de um negro, na sua fé e no seu martírio como exemplo de constância; ou a profecia do castigo divino proferido pelo jovem sírio, criado dos padres, quando do seu interrogatório e tortura pelos turcos, profecia que se teria concretizado, suscitando o respeito dos seus captores; ou ainda o relato do jovem cristão, que renegara sua fé e encorajado pelos padres, regressa à Índia, onde retoma a religião cristã e se dedica à penitência, como testemunha Pais quando finalmente é libertado do seu cativeiro⁷⁸⁸.

A eficácia/poder da fé católica é comprovada em vários episódios, fosse a protecção contra as pragas de gafanhotos, pela oração e benção com água benta; fosse o casamento do etíope renitente com a sua amante graças à inspirada predica do P.e Pais⁷⁸⁹.

Decorrente da estratégia que preside à obra, a justificação da presença jesuíta na Etiópia, as dificuldades da missão da Companhia não deixam de ser devidamente apontadas, comprovando a dedicação e esforço dos seus membros. É portanto

⁷⁸⁴ *Ibd.*, p.343

⁷⁸⁵ *Ibd.*, pp.345/347

⁷⁸⁶ *Vide ibd.*, Vol. I, p. 270; Vol. II, p. 413; Vol. III, p.65

⁷⁸⁷ *Vide, ibd.*, Vo. II, pp.376/377

⁷⁸⁸ *Vide, ibd.*, pp. 384/385 , p. 388 e pp.395/397

⁷⁸⁹ *Ibd.*, Vol. III, pp.30/32, 38, 72/74 e 165/166

necessário sublinhar, sem deixar margem para dúvidas, o carácter cismático do cristianismo abexim, opondo-lhe por outro lado, o martirológio e a esforçada acção dos missionários. O P. Pais afirma quanto à «(...) obediencia à Stª Igreja Romana, digo q prouvera a divina misericordia q assi o fizerão e guardarão, porq não se perderão tantos milhares de almas como por falta disto até oje se perderão e se lhe hãode perder, se sua divina magestade não aplacar sua ira; e lhes der particular graça pera q se sojeitem à sua Stª Igreja Romana e à doutrina q ella ensina.»⁷⁹⁰

Todavia em relação ao imperador coevo, justifica-se plena e entusiasticamente o empenho da missão, pois em prol do catolicismo «Tambem o Emp.or faz m.to procurando sempre acreditar nossas cousas e affeioar os seus a ellas, sem perder nunca ocasião em q não as louve e declare da man.ra q lhas temos ensinado (...)»⁷⁹¹. De facto se os obstáculos fortalecem a fé e a vontade dos missionários, é, por outro lado, necessário enviar sinais positivos para a Europa, mas igualmente procurar apoios para a estratégia inaciana, centrada na influência junto aos governantes, claramente exposta nos objectivos relatados pelo próprio Pais acerca da correspondencia de Filipe II⁷⁹².

Justificar a presença da sua missão em território etíope; sublinhar os sinais de esperança numa conversão próxima, graças á sua influência e predisposição do Imperador e ao mesmo tempo sublinhar o muito que ainda era necessário fazer para a total redução da Etiópia ao catolicismo, tais parecem ser os objectivos da obra do P. Pêro Pais, dentro da estratégias da Companhia de Jesus. Todavia sob o pano de fundo da problemática religiosa coeva, Pais procederá a toda uma descrição do território e gentes da Etiópia, abordando diversos tópicos ao retratar a realidade dessa região africana.

Serão estes tópicos, presentes nos autores, que iremos analisar no próximo capítulo, para que, conduzidos, também nós, pela mão de ambos, conheçamos a Etiópia que se prontificaram a revelar-nos através do seu olhar. E nas suas descrições, a despeito «(...) de todas as condicionantes decorrentes dos objectivos previamente traçados e da preocupação quase obsessiva em os atingir, não raros são

⁷⁹⁰ *Ibd.*, 110/111

⁷⁹¹ *Ibd.*, p. 17

⁷⁹² «Em a prim.ra minção,(...) escrevi eu a S. Mag.de o q nelle tinha passado, e o estado em q estavam as cousas, e como o novo Emp.or era homem de tam bom entendim.to e partes, q se podia esperar todo o bom successo acerca da redução de seu Imp.o(...), e gosto as cousas de nossa s.ta fee e mostrava affeição a ellas; pello q sua mag.de determinou de lhe escrever(...); pera cõ isto o affeioar mais e obrigar a q tivesse cõ elle amizade, e correspondencia(...), cousa tão importante pera o q se pretende, q sem ella mal se pudera nunca a affeioar.», *Ibd.*, Vol. III, pp.194/195

os momentos em que o viajante se liberta dessa tensão e se deixa fascinar pela novidade do mundo envolvente.»⁷⁹³. Procuraremos pois, acompanhá-los nesse fascínio.

⁷⁹³ Horácio Peixoto de Araújo, « O fascínio do diferente nos relatos de viagens pelo Oriente» *in*, Fernando Cristovão (coord.) *O olhar do Viajante- dos navegadores aos exploradores*, pp.39

CAPÍTULO III- No Reino do Preste: A Historicidade dos Olhares na Verdadeira Informação... e na História de Etiópia

«(...) os mais cortesãos , nobres e poderosos, geralmente fallando, são os q chamão Amharâs; Os demais tem muitos e diferentes nomes conforme a suas familias e as Provincias onde moram, pello que em só hu reyno há gente de muy diferentes nomes; com tudo há hu nome quasi geral pera toda a terra e os moradores della q he Habêx (...). Isto não somente entre si huns aos outros, mas principalmente os Mouros e Turcos à terra e aos moradores chamão Abêx, posto q (...) quando fallão de soo a terra, todos a chamão Ethiopia, e este nome he mais proprio, e assi os naturais nas cartas e livros q escrevem deste só usão(...)», Pêro Pais, *História de Etiópia*

As obras analisadas neste trabalho têm, como já vimos, um conteúdo vasto e heterogêneo que alia a componente de descrição geográfica à da história natural e da abordagem antropológica. Todos estes elementos são parte integrante do que na época constituía o «historiar exemplar», segundo os modelos ainda vigentes das obras clássicas e medievais. A descrição das terras e especificação das suas demarcações, suas características físicas e costumes do seu povo fazem parte

integrante tanto do relato das viagens e peripécias da embaixada ao *Preste*, no caso de Álvares⁷⁹⁴, como no historiar dos progressos do catolicismo e a actuação da Companhia de Jesus na Etiópia, no caso de Pais.

Encetaremos agora o percurso pela Etiópia historiada nas obras dos padres Francisco Álvares e de Pêro Pais. O nosso propósito, num primeiro passo, é acompanhá-los através do território que procuram delimitar e da paisagem que percorrem e os cerca, vislumbrando os seus habitantes, seus usos e costumes e suas formas de organização social. Pretendemos salientar os tópicos abordados pelos autores e sua convergência ou afastamento confrontando os textos., segundo o sistema de referências culturais já abordadas, e que irão moldar o seu encontro com uma *outra* realidade tanto geográfica, natural e humana, como cultural e social

Seguidamente pretendemos apreender a sua visão da alteridade etíope coeva, para compreender a valoração de uma diferente realidade e percepção de uma continuidade ou uma evolução, do ponto de vista diacrónico, na matriz descritiva de ambos os autores.

1. Descrições da Etiópia nas vozes de Francisco Álvares e Pêro Pais

Parafraseando Ana Paula Avelar, diríamos que depois da *leitura* «(...) importa desvendar os olhares dos portugueses(...). A chegada [a diferentes realidades] levou ao confronto com a novidade e com a necessária apreensão do *Outro*, iniciando-se um processo de construção de uma imagem(...)»⁷⁹⁵ na *escrita* dos autores. Mas, segundo mesma autora, esta ideia de visão do *Outro* a partir do *Eu*, num processo de construção de uma alteridade, possibilita ao mesmo tempo uma forma de acesso ao real, ultrapassando a simples noção de construção⁷⁹⁶. Como refere, «Partimos do princípio de que a associação do real com a sua representação, a sua imagem, oferece o quadro formal não só da *inteligibilidade* mas também da *pensabilidade* do

⁷⁹⁴ Segundo Luís Filipe Barreto, a obra de Francisco Álvares, caracteriza-se por possuir «(...) uma dominante narrativa de viagem terrestre que em constante metamorfose acaba por ser também um tratado local descritivo e mesmo uma geografia historizada, em especial ao longo da primeira parte(...)», «As grandes obras portuguesas de carácter geográfico» in, *Portugal no Mundo*, Vol. III, Lisboa, Alfa, 1989, p.57

⁷⁹⁵ Ana Paula Avelar, *op. cit.*, p. 117

⁷⁹⁶ *Vide, ibd.*, p. 117

mundo.»⁷⁹⁷ Por outras palavras, impõe-se uma dialéctica entre o familiar /conhecido e o diferente/exterior ao narrador. Ou ainda, é necessário descrever o exótico, que a nível literário Maria Leonor Carvalhão Buescu apodou de «estética do diverso»⁷⁹⁸, como forma de integração de uma outra realidade⁷⁹⁹ presente na abordagem historiográfica portuguesa, coeva «(...) que remete para a apropriação de marcas de exotismo de algum modo vinculado a uma antropologia nascente(...)»⁸⁰⁰.

Entremos então no *reino do Preste* acompanhando os nossos autores. E começaremos por segui-los na tentativa de uma compreensão global do território, seus limites e regiões com que confinam; abordaremos seguidamente o espaço natural que o caracteriza, tendo em conta a orografia, os rios e lagos, o clima, a flora, a fauna e a riqueza mineral. Depois, já no domínio do humano e social, analisaremos os habitantes da Etiópia, nas suas características físicas, aparência, vestuário e natureza, e a sua vivência em sociedade, tendo em conta os espaços humanos em que se movimentam (religiosos e civis), a forma de habitação e objectos que possuem; os hábitos alimentares; indícios de formas de sociabilidade e de cortesia; o modo de deslocação; os hábitos matrimoniais e práticas funerárias. Finalmente consideraremos a organização da sociedade etíope a nível político, económico e religioso e as características da sua cultura.

⁷⁹⁷ *Ibd.*, p.127

⁷⁹⁸ Maria Leonor Carvalhão Buescu, «O Exotismo ou a “Estética do Diverso” na Literatura Portuguesa, p. 567

⁷⁹⁹ «(...)o exótico é o diferente e é também diferente do fabuloso, do mítico e do fantástico, porque infixado no real. Pressupõe uma certa atitude mental, uma sensibilidade particular no contexto de uma viagem ou de uma permanência num algures alheio, ao recolher vivências e imagens recorrentes; ao modelar o colectivo através de um registo diferencial, sujeito, em maior ou menor grau, a uma manipulação artística dos dados da realidade(...)», *ibid.*,

⁸⁰⁰ *Ibd.*,p. 569

1.2- Da Configuração Geográfica

«Muytas e grandes differenças tem os authores entre si sobre quantos, e quais sejam os Reynos, e Provincias, q se comprehendem debaixo deste nome Ethiopia;(...)»

Pêro Pais, *História de Etiópia*

A *Etiópia*, segundo o grego antigo significava «a terra dos homens de rosto queimado» ou seja dos «homens negros»⁸⁰¹. Sob o nome de Etiópia designava-se todo o território para lá das regiões africanas dominadas pelo Islão, ou seja, confundia-se com a África sub-saariana de acordo com a tradição da geografia antiga de autores como Pomponio Mela e Solino, que influenciarão as concepções medievais patentes por exemplo em Stº Isidoro. A influência desta corrente geográfica fazia-se ainda sentir no século XVI⁸⁰². Segundo as palavras de Luís de Albuquerque, «(...) uma tradição geográfica estabelecida desde os primeiros séculos da era cristã dava o nome de Etiópia a uma larga região que se estendia do Atlântico à contracosta; os seus limites setentrionais seriam, de ocidente para nascente, a Mauritânia (prolongada até ao rio dos Negros [o Nilo]), a Núbia e o Egipto.»⁸⁰³, englobando as regiões a sul do Nilo e o local das suas misteriosas nascentes.

A redescoberta de Ptolomeu de Alexandria (séc. II d.C.) e da sua *Cosmografia*, recuperada na Itália do séc. XV (publicada pela primeira vez em Vicenza em 1475), abala as convicções desta geografia antiga e medieval, assente na

⁸⁰¹ *Etiópia* é o nome utilizado pelos gregos para a designação da África Negra, adoptado igualmente pelos povos autóctenes nos primeiros séculos cristãos. Nas línguas semitas o termo para o reino cristão copta é *Habbas*, de onde provém o etnónimo português *abexim* (do árabe *habxi*) a partir do qual se constrói o topónimo *Abexia* ou *Abexina*, existindo já uma forma latina, *Abássia*, utilizada especialmente por eruditos, de onde derivará o termo *Abyssinia*, utilizada na segunda metade do século XVI. Ambos os etnónimos e topónimos são utilizados na época, embora o termo *Etiópia* seja especificado com os termos *Oriental* ou *Alta*. O título *Terra/Reino do Preste João* permanecerá como termo corrente até finais de seiscentos. Cf. Luís Filipe Thomaz, «Abexins, Abássia, Abissínia e Etiópia» in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Luís de Albuquerque (dir.), Vol. I, Lisboa, Caminho, 1994, p.7e José Pedro Machado (coord.), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, s. d. [1996]

⁸⁰² Vide, Luís de Albuquerque, «A Localização da Etiópia» in, *Introdução à História dos Descobrimentos*, pp.170/179

⁸⁰³ *Ibd.*, p. 172

noção de uma *oikoumenê*, identificada com a *christianitas*, que se restringia a um bloco continental setentrional englobando a Europa, parte da Ásia e da África, rodeado de mar, não ultrapassando a linha do Equador⁸⁰⁴. Na sua obra, Ptolomeu contraria a crença de uma terra não habitável para além do Equador, apontando para um prolongamento meridional do continente africano e identificará o sul de África com a *Etiópia*. Além do mais situará as lendárias nascentes do Nilo nas *Montanhas da Lua* no coração dessa região⁸⁰⁵.

Nesta vasta zona que se estende do Atlântico ao Índico e pelo interior do continente, distinguem-se, tal como no caso da Índia, diferentes regiões: a *Etiópia Ocidental* ou *vel-Barbaria* ou ainda *Hespéria*, ocupada por povos em estado selvagem e a *Hespérida* ou *Etiópia Oriental*, onde se situaria, algures, o reino do magnífico *Preste*⁸⁰⁶. Por vezes as *Etiópias* são três: a *Oriental*, a *Austral* e a *Ocidental*. A sua proximidade com a Índia leva a que os seus habitantes sejam também designados por *índios*. Estas concepções guiam ainda os navegadores portugueses. Por exemplo Duarte Pacheco Pereira distinguirá três Etiópias: a *Superior/ Alta* identifica-se com a Índia; a *Inferior/ Baixa* subdivide-se por sua vez na Guiné e na região a sul do Egípto⁸⁰⁷.

Com efeito, o conhecimento do interior meridional do continente africano permanece ainda largamente subsidiário da geografia ptolomaica, continuando a seguir-se as indicações desse autor quanto à configuração dos rios e outros acidentes geográficos e a sua divisão em várias regiões (a Barbaria, a Numídia, a Líbia e a Etiópia).

A vasta zona continental designada por Etiópia será progressivamente delimitada e identificada com regiões como a Guiné, o Congo, o Monomotapa e ainda a Etiópia sobre o Egípto, na parte oriental de África, que se estenderia até ao sul do continente.

⁸⁰⁴ Para lá desta linha desenhar-se-ia um continente no hemisfério meridional, a terra austral, onde habitariam os antípodas, seres fabulosos que já não pertenceriam à espécie humana. Mas, por esta concepção ser contrária à teologia cristã, que defendia a universalidade da palavra divina transmitida pelos Apóstolos, Stº Agostinho e outros pensadores cristãos rejeitam a existência dos antípodas e a possibilidade de existência física na zona meridional. Por outro lado acredita-se na existência de comunidades cristãs perdidas do contacto com a *Christianitas*, cada vez mais restrita à Europa. Vide W.G.L. Randles, «Quelques Modifications apportées par les grandes Découvertes à la Conception médiévale du Monde», *Revista da Faculdade de Letras*, 3ª série, nº 3, Lisboa, Faculdade de Letras, pp. 65-88

⁸⁰⁵ « (...) Ptolomeo (...) anotó la teoría de el Nilo nacía en dos lagos en el interior de África, al pie de una cordillera de nieves perpetuas que llamó “montañas de la Luna”, en razón del fulgor que despendían el hielo e la nieve cuando daba sol sobre los cumbres.», Javier Reverte, *Dios, el Diablo y la Aventura.- La historia de Pedro Paez...*, 2ª ed., Barcelona, Debolsilho, 2004, p.194

⁸⁰⁶ Cf., Luís de Albuquerque, *op cit.*, pp. 170/179 e «Etiópia» in, *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, p. 477

⁸⁰⁷ V. M. Godinho, *op cit.*, p. 173

Neste contexto entende-se a importância do relato da viagem de 1520, de Francisco Álvares e das informações que veicula para os conhecimentos geográficos europeus sobre África. Sendo o primeiro europeu a penetrar no reino etíope e empreendendo um longo percurso no seu interior, irá anotando cuidadosamente as terras e os acidentes geográficos por onde passa a caminho da corte do *Preste*, designando as províncias ou senhorios em que se integram.

No final da Parte I da sua obra preocupar-se-á em tentar estabelecer os reinos e senhorios que compõem o domínio do *Preste João* e os seus reinos limítrofes, afirmando «Estas são as confrontações que eu pude saber dos reinos e senhorios do Preste João e deles soube de ouvida e os mais poucos de vista.»⁸⁰⁸, apontando para a imensidão do território.

A consideração do território sob o senhorio do Imperador da Etiópia pelos autores analisados engloba, efectivamente, não só as regiões que conhecem *in loco*, como a preocupação em enumerar as diferentes terras compreendidas no Império etíope, tanto a nível geográfico como administrativo, e de delimitar as suas fronteiras, à luz do conseguem apurar.

Seguindo o percurso da missão portuguesa na narrativa de Álvares, constatamos a divisão do território etíope em reinos e estes, por sua vez, numa espécie de senhorias e capitánias, alguns deles percorridos e visitados por Álvares durante a sua estadia na Etiópia, outros referidos a partir de informações que recolheu.

Começemos por acompanhá-lo no seu percurso desde o porto de Maçuá, na costa etíope do Mar Vermelho, de onde a embaixada portuguesa avista o primeiro local sob a senhoria do *Preste*, «(...) o lugar de Arquico era de cristãos e era de um senhor que se chama Barnagais súbdito do Preste João(...)»⁸⁰⁹. A partir deste lugar, a expedição interna-se em território africano, encetando uma extensa viagem por terra.

A embaixada entra, como já referimos, no reino do *Barnagais* ou *Senhor do Mar*, que se situaria para Levante, nas costas do Mar Vermelho. O autor, nomeia algumas capitánias sob a jurisdição desse senhor, que se localizariam «(...) para a parte do Egipto e Arábia(...)»⁸¹⁰ e que fariam fronteira com o Egipto. Daí até

⁸⁰⁸ Álvares, *op. cit.*, p. 363

⁸⁰⁹ *Ibd.*, pp.10/11

⁸¹⁰ *Ibd.*, p. 62

Suaquém, onde começava o Egipto, localizavam-se as terras de dois senhores, de Dafela e de Canfela, também eles súbditos do *Barnagais*.

No seu caminho, a embaixada passa por Baruá (Debarwa), a cabeça desse senhorio; no reino de Tigrei aproxima-se de Aquaxumo (Aksum), antiga cidade da dinastia aksumita. Estancia num lugar de mouros, Manadelei (Makalle). Penetra em seguida no reino de Angote, que tem fronteiras com terras de mouros a Levante. Nesse reino situa Álvares a *serra dos Infantes* onde eram colocados os familiares do Preste. Também ali se localizariam as famosas igrejas monolíticas de *Lalibela*. A oeste desta região situava-se Abugima, na terra de Abimerás, senhorio atribuído a *Zagazabo*⁸¹¹.

Depois alcançam o reino de Amara, onde continuam a sua progressão através de grandes montanhas e ínvias passagens como a de *Aquia Fagi*, de tal forma íngremes, cuja tradução seria, segundo o autor, *Morte de Asnos*⁸¹², chegam finalmente às Portas de Badabaxa ou *Terra Nova*⁸¹³, que marcavam a divisão entre os reinos de Amara e de Xoa. Neste último reino encontrarão finalmente o arraial do *Preste*. Daí retornarão com a corte pelas anteriores passagens para o reino de Amara, onde o monarca etíope instala a sua corte em finais de Dezembro de 1520, junto à igreja de *Macha Celacem* ou da Trindade⁸¹⁴.

São ainda referidos os reinos de Fatigar, a sudeste, e mais para o interior o reino de Oija, onde se fazia a festa do *tabuquete*, ou dos reis, em que celebram o baptismo⁸¹⁵, e onde o P. Álvares também terá estado.

Para sudoeste, refere Francisco Álvares o reino de Gorage, onde teria passado um período de Quaresma acompanhando a corte ali estacionada. Segundo ele localizar-se-ia, «(...) no extremo de uma terra de gentios que se chamam gorages(...)»⁸¹⁶. Também a Oeste de Xôa, e provavelmente a Norte de Gorage, situava-se o distante, mas fértil reino de Damut.

Continuando a progressão geográfica, agora para noroeste, refere-nos Francisco Álvares, o reino de Gojame, que em grande parte teria pertencido à rainha Helena. A norte deste reino fica o reino de Bagamidri, segundo o autor, o maior da terra do Preste, confinando a norte com as fronteiras do reino de Amara, e ainda

⁸¹¹ *Vide*, Cap.II,

⁸¹² *Ibd.*,p.169

⁸¹³ *Ibd.*,p. 170

⁸¹⁴ *Vide, ibd.*,p. 246

⁸¹⁵ *Ibd.*,p. 337

⁸¹⁶ *Ibd.*,p. 305

com os limites do reino de Angoir (Angote) e do reino de Tigré por «mais de duzentas léguas»⁸¹⁷.

Quanto à delimitação do reino etíope, informa-nos o P.e Álvares a partir do seu ponto de entrada, Maçuá, no Mar Vermelho, que logo a sul se encontram terras de «mouros alarves»⁸¹⁸ e uma sucessão de senhorios mouros ao longo da costa até ao Golfo de Adem, que se estendem para o interior, fazendo fronteira com os territórios etíopes, aproximadamente a sudeste. De facto, os reinos do Preste ali situados estão rodeados de reinos e senhorias muçulmanas. Assim o refere Álvares a propósito de um encontro com o senhor de *Balgada*, no reino de Tigrei. Este sublinha «(...) as guerras que êles tinham com os mouros que partiam suas terras de contra o mar e que nunca cessavam de guerrear (...)»⁸¹⁹. Com efeito, nesta região situavam-se vinte e quatro senhorias mouras, de Doba «(...) mui perigosa terra de mouros que sempre estavam de guerra.»⁸²⁰, afectando especialmente as fronteiras do reino de Angote, onde se verificam frequentes assaltos e incursões mouras, com retaliações duras⁸²¹. Também a Capitania de Janamora, sofre frequentes ataques, nos quais são queimadas as casas e igrejas e o gado roubado. Por tal, afirma o autor que são seus habitantes bons guerreiros «(...) porque sempre tem o olho sôbre o ombro.»⁸²².

Ainda para Levante, mais precisamente «No meio do reino de Adel mais para o sertão começa o reino de Adea que é de mouros e são de países sujeitos ao Preste; (...)»⁸²³. No meio do reino de Adea, para poente, iniciam-se territórios de gentios «(...) que não são reinos e são nas cabeças dos reinos e senhorios do Preste (...)»⁸²⁴. O primeiro é a terra de Ganze, habitada por gentios e cristãos; segue-se a grande senhoria de Gamu; ambos fazem fronteira com os reinos do Preste de Oija e Xoa.

A sul dos territórios do Preste situam-se terras de gentios, que habitam o reino de Damute. A sul deste reino situar-se ia o reino as amazonas, «se as aí há»⁸²⁵, como afirma cepticamente Francisco Álvares.

⁸¹⁷ *Ibd.*, pp. 361/362

⁸¹⁸ *Ibd.*, pp. 355

⁸¹⁹ *Ibd.*, p. 107

⁸²⁰ *Ibd.*, p. 118

⁸²¹ «(...) achámos as cabeças [de mouros] penduradas nas árvores sôbre a estrada (...) e havíamos mêdo e nojo de passar por baixo delas.» *Ibd.*, pp. 116/117

⁸²² *Ibd.*, p. 122

⁸²³ *Ibd.*, p. 357

⁸²⁴ *Ibd.*, pp. 357/358

⁸²⁵ *Ibd.*, p. 358

A oeste ficam terras de povos gentios como os *cafates*⁸²⁶, *aganos*⁸²⁷ e outros, além de tribos muçulmanas, a noroeste, que ocupam as regiões semi-desérticas do que será hoje o actual Sudão. Por sua vez o Norte da Etiópia confina com as terras da Núbia, para lá das quais está o fértil vale do Nilo.

Entre a disparidade de povos e suas formas de inclusão nos senhorios do Preste e a imprecisão na delimitação do território, continua a vigorar no relato de Álvares, o desconhecimento da extensão completa do império Abexim tanto para sul como para oeste e a sua situação exacta no continente africano, pelo que este autor mencionará ainda uma certa proximidade com a África Ocidental, quando refere a utilização de sal etíope como moeda nos reinos limítrofes dos mouros e gentios, alcançando, esse tráfico, o reino africano de Monomotapa⁸²⁸.

Aproximadamente um século mais tarde, Pêro Pais ainda se reporta ao conceito alargado do território designado por Etiópia que vigorava na Europa, advertindo: «(..) porq como este nome Ethiopia seja tão lato, (...) compreende m.tas outras terras e maiores q as q senhorea o Preste João não se segue, q por nomearem Ethiopia se entenda precisamente das terras do Preste João(...)»⁸²⁹. No entanto as suas noções da configuração do continente africano parecem mais precisas do que as do clérigo quinhentista. Por tal corrige, em várias passagens, concepções que circulam ainda na Europa, como a da proximidade de ambas as costas do continente africano, acerca da qual afirma: «Ne são tão vizinhos os Reynos de Monomotapa e Congo (...); antes he tão grande a distancia q não somente não tem comunicação co elles, mas ne ainda lhe sabem o nome.»⁸³⁰; ou a ideia de um rio, que nascendo na Etiópia, desaguaria no oceano Atlântico, perto de Cabo Verde, acerca do qual Pais afirma, ser:«(..) hu absurdo e impossibilidade tão grande(..) pellos m.tos e grandes reynos e Provincias incognitas, e nunca ouvidas em Ethiopia, q estão entre ella e cabo Verde; (...)»⁸³¹.

No entanto, e face ao desconhecimento do interior do continente e de sua real extensão, uma vez que as informações ao alcance dos conhecimentos dos portugueses e europeus sobre a geografia de África são de carácter parcelar, seguindo

⁸²⁶ *Ibd.*, p. 360

⁸²⁷ *Ibd.*, p. 362

⁸²⁸ Álvares, *op. cit.*, p.108

⁸²⁹ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p.148

⁸³⁰ *Ibd.*, Vol. I, p.213

⁸³¹ *Ibd.*, p.225

o ritmo das zonas costeiras visitadas, há uma ideia que perdura: a de uma possível ligação por terra aos portos da costa oriental africana do Índico, de fácil acesso aos portugueses. Esta rota evitaria o “anel” turco e muçulmano no Mar Vermelho e todas as dificuldades e perigos inerentes a este caminho para a Etiópia.

Esta ideia tomou forma em 1613, quando o imperador Susenios/ Seltan Çaguêd decidiu enviar uma embaixada a Filipe III⁸³² através de uma rota continental que pretendia alcançar a partir do sudoeste do seu reino, o estabelecimento português de Melinde⁸³³, seguindo daí para a Índia e Europa. Assim em Março desse ano parte do reino de Dambiâ uma expedição encabeçada pelo embaixador Fecûr Egzî, convertido ao catolicismo, acompanhado pelo P.e António Fernandes, membro da missão. A expedição atravessou o sul da Etiópia: partindo do reino de Gojâm, atravessou o Nilo Azul e penetrou no reino limítrofe de Nareâ, devendo dali seguir caminho, atravessando uma enorme extensão de terra desconhecida⁸³⁴. De facto, esta embaixada não logrou alcançar os seus objectivos, regressando um ano e sete meses depois, mas permitiu aumentar o conhecimento dos territórios africanos a sul da Etiópia. É provável que a afirmação de Pais⁸³⁵, «(...) Moçambique está muito longe daquela terra, e há no meio, segundo dizem, tantos desertos, e gentes tão incognitas, que não tem comércio com Moçambique, mas parece que ne o podem ter, ainda que queirão.»⁸³⁶, advinha das informações obtidas com a expedição do seu companheiro

Pais recusa igualmente a proximidade com o sul do continente africano (Cabo da Boa Esperança)⁸³⁷ com base no desconhecimento dos próprios habitantes para lá dos limites do império, onde «(...)há matos, e desertos infinitos habitados de feras, que se não podem passar(...)»⁸³⁸.

⁸³² Vide, Cap.II,

⁸³³ Desejando o Imperador enviar um embaixador ao Papa e ao Rei e «(...) vendo que não o podia fazer por mar, por causa dos Turcos, determinou de o fazer por terra para a costa de Melinde, que he de Portugueses; por que conforme as enformações que deste caminho lhe derão, tinha por muito provável a passagem(...)», Pais, *op. cit.*, Vol. III, p. 197

⁸³⁴ São no entanto advertidos no decorrer da viagem « (...) foi falar com o P.e hu homem natural daquela terra, que tinha andado em Castella e se embarcou em Portugal para a Índia e depois passou cá com intento de abrir caminho para Angola, e lhe disse que hia morrer sem proveito; por que de nenhuma maneira podia passar por ali a costa de Melinde(...)», *Ibd.*, Vol. III, p.211

⁸³⁵ Por sua vez em 1624, o P.e Jerónimo Lobo, tentou o itinerário inverso, partindo de Melinde com o fito de alcançar a Abissínia por terra, percurso que igualmente se gorou., Vide, Kurt Krause, «Os Portugueses na Abissínia» in, *Boletim da sociedade de Geographia de Lisboa*, Nºs 11-12, 31ª Série, Lisboa, Novembro/Dezembro de 1913, pp. 382/383

⁸³⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 228

⁸³⁷ «Isto diz o Author, mas tudo he muito fora de caminho, e mostra bem que pouco sabe os limites das terras do Preste João: (...) e muito menos senhora os reynos que diz que o Cabo de Boa Esperança, por que o derradeiro reyno de seu Imperio para a banda de Moçambique he o de Nareâ e de Gojâm ao cabo delle se pode chegar (...), e dali a Moçambique são tão grandes os desertos e tantas as terras de Cafres não conhecidas (...), que não somente não tem trato com ellas, mas segundo dizem, nem ouvirão nunca seu nome; (...)», *Ibd.*, p.241

⁸³⁸ *Ibd.*, Vol. II, pp. 214/215

A preocupação em delimitar e especificar os senhorios do chamado *Preste* é igualmente uma preocupação do P. Pais, de que se ocupa logo no início da sua obra:

«Tratando pois de só esta parte, q senhorea o Preste João, sua compridão corre de norte a sul, e toda ella está posta entre os Tropicós debaixo da zona torrida; e começa de perto de Çuaquêm de uma terra q se chama Focâi; e vai discorrendo pera o sul até a terra q chamão Bahâr Gamô; (...) Sua largura, por onde a tem maior, começa do extremo da Provincia de Bur, de uma terra q se chama Hazô, q está depois de entrar as portas do estreito do Mar Roxo, e vai discorrendo quasi pera o Essudueste atee uma terra , q chamão Ombareâ (...)»⁸³⁹

Passa depois a enumerar um conjunto de trinta e cinco reinos e dezoito províncias segundo uma lista obtida junto dos secretários do Imperador, embora em relação aos primeiros o autor afirme que muitos talvez não mereçam essa designação⁸⁴⁰. No entanto não se detém numa descrição pormenorizada dessas regiões nem nos elucida sobre a diferença entre reinos e províncias.

A sua enumeração de regiões é difícil de localizar na totalidade, embora muitas constem do Mapa incluído na obra do P.e Manuel de Almeida, impresso na obra editada de Baltasar Teles⁸⁴¹. E, apesar da diferente grafia utilizada, é possível identificar alguns, provavelmente os reinos nucleares do Império etíope, com os reinos já mencionados por Francisco Álvares.

Alguns reinos não parecem constar na sua lista (que muitas vezes não se coaduna com as referências aos senhorios do monarca etíope ao longo do seu texto), como é o caso do reino mouro de Adel, tão referido pelo seu antecessor, e ao qual também Pais aludirá⁸⁴².

As informações que obtemos de Pais acerca das terras do *Preste* surgem, pois, a propósito dos factos que descreve e das suas deslocações no interior do Império. O centro do império abexim na época corresponde, segundo o testemunho do missionário, aliás em consonância com Álvares, ao núcleo de territórios sitos no que será hoje o norte e o noroeste da Etiópia e a actual Eritreia: Amharâ, Begmedêr, Tigré, Gojâm e o reino da Dambiâ, este último não mencionado por Francisco Álvares.

⁸³⁹ *Ibd.*, Vol. II, p. 14

⁸⁴⁰ *Ibd.*, p. 15

⁸⁴¹ *Vide* Cap. I,

⁸⁴² Pais, *op. cit.* Vol I, p. 229

Em relação ao reino de Amharâ e a propósito da célebre serra onde era tradição guardar os familiares do Imperador, *Guixêm Ambâ*, (e que Álvares tinha localizado no reino de Angote) afirma Pais: «Está no limite de hum reyno q chamão de Amharâ, q antigamente era o meo do Imperio, mas agore he quasi o estremo pera a banda do sul; porq huns gentios, q chamão Galas, forão tomando por aquella parte muito grandes terras poucos tempos há(...)»⁸⁴³. Quanto ao reino de Tigré, situa-o na Província, não mencionada na lista, de Tamben. Desfaz a ideia de Álvares de que os territórios do chamado Barnagais constituíssem um reino só, especificando a extensão de Tigré:

«(...) as terras que governa Tigré Mohôn [o senhor do reino de Tigré] não são reyno, senão hua çerta parte do reyno de Tigré, mas são terras largas(...); e se por Barnagasso quer [Álvares] dizer Bahâr Nagâx (...) este governa outras terras do reyno de Tigré da banda do Mar Roxo q chegão perto de Arquico(...)»⁸⁴⁴

Também confirma a localização do núcleo histórico da Etiópia, à volta da antiga cidade de Agçum, nesse reino que se situa perto da costa. O reino interior de Dambiâ assume no relato de Pais, considerável importância. Este reino separado a sul pela lagoa de Dambiâ, do reino de Gojâm, que ficava«(...) muito dentro deste Império(...)»⁸⁴⁵, havia-se tornado a região preferida para o assento da corte no início do século XVII. Também uma nova missão jesuíta se instalará na região⁸⁴⁶. Daí que as deslocações do P.e Pais se situem essencialmente entre os reinos de Tigré, onde se localiza a casa inicial da missão, em Fremonâ, e Dambiâ, local onde reside habitualmente, junto da corte.

Na época de Pais as fronteiras do império etíope estão praticamente cercadas por potentados árabes e tribos gentias, nem sempre pacíficas. É um estado sitiado, com pouquíssimas saídas para o exterior e a braços com agitação interna e incursões inimigas que lhe cerceiam o território. A Levante «(...) ne ainda na costa do mar Roxo tem oje porto nenhu; q todos lhe tomarão os Turcos há mais de 60 annos (...)»⁸⁴⁷.

⁸⁴³ *Ibd.*, p. 70

⁸⁴⁴ *Ibd.*, p. 220

⁸⁴⁵ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 15

⁸⁴⁶ *Vide*, Cap. I

⁸⁴⁷ *Ibd.*, p. 15

Contudo, a maior ameaça na época de Pêro Pais aos reinos limítrofes e à própria integridade territorial do império etíope é representada pelas tribos pagãs de pastores (os povos *Oromo*), que habitavam a sul do território etíope, e cobiçam os férteis planaltos abexins. No século XVII o seu avanço para norte é imparável, assolando vastas áreas pertencentes ao Império. Referências a estas tribos nómadas, denominadas *Galás* por Pêro Pais⁸⁴⁸, aparecem com frequência ao longo de toda a obra, a propósito dos assaltos e incursões em várias províncias do Império. Assim, afirma o autor: «(...) ainda q seus antecessores [do Imperador] possuem todos estes reynos e provincias de alguns delles senhoreava elle agora pouco, por terem tomado a mor parte huns gentios q chamão Gâla(...)»⁸⁴⁹. E mais à frente especifica a ameaça dos *Gâlas* aos limites geográficos do império: «(...) tres ou quatro reynos e alguas Provincias as milhores q o Emperador tinha, e oje são [os *Gâlas*] sñores absollutos delles, sem aver quem os possa tirar de suas mãos; (...)»⁸⁵⁰. Estes são uma ameaça no reino de Nareâ, como nos é relatado a propósito da viagem do P.e António Fernandes para sul; atacam repetidas vezes o reino de Gojâm; atacam as populações de Gafates, Agôus e de Damotes nos limites a poente do Império⁸⁵¹. Os seus avanços repercutem-se até aos reinos de Amhâra⁸⁵² e de Begmedêr⁸⁵³ e a este estão nos limites do reino de Angôt; ocupam todo o reino de Ôye⁸⁵⁴ e alcançam mesmo a região de Tigrei⁸⁵⁵.

Assim e em comparação com a descrição de Álvares, encontramos um novo centro geográfico de poder no interior do território, a província de Dambiâ; no entanto deparamos com uma idêntica menção a reinos centrais do Império etíope, assim como aos reinos vizinhos seus tributários, com os quais a convivência nem sempre parece ser pacífica. De facto, a Levante e ao longo da costa do Mar Vermelho, os estados muçulmanos e a presença turca, consolidaram-se na época de

⁸⁴⁸ «(...)em tempo do Emperador Onâg Çaguêd, vierão da banda do sul huns gentios pretos, q chamarão Gâlas, pastores de vacas, gente muy cruel e fera(...)», *Ibd.*, Vol. I, p.22

⁸⁴⁹ *Ibd.*, p.15

⁸⁵⁰ *Ibd.*, p. 287

⁸⁵¹ « Vierão mts. Gentios Gâlas de hua Provincia q se chama Bizanô e passando o rio Nilo entrarão no reyno de Gojâm e derão em huas terras de Gentios Agôus (...)matando mts. e fazendo extraordinárias crueldades(...)», *ibid.*, Vol. III, p. 254

⁸⁵² A este propósito refere autor:«(...) desejei mt. Hir lá [ao reino de Amharâ], e o ouvera de fazer(...), se o perigos dos ladroens não fora tão grande, por causa dos Gâlas, q por aquella parte fazem guerra.», *ibid.*, Vol. I, p. 65

⁸⁵³ « No fim do inverno teve novas o Emp.or [Seltân Çaguêd] como se tinham concertado entre si mtas casa de Gâlas pera darem em hu mesmo tempo em diversas terras; e q hu exercito mto grande hia pera o reyno de Tigrê; e os da Casa de Meraoâ vinhão a Begmedêr e os das casa de Itû, e Boren pera Gojâm(...)» *ibid.* Vol. III, p.124

⁸⁵⁴ *Ibd.*, Volo. I, p.288

⁸⁵⁵ «(...)porq m.tas vezes ainda agora em nosso tempo vierão Gâlas gentios matando quantos achavão cõ extraordinarias crueldades como sempre fazem, e destruindo a terra(...). depois vierão mais de tres mil (...), e entrarão muito seguros pello reyno de Tigrê(...)», *ibid.*, Vol. II, p.326

Pais; a norte e a poente encontram-se tribos gentias, nalguns casos relativamente assimiladas; a sul, a irresistível progressão dos *Oromo* para norte, esboroa os antigos limites do império abexim, cuja extensão, na época de Álvares parecia ser, senão maior, pelo menos mais segura, a despeito da sempre latente ameaça moura a oriente.

2.2 – Da Natureza

«(...) por serras e matos endiabrados(...)»,
Francisco Álvares, *Verdadeira Informação...*

«(...) fomos nosso caminho por muitas fragas(...)entre as quais passávamos caminhos muito estreitos, e maus e perigosos passos, assim de uma como da outra parte, rocha talhada, cousa para se não crer.», *Ibidem*

« (...) em nenhua parte vi nem ouvi dizer q ouvesse tantos animais, nem tão diferentes sortes delles, como dizem q há em Ethiopia e eu em parte tenho visto; (...)», Pêro Pais, *História de Etiópia*

As matrizes dos olhares dos nossos autores sobre a natureza pertencem ainda à cultura clássica e cristã, marcada pelas concepções do mundo e da natureza veiculadas por autores antigos como Aristóteles, Ptolomeu e Galeno e a própria Bíblia. Como refere Luís Filipe Barreto, a ontologia e epistemologia da época são determinadas pelo chamado paradigma «orgânico- qualitativo», onde o aristotelismo naturalista se concilia com a concepção organicista do mundo e com uma visão empírica, factual, e informativa dos exploradores e viajantes portugueses da época. Visão esta que pode criticar, corrigir e superar os dados antigos, mas não rompe com o antigo quadro de referências culturais⁸⁵⁶.

A forma de notação da natureza é pautada pela preocupação em descrever a *novidade*, de forma a possibilitar o seu reconhecimento por parte do leitor, graças ao sistema de semelhanças/diferenças estabelecidos com a realidade conhecida⁸⁵⁷. Mas,

⁸⁵⁶ *Idem*, «As Viagens Marítimas e a Nova Visão do Mundo e da Natureza» in, *ibid.*, pp. 86/87 e *Idem*, «A Herança dos Descobrimentos», pp.6/7

⁸⁵⁷ *Vide*, Cap. II

o deslumbramento e deleite ou espanto e estupefacção, face ao diferente, por vezes de dimensão incomensurável, também é uma característica destas descrições, assim como a preocupação de apreciação prática e utilitária, mesclando-se o conhecimento da natureza com a avaliação da riqueza e potencialidades da terra.

Em relação ao espaço natural os tópicos abordados pelos autores centram-se na orografia e paisagem; no clima; nos recursos hídricos; na flora e fauna e ainda em frequentes referências à mineralogia, cobrindo no fundo a distinção clássica entre os três reinos da Natureza (o animal; o vegetal e o mineral/geológico), segundo a classificação clássica de Aristóteles e de Plínio.

Iniciando a nossa análise pela descrição da orografia e da paisagem etíope, estas são especialmente abundantes na obra do P. Francisco Álvares, dada a sua componente de itinerário terrestre, e a sua narrativa da progressão para o interior até à corte do monarca etíope. Desta forma são descritas as terras atravessadas, embora o autor não deixe de referir sempre que possível características de outras regiões, das quais toma conhecimento em segunda mão.

Ora a principal impressão que Álvares nos deixa da paisagem abexim é o carácter fortemente acidentado do seu relevo, em que se sucedem extensos planaltos e elevadas montanhas, com enormes desfiladeiros, abismos assustadores, passagens íngremes e vales fundos. A expedição do embaixador parte da campina de Arquico no reino de Tigrei junto ao mar, caminhando junto ao leito de ribeiras secas secas, mas depressa se encontram entre «serranias mui altas» de ambos os lados⁸⁵⁸. De facto logo no início do percurso somos informados de que a oito léguas de Arquico está situado numa serra muito alta o Mosteiro de Bisão. Para alcançá-lo refere o autor: «Partimos desta meijoada por muito mais fragosas terras e ribeiras que as do dia dantes e maiores arvoredos, nós a pé e as mulas diante vazias não podíamos caminhar. Os camelos bradavam, parecia que os tomava o pecado e a todos parecia que nos metera ali Mateus para nos matar(...)»⁸⁵⁹. O caminho parece resumir-se, como descreve o nosso autor, a «(...)mui bravas serras de montanha, subidas e descidas e mau caminho de pedras. (...) No dia seguinte tornámos a atravessar outra mui alta e bravíssima serra em a qual nem em mulas, nem a pé não podíamos caminhar.»⁸⁶⁰.

⁸⁵⁸ Álvares, *op. cit.*, p. 21

⁸⁵⁹ *Ibid.*, p. 23

⁸⁶⁰ *Ibid.*, p. 47

Avançando pelo Reino de Tigrei, percorrem vastos planaltos e pequenos vales⁸⁶¹, embora não deixem de passar por montanhas. Mas na entrada do território governado pelo Tigremahon⁸⁶² começam a calcorrear caminhos ainda mais íngremes⁸⁶³, onde se erigem mosteiros. Trata-se das *Ambas*, nome dado às serras da Abissínia, de encostas escarpadas e a pique e pequenos cumes planos ou vastas esplanadas elevadas, constituindo uma espécie de fortalezas naturais⁸⁶⁴. Este tipo de paisagem é bem ilustrada por Francisco Álvares na seguinte passagem: «Junto dêste lugar [Maluche no senhorio de Abacinete] está uma serra mui alta e não larga pelo pé, porque tanto será de largo em cima, como em baixo, porque tôda é talhada como muro, de fraga direita, tôda calva, sem nenhuma erva, nem verdura, de nenhuma cousa.»⁸⁶⁵.

As altas serranias de Tigrei alternam com montes e veigas que correm entre os sopés das serras ou terras chãs. O mesmo se verifica no reino de Angote, em que às zonas planas parecem suceder-se «mui bravos caminhos e serras» nas quais parte da bagagem tem de ser deixada, assim como os camelos que a traziam, pois, como afirma o autor «(...) não podiam mais ir pelas bravas serras que tínhamos de passar e nós a grande trabalho passámos (...) uma serra que em muitos lugares íamos a pé, em pés e mãos como gatos. Passando êste mau caminho no cimo da serra, ainda entre serras, são umas coladas, quási terra chã(...)»⁸⁶⁶. O autor depara-se, pois, com uma terra montanhosa, entrecortada pelas várzeas banhadas por ribeiras, que durante a estação seca servem de caminho, rodeadas de altas serras, praticamente inacessíveis.

Todavia, penetrando a expedição no reino de Amarâ, a orografia parece mudar: « (...) e, dando fim ao vale, (...) começámos achar terra de matos e pedregais, não de serras mas de pequenos vales (...).[chegando a uma grande lagoa] Daqui caminhámos bem quatro léguas, por matos e atoleiros, terra de (...) muitas águas.»⁸⁶⁷

Neste reino percorrem campinas alagadas, utilizadas como pastagens e paúis infestados de mosquitos⁸⁶⁸ até a uma dramática mudança de cenário deparando «(...)

⁸⁶¹ *Ibd.*, p. 75

⁸⁶² *Vide*, Cap. III,

⁸⁶³ «(...) começámos aqui entrar entre mui altos picos que parecem que sobem ao céu (...) e todos aqueles, que subir se podem, pôsto que há perigo, todos têm ermidas em cima (...) vimos ermidas que não podíamos terminar por onde poderão ir a elas.», Álvares, *op. cit.*, p. 83

⁸⁶⁴ *Vide*, Kurt Krause, «os Portugueses na Abissínia», Segunda Parte in, *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, nºs 3-4, 32ª Série, Lisboa, Março-Abril de 1914, p.85

⁸⁶⁵ Álvares, *op. cit.*, p. 99

⁸⁶⁶ *Ibd.*, p. 126

⁸⁶⁷ *Ibd.*, pp.159/160

⁸⁶⁸ *Ibd.*, p. 163. Sobre as campinas comenta o autor: « Indo por estas campinas que a vista não via outra cousa, parecia-nos que já éramos mareados e fora de serras.», *Ibd.*, p. 167

para a parte do Levante (...) [com] as mais bravas serras e fossas fundas descentes aos abismos, as mais que homens nunca viram, nem se pode crer sua fundura.»⁸⁶⁹.

Agora o trajecto segue, depois de abandonar os leitos das ribeiras, por entre as inclinadas vertentes e assustadores desfiladeiros, ladeados de fundos precipícios. Os viajantes franqueam apertadas passagens naturais⁸⁷⁰, entre a rocha, nas quais são colocadas portas e onde se pagam direitos de passagem⁸⁷¹.

Depois da arrepiante travessia e de cruzarem outra passagem (a única possível) cerrada por portões onde se pagam direitos, entram no reino de Xoã onde deparam com outro tipo de paisagem: «Fora destas portas fomos dormir a uma campina(...). Já ali não aparecia cousa nenhuma das valuras, fossas e fragas(...) antes tudo parecia campina, daquém e dalém, sem haver no meio cousa nenhuma.»⁸⁷².

Para além da paisagem que marca e condiciona o viajar da embaixada portuguesa até ao *Preste*, Álvares não deixa fazer referências, embora de forma mais sucinta, à orografia de outras regiões que vislumbra ou por onde passará durante a sua prolongada estadia. Assim na fronteira do reino de Angote com o de Tigrei, perto do reino dos mouros dobas, «Tem dois altos cabeços e sempre em êles tem vigias, porque daí avante é terra de mouros. São grandes campinas pôsto que de arvoredo e serão bem duas léguas e logo serranias em que os mouros vivem.»⁸⁷³. Junto a essa região fica a capitania de Janamora « tudo serranias»⁸⁷⁴. Na parte oeste do reino de Angote fica a terra de Abugima, «(...) de mui altas serras e terra mui fria(...)»⁸⁷⁵; por sua vez na terra de Gorage onde passam a Quaresma com a corte, parece haver uma zona de campina. De igual forma sobre o reino de Fategar (na fronteira do reino mouro de Adel), onde Álvares também esteve com a corte, afirma

⁸⁶⁹ *Ibd.*

⁸⁷⁰ Também no reino de Tigrei, depara a expedição com este tipo de passagens: « No cimo deste vale está uma mui alta subida (...). No viso dela está um muro velho em que está feição de portas, como que guardavam em outro tempo aquêlê passo, e guardando-se segundo é a braveza das serras que os da terra dizem que em mais de vinte léguas a uma nem a outra parte não há outro passo e, bem parece ser assim, pela muita gente que aqui corre.»*Ibd.*, pp.111/112

⁸⁷¹ «Saindo da porta entram como em fundo vale, mais que uma lança de armas, piçarra de uma e da outra parte erguida para cima como gume de espada que faz esta valura e êste vale. A altura das bandas terá de comprido dois jogos de malhão em tanta estreitura que homem não pode ir a cavalo e as mulas vão roçando os estribos de ambas as partes e tão funda que desce homem em pés e mãos e parece isto feito artificialmente. Saindo desta estreitura caminham por um espigão que será de quatro palmos, e, para um cabo e pera outro (...), tudo piçarra que não é para crer, (...) e, se não vira passar nossas mulas e gentes, afirmara cabras não passarem por ali seguras e assim lançámos por ali nossas mulas como quem as lança a perder e nós em pés e mãos após elas pela rocha abaixo sem haver outro caminho. Dura esta grande aspereza um tiro de besta e chamam-se estas Aquia Fagi, que quere dizer morte de asnos(...) Passámos estas portas muitas vezes e nunca as passámos que não achássemos bêstas e bois mortos que vem debaixo para cima que não podem subir e outros que de cima escorregam abaixo.» *Ibd.*, pp.168/169

⁸⁷² *Ibd.*, p. 170

⁸⁷³ *Ibd.*, p. 117

⁸⁷⁴ *Ibd.*, p. 122

⁸⁷⁵ *Ibd.*, p.127

o autor: «(...)o que dele vimos assim de da entrada como de saída tudo é mais campina que serrania, seja, pequenos e baixos outeiros(...). Desta campina há grande vista e parece um grande outeiro (...), mas tudo arvoredo e terra aproveitada; (...)»⁸⁷⁶.

Nos limites do reino, as regiões montanhosas inóspitas e insalubres e sem acessos servem de desterro aos inimigos do imperador: uma agreste montanha no limite do reino de Adel, a sudeste, ou a alta e gelada serra no reino de Damute, a sudoeste⁸⁷⁷.

Notícias do reino mouro de Adeâ chegam também a o P.e Francisco:«(...) diziam ser um reino mui frutífero e de grandes arvoredos em tanta maneira que não podiam caminhar sem cortarem árvores e fazerem caminhos.»⁸⁷⁸ No resumo apresentado ao arcebispo de Braga no final do seu volume, Álvares sumariza de forma objectiva as características essenciais da paisagem etíope: «Há aí terras muito chãs em algumas partes e em outras montanhosas e contudo são terras frutíferas. Não há nenhuma serras nevadas e contudo grandes geadas, especialmente nas terras chãs.»⁸⁷⁹

As indicações que Pêro Pais nos dá sobre a orografia da Etiópia, são mais esparsas, embora ao longo da sua história aluda à paisagem a propósito das muitas deslocções que ali efectuou. No entanto, nas poucas descrições que nos legou, verifica-se uma idêntica notação dos acidentes orográficos e dificuldades dos caminhos.

Assim quando descreve o sopé da serra de Guixêm no território de Amharâ, refere os seus «muitos altos e baixos»; para oriente ficariam os elevados montes de Habelâ em primeiro plano e em segundo a serra de Acêl⁸⁸⁰; menciona igualmente «asperas serras» no reino de Tigrei: na região do convento de Aleluia »(...) tudo a roda são serras altas e montuosas; (...)», intercaladas por vales⁸⁸¹; a norte de Dambiâ a provincia de Cemên «(...) he de serranias as mais altas e asperas q há quasi em quantas terras senhorea o Preste João e por estremo frias(...)»⁸⁸²; já em relação ao reino de Dambiâ, o autor menciona os seus campos «muy grandes e formosos»

⁸⁷⁶ *Ibd.*,p. 315

⁸⁷⁷ « (...) que ali mandavam os homens que logo haviam de morrer.», *Ibd.*,pp. 337/339

⁸⁷⁸ *Ibd.*,p. 340

⁸⁷⁹ *Ibd.*,p. 424

⁸⁸⁰ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 70

⁸⁸¹ *Ibd.*,Vol.II, p. 209 e Vol. III, p. 22

⁸⁸² *Ibd.*, Vol. Vol I, p. 227

dominados pela lagoa⁸⁸³. Sobre o reino limítrofe de Nareâ, informa-nos através da descrição de viagem do P.e António Fernandes, do carácter acidentado de certas zonas do seu terreno, com «(...) decidias muy asperas(...)» chegando a expedição a ficar em « (...) lugar m.to fundo, cercados de serras muy altas, e montuosas, sem saberem por onde pudessem sahir.»⁸⁸⁴

Percalços no caminho devidos às dificuldades da orografia etíope havia sofrido bastantes o P.e Francisco Álvares, como neste exemplo em que nos relata o difícil caminho por si percorrido para visitar a igreja dentro de uma gruta nas serras do reino de Angote:

« E para sôbre a lapa subirá a serra bem duas léguas e eu as andei e me queria finar nelas da mui grande subida, valeu-me Deus com gram frio que fazia. E eu atado a uma corda e um escravo forte a puxar por ela me ajudava a subir e outro detrás que tangia as mulas, porque as não levava diante por mêdo de não cáírem em cima de mim. Partimos ante manhã e era meio dia e não acabava de subir a serra.»⁸⁸⁵

Com efeito uma constante na evocação da paisagem é o seu relacionamento com as dificuldades e obstáculos que surgem no caminho, e que devem ser transpostas pelo viajante⁸⁸⁶, o que não deixa de conferir um interesse especial à narrativa pelo elemento de estranheza e perigo que introduz. De facto, um dos tópicos recorrentes relativos à paisagem africana é o da enormidade dos obstáculos naturais e do sofrimento dos viajantes na tentativa de os superar.

Tópico este também presente em Pais e na sua experiência nos duros caminhos da Abissínia, e que contribuirá para exacerbar o sentido de abnegação cristã inerente à sua missão, quer quando da sua entrada na Etiópia⁸⁸⁷, quer seja a caminho do mosteiro de Aleluia, em Tigrei, do qual nos diz «(...) he [o mosteiro] muito fora de caminho; e mato tão basto q hindo eu lá co levar gente daquella terra q

⁸⁸³ *Ibd.*, Vol. III, p. 34

⁸⁸⁴ *Ibd.*, pp. 206/207

⁸⁸⁵ Álvares, *op cit.*, p. 129

⁸⁸⁶ «A paisagem aparece assim, funcionando como referencial da acção descrita(...) [mas] o que interessa ao viajante é sobretudo, traduzir a dificuldade da sua jornada, objectivando na paisagem. Esta surge, assim, na acção, como a dificuldade espacial que o viajante suporta e vence.», Luís Graça, *A Visão do Oriente na Literatura Portuguesa de Viagens: Os Viajantes Portugueses e os Itinerários Terrestres (1560-1670)*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983, p.73

⁸⁸⁷ «Andei quasi toda aqlla noute a pee, por ser o caminho m.to aspero e o lumento fraco. (...)caminhamos por serras muy altas e asperas atee ao mº dia, q por ser a calma grande e estarmos muy cansados e faltos de sono, nos deitamos a dormir debaixo de huas árvores.(...)a noute chegamos a hua Aldea de mouros e por serem os çapatos ruins e ter andado m.to a pee, levava já os pees esfolados.», Pais, *op. cit.*, Vol. II., p. 21

me guiava, não podia passar sem muito trabalho; e ainda me rompião os vestidos as silvas;(...)»⁸⁸⁸); quer a partir de Dambiã para Gojâm, («(...) atravessando serras, e valles sem caminho cõ tanta lama(...)»⁸⁸⁹).

Parte destacada da paisagem no relato dos autores é a rede hidrográfica. Mas no caso da Abissínia destaca-se a questão das misteriosas nascentes e curso do rio Nilo, famoso já desde a antiguidade e cuja importância levou à sua incorporação na mitologia cristã como um dos rios que nasciam no paraíso terrestre, em local desconhecido, como não deixa de referir o P.e Pêro Pais⁸⁹⁰. Segundo a geografia ptolomaica as suas origens perdiam-se numas remotas *Montanhas da Lua*⁸⁹¹ algures no interior de África. Na sua esteira «Duarte Pacheco Pereira cerca de 1505, «(...)», coloca as suas nascentes (...) nas serras fragosas do cabo da Boa Esperança.»⁸⁹². Mas a maioria da Europa culta do início do século XVI, identificando o continente africano com a Etiópia, ali localiza o célebre rio Nilo.

Desta forma a embaixada de 1520 deveria colher toda a informação possível sobre o rio⁸⁹³. E o P.e Francisco vai fazendo alusões ao Nilo ao longo da sua jornada pelo interior da Etiópia quer: a propósito da serra onde guardavam a família do *Preste*, no reino de Angote, informa-nos que esta se estenderia para oeste até «(...) ao reino de Amara do Bagrimidi que é sôbre Nilo e é daqui mui longe.»⁸⁹⁴. No reino de Amara, em relação à cordilheira, que se avistam da zona de campinas, afirma o clérigo: «Dizem que correm estas fossas até Nilo que é de aqui mui longe (...)»⁸⁹⁵; também revela, segundo informação recebida, que duas grandes ribeiras existentes nas valuras das serras que divide o reino de Amara do de Xoa, a ribeira de Anecheta e a de Gemá se juntariam e seriam subsidiárias do Nilo. O reino de Gojam é identificado como a terra das nascentes do Nilo («(...) dizem que neste reino nasce ou sai o rio Nilo(...) e dizem que há nêles grandes lagos como mares(...)»⁸⁹⁶, ali

⁸⁸⁸ *Ibd.*, Vol. I, p.45

⁸⁸⁹ *Ibd.*, Vol. III, p. 49

⁸⁹⁰ «(...) como tem pera si os S.tos Antigos e quasi todos os Doutores modernos, he o q a divina escritura, Gen 2, chama Gehan e o poem no segundo lugar, quando nomea os quatro, q sahião do Paraiso (...)»*Ibd.*, Vol. I, p. 214

⁸⁹¹ Hoje identificadas com as montanhas Rwenzori entre o lago Albert e o lago Edward, no actual Zaire

⁸⁹² Maria Emília Madeira Santos, *Viagens de Exploração Terrestre dos portugueses em África*, Lisboa, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978, p. 113

⁸⁹³ *Vide*, Cap. II, p.5

⁸⁹⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 154

⁸⁹⁵ *Ibd.*, p. 167

⁸⁹⁶ *Ibd.*, p. 361

chamado *Gion*⁸⁹⁷). A norte do reino de Gojame, fica o reino de Bagamidri que correria ao longo do Nilo.⁸⁹⁸

Desta forma, para Francisco Álvares, o Nilo situar-se-ia para poente, na confluência com a terra dos Núbios, parecendo ter já a noção da inflexão do seu curso para este, no limite de Gojam. A informação definitiva e sucinta sobre o assunto dá-nos Álvares no resumo apresentado ao Arcebispo, onde é registado,

«Diz que não viu o Nilo e chegou duas jornadas dele e as jornadas que andava são pequenas(...). Porém alguns da sua companhia chegaram ao nascimento dele e dizem que nasce no reino de Gojame e o seu nascimento é em grandes lagoas e logo em nascendo são ilhas e daí começa seu curso e vai para o Egipto.»⁸⁹⁹

Segundo Maria Emília Madeira Santos, as grandes lagoas apresentadas como as nascentes do Nilo, referem-se ao lago Tana⁹⁰⁰. Quanto a outros dados sobre a hidrografia etíope, o P.e Álvares menciona as numerosas ribeiras com que depara ao longo do seu caminho, que enchem durante as trovoadas do Inverno abexim, indo algumas delas engrossar o caudal do Nilo como atrás vimos. Por vezes estabelecem a fronteira entre diferentes regiões e senhorios⁹⁰¹. Quando refere o reino de Damute, para poente, comenta que «(...) dizem nascer um grande rio e contrário ao Nilo, porque cada um vai para sua parte: Nilo para Egipto; dêste outro ninguém da terra sabe para onde vai, sómente presumem que vai para Manicongo.»⁹⁰²

Pais tratará a mesma questão, porém de forma mais sistematizada, agrupando em capítulos os principais rios e lagos do Império. O primeiro rio referido é o Nilo⁹⁰³. Com efeito, Pais terá sido dos primeiros europeus⁹⁰⁴ a visionar as modestas nascentes do principal afluente do Nilo, o Abbai (Abaoî, segundo Pais) ou Nilo Azul, confundido na época com a totalidade do rio. «A gente deste Imperio o chama Abaoî;

⁸⁹⁷ *Ibd.*, p. 360

⁸⁹⁸ *Ibd.*, pp. 169/170

⁸⁹⁹ *Ibd.*, p. 425

⁹⁰⁰ Maria Emília Madeira Santos, *op. cit.*, p. 113

⁹⁰¹ *Vide*, Álvares, *op. cit.*, p. 82

⁹⁰² *Ibd.*, p. 359

⁹⁰³ «Já q tratamos da fertilidade das terras, q senhorea o Preste João, não será fora de proposito dizer agora alguma cousa dos principais rios e lagoas, q também a fertilizão e fazem mais abundante. E o primeiro, q se oferece como mais insigne, he o grande e famoso rio Nilo, (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 214

⁹⁰⁴ É necessário ter em consideração a provável presença de membros da embaixada de 1520, como nos refere Álvares e talvez a de alguns dos elementos da expedição de Cristovão da Gama ou seus descendentes, como é já salientado no artigo de M.W. Desborough Cooley, « Notice sur le Père Pedro Paez » in, *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, 1872

e tem sua fonte no reyno de Gojâm em hua terra q se chama Çahalâ, (...). Esta fonte quasi ao Poente daquelle reyno, na cabeça de hu vallezinho q se faz em hu campo grande, e aos 21 d’Abril de 1618 q eu a cheguei a ver, não pareciam mais q dous olhos redondos de quatro palmos de largo;(…)»⁹⁰⁵ Foi sem dúvida uma ocasião especial, embora notada de modo discreto. Pais descreve em pormenor estas nascentes:

«A agoa he clara e muito leve, a meu parecer, q a bebi; mas não corre por cima da terra, ainda q chega à borda della.(...). Dizem os que aly morão q o não tem [fundo] , e quando andão por perto daquelles olhos, bolle e treme tudo a roda de maneira q se vê claramente q debaixo tudo he agoa; e q não se anda por çima senão por estarem as raizes das ervas mui entretecidas com algua pouca de terra;(…) pondo o pee sobre a erva, parecia q se queria hir tudo ao fundo; e até oito ou dez passos mais adiante bulia decendo e alevantando.»⁹⁰⁶

Pais traça o percurso sinuoso do Nilo Azul na região, formando uma espécie de anel a Oriente em volta do reino de Gojam, tocando a norte as provincias de Begmeder e de Amharâ e a sul a região de Damut, e banhando ainda o as regiões de Xâoa a sudoeste, inflectindo para oeste e noroeste e rodeando o Gojam e aproximando-se mesmo do local de nascente. A partir daí saí das fronteiras do império etíope⁹⁰⁷, penetrando em terras de gentios na sua viagem para o Cairo⁹⁰⁸. Pais não deixa de salientar igualmente a passagem do Nilo pelo lago Tana, por ele cuidadosamente observada⁹⁰⁹.

⁹⁰⁵ Pais, Vol. I, p. 214(?)

⁹⁰⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 215

⁹⁰⁷ Quando da viagem de António Fernandes, o grupo é forçado a atravessar o Nilo que cerca o Gojam, para se dirigir ao reino de Nareâ.«(...) e cõ hir por aquella parte muy furioso, não acharão outra embarcação mais que hua como Jangada, que tinha de hua e outra banda amarradas m.tas cabaças(...)», *Ibd.*, Vol. III, p. 204

⁹⁰⁸ « O fio de agoa, q vai por baixo da terra, quando sae daquelle circuito redondo da fonte corre pera Oriente por espaço de hu tiro de Espingarda (...); e logo vai declinando mansamente pera o Norte (...) e pouco mais adiante se lhe juntão duas ribeiras pequenas, q vem da banda de Oriente, e depois recolhe outras m.tas, com q sempre vai engrossando, e tendo andado pouco mais de hu dia de caminho, recolhe hu rio grande , q se chama Jamâ. Depois , dando m.tas voltas, vai pera Occidente e tendo andado 20 ou 25 legoas, já he rio grande, e começa a declinar pera Norte e vay voltando sempre, de maneira q as 35 legoas de seu curso (...), torna a correr ao Oriente e entra por hua ilha de hua lagoa grande , q está entre a Provincia , q chamão Bed do reyno de Gojâm, e o reyno de Dambiâ. (...) pouco mais adiante se estreita de maneira entre duas rochas, q facilmente atravessão paos de hua a outra e fazem ponte (...) e chegando defronte de hua terra , q chamão Bizân da banda de Damôt e outra q se chama Gumâr Çaneâ da banda de Gojâm, vem a estar o rio tam perto de sua fonte, q se pode chegar a ella em hu dia. (...) ainda vae correndo alguns dias à roda de Gojâm, e depois passa por entre o Reyno de Fazcolô e o de Ombareâ (...). Daly por diante não senhorea o Emperador, ne sabem dar rezão dos nomes das terras ne do curso do rio, mais q dizerem q vai por terra de Cafres gentios pera o Cairo.», Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp.215/217

⁹⁰⁹ «E eu cheguei ao lugar por onde entra e depois passei bom pedaço adiante, e olhando da borda da lagoa de lugar alto, me pareceo q passa o rio por dentro della como m^a legoa e enxergasse m.to bem o fio de sua corrente, quando a lagoa está em calmaria (...); porq huas Ervas verdes, q traz o rio antes de entrar nella, as vai levando mansamente sem

Com efeito, as nascentes deste rio, um pouco a oeste do lago Tana e o facto de o seu leito se atravessar no lago, levaram à localização das fontes do Nilo nesse local.

Porém «O grande erro dos Jesuítas [que era a ideia em geral e não apenas desta Ordem] foi terem identificado o verdadeiro Nilo com o Nilo Azul, principal afluente daquele famoso rio. O império abexim não atingia a zona de confluência dos dois cursos de água, junto da moderna Cartum, já sob o domínio dos Árabes.»⁹¹⁰ Todavia, durante largos séculos, com base nos testemunhos e representações cartográficas destes missionários, a Abissínia foi tida como local das nascentes do Nilo⁹¹¹.

Pais não deixa de referir a catarata de Alató, quando o rio deixa o lago na direcção sueste, da qual nos deixa uma forte impressão visual: «Como sae da lagoa, vai declinando pera o Sul muy devagar e tendo andado como cinco legoas, chega a hua terra q chamão Alató, onde cae a pique por huas rochas, q terão d'alto quatorze braças; (...) e no Inverno da pancada q dá em baixo se levanta agoa como fumo no ar, tanto q se vê de m.to longe, como eu vi m.tas vezes; (...)»⁹¹².

Outra questão relacionada com este rio e que desde sempre intrigara os geógrafos e historiadores é a causa das cheias do Nilo em pleno Verão⁹¹³. Álvares adianta uma explicação bastante plausível, conhecendo as condições climáticas da Etiópia⁹¹⁴; explicação essa plenamente corroborada e exemplificada por Pais, na seguinte passagem:

se bulirem as palhas e outras cousas, q de hua e outra banda estão sobre a agoa da lagoa.(...) mas, quando sai da lagoa, leva m.tº mais agoa(...)», *Ibd.*,p 216

⁹¹⁰ Maria Emília Madeira Santos, *op. cit.*,p. 116

⁹¹¹ Apenas no final do século XVIII tal consideração é posta em causa e as nascentes do Nilo (do chamado Nilo Branco) voltam a ser localizadas a sul, constituindo um fascinante mistério a desvendar para os exploradores da segunda metade do século XIX, no contexto da estruturação do Império Britânico e das viagens de exploração ao interior do continente promovidas na era vitoriana. Além da anterior viagem de James Bruce em 1770, às fontes do Nilo Azul, podem mencionar-se as expedições no território etíope de Charles Tilstone Beke (c. 1840) e de Antoine Thomson d'Abbadie (1838), que confirmam o curso do Nilo Azul; em 1858 a famosa expedição de Richard Burton e John Hanning Speke alcança o lago Tanganica e Speke chega ao lago Victória, considerando-o a nascente do Nilo Branco; em 1860, a expedição de Speke e Grant explora o lago até às Rippon Falls, hoje Owen Falls; 1862 Samuel White Baker e sua mulher chegam a o Lago Albert, um afluente do Nilo. A exploração da zona do lago Tanganica continua com a célebre expedição de 1866 de David Livingstone, ao qual se junta o jornalista americano, Henry Morton Stanley em 1871. As fontes do Nilo Branco eram localizadas até recentemente no Burundi, penetrando no lago Victória; mas em Abril de 2006 uma expedição britânica e neozelandesa “empurrou” as fontes mais 107 Km. para a floresta Nyungwe, no Ruanda.

⁹¹² Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 216

⁹¹³ *Vide*, Cap. II, pp. 126/127

⁹¹⁴ «Ao tempo que o Nilo no Egipto enche é (segundo dizem) de quinze dias de Setembro por diante e em todo o Outubro e a razão disto é porque o inverno de Etiópia começa de meado de Junho até meado de Setembro,e, pelas muitas chuvas que há nêle, sem nunca se mudar este inverno, enche o Nilo no Egipto, neste tempo.», Álvares, *op. cit.*,p. 425

«(...) diremos a rezão de sua anual crecente,(...) de julho por diante, quando por outras partes se diminuem e vão secando os rios (...)ordinariamente na entrada de junho começa nestas terras o Inverno e chove tanto atee setembro e alguas vezes por todo elle e parte de outubro, q não somente os rios, mas as ribeiras m.to pequenas creçem de man.ra q não se podem passar sem barcas(...) todas estas entram no Nilo, e doutras partes lhes vem m.tas e rios caudalosos, q depois de terem corrido m.tas terras e recebido no Inverno m.to grande multidão d' agoas descarregão no Nilo. Tambem a lagoa de Dambiã,(...), acaba de encher meado Agosto,(...), co as m.tas agoas q lhe entrão, e daly por diante desagua em elle co mais furia, sem se divertir por outra parte, (...)»⁹¹⁵,

Desta forma sobem as águas do Nilo ao seu máximo em Setembro, graças às copiosas chuvas de Julho a Outubro no interior da Abissínia; as águas baixam depois até Dezembro atingindo o seu mínimo em Janeiro⁹¹⁶.

Na sua descrição sistemática do império etíope, Pais, enumera ainda alguns dos maiores rios que encontra na Etiópia preocupando-se em estabelecer o local das nascentes, desenhar o seu percurso e as características do seu caudal, conforme as estações, e as capacidades produtivas que confere às terras que banham, além da provável situação da sua foz.

Tal é o caso do Tacacê, na zona centro/norte da Etiópia, afluente do Nilo, que muitas vezes atravessou nas suas deslocações, afirmando sobre o seu caudal:« (...) he m.to grande; por aqui [no reino de Tigrê] o passei eu a vao no verão co m.to grande trabalho, porq traz m.ta agoa e não espraya muito;(...)». Junto à província de Dambiã, tem o rio Tacacê, menor caudal, «(...) porq espraya; e assi pello mais fundo do vão não chega a agoa mais q a cinta; he muito clara, mas no principio do Inverno q se começa a enturvar (...)».⁹¹⁷, descrevendo as suas fontes⁹¹⁸, nos limites do reino de Angôt e seu percurso até ao Nilo, o que lhe é confirmado pelos grandes da corte e pelo imperador⁹¹⁹.

⁹¹⁵Pais, *op. cit.*, Vol. I,pp. 217/218

⁹¹⁶ *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*,p. 101

⁹¹⁷ *Ibd.*,p. 227

⁹¹⁸ « Tem suas fontes (...) , ao pé de hu alto monte (...), e são tres olhos grandes q saem do fundo co m.ta furia como fervendo, hu afastado do outro como vinte passos, e pouco mais de hu tiro de pedra se juntão todos tres e fazem grande ribeira (...)», Pais, *op. cit.*Vol. I, ,p.226

⁹¹⁹ «(...) fazendo eu difficuldade, por me parecer q seu curso era muy differente dodo Nilo, disse o Emperador q não havia duvida, q era cousa m.to sabida; e depois os moradores de hua terra, q se chama Berber me affirmarão q perto do seu lugar se juntava co o Nilo.», *Ibd.*,p. 227

Refere-se ainda ao rio Marâb de dimensões mais reduzidas, que corre na zona norte do Império. Quando alcança as regiões desérticas, corria sobre areia solta e segundo o capitão dos portugueses que havia já viajado por aquelas partes áridas, «(...) pera beber cavavão na areia outo palmos de fundo e ás vezes doze e achavão m.ta agoa, q corria e peixe q tiravão com anzol, e elle comeu dous grandes.»⁹²⁰. Segundo alguns habitantes este rio alcançaria ainda o Tacacê, afluente do Nilo, certamente apenas em anos de maior caudal; nos restantes esgotar-se-ia na rega⁹²¹.

No sul da Etiópia, Pais salienta dois grandes rios, sempre em comparação de grandeza com o Nilo: «Entre outros m.tos rios, (...), muy Caudelosos, e de grande nome, depois do Nilo (...), são Zebê, de que dizem alguns em Ethiopia q ainda he maior q o Nilo, co o não ser, e Haoâx, q tambem affirmão compete m.to em grandeza co elle.»⁹²². Este último corria sul do Império. Quanto ao rio Zebê, situa-se este a sudoestel, no limite do império abexim, «Tem (...) seu nascimento em hua terra q chamão Boxâ do reyno de Nareâ,(...); e começando seu curso pera o Occidente, daly a pouco torna pera o Norte, e vai dando volta a hu reyno pequeno q chamão Zenyero, q quer dizer Bugio; (...)», já fora dos limites da Etiópia. O P.e António Fernandes testemunha na sua viagem ao reino de Nareâ a importância do seu caudal, como nos relata Pais:«(...) tendo descido uma serra comprida, acharão hu grande rio, q chamão Zebê, e era tão extraordinario o roido das agoas, por correr com m.ta força por entre rochas e penedos, q falando muy alto não se ouvião hus aos outros.»⁹²³

Pais mostra-se de igual forma preocupado em referir os lagos existentes no Império, afirmando: «São tantas as lagoas q há em as terras q senhorea o Emperador de Ethiopia, q fora cousa m.to comprida e pode ser q molesta ao leitor falarmos de todas ellas; pello q não nomearei mais q algumas das maiores (...)»⁹²⁴. Novamente se denota a preocupação da sua localização, características e estabelecimento de um perímetro aproximado. Em relação ao principal lago etíope diz-nos Pais

«A principal lagoa de quantas há em Ethiopia está entre o reyno de Gojâm ao sul, e o de Dambiâ ao norte, a q chamão Dambiâ Bahâr, q quer dizer mar de Dambiâ. Corre de Norueste

⁹²⁰ *Ibd.*, p. 226

⁹²¹ *Vide, Ibd.*, e Kurt Krause, *op. cit.*, p.104

⁹²² Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.228

⁹²³ Pais, *op. cit.*, Vol. III, p.214

⁹²⁴ *Ibd.*, Vol. I, p.231

pera Sueste, se hemos de falar como os mareantes; e terá de comprido, se for pella praya 25 legoas ou mais; e de largo 16, pouco mais ou menos(...)»⁹²⁵

As suas nascentes, assim como os rios que ali desaguam não são mencionados e as dimensões apontadas são tidas como muito exageradas, o que explicaria a sua considerável extensão na carta de Almeida⁹²⁶. Pais refere igualmente as suas numerosas ilhas, avançando com o número total de vinte e um⁹²⁷ (embora este número não esteja ainda confirmado, parecendo haver flutuações na contagem), muitas delas com importantes mosteiros. Nesta época é este *mar de Dambiâ*, actualmente conhecido como lago Tana, o ponto nevrálgico do país e local de fixação dos monarcas etíopes.

Tal não acontece na época do P.e Francisco Álvares, que não alude à região ou ao lago, embora refira, como já dissemos os «grandes lagos» na região do Gojam. Este autor alude especificamente apenas ao lago Hâic, nas fronteiras do reino de Angot e de Amara e, considera-a o maior da Abissínia⁹²⁸ não conhecendo a lagoa anteriormente referida .

Também Pais refere este lago Hâic⁹²⁹, assim como o de Zôai no reino de Ôye, a sudeste da Etiópia, avaliando o seu tamanho e mencionando uma das suas ilhas com um mosteiro⁹³⁰. É provável que o Zôai se identifique com o grande lago que Álvares coloca na região seca do reino de Adel, para sul e a Levante, mencionando uma ilha em que teria sido construído um mosteiro⁹³¹.

Outro factor que exacerba as dificuldades das viagens em África é o clima. Também este aspecto é anotado pelos autores, não de uma forma sistemática mas a

⁹²⁵ *Ibd.*, p. 232

⁹²⁶ *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*, pp. 106/108

⁹²⁷ «Tem esta lagoa m.tas ilhas co grande arvoredo, huas desertas e outras povoadas; e em vinte e hua dellas há mosteiros co m.tos frades.», Pais, *op cit.*, Vol. I, p.232

⁹²⁸ «E aqui contra o Levante, já no reino de Amara, há uma grande lagoa(...)será esta lagoa ou lago bem três léguas de comprido e passará de uma légua de largo.(...)Dêstes lagos vimos muitos nesta terra e êste é o maior que lá vi.», Álvares, *op. cit.*, pp. 159/160

⁹²⁹ « Em o reyno de Angôt porto do reyno de Amharâ está outra lagoa, q chamão Hâic e poderão dar volta à roda em meio dia ou menos. Tem hua ilha em q está hu mosteiro e alguns frades e a Igreja de s. Estevão.», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 231

⁹³⁰ « Corre esta lagoa de Norte a Sul, tanto q pera lhe dar a volta dizem q he necessario quasi hu dia inteiro caminhando a bom passo; e he quasi tão larga como comprida. Tem no meio hua ilha pequena e nella hu mosteiro , em q estão alguns frades, q não lhes falta peixe porq o há aly em abundancia.», *Ibd.*, p. 231

⁹³¹ « E dizem haver neste reino[de Adel] um grande lago como mar que não tem vista de cabo a cabo e dizem haver nele uma ilha em que em outro tempo um Preste João mandou frazer um mosteiro e pôs em êle muitos frades, pôsto que fôsse em terra de mouros. (...) e ora dizem êles (...) que lá foram , que os frades daquele mosteiro morreram quási todos de febres.», Álvares, *op. cit.*, pp. 340/341

propósito de episódios circunstanciais. Tanto mais que a Abissínia conhece várias zonas climatéricas desde o extremo calor na costa do mar Vermelho e proximidade das regiões desérticas, passando pelas temperaturas moderadas das terras altas (que seria o caso de Dambiâ), até ao extremo frio das regiões de altos cumes montanhosos⁹³². Acresce que o ritmo das estações do litoral até aproximadamente à região montanhosa de Tigrei, se opõem ao das estações do interior montanhoso⁹³³. Segundo afirma Kurt Krause, «(...) a escarpada vertente horizontal da região montanhosa é o limite metereológico(...)»⁹³⁴.

Esta dualidade de estações climáticas, por vezes patentes no mesmo reino é percepcionada tanto por Álvares como por Pais. Este último expõe o funcionamento do clima com bastante clareza: «(...) quando he Inverno pera a banda do mar roxo, q lá começa em fins d' Outubro e dura até fevereiro e março; quá pella terra dentro he Verão; e quando quá he Inverno q começa no fim de Maio e dura atee Outubro, laa he verão, e he cousa maravilhosa, q huas serras são sempre os limites do Inverno e do Verão ; (...)»⁹³⁵. E o missionário relaciona mesmo as mudanças climáticas com o horário solar⁹³⁶.

Quanto ao clima refere Francisco Álvares que «(...) nesta terra há invernos divididos em temporadas(...)», identificando esta estação com o período das chuvas (Fevereiro, Março e Abril) na serra de Bisão e na de Cama no reino de Tigrei, e em Doba⁹³⁷. Chegando à costa do mar Vermelho em Abril, a embaixada portuguesa, de que faz parte o P.e Francisco, atravessam uma zona de clima quente, no início da estação seca. Desta forma podem trilhar ribeiras secas, sofrendo embora com o calor (o autor referirá mais tarde que em Arquico eram as «(...)calmas grandes e inoportáveis(...)»⁹³⁸) e a falta de água⁹³⁹.

⁹³² Vide, Kurt Krause, *op. cit.*, pp. 88/91

⁹³³ *Ibid.*, pp. 91/95

⁹³⁴ *Ibid.*, p.91

⁹³⁵ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 195

⁹³⁶ « No tempo há grande variedade; porq d' Abril até Agosto os dias são mayores q em Espanha; pondo o rosto pera Oriente as sombras vão pera a mão direita; depois diminuem os dias de maneira q em Novembro e Dezembro são muito pequenos e as sombras vão pera a mão esquerda.», *Ibid.*, p. 208

⁹³⁷ Álvares, *op. cit.*, p.63; «Nesta terra em que entrámos[Doba] (...) não é inverno, antes é grande estio de verão. Esta é uma das terras, seja, das três que atrás nomeei (...) que é inverno Fevereiro, Março, Abril (...). Estas terras que assim têm o inverno mudado, são terras baixas sujeitas às serras(...)», *Ibid.*, p. 113

⁹³⁸ *Ibid.*, p.372

⁹³⁹ A meia légua de Arquico «(...) logo nos aposentámos em uma ribeira sêca (...). Tivemos a sesta aqui por causa da grande seca da terra que avante não tínhamos água e as calmas eram grandíssimas, todos levávamos nossas cabaças e guindes de couro e odres valadios da terra com água.», *Ibid.*, p.19

Porém, avançando pelo interior da terra abexim, deparam com uma mudança de estação: é a época de inverno com fortes chuvas e trovoadas⁹⁴⁰. Perto de Barua/Debaroa, depara-se a embaixada portuguesa com o Inverno do interior: «(...) a gram fadigas partimos daqui [de Barra] por grandes trovoadas e chuvas, que nos maltratavam, porque neste tempo é a força do inverno, o qual se começa a 15 de Junho pouco mais ou menos e acaba-se a 15 de Setembro(...)»⁹⁴¹. As dificuldades de progressão acentuam-se nos trilhos constituídos pelos leitos secos das ribeiras, como exemplifica o autor, «Saindo destas serras entramos em ribeiras secas, que no tempo do inverno são grandes, seja enquanto duram as trovoadas. Trovoadas acabadas, ribeira seca.»⁹⁴², perdem a sua relativa segurança, dando origem ao pitoresco, mas perigoso, episódio, sucedido ao grupo enquanto caminhava ao longo das serras junto à capitania de Janamora, no reino de Tigrei⁹⁴³.

Como sublinha, estoicamente o nosso autor, o remédio para enfrentar estas trovoadas é procurar um local desviado das ribeiras que encham, aguardar duas horas e tornar ao caminho⁹⁴⁴. De facto, como não deixa de referir, durante o Inverno no interior da Etiópia os seus habitantes evitam as deslocações, mas como afirma Álvares, «(...)e nós todavia dávamos pressa a nosso caminho, porque não sabíamos a usança da terra, nem o perigo a que nos metíamos.(..) E andámos este caminho em três dias pelos bravos invernos perdendo-se-nos quanto levávamos.»⁹⁴⁵

Também o P.e Pais nos referencia, embora de forma mais esporádica, o clima etíope. Tal é o caso do Inverno de 1604 (de Julho a Setembro) no reino de Gojâm, onde se depara com grandes chuvas e enchentes nas ribeiras, que o forçam a «(...) ne sahir quasi de casa; e depois sendome forçado hir pera outra p.te, achei em

⁹⁴⁰ « (...) a gram fadigas partimos daqui [de Barra] por grandes trovoadas e chuvas, que nos maltratavam, porque neste tempo é a força do inverno, o qual se começa a 15 de Junho pouco mais ou menos e acaba-se a 15 de Setembro, quanto toma de um, tanto deixa do outro.»*Ibd.*,p. 74

⁹⁴¹ *Ibd.*,p. 74

⁹⁴² *Ibd.*,p.47

⁹⁴³ «(...)atravessámos ribeiras que descem das ditas serras e junto de uma delas em mui boas sombras de amieiros fomos ter a sesta; fazia grande calma e o sol e dia mui claro e a ribeira não levava água que fôsse para regar uma horta(...) Em isto começou-se um trovão muito longe e dizíamos que eram trovoadas como às vezes há na Índia. Estando seguros sem aí haver vento nem chuva e o dito trovão cessado, começámos a colhêr o fato (...) e ia uma tenda onde jantávamos e nos recolhíamos. A sesta batida, (...) , Mestre João se foi a folgar ribeira acima e logo tornou correndo, dizendo com grandes vozes:- Guardar, guardar. Olhámos todos (...) e vimos vir água altura de uma lança (sem nenhuma dúvida) e tôda direita em esquadra e nós não nos pudemos guardar tanto que nos não levasse parte de nossa fazenda e levava a nós (...), se ainda estiveramos na tenda onde jantávamos. A mim,entre outras cousas ,levou levou um breviário e uma redoma cheia de vinho que levava para celebrar missas (...). A um levava a capa, a outro o chapéu, a outro a espada, outro por fugir caía, de maneira que por parte uma era cousa temerosa e por outra de rir(...) Correram por esta ribeira pedras tão grandes, como quartos de doze almudes e do arruído (...) parecia que a terra se alargava e o céu caía, foi cousa para não se querer. E assim como veio súbita esta água, assim passou em breve espaço(...)»*Ibd.*,p. 122/123

⁹⁴⁴ *Ibd.*,pp. 21/22

⁹⁴⁵ *Ibd.*,p. 74

Outubro tantas lamas, q não podia caminhar a mulla senão co m.to trabalho.»⁹⁴⁶, ou o mau tempo no reino de Amharâ no qual «(...) chove muito(...)e m.tas vezes, cae tanta pedra q dana as sementeiras, (...) os ventos, q muitas vezes são tão grandes q quebrão as arvores (...)»⁹⁴⁷. O missionário relata também os ferozes furacões sobre a lagoa de Dambiâ, por ele testemunhados⁹⁴⁸; ou ainda as fortes chuvas depois de Debaroâ, no reino de Tigrei, quando da sua chegada em Maio de 1603 . Quando da sua viagem de Dambiâ para o reino de Gojâm no início de Julho de 1604 « (...) gastei no caminho cinco dias com m.to trabalho por chover m.to e as ribeiras hirem tão crescidas, q cõ esperar tempo difficultosamente se podião passar(...)»⁹⁴⁹.

Sobre o clima etíope informam-nos ainda os nossos autores da frigidez extrema das terras altas de Abugima a ocidente do reino de Angote e da amplitudes térmicas no reino de Amarâ («(...)de dia eram grandes calmas e de noite grandes frios.»⁹⁵⁰); do «frigidissimo» clima da terra de Cemên ou dos vales «quentes e doentios» no reino do Tigrê, assim como as terras baixas perto dos cursos de água «muito doentias» do reino de Angote⁹⁵¹. Mas a sua apreciação geral é-nos transmitida pelo P.e Pais: «Quasi todas as terras, q senhorea o Preste João, tem bons ares, são muy temperadas e sadias(...). Cotudo há alguas terras baixas, onde faz grandes calmas no fim do verão quando começa a chover há nellas m.tas doenças e morre gente; (...)»⁹⁵².

Das mais importantes componentes descritivas quanto ao espaço natural são sem dúvida as notações referentes à flora e fauna. A primeira tem um forte peso na notação espacial, onde são igualmente integradas as várias espécies de animais. De resto esta componente descritiva entrelaça-se com a, já atrás mencionada, descrição orográfica e hidrográfica uma vez que o espaço vegetal das margens dos rios e lagos e a fauna das suas águas são frequentemente agrupadas na mesma passagem do texto.

Esta componente de descrição botânica, zoológica e algumas notações quanto aos recursos minerais dizem respeito ao real, afastando-se das visões

⁹⁴⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 221

⁹⁴⁷ *Ibd.*, p.208

⁹⁴⁸ «(...) e dizem q, quando acha alguma embarcação co a gente, a suverte sem se poder salvar ninguem; o q tenho por causa muito çerta, por ser tão grande sua furia e a destruição q vi fazer em as casas da Corte a hua q , sahindo da lagoa, passou por hua ilharga.»*Ibd.*, pp. 235/236

⁹⁴⁹ *Ibd.*, Vol. III, p. 22 e p.46

⁹⁵⁰ Álvares, *op. cit.*, p.127 e p. 163

⁹⁵¹ Pais, *op. cit.*, pp. 208/209 e Álvares, *op. cit.*, p. 124

⁹⁵² Pais, *op. cit.*, p. 208

simbólico/alegóricas da literatura medieval. A natureza como *locus amoenus* dá lugar a um espaço concreto, que deve ser entendido ou quase *visualizado*, pelo leitor. Do *hortus conclusos* da imagética medieval, deparamos com um espaço vegetal e animal não circunscrito e nem sempre domesticável. Daí que se parta do conhecido para descrever o que é novo, estabelecendo um sistema de semelhanças e contrastes com a realidade conhecida de cada autor, adaptando-se o diferente ao familiar como forma de inteligibilidade.

Mas por vezes a diferença é de tal ordem que é necessário sublinhar o exotismo irreduzível de determinada morfologia, sendo utilizada a nomenclatura indígena para identificar tal planta ou animal. Mas neste apreender da natureza, para além de abarcar o novo, que provoca estranheza, deslumbramento, espanto, repulsa ou constitui um factor de perigo, está presente e coexiste uma visão prática e utilitária, avaliando-se os recursos do economicamente relevantes território. E esta vertente domina fortemente ambos os textos.

De facto a natureza insere-se numa apreciação de acordo com o propósito, dificuldades curiosidade, avaliação da terra do autor, mas de forma alguma assume o aspecto de uma consideração de carácter científico. Por outro lado esta componente de descrição natural, faz, como já vimos, parte integrante do historiar, segundo a concepção clássica (Aristóteles, Teofrasto, Discórides, Heródoto e Plínio).

Vejamos então o que nos narram os autores sobre estes dois aspectos da natureza etíope. Se em Álvares, as descrições da fauna e da flora e de outros recursos naturais são feitas segundo os progressos da viagem ou dos episódios dignos de referência, em Pais agrupam-se em capítulos diferenciados, onde são enumeradas as espécies e subespécies do mundo natural, ocupando um considerável espaço no texto.⁹⁵³

Começemos, pois, pela flora descrita pelos nossos autores. Ambos aliam a descrição das espécies silvestres às cultivadas. Álvares inseri-las-à no percurso da embaixada, enquadradas na paisagem das diversas regiões que percorre. A província de Tigré é, de longe, a que detém maior número de notações. Mal partem de Arquico, na costa, o autor faz notar a existência de muitas e diversificadas árvores nas

⁹⁵³ « A descrição dos três reinos da Natureza ocupa espaço cada vez maior, chegando a subverter a própria narração por se tornar, de vez em quando mais importante do que ela.», Fernando Cristovão, «A Literatura de Viagens e a História Natural» in, *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*,

margens das ribeiras, na sua maioria sem fruto entre as quais se salientam algumas espécies: as macieras de anáfega⁹⁵⁴; a árvore do tamarindo, que o autor parece desconhecer⁹⁵⁵ e palmeiras bravas⁹⁵⁶. Pelo terreno fortemente acidentado, entrecortado por vales, as várias espécies são cuidadosamente referidas como podemos constatar na passagem que descreve a região de mosteiros, em Bisão, marcada pelas grandes penedias de granito:

« A terra destas rochas tôda é coberta de mui grandes arvoredos e os demais azambujeiros e grandes ervas entre êles, em que há muito mangericão. As árvores que não são azambujeiros não são de nós conhecidas e tôdas são sem fruto. Nos vales cerrados que tem êste mosteiro há aí lorangeiras, limoeiros, cidreiras, pereiras, figueiras de tôda a casta, assim de Portugal como da Índia e pessegueiros, couves, coentros, mastruços, alosna, murta e outras ervas de cheiros medicinais e (...) a terra cria isto, como cousa brava e criará tudo quanto lhe plantarem e semearem.»⁹⁵⁷

Contudo, também esta terra agreste é cultivada, pois conforme avança, a embaixada começa «(...) a achar gente da terra que guardavam milharadas de milho zaburro e de longe vem semear a estas terras e serras enroscadas que fazem nestas montanhas (...)»⁹⁵⁸, cuidadosamente guardada das investidas dos animais⁹⁵⁹. As terras cultivadas especialmente com cereais⁹⁶⁰ (além do milho, Álvares cita igualmente sementeiras de trigo e cevada), alternam com arvoredos, destacando o autor, «(...) os formosos azambujais que parecem olivais novos, porque são muitas vezes roçados e cortados para dar trigo e cevada.»⁹⁶¹.

O sistema de regadio, possibilita a produção, não só de cereais, como também de leguminosas e ervas de cheiro, repetidamente enumeradas pelo autor. De salientar ainda a referência que faz aos vinhedos existentes no Mosteiro de S. Miguel: «(...)

⁹⁵⁴ Álvares, *op cit.*,p.19

⁹⁵⁵ «(...) entre elas há algumas mui grandes árvores que dão um fruto que chamam tamarindos como cachos de uvas que os mouros são mui prezados porque fazem deles vinagre e vendem-nos em feiras como passas de uvas.», *Ibd.*,p.21

⁹⁵⁶ Segundo Alfredo Margarido, a palmeira era uma espécie já largamente conhecida dos europeus, graças à sua existência na bacia do Mediterrâneo, *Vide, As Surpresas da Flora no Tempo dos Descobrimentos*, Lisboa, Elo, 1994, p.46

⁹⁵⁷ Álvares, *op cit.*,p.29

⁹⁵⁸ *Ibd.*,p.23; este milho zaburro referido por Pais deve identificar-se com o milho miúdo ou painço. *Vide*, A.J. R. Russell-Wood, *Um Mundo em Movimento*, Lisboa, Difel, 1998, p.251

⁹⁵⁹ Álvares, *op. cit.*,p.43

⁹⁶⁰ A propósito do lugar de Maluche, na senhoria de Abacinete: « Êste lugar estava cercado de mui formosas lavouras, de trigos e cevadas e milhos, os mais juntos e melhores que ainda vimos.» *Ibd.*,p. 99

⁹⁶¹ *Ibd.*,p. 111

tem muitas infindas vinhas de latada e mui boas, fazem delas muita passa, vêm em muito bom tempo que começam em Janeiro e acabam em Março.»⁹⁶²

À medida que progride no interior do território etíope, Álvares continua a anotar as características da paisagem vegetal, quer se refira aos espinheiros que rodeiam o percurso junto à terra de Doba⁹⁶³; quer à densa vegetação no reino de Angote, ou as terras dedicadas a pastagens ou lavouras nos planaltos ou nas veigas junto aos cursos de água⁹⁶⁴; quer ainda o esparto de boa qualidade cultivado na serra de Abugima.

Frequentemente associada à referência ou enumeração dos produtos está a sua abundância e qualidade, como se pode denotar ainda em relação à serra de Abugima: «(...)E os mantimentos destas serras, tudo são cevadas em os baixos, tudo são trigos nos vales, os melhores que se podem dizer de muito bons.»⁹⁶⁵ Mas em terras de Angote as maiores produções são as de «(...)milho e tafo e daguça, grãos, ervilhas, lentilhas, favas e muitos figos, alhos e cebolas, de todos estes legumes grande abastança.»⁹⁶⁶, além dos muitos limões e cidras.

Ao passarem para a região de Amara, verifica-se uma mudança na paisagem: o milho dá lugar ao trigo e à cevada⁹⁶⁷. Exemplo da abundância da produção de alguns locais desta província é a descrição da campina da igreja de Macham Celacem: «Maravilhosa terra, sem aí haver um palmo que não seja aproveitado e semeado de tôda a semente, salvo milho(...). Êste campo tem todo ano novidade, uma tirada outra semeada. Pelas costas desta igreja corre uma formosa ribeira (...)e sai dela água para regar gram parte das lavouras(...)»⁹⁶⁸. No mosteiro situado numa ilha do lago Haik cultivam-se citrinos⁹⁶⁹. Mas nas valuras das serranias entre Amara e Xoa apenas se cultivam milho e favas.

Mesmo a sua rápida incursão no reino de Fategar não obsta a uma descrição precisa dos seus recursos naturais como se depreende da seguinte e elucidativa passagem:

⁹⁶² *Ibd.*,p.98

⁹⁶³ *Ibd.*,p.121

⁹⁶⁴ *Ibd.*,pp. 124 e 126

⁹⁶⁵ *Ibd.*, p. 127

⁹⁶⁶ *Ibd.*,p. 162

⁹⁶⁷ « (...) me disseram que aqui neste outeiro apartávamos a terra do milho da do trigo, que já por diante não acharíamos mais milhos.», *Ibd.*,pp. 162

⁹⁶⁸ *Ibd.*,p. 165

⁹⁶⁹ *Ibd.*,p. 160

«Este reino de Fategar, o que dele vimos assim de da entreda como de saída tudo é mais campina que serrania, seja, pequenos e baixos outeiros todos aproveitados de grandes sementeiras de trigos e cevadas e assim muito grandes várzeas e campos outro-sim de grandes sementeiras das ditas sementes; e de grande criação de todo o gado: vacas , ovelhas e cabras, éguas pequenas e mulatos. Desta campina há grande vista e parece um grande outeiro (...), mas tudo arvoredo e terra aproveitada; dizem haver nêle muitos mosteiros e igrejas e ser terra muito rica e está no cimo dela uma lagoa, e que há nela quatro léguas, de que vinha à côrte muito infindo pescado e laranjas, limas e cidras e figos da Índia.»⁹⁷⁰

No que diz respeito à vegetação silvestre, a abundância de uma espécie de mangericão é sublinhada e a enumeração das espécies resume-se às que existem na Europa: aciprestes, ameixieiros e salgueiros. Nenhuma outra é referida talvez pela sua estranheza em relação à flora conhecida e consequente dificuldade na exemplificação⁹⁷¹. De salientar que a descrição funciona aqui pela ausência de determinada espécie, depreendendo-se a possibilidade de muitas das espécies existentes serem comuns, uma vez que são reconhecidas pelo nosso autor na relação que delas faz ao longo da obra.

Pais, utiliza a sistematização também no referente a este tema, mas agrupa sintomaticamente as informações sobre a flora no capítulo sobre os recursos e a fertilidade da terra, revelando a sua consideração eminentemente utilitária. Por vezes discorre sobre algumas espécies a propósito de uma determinada região mencionada. Assim, quando fala da serra de Guixêm em Amhara, depois de salientar a inexistência de árvores de fruto, além duma árvore autóctene, o Coço, cujo fruto tem qualidades medicinais, descreve ainda o arbusto do Endôd que cresce nas encostas, fonte de um solvente para lavagem de tecidos⁹⁷². Como vemos a dimensão prática da utilização dos recursos é uma vertente quase sempre presente.

⁹⁷⁰ *Ibd.*,p. 315

⁹⁷¹ *Ibd.*,p. 421

⁹⁷² « Em toda esta Ambâ [de Guixêm] não há arvore de fruto nenhua, só hua sorte, q chamão Coço, e não se dão em terra muito fria. São arvores ordinariamente não demasiado altas, de muitos ramos e bem copados; a folha comprida e não muito larga e co algu cabelinho branco no pee. Seu fruto não há a q o comparar em Portugal, mas quer se parecer com a espiga da Cabaça, porem muito mais comprida e grossa; Sua amargura he tão extraordinaria, q excede muito a da Alozna;(...) Outras arvores há q chamam Zaguebâs muito altas, mas não dão fruto he madeira branca , e boa pera edificios; tambem há cedros, não como os de espanha senão silvestres de pouca coppa e muito altos, e de todas estas arvores poucas; porq o campo he pequeno; (...) mas po alguas daquellas vay subindo hua cousa como jazmim, q chamão endôd, seu fruto he como cachinhos de pi menta e servelhe de sabão pera lavar os pannos de algodão.», Pais, *op. cit.* Vol. I, pp. 71/72

Quanto à restante vegetação silvestre, refere os grandes espinheiros; os altos cedros que «(...) não tem copa como os de Espanha, senão os ramos espalhados, (...)», não descurando de afirmar que «(...) he madeira muito cheirosa e muito boa para casas(...)»; as enormes Zaguebâ de «(...) madeira branca e fermosa (...)»; o pau preto; o formoso Angelim; e muitos outros tipos de árvores não conhecidas na Europa⁹⁷³ entre as quais destaca a curiosa Demâ:

«Esta se faz tão grossa q não a abarcarão quatro homens, e ordinariamente, co serem m.to altas, não lanção os ramos até perto da ponta; e o tronco he liso dentro ; ainda q não he oco está muito fôfo; e alguns frades , q andão no deserto , metem nelle estacas hua acima de outra até chegar m.to alto , e, sobindo por ellas , cortão facilmente e fazem dentro sua casinha, onde dormem de noute por medo dos leoens; (...)»⁹⁷⁴

As matas de cedros parecem abundar no reino de Gojâm⁹⁷⁵. São referidos igualmente Tamarinheiros ao longo das ribeiras, assim como arbustos de jasmim, «(...) q tambem se dão pellos mattos co outras m.tas flores cheirosas.»⁹⁷⁶, plantas estas que talvez se identifiquem com o manjeriço perfumado já referido por Álvares.

Quanto à produção agrícola, uma vez que a intenção principal do P.e Pais não seria a descrição dos terrenos percorridos ao longo de uma viagem, as referências a ela feitas são mais esparsas a nível de localização espacial, mas mais sistematizadas, agrupando-se maioritariamente no capítulo já referido, segundo o método da enumeração. O autor começa por sublinhar a fertilidade da terra que «(...) he muito grande; porq ainda q há alguas menos frutuozas, são poucas as q se não semeão cada anno, sem nunca descansar; e em alguas dellas se recolhem dous frutos cada anno, não somente em os valles, onde se podem regar, mas em os campos; (...)»⁹⁷⁷. Com efeito, segundo Kurt Krause a fertilidade dos solos permitia pelo menos duas colheitas anuais, podendo coexistir plantio e colheita em zonas ricas em água⁹⁷⁸.

⁹⁷³ *Ibd.*, p. 211

⁹⁷⁴ *Ibd.*

⁹⁷⁵ *Ibd.*, p. 232

⁹⁷⁶ *Ibd.*, p. 211

⁹⁷⁷ *Ibd.*, p. 209

⁹⁷⁸ *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*, p. 120

O tipo de espécies coincide com as referenciadas pelo P.e Álvares, destacando-se os cereais e leguminosas⁹⁷⁹. As espécies desconhecidas ou autóctenes não deixam de ser igualmente descritas: «(...) de huas sementes, q chamão Daguçâ e Tef, q não há em Europa; e são miudas como mostarda, mtas vezes de hua medida se recolhem cento, cento e cinquenta; e disto fazem pão, q come a gente ordinaria, mas he preto e de pouca sustancia.»⁹⁸⁰. No que às sementes produtoras de óleo se refere, Pais destaca o gergelim e «(...) outra semente q chamão Nug como linhaça, mas he preta, de q fazem m.to azeite, q de azeitonas não o há; (...)»⁹⁸¹. De igual forma são enumeradas as árvores de fruto de que «(...) não há de tantas diferenças como em Espanha, (...)»⁹⁸².

No seu artigo de 1914, Kurt Krause interroga-se sobre a proveniência destas espécies mediterrâneas nomeadas por Pais e sua possível introdução na Etiópia pelos portugueses⁹⁸³. Mas Álvares já havia testemunhado espécie idênticas no início do século XVI, como vimos. Avançamos com a possibilidade de que este tipo de espécie tenha sido importado via contactos com a civilização árabe.

Pais não esquece as espécies locais como o fruto chamado Xe, de umas grandes árvores, e que «(...) no sabor, cõr, e feição se parece co Datil (...)»⁹⁸⁴ ou ainda uma espécie semelhante à figueira da Índia, e de muito aproveitamento

«(...) e ainda q não dá fruto pera comer, he mais proveitosa q ellas; porq o tronco ou miolo do meo da folha comem e da mesma folha fazem cordas e esteiras m.to finas; fião linhas, com q fazem pannos com q vestem pobres: e a raiz, q he ordinariamente mais de dous palmos, comem cozida e della fazem farinha m.to fina e branca, q comem cozida com leite; mas o pão della não he muito bom (...); chamase Encêt.»⁹⁸⁵,

⁹⁷⁹ « Tambem o milho responde muito; há trigo de muitas feições; Cevada; Grãos, favas; lentilhas, feijoens e outras sementes em abundância; mas não respondem tanto como as primeiras; (...)», Pais, Vol. I, p.209

⁹⁸⁰ *Ibd.*, p.209; Trata-se do Tef, uma espécie autóctene.«(...) cultivava-se em todas as partes do país (...); é uma espécie de milho painço, cujos grãos, moídos em farinha, eram usados para o fabrico do pão (...) a “dagussa” ou “azza” (...) . É cultivada em grande quantidade, por toda a parte, visto prepara-se da mesma uma especie de cerveja, o chamado Sava (...); para o fabrico do pão encontra o respectivo grão só diminuto emprego.», Kurt Krause, *op. cit.*, pp. 119/120

⁹⁸¹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.210; segundo Krause o Nug é uma das principais oleaceas , de origem africano, cultivada a uma altura de 1200 a 1800 m., de cujos frutos se extrai óleo alimentar. *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*, p. 120

⁹⁸² Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.210; é provável que as *figueiras da Índia* correspondam às bananeiras (*musa paradisiaca*), introduzidas na costa Oriental africana antes da chegada dos europeus pelos árabes. *Vide*, V. M. Godinho, *op. cit.*, p.400 e A J. R. Russell-Wood, *op. cit.*, p. 246

⁹⁸³ *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*, p. 122

⁹⁸⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.210

⁹⁸⁵ *Ibd.*

Salienta também, as árvores intituladas Docomãs, no reino de Nareâ, «(...) cuja fruta he doce e parece azeitona madura(...)»⁹⁸⁶.

Mas os intercâmbios civilizacionais verificam-se já no campo da produção agrícola, com a instalação das missões jesuítas e os seus gostos e costumes alimentares. Desta forma, refere-nos o P.e Pais que «(...) agora faz dous annos nos veos da Índia semente dallas [alfaces], de Couves Chicorias, e tudo se começa a dar m.to bem; juntamente veos semente de malagueta e já há muita e folgão co ella.» e «Tambem semearão pouco há Palmeiras de coco, e começão já a dar fruto, e de Datiles há alguas pequenas, (...)», além de papaias da Índia que se aclimataram muito bem⁹⁸⁷.

O Imperador aparece como um entusiasta das novidades que os missionários trazem não só da Europa, como também da Índia. Na região onde tem a sua corte, Dambiâ, iniciou o imperador uma horta na qual introduziu novas espécies de árvores de fruto, regadas por uma nora⁹⁸⁸, assim como a plantação de uma vinha, que vingou rapidamente⁹⁸⁹. Produções estas que defende por decreto real, determinando que os produtores de vinha e pomares não perderiam jamais as suas terras, mesmo em caso de traição⁹⁹⁰, conquanto existissem uma espécie de parreiras locais⁹⁹¹, já referidas por Álvares⁹⁹².

Pais considera ainda a possibilidade de aclimação da oliveira pois «Tudo o q se semear e plantar nesta terra, parece q se dará, particularmente oliveiras; porq há m.tos zambugeiros, e tem o fruto quasi tão grande como azeitonas(...)»⁹⁹³.

Nesta perspectiva de avaliação da riqueza ou potencialidades da terra, os nossos autores nomeiam frequentemente a produção agro-pecuária etíope. Álvares descreve grandes pastos em vales e campinas e aponta amiúde os seus «infidos e

⁹⁸⁶ *Ibd.*, Vol. II., p. 214

⁹⁸⁷ *Ibd.*, pp. 210/211

⁹⁸⁸ « (...) só o Emperador começou hua [horta], em q plantou figueiras das de Portugal e da Índia, Papayas; Parreiras, Pessegueiros, Romeiras, e m.tas arvores d'espinho; e se dão muito bem , e tira agoa co nora, e parece q he a primeira q se vio nesta terra de Ethiopia (...)», *Ibd.*, p. 232

⁹⁸⁹ « (...) o Emperador he m.to curioso; e em hua das çercas de huns Paços, q há poucos annos q fez, plantou em Setembro 150 Parreiras e pello Natal comeu alguns vinte cachos maduros, co não aver bem quatro meses q se tinhão plantado, q tudo eu vi; (...)»*Ibd.*, pp. 210/211

⁹⁹⁰ *Ibd.*, p. 211

⁹⁹¹ «Vinhas como em Espanha não há; todas são parreiras e destas poucas; e plantão juntas outo ou dez varas e nunca as podão, (...); mas contudo dão m.tas uvas e grandes cachos; (...)», *Ibd.*, p. 210

⁹⁹² Segundo Krause, baseando-se noutros autores, a videira teria sido introduzida a partir do Iémen ou cresceria em estado natural. Na época em questão o seu cultivo era efectuado praticamente apenas junto aos mosteiros e igrejas. *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*, p. 122

⁹⁹³ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 211

formosos gados» compostos por vacas cabras e ovelhas. Em certas regiões referirá a criação de animais variados. No lugar de Ingabelu no reino de Angote refere as «infundas galinhas» que a embaixada poderia adquirir por baixo preço⁹⁹⁴. Mas a produção marcante no reino do *Preste* é a de gado bovino, como se atesta pelas seguintes passagens, referentes ao reino de Tigrei: «Há nesta terra mui formosas vacas que não podem ter número, nem conto e as maiores que se no mundo podem achar.»⁹⁹⁵ e mais à frente afirma, «Subíamos às tardes nos cabeços a ver as formosas vacarias que se recolhiam nàs faldas do lugar e cabeços dêle. Apodavam os da nossa companhia a cinquenta mil vacas, não digo mais número e porém não se pode creere a multidão que é.»⁹⁹⁶.

A grande quantidade de gado bovino é igualmente atestado por Pais, assim como os cuidados no apuramento da raça. Segundo ele «Tem alguns bois m.tº grandes q chamão Guêch, e crião os de pequeninos co leite de duas vaccas; e não lavrão co elles; não serve ordinariamente senão pera comerem os senhores. Os cornos destes são tão compridos e grossos q se servem delles pera levarem o vinho de mel(...); quanto aos restantes tipos de gado «Cabras e Ovelhas não são m.tas ne de boa carne; mas em alguas partes são bons os carneiros, e alguns tem quatro cornos grandes q quanto pequenos (...), os dous como de cabra, e os outros á roda de compridão e grossura de hu dedo meminho ou pouco mais, q o mostravão por cousa extraordinaria; (...)»⁹⁹⁷.

Os animais de transporte e carga são igualmente mencionados: consistem basicamente em mulas⁹⁹⁸, camelos, jumentos mansos, sendo utilizados também bois para grandes cargas, como no caso de expedições militares⁹⁹⁹. Quanto aos cavalos, refere-os Álvares no final do relatório que teria feito ao Arcebispo de Braga, que termina precisamente com o modo de criação dos belos cavalos que importam do Egipto, pois,

« Os cavalos naturais da terra (...) são muitos e não bons, porque são como bêstas galegas; os que vem da Arábia são muito bons como mouriscos. E os de egipto muito melhores,

⁹⁹⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 142

⁹⁹⁵ *Ibd.*, pp. 113/114

⁹⁹⁶ *Ibd.*, p. 116

⁹⁹⁷ *Ibd.*, p.196

⁹⁹⁸ «As mullas são m.tas e andão bem; posto q ordinariamente mais pequenas q as da Europa(...). E nem a ellas ne aos Cavallos ferrão nunca, pelo q muitas vezes manquejão.», *Ibd.*, p.195

⁹⁹⁹ *Ibd.*,

grandes, muito largos e formosos e muitos senhores, criam cavalos das éguas que têm do Egipto em suas estrebarias.»¹⁰⁰⁰

Também Pais refere os «(...)Cavallos muito bons no Reyno de Tigrê e outros milhores, q lhes vem do reyno de Dequin q he de mouros, (...), diante de Çuaquêm; (...). Os demais Cavallos do Imperio comumente são pequenos, mas fortes e correm bem.»¹⁰⁰¹

A apicultura, que parece ter proporcionado uma considerável produção de mel e cera, é também nomeada por Álvares, que no final da sua obra refere a grande quantidade de abelhas nos bosques e montes e as colmeias em casa dos lavradores e nos mosteiros¹⁰⁰².

Ao enumerar as diferentes e vastas espécies de animais que se podiam encontrar no império abexim, que « (...) há de todas as castas de mansos q há em Europa(...)»¹⁰⁰³, Pais salienta ainda o grande número de cães «(...)alguns bem fortes; mas os q servem pera Çaçã não chegão aos galgos d' Espanha, os mais são como Podengos.»¹⁰⁰⁴ e de formosos gatos.

Mas o verdadeiro desafio em termos de vivência e descrição para ao nossos autores será a fauna selvagem, característica do continente africano e profundamente exótica para os europeus, pois tal como nos diz Pais, «Dos animais silvestres ha m.tas mais diferenças q em Europa.»¹⁰⁰⁵. Inventariá-los e tentar retratá-los mediante a escrita será difícil, mas fascinante para ambos.

Se para Álvares as descrições da fauna africana se inserem essencialmente na paisagem e na própria acção, decorrente do percurso da embaixada portuguesa, já para Pais essas descrições são remetidas para um capítulo específico sobre os animais domésticos e «bravos», ou na descrição dos rios e lagos, onde não falta

¹⁰⁰⁰ Álvares, *op. cit.*, p. 426

¹⁰⁰¹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 165

¹⁰⁰² « Há aí muita quantidade de mel em tôda a terra e as colmeias não estão em colmeal, mas estão dentro nas casas onde vivem os lavradores, encostados à parede da parte de dentro por onde têm serventia paar fora e assim de dentro cercam a casa (...) e há aí grande número destas colmeias e principalmente nos mosteiros e assim há aí muitas abelhas pelos bosques e pelos montes e os homens põem cortiços pelas árvores e enchem-se de abelhas e trazem-nos para casa.», Álvares, *op. cit.*, pp. 421/422

¹⁰⁰³ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.195

¹⁰⁰⁴ *Ibd.*, p. 196

¹⁰⁰⁵ *Ibd.*

referências mais ou menos detalhadas à sua respectiva fauna. Vamos, pois, acompanhá-los nas notações que nos deixaram da história zoológica da Etiópia.

Mal entra no sertão etíope, o P.e Francisco Álvares informa-nos logo da multiplicidade de espécies animais ali existentes, de tal forma abrangente, que opta por relevar as espécies que lá não encontra, na enumeração que faz¹⁰⁰⁶.

As «alimárias bravas» são frequentemente referidas na sua grande diversidade e quantidade, constituindo um perigo e uma adversidade para os viajantes. A maior parte das anotações de Álvares dizem respeito ao reino de Tigrei. Os felinos e outros animais ferozes ali existentes são enumerados e a sua coexistência com os humanos avaliada de uma maneira um pouco ingénuas: «Animais ferros muitos: leões, onças, tigres, lóbos, raposas, adibes e outros animais a nós não conhecidos. E destes ferros animais nunca ouvi dizer que fizessem mal, pôsto que a gente da terra lhes há muito grande mêdo.(...)»¹⁰⁰⁷.

De facto a coexistência entre a embaixada lusa no seu percurso para a corte do *Preste* e os felinos selvagens que abundam no seu reino não se revelará sempre tão pacífica. A população local receia-os¹⁰⁰⁸ e o trajecto da embaixada portuguesa é frequentemente perturbado por ataque nocturnos de felinos. O grupo passa as noites dentro de cercados de igrejas ou de aldeias. Se pernoitam em campo aberto cercam o acampamento de fogueiras. Mas os ataques de felinos ao gado bovino e muar das casas etíopes durante a noite parece ser frequente¹⁰⁰⁹.

Na região de Angote sucedem-se os ataques nocturnos dos ditos tigres, tanto em campo aberto como em quintas e lugares, espantando as mulas e machos da expedição¹⁰¹⁰. Por vezes a situação tornava-se difícil, como o caso da noite passada no lugar de Acel, no reino de Amara: «Tivemos sábado e domingo em um campo, ao pé do lugar, onde os nossos andaram, tôda a noite, às lançadas com os tigres que nos combatiam rijamente, seja, as mulas e a nossa gente não dormiram tôda a

¹⁰⁰⁶ ¹⁰⁰⁶ «Nestas montanhas e serranias há muitas alimárias de diversas nações, seja, leões, elefantes, tigres, onças, lóbos, porcos, veados, antas e de tôdas outras nações que dizer se possam no mundo, salvo duas que nunca vi nem ouvi dizer que as aí houvesse e são: ursos e coelhos. Aves de tôdas as nações que no mundo se possam dizer, assim de nós conhecidas como não conhecidas; das grandes e pequenas e outras duas aves não vi nem ouvi dizer havê-las aí, estas são pêgas e cucos (...)», Álvares, *op. cit.*, p. 22

¹⁰⁰⁷ *Ibd.*, p. 59

¹⁰⁰⁸ «Êles [frades de Bisão], nem outrem, como é noite, não siem mais de suas casas com mêdo dos ferros animais que há na terra e os que guardam os milhos t-em mui altas estâncias sôbre as árvores em que dormem de noite. », *Ibd.*, p. 43

¹⁰⁰⁹ «Fomos dormir a umas pequenas aldeias, cercadas como as de atrás, com medo dos tigres. Na noite que aí dormimos, sendo duas horas de noite, pouco mais ou menos, saindo dois homens da terra, fora de um curral, saltaram os tigres com êles e feriram um deles em uma perna; valeu-lhe Deus e nós que acudimos, porque certo o matavam segundo são alimárias mui pestíferas.» *Ibd.*, p. 104

¹⁰¹⁰ *Vide, Ibd.*, pp. 125 e 142

noite.»¹⁰¹¹ Estes ferozes e incomodativos felinos não serão os tigres que conhecemos, como é óbvio; vários autores avançaram com diversas identificações desses atacantes nocturnos, tendo sido considerados hienas¹⁰¹² ou onças/ panteras¹⁰¹³, hipótese que nos parece mais plausível assim como a de ataques de leões.

São ainda referidos o grande número de porcos monteses em manadas além dos «infidos elefantes» nas várzeas ou nas montanhas¹⁰¹⁴. Quando refere o lago Haik, na região de Amara, depara com uma espécie inusitada, «Há neste lago muito grandes alimárias a que chamam nesta terra gomaras, dizem que são cavalos marinhos(...)»¹⁰¹⁵, correspondentes aos hipopotamos.

Álvares anota a variedade de aves existente, assinalando a quantidade de «(...)tôdas outras aves que dizer se possam(...)»¹⁰¹⁶; refere igualmente a grande população de aves nas altas fragas entre Amara e Xoã¹⁰¹⁷ e a de aves aquáticas nas campinas de Huaguída, em Amara¹⁰¹⁸.

Uma espécie particularmente visível na progressão pelas terras etíopes é a dos símios, destacando-se provavelmente os babuínos, como nos descreve o nosso padre:

«E nesta serra há muitos animais de diversas nações e infinitíssimos bugios em manadas (...) onde tem quebradas e lapas e não andam menos de quinhentos e daí para cima. Se alguma terra chãhá sobre estas quebraduras ali é o seu andar e não lhe fica pedra que não revolvam e cavam a terra que parece lavrada. São mui grandes como grandes carneiros e do meio por diante felpudos como leões.»¹⁰¹⁹

No resumo no final da sua obra, terá Álvares referido que a quantidade de símios era de tal ordem que implicava a guarda das colheitas de cereais durante o dia, na província de Tigrei, no reino do *Barnagais*. Álvares torna também a enumerar

¹⁰¹¹ *Ibd.*, p.161

¹⁰¹² Cf. Luís de Albuquerque, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses-séculos XV e XVI*, Vol. II, Lisboa Caminho, 1987, p. 63 e Rui Manuel Loureiro, *A Biblioteca de Diogo do Couto*, Instituto de Cultura de Macau, 1998, p. 132

¹⁰¹³ Cf. Rui Manuel Loureiro, *Ibd.*, e Elaine Sanceau, *Em Demanda do Preste João*, Porto Livraria Civilização, s.d

¹⁰¹⁴ *Ibd.*, p. 121

¹⁰¹⁵ *Ibd.*, p. 160

¹⁰¹⁶ *Ibd.*, p. 59

¹⁰¹⁷ «(...) dentro destas valuras e fragas [serra no final do reino de Amara] , há muitas povoações de aves e não podíamos determinar onde criam, nem como ali podiam criar seus filhos que lhes não caíssem pelas rochas abaixo, porque quem o vira, não julgara senão que era cousa impossível segundo sua grandeza.», *bd.*, p. 170

¹⁰¹⁸ «Há nestas campinas muitas aves, seja, grous, patas bravas, adens e aves de muitas maneiras, porque há muitas lagoas e ninguém sabe caçar estas aves.», *Ibd.*, p. 173

¹⁰¹⁹ *Ibd.*, p. 47

a fauna etíope dividindo-a em duas categorias: os animais e as aves, as quais completa com espécies não mencionadas ao longo da obra¹⁰²⁰.

A descrição dos animais concerta-se frequentemente com uma perspectiva pragmática de consumo e «(...)em função de uma realidade de origem(...)», como sublinha Luís Graça¹⁰²¹. Nesta vertente distingue-se a importância da caça como prática de fruição, mas também de aprovisionamento do grupo. Assim Álvares assinala é assinalado a grande quantidade e diversidade de caça disponível de mamíferos e aves, pois «(...) assim se cria [a caça] porque as não matam e é tôda a caça quási mansa, porque não é corrida e sem cães matávamos e levávamos vinte lebres às rêdes, em uma hora, e outras tantas perdizes às telas assim como tangendo cabras ao curral ou galinhas para casa.»¹⁰²² A propósito de um rio junto de Baru, Álvares salienta a boa pesca e as patas bravas, adens e marrecas, assim como «vacas bravas» e lebres¹⁰²³ que contribuiriam para a dieta dos membros da embaixada.

Uma espécie piscícola do lago Haik em Amara, é cuidadosamente descrito talvez devido à excelência do seu paladar e à sua contribuição para o regime alimentar dos portugueses., o que não é o habitual neste autor que se limita à enumeração ou a uma breve comparação com as espécies da sua terra natal. Trata-se de «(...)um pescado propriamente congro e, assim, é muito grande, tem a mais feia cabeça que se dizer pode e feita como grande sapo e o couro sôbre a cabeça parece pele de lixa, o corpo é mui liso (...) e é o mais gordo e saboroso que no mundo se pode achar peixe.»¹⁰²⁴

Álvares refere-se largamente às terríveis pragas de gafanhotos que assolam a Abissínia. Caracteriza-os como uma espécie de cigarras grandes, de asas amarelas que, «(...)quando vêm de caminho um dia antes o sabem, não porque os vejam, senão porque vêem o sol amarelo e a terra amarela, seja , a sombra que sôbre ela dá.»¹⁰²⁵. Quando a praga se abate sobre uma terra, «Não é para crer sua multidão que cobrem a terra e encham o ar, tiram a claridade ao sol. (...) não são gerais em todos os reinos cada ano, porque se o fôssem seria a terra deserta segundo a destruição que fazem

¹⁰²⁰ Vide, *Ibd.*, pp. 420/425

¹⁰²¹ Vide, Luís Graça, *op. cit.*, p.149

¹⁰²² *Ibd.*, p. 75

¹⁰²³ *Ibd.*, pp. 58/59

¹⁰²⁴ *Ibd.*, p. 160

¹⁰²⁵ *Ibd.*, p. 76

(...) E onde chega, fica a terra como de lhe porem fogo.»¹⁰²⁶ O nosso autor testemunha uma praga de gafanhotos na região de Barué em 1523 (que no seu caminho para o mar) «(...)eram tantos após nós que não parecia senão que nos queriam que nos queriam quebrar as costas e cabeças com pedradas, tais eram as porradas que punham em nós.»¹⁰²⁷).

Também Pais alude a este terrível flagelo, que destrói as colheitas, num episódio por si presenciado na missão de Fremonâ, no Tigre, do qual nos relata: «(...)tornarão outra vez daly a pouco tempo a vir tantos gafanhotos, q cobrião o sol como nuvens m.to densas;(...).Assentarãose elles todavia nas sementeiras, q estão muy formosas, e cobrirão de maneira q quasi não aparecião(...)por onde se assentavão não ficava folha verde.»¹⁰²⁸ O P.e Álvares, no que a insectos diz respeito, refere-se igualmente aos terríveis mosquitos junto dos paus do lago Haik em Amara que durante a noite os «houveram de matar»¹⁰²⁹.

Nas informações esparsas que nos dá fora dos capítulos específicos que Pais dedica à fauna etíope, podemos denotar algumas referências à vida selvagem, que salienta, como já vimos, a grande quantidade de animais, quer domésticos, quer bravos no Império. Quando se detém com maior detalhe na serra de Guixêm, na província de Amhara, refere os inevitáveis *Bugios* e uma espécie de coelhos que «(...)não tem as orelhas compridas como os de Espanha, e os dedos dos pees e mãos também diferentes dos domesticos;(...)», além de algumas «cobras peçonhentas»¹⁰³⁰; afirma que os elefantes da Etiópia, não são domesticados, embora se encontrem muitos em estado selvagem¹⁰³¹. Quando nos narra a sua entrada em território abexim, inclui um impressionante encontro com um leão:

«Perto da manhã quiserão descansar hu pouco; e pera isso nos afastamos bom pedaço do caminho; e estando assentados antes de dormir, se alevantarão todos cõ m.ta pressa gritando; e eu virando a cabeça(...), vi hu Leão, q ia dando volta, e estaria de mim como outo ou dez passos, pello q senão tivera hus espinheiros no meo, pode ser q fizera salto; e cõ a grita q lhe derão se

¹⁰²⁶ *Ibd.*

¹⁰²⁷ *Ibd.*, p. 78

¹⁰²⁸ Pais, *op.cit.*, Vol. III, p. 31

¹⁰²⁹ Álvares, *op. cit.*, p.163

¹⁰³⁰ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 72

¹⁰³¹ *Ibd.*, p. 163

afastou, mas m.to devagar.(...) parecendo lhes q seria fugido, nos deitamos ficando dous em vigia, mas elle tornou a passar logo outra vez a vista(...); pello q nos fomos sem dormir(...)»¹⁰³²

Também Francisco Álvares e seus companheiros parecem ter partilhado de igual sorte face à história de um leão que, contra o hábito, teria atacado uma pessoa perto de Barué, suscitando o receio das populações¹⁰³³.

O P.e Pêro Pais centra basicamente as referências à fauna na sistematização a que procede nos capítulos a ela dedicados, distinguindo animais em geral e aves.

Detém-se com especial atenção nos animais exóticos e bravios, que tenta classificar sempre em relação com o que conhece ou o que é similar. No caso do rinoceronte ou *Abbadas*, depois de os descrever, afirma, «(...) só me faz duvida se são *Abbadas*, porq tem dous cornos hu sobre os narizes; e outro na testa; e a *Abbada*, q eu vi em Madrid o anno de 1587, não me lembra se tinha mais q hu aserrado.Os de quá tem dous(...)»¹⁰³⁴, encetando seguidamente uma pormenorizada descrição dos chifres do rinoceronte, cujo nome indígena seria *Aurarêz*¹⁰³⁵.

O autor vê-se, por conseguinte, diante de certas dificuldades para o estabelecimento de uma tipologia e classificação dos espécimes. Situação agudizada quando o animal parece ser desconhecido do autor. Tal é o caso da girafa, detalhadamente descrita pelo padre¹⁰³⁶. Também as zebras, os *Jumentos do mato*, suscitam a curiosidade de Pais, que delas, nos oferece uma ilustrativa visão, plena de encantamento e minúncia:

¹⁰³² *Ibd.*, Vol. II., p. 21

¹⁰³³ «(...) destes feros animais nunca ouvi dizer que fizessem mal, posto que a gente da terra lhes há grande mêdo, somente em um lugar (...) , que será meia légua deste lugar de Barué, jazendo um homem dormindo à porta do seu curral, de noite, e um seu filho pequeno com ele (...), veio um leão e matou este homem, sem o ninguém sentir e comeu-lhe os narizes e abriu-lhe o coração sem tocar na criança. Houveram os da terra mui grande medo (...). Aproveu a Nosso Senhor Deus que nunca mais fez mal.»

¹⁰³⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. I., p.197

¹⁰³⁵ *Vide, ibd.*

¹⁰³⁶ , « Há outro animal a q chamão Jerâtacachên, q quer dizer cabo delgado, de disforme altura. Hu me mostrou o Emperador mandandome chamar pera isso quando o trouxerão, e com ser ainda novo, do chão até o alto da cabeça erão dezanove palmos, e dizião q os velhos são mais compridos; a Cabeça he muito pequena e de feição de Camelo, mas na testa quasi no alto, tem duas pontas, hua perto da outra, delgadas e quatro dedos de comprido; e parece q aquelle he osso, porq está cuberto de pelle com cabelo. O pesçoço delgado, comprido e direito pera cima. O corpo da grossura de hu boi , mais comprido; as mãos muito grossas e desproporcionadamente altas, por ser em sua comparação os pees muito curtos; as unhas fendidas e como de vacca: a cor parda clara, (...) não morde ne faz outro mal nenhu; e nos mattos corre mais q hu Cavallo, e se o tomão sendo novo, fica m.to manso; mas não sobem nelle, porq como os pees são curtos e as mãos em seu respeito muito compridas, facilmente derrubaria a que fosse nelle.», *Ibd.*

« (...) mas há outros, a q também chamão Jumentos do matto, (...); só as orelhas são hu pouco grandes, (...), mas também são fermosas, porq estão cheas de riscas delgadas em círculo; huas m.to pretas e outras brancas e todas uniformes; á roda dos olhos, também tem outros círculos como aquelles; e do alto da testa lhe deçem outras riscas direitas até as ventas dos narizes; mas aly as riscas brancas não o são tanto como as outras, porq tirão hu pouco a vermelhas; todo o pescoço está cheo aroda daquellas riscas (...); e da Cruz lhe vai correndo pello lombo atee a ponta do cabo hua risca preta de mais de dous dedos de largo; e della por hua e outra banda lhe deçem outras riscas mais estreitas brancas e pretas, e mui uniformes; Em as mãos e pees, de cima atee as unhas tem riscas como em as orelhas; As unhas são como as dos Jumentos; e o cabelo curto muito macio.»¹⁰³⁷

Acerca desta espécie refere ainda o autor, «Estes animais não se achão senão em terras m.to quentes, e são poucos e assi muito estimados; são de corpo maiores q há em Espanha.»¹⁰³⁸. O autor mantém, pois, o princípio de similaridade com os jumentos da sua terra natal; o mesmo principio é aplicado a outras espécies (« Também há m.tas vaccas bravas do matto, q chamão Torâ, (...)»¹⁰³⁹); já os felinos são devidamente conhecidos, existindo embora excepções: «Leons, Tigres, Onças, mas não tão ferozes como os q trazem de Africa pera Espanha. Há também outro animal, q chamão Guecelâ, do tamanho de hu Leão e dizem muito bravo e feroz; sua pelle tenho vista, e o cabelo he muito masio e preto.»¹⁰⁴⁰

Nas suas referências aos animais selvagens o autor faz ainda menção a outras espécies salientando o dano causado pelos gatos monteses que « (...) são m.tos e fazem grande danno em as galinhas, elles e outras sortes de animais q há como foroens.»¹⁰⁴¹ e lobos, estes especialmente perigosos, pois «(...) não tem conto, e tão bravos, q no matto arremessam a gente de dia, e de noute vem m.tas vezes entrar dentro das çercas, (...)»¹⁰⁴², o que nos remete para os ataques sofridos pela expedição de Álvares e para a questão da espécie de animal atacante¹⁰⁴³.

¹⁰³⁷ *Ibd.*, pp. 197/198

¹⁰³⁸ *Ibd.*, p. 198

¹⁰³⁹ *Ibd.*

¹⁰⁴⁰ *Ibd.*

¹⁰⁴¹ *Ibd.*, p. 199

¹⁰⁴² «(...) pouco tempo há q, tendo Erâz Cela Christôs Irmão do Emperador assentado seu exercito em hua terra (...) do reyno de Gojam, vierão os lobos de noute e levarão arrastando hu moço, q dormia na borda do Arrayal, e ainda q gritou, quando lhe acudirão, já o tinham espedaçado.» *ibid.*, p. 198

¹⁰⁴³ *Vide*, Capítulo III,

O olhar pragmático na apreciação da natureza faz-se sentir na descrição do gato da algália e a sua recolha¹⁰⁴⁴. Na mesma óptica, Pais não deixa de apontar, pela quantidade e variedade existente, os primatas, equiparados a uma verdadeira praga pelos estragos que provocam nas sementeiras¹⁰⁴⁵. São localmente designados por *Zenyerô* e por *Gureçâ* (os de pelagem branca), e o autor não deixa de apontar a sua grande agilidade e descaramento no furto das colheitas¹⁰⁴⁶. Alguns «Trazem por brinco em as casas com cadea assi de huns como de outros, mas muito poucos.»¹⁰⁴⁷.

Além dos primatas e gafanhotos, a fauna abexim comporta outras espécies malfazejas: «Outra praga muito grande há em todas estas terras de Ethiopia q tenho vistas, (...), q são rattos sem conto, q fazem grande danno em as sementeiras; (...)»¹⁰⁴⁸ ou ainda as «(...) cobras peçonhentas, posto q não m.tas; e serpentes m.to grandes; e dizem q o baffo de alguas basta pera fazer inchar os gados e morrerem, (...)»¹⁰⁴⁹.

Pais dedica um capítulo à parte às diferentes espécies de aves, sobre as quais afirma, «(...) tambem se achão m:tas diferenças e varias sortes de Aves; porq tem quasi todas as q são comuas em Europa e outras m.tas la nunca vistas.»¹⁰⁵⁰. Entre estas podemos incluir o deselegante pássaro «(...)a q chamão Eceitân farâz, cavallo do diabo por ser muy feo, e do pescoço pera o cabo muy comprido, e andar m.to mal, posto q ligeiro(...)»¹⁰⁵¹, animal que em relação à falta de formosura emparelha com a a ema ou avestruz, como atesta o autor: «Em companhia deste podíamos por a Ema ou abestruz; se he çerto q se hade contar entre as Aves, porq tambem he assaz feo; mas ainda q alguns fazem semelhantes seus pes aos do camello, se pareçem m:to

¹⁰⁴⁴ « Os gattos d' Algalia sãp m.tos e assi a elles como a algalia chamão Tirênh; a são quasi duas vezes mayores q gattos e da mesma feição; tem os sempre em gaiolas; porq são tão ariscos, q nunca se amansão; e se se soltão , com dificuldade os tornão a tomar. . Tem a Algalia em hua bolsinha, q a natureza lhes pos entre as pernas; e tem cuidado de atirar a tempo, não somente pello ganho q nisso há; mas por o dano q o gatto recebe, q adoce de febre, selhas deixam estar muito; e assi os q andão nos mattos se roçõ nas pontas dos paos seccos , pera se descarregar della, e como já sabem isto, a vão buscar onde elles andão (...)», *ibd.*, pp. 198/199

¹⁰⁴⁵ «(...) huns muito pequenos co o cabo comprido; outros mais grandes e fermosos tem debaixo das mãos e parte do pescoço e da cabeça branco. Estes estão de ordinario em o mais alto das arvores. Há outros mais grandes feos como os pequenos; e outros como grandes caens e m.to mais feos q todos; e tem dos peitos pera cima atee a cabeça hua cabeleira mais comprida q de Leão; e mordem muito» *Ibd.*, p. 199

¹⁰⁴⁶ «(...) hua vez estando em hu valle, levantei os olhos a as vozes q dava hu home pera q lhe não entrasse [o macaco] em huns grãos q guardava, e hu delles, q hia mais diante, correo, e chegando a borda dos grãos, arrancou a toda a pressa co ambas as mãos quantos lhe puderão caber na boca, e acolheose antes q o dono pudesse chegar.» *Ibd.*

¹⁰⁴⁷ *Ibd.*

¹⁰⁴⁸ *Ibd.*, p.199

¹⁰⁴⁹ *Ibd.*

¹⁰⁵⁰ *Ibd.*, pp.202/203

¹⁰⁵¹ *Ibd.*,

pouco co elles (...) Em esta terra há m.tos , e dizem q correm tanto , q co muita dificuldade os alcançará hu cavallo.»¹⁰⁵²

Pêro Pais destaca a quantidade das aves aquáticas, declarando « Das Aves, q andão em os Rios e Lagoas, há m.tas mais sortes q de outras nenhuas, e tantas q não tem conto; (...)»¹⁰⁵³; de sublinhar igualmente o relato que nos dá das migrações dos numerosos grous da região de Dambiã¹⁰⁵⁴.

Também a fauna dos rios e lagos, nomeadamente do Nilo, rio Tacacê e lagoa de Dambiã, é referida, não só na abundância de espécies piscícolas¹⁰⁵⁵, mas igualmente pela imponente presença e ferocidade de uma curiosa espécie de mamíferos à qual Pais dedica especial atenção a propósito da descrição do lago Dambiã. Esta espécie, certamente o hipopótamo, é designada como *Cavalo Marinho* à falta de melhor nomenclatura ou, segundo a designação local, *Gumarî*. Tendo-se já a ela referido a propósito do rio Nilo¹⁰⁵⁶, é nesta passagem que nos dá a sua descrição mais completa¹⁰⁵⁷, assim como uma análise do seu comportamento¹⁰⁵⁸. O que parece

¹⁰⁵² *Ibd.*, pp. 204/205

¹⁰⁵³ *Ibd.*, p. 205

¹⁰⁵⁴ « Grous há m.tos no verão, particularmente em Dambiã e he cousa pera notar, e tem observado os moradores desta terra, q todos os annos entrão nella em hum mesmo tempo, sem aver differença de hua vez a outra mais q tres ou quatro dias, quando muito, , e como se chega o tempo em q hãode tornar pera sua terra (q tambem o tem certo) , a q estão em Dambiã sobem todas as manhãs tão altas q quasi se não enxergão, por outo ou dez dias continuos, e andão gritando até perto do meo dia, como chamando aas q estão em as terras vizinhas q se juntem pera caminharem todas em companhia, (...)», *ibd.*

¹⁰⁵⁵ Em relação ao rio Nilo afirma o autor: « Há grande multidão de peixes de m.tas sortes e gordo, por achar bem q comer, e entre elle o q nos chamamos em latim torpedo, e a gente desta terra chama Adenguêz, q quer dizer espanto, porq (...) que o toma na mão, se bole, fica espantado; e ainda lhe parece q todos os ossos se lhe desconjuntarão; (...)», *ibd.*, p. 218; quanto à lagoa de Dambiã, refere: «Em esta lagoa há m.to grande abundancia de peixe de diferentes sortes, assi do q tem escama como do q não; e deste há hua feição q se parece m.to co Çação, excepto na cabeça, q a tem grande e fea como de sappo, e no Inverno , quando a lagoa está chea em tempo q chove muito, sae tanto pelas terras q estão ao longo da praya (...) q até co paos os matão m.tos, e naquelle tempo he saboroso, porq está gordo.», *ibd.*, p.233

¹⁰⁵⁶ «Andão nelle Cavallos Marinhos, q quá se chamão Gumarî e a gente q passa em embarçaõens se guarda m.to delles, porq alguas vezes arremetem, e pondo as mãos sobre ellas, as virão co sua grande força e peso e matão aos q alcanção co os dentes, q os tem m.to grandes.», *ibd.*, p. 218. Esta espécie não é, aliás a única a dificultar a travessia dos rios etíopes. Quando se refere ao rio Tacacê, relata-nos Pais: no principio do Inverno q se começa a enturvar, se passa co perigo, por causa dos lagartos q há, q mordem a gente e aos animais, e ainda alguas vezes os levão, e assi naqlle tempo não passão sem hir batendo co paos, e no Inverno de nehua maneira se pode passar senão com çerto modo de jangada q fazem.», *ibd.*, p. 227

¹⁰⁵⁷ « he animal quadrupede e tão grande como hua vacca, mas os pees são m.to curtos; e em cada hu tem quatro unhas, as duas de diante são grandes e compridas; outra mais pequena e a outra ainda menor, e não estão unidas (...); he largo de corpo e não m.to comprido; tem orelhas curtas como Cavallo e o focinho rombo; dois dentes de cima são de 4 dedos de grosso e de palmo e meio de comprido, pouco mais ou menos, e arqueados como de porco do matto. (...) Quando abre a bocca mostra q será de tres palmos ou mais; e seu rincho se parece algua cousa co o do Cavallo; o collo he curto e não o dobra bem; tem cabelo m.to ralo e como de porco; e o cabo he m.to curto co alguas cerdas na ponta; e pelle tão branda q co qualquer frecha ou zagaia q atirão o passão, co ser muito grossa; mas como se secca, co dificuldade a passará espingarda; sua gordura se parece co a de toucinho; e a carne co a de vacca.», *ibd.*, p. 234

ter chamado a atenção deste autor em relação a esta espécie, para lá da abundância no referido lago e da sua imponência e estranheza, seria a ferocidade do seu comportamento, pois, segundo as palavras de Pais,

«(...) e ainda q não tenham f.os, são tão bravos, particularmente no Inverno q estão gordos, q arremetem como touros; e eu conheço hu pescador, a que lhe cortou com os dentes hua perna indo em sua embarcação, e escapou co grande trabalho; e pouco há q morreo hum Portugues q, chegando perto d'agoa, onde estava hum desses Gumaris, sahio co tanta furia q, (...) o alcançou por hu braço co os dentes e lho fez em pedaços, e co a pancada q lhe deu co o focinho o botou m.to longe (...)»¹⁰⁵⁹.

O pormenor na descrição dos diferentes comportamentos dos animais que suscitam a sua atenção está de igual forma patente na seguinte descrição, obtida a partir da informação de um pescador local, que Pais teria encontrado nas margens da lagoa de Dambiã:

« Há outra sorte de peixe de escama do tamanho de hu Besugo ou pouco mais, e de boca grande q como desova anda sempre aly atee q sayão os f.os, e depois os acompanha; e como sente alguma cousa de medo, abre a bocca, e logo entrão à profia quantos podem; e ella fecha a bocca e foge co elles; e como se torna a assegurar, a abre e os larga.»¹⁰⁶⁰

¹⁰⁵⁸ « Destes animais há m.tos nesta lagoa, e de dia estão dentro d'agoa, e de noute saem a comer ao Campo e fazem grande dano nas sementeiras, se não as cercão;mas, cõ quaisquer pedras q ponhão de dous palmos de alto não entrão por terem as pernas muito curtas(...). Andão dez e doze juntos e estão de ordinario junto da praya, onde não há m.ta agoa, q longe ao fundo raramente vão, e ao lugar onde hus tem seu assento, (...), não chegão os q são de outra comp.^a, so pena de terem m.to grandes brigas.(...) dizem q não há entre elles mais q hum macho, e ainda affirmão os q os cação q, quando algumas daqllas femeas pare macho, foge logo muito longe co elle, senão q seu pay o mata; e estão lá ambos até q o filho he grande e então a may o morde e briga co elle pera provar se tem força bastante pera pelejar co o seu pay;(...) mas quando pare femea, não se afasta a may, ne o pay lhe faz mal , antes a guarda co tanto amor, q se passa por perto alguma gente, ainda q seja nas embatçaçoens q acima disse, arremete como hu leão; e pondo as mãos sobre a embarcação, a vira, e faz em pedaços co os dentes a quantos acha; (...)», *ibd.*, pp.234/235

¹⁰⁵⁹ *Ibd.*, p. 235. O autor voltou a estaes tema acerca da navegação na lagoa de Dambiã e o perigo que constitui a presença destes ferozes animais, como se infere da seguinte passagem: «(...)fomos sempre ao longo da terra (..) como pello perigo grande dos cavallos marinhos, q ha m.tos naqle tempo[Agosto], e tão bravos, q se achão hua embarcação destas hu pouco afastadas da terra, (...), a fazem em pedaços, ou a virão e matão quatos achão e aind algumas vezes sahem da agoa correndo pella terra dentro apos a gente, como me affirmarão alguns(...); e entre ellles hu portugûes a que alcançou nhu bem afastado da agoa e lhe fez em pedaços o braço ezquerdo(...)», *ibd.*, p.166

¹⁰⁶⁰ *Ibd.*,pp. 233/234

O sentido prático destes autores, para além da avaliação e descrição da fauna e flora locais, leva-os também a captar todas as referências às riquezas minerais e tipo de exploração dos recursos naturais. A existência de ouro e prata são assinalados, sempre que possível. Francisco Álvares e Pêro Pais referem a existência de ouro na terra revolvida pela chuva em Aksum¹⁰⁶¹. Álvares referirá ainda a existência de ouro nos reinos de Damute,(sendo o seu sistema de recolha semelhante ao anterior: a terra é lavrada e quando vêm, as chuvas deixam o ouro à vista, sendo recolhido de noite por brilhar) e de Gojame¹⁰⁶², onde haveria grande abundância deste metal.

Por seu lado Pais anota que «Minas de ouro ha alguas, particularmente no Reyno de Nareâ, mas o melhor he o q tirão de hu rio grande, q chamão Bebêr, lavando a area da praya (...)» ou mergulhando para trazer areia do fundo; noutro reino, de Fazcolô, o ouro viria pegado à ponta dos bambus queimados¹⁰⁶³.

Da mesma forma são assinaladas minas de prata em vários locais do reino¹⁰⁶⁴, por ambos os autores, embora Pais refira «(...) nunca ouve tanta prata en as terras do Preste João q lhe não fosse necessario compralla aos Turcos, com lha venderem bem cara; (...)»¹⁰⁶⁵.

Quanto a outros minérios, afirma o P.e Pais, «Ferro há em m.tas partes; e chumbo em alguas, mas disto tão pouco q quasi não lhes basta pera pelouros de suas espingardas; (...)»; Álvares afirmara em relação ao reino de Angote a existência de moedas de ferro «(...) feito como pás, que para nada aproveitam naquela feição, senão para fazerem outra cousa.»¹⁰⁶⁶ e no seu relatório ao arcebispo confere a existência de ouro, prata, cobre e estanho¹⁰⁶⁷.

A abundância de sal, a Levante, é sublinhada por Francisco Álvares, que afirma sobre as terras do Balgadarobel, que ficam a sul e confinam com o Mar Vermelho: «Há em ela a melhor cousa que há em Etiópia, seja o sal que em toda a terra corre por moeda, assim nos reinos e senhorios do Preste (...). Este sal é de pedra tirado em serra (segundo dizem) e vem de feição de adobes.»¹⁰⁶⁸ Pais afirma que a

¹⁰⁶¹ Cf., Álvares, *op. cit.*, p. 92 e Pais, *op. cit.*, vol. I, p. 209

¹⁰⁶² Vide, Álvares, *op. cit.*, pp. 359 e 361

¹⁰⁶³ Pais, *op. cit.*, pp. 208/209

¹⁰⁶⁴ Cf., Álvares, *op. cit.*, pp.110 e 362 e Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 95 e 209

¹⁰⁶⁵ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 213

¹⁰⁶⁶ Álvares, *op. cit.*, p. 127

¹⁰⁶⁷ *Ibd.*, p. 421

¹⁰⁶⁸ *Ibd.*, pp. 107/108

principal fonte de sal é uma determinada região, embora noutras exista «sal miúdo»¹⁰⁶⁹ .

Outra importante riqueza que parecia não escassear na época, pelo menos no planalto interior do reino, era a água: numerosas ribeiras são assinaladas, como vimos, pelo P.e Álvares, no decorrer do seu percurso e o P.e Pais afirma mesmo «As agoas, assi das terras quentes como das frias, comumente são boas e sadias.»¹⁰⁷⁰

Deparamos pois, por parte dos nossos autores, entre visões de uma flora desconhecida, percalços da orografia e os perigos suscitados pela fauna africana, com uma espécie de consideração pragmática na observação dos recursos e possibilidades da terra, da natureza abexim .

¹⁰⁶⁹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.182

¹⁰⁷⁰ *Ibd.*, p. 208

1.3 Dos Habitantes, seus Usos e Costumes

« Casam-se nas partes de Portugal e Espanha por amores e por verem bons rostos e as cousas de dentro lhe são escondidas, nesta terra bem podem casar por verem tudo certo.», Francisco Álvares, *Verdadeira Informação...*

« Os Paços reais , (...) são tristes casas terreas cubertas de palha;(...)», Pêro Pais, *História de Etiópia*

A componente humana e respectiva organização social, tal como o espaço físico, objecto da curiosidade dos autores e, por conseguinte, minuciosamente descrita, numa tentativa de captar, descodificar e transmitir uma outra realidade etnológica e civilizacional¹⁰⁷¹. As descritivas do “outro” civilizacional assentam em tópicos, com base nas «(...) informações e teorias herdadas da antiguidade clássica greco-latina e da medievalidade cristã(...)»¹⁰⁷² assentes em conceitos como *o gentio* face ao *cristão*; a *barbárie* face à *civilização/polícia*; o *homem* face à *bestialidade*, categorias que presidem ao processo de classificação da realidade no que diz respeito à vida material e espiritual, abrangendo a aparência física e costumes; o modo de organização social e o sistema de crenças¹⁰⁷³.

¹⁰⁷¹ Como afirma Luís Filipe Barreto, «O campo de discursos sobre o *Outro civilizacional*, na sua forma maioritária (...), constitui um dos lugares mais ricos das Cultura Portuguesa renascentista e um dos frutos mais complexos dos Descobrimentos.», *Descobrimentos e Renascimento*, 2ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p. 61

¹⁰⁷² Luís Filipe Barreto, *op. cit.*, p.8

¹⁰⁷³ *Vide, Ibid.*, p. 10 e José da Silva Horta, *op. cit.*, pp. 275/276

Com efeito, «(...) é suposto o autor preencher determinados itens ao descrever uma região e o seu povo. A definição desta “grelha” etnográfica é sobretudo marcada pela descrição geográfica e cultural de Heródoto e pelas suas posteriores apropriações.»¹⁰⁷⁴ Segundo Ana Paula Avelar, a estratégia discursiva da *Ars Historica* deste autor clássico preconiza a análise dos costumes e dos valores culturais de uma determinada sociedade¹⁰⁷⁵.

A partir destes núcleos descritivos traçam os autores analisados a sua representação do reino Etíope tentando não só a sua compreensão, como também a exequibilidade dos pressupostos da sua missão face às condições com que deparam, não descurando desta forma, o ponto de vista pragmático na consideração da sociedade, que também já havíamos denotado na sua observação da natureza.

E, este confronto e convívio com uma *outra* sociedade permitirá um progressivo, mas paulatino e parcelar descentramento da visão eurocentrica em prol da aceitação da diversidade e multiplicidade e do abrandamento da norma de funcionamento social dos autores.¹⁰⁷⁶

Vejamos, então a abordagem feita pelos padres Álvares e Pais a estes tópicos descritivos centrados na aparência física dos habitantes do império abexim e no seu comportamento e valores; no seu espaço urbano e habitacional; nos seus variados usos e costumes. Sigamos os seus modos de descrição, categorização e considerações sobre uma sociedade na qual, por razões diversas, tiveram de se integrar durante consideráveis períodos de tempo, tendo a possibilidade de a observarem a partir do seu interior e sendo obrigados, pelo menos momentaneamente, a ultrapassarem ou conviverem com as diferenças culturais¹⁰⁷⁷.

Começaremos pela descrição dos habitantes, quer no seu aspecto físico, como no seu trajar e na sua índole. Considerando o caso dos povos africanos, em particular, estes sofrem *a priori* de uma conotação negativa, herdeira do conceito antigo e

¹⁰⁷⁴ José da Silva Horta, *op. cit.*, p. 276

¹⁰⁷⁵ Vide, Ana Paula Avelar, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, p. 144

¹⁰⁷⁶ Vide, *Ibd.*, p.185 e Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento*, pp. 60/61

¹⁰⁷⁷ Segundo Anthony Disney, os viajantes terrestres ou os que se internam nos territórios são obrigados a aceitar, pelo menos de forma transitória, os costumes dos povos locais, transpondo diferenças culturais e possibilitando uma compreensão mais genuína de outras sociedades. «Navigating Literary waters: truth, lies and representations...», in *Literatura de Viagem- Narrativa, história, mito*. pp.121/133

medieval, que ligava a cor escura da pele ao mal¹⁰⁷⁸ assim como a crença, segundo a tradição bíblica, na filiação desses povos nos descendentes amaldiçoados de Cam, filho de Noé, que teriam ocupado aquela parte da terra¹⁰⁷⁹. Esta é a ideia subjacente na consideração destes habitantes embora existam matizes mais positivos na sua valoração, ligados à sua gentilidade, que permitiria a conversão ao catolicismo ou decorrentes da identificação do reino do Preste João naquele continente¹⁰⁸⁰.

Desta forma e quanto aos traços somáticos dos habitantes da Etiópia, ambos os autores se preocupam com a gradação dos tons da pele, além da constituição física geral. Os etíopes apresentam, de facto, a pele escura, mas entre as várias populações sujeitas ao imperador e habitantes de regiões limítrofes encontram-se vários tons de pele.

Álvares, logo no início da sua viagem, a caminho do mosteiro de Bisão, depara com um grupo de «(...)gente quási nua que lhes aparecia quanto tinham e muito negros e eram cristãos e as mulheres alguma mais cobertura traziam, mas era mui pouca.»¹⁰⁸¹. No entanto, o senhor local, o *Barnagais*, afirma-se pela sua distinção a despeito da cor da pele, pois como afirma Álvares, «(...)em sua pretidão era gentil homem (...)»¹⁰⁸²; igual consideração é feita em relação ao “fidalgo” que encontram no início da sua viagem, *Frei Mazqual*¹⁰⁸³, afirmando ainda, « (...) chegou a nós como homem bem criado e ensinado e cortês.»¹⁰⁸⁴

A gradação dos tons da pele e aspectos somáticos são cuidadosamente apontados no que à figura do *Preste / Imperador* diz respeito, como se denota na descrição que Álvares faz do Imperador coevo, Lebena Denguil: «Na idade, côr e estatura é de homem mancebo não muito prêto, seria de côr castanha ou de maçã baionesa, não muito parda e em sua côr bem gentil homem, mediano de corpo. Diziam ser de idade vinte e três anos(...). Tem o rosto redondo, grandes olhos, nariz

¹⁰⁷⁸ Do termo “etíope” (de *aethiops* = face queimada) coexistem dois significados dominantes na Idade Média (bem como na Antiguidade) por um lado são “etíopes” o conjunto dos povos submetidos ao rigor do sol; por outro lado é a designação espontânea do Negro(...). A assimilação do Etíope à negritude do demónio está relacionada com a estadia prolongada deste no Inferno, mas também com a evocação da cor negra, das consequências do calor na zona tórrida donde provém(...)», Luís de Albuquerque, António Luís Ferronha, José da Silva Horta *et alli*, *O Confronto do Olhar*, Lisboa, Caminho, 1991., p. 47

¹⁰⁷⁹ Manuel João Ramos, «O Destino Etíope do Preste João...», in *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*, pp.245/246

¹⁰⁸⁰ Vide, José da Silva Horta, *op. cit.*, pp.52/63

¹⁰⁸¹ Álvares, *op. cit.*, p.23

¹⁰⁸² *Ibd.*, p.20

¹⁰⁸³ *Ibd.*, p. 19

¹⁰⁸⁴ *Ibd.*, p. 20

alto no meio(...) e começa de lhe nascer a barba.»»¹⁰⁸⁵. Com o intervalo de um século aproximadamente, Pais dá-nos uma descrição similar do monarca etíope de então, Suseneos, «(...) e por ser de corpo dos mais bem dispostos de sua Corte, de cores baças, o rosto comprido, os olhos grandes e fermosos; o nariz afillado, os beiços delgados, a barba preta e em boa proporção comprida, (...); e tinha então 32 annos(...)»¹⁰⁸⁶.

A despeito do tom da sua pele, verifica-se uma distinção positiva entre o tipo físico da população etíope coeva e outras populações africanas. Assim, como afirma Pais, «Tem a gente de Ethiopia comumente boas feiçoens no rosto; os Corpos fortes ,e robustos, soffredores sobremaneira de trabalhos, fome, sêde, calmas, frios e vigias;(...)»¹⁰⁸⁷, salientando no entanto, «(...) ainda q em alguas terras, q o Emp.or senhorea, aja Cafres feos, a que os Abexins tem por escravos.»¹⁰⁸⁸ Destaca igualmente, este autor, a sua longevidade, fruto de uma educação pouco protegida¹⁰⁸⁹, afirmando que « (...) há muitos homens de cem annos muito bem dispostos, e ainda vi alguns de cento e vinte e de cento e trinta com boas forças.»¹⁰⁹⁰

A população etíope conhece várias gradações no tom da pele: Pais considera que a guarda do Imperador é tão preta como as armas que empunha¹⁰⁹¹; mas por outro lado sublinha a alvura das mulheres¹⁰⁹² e da guarda de espingardas, «(...) boa parte delles mancebos muito alvos, porq são filhos de Turcos, q aqui se fizerão Christãos, (...)»¹⁰⁹³. Por sua vez Álvares refere junto do Abuná, «(...) um seu clérigo, homem branco, filho de libete, seja, homem branco nascido nesta terra (...)»¹⁰⁹⁴.

Um largo espaço é atribuído pelos autores à descrição do vestuário dos diversos estratos sociais. Álvares sublinha a sua exiguidade, em relação aos habitantes comuns, e principalmente no caso das mulheres como exemplifica a seguinte passagem referente às terras senhoreadas pelo *Tigremahon*:

¹⁰⁸⁵ *Ibd.*, p. 214

¹⁰⁸⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.119; este tipo de descrição aparece novamente relativamente ao Imperador Za Denguil: «Era homem alto de corpo, bem apessoado, de cor baça; os olhos grandes; nariz afilado e beiços delgados; e segundo me disserão, tinha 26 annos.», *ibid.*, Vol. III, p. 33

¹⁰⁸⁷ *Ibd.*, p. 175

¹⁰⁸⁸ *Ibd.*, p.134

¹⁰⁸⁹ « (...) e de se criarem desta maneira e sem mimo lhes vem serem depois robustos , e de boa saude; e ordinariamente paixão dos 80 anos com boas forças e desposição, e dizem q muitos ainda de cem annos as tem; (...)», *Ibd.*, p. 16

¹⁰⁹⁰ *Ibd.*, p. 208

¹⁰⁹¹ *Ibd.*, p.133

¹⁰⁹² *Ibd.*, p. 168

¹⁰⁹³ *Ibd.*, p. 133

¹⁰⁹⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 258

« Os homens trazem trajos deferençados e assim as mulheres que são casadas ou estão com homens já trazem derredor de si uns panos pretos de lã com grandes cadilhos do mesmo pano e não trazem diademas nas cabeças como as de barnagais. As moças (...) algumas muito grandes de corpo e de idade trazem pele de carneiro pendurada pelo ombro, sem cobrir mais que uma ilharga.»¹⁰⁹⁵

Ainda nesta região refere o autor o uso masculino de «(...) umas fraldinhas delas de pano, delas de couro curtido (...) assim franzidas como as de mulheres da nossa terra e seu comprimento não sera de dois palmos e indo em pé parece que lhas arredondaram até que cobrisse sua vergonha, abaixando-se ou assentando-se, ou fazendo vento aparece.»¹⁰⁹⁶

Já no reino de Amara, «(...) os homens gerais trazem derredor se si um pedaço de couro de vaca, estes gerais são quási todos e poucos são os especiais.»; quanto às mulheres, «E as mulheres, assim mesmo, trazem pano algum tanto maior que os homens e cobrem aqui o que podem que lhe Deus deu, o demais aparece.»¹⁰⁹⁷

Também Pais refere os parcos trajés das gentes do povo, que «vestem como podem»¹⁰⁹⁸, cobrindo-se com panos brancos de algodão ou couro. Especifica o aspecto geral das mulheres, anotando que «(...) e todas andam descalças, e muitas vezes descubertos dos peitos pera cima;(...)»¹⁰⁹⁹. Mais adiante o autor entrará em maior pormenor, anotando que,

« Os villoens, q lavrão a terra ainda agora vestem couro de vacca, q concertão a modo de Camuça sem calção, nem outra cousa nenhua. Alguns trazem hu pedacinho de panno grosso d'algodão amarrado na cinta, q lhes chega atee o joelho, (...), e hua pelle de Carneiro co sua laa as costas; amarrado hu pee e hua mão diante do peito; mas aos Domingos , e festas vestem pannos grandes d'Algodão, os q tem;(...) As molheres dos villoens vestem couro como seus maridos; e em alguas partes huns pannos de laam de cinco ou seis Covados de comprido; e tres

¹⁰⁹⁵ *Ibd.*, pp. 100/101

¹⁰⁹⁶ *Ibd.*, pp. 85/86

¹⁰⁹⁷ *Ibd.*, p.163

¹⁰⁹⁸ « A gente baixa veste como pode e ordinariamente he hu panno branco de algodão cosido como lançol, e cõ este se cobre, sem trazer debaixo mais q hu calção; e ainda algus não trazem mais q hu couro de vacca, q concertam como camuça grossa.»; « As molheres baixas vestem como podem: e ordinariamente he de hu panno de algodão como hu lançol, ou hum couro como camuça. », Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 17 e 18

¹⁰⁹⁹ *Ibd.*, p. 170

de largo (...) e puderão com muita rezão chamar celicio, porq he muito mais aspero q o q vestem os frades Capuchos; (...)»¹¹⁰⁰

A preocupação pelo detalhe leva a que os adornos, atavios e penteados não sejam descurados pelos nossos autores. Quanto às mulheres do povo, o P.e Álvares alude às contas que as jovens usam sobre o corpo descoberto¹¹⁰¹ especificando o seu uso, «As contas que as outras trazem ao pescoço, estas trazem-nas cingidas derredor da carne e grande soma de timaquetes sôbre a sua natureza, e, quem pode haver cascavel ou pequena campainha ali a traz(...)»¹¹⁰². Quanto aos cabelos afirma o clérigo, (...) trazem as cabeças em duas partes ou em duas ordens, a uma desce até os ombros e a outra chega sôbre estas pelas orelhas.»¹¹⁰³ Usos mais uma vez corroborados pelo jesuíta ao referir que as mulheres usam «(...) no collo continhas muitio miudas de vidro de varias cores enfiadas de maneira q tem dous dedos de largura.Os cabellos feitos em muitas trancinhas como acima dissemos; mas em algumas terras as usão muito delgadinhas, e as cortão de maneira q não lhes cubra mais q as orelhas.»¹¹⁰⁴. O P.e Pais refere ainda a prática de incisões feitas na pele como adorno pessoal¹¹⁰⁵. Outro ponto de interesse abordado pelo jesuíta é o facto de existirem uma espécie de uso de *pragmática*, que impedia o uso pela população não nobre de outro tecido que não fosse o algodão, em desuso na época coeva, mas devidamente assinalada¹¹⁰⁶

Da mesma forma, o vestuário e atavios das classes altas são notados com todo o pormenor, importante sinal que ilustra a posição social do indivíduo e concomitantemente, a riqueza da terra. Assim nos descreve o P.e Francisco Álvares os mordomos ou privados que acompanharam a embaixada no recinto real:«(...)

¹¹⁰⁰ *Ibd.*, pp.169/170

¹¹⁰¹ Álvares, *op cit.*,pp. 100/101

¹¹⁰² *Ibd.*, p. 86

¹¹⁰³ *Ibd.*, p.164

¹¹⁰⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.170

¹¹⁰⁵ « O q eu sei e tenho visto muitas vezes he q em estas terras e pera a banda do Cairo, faz a gente muitos sinais por galantaria, hus picando co agulha, e botando anil, e outras cousas em o sangue, e fica o sinal azul; outros com navalha fazem o sinal q querem e sem botar tinta lhes fica sinalado de maneira q quasi parece natural; (...)», *Ibd.*,p. 141

¹¹⁰⁶ « Os homens , q não herão nobres, vestião antigamente só hu panno grosso branco d'algodão, e quando muito punhão calçoens brancos d'algodão atee mea perna, descalços e a cabeça descuberta; e não podião por outra sorte de vestido sem licença dos q governavão sua terra. Agora , se tem , podem vestir (...)Cabayas de panno ou de seda; e por touca e barrete na cabeça, mas se (...) vão d'outra parte a fallar com elle [o senhor da terra] a primeira vez q entrão , não podem levar Cabayas de panno ou de seda, senão só camisa branca ou de Taficira, ou sem ella (...)», *ibid.*,p. 169

vinham vestidos de camisas e bons panos de sêda e por cima dos ombros (...)e descendo para baixo cobertos de umas peles pardas muito guedelhudas, diziam ser de leões. E assim traziam cintas de sêda cingidas e de côres de largueza e tecimento como cilhas de cavalo, senão que eram compridas e de compridos cadilhos até ao chão.»¹¹⁰⁷

Mas o mais usual era andarem apenas cobertos, da cintura para cima, com uma pele de carneiro atravessada no tronco, como revela Álvares no relatório que apresentou ao Arcebispo de Braga¹¹⁰⁸.

Quanto às mulheres, parecem deslocar-se cobertas de panos de algodão de cor escura, que lhes cobrem também os rostos, como é o caso da mulher do *Tigremahon*¹¹⁰⁹; a rainha moura de Adea na corte do *Preste* enverga, por seu lado, «(...) vestidos de brocado e veludo e camisas mouriscas da Índia.»¹¹¹⁰.

Da mesma forma se detalha o P.e Pêro Pais na descrição do vestuário dos grandes senhores, que à semelhança da rainha moura do século XVI, sofrem a influência, quer nos tecidos utilizados, quer no corte, da Índia ou do império Turco e mesmo da moda portuguesa¹¹¹¹. Este autor discorre longamente sobre a forma antiga (remontando provavelmente à época de Francisco Álvares) de trajar dos senhores na corte, ou seja a já referida ausência de camisa e o peito coberto de peles de animais como o leão ou do *Gueçelâ* negro¹¹¹², e a nova forma de apresentação das classes altas, tanto masculina como feminina, incluindo as vestes (o Imperador numa cerimónia religiosa «(...)veo (...) vestido de setim Carmesim do mesmo corte de Turcos comprido até os pees, mas a roupa de debaixo co colarinho alto como os

¹¹⁰⁷ Álvares, *op. cit.*, p.178

¹¹⁰⁸ *Ibd.*, p. 418

¹¹⁰⁹ *Ibd.*,p.102

¹¹¹⁰ *Ibd.*,p. 333

¹¹¹¹ « Os vestidos dos homens grandes são de *grão* e doutros pannos finos de Damasco, Veludo , e borcados, q lhe vem do Cairo; o corte he o mesmo q dos Turcos; mas a cabaya interior, q lhes serve de camisa, te colarinho alto cõ botoens, e ordinariamente he de panno branco d' Algodão tão fino como olanda, q lhes vem da India; e as cabayas de cima degoladas, e compridas como as dos Turcos, ainda q este Emperador Seltân Çaguêd ia vay introduzindo cappas como as dos Portugueses(...)» Pais, *op. cit.*,Vol.I.,p. 17

« Os vestidos das molheres nobres são huas camisas largas e compridas, degoladas, quasi ao modo das das molheres de nossas terras; cõ muitos labores e sobre ellas hua como vasquinha de seda ou doutra cousa; Alguas se cobrem cõ mantilhinhas de Damasco; ou veludo, ou cõ pannos de seda ricos, q lhes servem de manta pera ? fora; e quãdo caminhão levão albornozes, e chapeos na cabeça; (...)», *ibd.*,pp. 17/18

¹¹¹² *Ibd.*,pp. 166/167

nossos.»¹¹¹³), o calçado, os penteados e formas de cobrir a cabeça e jóias e adornos, demonstrando uma maior sofisticação e pormenor em relação ao anterior relato.

Por exemplo quanto às vestes masculinas, relata-nos Pais que sobre as camisas compridas de tecido fino da Índia, apertadas na cinta, envergam um gibão comprido de mangas largas do mesmo tecido que se usa aberto¹¹¹⁴; «Outras vezes poem Cabayas do mesmo corte de damasco, Setim, Velludo, brocado, de panno muito fino, de todas as cores, q vem do Cairo.»¹¹¹⁵ Nos pés (...) trazem çapatos vermelhos, ou de outras cores, e alguas vezes de Velludo; mas botas , e borzeguis não usão.»¹¹¹⁶. A cabeça é coberta por «(...)toucas como Turcos, outros barretes de panno ordinariamente vermelho; outros tem o cabelo comprido, q concertão de muitas maneiras.»¹¹¹⁷, nomeadamente e como nos relata o autor, «(...) torcendo o de maneira q fica a cabeça chea de muitos como cordoenzinhos e não lhes passam das orelhas; outros os encrespão de muitas maneiras; e ordinariamente os trazem untados co manteiga.»¹¹¹⁸. Os adornos masculinos são enumerados: quer as compridas correntes de ouro que caiem pelas costas e descem até à cintura, rematadas por campainhas; quer as cruces que os menos abastados trazem ao pescoço; quer os punhais que se usam à cinta com punho e bainha dourada¹¹¹⁹.

Outrossim são descritas detalhadamente as várias peças do vestuário das mulheres de alta condição, incluindo o modelo, a qualidade dos tecidos e sua proveniência¹¹²⁰, adornos e penteados observados com toda a atenção pelo jesuíta :

¹¹¹³ *Ibd.*, p.125

¹¹¹⁴ « Mas falando do q agora usão os senhores grandes, e gente nobre, he hua camisa branca de bofetá fino da India assi como Olanda, comprida até perto dos pees , com colarinho alto, e justo co botoens de Tafeté Carmesim, e verde entresachados; e alguas vezes de prata ou ouro, q se fechão co huns cordoenszinhos de retroz das mesmas cores, e mangas justas atee a mão; mas muito compridas; e assim quando as vestem fazem muitas pregas e parecem bem. Estas cingem co hua touca da India de bordas de fio de ouro, ou vermelhas; ou co cinto de seda co muitas peças de prata douradas. Sobre esta canisa vestem alguas vezes outra tambem de bofetá, aberta por diante como roupão; e do comprimento da primeira, mas sem colarinho, como Cabaya de Mouros, e as mangas largas de ponta atee o covado co botoens como os outros, mas não se fecham só servem de fermosura.(...) Alguns trazem calçoens largos até mais de meia perna de bertanyil vermelho; o mais ordinario he calçoens estreitos, q chegão atee ao pee onde se fechão co botoens; e muitas vezes o q delles aparece he de damasco, Velludo ou brocado; e então os botoens são de ouro , ou prata; (...)», *Ibd.*,pp. 167/169

¹¹¹⁵ *Ibd.*, p. 167

¹¹¹⁶ *Ibd.*

¹¹¹⁷ *Ibd.*, p. 17

¹¹¹⁸ *Ibd.*,p. 168

¹¹¹⁹ *Vide, ibd.*, pp. 167/168

¹¹²⁰ « Seu vestido [das mulheres] he hua camisa larga muy comprida atee aos pees e por detras arrasta hu pedaço; as mangas largas, mas perto das mãos estreitas, e a abertura do collo comprida; pera q sem danar os cabellos a possão vestir; com tudo lhes cobte os hombros; e tem muitos lavores a roda de retros ou d'ouro. Em as festas trazem de damasco Carmesim, ou de outras sedas; e nos demais dias de hu panno branco d' Algodão fino como Olanda, q vem da India. Esta camisa cingem co algua touca fina, ou veo de

«As molheres, principalmente senhoras, tambem trazem topete muito alto; as donzellas poem mais acima hua grinalda de florezinhas de ouro cõ muita argentaria; e dos demais cabellos fazem muitas tranças delgadas, q caiem pera as costas e ornão co outras peças de ouro. As casadas raramente poem ouro nos cabellos, mas perto do topete rapão co navalha largura de hu dedo, e daly começão as tranças dos cabellos, e quanto mais pretos mais folgão; e assi tem certa confeição de azeite q os faz muito. Não usão de posturas d' Alvayade e vermelhão, (...) senão de certos licores cheirosos com q lhes fica o rosto muy lustroso.»¹¹²¹

E o padre continua descrevendo os belos colares de ouro ou os de «(...)continhas de vidro, entresachados nellas canutilhos de ouro(...)»; os brincos grandes das moças, de ouro e prata, com embutidos de esmalte; e os singulares brincos das senhoras casadas, que depois de alargarem o orifício das orelhas «(...)põem depois poem huns canudos d'ouro ou prata dourada fechados por todas as partes, e bem guarnecidos; a as de menos sorte metem hu pedacinho de pao preto cuberto co algua seda.»¹¹²²

Os trajés femininos de viagem são também referenciados, remetendo para a descrição já referida de Álvares: «Quando caminham levão sobre tudo Albornozes co muitos botoens d'ouro, e a cabeça e o rosto cuberto co hua touca de maneira q não aparecem mais q os olhos, e em cima chapeo como de Portugal de algua seda e do veo decem sobre os hombros huas pontas compridas.»¹¹²³

Nesta descrição da indumentária e aspecto dos abexins, o P.e Pais não descursa as crianças, das quais afirma,

« As mininas e os mininos f.ºs de gente baixa andam dispidos ao sol, e ao frio atee q são grandezinhos; e quando muito se cobrem cõ hua pelle de cabra ou de carneiro. Os f.ºs de homens grandes, ainda q vistão bem, andão descalços, e com a cabeça descuberta atee q são

seda; e alguas vezes poem sobre ella outra como Vasquinha co muitas pregas na cinta, mas não branca, senão de outras cores. Trazem calçoens estreitos, q chegão atee o pee; e çapatos.. Sobre tudo, em lugar de manto, cobrem hu panno grande, huas vezes branco como o da Camisa; outras de seda co franjas de fio d'ouro a roda.» *ibid.*, pp. 168/169

¹¹²¹ *Ibid.*, p. 168, passagem que confirma uma descrição anterior: «(...) trazem sempre topete muito bem concertado; e o mais cabelo feito em muitas tranças delgadas, e folgão mais cõ o cabelo preto q louro; trazem orelheiras de ouro fermosas; e as donzellas poem grinaldas cõ argentaria e outras peças d'ouro, com q ornão os cabellos.» *Ibid.*, pp. 17/18

¹¹²² *Ibid.*, p. 168

¹¹²³ *Ibid.*, p. 169

grandes e enquanto são pequenos trazem topetes muito bem côcertados; e os cabellos do mais alto da cabeça compridos, e trançados em tres ou quatro tranças, q lhes vão caindo pera as costas; (...)»¹¹²⁴.

Ambos os padres parecem ter tido uma relação afável com a população etíope, que bastas vezes recebia com agrado os viajantes portugueses. Álvares refere amiúde relações amigáveis que estabeleceu, incluindo com o próprio patriarca da altura, o *Abuná* Marcos, embora a comitiva portuguesa tivesse sido várias vezes apedrejada pela população durante as suas deslocações, entre outros incidentes menores.

Outro problema com que o prelado e a embaixada de 1520 depararam foi a constante ameaça de ladrões nos caminhos e a frequência de roubos¹¹²⁵, por bandos de ladrões que parecem polular pelas terras do Império abexim, fossem os «mouros alarves» que guardavam os rebanhos nas terras do *Barnagais*¹¹²⁶, fossem os grupos de assaltantes no reino de Angote¹¹²⁷. Os perigosos bandos de ladrões que ameaçam os viajantes nos caminhos da Etiópia, constituem um perigo que se mantém ainda na época do P.e Pais, como este nos relata no decorrer da viagem que empreende para visitar o Imperador Jacob. Os bandos de assaltantes emboscam-se para assaltar o grupo de portugueses e de mercadores a caminho da corte, atraídos pelos tecidos trazidos da Índia¹¹²⁸. Por este motivo se compreende o pânico do embaixador Mateus para espanto dos portugueses, receando assaltantes, no início da viagem da embaixada de 1520, quando encontram o fidalgo no caminho, «Ouvindo o Embaixador Mateus de sua vinda disse que era ladrão(...), dizendo que todos

¹¹²⁴ *Ibd.*, p. 16

¹¹²⁵ « Na vinda e trazida do nosso fato se começou a ver por experiência o aviso que nos davam dos ladrões, porque logo no caminho por fôrça tomaram a um servidor (...) quatro bacios de cobre estanhados e outros quatro de porcelanas e assim outras pequenas peças de cozinha e por se o servidor querer defender lhe deram uma grande ferida numa perna. (...)», *Ibd.*, p. 181

¹¹²⁶ «(...) andam em aduares de trinta ou quarenta com suas mulheres e filhos. E todos estes mouros trazem capitão cristão e todos são ladrões e estes roubam os pobres na estrada por seu poder e favor dos senores a que guardam as vacas.», Álvares, *op. cit.*, p. 355

¹¹²⁷ No início do reino de Angote, « (...) nos puseram mais mêdo que dantes, dizendo que além dos mouros, que havia aí muitos ladrões que andavam entre os matos e matavam aos caminhantes(...)», *ibid.*, p. 124

¹¹²⁸ «(...) Mercadores, q vinham detrás de nós, e forão pello outro cam.o ordinário, e disserão que estava no deserto trezentos ladroens com suas bandeiras, esperando pellos Portugueses, e sabendo q erão passados, os roubarão a elles(...) sem lhes deixar cousa nenhua; e q não sabião se matarão alguns; porq elles vendo tantas armas, deixarão seu fatto e fugirão.», Pais, *op. cit.*, Vol. III, p. 67

tomassem armas. E êle Mateus tomou sua espada e pôs um capacete na cabeça.»¹¹²⁹, tal era o perigo que os viajantes incorriam nas estradas etíopes.

Nem mesmo o arraial do Imperador escapa a este estado de coisas¹¹³⁰, pois a tenda do embaixador é roubada por duas vezes, tendo sido furtadas peças de roupa e tecidos¹¹³¹, reforçando a ideia de que «(...) aí capitão de ladrões e que êste capitão dos ladrões tem encargo de armar as tendas do Preste e que êle e seus homens não tem mais por seu trabalho que o que furtam.»¹¹³²

Mas de uma forma geral os abexins revelam-se um povo pacífico, humilde e conciliatório (veja-se a aceitação da procissão portuguesa contra a praga de gafanhotos; ou as tentativas de conciliação dos grupos desavindos da embaixada). Álvares sublinha o seu carácter conformista, afirmando «E êles nesta terra qualquer cousa que lhes acontece de bonança ou perda, tudo dizem que Deus o faz.»¹¹³³

Pais discorre mais largamente sobre a índole etíope, que teria conhecido bem devido à sua larga permanência naquelas terras, salientando a sua brandura¹¹³⁴ e a importância da harmonia¹¹³⁵, o que não impede algumas vinganças¹¹³⁶; outro traço da sua índole é o comedimento e aversão às efusões de emotividade: «(...) de tal maneira refrião suas paixões naturais, ou por melhor dizer, as dissimulam, q por mais agastados q estejam huns dos outros, raramente o mostram, (...), antes são mais corteses e brandos em suas palavras; sem por nenhu caso haver as descomposturas q entre outras nações há (...)»¹¹³⁷. Desta forma evitam tratar de assuntos directamente, preferindo perder tempo com mediadores, a correr o risco de perder «(...) honra, e primor, q se pode menoscar com alguma mostra de paixão ou descompostura nas palavras (...)»¹¹³⁸. De igual modo é louvada a sua piedade para com os pobres¹¹³⁹.

¹¹²⁹ Álvares, *op. cit.*, p. 19

¹¹³⁰ « O Capitão (...) e o frade nos avisavam que olhássemos bem por nossa fazenda, que havia na terra muitos ladrões e os frangues, que na terra eram, assim no-lo diziam, ainda mais diziam que haviam aí reideiros e capitães de ladrões e que pagavam renda do que furtavam.», *Ibd.*, p.176

¹¹³¹ *Vide, ibd.*, pp. 204/205 e 209

¹¹³² *Ibd.*, p. 209

¹¹³³ *Ibd.*, pp. 102/103

¹¹³⁴ «São de natureza branda e compassiva, q posto q não falem homens de agreste, e duro coração como em outras partes do mundo, estes são menos: os demais são muito bem inclinados e assi facilmente perdão quaisquer agravos e injurias por grandes q sejam, ainda mortes de pays, filhos e irmãos, como eu tenho visto e experimentado muitas vezes em alguns destes perdoens em q me meterão (...)» Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 175/176

¹¹³⁵ «(...) e se ao q pedem q vá rogar, se escusa, ficão muito agravados;(...); porq raramente lhes pedirão por elles cousa q não concedão; e como uma vez perdão, tem por grande baixaza, e ainda escrupulo tornar a falar sobre aquillo; (...)»*Ibd.*, p. 176

¹¹³⁶ *Ibd.*, p. 16

¹¹³⁷ *Ibd.*, p. 16

¹¹³⁸ *Ibd.*, p. 17

Todavia sobre aspectos negativos da sua natureza, Pais refere a inclinação para a mentira ou para o pouco credível (segundo o P.e Pais o Imperador Malâc Çaguêd sentenciava repetidas vezes «(...) mintiras de Ethiopia e cobiça de Egípcios(...)»¹¹⁴⁰) e a tendência para o exagero, afirmando o jesuíta «(...) cousas pequenas engrandecem muito em Ethiopia (...)»¹¹⁴¹. Também Álvares refere no seu sumário ao Arcebispo a pouca inclinação para a verdade e simultaneamente a sua puerilidade face à religião¹¹⁴².

Ambos os autores caracterizam os povos das regiões limítrofes: Álvares refere os mouros a Nascente; os Núbios¹¹⁴³, os Gorages¹¹⁴⁴ e os Çafates¹¹⁴⁵ a Poente; Pais refere igualmente a diversidade de populações existentes, afirmando que «As naçoens são tambem muitas e muy diferentes, mas podemse reduzir a 4: Christãos, Mouros, Judeos, e Gentios; e nos mais dos reynos se achão todas juntas.»¹¹⁴⁶. Novamente encontramos apontamentos sobre as populações mouras a nordeste¹¹⁴⁷, além dos Agôus de Gojâm¹¹⁴⁸ e a população do reino de Ombareâ¹¹⁴⁹; mas o seu destaque vai para as populações de invasores Galas que «(...) em tempo do Emperador Onâg Çaguêd, vierão da banda do sul huns gentios pretos, q chamarão Gâlas, pastores de vaccas, gente muy cruel e fera(...)», aludindo quer ao seu aspecto

¹¹³⁹ « São tambem m.to piedosos e liberais pera os pobres, e assi, co começarem elles a pedir pellas portas das tres horas antes de amanhecer, lhes dão naquelle tempo m.tas esmolas, por lhes parecer q alguns daquelles não se atreverão a pedir de dia.»*Ibd.*, p. 176

¹¹⁴⁰ *Ibd.*, p. 8

¹¹⁴¹ *Ibd.*, p.82

¹¹⁴² «Diz o povo pouca verdade ainda que dão juramento, se não juram pela cabeça del-Rei. Temem muito a excomunhão, e, se lhe mandam que façam alguma cousa em que seja em seu prejuízo, fazem-na com medo da excomunhão.»Álvares, *op. cit.*, p. 423

¹¹⁴³ « Estes núbios, não são mouros, judeus, nem cristãos, dizem que foram cristãos e perderam a crença e estão assim sem fé,(...)», *Ibd.*, p. 73

¹¹⁴⁴ « (...)gente (segundo dizem) muito má e dêstes não há escravo nenhum, porque dizem que antes se deixam morrer por si ou se matam que servir cristãos. (...) e, segundo parece e dizem os abexins, estes gorages moram debaixo da terra (...)», *Ibd.*, pp. 305/306

¹¹⁴⁵ « (...) gente não muito preta e grandes de corpos. Dizem que foram da casta dos judeus mas êles não têm livros nem esnogas; são homens muito subtis mais que nenhuma gente que haja nesta terra, sã gentios e grandes guerreiros e t~em sempre guerra com o Preste.», *Ibd.*, p. 360

¹¹⁴⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I., p. 18

¹¹⁴⁷ « Os moradores daqlla terra são gentios e obedecem ao Emperador; posto q mal. Pouco mais adiante começa hu grande reyno, q se chama Dequin: he de mouros m.to pretos, a q chamão Balôus, e não obedecem ao Preste João, mas correm co amizade e trazemlhe m.tos e fermosos cavallos a vender e alguns lhe presenteião; (...)», *ibid.*, p. 226

¹¹⁴⁸ Os Agôus do reino de Gojâm: « (...) São Christãos, mas tem m.tas superstiçoens gentilicas pello trato e vizinhança de outros Agôus gentios seus parentes, q soã m.tos.», *ibid.*, p. 214

¹¹⁴⁹ « (...) de gentios m.to pretos, q o anno de 1615 sojeitou co grande exercito Erâz Çela Christôs, e por ser terra tam grande e pouco conhecida , a chamão elles (...) novo mundo .», *ibid.*, p. 217

físico, quer à sua organização e táticas de ataque, quer ao seu carácter cruel e impiedoso¹¹⁵⁰.

A forma de ocupação do espaço pelos habitantes da Etiópia é igualmente descrito pelos autores, sendo este aspecto especialmente destacado por Francisco Álvares, que desenvolve a sua narrativa a partir do percurso entre os diferentes lugares habitados que atravessam no decorrer das suas jornadas pelas terras etíopes¹¹⁵¹. Mas os centros de agrupamento populacional com que deparam ambos os autores no reino do *Preste*, não se comparam de forma alguma às cidades que conheciam da Europa ou da Índia. Assim nos declara o P.e Pais:

«Em Ethiopia não há cidades mas q a Corte do Emperador; e onde estão de assento os Viso-reis ou algu Governador grande; e ainda alguas destas puderamos chamar villas; e quando os Visoreis se mudão pera outras p.es (q o fazem muitas vezes, e os Emperadores alguas), ficão aquellas Cidades como villas ou aldeas mui pequenas,(...). As demais povoaçoes são villas de poucos vizinhos, e aldeas q não passam de cincoenta casas, e muitas tem menos; porq ordinariamente se juntão alguns onde tem suas lavouras, e alli fazem suas casinhas; (...)»¹¹⁵²

Com efeito o desenvolvimento dos núcleos urbanos depende da presença da corte. Mas sendo esta essencialmente uma corte itinerante, mal se pode dar o título de cidades a estes aglomerados dos quais Pais dá vários exemplos. Tal é o caso do arraial do imperador Claudio no reino de Ôye¹¹⁵³, que após a sua morte e mudança de

¹¹⁵⁰ «(...) q como suas mulheres acabam de parir, sejão filhos ou filhas, os botão fora nos campos e ali morrem ou os comem os animais, huns por espaço de seis annos, outros de dez, e se algum furta a criança q botarão por q não morra e he achado, lhe dão grande castigo e o tem por homem amaldiçoado. Não lavrão os campos, ne se sustentão ordinariamente senão de leite e manteiga e de carne crua, ainda q alguas vezes a assão e comem. Não tem Rey, mas cada 8 annos elegem capitaens q os governão na paz e na guerra. Estes com virem quasi despídos e não trazerem outras armas mais q dois zagunchos, e hua adaga e hua macinha de pao, foram entrando por este Imperio de maneira q oje senhoreão muita parte delle e no q fica fazem quasi todos os annos muitos entradas e d-ºao grandes assaltos, levando quasi sempre muita presa, particularmente de vaccas, de mulheres e mininos; q aos homens todos matão por não se fiarem delles (...)», Pais, *op. cit.*, p. 22

¹¹⁵¹ Vide, Luís Filipe Barreto, «As grandes Obras Portuguesas de carácter Geográfico» in, *Portugal no Mundo*, Vol. 3, Lisboa, Alfa, 1989, p.58

¹¹⁵² Pais, *op.cit.*, Vol. I, p. 164

¹¹⁵³ Esta realidade é demonstrada por Pais na seguinte passagem acerca da corte do imperdor Claudio: « (...) fez elle seu assento em o Reyno de Ôye, por ser terra m.to forte, e com q mais folgava; e pondo seu Arrayal em hu fermoso campo, perto de hua serra (...), se edificou logo hua grande Cidade, mas não tão bem arvada, nem de tanto lustre, e fermosura q as de Europa, onde ha casas tão grandes de cantaria, Paços tão sumptuosos de maravilhosa traça e architectura; senão de tam differente edificios q a m.tos delles se lhe podia dar nome de cabanas de pastores, q de Corte de Emperador; porq erão redondas, m.to

local pelo seu sucessor desapareceu sem deixar rasto. Outra cidade referida por Pais é Gubâi, junto da lagoa de Dambiâ, erigida c. de 1574 por Malâc Çaguêd, quando ali instalou a sua corte; compunha-se de «(...) casinhas terreas, baxas e cubertas de palha (...). Nem os muros eram de argamassa(...) nem ainda pedra q se pudesse lavar (...), e assim puserão de hua banda e outra da cerca estacas grossas e o meio encheram de reboło e lama, e não alevantarão muito mas, com largura (...)»¹¹⁵⁴.

Constata-se assim, a existência de núcleos populacionais de alguma importancia depende da presença do imperador. Com efeito, partindo Malâc Çaguêd da sua cidade esta despovoou-se por completo. Quando Pêro Pais entrou na Etiópia em 1603, tinha o imperador Jacob a sua corte na mesma região, no local de Côga, reduzida na época a 150 casas. O novo imperador, *Seltân Çaguêd/ Susenios*, instala-se na península de Gorgora, no lago Dambiâ, que posteriormente abandonaria, na sequência de uma epidemia e se despovoaria em prol do lugar mais ameno e salubre de Dencâz¹¹⁵⁵ que, segundo Pais, mal teria 15 mil habitantes¹¹⁵⁶. Este autor também nos dá algumas pistas sobre a organização incipiente destes lugares, declarando,

«(...) de maneira q todos tem sua morada conforme a sua nobreza, ou officio mais perto, ou mais afastado do Paço, a sua mão direita ou à esquerda; diante ou atrás; e não somente dá de graça o Emperador o sitio das casas ; mas faz q à roda da Cidade fiquem campos sem se lavrarem pera q os gados comão. Em as Cidades dos VisoReys não há tanta ordem; e em as villas e aldeas quasi nenhua (...)»¹¹⁵⁷

De igual modo, Álvares no seu resumo ao Arcebispo declara que «Em tôda a terra não há lugar que passe de mil e seiscentos vizinhos e dêstes poucos e nenhum lugar cercado, nem castelo, aldeias sem conto, (...)»¹¹⁵⁸ Já na sua progressão pelo interior do território, Francisco Álvares encontra e estancia em numerosos lugares, por vezes localizados nas fragas e montes, rodeados pelos campos cultivados, « Êste

estreitas, e baixas, e em lugar de paredes quisquer paos toscos postos em pee, e açafelados por dentro, e fora com lama e cobertas de palha. Nem as casas dos grandes de diferençavão destas mais q em serem maiores e terem as paredes de pedra e barro e no alto melhor madeira e outras não serem redondas senão compridas, porem todas terreas. », *Ibd.*, p.287

¹¹⁵⁴ *Ibd.*, pp. 173/174

¹¹⁵⁵ *Vide, ibd.*, Vol. III, p. 143

¹¹⁵⁶ *Ibd.*

¹¹⁵⁷ *Ibd.*, p. 166

¹¹⁵⁸ Álvares, *op. cit.*, p.417

lugar [de Abafazem fica] (...) entre estes picos, em mui formosos campos e todos regadios por levadas das águas que descem do mais alto dos picos, feitas artificialmente de cantaria.»¹¹⁵⁹ ou nas campinas , « O assento dele [lugar de Ingabelu] é em um cabeço no meio de uma grande várzea entre mui altas serras cercadas pelos pés delas de muitos infindos lugares os mais e maiores que ainda vimos (...)»¹¹⁶⁰. Estes núcleos são geralmente de pequenas dimensões, possuindo uma igreja, que parece ser o principal edifício público na Abissínia. Frequentemente estão afastados das vias e situados nos altos como medida de prevenção contra assaltantes: « (...). Há muitos infindos lugares afastados da estrada e, em todos igrejas.»¹¹⁶¹

Na época de Pais as incursões dos Galas contribuíram decerto para abalar a frágil organização urbana da Etiópia, especialmente nos reinos fronteiriços. Pais afirma «(...) pello q, deixando alguas serras e desertos q não se habitão, o demais está cheo destes lugarinhos, particularmente agora; porq depois q huns gentios, q chamão Gâlas forão entrando pellas terras (...)»¹¹⁶².

De qualquer forma a estrutura urbana etíope parece ter-se limitado a um sistema de aldeias e lugares, de dimensões reduzidas, quase ausência de edifícios públicos, e precaridade dos materiais de construção, como exemplifica Pais na seguinte passagem, referente à antiga cidade de Agçûm no Tigré:

«(...)quanto muito terá cento e cincoenta ou duzentas casas terreas muito pequenas e tristes cubertas de palha e cada morador tem sua cerquinha de espinhos a roda, ainda q alguns poucos a fazem de pedra e barro, ficandolhes as ruas muito estreitas e sem nenhua ordem ne conçerto; ne há nellas fontes, ne outras agoas mais q hu tanque pequeno e alguns poços (...); ne há rastos de jardins e arvoredos; (...)»¹¹⁶³

Álvares descreve a estrutura do aglomerado populacional da região de Baruá e redondezas: agrupamentos de dez a quinze casas com um curral para o gado bovino, muar e outro, cercado e fechado por uma porta encerrada durante a noite

¹¹⁵⁹ *Ibd.*, p. 84

¹¹⁶⁰ *Ibd.*, p. 141

¹¹⁶¹ *Ibd.*, p. 166

¹¹⁶² Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 164

¹¹⁶³ *Ibd.*, , pp.172/173

para protecção dos animais selvagens¹¹⁶⁴. Quanto ao lugar de Barué, propriamente dito, refere o autor, «(...) é mui bom e está assentado em uma rocha mui alta sôbre uma ribeira, sôbre a qual estão assentadas as casas del-Rei a que chamam *betenegus* (...). Estão mui bem assentadas à maneira de fortaleza.»¹¹⁶⁵ Calcula que o lugar tenha cerca de trezentos fogos, funcionando como uma espécie de corte, pois ali habita o senhor local e seu séquito, além de outros senhores que pertencem à corte do *Preste*, e sendo local de resolução de muitas demandas¹¹⁶⁶, conhece razoável afluência.

No que diz respeito à arquitectura civil, como refere Francisco Álvares, no seu relatório no final da obra, «(...)as casas comunmente ou as de mais são redondas e tôdas térreas cobertas de terrados ou de palha, currais derredor.»¹¹⁶⁷ A “pobreza” da arquitectura etíope pode ser explicada pelo carácter itinerante da sua corte e a precaridade dos cargos e da posse da terra dos senhores¹¹⁶⁸, como adiante veremos, além da importância da actividade pastoril e da riqueza móvel. De facto a corte habita em tendas na época de Francisco Álvares, mas os mais pobres do seu séquito «(...) se abalam para perto, (...) levam consigo suas pobres casas assim feitas e colmadas como as tinham e se vão para mais longe e levam a madeira que são umas vêrgas.»¹¹⁶⁹ Este autor não deixa de denotar as particularidades da habitação nas diversas regiões, sejam as casas abrigadas dos ventos nas campinas de Xôa, sejam as casas construídas nas rochas, no reino de Gorage¹¹⁷⁰.

As descrições feitas por Pais das construções civis etíopes concordam com a situação descrita por Álvares um século antes: as casas são baixas e térreas, algumas rectangulares, outras redondas cobertas de palha que se estende até à parede da casa;

¹¹⁶⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 62

¹¹⁶⁵ *Ibd.*, p. 58

¹¹⁶⁶ *Ibd.*, p. 52

¹¹⁶⁷ *Ibd.*, p. 417

¹¹⁶⁸ Como afirma Pais, « Os senhores dos lugares poucas vezes fazem casas de seu fatto ; porq os viloiens lhas fazem à sua custa; e quando o Emperador lhes tira as terras, e as dá a outro, (...), se os viloiens fizerão as casas, ficão pera o outro senhor; e se o passado as tinha feito com seu fatto, leva a madeira.», Pais, *op. cit.*, p. 165

¹¹⁶⁹ Álvares, *op. cit.*, p. 229

¹¹⁷⁰ «Viemos ter a umas pequenas casas e quási debaixo da terra e as fazem assim por causa dos ventos, porque são tudo campinas sem nenhum amparo ,e assim fazem os currais debaixo da terra porque ficam as vacas amparadas do vento.»; «(...) tôdas as partes da ribeira em casas metidas na fraga muitas infindas e uma sôbre as outras e delas bem altas não tinham mais de porta que bôca de grande cuba por que folgadamente possa caber um homem e sôbre as portas um ferro na pedra em que prendiam cordas para por elas subirem à casa e assim as tinham agora porque nestas casinhas pousava muita gente baixa da côrte e diziam que eram tamanhas dentro que cabiam vinte ou trinta pessoas com seu fatinho.», *ibid.*, pp. 172/173 e p. 306

são construídas em pedra, barro ou pau¹¹⁷¹. Na zona mais quente, próxima do mar Vermelho, zona de pouca chuva «(...) fazem casas de terrado não de chunambo, senão de terra bem batida, e todas erão terreas, (...)»¹¹⁷² Com efeito Álvares menciona que, no lugar de Barra, na terra do Barnagais: «Fomos aposentados, muito bem segundo a terra, em mui grandes e boas casa térreas e por cima terradas»¹¹⁷³. Pais refere ainda «(...) todas as demais casas são roíns como digo, e ordinariamente lhes fazem cerca d'espinhos; (...) O q fazem de terrado alguas vezes se ajuntão dez ou quinze, e edeficção hua casa pegada co outra à roda com as portas pera dentro, onde deixão campo bastante pera suas vaccas e mais gado, co hua só porta pera a rua, q fechão de noute, (...)», concordando novamente com a anterior descrição de Francisco Álvares.

Além das tendas do Imperador, tantas vezes nomeadas por Álvares, Pais, refere umas casas mais compridas, mas igualmente térreas e com telhado de palha destinada, aos grandes senhores¹¹⁷⁴. Quando visita o imperador *Za Denguil*, numa região entre o Gojâm e a Dambiâ, Pais menciona que este «estava em huas casas m.to altas, q então mandara fazer pera invernar aly(...). Tinha duas çercas de madeiras altas, e os terreiros dentro muy espaçosos(...)»¹¹⁷⁵, reproduzindo a estrutura do acampamento real.

Contudo o Imperador *Seltân Çaguêd* edifica uma habitação digna do seu estatuto, numa península do lago Dambiâ graças à importação de tecnologia portuguesa: «Este Emperador (...) fez pouco há hus Paços de dous sobrados co terrado, e no mais alto hua casa, q lhe serve de mirado, e do chão até acima são 60 palmos.»¹¹⁷⁶ E mais à frente descreve em pormenor esta novo e formoso palácio de pedra branca, com vários andares e aposentos e uma bela vista sobre o lago, que

¹¹⁷¹ Os edifícios da Etiópia: « (...) casa terreas alguas como logeas compridas; e outras redondas muito baxas, todas cubertas de palha, q lhe chega até muito baxo, excepto a Provincia q chamão Hamacên, onde costumão terrados, mas nenhua casa há sobradada e todas muito baixinhas.»; « Os edefícios são muito pobres, (...); casinhas de pedra e barro, ou de paos redondas, terreas, e muito baixas, cubertas de madeira, e palha comprida; e alguas, q são largas, tem hua coluna pu esteio no meyo, (...)», Pais, *op. cit.*, pp.128/129 e p. 164

¹¹⁷² *Ibd.*, pp. 164/165

¹¹⁷³ Álvares, *op. cit.*, p. 49; refere igualmente as «(...) boas casas terradas(...)» onde pousavam os membros das armadas portuguesas na ilha de Macua, *ibd.*, p. 372

¹¹⁷⁴ « Outras são compridas com esteyos de pao no meyo em fieira, sobre q carrega toda a madeira tambem cubertas de palha, e terreas, aq chamão Çacalâ, e em estas moravão ordinariamente os Emperadores (...), ainda q não só o Emperador usa este modo de casas senão os senhores, e todos os demais q querem.», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 164

¹¹⁷⁵ *Ibd.*, Vol. III, p. 33

¹¹⁷⁶ *Ibd.*, p.129

constituí o maior edifício civil do Império¹¹⁷⁷. Novamente a edificação de uma cidade de pedra é de iniciativa do imperador, que ao pretender erigi-la «(...) lançou pregão, q certo dia fossem todos lá co elle e armassem suas tendas da maneira q costumavão no Campo, pera que soubesse cada hu o sitio de sua casa, sem haver diferenças, mas contudo não faltarão sobre quanta largura havia de ter cada hu a roda de suas casa; (...)»¹¹⁷⁸.

Mas se na época dos nossos autores apenas existe um urbanismo incipiente no império etíope, podem denotar-se vestígios de uma anterior civilização com algum impacto urbano. Com efeito dos resquícios arquitectónicos da antiga glória do reino aksumita¹¹⁷⁹, fala-nos Francisco Álvares detalhadamente ao descrever as ruínas dos antigos edifícios de Aquaxumo, onde de resto a comitiva portuguesa teria estanciado durante oito meses¹¹⁸⁰, sendo informado que ali teria tido a sua capital a lendária rainha de Sabá. Álvares descreve-nos a povoação da seguinte forma: « Fora desta cêrca há mui grande povoação de mui boas casas o que não há em tôda a Etiópia, muitos bons poços de água de cantaria lavrada e assim nas demais casas as

¹¹⁷⁷ « Mas o Emperador Seltân Çaguêd, faz em hua península da lagoa de Dambiâ, (...) huns paços fermosos de pedra barnca bem lavrada com seus aposentos e sallas; (...). Sobre a porta principal tem hua varanda grande, e fermosa; e nas ilhargas duas mais pequenas co muito boa vista. A madeira quasi toda he de Cedro muito fermosa; e as sallas, e hu aposento do alto, onde dorme o Emperador com muitas pinturas de varias cores. He de terrado com chunambo, e o parapeito a roda com colunas de pedra muito fermosas, e sobre seus capiteis bollas grandes da mesma pedra; mas em as colunas dos quatro cantos bolas de cobre douradas com fermosos remates. Sobre a escada, porq se sobe ao terrado, se alevanta outra casa pequena com tres janellas grandes, q lhe serve de mirador; porq demais de estar a casa situada no mais alto da península, (...), tem sessenta palmos de alto; e assi toda a Cidade, q tambem fez nova lhe fica debaixo, e descobre grandes campos e quasi toda a lagoa, (...); Está tambem este mirador cuberto de terrado co suas colunas de pedra à roda como as debayxo, (...)» Outros paços pella traça destes fez depois hu seu irmão, q se chama Erâz Cela Christôs em o reino de Gojâm, onde elle he Viso Rey, mas não tão grandes; (...)», *Ibd.*, p.165

¹¹⁷⁸ *Ibd.*, p. 166

¹¹⁷⁹ A partir do século II d.c., a região costeira da Etiópia incluindo a região do Tigre, encabeçada pela cidade de Axum, parece ter tido um papel relevante a nível agrícola e comercial na economia de um pólo centrado no mediterrâneo oriental e mar Vermelho como ponto de ligação com cidades árabes e indianas, dominada por elites influenciadas pela cultura grega. Por volta do século III, o Cristianismo parece ter penetrado esta cultura. Esta situação muda com o advento do islamismo no século VII, que fecha o mar Vermelho aos navios de Axum. Esta civilização entra em decadência, isolada do mundo mediterrânico. Torna-se um estado essencialmente continental, movendo-se o seu centro para o interior sul., *Vide*, Harold G. Marcus, *A History of Ethiopia*, 1994, University of Califórnia Press, Berkeley/Los Angeles, pp.4/11

¹¹⁸⁰ « (...) a grande cêrca [que rodeia a igreja] ainda é cercada de outra maior cêrca como (...) de grande vila ou cidade, e, dentro (...) formosa casaria de casas térreas, e tôdas lançam suas águas por fortes figuras de leões e cães de pedra. [Nela] estão dois paços (...) que são de dois reitores da igreja e as outras casas são de cônegos e de frades.(...)à porta mais chegada à igreja, está um grande pardieiro feito em quadra, que em outro tempo foi casa, e tem para cada canto um grande padrão, quadrados, e lavrados. Chama-se esta casa ambaçabete, que quere dizer casa de leões.(...)Diante da porta da grande cerca, está um grande patim(...)[onde] estão mui frescos poiays de cantaria mui bem lavrada e assentada somente.(...) estão em cima destes poiays doze cadeiras de pedra, tão bem feitas de pedra como se fossem de pau(...) cada uma de sua pedra e peça.»., Álvares, *op. cit.*, pp.90/91

ditas figuras antigas de leões e cães e aves, tudo bem feito em pedra.(...) Êste lugar está assentado sôbre a cabeça de um formoso campo(...)»¹¹⁸¹. O autor menciona ainda as famosas estelas « No cimo dêste lugar estão muitas pedras erguidas e outras sem terra e muito grandes e formosas e de formosos lavores lavradas(...)»¹¹⁸²; mas as suas inscrições são indecifráveis como nos revela o clérigo «São outra pedras erguidas sôbre terra e mui bem lavradas (...) e [algumas] não tem lavores e as demais tem letreiros grandes que não sabem ler os da terra, nem nós os podemos ler e, segundo parecem, devem estas letras ser hebraicas.»¹¹⁸³

O local é também aludido por Pêro Pais, que ali se dirigiu quando da coroação do Imperador, deparando com as ruínas e antigas: «Os moradores de aquellas terras afirmão q tem por tradição muito çerta aver sido antigamente Cidade muito insigne e a maior q nunca ouve em Ethiopia; e as ruinas dos edificios, q ainda agora aparecem, dão bem mostra de q forão sumptuosos(...)»¹¹⁸⁴. Também Pais alude à sua identificação com a cidade da rainha de Sabá¹¹⁸⁵. As estelas continuam indecifráveis, como nos afirma o jesuíta: «(...)outras há [pedras] pequenas com muitas letras antigas, q agora ninguem sabe ler.», a despeito das tentativa, uma delas encabeçada pelo incansável padre, como nos relata: «Eu tambem desejei muito saber q dizião e fui lá com dous P.es q sabem grego, e hu homem grego, q sabia muito bem seus livros, e não as puderão ler; ne são Latinas, ne Arabes, ne hebraicas, ainda q alguas letras se pareçõ co ellas; porq se o forão, eu as ouvera de ler.»¹¹⁸⁶. Mas na época de Pais, a antiga glória de Aksum há muito se desvaneceu, sendo agora uma «(...) villa pequena(...)»¹¹⁸⁷.

Álvares alude ainda a outra construção numa elevação junto da dita povoação, repartida em câmaras e celeiros, evidenciando vestígios da colocação de portas; numa delas encontrar-se- iam duas grandes arcas de pedra, que pareciam ter

¹¹⁸¹ *Ibd.*, p. 91

¹¹⁸² *Ibd.*

¹¹⁸³ *Ibd.*, p. 92

¹¹⁸⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 173; descrição das ruínas por Pais: «(...) até entrarem a primeira cerca, onde está hu patio grande e debaixo de huas arvores 12 assentos de pedra bem lavrada postos em fileira; e hu pouco afastado 4 colunas de pedra co seus chapiteis bem feitos, e parece sustentavão primeiro algua Abobeda; entre ellas outros dous assentos de pedra, e dizem q sobre estes e os outros 12 havia antigamente cadeiras de pedra muito bem lavradas(...)mas agora não há tais cadeiras,- posto q em as pedras se vem encaxes, onde parece q estiverão; (...) onde estão aquellas colunas se costumarão a coroar sempre os Emperadores q vieram em Agçûm.», *Ibd.*, p. 120

¹¹⁸⁵ *Ibd.*, p. 172

¹¹⁸⁶ *Ibd.*, p. 46

¹¹⁸⁷ *Ibd.*, p. 25

tido uma tampa, que conteriam os tesouros da rainha de Sabá¹¹⁸⁸. Curiosamente Pais menciona outrossim a sepultura do rei Caleb, junto a Agçôm, (...) feita ao picão em hua rocha(...)»¹¹⁸⁹, incluindo o desenho da sua planta, com menção das portas e sinalização das medidas e da orientação geográfica. Junto à rocha, do lado oriental da construção, estaria uma porta cerrada «(...) com forte muro onde dizem q ha m.to ouro.»¹¹⁹⁰, segundo a legenda da planta.

Outra antiguidade etíope que muito maravilhou o P.e Álvares foram as igrejas monolíticas construídas pelo rei Lalibela (c. 1185/1225), descrevendo algumas delas individual e pormenorizadamente, encantando-se com a sua construção e decoração¹¹⁹¹. Mas estes monumentos parecem não ter impressionado especialmente o P.e Pais¹¹⁹², que aliás não as teria visitado pessoalmente, seguindo como afirma o testemunho preciso de Francisco Álvares: «Com tudo, posto q perguntando aos naturais da terra (...) não os pintam da grandeza q Fr.co Lavres(...)e não falou a vulto como aquelles a que eu perguntei, q nenhu me soube declarar essas cousas.»¹¹⁹³

Segundo ambos os autores o espaço edificado que domina efectivamente a paisagem e a arquitectura etíope é o religioso. Álvares afirma quando se refere à campina da igreja de *Macha Celacem* em Amara, «Há nestes campos muitas e grandes casas apartadas como quintãs, há lugares pequenos e em eles igrejas porque, (...), não se quitam igrejas aos lavradores.»¹¹⁹⁴ Por conseguinte, durante o seu trajecto alude frequentemente a igrejas, à sua arquitectura e interior, a mosteiros, suas

¹¹⁸⁸ «(...) estão duas casa debaixo da terra, nas quais homem não entra sem candeia. Estas casas não são de aobada, senão de mui formosa cantaria direita, assim paredes, como por cima. Os cantos em vão afora, o que metem nas paredes é de doze côvados e tão juntos uns dos outros que parece tudo uma pedra.»,

Álvares, *op. cit.*, pp. 92/93

¹¹⁸⁹ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 241

¹¹⁹⁰ *Ibd.*

¹¹⁹¹ « A uma jornada desta igreja de Imbra Cristo estão edificios os quais me parecem que no mundo se possam achar outros tais e tantos , e são de igrejas tôdas cavadas em pedras mui bem lavradas (...). A principal é Lalibela. Êste Lalibela dizem que foi um rei na mesma terra oitenta anos (...). Êste mandou fazer estes edificios.», Álvares, *op. cit.*, p. 132; a descrição deste conjunto de igrejas ocupa os capítulos LIV e LV, pp.132/140

¹¹⁹² « (...) Francisco Alvarez fol 66 [muito as admirou] dizendo q são tantos os edificios de Igrejas cavados em viva rocha q não he possivel q no mundo se achem outros tais ne tantos. Se tivera visto os templos, ou pera melhor dizer as casas do demonio, q na India Oriental tem os gentios dedicados a diversos Idolos; huas feitas ao Picão em rocha viva; outras de cantaria, longe estivera de por tal encarecim.to. (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. II, p.126

¹¹⁹³ *Ibd.*, p.127

¹¹⁹⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 165

casa, e seus pomares e terras de cultivo¹¹⁹⁵, como testemunha esta passagem referente ao Mosteiro de S. Miguel:

«É a casa do mosteiro muito grande em corpo(...). E está(...) mui bem concertado; a feição da casa tem três naves grandes e muito gentis com seus arcos e abóbadas e parecem ser de madeira e porque é tudo pintado não se determina se é pedra se madeira. E tem duas andainas de crastas derredor do corpo da igreja, ambas cobertas e muito pintadas de figuras de apóstolos, patriarcas, profetas e muitas coisas da Lei velha e muitos anjos e S. Jorge a cavalo está em tôdas as igrejas.»¹¹⁹⁶

Noutra passagem menciona a igreja de S. Jorge, no reino de Amara, cujo interior fora pintado «(...) por tôdas as paredes de pinturas razoadas e mui boas histórias e bem compassadas feitas por um veneziano (...) que se chama Nicolau Brancaleão, e assim está nestas pinturas o seu nome (...)»¹¹⁹⁷.

A apreciação que Álvares faz deste tipo de arquitectura é geralmente positiva, comparando-a frequentemente às construções da sua terra natal, como se atesta na seguinte passagem: «Junto do lugar, onde pousámos está uma igreja de são Jorge, [no Tigré], casa mui bem ordenada, quási de feição das nossas, pequena, abobadada e mui bem pintada de suas pinturas, seja apóstolos, patriarcas, profetas (...)»¹¹⁹⁸.

Por vezes denota-se o fascínio pela construção característica local como é o caso da igreja de Nossa Senhora no reino de Tigré, lugar de Agró, talhada na rocha¹¹⁹⁹. Álvares destaca ainda, a grande igreja de Santa Maria de Sião em Aksum¹²⁰⁰; « Mais avante (..) está um pico delgado pelo pé que parece que se vai ao céu,

¹¹⁹⁵ No lugar de Corcora, no Tigrei, Álvares descreve este tipo de construções: « Em o meio deste vale está uma mui formosa igreja ,casa de Nossa Senhora, tem derredor casinhas para os clérigos e doze aciprestes, os mais altos e grossos que se possam dizer e outros muitos arvoredos. É junto da porta principal uma mui gentil fonte e derredor da igreja grandes campos (mas todos de regadio) que se semeiam todo o ano de tôda a semente (...)», *ibid.*,p. 111

¹¹⁹⁶ *Ibid.*, pp 39/40

¹¹⁹⁷ *Ibid.*,pp.240/241

¹¹⁹⁸ *Ibid.*,p. 104

¹¹⁹⁹ « (...) talhada e lavrada a picão, muito bem feita, de três naves, com seus esteios da mesma roca. A capela-mor e sacristia e altar, tudo é da mesma roca e a porta principal com seus esteios, que de peças não poderão melhor ser, não tem portas travessas, porque ambos os lados são de roca talhada ou roca brava, é cousa formosa e para folgar de ver e de ouvir nela cantar o grande som que faz.», *Ibid.*,pp. 104/105

¹²⁰⁰ « Esta igreja é mui grande, tem cinco naves de boa largueza e mui grande, comprida, abobadada por cima e cêrradas tôdas as abobadas, pelo céu e ilhargas tôdas pintadas. Para baixo no andar da igreja, bem lavrada de gentil cantaria, tem sete capelas tôdas as costas ao Levante com seus altares bem concertados.

sobe-se a êle por trezentos degraus. Andando derredor no alto dele, está uma mui galante e devota igreja pequena[de Aba Pantaleão](...) e derredor um circuito de parede de cantaria mui lavrada e tão alto (...)e hão mêdo os homens de olhar para baixo.»¹²⁰¹, onde repousa o santo do mesmo nome.

Entre as muitas igrejas citadas pelo clérigo podemos distinguir no reino de Angote, a igreja de *Imbra Cristos* (caminho de Cristo), construída numa gruta, «(...) é muito grande como uma sé e de suas naves grandes e mui bem lavradas e ela muito bem abobadada e tem três capelas mui louçãs, seus altares bem guarnecidos.»¹²⁰²

A consideração geral de Álvares sobre as construções religiosas etíopes, no final da sua obra é a seguinte:« As igrejas de lá são bem edificadas, mas as paredes não são bem obradas e não armam nada sôbre elas e armam sôbre esteios altos que vão do chão até acima.(...) há muitas imagens pintadas pelas paredes: imagens do Nosso Senhor e de Nossa Senhora e dos apóstolos e patriarcas e profetas e anjos e, em tôdas as igrejas São Jorge. »¹²⁰³

Mal inicia o seu périplo etíope, Álvares vai nomeando as casa religiosas que encontra no caminho e que muitas vezes se situam nas inacessíveis fragas, como o mosteiro de S. Miguel, no Tigre: «Todos são assentados nas maiores e mais altas fragas ou mais fundas que acham. Êste de São Miguel está assentado em uma mui brava rocha ao pé doutra mui alta, onde não podem subir.»¹²⁰⁴ Progredindo no reino de Tigré passa pelo mosteiro de Paracleto ou Espírito Santo, com uma casa e horta bem ordenadas¹²⁰⁵; refere o mosteiro de santo Estevão numa ilha no lago à entrada do reino de Amara, com muitos limões, laranjas e cidras¹²⁰⁶. Uma vez neste reino denota Francisco Álvares que apesar da existência de numerosas igrejas de lavradores, de clérigos, do rei, de cónegos, aparentemente não tem mosteiros. Quando estanciou no reino de Gorage, com a corte, pode, o autor, visitar um mosteiro, que descreve da seguinte forma:

Tem côro à nossa guisa senão que é baixo e chegam com a cabeça à abóbada. E o côro também é sôbre abóbada e não se servem dele. Tem esta igreja mui grande cerco e todo ladrilhado de grandes lágeas (...) e esta é de mui grande muro e não coberto como as outras (...), senão desabafada.», *ibd.*, pp. 89/90

¹²⁰¹ *Ibd.*, p. 96

¹²⁰² *Ibd.*, pp. 129/130

¹²⁰³ *Ibd.*, pp. 421/422

¹²⁰⁴ *Ibd.*, p.29

¹²⁰⁵ *Vide, ibd.*, p.105

¹²⁰⁶ *Ibd.*, p. 160

« Ribeira acima estava uma grande rocha de cima a fundo talhada e tôda por cima é campina e está nesta rocha quási no meio dela um mosteiro de Nossa Senhora e dizem que ali eram os paços do rei daquela terra (...). Esta pena está de rosto a Nascente e sobem a êste mosteiro por escada de pau levadiça e cada noite dizem que a levam com mêdo dos gorages quando aí não está a côrte e depois sobe homem por escada de pedra sôbre mão esquerda e corre um corredor por ante quinze celas de frades, as quais tôdas tem frestas sôbre água e mui altas e avante estão suas dispensas e refeitórios e casinhas de guardar seus mantimentos.»¹²⁰⁷

Também o P.e Pais refere, embora com menos pormenor e menor encanto, a arquitectura religiosa etíope, que segundo ele teria entretanto decaído. Destaca assim um edifício mandado construir no século anterior pelo imperador David, a igreja de Nossa Senhora, na serra de Guixêm, em Amharâ, do qual diz: «He redonda como mea laranja, de pedra branca muito fermosa; e tem duas ordens de colunas de pedra a roda. Sobre as interiores hua abobeda da mesma pedra, e no meo esta hu altar a q se sobe por sette degraos; o retabolo são quatro paineis de pincel não muito grandes; (...). a segunda ordem de colunas faz tambem circulo, mas não tem abobeda, senão madeira(...)»¹²⁰⁸.

Muitos destes edifícios estão em ruínas, como a Igreja de Stª Maria do Sião, descrita por Álvares¹²⁰⁹; outros foram vítimas das incursões muçulmanas do século XVI e dos Galas na época de Pais, como é o caso da igreja de *Mecãna Çelace*, outrora local de enterro dos imperadores, queimada pela incursão moura de 1530¹²¹⁰. Parecem ter sido substituídas por edifícios mais rústicos de madeira ou pedra, cobertos de palha¹²¹¹.

O autor jesuíta não deixa de descrever, generalizando, o tipo de construção religiosa praticado na época coeva, referindo o aspecto architectónico, o interior e a

¹²⁰⁷ *Ibd.*, pp. 306/307

¹²⁰⁸ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 77

¹²⁰⁹ Cf., Álvares, *op. cit.*, pp. 89/90 e « Em começando pellos q tenho visto de grande mag.de e architectura, foi a Igreja de Stª Maria de Sião, (...) em hu lugar q chamão Agçum do reino de Tigré, como o manifestão suas ruinas.(...) Mas já tudo isto cahio, sem ficar mais q as paredes de fora de altura de dous covados; e no meo fizeram outra Igreja m.to mais pequena, posto q de tres naves com pillares quadrados e m.to grossos; e fica escura por serem as Janellas roins, e estar cuberta de palha. Sobesse a ella pellos mesmos degraos da antiga q são dez pedras m.to fermosas e compridas.» Pais, *op. cit.*, Vol. II, pp. 125/126

¹²¹⁰ Vide, Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 136

¹²¹¹ *Ibd.*, Vol. I, p. 77 e Vol. II, p. 126

decoração mural¹²¹². A escuridão no seu interior é várias vezes aludida pelo autor («(...)tão escuras q dentro da Capella ne ao m.o dia se podia ler sem candeia.»¹²¹³) devido à cobertura de palha ou à sua pequenez, como narra a propósito da igreja do mosteiro de Aleluia dedicada a Nossa Senhora: «Esta agora caida mas ainda ficão as paredes de fora, como tres covados alevantadas (...); parece q tinha m.tas naves, e dizem q era m.to fermosa a q agora tem he redonda, pequena e escura.»¹²¹⁴

Contudo, sob a égide do imperador *Susenios*, também a arquitectura religiosa é impulsionada graças à influência jesuíta e é com satisfação que Pais narra a cerimónia de lançamento da primeira pedra (colocada pelo Imperador e pelo seu herdeiro Fasiladas) de uma igreja católica, de pedra, «(...)cõforme a traça q nos lhe tinhamos dado(...)» na nova corte que o Imperador pretende edificar. Embora de dimensões reduzidas, Pêro Pais deixa dela um entusiástico relato¹²¹⁵.

O interior dos templos é de igual forma observado. Francisco Álvares descreve uma série de objectos da liturgia religiosa que decoram os interiores dos espaços religiosos; as cortinas de seda com pequenas campainhas e panos de brocado, brocadilhos, veludo de Meca e chameletes; as pedras de ara nos altares; os crucifixos e imagens dos retábulos (de Cristo; Nossa Senhora, S. Miguel e eventualmente, outros santos); livros litúrgicos; os cálices que,«(...) são das copas mui largas, pouco menos de escudela muito funda e tiram o sacramento com

¹²¹² «As Igrejas q nestes tempos edificação, todos são de pedra e barro, q nenhuma cal entra nellas (...) comum.te são redondas e pequenas , ainda q algumas em baixo se começõ quadradas , em sobindo hu pedaço, , poem pella banda de dentro paos nos cantos de madeira q possõ depois sobir co a parede em redondo quatro , ou cinco covados. A roda como seis ou outo covados de parede da Igreja fazem como hua Crasta baixa co m.tas portas, e assi comoa Igreja se cobre de palha assentada sobre a mad.ra, q chega do mais alto da Igreja atee passar por çima das paredes da Crasta pello q(...) focão tão escuras, q nem ao meio dia se pode ler dentro sem candeia; e assi são m.tos os morcegos, q se agasalhão nellas, e com ser a mad.ra tosca, poucas Igrejas são forradas.« (...) algumas q são compridas atravessão de parede a parede hua cortina afastada , hu pedaço do altar, o qual sempre está de m.ra q se possa andar aroda delle. Desta cortina pera dentro não podem estar, em quanto se diz a missa, mais q Sacerdotes e os Diaconos q ajudão a ella. Outra cortina está afastada» desta, e entre hua e outra estão os Diaconos q não ajudão a missa, e os q tem ordens menores; e desta cortina pera fora estão os seculares. »; « em m.tos altares de suas Igrejas não costumão por imagens, porq sempre as fazem quasi no meio da capella, mas pintão nas paredes m.tas de varias cores, particularm.te de vermelho, branco, verde , e amarelo; q de preto usão pouco, nem folgão com esta cor, e assi nunca pintão o rosto preto , senão he do demonio e de huns gentios q chamão Gallas. O rosto dos seus S.tos pintão sobre o vermelho.», *Ibd.*,pp. 130 e 133

¹²¹³ *Ibd.*, Vol. III, p. 156

¹²¹⁴ *Ibd.*, p.126

¹²¹⁵ Vide, Cap- II do presente trabalho, p. 42 e Pais, *op. cit.*, Vol. III, p. 157

colher.»¹²¹⁶; os grandes e coloridos guarda-soís utilizados nas cerimónias religiosas e guardados nas igrejas, testemunhados pelo clérigo¹²¹⁷.

Pais refere a cadeira do Imperador na igreja e as alcatifas que cobrem o chão e onde se sentam os restantes fieís, assim como os retábulos pintados. Ambos os autores denotam a ausência de sinos nas igrejas etíopes, descrevendo o instrumento de percussão que os substitui¹²¹⁸. Como afirma o P.e Pais,

«As Igrejas antigam.te tinham m.tos ricos ornamentos, como affirma Fr.co Alvres fol. 18, falando da Igreja do Mosteiro(Bisan)(...).Mas agora são quasi todas pobres; porq como os Mouros forão Se.res da mór parte da ethiopia 12 ou 15 annos em tempo do mouro (...), e depois os Turcos, e os gentios chamados Gallas fizerão m.tas entradas (...) ficarão as Igrejas roubadas, as suas rendas diminuidas; e os Emperadores, e principes tão quebrados q as não puderam tornar a por no estado antigo.»¹²¹⁹

Também as habitações seculares abexins se revelam austeras. Face à sua exiguidade e modestia não havia muito para descrever acerca dos seus interiores. O mobiliário parece ser diminuto e estritamente utilitário. Álvares visitando o Barnagais refere que este estava «(...)assentado em um catre como é seu costume com pobres cortinas armado(...)»¹²²⁰ e coberto com panos de algodão forte, que o autor denomina *basutos* (« Estes são uns panos que os grandes têm nas camas e são de algodão e guedelhudos como tapête e não tão tapados (...)»¹²²¹); nas paredes nuas, estão espadas e livros grandes pendurados em estacas; no chão as esteiras constituem o assento habitual. O autor não deixa ainda de reparar que as casas são pouco

¹²¹⁶ Álvares, *op. cit.*, p. 208

¹²¹⁷ «(...) desceram da igreja quatro sombreiros grandes e mui ricos dos quais eu me maravilhei e espantei porque havia visto muitos e ricos na Índia e nunca os vira daquela sorte (...) Seriam estes sombreiros de tamanha roda que bem poderiam estar à sombra de cada un deles dez homens (...)», *Ibd.*, p. 242

¹²¹⁸ Cf., « Os sinos são de pedra e desta maneira: pedras compridas e delgadas penduradas , atravessadas por cordas e dão-lhe com uns paus feitiços e fazem som como sinos quebrados ouvidos de longe.», *Ibd.*, pp. 30/31 e « Em lugar de sinos tem penduradas huas pedras de hu palmo ou menos de largo, quatro dedos de grosso e cumpridas em q dando com outros pequenos se ouve m.to longe, e soão de man.ra q a que não soubera (...) lhe puderão parecer sinos, e em alguns mosteiros em lugar destas pedras tem tres taboas enfiadas, q (...) soão m.to.», Pais, *op. cit.*, Vol. II, pp.131/132

¹²¹⁹ *Ibd.*, Vol. II, p.131

¹²²⁰ Álvares, *op. cit.*, p.50

¹²²¹ *Ibd.*, p.331

varridas¹²²². No final da obra, Álvares salienta o tipo de leitos existentes, feitos de correias de couro, por vezes sendo utilizado o simples couro¹²²³.

Devido à quase ausência de mobiliário são as tapeçarias muito apreciadas, especialmente na corte, onde, como foi já referido, os senhores habitam em tendas¹²²⁴. Estas variam conforme o grau de riqueza do possuidor. Por exemplo a tenda enviada para abrigar a embaixada era «(...) uma tenda grande e redonda dizendo que aquela tenda nos mandava o Preste João, e (...) como aquela não tinha nenhuma pessoa (...) senão êle e as igrejas (...)»¹²²⁵. Álvares descreve-nos igualmente uma tenda onde cearam, «(...) a qual era tenda comprida, de cumieira, por cima tôda coberta de cruces de Cristo (...), estava tôda alcatifada e era grande como uma sala (...)»¹²²⁶, iluminada por velas brancas e grandes colocadas numa espécie de castiçais de ferro¹²²⁷. Para termos uma melhor ideia do interior podemos socorrer-nos da descrição feita de uma tenda tomada ao rei mouro de Adel e oferecida à embaixada portuguesa: «Esta tenda era de brocadilho e veludo de Meca, forrada de dentro de capas de Chaúl muito finas, assim que a tenda fôra rica se fôra nova, e, ainda era boa.»¹²²⁸

A quase ausência de mobiliário é também anotada pelo P.e Pais: as cadeiras são raras e os senhores, mesmo vivendo já em casas, na nova corte do Imperador, sentam-se em alcatifas à maneira oriental¹²²⁹, conquanto o Imperador tenha adoptado cadeiras e assentos decorados como nos narra Pais, talvez como forma de distinção e autoridade:

«(...) tem como as nossas de damasco Carmesim cõ franjas de retros, e de fio de ouro; os pregos de cabeça grande, muito bem feitos, dourados e no alto dous pianzinhos tambem dourados. Tem outras cadeiras da China douradas, co os assentos de veludo verde, e Carmesim. (...) no Paço não se assenta ordinariamente nestas cadeiras senão em hu esquife dourado co quatro columnas tão altas como hu homem, co muita laçaria e a cabeceira quasi tão alta como as columnas co alhuas figuras, conchas e folhagens, q lhe dão muito lustre, e seu pavilhão de seda

¹²²² *Ibd.*, p. 71

¹²²³ *Ibd.*, p. 471

¹²²⁴ *Vide, ibd.*, pp. 271/272

¹²²⁵ *Ibd.*, p. 176

¹²²⁶ *Ibd.*, pp. 271/272

¹²²⁷ *Ibd.*, pp. 272/273

¹²²⁸ *Ibd.*, pp. 205/206

¹²²⁹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 181

muito fermoso e todo elle muito bem ornado co colchas de seda, e os rodapes de boscado co franjas de fino ouro.»¹²³⁰

Pais faz igualmente alusão aos fortes panos de algodão, os *Becêt*, já referidos por Álvares, de grande qualidade e capacidade térmica, pelo tamanho do seu pelo, comparando-os aos cobertores de papa europeus e, que serviriam de cobertor e colchão nos seus leitos¹²³¹. Refere igualmente uma cama com cortinas, em que o Imperador se recosta durante uma conversa com o padre¹²³²; ao narrar uma sua entrevista com o anterior Imperador, *Za Denguil*, relata-nos que «Estava o Emp.or (...) assentado, como he costume dos Emp.res de Ethiopia, sobre hu leito m.to bem conçertado e cortinas muy formosas.(...)»¹²³³.

Devido ao carácter ainda em grande parte itinerante desta sociedade, os bens de maior valor são de natureza móvel: as tapeçarias, cortinas e toda a espécie de panos e vestes ricas são muito apreciadas como referem os europeus na corte do *Preste* à recém chegada embaixada de 1520 «(...) lhes parecia que era bem dar esta pimenta (...) e tôda outra roupa, porque de outra maneira não haveríamos licença da tornada(...) e que antes queriam peças e trapos que cidades, nem reinos (...)»¹²³⁴.

Muito valorizados são também os cavalos e o gado muar, precioso para o transporte e o gado bovino, importante para a alimentação, além das apreciadas armas mouriscas ou portuguesas. As trocas de presentes entre senhores e a embaixada portuguesa traduz-se frequentemente na oferta de vestuário e tecidos ricos, além das cobiçadas armas, por parte dos portugueses, que recebem cavalos e mulas de valor, ou uma vaca para seu sustento, por parte dos etíopes. Mas o Imperador oferece também panos da Índia a alguns membros da embaixada, e ricos tecidos de «brocadilho e sêda» além de trinta onças de ouro aos estrangeiros que já residiam na corte. Dá-lhes também a tenda onde os portugueses haviam dito missa, com as respectivas cortinas, o que constituiria uma oferta de valor¹²³⁵, e para a

¹²³⁰ *Ibd.*, pp. 124/125

¹²³¹ «(...) panno m.to largo e forte q lhes serve na cama de colchão e cobertor como de Papa, e he muito quente porq tem o cabelo quatro dedos de comprido, a q chamão Becêt, *Ibd.*, p.211

¹²³² *Ibd.*, p. 91

¹²³³ *Ibd.*, Vol. III, p.33

¹²³⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 185

¹²³⁵ *Vide, ibd.*, pp.339; 284 e 313

viagem de regresso oferece trinta mulas; 30 onças de ouro ao embaixador e 50 para o restante grupo¹²³⁶, além de alimentos.

A importância dada à riqueza móvel atesta-se na seguinte passagem de Francisco Álvares referente à deslocação da corte: « Os homens ricos trazem tendas muito boas. Dos grandes fidalgos e grandes senhores não falo, porque cada um deles abala uma cidade ou boa vila assim de tendas como cargas e gentes, mulas cousa sem número nem conto, dos de pé não sei que diga.» Pelo contrário, as camadas mais baixas da população contentam-se «(...) com peles e outros panos pobres e (...)levam consigo suas fazendas que tudo é panelas de fazer vinho e escudelas de beber.», sendo os seus abrigos de materiais perecíveis¹²³⁷.

Ambos os autores fazem referência aos instrumentos musicais existentes, revelando a importância da música na vivência quotidiana, religiosa e laica nesta época (não esqueçamos que a embaixada integra um tangedor de orgão). Desta forma Álvares enumera uma série de instrumentos de sopro, percussão e cordas, no que será secundado um século depois por Pais¹²³⁸.

Largo espaço é reservado pelos autores aos hábitos alimentares que pautam as formas de sociabilidade, sendo um espaço de convívio partilhado bastas vezes por eles, constituindo um indicador muito forte das diferenças culturais e da valoração feita de determinada sociedade por aquele que a descreve. O P.e Francisco Álvares é mais detalhado e prolixo nas suas referências à alimentação e experiências passadas na Etiópia.

A alimentação básica da terra consiste em carne do abundante gado ali criado, especialmente o bovino, embora Álvares prove no lugar de Salote galinhas cozidas em manteiga como nos relata, pois, o capitão do lugar «(...) fêz-nos grande gasalhado dando-nos muitas galinhas cozidas em manteiga e muito vinho de mel e nos mandou uma mui grande e gorda vaca(...)»¹²³⁹.

¹²³⁶ *Ibd.*, pp. 284/285

¹²³⁷ *Ibd.*, p. 229

¹²³⁸ Cf., « Há aí trombetas e não boas, há aí muitas atabales de cobre que vêm do cairo e outros de pau que têm couro de ambas as partes. Há aí pandeiros como os nossos e bacias grandes com que tangem. Há aí frutas e uns instrumentos de cordas, como harpas a que eles chamam David moçanco, que quer dizer : harpa de david. Estes tangem ao Preste e não bem.», *Ibd.*,p.424; « Os atabales são de cobre, e alguns de pau cubertos co couro de vacca, e outros como tambores. Tem trombetas, charamelas, ainda q não tão boas como as nossas Violas e outros instrumentos a modo de harpas, co q fazem arrezoadada musica. », Pais, Vol. I, p.183

¹²³⁹ Álvares, *op. cit.*, p. 48

O pão característico da terra consiste numa espécie de bolo de cereais de formato grande e, por vezes, come-se uma espécie de papa de farinha mal amassada. Quanto ao vinho ou bebida local, é feito de mel, servido num corno, e «Não se espante quem ouvir corno de vinho, porque dos grandes senhores e do Preste João, cornos de boi são suas vasilhas para o vinho e há aí corno de cinco, seis canadas.»¹²⁴⁰, mas também se pode servir em jarras. Em suma, como afirma Francisco Álvares «Por tôdas esta terra fazem pão de tôda a semente (...) e assim fazem vinho de muitas destas sementes e o vinho de mel é muito melhor que todos.»¹²⁴¹ Produz-se contudo vinho de uvas nas terras do *Preste*, como testemunha o autor num jantar na corte durante uma estadia em Gorage, referindo os «(...) bons vinhos em que entram vinhos de uva e de bons cheiros e muito vermelhos (...)»¹²⁴².

O mel é uma produção abundante nas terras etíopes; nas terras do *Balgadarobel* (Tigré), o fidalgo envia ao embaixador uma vaca e «(...) um grande cântaro de mel alvo como neve e rijo como pedra(...)»¹²⁴³.

De qualquer forma, a carne, o pão ou farinha e a bebida fermentada de mel parecem constituir a dieta básica dos abexins e desta forma é a embaixada portuguesa aprovionada, «Tanto que fomos aposentados mandou-nos o Preste João três pães grandes alvos e muitas jarras de vinho de mel e uma vaca.»¹²⁴⁴, conquanto o autor refira as hortas e citrinos dos mosteiros e as uvas e os pessegos da terra de Gorage¹²⁴⁵.

Álvares refere ainda a alimentação em situações específicas, como a alimentação dos frades do convento de Bisão (pão redondo de milho zaburro, cevada e sementes de tafo e couves sem sal ou azeite¹²⁴⁶); a refeição recebida no mosteiro de Paracleto num sábado, dia que guardam (por isso apenas puderam providenciar alhos secos, limões e couves cozidas com água e sal, picadas e misturadas com alho; um bolo de trigo e outro de cevada e uma bebida à base de milho¹²⁴⁷) e os produtos consumidos durante o apertado regime da Quaresma (couves e fruta se existir; molho de sementes com pão; bebidas de cereais, evitando o leite, a manteiga e o vinho¹²⁴⁸,

¹²⁴⁰ *Ibd.*

¹²⁴¹ *Ibd.*, p. 117

¹²⁴² *Ibd.*, p. 310

¹²⁴³ *Ibd.*, p. 107

¹²⁴⁴ *Ibd.*, p. 181

¹²⁴⁵ *Ibd.*, p. 310

¹²⁴⁶ *Ibd.*, p. 40

¹²⁴⁷ *Ibd.*, p. 105

¹²⁴⁸ *Ibd.*, p. 298

além da carne e peixe), assim como os mantimentos transportados em caso de guerra (farinha de cevada torrada e grãos torrados ou trigo cerolho na sua época; abastecendo-se de carne no local ¹²⁴⁹). Refere também o hábito da refeição única por dia, à noite ¹²⁵⁰.

As considerações do P.e Pais sobre o regime alimentar etíope são bastante coincidentes com as de Álvares: refere a bebida fermentada à base de mel e outra à base de cereais, também nomeada por Álvares, a propósito da dieta da Quaresma ¹²⁵¹. Sobre a alimentação etíope, diz-nos Pais:

« Comem toda a sorte de Carnes, Vaquas, Carneiros; cabras, Galinhas, Perdizes, excepto Porcos, q muitos não os comem; e Lebres e Coelhos ninguê; e das milhores iguarias pera alguns he a Carne de Vaqua crua, q acabando de matar a poem na mesa, e dando-lhe alguns golpes, lhe botão em cima seu mesmo fel; e logo vão cortando e comendo; e dizem q lhes sabe muito bem(...)» ¹²⁵²

Pais afirma mesmo, que caso a carne arrefeça, depois do abate do animal, já não é tão apreciada ¹²⁵³. Álvares havia já mencionado esta forma de consumir a carne, afirmando no sumário do Arcebispo, «Muitos comem carne crua e outros assadas nas brasas e outros sôbre lenha e sôbre bosta de bois, onde não há lenha.» ¹²⁵⁴.

Este último autor, mais prolixo na narração das suas experiências pessoais, proporciona-nos vários relatos de refeições em terras etíopes. Entre elas destaca-se a o jantar com o *Angoterás* (senhor de Angote) no qual é descrito não só o teor dos pratos servidos, como o mobiliário e a etiqueta alimentar de forma muito expressiva ¹²⁵⁵. No entanto estes manjares não agradam à comitiva portuguesa, como

¹²⁴⁹ *Ibd.*, p. 350

¹²⁵⁰ « Nesta terra não se costuma dar de comer mais de uma vez ao dia e esta na noite. Isto se costuma em todos os reinos do Preste João e seus senhorios e chegando assim como não nos deram pousadas, assim nos não deram de comer(...)», *ibid.*, p.85

¹²⁵¹ (« A sua bebida chama-se sanha e é feita de cevada, ou de milho zaburro, ou ainda de dagaça ou joio. Êste não bebem enquanto è fresco, porque dá com os homens no chão e tanto que é frio e assentado é isto o melhor que aí há. [durante a Quaresma] », *Ibd.*, p.298; « Sua bebida he vinho, q fazem de mel, e algum he tão forte como o de uvas, mas dura pouco, quando m, to hu mês, e logo se azeda. Tambe há outra sorte de vinho, q fazem de milho e cevada e de outras sementes, q não há em Espanha; e isto bebem comumente os q não podem alcançar vinho de mel (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 181/182

¹²⁵² *Ibd.*, p.181

¹²⁵³ *Ibd.*, p. 186

¹²⁵⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 417

¹²⁵⁵ «Foi o jantar desta maneira (...), em casa grande e térrea, a qual é betenegus, diante do catre em que êle estava assentado, estavam muitas esteiras estendidas, êle abaixou-se do catre e assentou-se o

nos relata o clérigo Álvares, «Destas potagens não quisemos nós comer e mandou o Embaixador vir o nosso comer que tínhamos muito bem feito, porque não podíamos comer suas viandas, nem eles comiam das nossas.»¹²⁵⁶.

A prática de não cozinhar bem a carne é novamente atestada pelo P.e Pais quando da sua entrada na Etiópia, onde « (...) levarão logo a outra casa grande e por me fazerem festa, matarão hua ovelha, de q eu não pude comer; porq não fizerão mais q dar duas voltas a carne no fogo; e assi crua a comerão, conforme o costume da terra(...)»¹²⁵⁷.

A alimentação marca fortemente as diferenças culturais, não só na forma de confeccionar (ou não) os alimentos e na natureza destes, mas também nos utensílios utilizados e forma de tomar as refeições. Os membros da embaixada resistem a certo tipo de alimentos, e estranham o pão e o vinho característicos da sua dieta mediterrânica¹²⁵⁸. Como nos relata Álvares durante uma refeição de galinha cozida sentem estranheza em comer sem pão a acompanhar, mas depressa se acomodam tanto quanto possível aos hábitos locais como pragmaticamente afirma, «Depois desta comida muitas vezes comíamos carne sem pão e pão sem carne e pão sem sal,

Angoterás nas esteiras e sôbre as esteiras puseram peles de carneiros pretos e sôbre elas duas bandejas de alimpar trigo a que eles chamam ganetas, as quais eram formosas e grandes e muito latas e não têm de borda mais de dois dedos e a maior destas tinha dez e seis palmos de roda e a outra catorze palmos, estas são as mesas dos grandes senhores. Todos nos assentámos derredor (...). Veio a água e lavámo-nos e não veio toalha para alimpar as mãos, nem menos para pôr pão sobre ela, senão nas mesmas ganetas. Veio pão de diversas maneiras, seja de trigo, cevada, milho, grãos e de tafo. Ante que começássemos de comer, mandou o Angoterás pôr ante si bolos daquele pão somenos e sôbre cada bolo uma posta de vaca crua e também, assim o mandava dar aos pobres que estavam fora da porta esperando esmola. (...) fizemos a benção ao nosso uso de que o Angoterás mostrou muito contentamento. E vieram as iguarias e foram estas: seja três salsas ou potagens, que bem se podiam dizer salsa de Palmela, um dente de alho, outro não sei de quê. Nestas potagens entrava lixo de vaca e o fel que nesta terra hão por muito estimado manjar e o não comiam senão grandes pessoas. (...) deitavam estas salsas o mais somenos pão e muito espedaçado e manteiga com êle.(...)O vinho era a rôdo. A mulher do Angoterás comia junto de nós, uma cortina em meio em semelhante mesa (...); comia das suas viandas e assim lhe davam das nossas; não sei se as comia porque era entre nós e ela a cortina; a beber bem nos ajudava. Sôbre todas as iguarias veio um peito de vaca crua e nós não o provámos, comeu o Angoterás dele, como quem come maçapães (...) e, assim demos fim ao jantar, e graças a Deus, e nos fomos para nossa pousada.» *Ibd.*, pp. 146/147

¹²⁵⁶ *Ibd.*

¹²⁵⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. III, p.22

¹²⁵⁸ «(...) nos davam dêste pão e como não era de trigo não o podiamos comer e assim o traziam fora de tempo, porque em tôda esta terra se acostuma, não comer mais que uma só vez no dia e esta é à noite.» «E mais seu comer é carne crua e fazem-lhe salsa do lixo da vaca e isto não comíamos nós nem pão senão de trigo ou ao menos de grãos. E da carne nós mandávamos fazer de comer aos nossos escravos até que o frade veio a tomar nosso costume e conhecer nossas vontades e trabalhava de nos dar galinhas, carneiro, vaca, cozido ou assado, isto por nossos escravos.»; quanto ao vinho afirma Álvares «(...) me mandou [o Imperador]dizer se queria beber vinho de uvas ou vinho de mel, ou sauna que é de cevada. Mandeilhe dizer que com vinho de uvas me criaram a mim e que o vinho de mel era quente e a sauna fria e que não era para velhos (...) mandou-me quatro jarras de vinho de mel (...), assim que não quis mandar o vinho de uvas que lhe eu pedia. Bebemos sendas vezes e o mais mandámos levar a nossas tendas.» *Ibd.*, pp. 117 e 243

porque se não costuma na terra, e pão molhado na água e na pimenta, assim que nos esqueceu o primeiro espanto.»¹²⁵⁹ E certas preparações culinárias etíopes chegam mesmo a ser bastante apreciadas como a «(...) vitela tôda inteira posta em pão, seja em empada, tão bem adereçada que nos não podíamos fartar dela.»¹²⁶⁰ e o banquete servido na corte à embaixada¹²⁶¹. Por outro lado anota o autor que «Todos estes manjares em que cabe especiaria de gengibre e pimenta lhe deitam tanta, que os não podíamos comer de fortaleza e de queimar.»¹²⁶², revelando um novo inconveniente da cozinha abexim.

Segundo ambos os autores a baixela etíope é muito modesta, tal como referem os dois autores. Os recipientes são em barro preto, não existindo mesa propriamente dita, nem toalhas ou guardanapos, o que marca uma forte diferença cultural, numa época em que as regras de civilidade, especialmente no campo alimentar se vão impondo e tornando progressivamente mais importantes na sociabilidade das classes altas europeias. Mas os etíopes, segundo o P.e Álvares, «Comem em umas gamelas chãs como bandejas de mui grande largueza, sem toalhas, nem guardanapos. Têm bacios de barro muito prêto (...) e púcaros do mesmo barro porque bebem água e vinho(...)»¹²⁶³. A presença de um jarro e um copo cristalinos e de uma taça de prata, são devidamente assinalados como peças de exceção¹²⁶⁴. Os religiosos do mosteiro de Bisão «(...) comem três s três em uma grande gamela, não é funda mas chã como bandeja(...)»¹²⁶⁵ Sobre os hábitos alimentares dos abexins refere Pais:

«Todos os senhores se assentão no chão sobre alcatifas, ainda em suas casas;(...) e assi sempre come no chão sobre huas taboas redondas co a borda de dous dedos de alto; e com serem de hua só peça, há alguas de outo palmos. A esta mesa chamão Gahêta: e não poem sobre ella

¹²⁵⁹ *Ibd.*, p. 85

¹²⁶⁰ *Ibd.*, p. 181

¹²⁶¹ « (...) nos veio muito comer e beber e de diversas iguarias entre as quais eram muitas galinhas ou peles delas e vinham recheadas da mesma carne delas sem ôsso, picadas e pisadas com especiarias e estas peles de galinhas não lhe falecia senão os pescoços e as pernas dos joelhos para baixo e não tinham cousa nenhuma quebrada. Não pudemos determinar por onde ou de que maneira lhe tiraram a carne de dentro ou a pele da carne e esta iguaria era muito boa. E vieram outro-sim grandes altamias com carne cozida e outros manjares de diversas maneiras feitos à sua guisa. O que era cozido era com muita manteiga e o assado bem assado (...)», *Ibd.*, p. 272

¹²⁶² *Ibd.*, p. 343

¹²⁶³ *Ibd.*, p. 417

¹²⁶⁴ *Vide, Ibd.*, p. 272

¹²⁶⁵ *Ibd.*, p. 40

toalha, nem guardanapo, senão huas apas muito delgadas de trigo, ou de outras semnetes (...); e sobre ellas os pratos co o comer e pão como o nosso de trigo.»¹²⁶⁶

De qualquer forma a baixela do Imperador parece ter melhorado um pouco na época de Pais pois, além da sua loiça característica de barro preto, tem peças de latão e cobre à maneira turca, vidros do Egipto e pratos e porcelana da China¹²⁶⁷.

As formas de cortesia, que pautam a sociabilidade em terras da Abissínia, são descritas pelos dois autores, em breves apontamentos por Álvares e de forma mais sistemática por Pais. Mas o primeiro não deixa de referir o modo de saudar um senhor, como exemplifica com a recepção do *Barnagais* ao fidalgo da casa do *Preste*: «(...) saíu o Barnagais a o receber fora do lugar (...) com muita gente e êle nu da cintura para cima e ali se pôs o fidalgo no mais alto que todos e a primeira palavra que disse foi:- El- Rei vos manda saudar. A esta palavra todos foram com a mão ao chão, que é a mesura e reverência desta terra(...)»¹²⁶⁸. Refere ainda Francisco Álvares que «Todos estes homens honrados trazem peles de carneiros ao pescoço ou ombros e o que traz pele de leão, tigre ou onça é mais honrado, quando chegam diante do senhor tiram a pele, como nós tiramos o barrete.»¹²⁶⁹, assim como o hábito dos cavaleiros se apearem ante uma igreja¹²⁷⁰ ou antes de penetrar no arraial do *Preste*¹²⁷¹ ou quando encontram outro senhor. Desta forma, o fidalgo que encontram no caminho, «Ante que a nós chegasse descavalgou, porque é assim o seu costume e o têm por cortesia.»¹²⁷²O autor regista igualmente a aparente forma especial de cumprimento dos frades de Bisão a Mateus, beijando-lhe a mão e o ombro¹²⁷³.

¹²⁶⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 181

¹²⁶⁷ *Ibd.*, p. 92

¹²⁶⁸ « È usança desta terra ouvir a palavra que o Preste manda , fora de casa e a pé e aquêle a que vem há-de estar nu da cinta acima até que seja dada e se é contentamento do Preste João, acabada de a dar logo se veste, se é em seu descontentamento, fica nu como a ouviu.», Álvares, *op. cit.*, p. 67

¹²⁶⁹ *Ibd.*, p. 72

¹²⁷⁰ Ao aproximarem-se da igreja de Maçam Celacem «(...) vieram a nós homens muito apressurados dizendo que nos apeássemos, o que logo fizemos por sabermos que assim é seu costume (...) e por reverência desta que é grande, pareceu-nos que se apeavam mais longe.», *Ibd.*, p. 164; também Pais menciona este hábito, referindo . Se aos q vão a cavallo lhes he necessario passar diante de algua Igreja, se apeão (...) antes de chegar a ella, e vão a pé atee passarem hu pedaço.», Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 132

¹²⁷¹ Levando o autor a dita pimenta ao arraial do Preste « (...) achámos um mensageiro que nos disse que trazia palavra do Preste e apeou-se para no-la dar e nós apeámo-nos para a receber, porque é assim seu costume de darem a palavra de el-Rei em pé e em pé ser ouvida. (...) [junto ao arraial do Preste] Descavalgámos um pedaço atrás (segundo seu costume) (...)», Álvares, *op. cit.*, pp. 186/187

¹²⁷² *Ibd.*, p.19

¹²⁷³ *Ibd.*, p.12

Pêro Pais detalha-nos um pouco mais estas cortesias, confirmando o hábito de um senhor se apresentar de peito nú perante outro de mais elevada condição: « (...) e não somente hade falar em plural o menos nobre, mas hade baixar o pano q traz em lugar de cappa, de maneira q descubra pello menos hu hombro; e tal pode ser o senhor co q fala, q tenha obrigação de descobrir ambos os hombros e ainda cingir o panno na cinta; (...)»¹²⁷⁴, reafirmando que «(...) ne tira ninguem a outro o barrete por mais grande q seja (...)»¹²⁷⁵. Estas formas de saudação entre senhores e iguais e outras práticas indiciadoras de respeito estão bem resumidas na seguinte passagem de Pais:

« As cortesias , de que usão huns cõ outros, são por a mão direita no peito , e baixar a cabeça dizendo : Biçôn ayaoêl q quer dizer : o mal não esteja em vós; E quando hu é inferior baixa atee a cinta o panno q traz em lugar de cappa e beija a mão ao outro; e entrando em casa de homem grande , cinge o pano e tira os çapatos. Quãdo os homens grandes vão de h~ua terra a outra e visitão seus parentes, ou iguais, se dão paz no rosto; e todos , quãdo entrão na Igreja, tirão os çapatos e ficão cõ a cabeça cuberta (...)»¹²⁷⁶

Salienta ainda este autor a prática corrente de hospitalidade entre os etíopes, pois «(...) atee os mouros e gentios, q vem de outras partes, os recebem e tratão muito bem, como eu vi fazer a muitos; (...)»¹²⁷⁷.

Ainda relativamente às formas de sociabilidade, e segundo a narrativa de Álvares, nem todas as formas de entretenimento dos portugueses parecem ser compartilhadas pelos etíopes: a caça é-lhes indiferente; uma representação levada a cabo no dia de Reis perante o *Preste*, «(...) não foi estimada nem quási olhada(...)»¹²⁷⁸; os festejos dos portugueses «(...)mandou dizer o *Preste* que cantássemos, bailássemos à nossa guisa e tomássemos prazer. E logo começaram os nossos de cantar cantigas em um cravo que aí tínhamos e depois cantigas de bailes e de terreiro.» O *Preste* vigia sendo necessário estar atento para «(...) que se não passasse entre nós cousa deshonesta.»¹²⁷⁹

¹²⁷⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 179

¹²⁷⁵ *Ibd.*, p. 186

¹²⁷⁶ *Ibd.*, p. 17

¹²⁷⁷ *Ibd.*, p. 1517

¹²⁷⁸ Álvares, *op. cit.*, p. 253

¹²⁷⁹ *Ibd.*, p. 253

As regras flexíveis que presidem ao matrimónio e às relações entre homens e mulheres, impressionam especialmente Francisco Álvares. Isto pelo facto de «(...) os homens que têm bem que comer, logo têm duas, três mulheres e não lhe são defesas pelo Rei, nem suas justiças, sómente pela Igreja. Todo o homem que tem mais de uma mulher não entra na igreja nem recebe nenhum sacramento e o têm por excomungado.»¹²⁸⁰. No entanto a desaprovação da igreja não parece moderar este costume, referindo o clérigo vários exemplos de homens que têm duas ou três mulheres¹²⁸¹. Também refere o hábito de tomarem mancebas, que são numerosas no lugar de Barué, por ser corte do Barnagais e morada de outros senhores.

De qualquer forma o casamento apresenta-se como uma instituição bastante maleável na sociedade abexim coeva. «Nesta terra não são fixos os casamentos, porque por qualquer causa se apartam.»¹²⁸², e embora existam contratos de casamento com cláusulas e penas para divisão de bens em caso de separação, são pouco aplicadas «(...) e assim se apartam quando querem, assim eles como elas.»¹²⁸³ O P. Francisco Álvares testemunha muitos destes divórcios de grandes senhores, e novos casamentos, mesmo entre antigos cunhados e «(...) não se espante quem o ler, porque é usança da terra, não estranharem dormir irmão com a mulher de seu irmão.»¹²⁸⁴ Além do mais as mulheres, pelo menos as de classe alta, parecem ter uma razoável liberdade face ao matrimónio, como relata Álvares a propósito de um frade, que se casara com uma mulher da família real, separando-se dela para desposar a sobrinha da primeira mulher, irmã do Imperador «(...) a qual fazia o que queria e o marido não ousava entender nisso com mêdo do Preste e também por não ser nesta terra a errada das mulheres muito estranhada, (...)»¹²⁸⁵. Os divórcios e os casamentos sucedem-se especialmente entre os grandes senhores, como assegura o P.e Álvares «(...) assim destes apartamentos vi e sei muitos(...)»¹²⁸⁶.

¹²⁸⁰ Álvares, *op. cit.*, p. 53

¹²⁸¹ «Um ano e meio pousámos, um meu sobrinho e eu, em casa de um homem que se chamava Ababitai e tinha três mulheres ainda vivas e conhecidas nossas amigas em boa amizade. (...) agora antes da nossa partida, apartou de si e da sua conversação duas mulheres e ficou com uma, seja, a que houve derradeiro que era mais moça. E já lhe davam os sacramentos e entrava na igreja como qualquer outro (...)», *ibid.*, p. 53

¹²⁸² *Ibid.*, p. 53

¹²⁸³ *Ibid.*, p. 55

¹²⁸⁴ *Ibid.*, pp. 55/56

¹²⁸⁵ *Ibid.*, p. 330

¹²⁸⁶ *Ibid.*

Pais, por seu lado, afirma que existe a interdição a casamentos entre parentes até ao sétimo grau, desposando habitualmente membros de outras famílias, embora alguns não observem a restrição¹²⁸⁷.

O facto é que nem mesmo os membros da Igreja guardam castidade. De facto podem casar-se e cometem os pecados idênticos ao homem comum, embora sejam penalizados com a expulsão da Igreja. Por conseguinte e como afirma o Francisco Álvares, face à instabilidade dos matrimónios, « E se alguns guardam a ordem do casamento, são ao clérigos que nunca se podem apartar e os lavradores que tem amor às suas mulheres porque lhe ajudam a criar seus filhos e sachar e mondar suas lavouras e á noite quando vêm para casa acham um pouco de gasalhado e assim ou por jeito ou por fôrça são casados tôda sua vida.»¹²⁸⁸.

Pêro Pais embora se mostre mais lacónico sobre as práticas matrimoniais, não deixa de referir a facilidade do divórcio e de um novo casamento e as diferentes considerações morais que presidem nesta sociedade às relações entre homens e mulheres:

« A fornicção simples não confessão os mais delles, porq não a tem por peccado ; tanto q m,tas vezes se concertão os q não são casados pera estar por algum tempo juntos, e vão a algum frade; e diz o mancebo. Eu estou concertado pera estar co esta molher este verão; excomungaia q não se afaste de mim; e eu tambem me excomungarei pera me não afastar della; (...)»¹²⁸⁹

A cerimónia de casamento parece, à imagem da instituição, informal e livre como nos revela o P.e Pais, ao afirmar «(...) casa cada hu quando quer, e como melhor pode(...)»¹²⁹⁰. Por sua vez o P.e Álvares entra em maiores detalhes relatando cerimónias de casamento a que teria assistido noutros locais que não a corte, nomeadamente na região de Tigré, cerimónias estas que decorriam fora das igrejas, como nos narra:

«(...)num rossio diante umas casas puseram um catre e ali assentaram o noivo e a noiva e vieram três clérigos e começaram a cantar(...) andando(...) três vezes derredor do catre (...).

¹²⁸⁷ Pais, *op. cit.*, p.54

¹²⁸⁸ *Ibd.*, p. 55

¹²⁸⁹ *Ibd.*, Vol. II, p. 79

¹²⁹⁰ *Ibd.*, pp. 163/164

Então cortaram ao noivo uma guedelha da cabeça e outra da cabeça da noiva e estas guedelhas molharam em vinho de mel e a guedelha do noivo puseram-na na cabeça da noiva e a da noiva na cabeça do noivo (...) e sobre isto lhe deitaram água benta e daí avante festejaram suas festas e bodas. E por noite os meteram em sua casa(...)»¹²⁹¹

Ambos os padres abordam o sacramento e o ritual do baptismo¹²⁹² seguido da primeira comunhão, feito aos quarenta dia de vida aos rapazes e aos sessenta às raparigas. Ambas as práticas seriam muito perigosas para a criança, nomeadamente o perigo do recém-nascido morrer sem baptismo, dado o espaço que medeia o seu nascimento até à cerimónia. «E eu por muitas vezes em muitos lugares lhe dizia que faziam grande êrro e que iam contra o que diz o evangelho (...). Responderam-me por muitas vezes que lhe bastava a fé de sua mãe e a comunhão que recebia sendo prenhe.»¹²⁹³ Semelhante prática é corroborada por Pais¹²⁹⁴. Francisco Álvares reporta-nos ainda outro costume abexim associado ao baptismo. Assim para receber os óleos, « (...) sabereis que tôda a criança vem (...) rapada à navalha e o ferro ou sinais que trazem no nariz entre os olhos e nos cabos dos olhos não é feito por fogo nem por nenhuma cousa de cristandade, senão por ferro frio por louçaínha e por dizerem que é bom para a vista.»¹²⁹⁵

A celeridade empregue nas cerimónias fúnebres parece chocar Francisco Álvares quando procede à descrição das cerimónias de enterro: não haveria grandes acompanhamentos; o corpo embrulhado vai em catres; usam muito incenso; «Os clérigos vêm por êles e pouco lhe rezam e logo partem com êles caminho da igreja com cruz, turíbulo e água benta , correndo, que não há homem que os alcance.» O morto não entra na igreja e é logo enterrado, onde lhe rezam o Evangelho de S, João.

¹²⁹¹ Álvares, *op. cit.*, pp. 53/54

¹²⁹² « Este baptismo fazem na igreja com água que têm em um vaso e a benzem e põem óleo na moleira e nos peitos e espáduas.», *Ibd.*, p. 56

¹²⁹³ *Ibd.*

¹²⁹⁴ « Bautizão os mininos machos aos 40 dias; e as mininas femias aos 8º, e sempre o fazem sacerdotes e tirando alguns frades letrados e outros seculares (...) q de nos tem ouvido, bautizão as crianças em qualquer tempo q estão em perigo de morte; os demais em nenhua man,ra os bautizão antes daquelle tempo (...), e ordinariamente não poem oleos santos senão hu liquor q tirão do pao de zambiqueiro (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. II, p.74

¹²⁹⁵ Álvares, *op. cit.*, p. 57; o autor descreve em detalhe esta marca ornamental, feitas por mulheres conhecedoras:«(...) tomam um dente de alho grande e revindo e põem-lhe no cabo do olho e com uma faca aguda cortam a redor(...) e então alargam com os dedos aquele golpe e põem sobre ele uma pequena pasta de cera e sobre a cera outra pasta de massa e apertam-no uma noite com um pano e fica para sempre o sinal(...)», *ibid.*

A descrição do P.e Pais, embora muito próxima apresenta alguns pormenores adicionais¹²⁹⁶.

Quando o defunto é um fidalgo, é transportado no seu próprio leito, com maior estado, sendo geralmente enterrados em mosteiros, e saiem os frades a recebe-lo fora do edificio e rezão-lhe orações no interior da igreja, onde serão depositados. «Quando morre o Emp.or, o levão tambem em seu leito(...) co grande acompanham.to; porq não só vão os Principes, e grandes, mas todos os Snores nobres (...) todos cubertos de doo e as cabeças rapadas como costumão fazer nas mortes dos pais, pera mostrar sua grande tristeza. »¹²⁹⁷ O P.e Pais assistiu às exéquias do jovem principe, filho do imperador *Suseneos*, para o qual «(...) armarão a tenda e no meo della puserão o Corpo em hu lugar alto co tochas a roda; e pouco depois da mea noute veio o Emperador cuberto de doo co todos os grandes, e fizerão extraordinario pranto atee q amanheceo, q o levarão a enterrar a hu mosteiro, q está em hua ilha d' Alagoa de dambiâ,(...)»¹²⁹⁸, sendo o préstito acompanhado pela cavalaria da corte, bandeiras e atabales do imperador «tangendo som de tristeza.»¹²⁹⁹.

Segundo o mesmo autor os cemitérios destinam-se apenas a alguns pobres; a maioria é enterrada na área das igrejas e os nobres, como foi dito, nos mosteiros¹³⁰⁰. No dia do funeral são distribuídas esmolos para que na igreja se rezem orações pelo defunto durante trinta dias, após os quais oferecem uma vaca aos frades e pobres, esmolos que se repetem, com a oferta de incenso e candeias aos quarenta dias e aos oitenta e novamente quando se completa um ano sobre a morte, na cerimónia de *Fascâr*(lembrança) ou *Fetât* (libertação)¹³⁰¹.

¹²⁹⁶«(...) como hu morre, se he homem ordinario, tomão dous paos compridos e atravessão no meo outros curtos a modo de escada,e aly o deitão amortalhado e cobrem co hu panno d'algodão qualquer q achão e levandoo quatro homens nos hombros o acompanhão seus parentes e amigos (...). Como chegão a Igreja ou mosteiro, onde se há de enterrar, saem a porta os clerigos ou frades (q a sua casa de nenhua man.ra vão) e trazem a Cruz e thuribolo, mas não agoa benta, q della não usão nos enterram.tos (...) e rezãolhe m.tas Oraçoens, e logo o enterrão na Crasta ou alpendre(...)», Pais, *op. cit.*, Vol. II, p.134; Pais refere ainda uma prática de enterramento característica de alguns cristãoque o autor não identifica ou localiza «(...) e he , q como se acaba de morrer o homem ou a molher daquella casta, antes q se esfrie o Corpo, lhe quebrão os ossos dos braços, e das pernas e o fazem como hua bola e assi o amortalhão e enterrão e se riem muito e zombão dos outros, dizendo q enterrão os defuntos (...) ao comprido como se fosse hu pão.» *ibid.*, Vol. I, p. 185

¹²⁹⁷ *Ibid.*, p. 135

¹²⁹⁸ *Ibid.*, Vol I, p. 185

¹²⁹⁹ *Ibid.*, Vol. II, p.135

¹³⁰⁰ *Ibid.*,p. 140

¹³⁰¹ *Ibid.*, Vol. I, pp. 135/136

Tanto Francisco Álvares como Pêro Pais descrevem as formas de luto de forma similar: Álvares refere «(...) o seu costume de dó é rapar a cabeça à navalha e não a barba e vestir panos pretos (...)»¹³⁰²; segundo Pais « O dó q usão (...) he raparem as cabeças, até os criados da casa; e a molher e criadas amarrarem pella fronte hua tira comprida de panno branco muito fino de algodão, q lhes vem da India, (...); e ambas as pontas lhes caem sobre as costas. O vestido he preto, e trazemno hu anno. Os parentes vestem azul (...)»¹³⁰³.

Os contidos etíopes exteriorizam fortemente a sua dor perante a morte, dando lugar a grandes choros e brados; batendo nos peitos, os homens lançam-se violentamente ao chão; as mulheres arrancam os cabelos e arranham as faces. Face a a tais manifestações de dó ambos os autores declaram a sua emoção¹³⁰⁴.

Alguns indícios nos são dados acerca da distribuição dos bens dos defuntos. Álvares refere-se ás partilhas da herança da mãe do Preste, em Xoa, sendo as terras repartidas em três partes, para si e duas irmãs; a sua é repartida pelas suas duas filhas pequenas. Existe portanto um direito feminino à herança. Os bens são constituídos por terras, incluindo a sua produção pecuária. Das heranças constam ainda bens móveis como ouro e sêda¹³⁰⁵ (provavelmente jóias e tecidos ricos). Pais é mais específico quanto aos costumes que regulam as heranças, às quais se deduzem as ofertas das esmolas a dar durante o ano seguinte ao da morte:

«(...) por morte do marido, a mulher leva um terço dos bens ou menos, conforme acordado e mais o que lhe dão por rapar a cabeça e os bens que trouxe; os herdeiros são os pais. E sem acordo ficam ainda com aquele terço. Se os pais já faleceram, fica a mulher com tudo. A mulher tem direito a duas partes; o filho mais velho também; os restantes uma parte.»¹³⁰⁶

¹³⁰² Álvares, *op. cit.*, p. 312

¹³⁰³ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 184

¹³⁰⁴ Na cerimónia de trasladação do pai do Preste «(...) assim tôda a gente vinha coberta de panos pretos, chorando, dando grandes brados (...) Diziam isto tão dorido que nós donde estávamos chorávamos todos.» Álvares, *op. cit.*, p. 269; «(...) e ordinariamente fazem grandes sentimentos botandose no chão de golpe e dão tais quedas, q eu conheço hu q esteve pera morrer, e outro q ficou alejado pera toda sua vida; as molheres arrancão os Cabellos e arranhão o rosto atee lhe correr o sangue; e ainda alguns do Reyno de Gojâm. A q chamão Gafates, se ferem na cabeça e nos braços co faccas. Chorão co grandes vozes, desde hu pouco antes de amanhecer atee às oito ou nove horas, e isto por m.tos dias; e o mais do tempo estão em pee batendo co as mãos e alguas vezes dando nos peitos; e tomão algua cousa do vestido, ou das armas do defunto, e amostrão dizendo tantas cousas, q não podem deixar de chorara os q ouvem.», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.184

¹³⁰⁵ Álvares, *op. cit.*, p. 316

¹³⁰⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.183

Desconcertante para os nossos clérigos foi certamente a constatação da observância de costumes de raiz judaica entre os etíopes e a sua conformação com as práticas cristãs. Como afirma Francisco Álvares, «(...) depois soubemos que êles guardavam algumas cousas da Lei velha juntamente com a nova, assim como é o jejum da Quaresma,(...)»¹³⁰⁷. Ou seja guardam o sábado segundo a Lei Velha (Lei de Moisés)¹³⁰⁸, e o Domingo pela nova (Lei de Cristo)¹³⁰⁹, como confirma o P. Pais. Evitam a carne dos leporídeos e do porco; não igerem o peixe sem escama; observam a interdição da entrada das mulheres, tidas como impuras após os partos e durante as menstruações e estranham os usos dos portugueses nesta matéria¹³¹⁰. Outro resquício de judaísmo é patente na prática da circunsição aos oito dias de vida, sendo «Hua das cousas a q mais afferrados atee oje estão os Ethiopes(...); tanto q elles mesmo dizem se entre elles ficassem alguns sem se çircuncidarem, os teriam por gentios; (...) e assi chamão por grande injuria (Colafá) q quer dizer incircunçiso,(...)»¹³¹¹.E no entanto afirma-nos Álvares que não existem judeus nos reinos e senhorios do *Preste*¹³¹² mas apenas vagas tradições de descendentes em certas regiões.

Segundo alguns autores esta questão dos elementos judaicos nos hábitos etíope, não comprova um pretense passado ou estreita ligação judaica (aliás reforçada pela lenda fundadora da dinastia coeva como veremos); antes surgem como reforço do elemento judaico, que teria alcançado a Etiópia proveniente do sul da Arábia, onde abundavam as colónias judaicas, talvez na sequência dos contactos comerciais na época aksumita. De qualquer forma esta influência judaica teria recuado perante o avanço do cristianismo e mais tarde do islamismo, permanecendo, todavia, algumas das suas tradições¹³¹³.

A estes costumes, misturam-se outras práticas, como a da excisão sobre a qual diz Álvares: «E não se espante quem isto ler, que também circuncidam as fêmeas (...), o que não era na lei velha.»¹³¹⁴, como sublinha. Também Pais objecta em

¹³⁰⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 68

¹³⁰⁸ «Guardam tambem os Ethiopes comum.te os sabbados, e m.tos frades co tão grande observância , e rigor q parece q antes se deixarão matar q quebrallo. Começão a guarda delle Sestafeira a tarde como os Judeus; (...)»Álvares, *op. cit.*, p.38

¹³⁰⁹ *Ibd.*, p.18

¹³¹⁰ *Ibd.*, p. 69

¹³¹¹ *Ibd.*, pp. 66/67

¹³¹² Álvares, *op. cit.*, p. 420

¹³¹³ Esta explicação avançada por Juan González Nuñez, parece-nos a mais plausível e não o possível passado lendário e bíblico que entronca os primeiros reis na linhagem de Salomão,*Vide, Etiópia: Homens, Lugares e Mitos*, Lisboa, Além-Mar, 1993, pp. 33/34

¹³¹⁴ *Ibd.*,p. 56

relação a esta antiga prática , talvez de origem semita, que alastrou a várias regiões de África e a várias comunidades religiosas, sancionada pela suposta lei religiosa, discutida por Pais, que relata: «(...) e quando perguntamos porq o fazem (...); huns respondem q porq assi o acharão de seus pais, outros q por fermosura, outros q porq assi o manda a ley;(...) ao q lhe respondemos q esta escusa não he bastante pera poderem fazer hua cousa de q tanto se escandalizão os mais Christãos e tão seriamente proibe S. Paulo (...)e prohibirão os Apostolos(...)»¹³¹⁵.

Os nossos autores dão-nos alguns indícios da farmacopeia abexim, assunto que capta especialmente a atenção do P.e Pais referindo o problemas das perigosas lombrigas, que advém do consumo da carne crua¹³¹⁶, para o qual o remédio seria obtido da polpa do fruto do Coço¹³¹⁷; da casca da raiz da Corpâ ou Guindâ se obtém um preparado para quistos e inchaços, de uso universal, pois «Cura homens e bestas, pois também se aplica aos cavalos, mulas e bois.»¹³¹⁸ De resto ambos assinalam a ausência da prática de medicina, seguindo a natureza o seu curso em caso de doença¹³¹⁹. Álvares indica um exemplo que presenciou: «Havia nesta terra muitos doentes como de febres e tudo se deixa à natureza que não põem outro remédio somente se adoce da cabeça sangrar na mesma testa e se lhe doí a barriga ou as costas ou espáduas, põem-lhe fogo como às bêstas. Às febres não lhes põem remédio.»¹³²⁰

Pais refere que «Os medicos q há em Ethiopia são algus q conhecem ervas, e co ellas curão e ainda destas sabem muito pouco; e o mais ordinario he, quando adoecem não fazer mezinha nenhuma, senão muito grande dieta, atee q a natureza

¹³¹⁵ *Ibd.*

¹³¹⁶ *Ibd.*,p. 181

¹³¹⁷ « (...) cada dous meses o bebem todos desfeitos em agoa pera hua grave doença, q tem os naturais de Ethiopia, q são hus bichos como lombrigas, mas muito compridos, q se lhes crião no estomago, parece q da crne crua q comem; porq os estrangeiros não tem tal cousa; e he tam forte mesinha q algus morrem della em poucos dias botando sangue pella boca. Mas se não a tomão ao tempo q disse, ficão muito magros, e lhes vem a sahir aquelles bichos pellos narizes.», *Ibd.*,pp. 71/72

¹³¹⁸ « Há outra arvore , de cuja casca da raiz e do leite de suas folhas se aproveitão muito; e he singular remedio pera resolver inchaços antes de criar materia; e antraz ou carbunculo, q he tão perigoso, infalivelmente o sara se o poem logo.», *Ibd.*,p. 191

¹³¹⁹ Álvares refere que « Não há maneira de física, sòmente põem fogo; em alguma doença põem ventosas sem fogo e, para dor da cabeça, sangram na testa com uma faca posta na veia. E dão lhe com um pau em cima para que tire sangue e porém tomam algumas ervas em beberagem para saírem.», Álvares, *op. cit.*,p. 417; Pais afirma «(...) nem de medicina sabem cousa nenhuma; e assi quando adoecem, não só a gente pobre ; mas os ricos, e senhores grandes, morrem sem fazer remedio nenhu ainda q a doença seja comprida.», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 84

¹³²⁰ Álvares, *op. cit.*, p.173

prevalece, ou morre.»¹³²¹ e sublinha a total ausência de hospitais e no seu sumário ao Arcebispo, Álvares informa que «Há aí muitos gafos nesta terra e não vivem apartados da gente (...). Há aí muitas pessoas que por sua devoção os lavam e curam suas chagas com suas mãos.»¹³²²

Da mesma forma não parece haver uma organização da assistência aos doentes e aos desvalidos que abundariam, sendo várias vezes notados no texto de Álvares o número de pedintes, aleijados e cegos, e o hábito dos senhores enviarem algumas viandas de sua mesa para os necessitados, o que é corroborado, por Pais na seguinte passagem: «Depois q amanhece, as assentão [os pedintes] junto de alguma Igreja ou em rua onde passa mais gente, ou na entrada da Cidade, e aly pedem esmola até q os homenns grandes comem, q he ordinariamente antes das dez da manhã e às cinco da tarde, e então se ajuntão às suas portas, e como acabão de comer , lhes dão o q sobeja.»¹³²³ A única forma de assistência, dirigida de resto, ao clero e à nobreza parecem ser as largas esmolas do Imperador, aos mosteiros, igrejas e aos «honrados» necessitados e a figura do «pai dos orfãos» que auxilia as viúvas e orfãos dos parentes do Imperador¹³²⁴.

Nesta sociedade sem grandes centros urbanos, com uma nobreza e corte essencialmente itinerantes, os meios de deslocação assumem uma primordial importância. Álvares refere as caravanas e cáfilas que encontra no seu caminho para a corte. Assim se viaja para protecção dos ladrões e animais selvagens¹³²⁵. No entanto a segurança nem assim é assegurada. Na estrada junto ao reino de Doba, onde só se viaja em caravana (negada) duas vezes por semana, à ida e à vinda, iniciando-se em Manadelei e em Corcora, estas são atacadas, como testemunham o sobrinho de Francisco Álvares e um criado do embaixador, que assistem à morte de doze pessoas na frente da caravana pelos Dobas¹³²⁶. Assim, no início do reino de Angote, «(...) nos puseram mais mêdo que dantes, dizendo que além dos mouros, que havia aí muitos ladrões que andavam entre os matos e matavam aos caminhantes

¹³²¹ Pais, *op. cit.*, p. 191

¹³²² Álvares, *op. cit.*, p.421

¹³²³ *Ibd.*, p. 176

¹³²⁴ *Ibd.*

¹³²⁵ « (...) em a ela [à estrada] chegando, achámos uma mui grande cáfila de camelos e muita gente que vinha para Arquico, porque não caminham senão cáfilas com mêdo dos ladrões. (...) Dormimos todos em um, monte onde havia água e lugar certo de aposentar as cáfilas(...)», *ibid.*, p. 21

¹³²⁶ *Ibd.*, p. 121

com erva, e porque geralmente nós a víamos trazer, tínhamos receio e assim nos diziam que fôssemos todos juntos e coma as armas prestes.»¹³²⁷

Um século depois, na época do P.e Pêro Pais a tónica dos caminhos etíopes e a preocupação dos seus viajantes continua a ser a insegurança, ameaçada por bandos de salteadores e pelos ferozes Galês, forçando as caravanas a tomarem vias alternativas, de mais difícil acesso¹³²⁸. Este autor enumera os meios de locomoção e carga: as mulas de carga e de sela, que o autor estima oscilarem entre 50 e 100 mil, em grande número, ao contrário dos cavalos, que são formosos mas pouco podem caminhar por não serem ferrados; sendeiros galegos para carga, que têm o mesmo problema dos cavalos; muitos asnos, mais resistentes; muitos bois de carga e nas terras planas, camelos que levam grande carga¹³²⁹.

Com o auxílio destes animais as expedições, como a embaixada de D. Rodrigo, avançam por território abexim. Por vezes pernoitam ao ar livre, com os seus haveres à volta de uma árvore¹³³⁰; noutra situação, no local de Barra, «(...) foram-nos aposentar em uma corte de cabras que escássamente cabíamos nela. E deram-nos para dormir dois couros de bois com cabelo e para ceia pão e vinho da terra, que farte, e um carneiro.»¹³³¹; noutros locais os portugueses são alojados nos *betenegus* (casas de el-rei), casas em lugares, destinadas aos senhores da terra em viagem. Muito respeitadas as suas portas conservam-se abertas; o único mobiliário são leitos iguais e um local para fazer fogo. Ninguém pode entrar no *betenegus* sem estar aí o senhor da terra, sob pena de morte.¹³³² Quanto aos mantimentos, estavam a cargo do senhor de cada local. O que nem sempre funciona¹³³³. O P. e Pais exemplifica esta prática, notando «(...) em qualquer lugar q chegue a se agasalhar de noute lhes hãode dar pousada e tudo o necessario pera comer de graça, conforme a qualidade das pessoas, q tambem aos homens baixos agasalhão desta maneira; (...); mas em as Cidades não se usa isto; cada hu come a sua custa.»¹³³⁴

¹³²⁷ *Ibd.*, p. 124

¹³²⁸ Pais, *op. cit.*, Vol .III, pp.667/67

¹³²⁹ .Álvares, *op. cit.*,pp. 229/230

¹³³⁰ *Ibd.*, p. 24

¹³³¹ *Ibd.*,p. 49

¹³³² *Ibd.*, pp. 98/99 e 107

¹³³³ no lugar de São Miguel, onde, por ter privilégio, não deram pousada nem alimentos à embaixada esta foi obrigada a recolher-se na cerca da igreja fazendo uma ceia de pombos que estavam na cerca da igreja. No regresso afirma o P.e Álvares, «(...) tornámos a pousar neste lugar e fomos recebidos não estimando privilégios por não matarmos as pombas da igreja de que já estava povoada.» *Ibd.*,p. 85

¹³³⁴ Pais, *op. cit.*, p. 182

Álvares relata de igual forma o modo de deslocação em estado, de grandes senhores, como o fidalgo que encontram no início do percurso. Segundo ele «Trazia êste fidalgo muito bom cavalo adestro e formosa mula em que vinha e quatro homens a pé.»¹³³⁵; o *Abuna* desloca-se com as suas mulas ajaezadas, suas cruces e seus sombreiros¹³³⁶, assim como do *Preste*, que veremos mais à frente. As grandes senhoras deslocam-se em esperaveis (liteiras cobertas) negras (em caso de luto) ou branco. No entanto o P.e Pais revela-nos outras formas femininas de viajar:

« (...) todas andão em mullas co sellas pouco largas, cubertas co pannos de seda ou outros somenos, conforme a qualidade da pessoa; e cada hua leva dous homens perto do arção dianteiro (...) e cada hu posta sua mão no pescoço da mulla, e ella muitas vezes se encosta pondo a mão no ombro do q quer. Outros dous vão detras da mesma maneira co hua mão no arção, assi por honra como pera q não tenha perigo de cahir, mas as q não podem tanto levão hu soo homem a mão direita.»¹³³⁷

Tendo percorrido muitas regiões da Etiópia, nomeadamente a zona do lago Dambiâ, este o missionário refere-se às barcas utilizadas para atravessarem ribeiras e lagos, «(...) fazem de hua palha à man.ra de junco, q, ainda q he de quatro dedos de grosso, como se secca, fica m.to leve e nunca se vão ao fundo, ainda q se virem.»¹³³⁸ De uma forma similar já havia Álvares caracterizado as embarcações rudimentares feitas de uma espécie de juncos, que permitiam o acesso ao mosteiro no lago à entrada do reino de Amará¹³³⁹.

¹³³⁵ Álvares, *op. cit.*, p. 20

¹³³⁶ *Ibd.*, p. 267

¹³³⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 141

¹³³⁸ *Ibd.*, p. 218; na seguinte passagem Pais exemplifica as suas características: « As barcas, em q os frades passão de huas ilhas a outras e vem a terra firme [na lagoa de Dambiâ] e de q usão todos os demais , são, como acima dissemos, de hua palha à maneira de junco, q há em abundancia em algumas partes ao longo da lagoa (...) e pera fazerem estas barcas tomão hu pao pouco mais grosso q hua perna e da compridão q querem a barca, q ordinariamente he curta e estreita, mas co o seu modo de popa e proa, e sobre elle a fundão, amarrando aquellas palhas de hua e outra banda (...) co hua cousa q sobe pellas arvores como Edra, mas m.to delgada e forte; (...). Depois metem dentro aquellas palhas juntas bem amarradas, e sobre ellas poem a carga e se assenta a gente; não tem vella, nem os remos são como os nossos, senão huas varas delgadas e compridas, e tomandoas pello meio vão dando co as pontas na agoa de hua e outra banda; (...)», *ibid.*, p. 233

¹³³⁹ Álvares, *op. cit.*, p. 160

Pais refere também um tipo de jangada utilizada para a travessia do rio Tacacê no Inverno, onde os crocodilos ameaçam as gentes e os animais¹³⁴⁰; no lago Dambiã anota o perigo que constituíam as investidas dos brutais hipopótamos contra as embarcações «pequenas e fraquas», pois como narra o jesuíta ao atravessar o lago «(...) sahio de debaixo de agoa hu Cavallo marinho e arremeteo a Embarcação q estava mais afastaada da terra em q hia hu P.e, e quis Deos q errou(...); mas alevantouse logo m.to sobre a agoa(...) e acometeo tres vezes cõ grande furia(...), mas Nosso Snor por sua misericordia o livrou, çegando ao Cavallo marinho(...)»¹³⁴¹.

Como já assinalámos noutro capítulo¹³⁴² esta sociedade apresenta uma forte tradição de oralidade. Ambos os autores salientam a falta de registos escritos a nível administrativo, diplomático e judicial . Com efeito Álvares afirma, « Na terra não costumam escrever uns aos outros, nem os oficiais de justiça não escrevem nada. Tôda a justiça que se faz e o que se manda, é por mensageiros e palavra. Sòmente diz que a fazenda do Preste João viu escrever ao entregar e receber.»¹³⁴³, corroborado por Pais um século depois,«(...) nunca escrevem nada por mais grave q seja o negocio; (...)»¹³⁴⁴. O livro é um objecto raro e manuscrito, consistindo essencialmente de livros religiosos e das crónicas já referidas que enformam a sua memória histórica. Segundo o relato de Pais sobre as bibliotecas existentes e as obras aí contidas

«(...) se resolvia antigamente em obra de duzentos livros, q os Emperadores forão lá pondo; Porq he costume, (...), quando entra hu Emperador , fazer tresladar os livros q tinha seu antecessor, e ficando co os novos, dá os outros a Igreja q quer; e destes e alguns se lhes vinhão de fora, q disso não achei que me soubesse dar razão, juntarão lá aquelles livros quasi todos em pergaminho, q pera a Ethiopia são muitos, porq não há impressão e tardão muito em escrever hu livro, por ser sua letra vagarosa, q não se encadea hua co a outra, q he quasi do corte da hebraica, mas não escrevem pera a mão esquerda comos os Hebreos e Arabios, senão pera a direita como nós (...)»¹³⁴⁵.

¹³⁴⁰ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.227

¹³⁴¹ *Ibd.*, Vol. III, p. 167

¹³⁴² *Vide*, Cap. II,

¹³⁴³ Álvares, *op. cit.*, p.422

¹³⁴⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 144

¹³⁴⁵ *Ibd.*, p. 82

No entanto as invasões mouras do século XVI e a destruição de igrejas, ocasionara a perda de muitos destes textos.

Da mesma forma é o ensino restrito e incipiente. Álvares menciona a inexistência de escolas e de mestres; os únicos homens relativamente letrados são os clérigos que se limitam a passar o seu conhecimento aos filhos¹³⁴⁶. Pêro Pais, especifica a situação do ensino na Etiópia coeva. Este não existe de forma organizada: «(...) posto q muitos fação ensinar seus f.os e f.as a ler e alguns tambem a escrever, (...); mas cada hu como quer dá seu f.º a algum frade q o ensine, e lhe paga m.tº bem; e o frade ordinariamente junta seis ou sette, e os tem em sua casa, (...)»¹³⁴⁷ Aprendem também de cor os salmos e por vezes outro livro do Evangelho. Nas classes mais altas acolhem um frade nas suas casas para o ensino tanto dos rapazes como das raparigas.

Pais constata a ausência de conhecimento científico, declarando «(...) ainda em os mais letrados he q de estas sciencias [astrologia, medicina, botânica e matemática] sabem pouco mais de nada, tanto q fallando co elles sobre cousas muito ordinarias de metauros, e do curso do sol, se lhes fazião muito novas; (...)»¹³⁴⁸. Por outro lado, Pais atesta a diversidade linguística do Império abexim, destacando «(...) a mais universal e cortesaam he a que chamão amharâ; lingoa q na eloquencia se parece muito cõ a latina.»¹³⁴⁹, referindo ainda a existência de uma língua específica para os escritos religiosos.

O ensino da doutrina cristã também se pauta por igual pobreza, não havendo a preocupação de uma instrução geral na doutrina cristã: « Da Sagrada Escritura te alguns intérpretes m.tº fracos, cheos de erros; e ainda estes alcação poucos; e o frade q chega a entender alguma cousa não a ensina senão só aquelles q lhe paga muito bem; e assi se fecha co elle em hua casa pera lhe declarar o q lhes leo, sem deixar entrar a outro algum. »¹³⁵⁰

¹³⁴⁶ Álvares, *op. cit.*, p. 65

¹³⁴⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 189

¹³⁴⁸ *Ibd.*, p. 84

¹³⁴⁹ *Ibd.*, p. 18

¹³⁵⁰ *Ibd.*, pp. 192/193

1.4- Da Organização da Sociedade Etíope

«(...) nenhum grande senhor se é senhor de terras (...), e quando da terra que senhoreia abala, não deixa em ela mulher, nem filhos, nem fazenda nenhuma, porque vai em esperança de nunca tornar, porque, (...), o Preste dá quando quiere e toma quando quiere, e se acerta de lhe tomarem, (...) quanto na senhoria lhe acham, tudo lhe tomam (...)», Francisco Álvares, *Verdadeira Informação...*

«(...) tudo atee então ardeo em guerras e alevantamentos; e dous destes Emperadores matarão em batalhas os mesmos alevantados; e o Emperador, q entrou no Imperio o anno de 1607, q agora vive e se chama Seltân Çaguêd, tambem teve atee oje m.tas guerras e alevantamentos, q lhe derão tanto trabalho, (...)», Pêro Pais, *História de Etiópia*

Depois de termos analisado as percepções dos autores sobre os habitantes, seu modo de vida e usos, vejamos em seguinte como se estrutura a sociedade etíope em termos políticos e administrativos, na forma de aplicação da justiça, na organização do comércio e produção artesanal, e sua tradição cultural, traduzidas na noção de *polícia*, que caracteriza as sociedades civilizadas, por oposição ao conceito de *barbárie* e ainda a sua capacidade bélica (*milícia*). De igual forma observaremos o sistema de crenças vingente que afere a sociedade segundo as categorias genéricas de *Cristão/ Herege/Judeu/Mouro/Gentio* e que «(...) constituem sempre um núcleo fundamental de diferenciação do Outro.»¹³⁵¹. Os tópicos que balizam as considerações sobre estas estruturas inserem-se ainda no quadro das categorias antropológicas referido no ponto anterior.

A informação de carácter religioso revela-se de capital importância para ambos os autores, não devido só ao papel que ambos ocupam na sua sociedade de

¹³⁵¹ José da Silva Horta, *op. cit.*, p.277

origem, mas igualmente na etíope, sendo ambos representantes e transmissores (especialmente Pais) da civilização e religião europeia naquelas paragens africanas¹³⁵². Mas a despeito da preocupação e da importância da informação de carácter religioso, ambos os autores estão longe de serem restritivos e abarcam, na sua descrição pormenorizada inúmeros aspectos da organização da sociedade etíope¹³⁵³. Com efeito também neste campo eram espectadores privilegiados, dada a sua proximidade com a respectiva corte e os respectivos imperadores, nas suas respectivas épocas. E também a este nível se descortina o carácter pragmático da informação recolhida ao considerar as condições de poder e de riqueza económica que condicionariam o êxito da influência portuguesa.

Observemos como o poder e autoridade do Imperador é ilustrado pelos nossos autores.

Depois da sua longa jornada por terras etíopes em demanda do seu monarca, uma vez na sua corte, a embaixada de Francisco Álvares é recebida com o aparato possível, que de qualquer forma não deixou de impressionar a comitiva como nos relata o clérigo¹³⁵⁴. O recinto fora engalanado com arcos entre os quais se apresentaram vários oficiais da corte¹³⁵⁵. Mas antes de alcançarem os ditos arcos relata-nos o prelado, deparam com um significativo símbolo de poder «Antes de chegarmos aos arcos estavam quatro leões presos por onde havíamos de passar e de

¹³⁵² Como refere Ana Paula Avelar, ainda a propósito de Francisco Álvares, e que poderíamos igualmente alargar a Pêro Pais, «Particular relevo é dado (...) aos contactos pessoais estabelecidos com o rei etíope, nomeadamente as conversas travadas acerca de assuntos teológicos, prática aliás corrente aquando do confronto de mundividências diferentes e que se pretendem próximas.», *op. cit.*, pp. 225/226

¹³⁵³ Segundo Luís Filipe Barreto, os tópicos descritivos na obra de Álvares coordenam-se «(...) em termos de regulação do interesse temático-problemático, pela religiosidade.», que ocupa uma posição dominante, mas não exclusiva., «As Grandes Obras de Carácter Geográfico» in, *Portugal no Mundo*, Vol. 3, Lisboa, Alfa, 1989, pp. 57/58; esta consideração poder-se-ia aplicar igualmente ao P.e Pêro Pais.

¹³⁵⁴ «Era aqui muita gente junta (...). Tôda esta gente estava em az e bem arredada de uma e outra parte. A gente mais limpa estava chegada muito mais perto aos arcos. Entre estes mais limpos estavam muitos cónegos e gente da igreja com carapuções, como mitras, mas com uns picos para cima pintados de panos de sêda e deles de grã e outras gentes mui bem vestidas.(...) E avante destas gentes bem vestidas estavam quatro cavalos, seja, dois de uma parte e dois da outra, selados e acobertados ricamente(...). Tinham(...) diademas nas cabeças altas sôbre as orelhas (...) com grandes penachos em êles. Abaixo destes estavam outros muitos e bons cavalos selados e não arreiados,(...) fazendo ordem como a gente. E logo a par dêstes cavalos e detrás deles(porque a gente era muita e grossa) estavam homens honrados e não vestidos senão da cinta para baixo de muito delgados e alvos panos de algodão (...).»

Ibd., pp. 178/179

¹³⁵⁵ Ainda neste caminho (...) chegaram a nós bem sessenta homens, como privados ou porteiros de maça e vinham meio correndo, porque assim o costumam com todos os recados do Preste correr.(...) Estes vinham tantos de uma parte como doutra e nos acompanharam até à primeira ordem dos arcos, porque dali não passámos.», *Ibd.*, pp. 178/179

feito passámos.(...) presos por grossas cadeias.»¹³⁵⁶ Depois de muitas protelações, a embaixada consegue finalmente avistar governante, a 19 de Novembro. O cerimonial repete-se, com algo de encenação teatral, como nos relata Álvares:

« Estaríamos ante a porta primeira ou entrada bem três horas fazendo muito grande frio e era bem noite, entrámos por seus compassos como dantes. Em duas vezes que entrámos era junta muita mais gente que de nenhuma das outras vezes e muitos com armas e muitas mais velas acesas ante as portas(...) logo nos mandaram entrar com o Embaixador nove pessoas portuguesas além das cortinas e achámos além destas primeiras cortinas outras mais ricas e ainda nos mandaram passar entre elas (...)achámos grandes e ricos estrados e de mui ricas alcatifas. Diante destes estrados estavam outras cortinas em outra mui mor riqueza, as quais, em nós assim estando parados, as abriram por duas partes, (...) e aí vimos estar o Preste João assentado em um cadafalso de seis degraus muito ricamente concertado. »¹³⁵⁷

As entrevistas de Pais com os vários imperadores etíopes que ocuparam o trono durante a sua missão na Etiópia, parecem ter sido menos complicadas embora este autor refira regras de etiqueta e de aparato na corte. Por exemplo a residência real está sujeita a uma estrita organização¹³⁵⁸. Mas a antiga reclusão que cercava a figura do Imperador¹³⁵⁹ era um costume do passado, que talvez mantivesse ainda

¹³⁵⁶ Sob os primeiros arcos, no meio do campo, esperam-nos «(...) quatro homens honrados, um deles um dos principais senhores da corte, o *betudete*, da mão esquerda (o da mão direita guerreava os mouros).Diante destes quatro fizemos como faziam os que nos levavam, chegando a êles estivemos um grande pedaço sem falar nós a êles nem êles a nós.» Depois surgiu da tenda, um clérigo velho, parente e confessor do Preste, de título *cabeata*, principal pessoa após o Rei, recebido com deferência pelos senhores. O primeiro contacto é desarmante para a embaixada lusa: o embaixador é interrogado por três vezes sobre o motivo da sua missão e instado a entregar o presente que trazia. *Ibd.*,pp.. 179/180

¹³⁵⁷ *Ibd.*,p. 213

¹³⁵⁸ «A mais íntima camara, (...), se chama casa do Leão [*Ambaçã Bêit*], porq assi como se tivera por guarda um leão, ninguém entra nella, estando o Emperador, (...) senão aquelle q for chamado;(…), só entrão os pajens pera aquelle retrete. Em a q chamão *Zefân Beit*, casa do leito, porq aly tem a sua cama, da audiencia a todos; mas não em hua só casa tem leito, senão em muitas, porq lhe servem de throno (...) A q chamão *Faráz Beit*, casa do cavallo, he a de menos honra (...) e sempre he em baixo porq sempre está nella pello menos hu cavallo (...); ne os pajens desta casa tem cuidado delle, senão do leito, q aly está: Por muitas vezes entra lá o Emperador a ver o cavallo e se senta no leito (...) aos pajens de hua [casa] não lhes é licito entrar a servir o Emperador na outra, ne ainda quando vay fora, querem hus pajens deixar entrar a outros na casa q tem a seu cargo.», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 51

¹³⁵⁹ Pais alude a esta prática, caída em desuso na época: « Com aquelles trinta mininos estava antigamente o Emperador em seu Paço, sem o ver homem nenhu, q não era pequena penitencia; somente entrava o *Behêt* uâded da mão direita e o da esquerda, e *Acabê Eçât* pera lhe dar conta das cousas do Imperio (...); e estes tres soos declaravão sua vontade, e determinação ao povo em tudo o q se ofrecia; e quando queria fazer grande favor a algu (...), mandava q o chamassem de noute e, tiradas todas as candeas, fallava co elle no escuro (...); e quando lhe levão o comer, se não aquelles pajens atee a porta e aly o recebião, e tudo o que sobejava das iguarias a q elle tocava e do pão q partia o enterravão, q ninguém tinha licença para o poder comer; (...), *ibd.*, pp. 51/52

certas reminiscências na época da visita de Francisco Álvares. Ora, como nos relata Pêro Pais estas antigas tradições foram gradualmente abandonadas, desde o imperador David / Onâg Çaguêd, contemporâneo de Francisco Álvares.

Com efeito Álvares refere-nos que nas frequentes deslocações da corte, nas paragens por motivo de festividades religiosas como o Natal, a Páscoa e Santa Cruz de Setembro, é armado um estrado alto, numas das tendas para uma das ocasiões em que o Preste se mostra ao povo. Esta prática destinava-se a evitar conjuras palacianas visando um Preste desconhecido e fora iniciada pelo pai do monarca coevo. Também se mostra quando vai para a guerra e quando se desloca¹³⁶⁰. Francisco Álvares refere já a quebra de reclusão do monarca abexim na cerimónia da igreja de *Macha Celacem* (Trindade) no reino de Amara na qual «(...) era muita gente da terra que vinha ver o Preste que caminhava descoberto que nunca o viram.»¹³⁶¹, em quebra com a tradição de reclusão¹³⁶², costume que como narra Pais «(...) depois forão deixando (...)e se começarão a mostrar ao Povo e hião co muito aparato à missa (...)»¹³⁶³, frequentando as igrejas nas quais o Imperador, «(...) se assenta em sua cadeira, q está entre cortinas muito fermosas de seda(...)»¹³⁶⁴, e para onde se dirige a pé com a sua comitiva¹³⁶⁵.

Nas deslocações do Imperador é hábito este ser precedido de «(...) muitos porteiros do Paço co hus paos curtos em q tem amarrados huas correas muito compridas, co q fazem afastar a gente pera q dê caminho.»¹³⁶⁶ Também Álvares refere a presença destes “porteiros” na comitiva que acompanha as saídas do monarca: «Costuma-se ante o rei e ante os grandes senhores, que tem mando, haver

¹³⁶⁰ Álvares, *op.cit.*,p. 231; o autor descreve igualmente o Preste preparando-se para uma das suas deslocações: « E nisto safú de dentro da tenda o Preste João em cima de um macho murzelo como um corvo, tamanho co,o grande cavalo, o qual o Preste traz em grande estima e sempre nêste macho caminha (...) e senão vai nêle vai no estrado. E safú (...), em opas de brocado que chegavam quási ao chão e o macho assim vinha todo coberto e trazia o Preste sua coroa na cabeça e sua cruz na mão e de cada parte dois cavalos (...). », *ibid.*, p. 306

¹³⁶¹ Álvares, *op. cit.*,p. 267

¹³⁶² Na época de reclusão do imperador, « (...) tambem indo a missa tinhão grande resguardo, pera q os não vissem; (...) e quando entrava, não havia de estar em a Igreja mais q os superiores de alguns mosteiros grandes, pera cantar, e logo se metia entre suas cortinas e daly ouvia missa; e quando queria entrar na Capella pera comungar, sahião todos, sem ficar mais q o Acabicât, e outros quatro sacerdotes: (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.123

¹³⁶³ *Ibd.*

¹³⁶⁴ *Ibd.*, p.125

¹³⁶⁵ «Sempre vay à Igreja a pee, porq está muito perto do Paço; e quando sai delle, leva diante muitos senhores ricamente vestidos e dtras alguns pajens pequenos, tambem muito bem vestidos, e ordinariamente de hua e outra banda do caminho esta cheio de gente; (...)»,*Ibd.*, p. 125

¹³⁶⁶ *Ibd.*

homens que trazem azorragues em um pequeno pau e mui comprida correia e quando dão em vão, dão um grande estrondo e fazem afastar a gente.»¹³⁶⁷

Nas deslocações do Imperador, como foi já atrás referido, o *Preste* abandona a antiga reclusão¹³⁶⁸. Segundo um livro, consultado por Pais, sobre os oficiais do imperador, quando o imperador em viagem, se apeava, era coberto por um dossel¹³⁶⁹. Mas, já no século XVI, Francisco Álvares descreve a sua deslocação da seguinte forma: «(...) começou a caminhar maneira, seja, descoberto e com corôa na cabeça cercado de cortinas rôxas detrás e das ilhargas em boa quantidade compridas e altas, êle vai metido na enseada e os que levam a cortina vão da parte de fora e levam-na bem erguida com varas(...)», cercado de pagens dentro da cortina que seguram a mula ricamente ajaezada, da frente e detrás¹³⁷⁰. Em relação ao estado do Imperador nas suas deslocações dá-nos Pais uma apurada descrição:

«(...) mas já há muito tempo q os Emperadores deixarão as cortinas e somente levavão [em viagem] na cabeça hu chapeo de falda larga comumente de veludo azul co huas capas de ouro e alguas pedras na copa, porq era sua coroa; o q tambem usou este Emperador(...) atee agora pouco tempo há q pos coroa como as nossas em chapeo de setim Carmesim de falda curta e a mesma q os de Portugal (...) e mandou fazer chapeos das cores q elle costuma vestir, pera a coroa; pera q o chapeo diga sempre cõ o vestido.»¹³⁷¹

Ainda segundo o P. Pais, sob Glaudiôs/ Atanâf Çaguêd todos os Grandes são admitidos à sua presença, mas nus da cinta para cima, num gesto de humildade; sob o jovem imperador Jacob, os Grandes passam a entrar vestidos, apenas cingindo uma capa. «Mas agora todos entrão muito bem vestidos; só lhes ficou o cingir o panno por cortezia; (...)»¹³⁷².

No entanto mantém-se as regras de deferência na corte, à época em que Pais era ali presença assídua, apresentando similitudes com as regras de etiqueta que haviam sido impostas à missão diplomática portuguesa um século antes. De facto,

¹³⁶⁷ Álvares, *op. cit.*, p. 178

¹³⁶⁸ « (...) também quando caminhava [o imperador], ninguem o via ; porq, como diz hu livro de Ethiopia [sobre o imperador Zara Jacob], (...), todos hião muito afastados , excepto três q lhe tomavão o sol e o cobrião com tres sombreiros grandes de seda e algus avanavão as moscas ;(...)», *ibid.*, p. 129

¹³⁶⁹ *Ibid.*

¹³⁷⁰ Álvares, *op. cit.*, pp. 243/244

¹³⁷¹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.131

¹³⁷² Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.52

quando algum senhor vem de fora ou é chamado à Corte, mandando avisar da sua chegada, pode ser logo recebido, pelo cumprimenta o imperador ajoelhado, beijando-lhe a mão e ficando em silêncio à espera que aquele inicie a conversa. Mas muitas vezes o imperador fá-los esperar na primeira e depois na segunda cerca, ignorando a sua presença durante um grande intervalo. E ao entrarem «Ao Emperador não lhe dizem nada,(...), só baixão as cabeças e ficão em pee no lugar q conforme a sua nobreza lhes cabe,(...), atee q o Emperador as [às senhoras] manda assentar(...); mas aos senhores, por grandes q seião, devagar os manda assentar, e em cadeira por nehu caso, senão no chão sobre alcatifas; (...)»¹³⁷³.

Porém, apesar das dificuldades impostas à embaixada de D. Rodrigo de Lima, o Imperador permitiu-se ser visto na de 19 de Novembro e noutras audiências posteriores, possibilitando a sua descrição pelo clérigo Álvares:

«Tinha na cabeça uma crôa alta de ouro e prata (...) e uma cruz de prata na mão e um tafeté azul pelo rosto que lhe cobria a bôca e a barba e de quando em quando o abaixavam que lhe aparecia todo o rosto e tornavam-no a erguer.(...) Tinha o Preste vestido uma rica opa de brocado e camisas de sêda de largas mangas que pareciam pelotes. De os joelhos abaixo um rico pano como gremial de bispo, bem estendido, e êle assentado assim como pintam Deus Padre na parede. E além do pagem que estava com a cruz [de prata], estava de cada parte outro com uma espada, cada um, nua, na mão.»¹³⁷⁴

Ainda quanto à figura do imperador, observemos a descrição que Pais nos dá da sua figura em aparato, que não difere substancialmente daquela que Álvares nos legou uma centúria antes:

« O Emperador ordinariamente está assentado em algum esquife lacreado ou dourado,(...), co fermosas cortinas ou Pavelhão de seda; outras sem ellas, e sempre tem quatro ou seis Colchas(...), de maneira q de cada hua apareça hu pouco, e a ultima sempre he de seda muito rica, e hu ou dous coxins de borcado ou de velludo em q se encosta; mas no Esquife dourado ordinariamente estão as Colchas em cima sem cahir (...); porq tem rodape de brocado ou de

¹³⁷³ *Ibd.*, pp. 179/180

¹³⁷⁴ *Ibd.*, pp.213/214, para o aspecto físico, *vide*, cap.III

velludo com franjas de fio d'ouro.(...) posto q às vezes tambem se assenta em Cadeira, alta de espaldar de damasco, ou velludo co franjas de fio d' ouro e pregos dourados (...)»¹³⁷⁵

Esta descrição refere-se ao imperador coevo Susenios/Seltan Çaguêd; no entanto o P.e Pais havia-se avistado anteriormente com o Imperador Za Denguil/Atanaf Çaguêd, descrevendo a entrevista¹³⁷⁶, assim como com o imperador Jacob/Malac Çaguêd II¹³⁷⁷.

As vestes imperiais são descritas por Pais, quando da coroação de Susénios/Atanaf Çagued: «Domingo pella manhã sahio o Emperador ricamente vestido de borcado, e setim carmesim co a cadea de ouro ao collo, de q pendia hua cruz muito fermosa, em hu poderoso cavallo muito bem enjaezado(...)»¹³⁷⁸, assim como a presença do imperador Za Denguil/Atanf Çaguêd na missa católica: «(...) veo o Emperador vestido de setim Carmesim do mesmo corte de Turcos comprido até os pees, mas a roupa de debaixo co colarinho alto como os nossos.»¹³⁷⁹

Em relação à cruz empunhada pelo *Preste* na descrição de Álvares, afirmamos o padre jesuíta que os imperadores «(...) não trazem cruz por cetro (ne cuido q souberão nunca q cousa era cetro) senão pera mostrar que são diaconos; (...). Estas ordens de diacono tomão os emperadores e homens grandes somente pera poderem comungar e ouvir missa onde a dizem; (...)»¹³⁸⁰

Acerca de outro símbolo da dignidade real, a coroa, igualmente referida na descrição do P.e Francisco Álvares, diz-nos Pêro Pais que pretendendo o Imperador fazer uma coroa ao modo ocidental, apenas conseguiu «(...)huas falsas muito roins, q aqui trazem os mouros não sei se da India, e assi me encomendou muito lhe fizesse

¹³⁷⁵ *Ibd.*,pp.180/181

¹³⁷⁶ «Estavão a mão direita em pee alguns grandes do Império; e a esquerda alguns sup.res dos mosteiros de Tigre (...) e em entrando cheguei a lhe beijar a mão, e retireime logo atee onde estava o VisoRey [do Tigrei], q era o ultimo de todos. Disse o Emp.or q me cobrisse e me assentasse(...)sobre hu estrado, q estava diante do leito cõ ricas alcatifas; nem na sala havia cadeira nenhua, nem aly se põe, senão quando ElRey se quer assentar nella, e ordinariamente nã se assenta (...), senão naquelle estrado (...); e encostasse em coxins de brocado, ou de veludo.», *Ibd.*, Vol. III, pp.33/34

¹³⁷⁷ «(...) achamo lo em hu campo m.to largo cõ grande numero de gente de guerra, e dizendo lhe o Capitão como estávamos aly, folgou m.to(...) [chamou-os à sua presença do dia seguinte]; e entrando em sua tenda, o achamos assentado em alcatifas encostado a hu leito bem ornado, isto por nos fazer honra, q o costume he estar assentado sobre o leito encostado a Coxins de Veludo ou de brocado. Estavaõ m.tos Capitães de hua e outra banda; e chegando a lhe beijar a mão, nos mandou assentar n alcatifas hu pouco afastado(...)», *ibid.*, p. 68

¹³⁷⁸ *Ibd.*,p.119

¹³⁷⁹ *Ibd.*, pp.125/126

¹³⁸⁰ *Ibd.*,p.110

vir alguas; e ainda q as q me mandarão tambem erão falsas, com tudo por serem mais lustrosas, folgou muito(...)»¹³⁸¹.

Como já referimos no primeiro capítulo¹³⁸², a despeito da identificação da Etiópia e do seu monarca com o lendário *Preste João*, identificação essa ainda muito presente no discurso de Francisco Álvares, que o denomina sempre dessa forma, este autor não deixa de referir os títulos autóctenes do monarca abexim: *acegue*, que significa imperador e *negus*, que corresponderia a rei¹³⁸³. De igual forma, Pais, declara no início da sua obra que denominará o governante abexim por *Preste João*, devido à sua divulgação e identificação na Europa, embora o padre jesuíta refute já esta identificação¹³⁸⁴. Na prática designará recorrentemente o governante etíope pelo título de Imperador ao longo da sua *História...* Mas elucidará convenientemente a titulação usada para o monarca na Etiópia, afastando-o da sua aura lendária e colocando-o ao nível de qualquer soberano, ao declarar: «Demais dos nomes proprios, q os Emperadores tem(...), lhes dão outros gerais, como em os demais reynos se costuma com todod os Reys.»¹³⁸⁵ Assim também Pais refere o título de *Neguz*, ou rei; após a coroação denomina-se *Negûçâ Nagâzt za Ethiopia*, ou seja rei dos reis da Etiópia, embora na prática utilizem este título antes da coroação como testemunha o autor¹³⁸⁶. «Tambem o chamão Aceguê. A significação deste nome perguntei a muitos; e huns disserão q queria dizer Rey, outros q não, senão cousa de grandeza; Pareceq corresponde a magestade; e deste nome usão mais comumente todos, particularmente quando fallão com elle, ou com outros diante delle(...)»¹³⁸⁷.

Pais refere ainda outros títulos ou formas de nomeação do imperador etíope¹³⁸⁸ e debruça-se sobre a causa da sua nomeação na Europa por *Preste João*,

¹³⁸¹ *Ibd.*, pp. 91/92

¹³⁸² *Vide*, Cap. I

¹³⁸³ Álvares, *op. cit.*, p.417

¹³⁸⁴ *Vide*, Cap. I,

¹³⁸⁵ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 61

¹³⁸⁶ *Ibd.*,

¹³⁸⁷ *Ibd.*

¹³⁸⁸ «A gente ordinária, q não pode chegar ao Emperador, gritta de longe cada hu em sua lingoa(...). Os Portugueses dizem: Senhor, Senhor; os Gongás cristãos dizem, Donzô, Donzô(...); os Agôus, dizem Jadarâ; Jadarâ(...). Os mouros: Cidi; Cidi (...; e outros conforme as suas lingoas usão da mesma palavra; porem os Amhârâs gritão cõ mui diferentes palavras dizendo: Jancôî, Jancôî , q quer dizer rey meu Rei meu; Jan na antiga lingoa quer dizer Elephante (...) e porq o elephante he tão poderoso e generoso, chamarão antigamente ao Emperador Jan e ate agora usão deste nome. A palavra Côi, he de mimo e quer dizer meu; (...) Tambem dizem Dêlbe Jân, (...) q quer dizer Victoria no Emperador (...). Doutra palavra usão tambem, e he Belûl Côi, scilicet Emperador meu; não porq Belûl queira dizer primeiramente Emperador, senão um certo anel de ouro, q punhão antigamente na orelha direita ao principe q escolhião pera Emperador, (...), e própria insígnia sua; Ja Belûl se toma por Emperador; e muitas vezes dizem juntamente Jan côi; Belûl Côi.», *ibd.*, pp.61/62

afirmando « Quanto a causa porq em Europa chamarão Preste ao Emperador de Ethiopia, pode ser q fosse porq, como ordinariamente he diacono, algus Gregos o chamariam Presbitero, e depois aiuntando o nome Jan [grande senhor na língua de Amhara], q (...) lhe dão ao Emperador, virião a dizer Preste Jân; e os estrangeiros, q muitas vezes corrompem os nomes, acomodandoos a suas lingoas, o chamarião Preste João.»¹³⁸⁹

Quanto ao suposto ordenamento dos imperadores e sua dignidade religiosa, Pais confirma, como já vimos que tomam ordens de diáconos, o que parece ser um uso comum entre os senhores etíopes com base nos costumes litúrgicos, «(...) q isto não o fazem senão pera poderem entrar na capella da Igreja a ouvir Missa e comungar; porq os q não tem ordens não podem entrar lá, nem passar de huas cortinas, q tem diante em algumas Igrejas, q há compridas; (...)»¹³⁹⁰.

Analisemos agora as informações relativas à linhagem dinástica coeva, à organização da corte imperial e seus oficiais, a sucessão e matrimónio do Imperador.

Embora o Imperador da Etiópia não fosse o fabuloso *Preste*, a tradição da sua linhagem não era menos lendária. Francisco Álvares encontra numa crónica de uma igreja em Aquaxumo, «(...) cidade, câmara e estância (segundo dizem) da rainha Sabá (...)»¹³⁹¹, a narração da lenda do encontro entre Salomão e a dita rainha e do filho que ambos tiveram. Este seria enviado aos dezassete anos para as terras de sua mãe, «(...) onde foi grandíssimo senhor. Diz na crónica que senhoreava de mar a mar e que no mar das Índias trazia sessenta navios.»¹³⁹² Segundo a mesma tradição foi acompanhado de oficiais, enviados por seu pai, como competia a uma casa real. Por conseguinte tanto o monarca etíope como os seus oficiais, cujos cargos eram hereditários, recuavam as suas origens até Salomão¹³⁹³.

De facto, como afirma Pêro Pais « Muito se prezão os vassallos do Preste João da nobreza e antiguidade de seus Emperadores q tem por tão sem duvida proçederem de Salomão, q não lhes parece poder nisso aver controversia algua (...), e assi na

¹³⁸⁹ *Ibd.*, pp. 63/64

¹³⁹⁰ *Ibd.*, p.63

¹³⁹¹ Álvares, *op. cit.*, p. 87

¹³⁹² *Ibd.*, p. 88

¹³⁹³ «(...) e assim estes oficiais se honram muito de israelitas e fidalgos e nossos parentes e cada uns são em grande número, porque os filhos do camareiro e seus descendentes, todos o são e assim os outros oficiais.» , *Ibd.*, p.364

nobreza de sua descendência e antiguidade os querem antepor a todos os Reys do mundo.»¹³⁹⁴, história veiculada nas crônicas depositadas em Agçûm e tomada como ponto de partida pelo padre jesuíta para historiar a linhagem real etíope. Com efeito, Pais narra em pormenor esta tradição bíblica do filho da rainha de Sabá e de Salomão, Menilehêc, o seu retorno ao reino do pai e seu regresso como rei da Etiópia, para que «(...) daly por diante todos os seus sucessores fossem homens da sua geração; porq. Era costume reynarem molheres donzellas, sem casarem nunca(...)»¹³⁹⁵.

Embora Pais analise criticamente alguns pontos desta história tendo como referência a Bíblia (no que diz respeito à Arca da Aliança, supostamente transportada em segredo para Agçûm e guardada na Igreja de Santa Maria de Sião), e afirme o desconhecimento de que terra teria efectivamente partido a dita rainha¹³⁹⁶, baseia nela a raiz da dinastia real e dos seus principais dignitários.

Esta crônica, consultada pelos dois autores, corresponde certamente ao *Kebrá Negast* (Glória dos Reis), epopeia nacional, relato fundador da história etíope. Se a história suscitou dúvidas a Pais, face à certeza indefectível dos abexins («(...) elles sempre se prezarão e estimão oje muito chamaremse israelitas e f.ºs de David(...)»¹³⁹⁷), ou por falta de outras referências, o missionário jesuíta incorporou este material lendário na consideração da linhagem real¹³⁹⁸, que encontra desta forma fundamentação e reforço ideológico no livro sagrado da Bíblia¹³⁹⁹.

¹³⁹⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 9

¹³⁹⁵ *Ibid.*, Vol. I, pp. 33/32

¹³⁹⁶ *Ibid.*, p. 30

¹³⁹⁷ *Ibid.*, p. 24; noutra passagem refere « Quanto aos officiais do Emperador , todos são christãos, mas muitos dellles descendentes dos Judeos, q Salomão deu a seu filho (...) e he cousa esta tão sabida e patente em Ethiopia q perguntando eu pera mais certeza a alguns grandes da Corte, se rio muito hu frade velho meu amigo de q se pusesse emj duvida cousa tão certa (...). nem me contentei tambem com isto, senão q perguntei tambem ao Emperador, e respondeo q era certissimo; (...)», *ibid.*, p. 53

¹³⁹⁸ Segundo Juan González Nuñez, este livro dataria do século XIV, tendo sido escrito por um sacerdote de Axum, Isaac, a partir de uma antiga tradição que constava num livro de Alexandria: « a obra(...) é, digamos, assim algo como a epopeia nacional, e como tal tem um duplo objectivo nem sempre consciente: enaltecer as próprias origens e fortalecer as instituições políticas e sociais, dando-lhes estatuto divino.», *op. cit.*, p. 34; segundo Harold G. Marcus, «(...) the *Kebrá Negast* [was] a pastiche of legends conflated early in the fourteenth century(...). Yishak, the chief compiler, claimed that he and his colleagues were merely translating an Arabic version of a Coptic work into Ge'ez. In fact his team blended local and regional oral traditions (...) derived from the Old and New Testaments, various apocryphal texts, Jewish and Islamic commentaries, and Patristic writings.», *op. cit.*, p. 17

¹³⁹⁹ « Ethiopians became the chosen people(...). The *Kebrá Negas* is thus a national epic that glorifies a particular monarchical line and tradition and also indelibly associates Ethiopia with the Judeo-Christian tradition.», *ibid.*, p. 18

Pais transcreve dois catálogos manuscritos encontrados na igreja de Agsûm que listam os imperadores da Etiópia¹⁴⁰⁰ desde o filho de Salomão até ao presente Imperador, embora denote inúmeras incorrecções e discrepâncias entre eles, pois o hábito da mudança do nome de baptismo quando se tornam imperadores dificulta a sua coerência¹⁴⁰¹. Pêro Pais não deixa de assinalar a ausência da dinastia Zagwes/Zagué, que após a derrocada do poder aksumita havia ascendido ao poder e consolidando o seu carácter territorial e etíope, afastando-se da esfera de influência do Mediterrâneo. Contudo, Pais informa-nos que esta dinastia havia tiranizado o império durante cerca de 340 anos, segundo informações de conhecedores da história local¹⁴⁰². E afirma acerca do seu mais conhecido monarca, «(...)Lalibelâ não era dos da casa real, a quem pertencia o Emperio, senão descendente de hu tirano por nome Zagoê (...)»¹⁴⁰³. Efectivamente, esta dinastia de homens de armas foi sempre considerada usurpadora pelos religiosos e após a sua queda foram ignorados nas crónicas¹⁴⁰⁴. De facto, incapazes de constituir uma unidade nacional, a coroa foi usurpada pelo governante de outro reino da região de Xoâ, com o apoio da Igreja (1270), iniciando-se a dinastia salomónica cujo novo rei para promoção da sua legitimação «(...) began to circulate a fable about of his descent from King Solomon and Makeda, Queen of Saba, a geneology that(...) gave him traditional legitimacy and provided the continuity(...)».

A mesma tradição cimenta, como vimos a estruturação da casa real e seus oficiais¹⁴⁰⁵. Segundo Álvares esta tradição apenas se quebrou com os pagens, os que mais de perto lidam com o Imperador, nas suas dependências privadas, e que sendo filhos de grandes senhores e lidando de perto com o *Preste*, teriam fácil acesso a matérias secretas. Foram por isso substituídos por escravos, filhos de reis mouros ou

¹⁴⁰⁰ Pais, *op. cit.* Vol. I., pp. 56/59

¹⁴⁰¹ «(...) porq de ordinario mudão o nome a imitação (segundo dizem) de Menilehêc, a que chamarão David, quando o coroarão; e ainda alguns mudão o nome duas vezes (...)» *Ibd.*, pp. 55/56

¹⁴⁰² *Ibd.*, p.55

¹⁴⁰³ *Ibd.*, Vol. II, p.236

¹⁴⁰⁴ *Vide*, Harold. G. Marcus, *op. cit.*, pp. 11/16

¹⁴⁰⁵ Segundo a tradição, o rei Salomão « (...) não somente lhe deu os sacerdotes q ensinassem a ley, mas alguns dos primogenitops do Principes e Grandes de Israel, pera q o acompanhassem, e assistissem em sua presença. Demais destes lhe deu outros menos principais pera o serviço de sua casa e pera o bom governo e policia de sua republica, desejando q enquanto fosse possível, guardassem todas as cousas seu mesmo modo e estillo, principalmente a magestade de sua casa; a ordem e conçerto de seus criados; o primor de seu serviço; o aparato e a grande cortesia; (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 47

gentios. Os anteriores eram apenas pagens de fora (de cabresto, nas viagens ou da cozinha)¹⁴⁰⁶.

O P.e Pais enumera os diversos oficiais da corte e suas funções¹⁴⁰⁷ e reafirma a política real em relação aos pagens, de adoptar «(...) f.os de gentios Gâlas, Agôus e cafres; posto q bem parecidos; e dos q não são escravos quasi nenhu há q não seja filho de home muy ordinário(...)»¹⁴⁰⁸ e cria-los ao seu serviço, recompensando-os quando crescem com terras e cavalos, para o acompanharem na guerra, pois revelam-se mais leais do que os grandes senhores¹⁴⁰⁹. De facto a atribuição de cargos nesta corte, como em tantas outras, provém do tráfico de influências como refere o memo autor «(...) comum.te se torna com o cargo o q na Corte tem mais q falem por elle ao Emperador; ou seja por via da amizade ou por peitas (q cá com os da corte podem mais q outra cousa nenhua)(...)»¹⁴¹⁰.

As leis de sucessão do Império Etíope, não seguindo o princípio da primogenitura e podendo ser escolhido por um conselho de oficiais e letrados religiosos, qualquer dos seus herdeiros masculinos, considerado mais apto¹⁴¹¹, eram motivo de agitação e instabilidade. Daí o hábito de desterrar a família imperial para uma montanha agreste¹⁴¹². Eram servidos por escravos e as entradas da montanha eram rigorosamente guardadas; havia oficiais encarregados de estabelecer ligação com eles e de os vigiar. Pais identifica essa montanha com *Guixêm Ambâ*, local de instalação dos filhos e irmãos do Imperador com receio de levantamentos e rebeliões¹⁴¹³. Francisco Álvares relata-nos histórias de fugas dos parentes do rei, um vestido de frade e outro de moita «(...) seja coberto de muita rama e , lavradores (...) viram bulir a dita mouta e foram ver que cousa era(...)»¹⁴¹⁴ e acharam um tio do

¹⁴⁰⁶ Álvares, *op. cit.*, pp. 364/365

¹⁴⁰⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 47/50

¹⁴⁰⁸ *Ibd.*, p.55

¹⁴⁰⁹ *Ibd.*, p.51

¹⁴¹⁰ *Ibd.*, Vol. II, p.155

¹⁴¹¹ « [os reis anteriores] todos tinham cinco, seis mulheres e haviam filhos delas ou das demais e por sua morte (...) herdava o primogénito. Outros dizem que herdava o que lhe parecia mais apto e mais sisudo. Outros dizem que herdava o que tinha mais aderência (...)», Álvares, *op. cit.*, p. 150

¹⁴¹² «(...) uma roca talhada como muro, direita de cima a baixo, indo homem pelo pé dela e olhando para cima parece que o céu está assentado sôbre ela. Dizem ter três entradas ou portas (...) e mais não (...)»*Ibd.*, p. 150

¹⁴¹³ « Daquelle tempo até o Emperador Naôd, q serão 212 annos pouco mais ou menos, sempre foi costume meterem os Principes em Guixêm Ambâ, e levavãooos como chegavão a Idade de outo annos; e por tempo multiplicarão tanto q chegarão ser mais de quinhentos (...) porq sempre casarão, e tiverão lá em cima suas molheres e fi.os (...);, Pais, *op. cit.*, Vol. I, p,97

¹⁴¹⁴ *Ibd.*, pp. 156/157

Preste, ao qual foram tirados os olhos como pena; também Pais refere uma rebelião de um destes príncipes¹⁴¹⁵.

Mas na época de Pais este é outro costume em decadência. Naôd foi o último imperador recluso na montanha, tendo decidido conservar seus filhos junto de si. Os locais de exílio tornaram-se outros. Sob o imperador Claudius a vigilância sobre os príncipes que ainda lá permaneciam atenuou-se e aqueles começaram a instalar-se nas aldeias. Apenas quinze são ainda sujeitos a vigilância na época de Pais. «Todos os outros decem de ordinario em o Inverno, e estão em suas aldeas; porq em tempo de chuva he muito trabalhosa asobida pera a gente de serviço q lhes leva lenha, e mantimentos etc.; mas no Verão tornão a sobir por medo dos Gâlas gentios (...)»¹⁴¹⁶.

De forma igual desde a época do imperador Naôd o sucessor do trono é o filho mais velho; a eleição reserva-se para o caso da não existência de herdeiros masculinos¹⁴¹⁷. A sucessão por via feminina era excluída, o que dava uma apreciável margem de manobra às mulheres como se depreende do discurso de Pais: «(...); mas as filhas nunca se lhes proibio sahirem a casar a sua vontade (...), porq os filhos destas não podem herdar o Imperio (...); porq se elle não tiver fillos varoens, hãode buscar a que pertença o Imperio por via masculina dos q estão fora (...)»¹⁴¹⁸, embora simultaneamente as fastasse do exercício do poder, excepto pelo matrimónio.

Na corte realizam-se cerimónias de investidura do novo rei (acolhimento na tenda real; recepção das vestes reais; da coroa; da espada e bênção no trono¹⁴¹⁹). Todavia estas ritual na corte não conferem o título de imperador, mas apenas o de rei. O imperador deve ser coroado preferencialmente na Igreja de Agçûm, em Tigrê pela sua tradição ou na igreja de Garangarêdaz, no reino de Amharã. «Chegado o tempo, em q o Emperador se hade coroar, vay co grande aparato a Agçûm, onde se guarda sempre o livro das cerimonias q se hã de fazer (...); e juntamente estão os nomes dos officiais, q por obrigação hãode assistir a ella(...)»¹⁴²⁰. Pais assiste à coroação de Susenios que relata em pormenor¹⁴²¹.

De denotar que a simbologia do título de rei do Sião atribuído nessa cerimónia ao monarca etíope se entronca na tradição fundadora judaico-cristã da

¹⁴¹⁵ Vide, Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 98/99

¹⁴¹⁶ *Ibd.*, pp. 99/100

¹⁴¹⁷ *Ibd.*, p. 114

¹⁴¹⁸ *Ibd.*, p. 97

¹⁴¹⁹ Vide, Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 112/114

¹⁴²⁰ *Ibd.*, p. 115

¹⁴²¹ Vide, *ibid.*, pp. 116/121

dinastia (Sião era o monte onde havia sido erigida a residência do rei de Israel, em Jerusalém, tornando-se símbolo de cidade espiritual), remetendo para as pretensas origens dos reis etíopes e para a importância da fé na legitimação da dinastia.

Sobre os consórcios reais, afirma Pêro Pais que «(...) os Emperadores sempre casarão co a molher q melhor lhes pareceo; e q, se quisessem, ainda co mouras podião casar fazendose Christãas.»¹⁴²². O autor refere que as três imperatrizes que conheceu não eram de alta estirpe; a honra e prestígio advém-lhes do casamento com o Imperador¹⁴²³. No entanto convém que fossem fisicamente atraentes, o que Pais atribui ao facto de estarem rodeados de gentios e muçulmanos e sem condições de obterem princesas da Cristandade. Álvares alude ao incidente diplomático que constituiu a ida de uma filha do rei mouro de Adea para casar com o *Preste*, mas «(...) porque tinha os dentes dianteiros grandes, em vendo-a não a quis.». Já convertida, foi casada com um, grande senhor, mas o Preste decidiu não casar com mais nenhuma moura e tomar apenas uma mulher cristã, seguindo o Evangelho¹⁴²⁴.

Após as cerimónias de casamento descritas em detalhe pelo P.e Pais¹⁴²⁵, numa data diferente, a esposa do imperador é nomeada imperatriz na presença dos grandes, tomando as vestes imperiais e sendo depois aclamada, seguindo-se festividades. «E daly por diante chamão todos a Emperatriz Iteguê, q parece nome de magestade, q sua propria significação não me souberão declararar (...); mas nem quando dão este nome (..) à Emperatriz nem em outro tempo nenhu lhe poem Coroa na cabeça.»¹⁴²⁶

Mas como ambos os autores sublinham era possível aos imperadores abexins terem pelo menos mais duas mulheres próprias, além da Imperatriz; Álvares refere cinco ou seis mulheres; Pais cita a prática de terem três ou quatro mancebas, para além das esposas¹⁴²⁷.

O exercício da justiça é minuciosamente descrito pelos nossos autores. Álvares refere a disposição da tenda onde se faz justiça, a *cacala*, ou casa da justiça

¹⁴²² *Ibd.*, p.140

¹⁴²³ « (...) e assi, ainda q a Emperatriz seja filha do mayor senhor de Ethiopia, quando se offerece fallar della (...), não a nomeiam por seu proprio nome, se a querem honrara, (...) , senão acrescentão ao nome do Emperador esta palavra Mogoçã, q significa suprema honra, pera declarar q do Emperador, co que casou, lhe veo toda a honra;(...)», *ibd.*,

¹⁴²⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 120

¹⁴²⁵ *Vide*, Pais, *op. cit.*, pp.141/142

¹⁴²⁶ *Ibd.*, pp. 142/143

¹⁴²⁷ Cf., Álvares, *op. cit.*, p. 120 e Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 236

ou da audiência, no arraial do Imperador e a sua forma de julgamentos, com os testemunhos do queixoso e do réu, sobre a qual se pronunciam uma espécie de desembargadores, dando o juiz-mor, a sentença final, sem alguma forma de registo escrito. As instâncias superiores de justiça são grandes oficiais que perante a tenda do *Preste* prestam audiência, cabendo aquele a pronúncia da sentença¹⁴²⁸.

Pais, por seu lado, indica que os julgamentos têm lugar em casa próprias ou debaixo de [sic]sombras, mas por vezes são feitas dentro das casas do juiz. As suas referências do sistema judicial abexim são mais completas e complexas que as de Álvares, revelando-nos os vários tipos de juizes e as várias instâncias e o seus procedimentos; os processos de acusação e de julgamento, similares aos descritos por Álvares, mas referindo a presença de procuradores para ambas as partes e a existência de testemunhas. O Imperador é consultado em casos de adultério, herança ou morte, mas os oficiais que intermediavam o acesso ao monarca na época de Álvares, haviam sido afastados quando da presença de Pais, em favor de juizes, atestando os esforços no imperador coevo de cercear o poder dos grandes senhores da corte. As despesas do processo (provimentos dos juizes de primeira instância) são da responsabilidade do acusado; se for provada a sua inocência revertem para o acusador, recebendo também estes juizes uma quantia paga pelo condenado; nas instâncias superiores, os juizes «(...) tem suas comedyas do Emperador.»¹⁴²⁹

A nível local, Álvares informa-nos da existência de um ouvidor, podendo intervir o senhor da região ou o caso transitar para a corte e seus juizes¹⁴³⁰. Pais refere a justiça ao nível dos Vice-reis, cuja autoridade abarca a sentença de morte, mas casos de herança ou traição podem ser remetidos para a corte. As aldeias tem um juiz menor designado pelos senhores que preside aos processos locais coadjuvado por um grupo de anciãos e pessoas honradas. Existem ainda oficiais menores para questões específicas como roubos e gado ou escravos perdidos, que ficam ao seu serviço até se achar o dono¹⁴³¹.

Pais refere igualmente algumas medidas em prol da defesa da população contra os desmandos dos juizes e ouvidores, aliás sem grande eficácia¹⁴³². Álvares

¹⁴²⁸ Álvares, *op. cit.*, pp. 343/345

¹⁴²⁹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp.143/147

¹⁴³⁰ Álvares, *op. cit.*, p. 71

¹⁴³¹ Pais, *op. cit.*, p. 147 e 166

¹⁴³² « Se o Emperador tem roim informação daquelle ouvidor, contra quem lhe pedem Juiz, não somente o dá, mas alguas vezes (posto q raramente) manda lançar pregão (...) q todos os q tiverem agravo daquelle Ouvidor , o demandem; (...) e muitas vezes o accusão sem se dar este pregão, de q tem

alude ainda a duas tendas no arraial que servem de cárcere, ficando a manutenção do preso e dos guardas a cargo do acusador ou do próprio preso¹⁴³³.

A principal pena judicial é o açoite¹⁴³⁴, mas Álvares cita outra espécie de castigos: «(...) nenhuns homens morriam por justiça e que a muitos açoutavam e alguns tiravam os olhos e a outros cortavam pé e mão segundo a qualidade do crime, porém que êle vira queimar um homem porque fôra achado em dois furtos na igreja.»¹⁴³⁵ e referencia a decapitação como uma pena decretada pelo *Preste* num caso de agressão de um português por um mouro, o que é igualmente testemunhado por Pais num caso de rebelião¹⁴³⁶. Pais especifica as penas aplicadas pela justiça abexim: para os casos graves, relacionados com o imperador, o desterro ou encerramento na ilha de Dec, no lago de Dambiã ou numa serra, até receberem perdão; anteriormente podiam ser lançados pelas rochas; mas no início do século XVII, as penas mais duras são a decapitação, o corte do pé ou da mão, ou enforcamento, em caso de roubo e homicídio. No entanto, segundo o mesmo autor, « (...) alguas vezes quando algu matou a outro depois q julgarão q morra e o Emperador confirmou a sentença, e o entregão aos parentes do morto pera q fação delle o q quiserem; e algus lhe perdoão por rogos ou fattos; outros o levão ao campo e o matão às lançadas, ou às cutiladas(...)»¹⁴³⁷; em relação ao adultério «(...) nunca se castiga co a morte, senão co pena de fatto; e se o marido accusa, julgão q o adultero lhe pague fatto conforme a sua pessoa e q a adultera rape a cabeça e deixe ao marido o fatto q tinha, e feito isto, pode hir casar co quem quiser.»¹⁴³⁸, o que nos parece confirmar a liberalidade das leis face aos casamentos.

tomado peitas, co ter o Emperador feito por escomunhã, q não as tomem; (...) Mas quasi nunca chegão co estas demandas de peitas a q julgue o Emperador (...) antes disso desiste, ou se concerta por rogos dos outros, ou por medo de lhe não vir depois cahir em as mãos em algua ocasião(...)», *ibid.*, p. 158

¹⁴³³ Como afirma Álvares, :« (...) isto sei porque aconteceu a nós os portugueses que fizeram prender por mulas que lhes furtaram e por lhes mandarem dar de comer aos presos e guardas, tornaram a requerer que os soltassem e doutro genovês sei de vista lhe furtaram uma mula e confessou o ladrão que a furtara e já não era em seu poder, nem tinha por onde a pagar, julgaram-lho por escravo e vendo-o homem mui valente e que o poderia roubar ou matar, deu ao demo a mula e o escravo.», Álvares, *op. cit.*, p. 346

¹⁴³⁴ « A maneira de açoutar é esta: deitam o homem de barriga e prendem-lhe as mãos a duas estacas e uma corda nos pés ambos (..) e assim estão dois como algozes a dar de um cabo e outro doutro e não dão sempre no açoutado e muitas dão no chão, porque se tôdas as vezes nêle desse, ali morreria, tão forte é o açoutar.», *ibid.*, p. 155

¹⁴³⁵ *Ibid.*, pp. 416/417

¹⁴³⁶ Cf., Álvares, *op. cit.*, p. 291 e Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 147

¹⁴³⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 148

¹⁴³⁸ *Ibid.*, p. 149

Um ponto chave nas narrativas dos dois autores é a descrição do arraial/corte do Imperador. De facto, na época de Francisco Álvares a corte deste monarca é um imenso arraial como este nos relata no relatório feito ao Arcebispo de Braga: «O Preste João não tem lugar determinado para estar, anda sempre no campo com tendas e sempre terá no seu arraial cinco, seis tendas, entre boas e comunais, e, somenos, gente de cavalo e de mulas haverá sempre na côrte de cinquenta mil para cima.»¹⁴³⁹. Contudo, este arraial tem uma organização própria e bem determinada.

Sigamos o relato de Álvares na descrição da disposição e extensão da corte de “pano” do *Preste*. Apesar do acampamento se instalar preferencialmente num terreno relativamente plano, sempre que possível, as tendas do *Preste*, um conjunto de quatro ou cinco, assentam-se numa zona mais elevada, com as traseiras para o Levante e a entrada para Poente, cercadas por umas cortinas de tecido axadrezado branco e preto; em caso de uma permanência mais prolongada, são cercadas por uma grande sebe, «(...)que fará de redondo quarto de légua.», com doze portas, para os vários pontos cardiais (algumas para as igrejas outra para a habitação da rainha; outra para a dos pagens), cuja entrada é proibida, sendo guardadas. O autor dá especial relevo às cozinhas do Imperador, uma do lado direito outra do lado esquerdo, instaladas atrás destas tendas «(...)bem um tiro de besta e mais(...)», sendo o acesso a esta zona igualmente proibido¹⁴⁴⁰.

Já fora da sebe que limita o espaço da morada do governante, mas perto dela está a tenda destinada às audiências judiciais; à frente destas estão sucessivamente: os cárceres de cada lado; as moradas dos juízes mores e no centro uma igreja; bem afastados dela estão instalados os quatro leões do imperador.

Estes animais, cuja presença na corte já não é mencionada por Pais, parecem constituir um símbolo de autoridade e de força, material e espiritual, remetendo para a já referida lenda fundadora da dinastia, como estandarte da tribo de Judá, símbolo do trono salomónico, de onde adviria a ascendência de Cristo, identificado na Bíblia como o *Leão de Judá* no sentido da promessa de salvação e alcance de uma terra prometida, consolidando a simbologia de poder do imperador etíope, pela sua

¹⁴³⁹ *Ibd.*, p. 419

¹⁴⁴⁰ *Vide, ibd.*, pp.341/343

ligação ao sagrado¹⁴⁴¹. Finalmente a uma distância grande, encontra-se a igreja e a praça do mercado¹⁴⁴².

Esta descrição detalhada de Álvares concorda com a relação que, por sua vez, nos dá o P.e Pais sobre o estabelecimento do arraial. Também ele sublinha a necessidade deste ser estabelecido numa campina extensa, abundante em água e erva para os animais de guerra e de carga; havendo um ponto mais elevado, este é guardado para o Imperador, onde se armam duas ou mais tendas grandes, «(...) compridas de tres mastros co as portas pera occidente; trazem tambem uma tenda redonda muito grande a q chamão Debanâ e como esta ningue pode por(...), mas nem sempre a armão(...)»¹⁴⁴³; neste recinto são armadas ainda duas igrejas, a de Nossa Senhora e a Jesus; é cercado pelas já referidas cortinas de algodão branco e preto. «Fora dos limites daquelle terreiro, estão as da Emperatriz cercadas co cortinas da mesma sorte; e logo a roda por hua e outra banda se vão continuando a dos parentes e parentas do Emperador (...); e todas as destes senhores e senhoras tem a roda cortinas.»¹⁴⁴⁴ Atrás das tendas dos senhores estão as duas cozinhas do imperador (uma à direita e outra à esquerda). Perto das tendas da imperatriz, estão as dos principais oficiais e sua gente, as guardas do Imperador e dos senhores e os encarregados da justiça¹⁴⁴⁵. Seguindo ainda as referências de Pêro Pais, «(...) mais por diante se poe grande multidão de tendas de Taverneiros, (...), e agasalhão a gente de fora por pouco premio; Logo se seguem as tendas dos Ourives, e co estas continuão

¹⁴⁴¹ Vide, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, « Leão » in, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994, pp.401/402

¹⁴⁴² « As duas igrejas que estão cercanas à tenda do Preste, logo junto delas estão para a parte mais de fora umas tendas a cada uma igreja, uma mui limpa e boa em que guardam as roupas das igrejas; tem outra tenda defumada em que fazem o corbom ou hóstias.(...) Avante destas igrejas logo estão outras tendas grandes, compridas, de cumieiras, que se chamam balagamija em que guardam as roupas e tesouros do Preste e estas de uma parte e da outra tudo é de brocado (...) são sempre guardadas e os capitães ou feitores delas são capados. Avante destas tendas das roupas de uma parte e da outra são as tendas dos pagens e mais avante são as tendas dos ajazes que ocupam com boa vila com suas tendas e tendas dos seus e mais avante e mais a largo estão as tendas dos betudetes que cada uma ocupa como uma vila ou cidade e ficam estas quasi fora como guardas. E na mão direita também fora como guarda, está a estância do Abuná que faz por si um concelho(...). O Cabeata está mais para dentro do Abuná e diziam ser sua estância, (...) junto da igreja de Santa Maria, porque êste ofício sempre andou em frade e porque êle é clérigo e tem mulher, não pode estar junto da igreja(...) E tornando mais para dentro, seguem fidalgos em seus lugares(...) [depois] vem outra gente limpa e acabando estes vem gente como taberneiros e padeiros(...), e assim estão mulheres. E no cabo destes já perto da praça estão estâncias de ferreiros assim de uma banda como da outra, que cada um(...) fazem uma grande aldeia. Homens que vêm de fora a comprar, vender e negociar assentam-se mais a largo e estendem muito o arraial que sempre ocupam grandes duas léguas.», *Ibd.*, pp.347/348

¹⁴⁴³ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.136

¹⁴⁴⁴ *Ibd.*

¹⁴⁴⁵ *Ibd.*, pp.136/137

as dos Ferreiros, q também são muitas. Esta he a ordem q guardão sempre, em assentar suas tendas(...)»¹⁴⁴⁶.

Obedecendo ao seu carácter itinerante, este arraial gigante põem-se frequentemente em movimento e «(...) a gente que de contínuo por o caminho vai com a côrte não é para se crere, porque certo de cada lugar que abala em três, quatro léguas, é a gente tanta e tão junta que parece procissão de Corpo de Deus em grande cidade(...)»¹⁴⁴⁷. A forma como se inicia a partida parece ser um tanto brusca. O Imperador parte na dianteira, sem grande aviso. A causa desta partida precipitada «(...) a preocupação de passar os maus passos só sem ninguém saber.»¹⁴⁴⁸. Na primeira fase da deslocação o *Preste* avançava destacado da corte, ora à frente, ora atrás e a corte seguia a sua tenda branca que sinaliza o trajecto e instalavam-se junto dela, pois «O Preste João poucas vezes caminha que vá seu caminho direito, nem sabe homem por onde êle vai.»¹⁴⁴⁹

De facto quando Pêro Pais empreende a descrição desta “corte em movimento“, não se refere os primeiros dias, pois, como afirma, ainda não levavam uma marcha ordenada, tirando os que rodeavam o Imperador, ficando muitos para trás e outros partindo à frente, mas apenas descreve o cortejo quando Imperador avança em estado, ostentando as suas insígnias¹⁴⁵⁰, facto ao qual também alude Álvares¹⁴⁵¹.

De qualquer forma a deslocação do imenso acampamento obedece a uma organização que prevê o lugar de cada senhor e das suas gentes no cortejo. Também a partida, quando organizada, obedece a um ritual que Pais pôde testemunhar¹⁴⁵². A marcha parece ser encabeçada pelas gentes dos governantes dos vários reinos, seguidos de sacerdotes que transportam aos ombros as pedras de ara das igrejas

¹⁴⁴⁶ *Ibd.*

¹⁴⁴⁷ Álvares, *op.cit.*, p.229

¹⁴⁴⁸ *Ibd.*, p. 238

¹⁴⁴⁹ *Ibd.*, p. 230

¹⁴⁵⁰ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 131

¹⁴⁵¹ Álvares, *op. cit.*, pp. 243/244

¹⁴⁵² « (...) quando o Emperador hade caminhar, sempre o Capitão da dianteira dá sinas co seus atabales, quando amanhece ou hu pouco depois, e logo todos desarmam suas tendas, e começam a carregar seu fatto. Daly a pouco sae co sua bandeira, tangendo os atabales, q ordinariamente são quatro sobre duas mullas, hus de cobre vermelho; e outros de pao cubertos com couro de vacca, e seguemo todos os q tem obrigação. Depois cavalga diante da tenda do Emperador seu estribeiomór, o q outro nenhu (...) pode fazer (...). Logo saem os capitaens da mão direita e esquerda co suas bandeiras, e atabales; e espera cada hu em seu lugar com sua gente, até q sya o Emperador(...) Como sae o Emperador da tenda, começam a tanger suas charamellas, que aida q não são como as nossas, fazem boa musica; e logo o Capitão da mão direita, e o da esquerda, e os demais vão marchando por sua ordem afastados bom pedaço do Emperador; (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 131/132

amovíveis, cobertas de seda ou de brocado, precedidos por dois acólitos que ostentam uma cruz e turbulo e uma campainha para abrirem a passagem¹⁴⁵³. Seguem-se as insígnias imperiais (bandeiras e atabales), entre as quais Álvares refere a presença dos quatro leões que já havia visto na corte, presos por fortes correntes¹⁴⁵⁴.

Após as insígnias caminha a guarda real de adagas pretas e brancas e ainda outra com espingardas, seguidos pelos pagens que transportam as armas e montadas imperiais lustrosamente ajaezadas; depois vem o Imperador rodeado pelos grandes senhores, seguido pelo seu leito coberto de seda, onde se recolhe quando se apeia da mula que o transporta. A imperatriz e seus criados fecham o cortejo. «(...) depois se segue a recovagem q he como outro exercito, porq demais das tendas, e matalotajem, e fatto do Arrayal, q levão carregado em mullas, bois, e jumentos, vem muito grande numero de Taverneiros e mercadores.» Em zonas perigosas fecha o séquito um capitão, que todos os dias muda, com «muita gente de guerra».¹⁴⁵⁵

Esta ordem não é tão apertada quando percorrem territórios seguros, não havendo escolta militar à rectaguarda, podendo a imperatriz seguir diante e a numerosa gente que acompanha o Imperador espalha-se pelos campos ou adianta caminho.

Álvares, por seu lado revela-se fascinado com o transporte das provisões do Imperador, ou seja o vinho de mel em jarros de barro preto e pão em cestas pintadas, que seguem alternadamente, carregadas à cabeça de criados não muito atrás do Imperador. Da mesma forma refere o transporte dos bens do *Preste*, as roupas e tecidos transportados igualmente à cabeça em cestos de pele de vaca com cadeados de ferro, sendo «cousa sem conto» e o tesouro em cestos menores que são «infinitíssimos»¹⁴⁵⁶.

Mas para além do cerimonial que rodeia a figura deste imperador, “rei dos reis” da Etiópia, os nossos autores procurarão perceber o poder efectivo exercido pelo *Preste/Negus* sobre os seus vassallos. Acompanhando o P.e Francisco Álvares na narração do seu percurso pelo império do *Preste*, podemos perceber uma organização em regiões sujeitas ao senhorio do Imperador abexim, mas

¹⁴⁵³ Cf. Álvares, *op. cit.*, pp. 230/231 e Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 132/133

¹⁴⁵⁴ Álvares, *op. cit.*, p.231

¹⁴⁵⁵ Pais, *op. cit.*, pp. 131/134

¹⁴⁵⁶ Vide, Álvares, *op. cit.*, p. 245 e pp. 351/352

encabeçadas por senhores, aos quais estão sujeitos por sua vez senhores locais, que tem jurisdição sobre os comandantes militares.

Vejam como descreve o P.e Álvares a autoridade do primeiro senhor em cujas terras entrou, localizadas perto da costa do Mar Vermelho, o *Barnagais* ou *rei do mar*: «Chegámos ao lugar de Barué (...) a 28 dias de Junho. Êste lugar é a cabeça da terra e do reino do Barnagais, em que estão seus paços principais a que êles chamam betenegus que quere dizer casa del- Rei.»¹⁴⁵⁷ Mais à frente descreve o tipo de autoridade exercida por este governante: «(...) quando lhe dão a senhoria, lha dão com coroa de ouro na cabeça, mas não dura mais que enquanto o Preste João quer.»¹⁴⁵⁸ Debaixo da sua autoridade estão igualmente senhores intitulados *Xuns*, especie de capitães divididos por duas extensas capitánias (*Xumetas*). Estes servem o *Barnagais* na guerra e noutras situações. Têm poder sobre outros senhores, os *rases* (cabeças), que comandam homens de armas, os *chavas*. No entanto todos estes senhores, e o seu senhor, o *Barnagais*, estão sujeitos ao Preste, a quem devem direitos. Os senhores entregam os tributos ao *Barnagais* e este, por sua vez, entrega-os ao *Preste*¹⁴⁵⁹. Por conseguinte, o clérigo anota a chegada à casa do Barnagais, em Barra, a 6 de Julho de 1520, de um grupo de mouros com o tributo de muitos e formosos cavalos¹⁴⁶⁰.

No seu caminho para a corte, Álvares e a embaixada portuguesa atravessam ainda as terras de outros governantes, como as do senhor do interior do reino de Tigré, o *Tigremahon*, acerca do qual comenta «Traz êste Tigremahon mui grande casa, assim de homens como de mulheres e grande aparato em grande maneira, maior do que o Barnagais.»¹⁴⁶¹, e as do *Balgadarobel*, sujeito ao primeiro e que «Trazia muita gente de cavalo e mulas e cavalos e mulas adestro, por estado, e tambores.»¹⁴⁶²

Mas apesar do estado que evidenciam, a sua posição depende inteiramente da vontade do *Preste*, segundo ambos os autores. Francisco Álvares salienta que o

¹⁴⁵⁷ Álvares, *op. cit.*, pp. 48/49; mais à frente descreve a sua casa e seu despacho: « Nestas suas casas [do Barnagais] são duas cêrcas e, em cada uma, sua porta e nela porteiros com azorragues na mão e mais chegada a êle estão porteiros mais limpos(...)» ;« Os fidalgos (...) e outros grandes que vêm a negociar , têm esta maneira de vir de sua pousada: (...) cavalgam em sua mula, sete, oito ou dez homens de pé que vão diante dele até à primeira porta e ali descavalgam, e , se é maior , leva sete, oito ou dez mulas ou três ou quatro, segundo é a pessoa e, assim, descavalgam à primeira porta e chegam até á segunda e, depois, se os mandam logo entrar entram, senão assentam-se de fora como colmeias ao sol, sem nenhum outro passa-tempo.», *ibd.*, p. 72

¹⁴⁵⁸ *Ibd.*, p. 60

¹⁴⁵⁹ *Vide, ibd.*, pp. 61/62

¹⁴⁶⁰ *Ibd.*, p. 69

¹⁴⁶¹ *Ibd.*, p.102

¹⁴⁶² *Ibd.*, p. 107

Imperador tem os seus senhorios (reinos e outros) distribuídos por grandes senhores; mas a sua posse é precária, pois «O Preste os tira e põe quando êle quere por causa ou sem causa e, por isto, não há aí menencoria e se há aí é secreta, porque por estes tempos que estivemos nesta terra, vi grandes senhores tirados de seus senhorios e outros em êles postos (...)»¹⁴⁶³, situação corroborada um século depois pelo P.e Pais, que afirma em relação aos Vice-reis: «(...) o Emperador tira a todos quando quer; e muitas vezes sem estarem tres annos; e poem outros, q não são seus f.os ne parentes, como eu tenho visto muitas vezes (...)»¹⁴⁶⁴. Com efeito, em relação à posse efectiva das terras, «(...) m.to poucas das do Império são proprias dos particulares, senão do Emperador, e assi as tira a huns e dá a outros todas as vezes q quer.»¹⁴⁶⁵

Como testemunha Francisco Álvares a destituição de grandes senhores é habitual, quer de cargos na corte, quer da governação de senhorios. Assim estando na corte assiste à deposição, desterro e substituição de grandes oficiais, o *Betudet*, e o *Tigremahon*¹⁴⁶⁶, talvez na sequência da morte da imperatriz Helena. A autoridade do Imperador perante os senhores é atestada pela seguinte passagem do mesmo autor:

«(...) se lhas tomam [as senhorias] deixam-nos andar cinco, seis, sete anos sem saírem da côrte e em nenhuma maneira podem dela sair sem licença tão obedientes são e tanto temem seu rei e quanto soiam ser acompanhados, tanto são agora desamcompanhados (...), porque os muitos que os acompanhavam eram das senhorias que lhes tomaram e mudam-se ao seu senhor novo e isto víamos cada dia.»¹⁴⁶⁷

Na época de Álvares, muitas terras limítrofes são tributárias do *Preste*; assim como populações muçulmanas que vivem nas zonas orientais do império (pagando ouro e panos de seda¹⁴⁶⁸). Da mesma forma recebe o *Barnagais* cavalos, brocados e sedas; cujo reino confina com o Levante, sendo o mais próximo do Egipto e da Arábia, recebendo ainda os direitos do porto de Arquico sobre os algodões da Índia¹⁴⁶⁹. Avançando para o interior os tributos são pagos em ouro, seda, gado muar e

¹⁴⁶³ *Ibd.*, p. 102

¹⁴⁶⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 109

¹⁴⁶⁵ *Ibd.*, p. 237

¹⁴⁶⁶ *Vide*, Álvares, *op. cit.*, pp. 336/340

¹⁴⁶⁷ *Ibd.*, p. 349

¹⁴⁶⁸ *Ibd.*, p. 104

¹⁴⁶⁹ *Ibd.*, p. 62

bovino; encaminhados para o governante da região, este deve dar conta do que recebeu ao imperador¹⁴⁷⁰.

Muitas terras estão sobre a posse directa do Imperador, espécie de “reguengos”, como sublinha Álvares, sendo cultivadas por escravos; outros lugares, pertença do *Preste*, devem-lhe foros em animais ou produtos da terra, mel e tecidos. Como afirma o Pêro Pais, «As demais terras, q o Emperador tem escolhidas p.^a si, q são m.tas, e as q toma todas as vezes q quer, acodem co tudo isto a seus feitores. Cada pastor (...) paga hu cantaro de manteiga; e cada tecelão hu panno, se he christão; e se he mouro, çerto peso d’ouro q terá hu cruzado;(...)»¹⁴⁷¹; recebe também os direitos nas feiras e portos de mar, embora os conceda aos senhores ou os arrende; «Afora destas rendas e tributos (...), tem outra de vaccas q arrecadão de tres em tres annos, e he m.to grande (...)»¹⁴⁷².

Como refere Francisco Álvares, «(...) assim pagam as terras e senhorias, cada uma suas cousas segundo suas qualidades e criações.»¹⁴⁷³. Todos os camponeses devem ainda uma quantidade certa de produtos a pagar por cada camponês, o *Colo do Imperador*¹⁴⁷⁴ (). «Demais disto paga o villão a renda das terras q lavra ainda q isto não he geral; porq em algumas p.es em lugar disso dão pannos.»¹⁴⁷⁵ Esta renda é apurada pelo juiz da terra e alguns lavradores, antes das colheitas; o vilão deve ainda dois potes de mel e duas galinhas, na Páscoa e na Exaltação da Santa Cruz.

A chegada dos senhores que governam os vários reinos sujeitos ao *Preste*, para a entrega dos seus tributos anuais e daqueles que lhes estão subordinados, presenciada pelo P.e Francisco Álvares, não deixa de o impressionar. Com efeito, descreve cortejos diários perante a tenda do Imperador, dos respectivos senhores e enorme quantidade de produtos: « (...) o dito Betudete chegou com o gibre o qual era três mil mulas e três mil cavalos e três mil basutos.»¹⁴⁷⁶, acrescentando, «Ao apresentar dêste gibre, eu o vi com meus olhos todo o ouro que ia coberto em ganetas

¹⁴⁷⁰ Os senhores que debaixo dêstes estão, ainda que tenham as senhorias da mão do Preste João, pagam tributo a estes e de tudo dão conta com entrega ao Preste. », *ibid.*, p. 103

¹⁴⁷¹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.238

¹⁴⁷² *Ibid.*

¹⁴⁷³ Álvares, *op. cit.*, p.141

¹⁴⁷⁴ Em os outros reynos não pagão tantos pannos; porq alguns villoens dão mantimento, mel e outros pannos. Cada villão dos q não pagão pannos dá çerta quantia de mantimento, q chamão Çolô do Emperador, q quer dizer torrado, pera mostrar q não he mais q hu reconhecimento e cousa tão pouca , (...) mas todavia são quatro fanegas de castella ou pouco menos; (...) e como são tantos os villoens q co dificuldade se podem contar, vem ser esta renda hua cousa m.to grande.», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 237

¹⁴⁷⁵ *Ibid.*

¹⁴⁷⁶ Álvares, *op. cit.*, p. 331

(...)»¹⁴⁷⁷. Álvares relata-nos ainda o desfile do *Barnagais*¹⁴⁷⁸ e do *Tigremahon*¹⁴⁷⁹, compostos por cavalos e sedas da Índia. Menciona igualmente o tributo do *Balgadarobel* (fidalgo do *Tigremahon*): «E eram trinta cavalos todos de Egipto tamanhos como elefantes e muitos gordos cada cavalo com um xumagali (...)»¹⁴⁸⁰.

Um século depois um Pêro Pais muito menos impressionado, descreve os tributos recebidos pelo Imperador: «(...) e começando pello ouro do reyno de Nareâ (...)he vem cada anno peso de quinze mil cruzados de mui.to bom ouro, Prim^a lhe pagavão trinta mil e hua vez lhe mandarão cinquenta mil(...); mas agora com as continuas guerras q aqllle reyno tem co hus gentios q chamão Galas esta tão quebrado, q não o obriga o Emperador a dar mais.»¹⁴⁸¹ O reino de Gojâm também paga um tributo em ouro, embora de menor qualidade; mas as rendas diminuíram nas zonas invadidas pelos Galas, e o Imperador prescinde delas, como por exemplo das deste último reino. De resto, também segundo Pais, o imperador recebe dos vice-reis e governadores ouro, cavalos, mulas, seda, e declara «Isto he o ordinario; mas huas vezes dão mais, outras menos, e as vezes perdoa o Emperador m.to de aquillo q lhe prometem, e quando dá estes mandos a seus genros não lhes toma nada.»¹⁴⁸² Desta forma além da destruição provocada pelas invasões Galês, a maioria dos tributos ficava na mão dos senhores, concedidos pelo Imperador.

Outro importante meio de avaliação da soberania efectiva do Imperador é a consideração da sua capacidade militar. Segundo o P.e Álvares existiria uma classe de homens de armas, os *chavas*, uma vez que os lavradores não participavam nas

¹⁴⁷⁷ « E após êle logo vinham os cavalos um ante o outro e cada um trazia um homem ou moço pelo cabresto (...) Eram razoados [os dianteiros] e dos outros atrás o melhor não valia dois drames e muitos deles não valiam um drame (...). E após estes sendeirinhos vinham as mulas pela maneira dos sendeiros, seja, trinta seladas e boas e as outras tôdas mulatinhas novas (...). E após as mulas vieram os basutos e cada homem trazia um basuto que não podia mais trazer pelo grande volume. E após os basutos passaram os panos, cada um com um feixe deles e diziam que cada homem levava dez panos e bem seriam três mil homens dos basutos e três mil dos panos e todos eram do dito reino de Gojame (...). E após os panos vinham três homens com sendas ganetas nas cabeças (...) e vinham cobertas com grandes panos de tafetá verdes e vermelhos. E após estas ganetas vinham tôda a gente do Betudete (...). Pôs em se fazer êste passamento dêz horas de prima até depois de vésperas.», *Ibd.*, pp. 331/332

¹⁴⁷⁸ « (...) começou em mui formosos cavalos e eram cento e cinquenta e em correr e saltar com êles, passou o dia (...). E no dia seguinte diziam que apresentara muitas sêdas e muita roupa delgada da Índia.», *Ibd.*, p.334

¹⁴⁷⁹ « (...) no dia seguinte muito cedo, começou de apresentar o Tigremahon seu gibre. E assim começou nos cavalos, os quais eran duzentos, mais grossos e formosos que os do Barnagais, porque vinham de mais perto. E os uns e os outros os mais eram do Egipto e os outros de Arábia. (...) Em o dia seguinte apresentaram as mais sêdas que nunca vi juntas e no apresentar, contar e recebe se passou o dia todo.», *ibid.*

¹⁴⁸⁰ *Ibd.*

¹⁴⁸¹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, 236

¹⁴⁸² *Ibd.*

guerras; já Pais refere que quando «(...) o Emperador chama, todos hãode hir por força, sem ficar mais q os Villoens q lavrão o campo.»¹⁴⁸³; no entanto também ele menciona o sustento de uma suposta classe militar que usufruía de terras da coroa com a obrigação de prestar serviços de armas¹⁴⁸⁴. De facto, já anteriormente Álvares afirmara que em caso de conscrição «(...) são suas ordenanças [dos grandes senhores] de chamar, que em dois dias se ajuntam cem mil homens se tantos querem e assim como chegam, assim os mandam, porque aí não há soldos que pagar e cada um traz consigo o que há-de comer (...)»¹⁴⁸⁵. No entanto o P. Pais sublinha a exiguidade do exército que não chegaria aos 200 mil homens «limpos», no seu total¹⁴⁸⁶ e a sua falta de disciplina que se traduz em desonrosas retiradas face aos aguerridos Galês¹⁴⁸⁷.

Mas a fraqueza do exército etíope já se havia revelado anteriormente, perdendo o controlo da terra quando da invasão moura do Grahn¹⁴⁸⁸ e Álvares, no início do século XVI, revela a dificuldade de manutenção de ordem no exército devido à desobediência e deserção dos soldados, a propósito do envio de auxílio militar ao reino de Adea¹⁴⁸⁹.

De resto, o seu armamento é sumário: «(..) na terra não há muitas [armas] e poucos as têm, senão os chavas(...) e estes têm azagaias, arcos e frechas. Estes grandes senhores têm algumas espadas, terçados e camisas de malha (não muitas).»¹⁴⁹⁰. A discrepância tecnológica desta sociedade revela-se na falta de armamento moderno pois, como denota o mesmo autor « Capacetes e cascos há aí muito poucos. Estes que aí há são depois que conversam com os portugueses. (...) Não há aí nenhuma bombardas senão dois berços que nós levámos. Espingardas á nossa partida havia em côrte catorze que compravam aos turcos que vêm aí tratar.»¹⁴⁹¹ Daí o interesse dos etíopes pelo armamento português (suas espadas, elmos, couraças e espingardas) e as frequentes perguntas do Imperador sobre o assunto aos membros da embaixada..

¹⁴⁸³ *Ibd.*, p. 191

¹⁴⁸⁴ *Ibd.*, p. 91

¹⁴⁸⁵ Álvares, *op. cit.*, p. 350

¹⁴⁸⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 239

¹⁴⁸⁷ *Ibd.*, p. 135; as dificuldades em enfrentar este povo traduz-se igualmente na incapacidade de adaptação às características do inimigo uma vez que os capitães do Império, quando das suas incursões, «(...) dão sobre elles (...)matando alguns; mas se querem passar onde elles estão, raramente os alcançam, porq fogem com suas vaccas; e como as terras estão todas ertas, q as não semeiam, não podem seguir muito, por não acharem q comer(...)», *ibid.*, p. 22

¹⁴⁸⁸ *Ibd.*, p. 94; *Vide* Capítulo I,

¹⁴⁸⁹ Álvares, *op. cit.*, p. 340

¹⁴⁹⁰ *Ibd.*, p. 73

¹⁴⁹¹ *Ibd.*, p. 424

Cerca de um século depois como refere Pais pouco parece ter mudado,: «As armas de q usão são arcos, e frechas comumente ervoladas, espadas, e lanças compridas, e outras mais curtas, q arremessão; e huas machadinhas de pao m.to duro, com q atirão ao longe; agora tem muitas Espingardas(...) Tem tambem armas defensivas, como Capaçetes, sayas de malha, Adargas brancas , e pretas de couro de Bufaros muito fortes.»¹⁴⁹²

Tentemos referenciar agora alguns aspectos da vida económica da Etiópia. Como vimos a estrutura económica deste imenso império baseia-se na agricultura e criação de gado; e para além de breves referências a actividades artesanais, os nossos autores mencionam um comércio incipiente, assente na troca de produtos¹⁴⁹³ ou na utilização do sal como moeda corrente. Pais relata-nos uma tentativa de cunhar moeda, que depressa caiu em desuso, pois « (...) esta moeda não quis receber o povo por ser de cobre, (...); logo se tornarão ao antigo, q he trocar huas cousas por outras, ou comprara co ouro pesado.»¹⁴⁹⁴

Álvares relata-nos a existência de feiras semanais nos principais lugares do reino de Tigre, como Barra ou Baruá, onde curiosamente afirma que «Os maiores negociadores destas feiras são clérigos e frades e freiras (...)»¹⁴⁹⁵, salientando o lugar de Manadelei onde se verificaria grande trato de mercadores e se realizaria uma grande feira à terça-feira, equiparando-o a um grande centro:

« Êste lugar de Manadelei é lugar de mui grande trato como grande cidade ou pôrto de mar, aqui acham tôda a feição de mercadorias que há no mundo e naturezas de mercadores e assim tôdas falas de mouros de Giada, de marrocos , de Fêz, de Bugia, de Tunes, turcos, rumes,

¹⁴⁹² Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 182

¹⁴⁹³ « (...) e as feiras são trocar uma cousa por outra, seja, um asno por uma vaca e o que menos vale torna ao outro duas ou tr~es medidas de pão e por pão compram panos e por panos compram mulas e vacas e o que querem , por sal, por incesso, por pimenta, por mirra, por alcofor e por outras bechucarias (...) Tudo se acha nestas feiras a troco de outras cousas que moeda, não corre.», Álvares, *op. cit.*, pp. 69/70

¹⁴⁹⁴ A tentativa de cunhar moeda na Etiópia na época do reinado de jacob, sob a regência da Imperatriz Mariâm Ciná, « (...) e seu genro, Erâz Athanathêus, o qual persuadioa todos os Grandes q era bem bater moeda, q antes não se usava (...), e começaram por cobre. A figura era redonda e tão grande como hu vnezeano; em hua parte tinha gravada a imagem do Imperador jacob da cinta pera cima, com coroa na cabeça(...)», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 95

¹⁴⁹⁵ Álvares, *op. cit.*, p. 70

demes de Grécia, mouros da Índia, de Ormuz, do Cairo e, assim , trazem mercadorias de tôdas partes.»¹⁴⁹⁶

No lugar de Acel, em Amará, Álvares refere o trato, feito por mouros, de escravos, sedas e outras mercadorias¹⁴⁹⁷. Também Pais menciona a abundância destas feiras, cujos direitos o *Preste*, atribuí aos senhores locais¹⁴⁹⁸. Na corte, existe também um mercado, onde, segundo Álvares, «(...) os principais mercadores das roupas e cousas grossas são os mouros e os cristãos vendem cousas baixas, assim como pão, vinho, farinha e carne e os mouros não podem vender cousa nenhuma de comer porque na terra não comem cousa que os mouros façam, nem carne que matem.»¹⁴⁹⁹. Pais, por sua vez, informa-nos que «(...) um pouco afastado do Arrayal há cada dia feira (excepto os domingos e festas), a q se junta infinidade de gente; e aly se achão roupas de toda a sorte, mantimentos , e as demais cousas necessarias.»¹⁵⁰⁰.

Para além deste comércio local, havia, embora em escala reduzida, um comércio externo. De facto, Pais cita a existência de portos, a propósito dos réditos do império, onde chegam as «fazendas q vem do mar» e onde se escoa a produção local, destacando-se o sal e a cera, mas igualmente marfim e escravos¹⁵⁰¹, estes últimos já referenciados por Álvares que aponta a sua proveniência do reino de Damute¹⁵⁰², assim como a exportação da riqueza cerealífera do reino de Tigre para a Arábia¹⁵⁰³. Pais alude a um comércio do Levante para o interior da Abissínia, mencionando o transporte de tecidos da Índia para a corte¹⁵⁰⁴. Estas exportações, de artigos de luxo eram pagos com ouro como nos refere o mesmo autor¹⁵⁰⁵.

¹⁴⁹⁶ *Ibd.*, p. 114

¹⁴⁹⁷ *Ibd.*, p.161

¹⁴⁹⁸ Pais, *op. cit.*, p. 238

¹⁴⁹⁹ Álvares, *op. cit.*, p.346

¹⁵⁰⁰ Pais, *op. cit.*, p.137

¹⁵⁰¹ *Ibd.*, p.238

¹⁵⁰² « (...) os escravos deste reino são muito estimados dos mouros e por nenhum preço os deixam, e tôda a terra de Arábia, Pérsia, Índia , Egipto e Grécia enchem de escravos desta terra e dizem que são lá mui bons mouros e grandes guerreiros. (...)», Álvares, *op. cit.*, p. 358

¹⁵⁰³ *Ibd.*, p. 63

¹⁵⁰⁴ *Vide*, Pais, *op. cit.*, Vol. III, pp. 66/67

¹⁵⁰⁵ *Ibd.*, Vol. I, p. 95

1.5- Da Religião

«Quando lá nos viram, deram muitas graças a Deus por verem cristãos doutra terra e língua que nunca viram.»

Francisco Álvares, *Verdadeira Informação...*

«Disse logo hu frade em m.tas cousas temos grande differença, particularm.te em q dizem q em Christo estão duas naturezas, e q a natureza humana não he igual a divina.»

Pêro Pais, *História de Etiópia*

A crença, as práticas, ritos e o comportamento religioso da população e do clero, nesta sociedade cristã, separada do catolicismo por disputas teológicas desde os primórdios da Cristandade, desperta forte curiosidade e convoca a capacidade de observação e análise de ambos os autores.

Um e outro fazem alusão, segundo os relatos autóctenes, à lenda da conversão da Etiópia por um eunuco da rainha aksumita, Candácia, evangelizado por S. Filipe. Assim teria sido mandada construir por aquela, a igreja de Santa Maria de Sião, nomeada em homenagem ao local de onde proviria a sua pedra de ara, enviada pelos apóstolos¹⁵⁰⁶.

Segundo Pais baseado nas fontes etíopes, antes da viagem da rainha Sabba a Jerusalém, os etíopes eram gentios; depois do seu regresso teriam adoptado o judaísmo, indo a Jerusalém celebrar a Páscoa. Isso sucedeu ao Eunuco da rainha Candácia, que foi ali convertido por Filipe, divulgando depois o cristianismo na Etiópia. Esta tradição pode revelar a existência de antigas relações com o Médio Oriente. A história do primeiro patriarca, Frumêncio, que ali teria aportado vindo do Mediterrâneo Oriental pode relacionar-se com essa tradição.

¹⁵⁰⁶ Vide, *ibd.* pp. 88/89

A devoção ao cristianismo é também admitida por Pais, seguindo os mesmos manuscritos da Igreja de Agçûm, pela chegada de religiosos ao reino de Tigrê, os «nove santos romanos», que para Pais só poderiam vir efectivamente de Roma. Em Tigrê fundaram igrejas com os seus nomes, fizeram milagres e tornaram-se venerados como santos, assim como muitos dos seus discípulos, conservando-se o corpo de muitos na província de Bur nesse mesmo reino¹⁵⁰⁷. Os etíopes arrogavam-se ainda com base nestas tradições de terem sido os primeiros povos a abraçar o cristianismo, como uma espécie de povo escolhido.

Fosse qual fosse a origem do cristianismo etíope (através da igreja egípcia; contactos comerciais com o Mediterrâneo Oriental ou missionação síria), o facto é que esta igreja de raiz antiga se encontrava separada do apostolado romano por vetustos principios doutriniais que remontam ao século IV e tinham a sua raiz na oposição entre as doutrinas de Nestório, patriarca de Alexandria, que defende a dualidade divina e humana da natureza de Cristo e S. Cirilo de Alexandria, que preconiza a união de ambas as naturezas numa só pessoa. A denominada igreja copta de Alexandria, seguirá a tradição de S. Cirilo, recusando posição adoptada por Roma, e pela Igreja do Oriente¹⁵⁰⁸. São estas antiquíssimas diferenças teológicas que os nossos autores encontraram muitos séculos depois na igreja etíope, subsidiária da igreja de Alexandria.

Esta questão teológica torna-se o pomo de discórdia entre os missionários jesuítas e o clero copta : «Respondeo elle q se estavam tão unidas, q a humana seguia sempre o q queria a divina, já não era mais q hua só vantdae. M.to mal infiris disse eu : porq ainda q esta união seja tão grande, e q a vontade humana siga o q quer a divina, ne por issi perde seu ser; (...)»¹⁵⁰⁹, relata o padre jesuíta, ao narrar uma disputa teológica na corte. Como confirma o P. Pais,

¹⁵⁰⁷ *Vide ibd.,* pp.9/12

¹⁵⁰⁸ A doutrina de S. Cirilo de Alexandria, levada às últimas consequências por Eutiques, arquiandrita de um convento de Constantinopola, conduz a uma interpretação literal da fusão de ambas as naturezas, sendo a humana absorvida pela divina, originando a corrente do Monofisismo. Esta posição dá origem a um aceso debate no seio da Igreja, que origina a excomunhão de Eutiques e sua rectificação pelo papa Leão I no Concílio de Éfeso de 448; no ano seguinte o patriarca de Alexandria, Dióscoro, adopta a teoria de Eutiques. O protestos junto ao Papa originam um novo concílio, o de Calcedónia em 451 que condena o Monofisismo. A igreja do Oriente balançará entre a ortodoxia e o Monofisismo, ao sabor das intrigas políticas, até acatar definitivamente a doutrina do Concílio de Calcedónia., *Vide*, «Monofisismo», *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. XIII, Lisboa, Verbo, 1972, col.1221/1223

¹⁵⁰⁹ *Ibd.*, Vol. II, p. 29

« Affirmão os Ethioes vassalos do Preste João, q a natureza humana em Christo N. Sor he igual á divina e q está em toda aprte; e dizem q, depois q a natureza humana se unio á divina pessoa, não se pode dizer q em Christo ha duas naturezas senão hua natureza; e a Dioscoro, q ensinou estes tam grandes erros, tem por santo, e como tal lhe fazem grandes festas cada anno, e a S. Leão Papa; porq diz q estão em Christo duas naturezas, sem se misturarem, confundirem, ne afastarem, lhe tem m.to grande aborrecim.to e dão nomes bem alheos de gente Christãa; (...)»¹⁵¹⁰,

afirmando que a estas crenças juntam outras «de Patriarchas de Alexandria hereges» como Theodoseó, Cenutheó e Philateós, e que todos consideram o Papa Leão como traidor, vituperando-o, assim como ao Concílio de Calcedónia¹⁵¹¹ ao qual chamam «concilio de Judeos», criticando-o no livro *Mazaguêbt Haimanôt* (Tesouro da Fé). Condenam também o Papa Leão I, comparando-o a Lúcifer e apelidando-o no livro *Haimanôt Abbô* (Fé dos Padres) como «inimigo Leão maldito»¹⁵¹².

Outro dos pontos principais da discórdia teológica prende-se com a essência ou natureza da Santíssima Trindade: para os etíopes o Espírito santo apenas procede de Deus Pai¹⁵¹³; para os católicos procede igualmente do Filho. Esta questão deu azo a uma animada disputa teológica na Corte, entre Pais, o Geral da Ordem de Abbá Taquelá Haimanót e outros frades etíopes, com recurso aos respectivos livros sagrados: os etíopes e o Evangelho.

Ambas as Igrejas cristãs divergem na questão das almas racionais, discutidas pelo autor, clero e letrados etíope em disputas ou conversas particulares, por vezes na presença do Imperador. Pais procura descortinar a origem dos erros e seguidamente tenta rectificá-los, auxiliando-se das Escrituras e livros santos, quanto à questão da origem da alma (divina para a igreja de Roma e advinda dos pais terrenos para a igreja etíope) Também não concordam na questão do castigo divino (definitivo e imediato após a morte segundo a igreja de Roma ou aguardando

¹⁵¹⁰ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 23

¹⁵¹¹ «(..) ne admitem o Concilio Calcedonense; mas antes o vituperão, porq declarou por de pee a doutrina de S. Leão sobre as duas naturezas, donde se seguem tambem duas vontades, e operaçoens em Christo Nosso Senhor, q elles negão; e condenou a Dioscoro, q venerão por santo; (...)», *Ibd.*, p.192

¹⁵¹² *Ibd.*, Vol. I, p. 111

¹⁵¹³ « Mas negão como os Gregos, q o Spo S.to procede do F.o, afirmando q só procede do P.e com tanta pertinacia q porq antigam.te hu frade quis defender q procedia tambem do F.o o matarão as pedradas (...)»*Ibd.*, p. 14

até ao dia do Juízo segundo a igreja etíope). O autor chega a socorrer-se dos próprios livros etíopes para fazer valer seus pontos de vista¹⁵¹⁴.

Também a ideia de purgatório é desconhecida dos etíopes («(...) dizendo eu a hu proposito q avia purgatorio, hu delles, (...) se rio m.to e co hu modo como se eu dissera hu absurdo nunca ouvido.»¹⁵¹⁵) estranhando, o autor, a ausência de tal crença e seu desconhecimento, face ao uso de esmolas e orações pelos mortos, que lhe dizem ser pelos seus bens. Pais tentará justificar a existência do purgatório com base nas Escrituras, até o imperador se declarar satisfeito.

Não encontramos em Álvares este aprofundamento das questões teológicas, dado a sua diferente preparação, função e até desconhecimento da realidade que iria encontrar, assim como o diferente contexto temporal em que se situa. No entanto este autor indicia igualmente diferenças de credo ao responder às questões do Preste sobre a a autoridade máxima da Cristandade, defendendo o padre a supremacia da igreja romana, e respondendo-lhe aquele «(...) que se o Papa mandasse cousa que os Apóstolos não escrevessem que o romperiam e se o seu Abuná o mandasse que o queimariam, seja, ao mandado.»¹⁵¹⁶ Assim o discurso sobre as práticas religiosas etíopes é marcado pela constatação da diferença entre duas formas de cristianismo.

No entanto ambos os autores procuram entender a hierarquia e funcionamento da vida religiosa abexim. Álvares salienta a grande quantidade religiosos sujeitos a regra: «Eu nunca vi igreja de clérigos que não tivesse frades, nem mosteiro de padres que tivesse clérigos, porque frades são tantos que cobrem o mundo, assim nos mosteiros, como nas igrejas, estradas e feiras e em todo o lugar estão.»¹⁵¹⁷ Distingue os frades dos numerosos mosteiros, encabeçados pelo *aba*, espécie de provincial¹⁵¹⁸; já no mosteiro de *Brilibanos*, em Xoá, presidia o *Iché*, o segundo na hierarquia religiosa¹⁵¹⁹. Mas afirma-nos que existe apenas uma ordem religiosa, a de Santo Antão do Ermo¹⁵²⁰.

Segundo ele, referindo-se aos frades do mosteiro de Bisão, « (...)nas idades e em serem magros e sêcos como pau, parecem homens de santa vida à primeira

¹⁵¹⁴ *Ibd.*, pp. 54/57

¹⁵¹⁵ *Ibd.*, p. 137

¹⁵¹⁶ Álvares, *op. cit.*, p. 218

¹⁵¹⁷ *Ibd.*, p. 64

¹⁵¹⁸ *Ibd.*, p. 24

¹⁵¹⁹ *Ibd.*, pp. 70, 127, 171, 285, 365

¹⁵²⁰ *Vide, ibd.*, p. 99 e 417/418

face.(...) Os vestidos que traziam são panos velhos amarelos e de algodão e andam descalços.»¹⁵²¹ ou «(...)hábitos de peles de cabras curtidas como safões, também amarelos,(...) e trazem mais os frades capas da feição dos frades de S. Domingos, da mesma pele ou pano amarelo e trazem capelos (...)»¹⁵²².Álvares alargar-se-á noutras passagens à descrição da indumentária destes frades e à sua distinção dos clérigos :

« O que diz a missa nesta terra, não tem outra diferença do diácono e sub-diácono nas vestimentas, senão uma estola comprida fendida pelo meio quanto cabe a cabeça e detrás e de diante chega ao chão. Os frades dizem a missa com os capelo na cabeça e os clérigos não trazem capelos e andam tosquiados (...). E assim frades como clérigos, todos, dizem missa descalços e não entra nenhum calçado na igreja (...)»¹⁵²³.

Álvares menciona de igual forma a existência de freiras e o seu alojamento em aldeias e junto aos mosteiros, nos quais não entram, sendo mulheres. Delas afirma «Há mui grande multidão de freiras como de frades, dizem que delas são mulheres mui santas e outras não.»¹⁵²⁴ Quanto às suas vestes refere que «(...)não trazem capas nem capelos, somente o hábito, e rapadas à navalha e uma correia de couro cingida ou apertada derredor da cabeça; dês que são velhas trazem tufas derredor da cabeça sôbre suas tosquias.»¹⁵²⁵

Pais distingue também os frades dos clérigos. No que aos primeiros diz respeito identifica porém, ao contrário de Álvares, duas ordens «(...) hua a q chamão de Abbâ Taquelâ Haimanôt, q quer dizer planta da fee; e outra de Abbâ Stateus; e os frades de hua e outra religião se prezão m.to de terem sua origem de Abbâ Arogaoi hu daquelles nove religiosos S.t^{os} (...)»¹⁵²⁶. Sobre a ordem de *Abbâ Stateus* diz-nos que as suas principais casas se situam no reinos de Tigré e de Gojam; as casas não dependem umas das outras, apenas tendo precedência na corte o prior do mosteiro de Bisan. «Ao Prior, ou Abbade, do convento q chamão Mêmeher, q quer dizer mestre, e he perpetuo ate a morte (...); a eleição vai por votos dos frades sos daquele convento, e depois o levão ao Emper.or (...)»¹⁵²⁷ para confirmação.

¹⁵²¹ *Ibd.*,

¹⁵²² *Ibd.*, p. 70

¹⁵²³ *Ibd.*, p. 37

¹⁵²⁴ *Ibd.*, p. 70

¹⁵²⁵ *Ibd.*, p. 70

¹⁵²⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 153

¹⁵²⁷ *Ibd.*, pp. 154/155

«Os frades da Abbâ Taquelâ Haimanôt demais dos Abbades dos mosteiros, tem hu Superior q he como geral, a q chamão Icheguê; e o elegem por votos (...).»¹⁵²⁸. Apesar da semelhança no seu modo de vida, tem dissensões sobre a posse de terras e questões sobre a antiguidade da sua fundação e «(...) assi andão em profias sem se acabar nunca de resolver a questão.»¹⁵²⁹

Tal como Álvares, Pais descreve os hábitos dos frades¹⁵³⁰, suas habitações onde «(...) cada frade vive em casa sobre si e ordinariam.te as casas são muy pequenas, redondas e cubertas de palha, de modo q fica o mosteiro de feição de hua aldea(...)»¹⁵³¹ e sua ordenação¹⁵³², condenando, todavia, a atribuição de hábitos à força a crianças, sem passarem por um noviciado¹⁵³³. No que diz respeito às religiosas, corroborando as informações de Álvares, relata-nos Pais: «(...) quá nunca estiverão as freiras em mosteiro como em Europa, senão cada hua em sua casinha afastada, (...) mas o comu he estarem onde querem afastadas huas de outras, de man.ra q mais parecem beatas q freiras,(...) comum.te tem mais mundo do q tinham antes q fossem freiras.»¹⁵³⁴

Os noviços, enquanto não tem meios de sustento comem juntos, mas não têm leituras durante a refeição, assim como pregações, não se entregando ao trabalho de missionação e «(...) nem hua legoa de sua casa hirão a confessar se não acharem premio.»¹⁵³⁵

Os clérigos apresentam-se como os leigos apenas se diferenciando pela cruz que empunham, pelo cabelo rapado e longa barba¹⁵³⁶. Nas grandes igrejas existe a

¹⁵²⁸ *Ibd.*, p. 155

¹⁵²⁹ *Ibd.*, p. 153

¹⁵³⁰ « (...) trazem o habito (...) huns de pano d'algodão amarelo; outros de pelle como as camuças de hespanha porem mais grosseiras; outros de pano d'algodão preto ou branco, q nisto não há cousa particular entre os do deserto, e do povoado, cada hu traz o habito da Cor e pano q quer ou pode; e assi alguns poem sobre o habito panos de seda bem custosos. Porem os do deserto q se querem mostrar mais penitentes, sempre vestem pelles amarellas como Camuça grossa. »; , « Demais do habito e capello tem outra cousa a q chamão Azquemâ. Q he como hua trança m.to estreita, q fazem de tres tiras de pergaminho, e a poem ao pescoço de man.ra q ambas as pontas vem por diante a se amarrarem em hua argolinha de cobre q tem no cinto(...) Esta Azquemâ não se pode dar ao frade atee q tenha trinta annos d'idade(...) e tem por cousa de grande honra.», *ibid.*, p. 157 e p. 161

¹⁵³¹ *Ibd.*, p. 207

¹⁵³² *Vide, ibid.*, pçp. 158/160

¹⁵³³ *Vide, ibid.*, p. 158

¹⁵³⁴ *Ibd.*, p. 161

¹⁵³⁵ *Ibd.*, p. 215

¹⁵³⁶ « (...) nem há quem vista a romana, antes m.tos delles quasi a turquesca, principalm.te o Abuná. (...) rapão toda a cabeça e deixão creçer a barba como tambem o fazem m.tos Seculares (...), não se deferença delles no vestido; quem pode veste hua Cabaya branca d'algodão com cabeção alto, e Justo, e sobre esta outra de pano de nossas terras, ou de algua seda q lhes vem por via dos Turcos; e na cabeça barrete redondo, ou comprido de qualquer cor q achão, e alguas vezes sobre elle touca como a dos

categoria de *debeterás*, caracterizados como cónegos, referindo Álvares a sua existência nas igrejas grandes, chamadas *igrejas do rei*, a partir do reino de Angote. Pela sua categoria também estes cónegos se diziam descendentes dos oficiais enviados por Salomão.

De igual forma, Pais refere estes cónegos, que se ocupam das igrejas, ou seja a classe dos *Debterôch*, casados e trajados como seculares, com excepção das cruces que trazem na mão e «(...) quando de novo entrão a servir em alguma Igreja lhes fazem cõo navalha hua letra no ombro direito, e outra nos esquerdo (...)»¹⁵³⁷.

O seu superior seria o *Licacacate*. Entre as dignidades eclesiásticas, Álvares refere ainda o *Licanete*, espécie de pontífice ou juiz e o *Cabeata*, principal das igrejas do rei, espécie de bispo. A autoridade máxima é o *Abuná* que como esclarece Pais «(...) he palavra arabia, q que dizer P.e nosso(...)»¹⁵³⁸, enviado pelo patriarca de Alexandria, sediado no Cairo e que Álvares equipara a papa ou patriarca daqueles territórios¹⁵³⁹.

Uma grande diferença em relação ao clero ocidental é a possibilidade do matrimónio, não podendo, porém, os clérigos tomar outra esposa ou voltar a casar depois da morte desta, sob pena de interdição da entrada na igreja¹⁵⁴⁰. Os seus filhos seguem a mesma função, instruídos pelos pais, o que origina o seu elevado número. Assim por vezes são enviados das igrejas do rei para novas igrejas, noutras locais ou para as igrejas da corte, «(...) porque de outra maneira se comeriam uns aos outros.»¹⁵⁴¹

A proliferação de religiosos parece justificar um modo de obter sustento, como verifica o P.e Álvares ao assistir a uma grande ordenação de clérigos pelo

mouros; trazem calçoens estreitos e compridos atte os çapatos. Os q são pobres não trazem mais q hu pano branco d' Algodão, m(...), e hu calção atee mea perna, a cabeça descuberta, e pés descalsos; mas trazem todos na mão hua Cruz de ferro delgada ou de pao preto como de hu palmo q he proprio dos clerigos, ainda q tambem a trazem as freiras.» *ibid.*, p. 118/119

¹⁵³⁷ *Ibid.*, p. 130

¹⁵³⁸ *Ibid.*, p. 111

¹⁵³⁹ *Ibid.*, p. 417

¹⁵⁴⁰ « Os clérigos são casados com uma mulher, guardam melhor a lei do matrimónio que os leigos, vivem em suas casas com suas mulheres e filhos e se morre a mulher não casa mais, nem a mulher, mas pode-se fazer freira ou ficar viúva (...) e se o clérigo dorme com outra sendo a sua viva, não entra mais na igreja, nem goza dos bens dela e fica como leigo.» *ibid.*, p. 64; « Todos os clerigos são scasados, mas casão antes de se ordenarem de missa ; e com molher virgem e de pois, se lhes morre esta, não podem casar com outra e quando o fazem (q he m.tas vezes) os suspende das ordens o Abuná, mas ficão com a molher em casa; e ainda me affirmarão por cousa m.to çerta e sabida de todos , q como peitavão , o Abuná lhes tornava dar liçença q tornassem a dizer missa, e tivessem aquella molher. (...)» *Pais, op. cit.*, p. 114

¹⁵⁴¹ *Ibid.*, p. 149

Abuná «(...) êle ordenava quási cada dia e sempre grande número, porque vêm a êle de todos os reinos e senhorios do Preste, porque não há aí outrem que ordene estes clérigos. Não são assentados em matrícula nem levam carta, nem outra certidão de suas ordens.»¹⁵⁴² No relativo à ordenação¹⁵⁴³ o clérigo católico escandaliza-se com a exiguidade das vestes¹⁵⁴⁴ e a ordenação de cegos e aleijados¹⁵⁴⁵, que se revela uma forma de prover aos deficientes. Mas o que mais o impressiona é a atribuição de ordens menores (a categoria de *Zagonal*) a crianças de colo¹⁵⁴⁶, expressando mais tarde, o seu desgosto ao *Abuná* por ordenarem crianças tão pequenas; este contemporiza, mas sublinha a sua obediência ao Preste, que apontava a necessidade de ordenações numerosas, pois o *Abuná* tinha muita idade e a sua substituição provara-se difícil no passado.

Tal como Francisco Álvares, também Pêro Pais alude à cerimónia de ordenação dos sacerdotes, o que se realiza de forma rápida e pouco exigente, ordenando-se sacerdotes que mal sabem ler e reafirmando que ordens menores são até conferidas aos «mininos de mamã». Esta ordenação faz-se a troco de um pagamento cerca de duas pedras de sal, o que, segundo o autor, equivaleria a um cruzado, o que representava muito, pelo grande número dos que se ordenavam. E quando se juntavam para receber ordens, o *Abuna* aproveitava para lhes cobrar serviços, como o aprovisionamento de lenha ou construção de casas, o que levava a que os seus mantimentos se gastassem antes da cerimónia, presenciando este autor queixas feitas ao imperador sobre esta prática.¹⁵⁴⁷ Novamente se estranha a ordenação de «(...) coxos, mancos e çegos, e destes conheço eu alguns (...)»¹⁵⁴⁸.

A nomeação do superior da Igreja etíope está sujeito a longos interregnos ocasionados pela dificuldade de comunicação com o Egipto de onde provém, tendo mesmo o seu pedido ao Cairo, com o envio do pagamento, sido tomado no trajecto

¹⁵⁴² *Ibd.*, p. 260

¹⁵⁴³ *Vide, ibd.*, pp. 258/263

¹⁵⁴⁴ «(...) me pareceu muito deshonesto e cousa mui vergonhosa clérigos que se ordenavam de missa e haviam de receber o corpo do senhor, virem quási nús amostrando suas vergonhas (...)», *ibd.*, p. 261

¹⁵⁴⁵ *Ibd.*, pp. 261/262

¹⁵⁴⁶ « Os meninos que não falam nem andam, os homens os levam no colo, porque as mulheres não podem entrar na igreja e o seu chôro parece cabritos em curral sem as mãis quando êles são apartados e morrem com fome, porque acabam o ofício horas de vésperas, e êles estão sem comer porque hão-de comungar.», *ibd.*, p. 262

¹⁵⁴⁷ *Vide, ibd.*, pp. 111/113

¹⁵⁴⁸ *Ibd.*, p. 114

ou a sua nomeação dificultada pelas guerras do sultão do Egito com os turcos como nos narra Francisco Álvares no século XVI¹⁵⁴⁹.

Também na época de Pais, o envio desta autoridade religiosa se revela complicada: o *Abuna* eleito tem de partir do Cairo em segredo, pois se as autoridades turcas sabem da eleição, fazem-lhe pagar grandes direitos; outras vezes o imperador etíope manda ouro para obter licença dos turcos. A viagem nunca é por mar, devido à distância e perigo de assalto pelo Paxá de Suaquém, «(...) e assi vem por terra com grande trabalho, e perigo de doença; por causa dos desertos, e calores do caminho, em q dizem, q de ordinario gasta 40 dias.»¹⁵⁵⁰

Sobre os recursos do clero adianta-nos Álvares que não recebem o dízimo, vivendo das suas propriedades, das quais recebem rendas e recolhem os seus produtos¹⁵⁵¹. Pais refere que as casas religiosas vivem de terras atribuídas pelo Imperador, cabendo uma porção ao principal e sendo restante repartido pelos frades. Os noviços enquanto não recebiam terras, eram alimentados pelo principal. No entanto muitos destes mosteiros sofreram a devastação causada pelos mouros e posteriormente pelos Galês, afirmando o autor que «(...) m.tos mosteiros ficarão de todod acabados, e outros tão perdidos q em respeito do q antes erão não lhes ficou mais q quasi o nome(...)»¹⁵⁵². Tal é o caso do mosteiro de Aleluia (*Dêbra Hallelô*)¹⁵⁵³.

Ambos os autores falam longamente da forma de celebração dos ofícios etíopes. Segundo Álvares «Em tôdas igrejas e mosteiros tangem às matinas duas horas ante manhã, rezam de cor e sem lume (...). Rezam ou cantam muito alto sem arte de canto e não rezam a versos, senão todos seguem uma cousa. Seu rezar é salmos e nos dias de festa além dos salmos, dizem prosas, segundo a festa assim a prosa(...)»¹⁵⁵⁴ e descreve-nos em pormenor a forma de celebração,

¹⁵⁴⁹ *Ibd.*, pp. 263/264

¹⁵⁵⁰ *Ibd.*

¹⁵⁵¹ *Vide, ibd.*, p. 64 e 418/419

¹⁵⁵² Pais destaca entre os mosteiros sobreviventes o de Bisan, em Tigré; o de Abbâ Guerima, um pouco mais para o interior; um em Agçum; os três mosteiros das ilhas do lago Dambiâ, Dagâ, Canâ e Dêbra Mariam, e os mosteiros de Dimâ, Dêbra Ore e Calalô no Gojam, *ibd.*, pp. 205/206

¹⁵⁵³ «No mais alto daquela serra está o mosteiro (...) eu as [as casas] fui ver; porq não está mais q hu dia de caminho da Igreja de Fremona, e quasi todas estão caídas(...). A Igreja antiga (...), já há m.tos tempos q também está cahida(...)», *ibd.*, pp. 209/210

¹⁵⁵⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 31

«(...) põe-se no cruzeiro [o sacerdote] com o rosto para a porta principal e a imagem nas mãos ante ao peitos e os que estão das ilhargas têm velas acesas nas mãos e os outros todos começam um cantar como prosa e andam todos brandando e saltando, como em chacota (...) e assim tangem as campainhas pequenas e pandeiros naquele mesmo som.»¹⁵⁵⁵;

e as procissões com cruces e turíbulos nos circuitos exteriores das igrejas, a leitura dos Evangelhos à porta da igreja; a comunhão, seguida da aspersion com água benta¹⁵⁵⁶. Igualmente são descritos os tipos de ofícios celebrados: « (...)e não se diz missa por defunto , nem de devoção por nenhum vivo, nem mais de uma missa no dia em cada igreja. E todos comungam quantos vão a ela.»¹⁵⁵⁷ Comunhão que é dada a todos à porta da igreja. O fabrico e aspecto do pão da comunhão é descrito permenorizadamente.

De igual modo descreve Pais a celebração do rito copta etíope. Alude à hora da celebração (« Como chega a hora de dizer missa (q nos dias q não são de Jejum dizem pella menhã; e quarta e sexta feira q jejuão a tarde, como duas horas antes de se por o sol, E na quaresma quando se poe) (...)»¹⁵⁵⁸; especificando no entanto que, tal como havia afirmado Álvares, «(...) ainda q em todas as igrejas se começam sempre os of.os duas horas ou mais antes de amanhecer; em as festas são tão compridos, q não se acabão até sahindo o sol, e então se começa a missa, e algumas vezes mais tarde.»¹⁵⁵⁹); refere os oficiantes, sacerdotes, diáconos e sub-diáconos e suas vestes; a procissão no circuito exterior; as leituras à porta da Igreja e o ritual da missa propriamente dito e a comunhão¹⁵⁶⁰ que dão a todos, mesmo na ausência de confissão¹⁵⁶¹. Esta comunhão sob as duas espécies (*utraque specie*), como nos informa Pais não se opondo ao rito católico, distancia-se dele pela possibilidade corrente da comunhão sob uma espécie (o pão), neste último. O fabrico do pão («tão grande como uma patena, e pouco mais de hu dedo de grosso(...)») e do vinho feito

¹⁵⁵⁵ *Ibd.*, pp. 31/32

¹⁵⁵⁶ *Vide, ibd.*, pp. 32/35

¹⁵⁵⁷ *Ibd.*, p. 58

¹⁵⁵⁸ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p.83

¹⁵⁵⁹ *Ibd.*, Vol. I, p. 124

¹⁵⁶⁰ *Ibd.*, p. 82

¹⁵⁶¹ *Vide, ibd.*, Vol. II, pp. 83/95; Também tem grande descuido os Vigairos ,e os frades todos em ensinar ao povo o aparelho q se requiere pera receber o sanctissimo Sacram.to, q segundo me affirmarão , há homens casados , q comungão e meude sem se terem confessado toda sua Vida por não saberem q era necessario confessar os peccados antes de comungar.», *ibd.*, p. 95

de passas, da Eucaristia são igualmente detalhadamente narrados¹⁵⁶². Em relação a esta última diz-nos Pais ,

«Ao ineffavel sacram.to da Euch.^a tem os Ethiopes m.to grande devoção e reverencia; porq crem q dittas pellos sacerdotes as palavras de consagração (q segundo me referirão alguns frades são quasi as mesmas q diz a Igreja catholica) deixa o pão de ser pão, e o vinho de ser vinho; e debaixo de seus accidentes está real e verdadeiram.te o corpo e sangue de Christo Nosso Snor (...)»

Todavia o autor não deixa de sublinhar outras diferenças em relação ao rito católico e que suscitam estranheza de parte a parte. Assim, «Não dizem em cada Igreja mais q hua só missa, ainda q aja nella m.tos Sacerdotes, e estranhão m.to q em nossas Igrejas se digão em hu dia m,tas missas, e publicam.te a vista do povo sem cortina.»¹⁵⁶³; o autor refere a ausência do uso de guardar o Santíssimo Sacramento nas Igrejas para levar o viático aos doentes. De facto, para este rito, a última comunhão tomada substitui esse viático e «(...) não comungão em quanto estão doentes por mais comprida q seja a doença, mas m.to poucos se confessão porq lhes dizem seus frades, (...) q já q não podem fazer penitencia por causa da doença não lhes aproveita a confissão, e assi morrem sem ella.»¹⁵⁶⁴ Esta questão da diferente prática em relação à confissão, havia sido já referida por Álvares, quando confessa Pêro da Covilhã pela primeira vez em trinta e três anos, pelo facto de na Etiópia não existir segredo da confissão¹⁵⁶⁵.

Efectivamente a confissão assume um carácter totalmente diferente neste rito: não é dispensada aos condenados¹⁵⁶⁶ e tem um carácter público perante o *Abuná*, sentado num terreiro, com assistência; os pecados são revelados de viva voz e assim são as penitências impostas pelo *Abuna* No entanto « As penitencias q dão, huas vezes são m.to leves por peccados graves, e outras inoportaveis por cousas m.to leves. (...) Tambem mandão rezar cada dia 50 psalmos; (...) e as vezes q jejuem todos os dias por espço de tres, ou quatro annos, e ordinariamente não comungam atee a

¹⁵⁶² Vide, *ibd.*, pp. 82/83

¹⁵⁶³ *Ibd.*, p. 93

¹⁵⁶⁴ *Ibd.*, p.95

¹⁵⁶⁵ Álvares, *op. cit.*, p. 278

¹⁵⁶⁶ Pais, *op. cit.*, p. 95

não terem cumprido.»¹⁵⁶⁷ Pais critica a falta de rigor nas confissões : o crente pode estar muitos anos sem se confessar e o rol e a forma dos pecados não é esmiuçado e a absolvição é frágilmente dispensada sem por vezes explicitar o teor do pecado. Também existem as confissões colectivas, em que os fieis afirmam que pecaram e por tal são absolvidos em conjunto depois de rezarem¹⁵⁶⁸.

Ambos os autores citam o costume de não ser permitida a entrada a seculares dentro da Igreja¹⁵⁶⁹, sendo por tal a comunhão dada à porta das igrejas. As igrejas dos mosteiros estão interditas a mulheres, mas existem «(...) a q chamão Igreja das molheres, não porq não entrem nellas homens, senão porq tambem ellas podem entrar , mas sempre no lugar q dissemos q lhes pertence.»¹⁵⁷⁰ As orações são feitas estando os fieis de pé ou sentados no chão¹⁵⁷¹ e Álvares destaca certos costumes durante os ofícios religiosos como a postura para receber a comunhão, em que « todos vêm com as mãos alçadas ante os ombros e as palmas por diante.»; antes da missa todos lavam as mãos e no final não partem sem a benção, que consiste na ida de um sacerdote com a cruz e a campáinha, entoando um salmo, à porta. Então os crentes baixam a cabeça e vão¹⁵⁷².

Ambos os autores coincidem na expressão do respeito e reverência dos etíopes perante os edifícios sagrados, «(...) pelo que nenhum homem de mula passa por ante a igreja, pôsto que vá a grande pressa, que se não apeie, até passar bom pedaço a igreja e o adro.»¹⁵⁷³ Desta forma refere o mesmo autor «Assim nos estranhavam entrarmos calçados na igreja e muito mais cuspir nela.», ideia reforçada no relatório ao Arcebispo de Braga, «Nenhuma pessoa se assenta na igreja, nem entram calçados, nem escarram, nem cospem, nem deixam entrar nenhum cão, nem

¹⁵⁶⁷ *Ibd.*, p.80/81

¹⁵⁶⁸ *Ibd.*, Vol. II, p. 78

¹⁵⁶⁹ « Detrás da igreja, seja, detrás da ousia, naquele circuito, que é como claustro, não há-de estar pessoa nenhuma, semão fôr de ordens sacras e todos os outros hão-de estar ante a porta principal em outro grande circuito que têm tôdas as igrejas, que cerca êste, (...), bem pode estar neste quem quiser.», Álvares, *op. cit.*, p. 33; « Nas Igrejas redondas não há de ordinario mais q hua só cortina porq os homens Seculares, e molheres ficão na crasta (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 130

¹⁵⁷⁰ *Ibd.*, p. 130

¹⁵⁷¹ *Ibd.*, p. 127; em relação a este hábito, refere Álvares, « Porquantos e não assenta nenhuma pessoa nas igrjas à porta delas da parte de fora, dentro do circuito, estão sempre grande número de cajados de travessa como tau ou muleta de aleijado e cada um toma o seu cajado e encosta-se a ~ele enquanto estão aos ofícios na igreja», Álvares, *op. cit.*, p. 422

¹⁵⁷² Álvares, *op. cit.*, p. 35

¹⁵⁷³ *Ibd.*, p. 65

outra alimária na igreja (...)»¹⁵⁷⁴. Pais corrobora estes factos ao afirmar «Quanto respeito, e reverencia q tem aos templos he grande e assi quando chegão a porta tirão os çapatos e entrão descalços, atee o mesmo Emp.or enquanto se diz a missa guardão m.to silencio, não riem nem falão huns co outros; e de nenhua man.ra cospem nunca dentro, ne deixão chegar caens da çerca pera dentro.»¹⁵⁷⁵ Pais enumera ainda outros exemplos da devoção abexim, como a presença dos fieis na Igreja no início dos officios, de madrugada, ou os que ficam em casa rezam até ao amanhecer, nem descurando as suas práticas religiosas mesmo em viagem¹⁵⁷⁶.

Todavia, não pode Pais eximir-se a apontar os numerosos erros praticados pela igreja abexim no que aos Sacramentos diz respeito. No que diz respeito ao Baptismo, já vimos as reticências dos padres católicos às práticas abexins¹⁵⁷⁷; além do mais estranham a repetição da cerimónia, tanto no Baptismo anual como em casos de apostasia, voltando a administrar o sacramento para reingresso na igreja¹⁵⁷⁸. O sacramento da Confirmação não existe na igreja etíope, como constata o P.e Pais, afirmando também «(...) mais he de maravilhar q não usão do sacram.to de extrema unção (...)»¹⁵⁷⁹.

A falta de rigor na aplicação de penitências é igualmente objecto de estranheza para o missionário católico, pois«(...) raram.te ou nunca obrigação aos penitentes, q paguem o dño q fizerão, ne restituão o fatto alheo q tomarão, som.te dizem não o façais mais.»¹⁵⁸⁰

¹⁵⁷⁴ *Ibd.*, pp. 38 e 418

¹⁵⁷⁵ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 132

¹⁵⁷⁶ «Tambem são mui devotos e assi com se começarem os officios em todas as Igrejas como canta o gallo, q será tres horas depois de mea noute, como dão sinal, (...), se alevantão homens e molheres e vão a Igreja (...)»; «Os q ficão em casa, muitos rezão atee amanhecer oraçoens ou psalmos de David, ou lem por S. Paulo ou o Evangelho. E o q mais he q quando caminham, (...) todo o homem honrado leva hi criado co o livro de rezar e estante de ferro delgado, afforrado de couro vermelho, de modo q se possa dobrar; e [parando] (...), se assentão logo a rezar, não porq tenham obrigação, senão por sua devoção e ser já costume comu.», *ibid.*, Vol. I pp. 176/177

¹⁵⁷⁷ *Vide*, Capítulo III, ; Pais diz-nos ainda « Neste gaurdão alguns dos Ethiopes quando bautizão a verdad.ra forma, mas os mais, e ainda frades bautizão sem a saber; (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. II, pp. 73/74

¹⁵⁷⁸ Cf. «(...) êles não têm aqui mais do que lançar-se com os mouros e fazem-se mouros, e, se querem tornar, tornam a baptizar-se e ficam perdoados e cristãos como dantes ; (...)», Álvares, *op. cit.*, p. 319; « (...) quando algu q se fez mouro e , ou gentilizou vem, e dia q errou, e q se quer reduzir, tornão o bautizar, e quando muito lhe dão alguma penitencia;», Pais, *op.cit.*, Vol. I, p. 153

¹⁵⁷⁹ *Ibd.*, Vol. II, p. 78

¹⁵⁸⁰ *Ibid.*, p. 80

Todavia como afirma o mesmo autor a prática de jejuns e penitências é corrente entre os fieis abexins¹⁵⁸¹, especialmente durante a Quaresma, que segundo o P.e Álvares se inicia após o Domingo da Sexagésima, cerca de dez dias antes da Quaresma católica. Este período reveste-se de grande rigor e abrange velhos, doentes e até crianças¹⁵⁸²: os frades comem uma vez ao dia e apenas ervas; as mães apenas dão leite aos filhos uma vez ao dia. Segundo este autor a alimentação resume-se praticamente a pão e água e algum peixe¹⁵⁸³. Pais especifica esta prática,

«Em a quaresma jejuão todos e não comem ate posto o sol, ne bebem gota de agoa ainda m.tos q são doentes e alguns particularmente frades estão dous dias sem comer e mais.Os sabbados não jejuão, mas em lugar delles jejuão sete dias antes q entre nossa quaresma, começando da 2ª feira depois da sexagesima; e alguns por mais penitencia comem huas sementes amargosas e ainda erva babosa.»¹⁵⁸⁴

Este jejum, de tal forma rigoroso, afecta a capacidade de resposta dos etíopes às investidas dos seus inimigos, como nos refere Francisco Álvares a propósito dos ataques dos gentios no Gorage ou das investidas mouras nas regiões a Levante¹⁵⁸⁵.

As práticas penitenciais são também intensas durante este período, especialmente entre os religiosos de hábito. Pais refere a prática de longas orações de pé; Álvares narra a história do frade que encontraram em Janamora, quando iam para a corte e suas desconfianças infundadas sobre o seu parco regime alimentar¹⁵⁸⁶, além dos penitentes que dormiam na água, num tanque em Aquaxumo nas quartas e sextas-feiras da Quaresma. Face à estranheza de tal costume, Álvares averigua e revela-nos «(...) achei o dito tanque cheio de estâncias de pedras pela borda,(...) , e

¹⁵⁸¹ « Jejuão todas as 4^{as} e sextas feiras do anno, excepto as depois da paschoa de ressurreição atee ao Spirito Santo. Comem à tarde quando a sombra temm oito pees(...). Não comem ovos, leite, ne manteiga, senão ervas e bem mal temperadas, grãos, lentilhas, favas e outras semnetes q tem: e peixe que o aha q há muito pouco (...);Tambem jejuão algus dias antes do natal, e quinze dias antes da assumpção de Nossa Senhora, mas não todos , porq isto he por devoção.» *Ibd.*, Vol. I, pp. 177/178

¹⁵⁸² Álvares, *op. cit.*, pp. 38/39

¹⁵⁸³ *Ibd.*, pp. 297/298

¹⁵⁸⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 178

¹⁵⁸⁵ *Vide*, Álvares, *op. cit.*, pp. 307 e 317

¹⁵⁸⁶ « (...)e, porque eu ouvira dizer por muitas vezes que havia aí muitos frades que não comiam pão e eu duvidava ser assim, vigiei sôbre êste frade e de dia e de noite olhava por êle, todo o dia ia como meu moço de esporas arrimado a mim e de noite dormia junto de mim no chão (...) e sempre em todo o tempo que o dito frade comigo esteve nunca lhe vi comer outra cousa que ervas, (...)» *ibid.*,p. 299

assim como cresciam em altura, assim cresciam as pedras umas sôbre as outras como que se assentavam sôbre elas até lhes dar água pelo pescoço (...)»¹⁵⁸⁷.

Outra estranha forma de penitência é-nos narrada por ambos os autores. Segundo Pais

« Tambem affirmão q antigamente alguns frades dos q estão em os desertos (q então erão m.tos) se metião em huas arvores q há muito grossas e lisas atee o alto, (...), fazendo desta maneira: pregavão estacas no tronco hua por cima de outra (...) e por ellas sobião atee altura q pudessem ficar seguros das feras, e aly cortavão e fazião hu buraco (...) quanto podia caber hu homem; e nella se metia hu frade e não sahia mais; ,outros lhe davão de comer atee q se fechava aquella casinha (q por dentro se torna a encher muito depressa) e assi o hia apertando ate q ficava aly morto e sepultado.»¹⁵⁸⁸

Álvares, satisfazendo a sua inesgotável curiosidade vai ver um penitente encerrado numa gruta, durante a Quaresma, relatando «(...) achámo-lo em pé metido em um tabernáculo de parede tamanho como êle, feito (...) como caixa sem cobertura muito acafelada com barro e bosta. Em outra tal lapa junto desta pousavam dois frades moços pequenos que administravam o comer das ervas.»¹⁵⁸⁹

Aliás o hábito das penitências entre os religiosos etíopes excede largamente o período da Quaresma. Alvares refere-nos restrições alimentares¹⁵⁹⁰ e o uso de cilícios, por vezes fabricados com cerdas de rabo de boi ou uma espécie de cinta de ferro¹⁵⁹¹. O isolamento e fuga do mundo é também uma prática frequente entre os religiosos. Pêro da Covilhã informa Francisco Álvares da existência de « (...) muitos que não tão somente não comiam pão entre a gente, mas que moravam nos grandes bosques e nas mais funduras e mais alturas dos montes, onde acham alguma água

¹⁵⁸⁷ *Ibd.*, p. 301

¹⁵⁸⁸ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 178

¹⁵⁸⁹ Álvares, *op. cit.*, pp. 299/300

¹⁵⁹⁰ Muitos frades por penitência não consomem pão todo o ano, como é o caso do frade que os acompanhou parte do caminho e cuja refeição consistia em agriões, fervidos, sem sal nem azeite. E « (...) sempre em todo o tempo que o dito frade comigo esteve nunca lhe vi comer outra cousa que ervas, seja, agriões, rabaças (...) e malvas e ortigões (...) e não achando ervas, lhe traziam os fradinhos lentilhas em um cabaço com água já nascidas com gomo fora, (...) e eu as comi e é a mais fria cousa de comer que há no mundo.», *ibid.*, p. 298

¹⁵⁹¹ *Ibd.*, pp. 299/300; Álvares procede à descrição do cilício de ferro na seguinte passagem: « (...) tomei o frade pela mão e o meti em uma nossa pousada e amostrei aquilo [o cilício] a Pêro Lopes, meu sobrinho e ainda mais achámos a esta cinta que era reunida de ambas as partes para a parte da carne com bicos grossos como serra de serrar madeira mal aguda (e tudo isto fora da Quaresma). »

onde gente viva nunca chegue.»¹⁵⁹² Também Pais alude a estes anacoretas, que passando muito tempo no deserto são considerados santos e as suas revelações muito consideradas. Alguns vivem em comunidades afastadas

«(...) e pera estarem mais livres da comunicação e trato da outra gente, alcançarão dos Emp.ores, q pera dentro de certos limites m.to longe de seus mosteiros ninguem pudesse lavar, nem povoar e de ordinario fazem (...) grandes penitencias (...); porq saem de dous em dous ou mais juntos a Jujuar debaixo d'arvores ou em lappas e não comem, senão a noute, alguas hervas ou ligumes; e bebem agoa; (...) trazem çiliçios de ferro, e fazem outras cousas muy extraordinarias;(...)»¹⁵⁹³

Segundo o P. Álvares, as principais festividades da igreja etíope são semelhantes às da igreja de Roma: Natal, Circuncisão, Epifania; Páscoa, Ascensão e Espírito Santo. Mas no reino de Tigre festejam ainda o santo Felipos A sua festa, o «*Castar Felipos*» é em Julho, durante o qual matam muitas vacas promessa dos lavradores a Felipos, que repartem pela gente, pois os frades não comem carne¹⁵⁹⁴. Pais refere outra festa em honra de Santo Aleixo, celebrada em Outubro em *Lalibelâ*¹⁵⁹⁵; alude também à celebração da Santíssima Trindade, de especial devoção na Etiópia¹⁵⁹⁶ e à festa da Exaltação da Santa Cruz durante a qual se fazem grandes festejos¹⁵⁹⁷. Álvares menciona ainda as celebrações do dia de Ramos no qual «(...) começam suas matinas pouco mais de meia-noite, e têm seu cantar e bailar com todas

¹⁵⁹² *Ibd.*, p. 301; Covilhã exemplifica, mostrando a Álvares um desfiladeiro, com uma queda de água e « (...) na qual fundura me mostrou (...) uma lapa que escassamente aparecia, dizendo que ali morava um frade que haviam por santo (...). E em uma ladeira desta fundura me mostrou onde se finara um homem branco, (...) que bem vinte anos fizera vida em aquêl ermo (...) e que não souberam o tempo de sua morte, somente não o sentindo (...) foram ver a sua estância ou lapa e acharam-na tapada da parte de dentro de boa parede (...)», *ibid.*, pp. 301/302

¹⁵⁹³ Pais, *op. cit.*, Vol.II, p. 157

¹⁵⁹⁴ Álvares, *op. cit.*, pp. 42/43

¹⁵⁹⁵ « Em Outubro fazem ahi grande festa a hu Galrâ Christos, q o tem por m.to grande santo e quer dizer Aleixo e dizem q foi f.º de Theodosio rey de Constantinopla, (...) Parece q compreendem a historia de S. Alexo romano. Juntasse então grande multidão de gente de diversas partes; porq lhes metem em cabeça os frades q aly estão, q todo aquelle q lá for hua vez se há de salvar (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 129

¹⁵⁹⁶ *Ibd.*, p. 14

¹⁵⁹⁷ « (...) fazem muito grande festa, balhando toda aquella noute; (...); e o mesmo dia, antes de amanhecer, andão os mancebos, e meninos co fachas açezas muito compridas feitos de paozinhos delgados muito secos gritando e pedindo a Deos co palavras de grande alegria, q os deixe chegar ao outro anno, e quando amanhece açendem muita lenha, q tem junta.» Depois da missa desse dia «(...) vão muitos mancebos bailar á porta do Paço, e mandalhes [o imperador] dar ouro ou dez vaccas; depois andão pellas casas dos senhores balhando e tambem lhes dão vaccas, ou fatto, co q as comprem; em isto gastam outo dias. Atee os gentios, q não obedecem ao Emperador, fazem esta festa, acendendo grandes fogos, e matando muitas vaccas.» *ibid.*, Vol. I, p. 127

suas imagens e retábulos até manhã clara, e, sendo horas da prima, tomam os ramos que cada um tem nas mãos na igreja ou à porta (...)metem-se os clérigos com os ramos na igreja e lá cantam grandemente e a gram pressa (...)», seguindo-se procissão em redor da igreja e missa¹⁵⁹⁸ Descreve igualmente a celebração da Semana Santa, durante a qual os etíopes observam grande respeito, evitando as saudações e vestindo-se de preto e azul, celebrando a Paixão de Cristo¹⁵⁹⁹ nos seus ofícios,

Dia de Páscoa, pela meia noite começam as matinas, antes de amanhecer fazem procissão, dizem missa à noite, guardando toda a semana até segunda –feira de Pascoela. Francisco Álvares assiste ainda à cerimónia da consagração da igreja de Macha Celacem para a transladação do pai do Preste, que iniciara a sua construção, desenrolando-se um longo ofício presidido pelo *Abuná*, que dura de manhã à noite, durante o qual os clérigos abexins « (...) fizeram grande ofício de cantar e tanger e bailar e saltar.»¹⁶⁰⁰.

Uma celebração que merece especial relevo é a da Epifania devido à cerimónia do Baptismo anual, prática desconhecida dos católicos. Segundo Pais «Todos os annos se rebautizão dia da Epiphania em memoria q aqllle dia se bautizou Christo Nosso Snor no Jordão; e segundo me affirmarão dizem a forma do sacram.to e o tem por verdadeiro bautismo; (...)»¹⁶⁰¹. A cerimónia realizava-se num tanque de água benzida e, como nos relata Francisco Álvares «Em tôda esta noite,(...), e quási meia noite, (...), começaram o baptismo, (...) o primeiro que se baptiza é o Preste e após êle o Abuná e após êle a Raínha. Estas três pessoas dizem levar panos em suas

¹⁵⁹⁸ Álvares, *op. cit.*, p. 303

¹⁵⁹⁹ « Na quinta-feira, horas de vésperas, fazem mandato, seja, ofício de lavar pés e ajunta-se o povo todo na igreja e o maior da igreja se assenta em uma tripeça com uma toalha cingida e grande bacia de água diante começando a lavar os pés dos clérigos e acaba em todos. E acabado começam seu cantar e cantam tôda a noite e não saiem mais da igreja os clérigos e frades e os zagonais nem comem nem bebem até sábado (...)». Ao meio-dia de sexta-feira enfeitam a igreja, principalmente na porta principal, com o que de melhor têm, e aí, onde se junta a gente, têm um crucifixo de papel, tapado por uma cortina: « cantam tôda a noite, e todo o dia têm a Paixão,e, ela acabada, tiram a cortina de sôbre o crucifixo e êle descoberto deitam-se todos pelo chão, baqueiam-se e dão-se bofetadas uns aos outros e dão com as cabeças nas paredes e assim dão bofetadas cada um em si e punhadas. Dura êste pranto bem duas horas, acabando vão-se por cada porta do circuito (...) e são três portas em todas as igrejas e a cada uma estão dois clérigos cada um de seu cabo e cada um tem na mão um azorrague pequeno com cinco correias e todos os que estão nesta ante-porta saem (...) despidos da cinta para cima, e passando se abaixam e os que estão com os azorragues não fazem senão dar enquanto estão quêdos.», *Ibd.*, pp. 304/305

¹⁶⁰⁰ *Ibd.*, p. 268

¹⁶⁰¹ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 74

vergonhas e todos os outros como os pariram suas madres e sendo horas quási o sol saído e o baptismo na maior sua fôrça.»¹⁶⁰²

Como nos relata Pais, mais pormenorizadamente, depois de sagrada a água, o abade despe-se e entra na água até ao peito, onde é baptizado por dois sacerdotes, baptizando-os ele depois. « (...) entretanto estão todos os outros sacerdotes dentro d' agoa cantando, e dando co hua mão na outra em sinal de festa, e logo hu bautiza a outro repetindo a forma.(...) mas aos Diaconos, e seculares homens e molheres lhes poem o sacerdote a mão na cabeça , e os faz mergulhar tres vezes dizendo a forma do bautismo.»¹⁶⁰³ Quanto ao Imperador, « (...) punhão hua tenda na agoa e o Patriarcha os bautizava dentro do tanque com hum pequeno pano cingido pella cinta e todos os mais entrão nus.»¹⁶⁰⁴

Oa autores refrem ainda romarias a túmulos de santos locais e peregrinações a Jerusalém, que se revelam muito difíceis «(...) co ser caminho m.tº comprido e trabalhoso, assi pella muita aspereza, como pellas muitas calmas das terras por onde paixão.»¹⁶⁰⁵, assim como pelo perigo de ataques mouros, como o que se verificou na época de Álvares¹⁶⁰⁶.

Mas a despeito da dedicação abexim à sua crença, também nos territórios do *Preste* encontramos sinais de seitas tidas como heréticas. Álvares refere uma suposta ordem de Estefarruz, os construtores de cruzes, que não as adoram pois as têm por simples artefactos feitas por mãos humanas¹⁶⁰⁷. Pais refere outra seita local, fundada por um frade, Za Christos, que se procalmou Messias, passando os seus seguidores a viver em Amhará, apesar das ameaças do Imperador continuaram a pregar, concluindo Pais «(...) q co m.ta dificuldade se hade acabar de apagar este fogo.»¹⁶⁰⁸

Embora Álvares refira a não existência de judeus nos reinos do *Preste*, Pais afirma, pelo contrário, a sua presença e de seus descendentes, acantonados em serras

¹⁶⁰² Álvares, *op. cit.*, pp. 252/253

¹⁶⁰³ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 75

¹⁶⁰⁴ *Ibd.*, pp.75/76

¹⁶⁰⁵ *Ibd.*, p. 177

¹⁶⁰⁶ Álvares assiste à partida de uma peregrinação de frades, clérigos e freiras de Barué, que , atacada pelos mouros no caminho, são mortos os mais velhos e vendidos como escravos os mais novos, apenas escapando quinze membros da expedição. *Vide*, Álvares, *op. cit.*, pp. 352/354

¹⁶⁰⁷ « Estes têm êles por muito maus e dizem que queimam muitos, por haver entre êles heresias, assim como não adorarem a cruz. Estes são os que fazem as cruzes (...) e a sua opinião é que não temos mais de uma cruz de adorar e que é aquela em que Jesus Cristo padeceu e que as cruzes que êles fazem (...) não são de adorar porque são feitas por mãos dos homens e outras heresuas que dizem, têm e fazem.», *ibid.*, p. 100

¹⁶⁰⁸ Pais, *op. cit.*, Vol. II, pp. 70/73

abruptas, especialmente na província de Cemên, no centro da Etiópia, onde resistem às tentativas de conversão do Imperador, originando confrontos militares¹⁶⁰⁹. Pais menciona ainda «(...) muitos generos de idolatria, q ainda agora estão tão fixos em muitas terras de christãos, (...), q não há poder acabar de tirar, q não adorem as cobras e outros animais, ne offereção muitas sortes de sacrificios ao demonio em as fontes do Nilo, e nos mais altos montes q podem achar; nem falta ao demonio ministros, (...)»¹⁶¹⁰. Estes rituais feitos por feiticeiros dos Agôus de Gojâm, no alto das serras e junto às nascentes do Nilo e fortemente contestados pelos missionários, é descrito em pormenor e desconstruído por Pais¹⁶¹¹.

¹⁶⁰⁹ *Vide, ibd.*, pp. 18 e 53

¹⁶¹⁰ *Ibd.*, Vol. I, p. 75

¹⁶¹¹ « (...) antigamente vinha em certo dia do anno seu feiticeiro, a que tinham por sacerdote, e sacrificava hua vacca perto da fonte e botava a cabeça nella e a fazia hir ao fundo; e logo hia pera aquelle bico, onde fazia solemne sacrificio, matando m.tas vaccas, q os gentios lhe trazião; e depois se cobria todo co o sevo dellas e assentavase em hua cadeira de ferro, q tinha posta no meyo de muita lenha secca, e mandava por fogo e estava dentro delle (...) sem se queimar ne ainda derreterse o sevo. (...) e co estas feitiçarias enganava aquella gente, de maneira q o tinham por grande santo e lhe davão quanto fatto queria.», *ibd.*, p. 215

2-No Diálogo de Olhares: a Verdadeira Informação... e a História de Etiópia

Como refere Ana Paula Avelar, «(...) o propósito autoral enforma o discurso, condicionando a expressão dessa realidade(...)», segundo linhas programáticas, ideários e estratégias subjacentes ao discurso¹⁶¹². Daí a posição de Horácio Peixoto de Araújo ao questionar a asserção de olhar ingénuo dos viajantes no caso dos missionários jesuítas de finais do século XVI e do XVII, pois estas viagens são realizadas «(...) com objectivos previamente definidos e bem precisos, o que, à partida, representava já uma forte condicionante do “olhar“.»¹⁶¹³

De facto, e a despeito dos objectivos de autenticidade almejados por ambos os autores, a visão que nos legaram é produto de «(...) uma construção do objecto, segundo condições culturais e mentais do observador(...)»¹⁶¹⁴, remetendo-nos para

¹⁶¹² Sobre as intencionalidades de cada um dos autores *Vide*, cap. II,

¹⁶¹³ Horácio Peixoto de Araújo, « O fascínio do diferente nos relatos de viagens pelo Oriente», pp.37

¹⁶¹⁴ José da Silva Horta, *op. cit.*,p. 261

uma noção de «reconstrução» ou «recriação»¹⁶¹⁵, assim como para os conceitos de *imagem* e de *alteridade*. Como refere Ana Paula Avelar, as viagens marítimas provocaram o confronto com uma diferente realidade e tornaram necessária a sua apreensão e descrição; «o processo encontrado para a exposição do olhar reportar-se-á igualmente aos desígnios propostos pelo sujeito autoral, pelo solo da sua vivência, pelo objectivo da sua escrita.»¹⁶¹⁶, afastando a nossa compreensão histórica actual de qualquer veleidade de acesso a uma perfeita objectividade dos textos estudados.

Entrando já numa fase de certa forma conclusiva do nosso trabalho, importa agora apurar as formas de construção da visão do *Outro* nos nossos autores. Que tipos de representação veiculam eles das terras e da sociedade abexim, representação essa construída a partir do *Eu* social, cultural e pessoal do autor.

Com efeito, estes relatos representam a transposição para a escrita do conhecimento de uma realidade exterior e estranha ao autor e sua inserção nas categorias mentais e formas de representação da cultura de onde procede, para simultaneamente poder ser transmitida de forma assimilável ao público europeu. Ou seja, como num jogo de espelhos, o encontro com e a descrição do *Outro*, ao mesmo tempo reflecte o *Eu* de um autor, da sociedade e da época em que se insere e contribuí para a sua auto-identificação. Nas palavras de Ana Paula Avelar «Este é, com efeito, um *saber construído* que, sem dúvida, desvenda muito mais sobre o observador do que sobre o observado.»¹⁶¹⁷.

¹⁶¹⁵ *Ibd.*

¹⁶¹⁶ Ana Paula Avelar, *op. cit.*,p.117

¹⁶¹⁷ *Ibd.*,p.188

2.1. A Construção da Visão do *outro* em Francisco Álvares e Pêro Pais

«(...) porq demais de ser religioso, a quem pertence dizer singelamente a verdade do que souber, nem pera engradecer aquelles [os portugueses] me poderá mover a carne e o sangue, nem pera desfazer em estes [os etíopes] me incitará desgosto particular, antes lhes tenho muitas obrigações(...)»

Pêro Pais, *História de Etiopia*

Tendo em conta estas considerações procuraremos seguidamente aferir a valoração feita da sociedade e terra etíope pelos dois autores estudados, e a sua proximidade em relação a conceitos valorativos gerais de carácter dual, que balizam a percepção geográfica e antropológica coeva, como as categorias de próximo/distante; conhecido/desconhecido; selvajaria/polícia; bestial/humano; branco/negro; cristão/mouro/gentio; engenho/primitividade, não deixando porém de apreender as gradações de classificação, existentes dentro da sociedade observada¹⁶¹⁸.

Ora a compreensão do *Outro* engloba igualmente o quadro físico que o cerca; desta forma a própria natureza é ela também um elemento de alteridade, que modela o modo de vida das sociedades locais e condiciona a observação e os juízos dos autores¹⁶¹⁹. Sendo este reino do *Preste* uma realidade essencialmente territorial¹⁶²⁰, a visão da natureza prende-se com as agruras sentidas no caminho terrestre face a extremos climáticos, ao dramatismo da orografia; à grandiosidade dos recursos fluviais; em suma, uma natureza frequentemente hostil ao viajante europeu, na sua

¹⁶¹⁸ Vide, Francisco Bethencourt, «O Contacto entre Povos e Civilizações-Estereótipos Descritivos» in, *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Temas e Debates, 1998, pp.102/104; Luís Filipe Barreto, *op. cit.*, p. 46; José da Silva Horta, *op. cit.*, p.276

¹⁶¹⁹ Vide, Michel Mollat du Jourdin, *op. cit.*, p.307

¹⁶²⁰ Vide, Cap. III,

imensidão, desmesura, e condições meteorológicas extremas e, que embora funcione como uma mera contextualização das missões que, quer Álvares, quer Pais, devem desempenhar, constituem uma importante vertente das narrativas, pelas condicionantes que a sua dimensão e estranheza impõe, como pelo maravilhamento, que frequentemente, desperta nos autores.

Álvares sublinha as dificuldades do relevo ao avançar penosamente com a embaixada por entre as «fragosas terras e ribeiras», grandes arvoredos e toda a espécie de animais selvagens. Por exemplo acerca da distância entre o mosteiro de S. Miguel e o de Bisão «(...) é uma légua de mui fragosa terra, está em um pico mui alto e para toda a parte dele olhando *parecem as profundezas do inferno.*»¹⁶²¹ Esta comparação dos desfiladeiros e a paisagem infernal é repetida, no desfiladeiro de Aquia Fagi (ou morte de asnos), no qual «Ouvimos dizer que morreram nesta noite nestes passos homens e mulheres e muitas mulas e asnos e sendeiros e bois de carga achámos muitos mortos. (...)»¹⁶²². De igual forma se refere o P.e Pais, embora de forma menos constante, à dificuldade dos caminhos e da agressividade do relevo, especialmente no Inverno, na época das chuvas, sendo além do mais alvo de ataques de ladrões e mouros (estes nas terras de fronteira) na época de Álvares e das incursões dos temíveis Gâlas, no período de Pais.

Além das terríveis funduras das serras etíopes, existem também largas campinas e numerosos vales e ainda os planaltos no cimo das serras, onde Álvares não deixa de anotar as plantações e culturas, além dos prados, das ribeiras para rega e da abundante criação de gado. Este aspecto sobrepõe-se ou, pelo menos iguala as referências aos animais bravios, que são objecto de constatação principalmente pelo perigo que constituem e pela sua admirável abundância. A abundância de gado bovino é verificada por Pais¹⁶²³, assim como a abundância de vegetação desconhecida na Europa. Mas em relação ao espaço natural etíope, o que particularmente fascinou este autor foi a diversidade e abundância da vida selvagem (felinos, símios, as diversas espécies de aves¹⁶²⁴, peixes nos lagos), especialmente o carácter exótico de

¹⁶²¹ *Ibd.*, 39

¹⁶²² *Ibd.*, p. 239

¹⁶²³ « De vaccas há grande multidão e em algumas partes do Reino de Tigrê, como na provincia de Amacen, de Bur e outras, parem mais vezes q as da europa, porq gozam de dous Invernos, em q achão grandes Ervas, (...); e assim pera aquella parte onde he Inverno levão sempre as vaccas (...), q ainda q chove muito não faz frio.», *ibid.*, pp.195/196

¹⁶²⁴ É a propósito das aves que pais faz uma alusão à falta de conhecimentos cinegéticos dos etíopes: «Aves de rapina há m.tas e de diversas especies, como gavioens, falcoens, açores, q matão m.tas

algumas espécies, quer pelo seu aspecto estético, como pela sua estranheza ou ferocidade. Estão na primeira categoria as pormenorizadas e encantadas descrições que nos dá da girafa, cujo corpo coberto de «(...) rodas muito vermelhas tão grandes como a palma da mão, q lhe dão muita graça(...)»¹⁶²⁵ e da zebra, «(...) de estremada fermosura; porq parece q os estiverão pintando cõ pincel(...)»¹⁶²⁶; a estranheza em relação ao rinoceronte, do qual «(...) affirmão q tem o Corpo tão grosso ou mais q hua vacca, os olhos m.to pequenos e a pelle tão dura q co diffuldade a podia passar hua lança; (...)»¹⁶²⁷; e o espanto perante a ferocidade dos hipopótamos do lago Dambiã, dos quais afirma «A cousa mais fera e monstruosa q nesta lagoa há, he hu animal, a q a gente da terra chama Gumari e os Portugueses, q vierão co Christovão da gama, chamavão Cavallo marinho, e parece q o será, conforme ao q ouvi dizer na India aos q virão Cavallos Marinhos.»¹⁶²⁸.

Mas a nível valorativo a sua visão prende-se essencialmente com a capacidade abexim de aproveitamento dos recursos oferecidos pela terra, evidentemente insatisfatória para o autor. O olhar do autor acusa as potencialidades desperdiçadas da terra e anota as ausência das culturas valorizadas em Portugal: acerca do mosteiro de Bisão, no reino de Tigrei, afirma «Estes frades deste mosteiro (...) *podiam fazer bemfeitorias* de criar árvores e vinhas, fazer jardins e hortas por seus exercícios e *nada fazem*. A terra é para dar tudo segundo se vê pelo que está ermo e *êles não plantam nem criam outra nenhuma cousa q*, senão milhos e colmeias.»¹⁶²⁹. Considera igualmente, a propósito de um passo na paisagem, que «As mais das matas destas serranias são mui grandes azambujais de que se *poderiam fazer bons olivais.*»¹⁶³⁰ A «falta de engenho» ou de conhecimentos técnicos dos habitantes locais a nível do aproveitamento dos recursos agrícolas é frequentemente sublinhado «(...) neste tempo [da Quaresma] não há aí berças que êles as não têm senão enquanto chove, *por seu mau engenho*, porque há aí muitas e boas águas para hortas e pomares e outras bem feitorias se fazer quisessem.» e referindo-se à entrada

perdizes, e galinhas do matto; e alguas vezes se arremessão aos de casa, mas a gente não sabe caçar co elles.» *ibid.*, p. 205

¹⁶²⁵ *Ibid.*, p. 197

¹⁶²⁶ *Ibid.*, pp. 197/198

¹⁶²⁷ *Ibid.*, pp. 196/197

¹⁶²⁸ *Ibid.*, p. 234

¹⁶²⁹ *Ibid.*, p. 43

¹⁶³⁰ *Ibid.*, p. 47

do reino de Amara, vindo de Angote, afirma «Estas campinas não eram aproveitadas senão de pastos por serem apaúladas e *não saberem tirar as águas (...)*»¹⁶³¹. Da mesma forma é apontada a falta de empenho no reino de Xôa, «Não viram a nenhum lavrador e morador seis alqueires de sementeira, sendo a terra a melhor que se possa dizer, *porque não há quem a queira aproveitar.*»¹⁶³² Acerca das plantas de fruto e ervas de cheiro que crescem bravas nos vales do mosteiro de S. Miguel, no Tigrei, «(...) e tudo mal aproveitado porque *não são homens bemfeitores (...)*»¹⁶³³.

Idênticas considerações são feitas em relação às práticas de caça e pesca, especialmente a primeira, desporto apreciado e com notórios fins práticos entre os membros da embaixada, como é plenamente exemplificado pelo autor em diversas passagens. A abundância de caça e pesca é apontada pelo autor, que simultaneamente refere a falta de capacidade etíope como um sinal de atraso técnico/cultural¹⁶³⁴. Daí a crítica do autor, dirigindo-se, não sem espanto de tal desperdício, aos seus possíveis leitores europeus: «Dirão que como há aí tanta caça na terra e pescado no rio, sendo a terra tão povoada? Digo que ninguém caça, nem pesca, *nem tem engenho, nem maneira, nem vontade para o fazer, por isso é a caça muito boa*, porque não é corrida da gente.»¹⁶³⁵

A mesma incapacidade técnica é referida quanto aos recursos minerais; o ferro do reino de Angote tem uma utilização limitada¹⁶³⁶ e no seu relatório ao arcebispo de Braga, Álvares anota sucintamente que «Na terra há ouro e prata, cobre, estanho e não o sabem tirar das minas.»¹⁶³⁷

Deparamos com idênticas constatações por parte do P.e Pêro Pais, coincidindo de perto com as observações de Francisco Álvares: «Tudo o q se semear e plantar nesta terra, parece q se dará, particularmente oliveiras; porq há m.tos zambugeiros, e tem o fruto quasi tão grande como azeitonas; não porq os enxertassem nunca, *q elles não o sabem fazer*, senão por a terra lhes ser

¹⁶³¹ *Ibd.*, p.163

¹⁶³² *Ibd.*,p.173

¹⁶³³ *Ibd.*,p. 29

¹⁶³⁴ « Não se espante quem isto ouvir ou ler, como pode haver caça em terra campina e de tanta povoação, porque (...) não matam nem sabem matar senão algumas perdizes, que matam com frechas, e outras muitas caças não matam porque as não comem, outras porque *não sabem nem tem engenho para isso (...)*»; «(...) porque ainda que queiram comer peixe [durante a Quaresma] (...) não o têm do mar e nas águas doces muito pescado há onde há ribeiras, e, porém há aí *muito pouco engenho* para os tomar (...)», *ibd.*, pp.75 e 297

¹⁶³⁵ *Ibd.*,p.59

¹⁶³⁶ *Vide, ibd.*,p. 127

¹⁶³⁷ *Ibd.*, p. 421

acomodada.»¹⁶³⁸. Novamente é assinalada a falta de empenhamento além dos conhecimentos técnicos quando o autor assinala que na terra de Dambiã «(...) se puderão fazer ortas de m.ta recreação, *se a gente fora curiosa, mas não se dão a isso; (...)»*¹⁶³⁹, ou mesmo na forma de atrelar os animais às charruas, que limitam o seu rendimento¹⁶⁴⁰, sendo, de resto, as terras consideradas férteis e «*abundantes de mantimentos*» como tendo em geral um clima ameno e sadio¹⁶⁴¹. As mesmas considerações de insuficiência técnica se repetem relativamente à mineração¹⁶⁴².

Em relação aos habitantes, as primeiras impressões ligam-se como vimos, à cor da pele e outros traços somáticos, assim como ao vestuário ou a exiguidade deste, As gradações da cor da pele são devidamente assinaladas neste povo de cor escura, mas apesar de tudo, cristão. Assim descrevendo um fidalgo, Álvares tem uma apreciação positiva, pois este, «(...) em sua pretidão era gentil homem (...)»¹⁶⁴³. Esta apreciação positiva estende-se a outros fidalgos e dignitários: o *Tigremahon* é «(...) um velho bem apessoado e reverendo(...)»¹⁶⁴⁴; o *Preste* é de cor castanha, não muito escuro, e apesar disso de boa presença, ou como diz o autor, «(...) em sua cor bem gentil(...)»¹⁶⁴⁵. Na referência à comitiva da rainha moura de Adea, não deixa de apontar a cor «não muito preta» dos seus membros¹⁶⁴⁶; sobre os habitantes das terras dos cafates afirma-nos que é «(...) gente não muito preta e grandes de corpos.», embora fossem gentios que atacavam os súbditos do *Preste*¹⁶⁴⁷. Já para além dos limites ocidentais do reino, após uma região desértica, existiria «(...) mui ruim gente, muito preta e muito má.»¹⁶⁴⁸ Mas apesar da consideração favorável quanto ao aspecto da população abexim, a distinção é clara, em relação com os povos do médio

¹⁶³⁸ Pais, *op. cit.* Vol. I, ,p. 211

¹⁶³⁹ *Ibd.*, p. 232

¹⁶⁴⁰ « (...) os Campos não os lavrão de nenhuma maneira senão com bois; e poemlhes o jugo no pescoço da mesma maneira q em Espanha os poem as mullas, e assi cansão muito e lavrão pouco.», *ibd.*, p.182

¹⁶⁴¹ *Vide, ibd.*,pp. 208 e 212

¹⁶⁴² «(...) só ouro sahia do Imperio; porq co isto ciontratão co os mercadores de outras naçoens; e prata nenhuma (...), antes a trazem sempre comprada do porto aos Turcos (...); não porq faltem minas de prata, senão porq parece q a não sabem tirar (...)»; na terra de Ombarêa, perto de Gojâm, «(...) há bom ouro, mas ne aly o sabem tirar, q são Cafres buçais e grosseiros.», *ibd.*, pp.95 e 209

¹⁶⁴³ *Ibd.*,p. 19

¹⁶⁴⁴ *Ibd.*, p. 102

¹⁶⁴⁵ *Ibd.*,p. 214

¹⁶⁴⁶ *Ibd.*, p.333

¹⁶⁴⁷ *Ibd.*,p. 360

¹⁶⁴⁸ *Ibd.*,p. 162

Oriente e europeus, afirmando « (...) e porque os de Jerusalém são gente branca, a nós quando a este, terra chegámos nos chamavam cristãos de Jerusalém.»¹⁶⁴⁹.

E o atestado de menoridade dos negros é expresso face à coragem dos europeus na passagem em que os carregadores negros são apresentados como puerilmente medrosos quando param e descarregam a bagagem com medo de ladrões e ao decidirem, os chefes da embaixada, partir, «(...) espantavam-se muito os negros do coração, de dez ou doze homens não temerem passar tão fortes montanhas onde lhe diziam haver multidões de ladrões.»¹⁶⁵⁰

As considerações de Pais quanto à caracterização das populações do império etíope quanto à categoria fenotípica é mais precisa e abrangente. Como nos declara,

« Os moradores destes reynos e provincias cômumente são de côr baça, mas alguns se achão quasi tão alvos como Portugueses, entre os q chamão Agôus e Gongôs do reyno de Gojâm, e entre os Hadiâs; outros são muito pretos. Tem ordinariamente boas feiçoens no rosto; os corpos fortes e robustos, soffredores sobremaneira de trabalhos, fomes, sedes, calmas, frios e vigias.»¹⁶⁵¹

De igual forma nos descreve o Imperador coevo, de cor baça, «(...)olhos grandes e fermosos; o nariz afillado, os beiços delgados, a barba preta(...)», considerando-o «(...)de corpo dos mais bem dispostos de sua Corte(...)»¹⁶⁵². Apesar da cor, o tipo físico etíope é positivamente valorado por Pais, que afirma serem os habitantes no seu geral «(...) comum.te m.to bem estreados, de cor baça, beiços delgados, narizes proporcionados e olhos grandes e fermosos, (...) ainda q em algumas terras, q o Emp.or senhorea, aja Cafres feos, a que os Abexins tem por escravos.»¹⁶⁵³, estabelecendo uma clara distinção entre os abexins e os cafres, gentios, negros e feios. No referente às mulheres afirma mesmo serem «(...) algumas (...) quasi tão alvas como Portuguesas(...)»¹⁶⁵⁴.

A falta de pudor no vestuário, especialmente no feminino, é convenientemente assinalado no seu desvio às regras morais europeias, na revelação do corpo, afirmando Francisco Álvares: «As mulheres casadas trazem mui pouca

¹⁶⁴⁹ *ibid.*, p.355

¹⁶⁵⁰ *Ibid.*, pp. 46/47

¹⁶⁵¹ Pais, *op.cit.*, Vol.I, p. 16

¹⁶⁵² *Ibid.*, p. 119

¹⁶⁵³ *Ibid.*, Vol. II, pp. 133/134

¹⁶⁵⁴ *Ibid.*, Vol. I, p. 168

cobertura, e menos vergonha as solteiras (...)»¹⁶⁵⁵, comentando mais à frente que «As moças andam de mal em pior, são mulheres de vinte ou vinte e cinco anos, e trazem as mamas até à cinta e descoberto seu corpo galante cheio de continhas por cima dele.»¹⁶⁵⁶. Quanto a Pêro Pais refere as limitadas possibilidades do vestuário do povo, não deixando de mencionar, sem emitir considerações morais, o costume frequente de as mulheres usarem os peitos descobertos.

Os sinais de grandeza e riqueza são procurados na apreciação das vestes dos grandes senhores¹⁶⁵⁷, ideia expressa na consideração de Álvares sobre a rainha de Adea: «Vinha esta Rainha bem como rainha(...)»¹⁶⁵⁸. No entanto as tentativas de equiparação com o modelo europeu são por vezes defraudadas, para espanto do autor, como no caso da indumentária do chefe militar Rás Aderrão, que o autor encontra por duas vezes na corte do *Preste*¹⁶⁵⁹, ideia que o autor expressará no relatório do Arcebispo ao referir: «Fidalgos e religiosos, cónegos e clérigos andam vestidos a demais da outra gente, nus da cinta para cima e uma pele de carneiro pelo ombro atada do pé à mão.»¹⁶⁶⁰

Também o P.e Pais descreve pormenorizadamente o aparato nobre, anotando as similaridades com a indumentária turca e as crescentes influências portuguesas¹⁶⁶¹ na moda da corte ao referir o facto de o Imperador «(...) atee agora pouco tempo há q pos coroa como as nossas em chapeo de setim Carmesim de falda curta e a mesma q os de Portugal (...)»¹⁶⁶². O traje dos cortesãos é positivamente avaliado por Pais, quer no corte das vestes ou nos tecidos utilizados na época coeva, em comparação de uma época anterior, da qual refere, coincidindo com as descrições de Álvares, o hábito

¹⁶⁵⁵ Álvares, *op.cit.*, p.86

¹⁶⁵⁶ *Ibd.*, p.101

¹⁶⁵⁷ « E este Capitão [de Arquico] vinha desta maneira: trazia mui bom cavalo e trazia um bedém [túnica mourisca, curta e sem mangas] sôbre rica camisa mourisca e com êle trinta a cavalo e bem duzentos homens de pé.», *ibd.*, p.11

¹⁶⁵⁸ *Ibd.*, p.333

¹⁶⁵⁹ «(...) o vi diante da porta do Preste João andar sem camisa e da cinta para baixo mui bom pano de sêda e sôbre os ombros uma pele de um leão, e na mão direita uma azagaia e na esquerda uma adarga, e perguntei como andava um tão gram senhor da quela maneira, disseram que a maior honra que êle tinha pois era (...) rás dos chavas, que é (...) capitão de homens de armas, era andar como homem de armas.», *ibd.*, p.61

¹⁶⁶⁰ *Ibd.*, p. 418

¹⁶⁶¹ «Em a cabeça trazem alguns toucas como mouros; outros barretes redondos proporcionadamente altos, de panno vermelho, e de outas cores; e quando caminhâp poem chapeos como os nossos, mas não tão finos, e albornozes , ou farragoulos como Portugueses, q delles os tomarão.», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 168

¹⁶⁶² *Ibd.*, p.131

dos grandes senhores andarem em tronco nu cobertos com uma pele ¹⁶⁶³. O vestuário das senhoras etíopes é primorosamente descrito, não sem um certo encanto pelo P.e Pais, assim como os seus atavios, sejam os «(...)colares de ouro muito fermosos(...)» ou as grinaldas de pequenas flores de ouro e prata que as donzelas usam sobre as tranças ¹⁶⁶⁴, assim como o engraçado penteado das crianças ¹⁶⁶⁵.

Quanto à índole abexim, Francisco Álvares refere o seu carácter desconfiado ¹⁶⁶⁶, e podemos inferir, pelas descrições das andanças da embaixada pela corte abexim e relacionamento entre portugueses e os naturais, o seu carácter esquivo e por vezes fugidio, mas de uma forma geral amável e cortês. Daí o espanto e desagrado face às sanguíneas reacções dos membros da comitiva portuguesa em concorrência entre si, pois o recato, a compostura e a fleuma parecem fazer parte do temperamento abexim, como assinala devidamente o P.e Pais ¹⁶⁶⁷, que avalia favoravelmente, pelo menos os membros da corte, com os quais teria um convívio mais próximo, afirmando, «No entendimento, q he o melhor do homem, não lhes fazem comumente vantagem os melhores da Europa, como o temos bem experimentado na gente nobre(...)» ¹⁶⁶⁸; mas por outro lado sublinha o seu carácter pouco credível e fiável ¹⁶⁶⁹, especialmente dado a exageros.

Em 1520 o principal problema na coexistência entre europeus e etíopes pareciam ser os roubos, prática frequente na Abissínia coeva, segundo o relato de Álvares ¹⁶⁷⁰ De qualquer forma o convívio entre abexins e o P.e Francisco Álvares parece ter sido fácil e agradável com numerosas referências a várias personagens com quem travaram relações de amizade e mesmo sentimentos de empatia pela

¹⁶⁶³ « Acerca dos trajos, antigamente erão roins; porq ainda os senhores grandes, pello menos quando andavão na Corte, e entravão np Paço, não vestião camisa, senão hu Valção largo, q lhe chegava atee perto do pee, s'algodão preto ou vermelho; e hu pano comprido d'Algodão ou de seda em lugar de cappa; e quando entravão no Paço o singião na cinta de maneira q lhes cahia até perto dos pees e o demais do corpo ficava nuu(...)», *ibd.*, pp. 166/167

¹⁶⁶⁴ *Ibd.*, p. 169 e 168

¹⁶⁶⁵ *Ibd.*, p. 168

¹⁶⁶⁶ Álvares, *op. cit.*, p. 28

¹⁶⁶⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.16

¹⁶⁶⁸ *Ibd.*

¹⁶⁶⁹ Acerca das mentiras dos etíopes: « (...) o Emperador Malâc Çaguêd, (...), trazia muitas vezes por proverbio, mintiras de Ethiopia e cobiça de Egipcios, do q eu pudera aqui trazer muitos exemplos das cousas q tenho visto do anno de 603, q entrei em Ethiopia (...)», *Ibd.*, p.8

¹⁶⁷⁰ Junto ao arraial do Preste, enquanto aguardam: « O Capitão (...) e o frade nos avisavam que olhássemos bem por nossa fazenda, que havia na terra muitos ladrões e os frangues [ocidentais –nota 1], que na terra eram, assim no-lo diziam, ainda mais diziam que haviam aí rendeiros e capitães de ladrões e que pagavam renda do que furtavam.», Álvares, *op. cit.*, p. 176

população, expressos em determinados momentos¹⁶⁷¹ e também o P.e Pais, como já vimos, goza de um bom acolhimento na corte, como ele não deixa de referir «(...) porq (...) sempre me fizerão muitas honras e merces sobre merces, não somente os Principes e Grandes , mas em particular tres Emperadores (...)»¹⁶⁷².

2.2. Transmutação dos *Olhares*: de Francisco Álvares a Pêro Pais

«(...) permitindo assi Deos N. Snor., porq não acabem de destruir esta tam antiga christandade, q , ainda q inficcionada co alguns erros, sempre ouve alguns bons, q os condenassem e chorassem, pedindo ao Snor misericórdia, e oje mais do q nunca(...)»,
Pêro Pais, *História de Etiópia*

Depois da breve análise do tipo de visão construída pelos nossos autores sobre a Etiópia e a valoração que esta implica, vamos avaliar até que ponto esse *olhar* se mantém coincidente e concordante ou pelo contrário se se verifica entre ambos e nos respectivos pontos cronológicos em que se situam, uma evolução ou gradação na consideração da terra abexim. Com efeito, e citando Ana Paula Avelar, «Importa-nos o olhar que se revela (...), tendo em conta os processos de construção utilizados pela matriz, isto é, pelo texto *fundador* (...). Observar de que modo se operaram mudanças, se mantiveram processos, se revelou um olhar num novo texto

¹⁶⁷¹Empatia bem patente nas seguintes passagens: « A gente que desta terra se ia achámos caminhos cheios de homens , mulheres e meninos a pé, e deles nos braços seus fatinhos nas cabeças, mudando-se para terra onde achassem mantimento. Era uma piedade de os ver.» ; quando o autor admoesta um frade que viu na capitania de Janamora armado «com frechas ervadas». Este responde-lhe que os mouros lhe queimaram a igreja e colmeias e roubaram-lhe o gado, entristecendo-o de tal forma que «(...) por isto trago esta peçonha para matar quem me matou. Não soube o que lhe responder, à tristeza que lhe vi em seu rosto e senti em meu coração. », *Ibd.*, pp. 80 e 122

¹⁶⁷² Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 22

que obedece a uma identidade estrutural nova (...)»¹⁶⁷³. Isto tendo em conta a inevitável diferença de contextos em que foram produzidas as duas obras, a diferente intencionalidade subjacente à sua produção, as influências culturais distintas de cada autor e a sua estrutura intrínseca de cada obra, pois, ainda segundo a mesma autora, «Como tal, cada uma das narrativas, devido aos seus inerentes condicionalismos,(...), ganha tonalidades próprias, denunciando legitimações igualmente distintas, decorrentes da difusão que cada uma das obras sofreu.»¹⁶⁷⁴

Evidentemente há uma evolução no *olhar* e na forma de *ver* entre o capelão da embaixada de 1520, membro do primeiro grupo europeu a internar-se em território etíope e o missionário da Companhia de Jesus, que ali penetra em 1603, já precedido de outras expedições portuguesas e de anteriores tentativas de estabelecimento de missões. Portanto entre ambos medeiam uma série de informações sobre a terra do *Preste João*, sucedendo ao olhar “virgem” e impreparado de Francisco Álvares, o olhar mais informado e orientado de Pêro Pais.

De facto, e citando José da Silva Horta, «Passada a época dos primeiros contactos e viabilizadas as primeiras sínteses, os olhares tendem a especializar-se e a função dos textos que os veiculam também muda.»¹⁶⁷⁵ E seguindo ainda o mesmo autor, o retrato de cada região prende-se com a justificação de um dado projecto, assumindo um aspecto concreto e pragmático, em crescendo no século XVII: «Pressupõe um conhecimento mais profundo do terreno, porque se torna necessário um saber mais pormenorizado (...) [a] utilizar em proveito dos interesses portugueses no indissociável binómio economia-religião(...)»¹⁶⁷⁶.

Na verdade o conteúdo de cada obra e a análise que nelas perpassa da Abissínia, embora versem frequentemente tópicos idênticos, obedecem a uma estrutura e processo de sistematização diversos. Na obra heterogénea de Álvares, misto de diário/itinerário/descrição/relatório das características da terra e da sociedade, são-nos transmitidas informações de modo prolixo e detalhado, mas não sistematizado. Surgem, antes ao sabor da viagem, dos acasos, das oportunidades que davam ensejo à abordagem de um dado assunto, tendo, desta forma, um carácter frequentemente esparso e ocasional.

¹⁶⁷³ Ana Paula Avelar, *op. cit.*, p. 127

¹⁶⁷⁴ *Ibd.*, p.189

¹⁶⁷⁵ José da Silva Horta, *op. cit.*, p. 273

¹⁶⁷⁶ *Ibd.*, p. 274

Por seu lado, o P.e Pêro Pais cocomitantemente à justificação da presença jesuíta na Abissínia procede a uma descrição daquelas paragens de forma menos ocasional e particular do que Álvares. Com efeito a sua abordagem revela-se mais sistemática e generalizante, o que se denota no agrupamento de temáticas por capítulos.

Contudo podemos observar a recorrência quase total dos tópicos abordados, com pequenas variações de pormenor ou decorrentes da diversidade temporal em que as obras são redigidas, na descrição da natureza, dos habitantes, no espaço humano, nos tópicos referentes aos usos e costumes, à organização política e práticas religiosas. Certos temas são desenvolvidos com uma maior amplitude por Pais, mercê da sua sistematização, como por exemplo a sua descrição da linhagem imperial etíope, da vida selvagem, ou dos rios, ou ainda do vestuário e adornos dos abexins. Álvares, por seu lado oferece-nos um maior número de dados decorrentes da estruturação da sua obra, menos sistematizada e seguindo, maioritariamente as suas andanças por terras abexins. Assim são-nos facultados um maior número de dados sobre a orografia de certas regiões; um grande número de igrejas e mosteiros são referidas e são-nos apresentados numerosos dados sobre o convívio com a sociedade abexim, nas formas de sociabilidade e no embate de diferentes costumes, por exemplo no que à alimentação diz respeito e relembremos o jantar oferecido à comitiva portuguesa pelo governador de Angote, ou a ceia providenciada pelo *Preste*, na sua corte.

Mas a maior parte da informação sobre as terras etíopes coincide em ambos os autores, embora separados por cerca de um século, tanto nos tópicos abordados, como nas considerações sobre eles proferidas. E muitas vezes o autor posterior, Pêro Pais, se reportará à obra fundadora de Álvares, mas não assumirá uma atitude passiva face à informação veiculada por aquele. De facto, tanto se reportará à obra de Álvares, como rectificará ou completará a sua informação. Em face da longa permanência de ambos os autores na Etiópia e do conhecimento considerável que dela adquirem, a sua escolha de tópicos obedecerá sem dúvida ao que foi considerado de maior interesse e relevância para o leitor europeu da época poder compreender o funcionamento desta sociedade.

E, no entanto, como vimos anteriormente, e em particular neste caso, o *olhar*, nunca é completamente objectivo e imaculado. Esta representação ou imagem de uma realidade *outra*, que os autores intentam transmitir é igualmente produto de uma

selecção mental, uma confrontação entre os arquétipos que enformam as expectativas do autor e com o que de novo, inesperado e diferente é encontrado¹⁶⁷⁷. O diferente, estranho ou exótico entrecruza-se com o previamente imaginado, que determina a forma de seleccionar e representar essa realidade¹⁶⁷⁸. Ou segundo a expressão de Hélder Macedo, os *enganos do olhar*, estão subjacentes nas descrições da época, uma vez que o imaginário de cada autor é indissociável do retrato que faz de outras realidades; as concepções pré-existentes modelam a apreensão do real: o que se vê é interpretado segundo o que se esperava ver¹⁶⁷⁹. Também Anthony Disney chama a atenção para a importância do imaginado na literatura da época, ao referir,

«"Imagining" was the essential spark which animated all sixteenth and seventeenth century narrative and descriptive travel literature, and gave the bare facts meaning- as it does, of course, to all literature. Whether describing their own experiences or those of others, writers travelled " in imagination ", and represented what they saw and experienced, within the contexts of their own cultures. So another essential task that confronts those who study travel literature is to look carefully and sensitively at such representations, and try to understand the mentality that produced them.»¹⁶⁸⁰

Esta questão mostra-se pertinente em dois tópicos nos quais consideramos haver uma evolução na construção da imagem entre os dois autores. Trata-se da questão do cristianismo etíope à qual Pais dedicará uma análise mais exaustiva e completa, esclarecendo os pressupostos teológicos; e a figura do monarca etíope e seu efectivo poderio e riqueza.

Efectivamente no que toca a este território existiam construções mentais coevas, dominadas por todo um imaginário europeu tardo-medieval pré –existente, radicado no mito do fabuloso reino do *Preste João*. Esta imagem está ainda plenamente subjacente na obra de Francisco Álvares, que partindo de uma ideia

¹⁶⁷⁷ *Ibd.*

¹⁶⁷⁸ Como refere Michel Mollat du Jourdin, « (...) la nouveauté n'y est pas totale pour l'Océan Indien, ni pour l'Asie, dont les images plus ou moins déformées sont parvenues en Occident longtemps auparavant. De plus, le regard d'un voyageur sur des objets nouveaux n'est jamais totalement vierge de concepts et d'images antérieurs, ni de préjugés et de pré-supposés parfois imaginaires.», como era o caso da procura do Preste João, na África e na Ásia *in*, «L'Altérité, découverte des découvertes » p.306

¹⁶⁷⁹ Hélder Macedo, «Os Enganos do Olhar» *ap.*, José Augusto Cardoso Bernardes, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1999, pp.331/332

¹⁶⁸⁰ Anthony Disney, « Navigating Literary waters: truth, lies and representations...» p. 121

preconcebida, poderá ter julgado alguns aspectos da realidade encontrada com base nessa matriz, procurando adaptá-la ao que espera encontrar, incorrendo por vezes na recusa de uma realidade diferente e na tentativa de a interpretar com base nas imagens nela contidas. Como refere Helder Macedo estabelece-se uma espécie de dialéctica entre a realidade e o imaginado, entre o existente e o que se espera encontrar e uma necessária aducação entre ambas ¹⁶⁸¹.

A ideia de encontro com um poderoso rei cristão, identificado com o mito está bem patente no discurso do capitão-mor à população moura, na sua chegada a Arquico, narrado por Álvares, onde aquele afirma «(...) fizeram o que deviam em se não bulirem do lugar (...), pois era de cristãos e do Preste como eles diziam e que sua vinda não era senão para serviço e amizade do Preste João, e, de todos os seus(...)» ¹⁶⁸². O desejo de encontro e estabelecimento de relações com os cristãos daquelas paragens depreende-se da expressão utilizada, novamente pelo capitão-mor da armada portuguesa ao receber o capitão de Arquico, que «(...) o recebeu com grande gasalhado e honra (...) e soube por ele mais compridamente da cristandade da terra(...)» ¹⁶⁸³. E de facto as primeiras relações são quase eufóricas: recebendo a visita de religiosos do mosteiro de Bisão a bordo do galeão, o capitão-mor e restantes capitães tiveram «(...) com eles muitas práticas de prazer e alegria sobre *cousa tão desejada de uma e da outra parte.*» ¹⁶⁸⁴

Mas para além do entusiasmo do encontro inicial, as primeiras impressões e relações entre as duas correntes de Cristianismo, aparecem sob uma luz positiva no relato de Álvares. De início as diferenças parecem ser pequenas e facilmente supridas como se depreende do relato de Álvares sobre as missas católicas ditas no mosteiro de S. Miguel, e «Vinham os frades à nossa missa com grande devoção (...) e supriam com turíbulo e incenso, porque nós não o levávamos e êles não têm por bem dizer-se missa sem incenso e diziam que tudo lhes parecia bem, somente, um só sacerdote dizer missa, porque entre êles não diziam missa menos de três, cinco ou sete estarem ao altar.» ¹⁶⁸⁵ No convento de Paracleto, a embaixada é recebida calorosamente e no lugar de Manadelei, onde a embaixada pernoita, «(...) as freiras nos vinham lavar os

¹⁶⁸¹ «(...)as fronteiras entre o observado e o imaginado são sempre muito ténues e mais ainda o teriam sido para aqueles que pela primeira vez tiveram de decidir quais eram as coisas que havia e em que não se acreditava e quais as coisas que não havia e em que se acreditava(...)», Helder Macedo, *op. cit.*, p. 331

¹⁶⁸² Álvares, *op. cit.*, pp. 10/11

¹⁶⁸³ *Ibd.*, p. 11

¹⁶⁸⁴ *Ibd.*, p. 12

¹⁶⁸⁵ *Ibd.*, p. 38

pés e bebiam da água depois de lavados e lavam seu rosto com eça dizendo que eramos santos cristãos de Jerusalém.»¹⁶⁸⁶

No discurso de Álvares perpassa constantemente a apreciação etíope pelas práticas católicas, quer a propósito de uma cerimónia de baptismo¹⁶⁸⁷, quer na celebração de ofícios¹⁶⁸⁸, quer na consideração dos livros sagrados¹⁶⁸⁹, quer ainda na afirmação do velho clérigo, mestre do *Preste*, que louva o ofício celebrado pelos católicos, afirmando que se sentira no Paraíso com os anjos¹⁶⁹⁰. Mas, a despeito de uma certa noção de supremacia do credo português implícito no discurso pretensamente tolerante de Álvares, há passagens onde essa tolerância se revela de facto, como na opinião que o clérigo emite face à inquirição do Imperador acerca da cerimónia de trasladação de seu pai: «E logo tornou a mandar perguntar qual nos parecia melhor modo, êste ou o nosso (...) e que êsse o tomariam. *Aqui lhe respondemos que deus queria ser servido por muitas maneiras e que êste ofício nos parecia bem e que assim nos parecia bem o nosso porque tudo era de Deus e se fazia um e o outro para um fim, seja, servir a Deus e merecer ante êle.*»¹⁶⁹¹ Opinião semelhante tem Álvares acerca dos cantos litúrgicos etíopes, respondendo ao Imperador «(...) o nosso cantar era muito pausado e assocegado, assim das vozes, como dos corpos e que não bailavam nem pulavam.(...)[no entanto] mandámo-lhes dizer, *que as cousas de Deus em qualquer maneira que as fizessem sempre pareciam bem.*»¹⁶⁹²

As indagações surgem também do lado abexim, como a entrevista que Álvares tem com o *Preste* e onde são discutidos vários pontos, desde as vestes litúrgicas do clérigo, até à sede da cristandade católica, ao Concílio do Papa Leão I¹⁶⁹³, que condenou o monofisismo, cujas directivas foram aceites pela igreja de

¹⁶⁸⁶ *Ibd.*, pp. 105 e 115

¹⁶⁸⁷ « (...) diziam os da côrte que tal ofício era por Deus ordenado e tão consolados iam como que comeram boas viandas e que louvaram muito ofícios (...), porque o fazíamos tudo muito pausado e lhes pareciam mais perfeitos que os seus.», *ibd.*, p. 228

¹⁶⁸⁸ «(...) louvavam êles muito os nossos costumes que os fazíamos com muita devoção e principalmente a comunhão (...) e assim mandou dizer o *Preste* que lhe pareciam nossos ofícios muito bem e mui acabados.», *ibd.*, pp. 235/236

¹⁶⁸⁹ « Vêm com outro recado dizendo se tínhamos aquilo em livros que eram melhores os nossos livros que os seus, porque os nossos livros tinham tôdas as coisas. Eu lhes respondi que mui perfeitos livros eram os nossos, porque depois dos Apóstolos, sempre tivemos mestres e doutores na Santa Madre Igreja que nunca outra coisa fizeram nem fazem senão compilar e ajuntar as cousas da Sagrada escritura (...), *ibd.*, p. 237

¹⁶⁹⁰ *Ibd.*, p. 233

¹⁶⁹¹ *Ibd.*, pp. 268/269

¹⁶⁹² *Ibd.*, p. 273

¹⁶⁹³ No texto Álvares refere-se a este concílio como o de Vieira [sic], *Ibd.*, p.202

Roma, abordando ainda a questão do celibato do clero, defendida por Álvares e rebatida pelo *Preste*¹⁶⁹⁴.

Estas primeiras e subtis confrontações indiciam as diferenças na prática do cristianismo, o que também se faz sentir na administração do sacramento do baptismo e na cerimónia do baptismo anual, em cuja participação Álvares recusa peremptoriamente tomar parte (« Respondi-lhe que já era baptizado e que não o seria mais.»¹⁶⁹⁵), ou na falta de rigor na nomeação do clero. As fricções são por vezes inevitáveis face à diversidade dos costumes, como a proibição de officiar missa de manhã o que provoca um episódio desagradável: «E querendo nós na segunda feira seguinte dizer missa, não no-la deixaram dizer, pelo que ficámos mui escandalizados e agravados, parecendo-nos que alguma má suspeita tinham de nós, não sabendo porque o faziam.» De facto, « Êste segredo não sabíamos nem tínhamos quem no-lo declarasse (...), assim éramos agravados sem causa.»¹⁶⁹⁶

Na verdade, apesar dos sinais de aceitação voluntária que Álvares nos transmite na consideração e possível aceitação do catolicismo pelos etíopes, exemplificados na relação do clérigo com o *Abuná* Marcos¹⁶⁹⁷, pode-se detectar no seu discurso a revelação do carácter desviante do cristianismo abexim. Segundo Álvares, o patriarca etíope parece aceitar todos os reparos feitos às suas práticas religiosas, afirmando que Deus enviara os portugueses para dizerem ou reporem a verdade¹⁶⁹⁸. A concordância deste prelado face às opiniões de Álvares, leva-o a concluir que se o *Abuná* « (...) tivesse um parceiro, ou dois que o ajudassem a *dizer a verdade, que êle tiraria o Preste das muitas cousas e erros em que estava com o seu povo.* »¹⁶⁹⁹, revelando claramente nesta passagem o desvio da religião etíope face à ortodoxia romana.

Por outro lado, nem tudo é pacífico no relacionamento português e etíope, no que à religião diz respeito. Se perante a praga de gafanhotos, o clero do local de Barué pede auxílio à embaixada portuguesa na intercessão divina, realizando-se uma interessante procissão que conjuga os dois rituais e objectos litúrgicos, onde se faz

¹⁶⁹⁴ *Vide, ibd.*, pp. 199/204

¹⁶⁹⁵ *Ibd.*, p.253

¹⁶⁹⁶ *Ibd.*, pp. 38 e 39

¹⁶⁹⁷ « Folgou muita com minha visitação e não me quis dar a mão para lha beijar, antes se queria deitar no chão mostrando de me beijar os pés e nós assentados ambos juntos em um catre, o princípio da nossa fala foi darmos graças a Deus por nos ajuntarmos.», *ibd.*, p. 257

¹⁶⁹⁸ *Ibd.*, p. 263

¹⁶⁹⁹ *Ibd.*, p. 257

um rito de excomunhão para que a praga se desvie, as opiniões não são unânimes: «-Estes portugueses são *santos e por virtude de Deus* lançaram os ambatas fora. Outros diziam, principalmente clérigos e frades das comarcas (não os deste lugar):- Mas são *feiticeiros e com feitiços* lançaram os ambatas e assim não têm êles medo aos leões, nem a outros animais, *pelas feitiçarias que fazem.*»¹⁷⁰⁰

Mas se em Álvares estas diferenças religiosas, estão detectadas, mas não estão ainda plenamente assumidas, transmitindo-nos o autor a ideia da importância do encontro entre possíveis aliados cristãos, cujas diferenças seriam facilmente suprimidas pela correcção de determinadas fugas á ortodoxia, diferente é a posição de Pêro Pais.

De facto, cerca de um século após o primeiro contacto entre portugueses e abexins, a ortodoxia católica havia-se reforçado e estruturado e Pais milita nas fileiras de uma ordem empenhada na divulgação e imposição dessa ortodoxia, embora a sua primeira abordagem não se pautasse pela intolerância como se depreende da seguinte passagem da sua obra, quando inicia a análise da questão religiosa etíope:

« (...) irei declarando por capitulos o q tenho achado em m.tas disputas gerais e praticas particulares, q do anno de 1603, q entrei em Ethiopia tive com os principais letrados della ecclesiasticos e seculares, referindo singelam.te seus erros sem nenhu modo e encarecim.to, pois ainda em materias m.to leves não convem ao religioso usar delle, quanto mais en cousa tão grave, como seria infamar a toda hua nação Christãa, e a hu Emp.or tão grande e tão celebre no mundo, usando de encarecim.tos, ou de palavras, q agravassem de man.ra suas cousas, q parecessem erros não o sendo.»¹⁷⁰¹

Contudo, mesmo tendo a intenção acima descrita de não enfatizar os erros religiosos da igreja etíope, Pais não se consegue eximir a criticá-los e condená-los. Ao contrário de Álvares, já toda uma série de contactos anteriores à chegada de Pais à missão etíope haviam demonstrado a existência do que os missionários jesuítas denominam erros religiosos dos etíopes e a sua resistência à conversão ao catolicismo¹⁷⁰². Pelo que Pais conclui «Por onde não há duvida nenhua senão q os

¹⁷⁰⁰ *Ibd.*, pp. 77/78

¹⁷⁰¹ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 13

¹⁷⁰² Acerca disto, Pais cita a carta de D. André de Oviedo de 2 de Fevereiro de 1559, *ibid.*, pp. 62/63

Ethiopes vassallos do Preste João, de m.tos tempos a esta parte, *forão sempre e são oje desobedientes á santa Igreja Romana.*»¹⁷⁰³

Desta forma a missão de Pais no território etíope está perfeitamente estabelecida : «Sabendo eu isto logo como entrei em Ethopia, e *entendendo a pertinacia com q defendiam tam grande erro, procurei de os tirar delle, mostrandolhes claram.te a verd.e* com as Escrituras Sagradas, com os s.tos Conc.os com authoridad.es de santos e com rezoens, (...) *e o mesmo fizerão co m.to cuidado os P.es meus companheiros (...)*»¹⁷⁰⁴.

O cuidado, ou diplomacia, na questão da fé é um facto assumido por Pais. O que não obsta a sua perseverança na constatação e condenação da fuga à ortodoxia. Com efeito o autor refere-nos repetidamente as diferenças entre os cultos amplamente discutidos nos encontros teológicos propostos pelos imperadores¹⁷⁰⁵, diferenças essas tidas como graves erros à luz da doutrina católica tanto a nível teológico como na administração dos sacramentos¹⁷⁰⁶. Assim para Pais, o cristianismo etíope tem um carácter herético¹⁷⁰⁷ e cismático, declaradamente condenável, sejam quais forem as práticas piedosas que exerçam, pois «(...) trazem çilijos de ferro, e fazem outras cousas muy extraordinárias; mas q lhe aproveita tudo isto pois *são scismaticos, e hereges e sem fe he impossível agradar a Deos* como diz S. Paulo.»¹⁷⁰⁸

Em todo o discurso de Pais denota-se uma clara rejeição de qualquer prática religiosa que não a da ortodoxia católica romana; por exemplo o irmão do imperador, examinando a doutrina dos missionários jesuítas, «(...) achando-as tão conformes a razão e a sagrada escritura, e vendo q todos nós ensinávamos hua mesma cousa, entendeo claramente q a *doutrina da Igreja Romana era a verdad.ra (...)*»¹⁷⁰⁹.

A aproximação do Imperador e de seu irmão e de outros membros da corte ao catolicismo é vista como uma vontade divina, de indiscutível justiça e

¹⁷⁰³ *Ibd.*, p. 65

¹⁷⁰⁴ *Ibd.*, pp. 14/15

¹⁷⁰⁵ « Disse logo hu frade em m.tas cousas temos grande differença, particularm.te em q dizem q em Christo estão duas naturezas, e q a natureza humana não he igual a divina.», *ibd.*, p. 24

¹⁷⁰⁶ *Ibd.*, p. 73

¹⁷⁰⁷ «(...) a verd.e he q de m.tos tempos a esta parte tiverão e tem oje esta heregia, q o Spo. S.to proçede só do P.e. e outras m.tas (...), *ibd.*, p. 22

¹⁷⁰⁸ *Ibd.*, p. 157

¹⁷⁰⁹ *Ibd.*, pp. 30/31

necessidade¹⁷¹⁰; é também a estratégia seguida pra a conversão do império: imposição do catolicismo a partir da pessoa do Imperador, como nos revela o jesuíta ao narrar a história da conversão de Seltân Çaguêd, advertindo o leitor que «(...) não achará pequena ocasião de louvar a Nosso Senhor pelas mercês grandes, q fez a este *Emperador e a (...) seu Irmão (...)* e o q mais he dandolhes conhecim.tos de sua S.ta fee, e rogará (...) a *queira também fazer a todos os demais desse Império alumiano-lhes os entendim.tos, pêra q deixem seus erros e se sojeitem a sua S.ta Igreja.*»¹⁷¹¹

De facto, Pais reitera o papel essencial do Imperador na redução da Etiópia ao catolicismo e a sua permeabilidade á influência dos missionários, afirmando «Tambem o Emp.or faz m.to *procurando sempre acreditar nossas cousas e affeiçoar os seus a ellas*, sem perder nunca ocasião em q não as louve e declare *da man.ra q lhas temos ensinado (...)*»¹⁷¹². Todavia, Pais tem a consciência da dificuldade da meta a atingir e do muito trabalho ainda a desenvolver, pois a maioria da população permanece arreigada ás sua crenças, admitindo que em relação à observância da fé católica, «(...) ainda agora estão m.tos tão longe disso(...)»¹⁷¹³. E prevê que o caminho não será isento de muitos escolhos, nesta imposição de uma crença a partir de cima, como nos informa a propósito das medidas tomadas pelo Imperador e seu irmão para obstem à devassidão matrimonial do clero, ameaçando-o com o confisque dos bens e com a excomunhão; porém «(...) sobre isto há agora m.tas murmuraçoens e porfias. Nosso Senhor os ajude em tão santo intento q *não parece q hão de poder acabar o q pretendem.*»¹⁷¹⁴

O P.e Pais tem efectivamente noção da dependência do êxito da sua missão do poder político e das dificuldades face a uma população arreigada às suas heresias, declarando:« (...) os manifestos castigos, q deu [o imperador] às principais cabeças (...) não mudão proposito, (...). E *se acertasse a morrer agora o Emp.or (...)*, tenho por sem duvida, q havião de matar logo a Eráz Christós, e q ne a nós nos não avião

¹⁷¹⁰ « (...) tudo quanto atee agora se lhes deu escrito está bem recebido, pella misericordia do Senhor, q quasi todos louvão e engrandecem tanto esta doutrina, q dizem q não pode ser senão q o Sp.tº S.tº lha ditou a aquelles padres;porq não parece q entendimento humano não podia chegar a alcançar cousa tão alta, com q em extremo folga o Emperador; e (...) seu Irmão, por ver q todas as vias se vão acreditando nossas cousas: e pedem com m.tº instancia q mandemos vir os comentarios do mais q falta da sagrada escritura; e limpemos seus livros, q estão cheos de erros.», *ibid.*, Vol. I, p. 194

¹⁷¹¹ *Ibid.*, Vol. II, p. 30

¹⁷¹² *Ibid.*, , p. 17

¹⁷¹³ *Ibid.*, Vol. I, p. 53

¹⁷¹⁴ *Ibid.*, Vol. II, p. 152

de deixar, o q elle mesmo me tem dito por vezes.» Desta forma se apresentam as práticas e crenças religiosas etíopes como manifestamente heréticas e erradas face à Igreja de Roma, cuja frágil posição nesta sociedade, se apoia na figura do monarca e alguns membros da corte, como profeticamente constata Pais. O sucesso da missão jesuíta ainda está longe, facto que o P.e Pais não oculta; mas não deixa de sublinhar e louvar os progressos obtidos. O que parece claro nesta época é a intrasigência na aceitação de outras formas de credo o que, dependendo da figura do governante, pode conduzir a uma instabilidade de relações, como já tinham verificado os seus antecessores. Os cristãos do *Preste*, são agora, também hereges pertinazes e a tão ambicionada aliança entre os irmãos em Cristo, assenta em fragilíssimas bases.

CONCLUSÃO

Terminamos esta nossa jornada à Etiópia do século XVI e XVII, através das obras do P. Francisco Álvares, datada da primeira metade de quinhentos, momento chave no estabelecimento de relações entre a Europa e essa região e de descoberta mútua, e do padre jesuíta, Pêro Pais, redigida na primeira metade de seiscentos, que marcará o zénite da penetração dessa ordem religiosa nessas paragens e da abertura e conhecimento dessa região africana, que em breve se encerraria á influência europeia.

Procurámos delimitar, nesta nossa análise da *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*, de Francisco Álvares e da *Historia de Etiópia*, de Pêro Pais, os diferentes temas e tópicos que marcam a sua descrição das terras etíopes, onde ambos longamente estanciaram, tentando captar o “retrato” feito desta região e sociedade, segundo o *olhar* específico de cada autor e seu contexto epocal.

Contudo, principiámos num primeiro ponto, por inserir a produção de ambas as obras no seio da informação e produção escrita sobre o tema, assim como contextualizá-las do ponto de vista cultural e político. Como esta região se encontra indelevelmente marcada nos escritos portugueses pelo mito medievo do *Preste João*, veiculado na famosa e fabulosa *Carta....*, recuámos às suas prováveis ou possíveis origens e às diversas tentativas de localização geográfica. No final da Idade Média, a identificação desse reino cristaliza-se, para os navegantes portugueses e seus mentores, numa região do continente africano, para finalmente ser localizado no reino cristão copta da Abissínia. Por sua vez este enceta igualmente os primeiros contactos com a Cristandade ocidental.

Na conjuntura da política expansionista manuelina, com a chegada do embaixador etíope Mateus, forma-se a ideia do envio de uma embaixada ao reino do *Preste João*, que após várias atribulações, penetra no território etíope. Dela resultará a obra de Francisco Álvares. As *verdadeiras informações* que traz para o reino e para a Europa, abrem uma época de divulgação de notícias sobre essas paragens, notícias essas irrevogavelmente afastadas do tom e conteúdo da velha *Carta...*Damião de Góis e o círculo humanista interessar-se-ão particularmente por esta temática, recolhendo informações junto de um novo embaixador etíope, Zagazabo. No rescaldo da embaixada da qual Álvares fez parte, João de Bermudes, também ele

membro da missão portuguesa, tendo permanecido na Etiópia onde conheceu um curioso percurso, edita uma *Breve Relação...*; Miguel de Castanhoso, um membro da expedição militar de auxílio, encabeçada por D.Cristovão da Gama, redige também uma *História ...* do feito militar.

As informações sobre a Etiópia estão presentes na cronística da expansão. João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Gaspar Correia e Diogo do Couto, todos estes autores dedicarão capítulos às relações entre Portugal e a Etiópia.

Na segunda metade de Quinhentos assistimos à distribuição pelas várias zonas do Império Português e proliferação de notícias suas, de um novo tipo de personagens, cuja missão se liga tanto ao estado português como ao proselitismo católico da contra-reforma. Trata-se dos membros da Companhia de Jesus que, no dealbar do século XVII são os andarilhos do vasto império português, encarregues de descrever as suas incríveis viagens e estadias em reinos longínquos de estranhos e diferentes costumes. Da época dos navegadores e marinheiros sulcando os mares, passámos à época dos missionários que se internam nos territórios, passando rios, percorrendo selvas e trilhos de montanha, que tiveram o cuidado de descrever aos seus irmãos e ao mundo. O Império etíope será, também, um local de missão para os membros da Companhia e, a partir da segunda metade do século XVI, as notícias dessa região advirão da sua correspondência, por vezes agrupada por regiões e publicada, como é o exemplo da selecção de cartas etíopes de Fernão Guerreiro.

Também nesta época, finais de Quinhentos e início de Seiscentos, vêm a lume certas obras produto de uma rivalidade na primazia missionária dos territórios do Império entre a Companhia de Jesus e ordens como a Dominicana. Neste contexto é publicada em Valência em 1610 a obra de Fr. Luís de Urreta, *Historia Ecclesiastica, Política, natural y moral de los grandes y remotos Reynos de la Etiopia, Monarchia del Emperador llamado Preste Juan de las Índias*, e no ano seguinte *Historia de la sagrada Orden de los Predicadores, en los remotos Reynos de la Etiopia*, do mesmo autor. O desconhecimento da realidade etíope e a sua inserção numa corrente efabulatória, subsidiária da *Carta* e dos *Mirabilia* medievais, além comportar alegações que comprometiam a missão jesuíta nessas regiões, suscitando uma necessidade de resposta das fileiras jesuítas. A mais completa refutação dessa obra é a *História...* de Pêro Pais, que concomitantemente elabora uma completa descrição das terras etíopes. Após Pais haverá outras relações sobre a terra e religião abissínicas por parte de outros membros da missão, já após a sua expulsão. No entanto a sua

obra não publicada será a matriz a partir da qual os jesuítas Manuel de Almeida e Baltasar Teles elaborarão as suas respectivas histórias da Etiópia, sendo que apenas a obra do último conheceu publicação coeva. Pais, terá sido igualmente fonte para o *Itinerário*, do jesuíta, P. Jerónimo Lobo.

De salientar ainda que a descrição prosaica e tanto quanto possível realista de Francisco Álvares, além de marcar o discurso de outros autores sobre a região, embora mantenha a nomenclatura de *Reino do Preste*, apresenta um afastamento do mito medieval. Esse afastamento intensifica-se na obra de Pais; o *Preste* é agora essencialmente o *Imperador* e o seu reino afasta-se definitivamente das visões encantadas, até alcançar uma dimensão negativa nos autores subsequentes a Pais, na sequência da expulsão da missão católica e pertinácia na manutenção do seu cristianismo considerado herético.

No ponto seguinte procedemos a um relato biográfico dos respectivos autores, socorrendo-nos tanto quanto possível do testemunho das suas obras. Além dos dados biográficos, tentou-se vislumbrar a sua inserção na sociedade da época, a sua formação, a sua razão de escrever, o seu papel nas respectivas missões: diplomática e de reconhecimento político no caso de Álvares; no seio da militante Companhia de Jesus e seu programa de evangelização universal, no caso de Pais.

Seguidamente empreendemos uma análise das obras, focando as razões nem sempre muito claras da sua génese e seus objectivos primeiros, que se confundem com conjunturas e estratégias políticas no projecto imperial da coroa portuguesa, no que a Álvares diz respeito; com as estratégias de implantação regional no processo de missão da Companhia de Jesus, no que refere a Pais; o seu trajecto editorial, não concretizado em ambos os casos em vida do autor, embora a obra de Álvares seja editada no século XVI, com tradução e difusão europeias; quanto a Pais, a sua obra permaneceu em manuscrito nos arquivos da Companhia de Jesus e apenas conheceu uma edição portuguesa em 1945); a versão que chegou até nós; a sua estrutura interna; algumas características da sua escrita e os objectivos e intencionalidades que se deduzem do seu resultado final.

No decorrer desta análise chegámos a algumas ideias finais. Não obstante as diferenças que entre si patenteiam, decorrentes do espaço temporal que permeia a sua redacção, das diferentes intencionalidades que presidiram à sua concepção; das diferenças na estruturação, encadeamento narrativo, sistematização de assuntos, conseguimos encontrar alguns pontos em comum entre ambas, para além da

descrição do mesmo espaço político e social. Com efeito denota-se em ambas um carácter híbrido, marcado pela diversidade dos conteúdos.

Com efeito em Francisco Álvares encontramos a narração de um percurso, ou melhor um itinerário terrestre, narrado sob a forma quase diarística, aliado a uma componente descritiva da terra e sociedade etíopes; numa segunda e menor parte o autor narra-nos o regresso a Lisboa, numa viagem marítima e posteriormente o percurso até Coimbra e o encontro com a corte. Inclui ainda uma espécie de resumo das principais características da Etiópia, ou relatório feito pelo autor ao Arcebispo de Braga e provavelmente transcrito por outrem e editado com a obra.

A obra de Pais destinava-se a refutar a obra de Fr. Luís de Urreta, assumindo um carácter de polémica, mas nesse intuito Pais leva a cabo, no seu Livro I, uma detalhada e sistematizada descrição das terras, povos e sociedade abexim. No Livro II, o mesmo autor debruça-se longamente sobre a questão das diferenças religiosas, transcrevendo obras locais. Enceta no Livro III uma história da missão inaciana na Etiópia, que continuará no Livro IV, versando este os trabalhos da missão desde a sua entrada em território da Abissínia. No decorrer deste historiar da missão católica e das suas relações com os vários monarcas, Pais proporciona-nos simultaneamente uma visão sobre a história dos imperadores etíopes, especialmente detalhada no que diz respeito à agitação política, na época da sua entrada no território, em que se sucederam três diferentes imperadores, entre batalhas, deposições, exílios, revoltas e conversões.

Nesta narrativa, Pais insere ainda a sua própria experiência, relatando a sua primeira tentativa frustrada de alcançar a missão etíope e o seu penoso cativeiro no sul da Arábia, contando-nos as peripécias de uma viagem por mar e por terra, com uma precisão, nas referências aos tempo e espaço que aproximam este pequeno relato de um diário de viagem e cativeiro. Contém igualmente outro pequeno relato de viagem, o périplo do p. António Fernandes e de um embaixador abexim, pelo sul do território, na tentativa gorada de encontrar uma passagem para o estabelecimento português de Melinde, na costa.

Para além da heterogeneidade de conteúdos, ambas assumem características de relatos de viagens: em Álvares a narrativa estrutura-se em torno das deslocções que empreende, ou seja, a viagem da costa abexim para a corte; regresso desta e espera até ao regresso a Portugal, descrevendo a rota do Cabo. Da mesma forma Pais inclui na sua narrativa, a sua segunda viagem da Índia até à missão em Fremona e

alude a numerosas viagens em território abexim. Desta forma é patente em ambos os autores um conhecimento do território etíope graças a numerosas deslocações no seu interior a que repetidamente aludem.

Outros paralelos se podem estabelecer entre as duas obras: ambas têm uma forte componente descritiva a nível natural e antropológico; ambos os autores são interlocutores privilegiados do poder político, estanciando na corte durante largos períodos e convivendo com o respectivo Imperador coevo; ambos estabelecem proximidade com os habitantes locais e se inteiram da sua herança cultural e tradições. Finalmente, a ambas preside uma preocupação na reposição da verdade e na veiculação de informação exacta sobre a Abissínia: se a *Verdadeira Informação...*, de Álvares pretende repor a verdade sobre o mito corrente na Europa, de igual modo a *Historia...*, de Pais almeja corrigir as informações sobre o império etíope presentes nas efabulações da obra de Urreta.

Também comungam as duas obras de um estilo directo e simples, não raro assumindo um tom coloquial em que o autor interpela directamente o leitor, reproduz diálogos, assume um tom pessoal, utilizando a primeira pessoa. Se o estilo de Pais é claramente despretensioso, o de Álvares é marcado pela espontaneidade e pela graça das expressões.

Do mesmo modo, encontramos recursos descritivos análogos, dos quais os autores se socorreram para permitir uma “visualização” das informações patentes nas obras. De assinalar a importância da sinalização precisa do tempo e espaço; a importância da medida, da descrição precisa e quantificada, tanto quanto possível ou a recorrência á analogia com a realidade europeia para ilustrar de modo claro a nova realidade

Nesta última perspectiva de rigor se insere igualmente a importância das fontes utilizadas, quando a informação não decorre do visto e experienciado pelo autor. A experiência pessoal atesta a credibilidade e veracidade da narrativa, assim como o recurso a testemunhos tidos como credíveis, orais e escritos ou a inclusão de documentos e transcrição de fontes. Tal é o caso da utilização da obra de Álvares por Pais.

Seguidamente empreendemos a nossa viagem pela Etiópia seguindo o *olhar* de Francisco Álvares e de Pêro Pais, percorrendo os diferentes tópicos por eles sublinhados e por nós reagrupados. Acompanhámo-los, assim, num primeiro passo, na descrição do espaço natural. Aí destacámos as tentativas de configuração do

espaço geográfico pelos autores, com a descrição dos senhorios do Imperador abexim e sua delimitação, coincidentes na verificação da territorialidade deste reino, centrando-se ambos os autores, com especial incidência em Álvares no reino de Tigre na zona oriental. Pais assinala-nos, no entanto um recuo da corte para territórios interiores ocidentais, ao instalar-se, no que será seguida pela missão inaciana, na zona do lago Dambiâ. Quanto à orografia etíope, a sua descrição confunde-se em Álvares com os percalços do caminho para a corte; em Pais estas referências são ocasionais, mas ambos concordam nas dificuldades dos caminhos e no carácter agreste do relevo da zona montanhosa da Abissínia. De igual forma é referido o clima, tentando-se explicar as variações climáticas e as diferentes características das estações em relação à Europa. Os recursos hidrográficos são meramente referidos em Álvares, mas amplamente descritos por Pais, em capítulos específicos, nas suas nascentes, cursos, fauna, paisagem circundante, recursos e locais de foz.

Ambos os autores referenciam a flora silvestre e os produtos cultivados: Álvares refere cuidadosamente as espécies cultivadas e a paisagem agrícola nas regiões por onde passa; Pais tem uma abordagem mais geral, agrupando esta temática num capítulo sobre os recursos da terra. A fauna é amplamente comentada em ambas as obras: novamente Álvares insere as suas referências no contexto do percurso, mas Pais dedica-lhe vários capítulos especificando os animais domesticados e os bravios, as aves, as pragas e a fauna dos rios. Para além das muitas alusões à produção pecuária, é a descrição das espécies selvagens que predomina em ambas as obras e, se Álvares esta é motivo de surpresa pelo número (símios) ou perigosidade (os alegados tigres), Pais deixa-se fascinar por algumas espécies pouco conhecidas no Ocidente, descrevendo de forma impressionista a girafa e a zebra, e o comportamento agressivo do portentoso hipopótamo. Também os recursos minerais, nomeadamente a existência de ouro e prata são anotados.

Num segundo passo observámos a caracterização do espaço humano e social levada a cabo pelos autores. Ambos caracterizam fisicamente os habitantes da Etiópia, anotando cuidadosamente as gradações do tom da pele e suas feições, assim como o vestuário e adornos das diferentes classes sociais, clero, aristocracia, trajes de corte e povo, sendo denotada neste último a exiguidade das vestes, que roçaria a falta de pudor, especialmente nas mulheres jovens. Os autores dão-nos vários indícios da natureza do povo abexim, como a sua contenção e cortesia, impassibilidade e

conformismo, a brandura e piedade, contraposta pela tendência de fuga à verdade e exagero.

Relativamente ao espaço construído, a ênfase é posta na descrição de edifícios religiosos, que tanto um autor como outro pormenorizam, verificando-se a descrição de igrejas e mosteiros específicos. No que à habitação civil diz respeito as informações são esparsas e sintéticas, certamente devido à sua simplicidade, insipiência nas técnicas de construção e precariedade dos materiais. Por outro lado ambos sublinham a inexistência de uma verdadeira civilização urbana; existem lugares e pequenas aldeias, mas nenhuma grande cidade; como ressalta Pais as aglomerações urbanas estão estreitamente ligadas à presença do Imperador e da sua corte, que é basicamente itinerante.

Álvares e Pais transmitem-nos igualmente os usos e costumes desta sociedade, quer no que diz respeito às formas de cortesia e sociabilidade, nomeadamente os hábitos alimentares e a estranheza sentida pelos portugueses face às práticas culinárias abexins (o consumo de carne crua, que Pais associa ao mal das lombrigas que atacam os habitantes, referindo também a sua cura). Os hábitos matrimoniais, a existência de poligamia e a frequência do divórcio são relatados, assim como as cerimónias fúnebres e as formas de luto. São feitas alusões às práticas assistenciais, quase inexistentes, ao mobiliário, baixelas e outros objectos numa sociedade que privilegia a riqueza móvel. As práticas de viagem e transportes nesta sociedade pautada pela mobilidade, apesar das penosas e perigosas vias, são mencionadas pelos dois autores. Os costumes de origem judaica, como a circuncisão, a observância do Sábado, interdições às mulheres e certos costumes alimentares, rigorosamente praticados pelos etíopes, são narrados pelos autores, assim como o brutal costume da excisão, que os dois autores referem não ser justificado pelas escrituras.

Para estes dois autores que se inserem numa sociedade onde a cultura escrita se impõe, gradual, mas inexoravelmente, é curioso constatar a limitação da cultura livresca, onde o registo dos procedimentos (práticas judiciais; atribuição de terras, etc.) é inexistente e as práticas assentam na oralidade. Pais denota a mediocridade e limitação do ensino, que não existe de forma organizada e a ignorância a nível científico ou da prática da medicina. De qualquer forma não deixam de consultar os velhos manuscritos existentes em Aksum, repositórios das lendas fundadoras da sociedade etíope coeva a nível político, religioso e de identidade cultural, como a

lenda da viagem rainha de Sabá (localizada em território etíope) e sua ligação com Salomão, rei de Judá e sua descendência como base da linhagem imperial; a conversão ao cristianismo da rainha Candácia; a história de Frumêncio, o primeiro patriarca da Etiópia e os doze santos, vindos do médio oriente para a evangelização da terra. Antigos vestígios de civilizações existentes em Aksum, são devidamente notados pelos autores, mas a sua origem não consegue ser determinada. Outrossim são entusiasticamente descritas por Francisco Álvares algumas das Igrejas monolíticas de Lalibela; Pais também as refere, embora com uma certa displicência, não as tendo visitado pessoalmente.

A nível da organização política observa-se de igual forma, uma similaridade de tópicos descritos pelos dois autores. Com efeito em ambas as obras é descrita a corte itinerante ou arraial do Imperador, assim como o seu modo de deslocação. A sua titulação local, que o afasta da ideia do mítico *Preste* é devidamente assinalada e Pais transcreve listas que inventariam a linhagem etíope. Os oficiais da corte são identicamente referidos, embora de forma mais exaustiva e sistemática por Pais, assim como o cerimonial que rodeia a figura do Imperador, já liberto das antigas práticas de reclusão e, visível aos seus súbditos em viagem, na igreja ou em cerimónias como a sagração de uma Igreja narrada por Álvares ou a sua coroação em Aksum, assistida e citada por Pais; as práticas sucessórias, onde a antiga eleição que provocava a necessidade de degredo para a *montanha dos Infantes* dos familiares em linha masculina, tende a ser substituída pela sucessão hereditária; a escolha da imperatriz. O exercício da justiça é meticulosamente registado pelos autores, referindo as práticas judiciais, os juízes, as penas, as formas de prisão. Também aludem ao governo local e aos tributos e rendas devidas ao Imperador e à posse precária dos senhorios face à autoridade imperial. Os exércitos e armamento, mencionados pelos dois autores, parecem ser igualmente pouco eficazes em ambas as épocas, face às ameaçadoras expedições dos reinos mouros limítrofes e avanço do poderio turco no Mar Vermelho, no século XVI; e face às terríveis incursões dos nómadas Galês, que vindos do sul, assolam grande parte do Império.

A vida económica neste reino, segundo as indicações de ambos os autores, baseia-se essencialmente no cultivo maioritário de cereais e outras espécies hortícolas e frutícolas em menor escala, assim como na produção pecuária. O comércio restringe-se a feiras locais onde se trocam produtos ou o sal corre como medida de pagamento. Existe um comércio externo certamente de âmbito restrito

assente na exportação de produtos agrícolas e importação de bens preciosos como os tapetes e tecidos da Arábia, Índia e Egipto, estes pagos em ouro.

A prática religiosa é motivo de grande curiosidade e análise por parte de Álvares e Pais. Ambos descreverão o aspecto físico e moral do clero secular e regular; aludem à hierarquia religiosa e à duvidosa ordenação do clero, além da perturbação causada pela constatação da permissão de matrimónio do clero secular; reparam nos ofícios e celebrações religiosas registando objectos litúrgicos, orações e até o fabrico de hóstias; referem as práticas penitenciais e o gosto pelo eremitismo e mencionam as festividades religiosas. Pais, tendo usufruído da formação jesuíta em exegese das Escrituras e retórica, aprofunda o tema das diferenças e dissensões teológicas entre católicos e monofisitas, abordada em diversos debates patrocinados pelos imperadores, apontando os erros fundamentais dos segundos em relação à ortodoxia católica: a questão da natureza una de Cristo, questão da procedência das almas e da altura de aplicação do castigo divino; negação do Purgatório; diferenças ou ausência nos sacramentos (baptismo, que é repetido no dia da Epifania; confissão sem regras e pública e penitência; Eucaristia e a inexistência dos sacramentos da confirmação e da extrema unção).

Finalmente na fase final do nosso trabalho procurámos aferir que tipo de imagem nos é transmitido sobre a terra e sociedade abexim coeva por ambos os autores, tendo em conta as suas próprias condicionantes culturais, sociais e epocais.

Na consideração pragmática do espaço natural, o que ressalta à vista dos nossos autores é a incapacidade de pleno aproveitamento dos recursos agrícolas, cinegéticos e minerais postos ao seu dispor. Fora desta categoria, as descrições mais detalhadas incidem essencialmente sobre espécies desconhecidas ou que suscitam a curiosidade dos autores.

Os seus habitantes, embora de cor negra, são colocados num patamar superior ao de outros habitantes do continente africano, os *cafres*, pretos e gentios, noções que comportam uma valoração negativa, na sequência da noção medieval que liga a negritude ao mal. As suas feições e modos são apreciados, embora alguns dos costumes vigentes sejam criticados, como as formas exíguas de vestuário. Outro motivo de desagrado para os dois autores é a possibilidade de cada homem ter mais de uma mulher, consoante as suas posses; a facilidade do divórcio e de novos casamentos. A má qualidade da alimentação parece ter afectado ambos, não aderindo

às práticas culinárias abexins, segundo Pais até como uma saudável medida profiláctica.

Embora denote a não existência de cidades à escala europeia, Álvares destaca ainda a grandiosidade de alguns locais e parece admirar a arquitectura religiosa etíope; o que não acontece com o missionário inaciano que sublinha o seu aspecto rudimentar e a ausência de cidades.

A nível cultural, sublinha-se a diminuta expressão da cultura escrita, além do desconhecimento da imprensa; a falta de desenvolvimento tecnológico e científico e a notória má qualidade do ensino, administrado por frades eles próprios pouco instruídos, apesar da existência de uma forte tradição histórica.

A insipiência artesanal etíope e má qualidade dos objectos é bastas vezes repetida e constata-se a inexistência de uma economia monetária desenvolvida.

A despeito do cerimonial de que o Imperador se rodeia perante Francisco Álvares, este detecta certos sinais de modéstia na corte assim como na vivência dos senhores que encontra a caminho da corte, modéstia esta confirmada por Pais.

Ao clero é censurado a sua falta de preparação e ignorância, além do desregramento moral, pela prática do casamento, mancebia ou abandono dos votos, conquanto Álvares louve a sua devoção e ambos os autores refiram o comportamento respeitoso durante os ofícios divinos.

Por último tentámos estabelecer a existência ou não de uma transmutação de olhares desde o testemunho inicial de Álvares, até à exaustiva narrativa de Pais, cerca de um século mais tarde. Do nosso ponto de vista a matriz descritiva da sociedade e terra etíope, permanece idêntica em ambos os autores. Existe não só uma concordância na selecção de tópicos, mas igualmente no conteúdo da sua descrição e sua valoração. O texto de Álvares é uma das fontes consultadas por Pais, muitas vezes em concordância, e quando em discordância, o jesuíta encarrega-se de completar ou emendar o primeiro, valendo-se da experiência adquirida na sua vasta permanência naquelas terras, ou face a acontecimentos posteriores a Álvares.

Existe portanto uma convergência essencial na imagem que nos legaram do império abexim. Ou seja transmitem-nos a visão de uma terra agreste e difícil, plena de vegetação silvestre e de animais selvagens. O reino tem um carácter interior e o monarca abexim vê-se acossado pelos povos limítrofes sejam os muçulmanos a Levante ou os nómadas gentios a sul e oeste. O seu nível de desenvolvimento é relativamente baixo, não existindo cidades, espaço ideal de civilização e

sociabilidade para o europeu coevo, espaço de exercício da *policia*. O desenvolvimento económico é baixo, de base agrícola e o comércio alicerçado na troca. Também a vida cultural é incipiente, com o desconhecimento da imprensa, livros raros e manuscritos, a oralidade sobrepõem-se ao registo escrito, embora possuam uma forte e enraizada tradição histórica. Embora, inegavelmente cristãos, os seus habitantes não seguem a ortodoxia católica romana, e mantém certos costumes discutíveis ou condenáveis como a falta de pudor no vestuário; as práticas de origem judaica; a excisão feminina; o casamento com várias mulheres; a facilidade de divórcio; o matrimónio dos clérigos; uma certa liberalidade sexual.

Mas a valoração das terras do *Preste João* não se pauta unicamente pela negatividade. A piedade e cortesia dos habitantes é apreciada; a postura e dignidade do Imperador são louvados por ambos os autores; Álvares deixa-se impressionar pelo cerimonial da corte e por certas regiões cultivadas ou abundância de produção pecuária; Pais aprecia a beleza de certas espécies selvagens e deixa poéticas linhas sobre os pássaros em migração cobrindo o céu do lago de Dambiã.

Consequentemente não constatámos uma divergência de visões ou imagens transmitidas pelos autores; podemos antes considerar que há uma superação de *olhares* entre Francisco Álvares e Pêro Pais relativamente a certos pontos como a questão religiosa e a figura, autoridade e riqueza do monarca.

De facto Álvares parte para as terras etíopes ainda imbuído da tradição tardo medieval do mito do *Preste João* e percebe a realidade ainda sob a sua influência. A principal preocupação é o reencontro entre cristãos e embora Álvares se aperceba de diferenças entre a prática copta e a católica, a sua posição é optimista, procurando sinais de aceitação do catolicismo, encorajado pelo convívio tolerante e aceitação mútua, considerando as práticas religiosas abexins entre o louvor e crítica.

Pais, num diferente contexto e no desempenho de diferentes funções, fazendo parte das hostes evangelizadoras dos *Soldados de Deus*, aprofunda os conteúdos teológicos, subscrevendo a necessidade de imposição do catolicismo, para resgatar um cristianismo transviado. O jesuíta critica abertamente o conteúdo da fé e a devassidão e ignorância do clero, não conseguindo eximir-se a considerar a religião etíope como herética.

Álvares tenta aperceber-se de traços de grandeza na figura, corte, oficiais e senhores do reino que ele persiste em denominar do *Preste*; também se impressiona com a dimensão dos tributos por ele recebidos e recolhe histórias de tesouros

escondidos e a autoridade que o monarca etíope detém sobre os senhores e a facilidade de reunião de exércitos.

Pais, por seu lado, tendo assistido a uma época de grande instabilidade política interna, não esconde as dificuldades políticas do Imperador, face aos grandes senhores e invasores que pressionam as fronteiras. Salaria ainda a exiguidade dos recursos da coroa etíope e a fragilidade dos seus exércitos. Analisando a sua titulação local, Pais desvincula a imagem do Imperador do *Preste*, afirmando o desconhecimento abexim de tal figura e, embora essa denominação se tenha tornado habitual, Pais refere-se de uma forma geral ao monarca abexim como *Emperador* ao longo da sua *Historia...* Imperador este que parece tão interessado no apoio ocidental, como estes estavam em encontrar o seu reino. Efectivamente face à sua fragilidade, o apoio militar português torna-se um esteio da monarquia abexim desde a expedição de D. Cristóvão da Gama e os reforços militares continuam a ser pedidos na época de Pais, simultaneamente ao processo de conversão do Imperador, num processo de afirmação da autoridade real.

Assiste-se, pois, nestas narrativas sobre o reino cristão da Etiópia, que consideramos fundadoras, pela âmbito alargado da sua descrição de inúmeros aspectos da terra etíope e de seus habitantes; pela experiência prolongada dos respectivos autores no “terreno”, embora por diferentes motivos, em diferentes contextos e incumbidos de diferentes propósitos, a um progressivo afastamento de uma realidade mítica preconcebida. Este afastamento verifica-se num primeiro momento, na descrição prosaica e precisa da Abissínia feita *in loco* pelo P. Francisco Álvares; um século mais tarde o missionário jesuíta P. Pêro Pais, também ele conhecedor presencial da realidade, “corta” na sua narrativa as ligações ao mito que poderiam ter ainda persistido. O fabuloso *Preste* e seu reino foram definitivamente relegados para outros horizontes; a ele se sobrepõem o *Negus*, Imperador da Abissínia e a respectiva região africana que senhoreia, no final de um processo de reformulação da identidade, que parte de uma *alteridade* imaginada e construída, para a elaboração de uma *alteridade* vista e experienciada.

De facto, a lenda foi desconstruída pela verificação empírica dos nossos autores. Em lugar dela assinala-se e uma imagem da *alteridade* da terra etíope na qual o rei e o reino fabuloso foram substituídos por uma realidade prosaica, mas não menos causadora de espanto pela sua diversidade e diferença em relação à Europa.

Realidade esta que revela uma sociedade que apesar da antiguidade da sua civilização e tradições, e não estando ao nível dos gentios *selvagens* do Brasil ou dos *cafres*, encontrados noutras zonas de África, também não se equipara às civilizações sofisticadas encontradas pelos portugueses a Oriente, plenas de riqueza e onde se denotam inúmeros traços de *policia* e abundância. A Etiópia é modesta em riquezas materiais e no seu grau de desenvolvimento, ficando a meio termo destes dois pólos de valoração civilizacional. E, embora cristã, enferma de um defeito grave na Europa católica, defeito esse progressivamente agravado no decorrer do século XVI, devido aos conflitos internos que dilaceram o *velho continente*: o seu cristianismo é inegavelmente *herético* e assim se mantém a maioria da população, não obstante a adopção do catolicismo pelo Imperador. Se existem sinais de esperança no combate à heresia, Pais sublinha profeticamente, as bases ainda muito frágeis sobre as quais o catolicismo assenta nestas terras, reforçando a ideia da necessidade e valor da pequena missão da Companhia de Jesus.

Chegando ao final deste nosso percurso, muitas questões se colocam. Podemos questionar até que ponto é que estas obras estabelecem as matrizes de um *olhar* sobre a região em questão, na Europa coeva e seu grau de influência não só a nível do conhecimento científico daquela zona de África, como a sua possível marca na visão literária da época e posterior, concomitantemente à permanência de um fundo imaginário marcado pela influência da *Carta*.

Por outro lado podemos interrogar-nos até que ponto estas narrativas que marcaram a concepção ocidental sobre estas paragens africanas, entre outras, referentes a outras regiões, modelaram o gosto pelo exótico, despertando a nostalgia da viagem e evasão nos europeus, face a uma realidade simultaneamente receada e admirada e certas imagens veiculadas entraram no nosso imaginário colectivo.

Gostaríamos de ter tido em conta na elaboração do nosso trabalho os tópicos descritivos dos relatos sobre a Etiópia em autores posteriores a Francisco Álvares e aferir a sua influência em autores como Damião de Góis e os grandes cronistas da expansão ou verificar a concordância ou não dos *olhares* em João de Bermudes e Miguel de Castanhoso, e igual procedimento em relação à obra de Pais e as missivas, relatos e relações de outros membros da missão, como Manuel Barradas, Afonso Mendes e Jerónimo Lobo entre outros, assim como uma análise detalhada da evolução da reescrita sucessiva da sua *Historia de Etiópia* por Manuel de Almeida e Baltasar Teles.

Deste trabalho ficou-nos igualmente o gosto e o interesse pelas viagens e respectivos relatos e missivas dos incansáveis membros da Companhia de Jesus, desbravando não só as almas em prol da ortodoxia católica romana, como o interior dos continentes em prol do enriquecimento cultural da visão do mundo europeia.

No decorrer da sua redacção, entusiasmando-nos com as imagens, episódios e linguagem expressiva dos autores estudados, alargámo-nos em aspectos descritivos, recorrendo a longas e numerosas citações das fontes. Com efeito o fulcro do nosso trabalho assenta nas *vozes* e *visões* dos autores que não resistimos a transmitir. Como eles face à estranheza e fascínio de uma terra diferente, fomos arrebatados pela expressividade, encanto e graça da *imagem* que nos legaram dessas longínquas partes de África.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

ÁLVARES, P. Francisco, *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índia*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1943

PAIS, P. Pêro, *História da Etiópia*, introdução de Elaine Sanceau, nota bibliográfica de Alberto Feio, leitura paleográfica de Lopes Teixeira, Porto, Livraria Civilização, 1945,

OBRAS GERAIS

ALBUQUERQUE, Luís de, *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Alfa, 1983-1985

IDEM, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses-séculos XV e XVI*, 2 vols., Lisboa, Caminho, 1987

IDEM (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, , 2 vols., Lisboa, Caminho, 1989

IDEM, (ed.), *Portugal no Mundo*, , Lisboa, Alfa, 1990

ALMEIDA, Fortunato, *História da Igreja em Portugal*, 4 vols., Porto / Lisboa, Livraria Civilização, 1967-1971

ANSELMO, António J., *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926

BAIÃO, A. et al. , *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, 3 vols., Lisboa, Ática, 1937-1940

BARBOSA MACHADO, Diogo, *Bibliotheca Lusitana Histórica...*, Coimbra, Atlântica Editora, 1965-1967

BELL, Aubrey F. G., *A Literatura Portuguesa*, Lisboa, INCM, 1971

BERNARDES, José Augusto Cardoso, *História Crítica da Literatura Portuguesa-Humanismo e Renascimento*, Reis, Carlos (dir.), Lisboa, Verbo, 1999

BETHENCOURT, Francisco e CHAUDHURI, Kirti (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, 5 Vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1998-1999

BOXER, C. R., *O Império Colonial Português*, 2ª ed., Lisboa, Edições 70, 1977

- DOMINGUES, Francisco Contente e BARRETO, Luís Filipe (org.), *A Abertura do Mundo: estudos de história dos descobrimentos europeus*, 2 vols., Lisboa, Presença, 1986
- ENCICLOPÉDIA Luso-Brasileira de Cultura*, 23 vols. ,Lisboa, Verbo, 1963-1995
- ESTUDOS e Ensaios em Homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*, Lisboa, Sá da Costa, 1988
- GARCIA, José Manuel, *Ao Encontro dos Descobrimentos*, Lisboa Presença, 1994
- LAPA, M. Rodrigues (ed.), *Historiadores Quinhentistas*, Lisboa, s/n, 1942
- LEITE, Duarte, *História dos Descobrimentos*, Lisboa, s/n, 1962
- MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, 7 Vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1993
- MEDINA, João(dir.), *História de Portugal- Dos Tempos Pré-históricos aos nossos Dias*, 20 Vols., Amadora, Ediclube, s/d
- OLIVEIRA, Aurélio de, IDEM (sel. e apresent.), *Cartas de Etiópia*, Braga, Livros A I., 1999
- PEREIRA, Esteves e Rodrigues, Guilherme, *Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*, 7 vols., Lisboa, Romano Torres, 1904-1915
- RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, 2vols.,Porto , 1931-1939
- RUSSEL-WOOD, A J.R., *Um Mundo em Movimento- Os Portugueses na África, Ásia e América (1415-1808*, Lisboa, Difel, 1998
- SAMPAIO, Albino Forjaz de , *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, Paris, Aillaud & Bertrand, 1929
- SARAIVA, António José, *História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Jornal do Foro, 1950-1962
- SARAIVA, António José e Óscar Lopes, *História da Literatura portuguesa*, 9ª ed. (Corr. e At.), Porto, Porto Editora, 1976
- SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 6 vols. , Porto, Figueirinhas, s/d,

SERRÃO, Joel e MARQUES, A H. de Oliveira (dir.), *Portugal- Do Renascimento à Crise Dinástica*, vol. V, Lisboa, Presença, 1999

SILVA, Inocêncio Francisco da, et al., *Dicionário Bibliográfico Português*, 24 Vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1927

VASCONCELOS, Maria da Assunção Jácome de , *Inventário das Cartas anuais das missões da Etiópia/Arquivo Distrital de Braga*, Braga, Univ. do Minho/Arquivo Distrital de Braga, 1984

WRIGHT, Jonathan, *Os Jesuítas-Missões, Mitos e Histórias*, Lisboa, Quetzal, 2005

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA: AUTORES, LITERATURA, CULTURA

ANDRADE, ANTÓNIO BANHA DE , « Francisco Álvares e o êxito europeu da Verdadeira Informação... », Sep. das actas do Colóquio *Presença de Portugal no Mundo*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1982, pp.285-339

IDEM, *Mundos Novos do Mundo- Panorama da difusão , pela europa, de notícias dos Descobrimientos Geográficos Portugueses*, 2 Vols., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972

AVELAR, Ana Paula Menino, *Fernão Lopes de Castanheda, Historiador dos Portugueses na Índia ou Cronista do Governo de Nuno da Cunha?*, Lisboa, Cosmos, 1997

IDEM *Visões do Oriente- Formas de Sentir no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Colibri, 2003

IDEM, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003

BARRETO, Luís Filipe, *Descobrimientos e Renascimento- Formas Ser e Pensar nos séc. XV e XVI*, Lisboa, INCM, 1983

IDEM, *Portugal , Mensageiro do Mundo Renascentista: problemas da cultura dos descobrimientos portugueses*, Lisboa, Quetzal, 1989

IDEM, « A Incidência dos Descobrimientos no Aparecimento de uma Mentalidade Renascentista» in Albuquerque, Luís de (ed.), *Portugal no Mundo*, Vol., IV, Lisboa, Alfa, 1990, pp.94-104

BEKE, Charles T., « Meémoire justificatif en rehabilitation des p'ères Paez et Jerónimo Lobo, missionaries en Abyssinie, en ce que concerne leurs visites a la source de l' Abaï (le Nil) e t la Cataracte d' Alata », *Bulletin de la Société de géographie*, 3 ième Série, IX, Paris, 1848

- BECKINGHAM, C. F., *Francisco Alvarez and his Book on Ethiopia*, 1983
- BISHOP, George, *A Lion to Judah- The Travels and Adventures of Pedro Paez, S. J., the River Finder*, Anand, , Gujarat Shitya Prakash, 1998
- BOXER, C. R., *Race relations in the Portuguese Colonial Empire*, Oxford, Clarendon Press, 1963
- IDEM, *A Igreja e a Expansão Ibérica*, Lisboa, Ed. 70, 1981
- CARDIM, Pedro, « Livros, literatura e homens de letras no tempo de João de Barros», *Oceanos*, , nº 27, Lisboa, 1996, pp. 27-47
- CASTRO, Aníbal Pinto de, « Os Descobrimentos na Literatura Portuguesa » in Albuquerque, Luís de (ed.), *Portugal no Mundo*, Vol. IV, Lisboa, Alfa, 1990, pp.35-44
- CEARD, Jean e MARGOLIN, Jean Claude (ed.), *Voyager à la Renaissance*, Actes du Colloque (Tours, 1983), Paris, Maisonneuve & Larose, 1987
- CIDADE, Hernani , *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina - As Ideias, os Factos, as Formas de Arte I*, Vol. 1 Coimbra, Arménio Amado, 1963-1964
- DAMIÃO de Góis na *Europa do Renascimento*, Actas do Congresso Internacional Damião de Góis (Braga, 2003), Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 2003
- DIAS, J. S. DA SILVA, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, 3ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1988
- FALCÃO, Ana Margarida (org.), *Literatura de Viagem: Narrativa, História e Mito*, Actas do Congresso (Funchal, 1995), Lisboa , Cosmos, 1997
- FERRONHA, António Luís (coord.), *O Confronto do Olhar* ,Lisboa, Caminho, 1991
- GARCIA, José Manuel, « Algumas Observações sobre a Literatura Portuguesa da Expansão », *Revista do ICALP*, nº7-8Lisboa, ICALP, 1987, pp. 22-27
- GODINHO, Vitorino Magalhães IDEM, *Mito e Mercadoria- Utopia e Prática de Navegar - séculos XIII-XVIII*, Lisboa , Difel, 1990
- GRAÇA, Luís, *A Visão do Oriente na Literatura de Viagens: os Viajantes Portugueses e os Itinerários Terrestres (1560- 1670)*, Lisboa, INCM, 1983
- HIRSCH, Elizabete Feixe, *Damião de Góis*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987
- LOPES, Marília dos Santos IDEM, *Da Descoberta ao Saber- Os Conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem, 2002

LOUREIRO, Rui Manuel, *A Biblioteca de Diogo de Couto*, Instituto Cultural de Macau, 1998

MACHADO, António Manuel, *O Mito do Oriente na Literatura Portuguesa*, Lisboa, ICLP, 1893

MARGARIDO, Alfredo, *As Surpresas da Flora no Tempo dos Descobrimentos*, ?, ?, ?

MISSIONAÇÃO Portuguesa e o Encontro de Culturas, Actas do Congresso Internacional de História, Vol. II, Braga, s/n, 1993

RANDLES, W. G. L., « Le Nouveau Monde, l' Autre Monde et la Pluralité des Mondes » in *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, Vol. IV, Lisboa, s/n, 1961, pp.347-385

RODRIGUES, Sónia Maria Correia (org.), *Damião de Góis e o seu Tempo* (1502- 1574), Actas do Colóquio (Lisboa, 2002), Lisboa, Academia Portuguesa de História, 2002

SALDANHA, António de Vasconcelos de, « Conceitos de Espaço e Poder e seus Reflexos na Titulação Régia Portuguesa da Época da Expansão » in *Actes du Coloque: La Découverte, Le Portugal et l' Europe*, (Paris ,1988), Paris, FCG-CCP, 1990, pp. 105-130

SEIXO, Maria Alzira, *Poéticas da Viagem na Literatura*, , Lisboa, Cosmos, 1998

IDEM (org.), *A Vertigem do Oriente : modalidades discursivas no encontro de culturas*, Actas do Congresso, Lisboa, Cosmos, 1999

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A Historiografia Portuguesa- Doutrina e Crítica*, 2 vols., Lisboa, Verbo, 1972-1973

THOMAS, Luís Filipe, « L' Idée Impériale Manuéline » in *Actes du Coloque : La Découverte, Le Portugal et l' Europe*, (Paris, 1988), Paris, FCG-CCP, 1990,pp.35-104

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA : HISTÓRIA DA ETIÓPIA

AUBIN, Jean, « Le Prêtre Jean devant la Censure Portugaise » *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, 41, Lisboa, 1980, pp.35-57

IDEM, « L' ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel », *Mare Luso-Indicum*, vol. 3, Paris, 1976, pp. 1-56

BASTO, Artur de Magalhães, « Os Portugueses na Abissínia », in BAIÃO, António (ed.), *História da Expansão Portuguesa no Mundo* , Vol. 2, Lisboa, Ática, 1939, pp.273-296

BECKINGHAM, G. F. e HUNTINGFORD, W. B., *The Prester John of the Indies*, Cambridge, Hakluyt Society, 1961

BESHAH, Girma e AREGAY, Merid, *The Question of the Union of the Churches in Luso-Ethiopian Relations- 1500-1632* , Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1964

CARREIRA, José, Nunes, « A Abissínia de Francisco Álvares: Queda de um Mito », Sep.de *Literatura de Viagens*, Lisboa, Cosmos, 1997 , pp.86-98

IDEM, *Do Preste João às Ruínas da Babilónia- Viajantes Portugueses na Rota das Civilizações Orientais*, Lisboa, Comunicação, 1990

CURTO, Pedro Mota, *Portugal, O Preste João e a Etiópia (séculos XV e XVI)*, tese de mestrado em História dos Descobrimentos e expansão Portuguesa,(texto policopiado) ,Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1996

FICALHO, Conde de , *Viagens de Pêro da Covilhã*, (ed. fac-similada) , Lisboa, INCM, Lisboa, 1988

GRAÇA, Luís, « Os Portugueses na Etiópia: as duas primeiras Embaixadas e a acção dos Jesuítas » in ALBUQUERQUE, Luís de, *Portugal no Mundo*, vol. 3,Lisboa, Alfa, 1990, pp.135-142

HOOK, David, « A Note on the Books sent to Prester John in 1515 by King Manuel I » , *Studia* , n° 37, Lisboa, 1973, pp. 303-315

KRAUSE, Kurt, *Os Portugueses na Abissínia: Subsídios para a História da Descoberta da África*, Lisboa, Tipografia Universal, 1915

LOPES, Maria Teresa do Rosário, *A Etiópia, na obra de Miguel de Castanhoso*, tese de mestrado em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa, (texto policopiado) , Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2000

MACHADO, Augusto Reis, « A Companhia de Jesus e a sua Acção na Etiópia Antiga », Sep. de *Ocidente*, LXIII, s/l, s/n, 1962

NUÑEZ, P. Juan , *Portugal e etiópia- Uma Página de História*, ?, ?, ?

PENNEC, Hervé, « Les Abrégés Portugais du refuge de l'âme. Une apologie de la Foi monophysite adressée par les moines du Tigré ... » in *Anais 1*, Vol.1, Lisboa, Centro de História de Além-Mar, Université. Nova de Lisboa, Dezembro 2000, pp.133-159

IDEM, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 2003

IDEM (ed.), *O Destino Etíope do Preste João*, Catálogo da Exibição Museu Nacional de Arte Antiga , Lisboa, Instituto Português de Museus, 1999

IDEM e BOAVIDA, Isabel (ed.), *The Indigenous Art and the Foreign in Christian Ethiopian Art: on Portuguese-Ethiopian contacts in the 16th-17th centuries*, (5ª Conferência Internacional de História de Arte Etíope- Arrábida, 26/30 Novembro de 1999) , Aldershot, Ashgate, 2004

REY, C. F. , *The Romance of the Portuguese in Abyssinia (1490/1633)*, London, Witherly, 1929

SANCEAU, Elaine, « Etiópia e Portugal, », *Sep.de Ocidente*, 57, Lisboa, s/n, 1959

IDEM, *Os Portugueses na Etiópia*, Porto, Livraria Civilização, 1961

Quadros

Quadro 1

TÓPICOS REFERENTES AO ESPAÇO NATURAL

Do Espaço Natural	Francisco Álvares	Pêro Pais
Configuração Geográfica	Senhorios do Preste; Reinos e povos limítrofes	Senhorios do Preste; Reinos e povos limítrofes
Paisagem	Orografia; caminhos; clima; cursos de água e lagos; referências ao rio Nilo	Clima; rios e lagos; nascentes e enchente do rio Nilo; referências esporádicas à orografia e caminhos.
Flora	Referências a espécies silvestres; espécies cultivadas e aproveitamento agrícola.	Referências a espécies silvestres e autóctones; espécies cultivadas; introdução de novas espécies
Fauna	Referências às espécies selvagens; importância da produção pecuária; praga de gafanhotos.	Animais selvagens e domesticados; referências à produção pecuária; fauna dos rios e lagos; espécies consideradas danosas.
Riqueza Mineral	Referências a ouro e prata; sal	Referências a ouro e prata; sal

Quadro 2

TÓPICOS REFERENTES AOS HABITANTES, USOS E COSTUMES

Dos Habitantes, Usos e Costumes	Francisco Álvares	Pêro Pais
Habitantes	Características físicas (homens e mulheres), vestes, atavios de todas as classes; referências à sua natureza.	Características físicas (homens e mulheres e crianças); vestes, penteados e atavios; chapéus, de todas as classes; natureza.
Espaço Humano	Locais de paragem/passagem da embaixada: aspectos arquitectónicos de igrejas e mosteiros; referências às habitações e seu interior.	Referência a igrejas e mosteiros e sua descrição arquitectónica; primeira igreja católica na Etiópia; formas de habitação; edifícios dos lugares e sua decoração; inexistência de uma civilização urbana; primeiros edifícios civis em pedra.
Usos e Costumes	Cortesias; alimentação e sociabilidade à mesa ;os hábitos matrimoniais e o divórcio; cerimónias fúnebres e luto; circuncisão e práticas de origem judaica; excisão.	Cortesias; alimentação; práticas de hospitalidade e assistenciais; hábitos matrimoniais e divórcio; cerimónias fúnebres, o luto e o prantear e local de enterramento; regime de heranças; circuncisão e práticas de origem judaica; excisão.
Cultura	Consulta de livros locais; tradições locais: narrativa da rainha de Sabá; narrativa da rainha Candácia e S. Filipe e conversão da Etiópia; história de rei Lalibela; insipiência da cultura escrita, ausência do registo escrito e predomínio da tradição oral. Antigos vestígios de Aksum e igrejas monolíticas de Lalibela.	Inexistência de grandes bibliotecas e de uma cultura livresca, ausência de registo escrito; inexistência de um ensino organizado; ausência de um conhecimento científico e de conhecimentos de medicina; falta de instrumentos e noções de medição exacta. Consulta de livros locais; Narrativa da tradição da linhagem real com base na lenda da rainha de Sabá . Antigos vestígios de Aksum e igrejas monolíticas de Lalibela (referidas a partir do testemunho de Álvares).

Quadro 3

TÓPICOS REFERENTES À ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Da Organização Social	Francisco Álvares	Pêro Pais
Organização política e económica	<p>-Os senhores locais; pagamento de direitos; - Exercício da justiça audiências e penas; prisões; -Exército e armamento; -Autoridade do Imperador; a posse precária dos senhorios; os direitos recebidos pelo Imperador; a sua sucessão e os seus familiares; -Tradição da origem dos altos funcionários; -Organização da corte/arraial do Imperador; cerimonial; figura do Imperador; a corte em movimento (séquito, meios de deslocação, transporte dos bens do Imperador).</p> <p>-Posse da terra e aproveitamento agrícola; as feiras; medidas padrão (sal); troca</p>	<p>-Linhagem imperial; ; lista dos imperadores; cerimonial ligado à sua figura; leis de sucessão e família imperial; a eleição imperial e a cerimónia de coroação; titulação; designação da imperatriz; -Oficiais da corte e sua origem -Exercício da justiça: juízes e competências; custos do processo e recursos; penas e formas de prisão; -Governo local; -Tributos e rendas do Imperador; -Exército, armamento, e expedições militares; -Figura do Imperador; -Organização do arraial; deslocações da corte (organização da comitiva, forma de deslocação do Imperador).</p> <p>-Cultivo dos campos e rendas; formas de comércio e medidas de troca.</p>
Práticas religiosas	<p>-Ofícios e rituais religiosos; -Características do clero (frades e clero secular; freiras); hierarquia ; ordenação de clérigos; o casamento do clero secular; -Objectos litúrgicos; -Os sacramentos,calendário religioso; festividades (baptismo na Epifania, consagração de templos, Quaresma e Páscoa); -Penitências e jejuns; eremitas .</p>	<p>-Início da fé cristã na Etiópia; -Divergências teológicas (natureza de Cristo, questão das almas e do castigo divino; diferenças nos sacramentos; negação do Purgatório) -Ofícios, rituais e orações; -Eleição do patriarca egípcio; ordenação do clero; -Casamento dos clérigos; características físicas; -Ordens religiosas e principais mosteiros.</p>

QUADRO 4

REINOS DO IMPÉRIO ETÍOPE SEGUNDO REFERÊNCIAS DE FRANCISCO ÁLVARES E PÊRO PAIS (sentido nascente/poente)

Francisco Álvares	Pêro Pais
Tigrai [senhorios do Barnagais e do Tigremahon]	Tigré
Dangali (mouro)	Dancali (mouro)
Angote [senhorio do Angoterás]	Angôt
Adel (mouro)	
Dobas (24 senhorios mouros)	Doba Seltan (mouro)
	Motâ
	Ançá
Amara	Amharâ
	Olacã
Oija	Ôye
	Bâli
Adea(mouro)	Hadeâ
	Alamalê
Xoa	Xaoâ
	Ifât
	Gueden

	Ganh
	Doarô
Fategar	Fatagâr
	Oxlô
	Ganz
	Belemorâ
Gorage	Guraguê
	Cuerâ
	Brizanâ
	Sufgamô
	Bahargamô
	Cambât
	Boxâ
	Gumârm
	Zenyerô
	Nareâ
	Conch
Damute	Damôt
Gojame	Gojâm
Bagamidri	Begmêder
	Dambiâ

QUADRO 5

PROVÍNCIAS DO IMPÉRIO ETÍOPE REFERIDAS POR PÊRO PAIS

Gandachô
Arench
Orgâr
Cagmâ
Mergâi
Xareâ
Gamarô
Abexgai
Talaceôn
Oagrâ
Çemen
Çalamat
Borâ
Abargalê
Salacâ
Çagadê
Oailcait
Maçagâ

QUADRO 6

LIMITES DO IMPÉRIO ETÍOPE SEGUNDO FRANCISCO ÁLVARES (1520/1526)

NASCENTE	POENTE	NORTE	SUL
<p>O reino mouro de Dangali, situa-se na costa, possuindo o porto de Belié. Este reino estende-se para sul até ao reino mouro de Adel, a cujo senhor pertencem as cidades de Zeila e Barborá na costa do Golfo de Adem, confinando no interior com as terras do Preste, os seus reinos de Fategar e Xôa. Este reino de Adel seria de grande extensão «(...)e corre sôbre o cabo de Guardafui e lá naquela parte senhoreia outro seu sujeito.»¹⁷¹⁵</p> <p>Ainda para Levante, «No meio do reino de Adel mais para o sertão começa o reino de Adea que é de mouros e são de países sujeitos ao Preste; (...)»¹⁷¹⁶. O reino de Adea tem fronteiras com o reino de Oiija, do Preste, provavelmente para leste; por outro lado o autor refere que no meio do reino de Adea, para poente, iniciam-se territórios de gentios «(...) que não são reinos e são nas cabeças dos reinos</p>	<p>Terras dos <i>cafates</i>, gentios belicosos, Segundo a tradição, de ascendência judaica que confinam com os reinos de Xôa e Gojame¹⁷¹⁸. Quanto às fronteiras do reino de Gojame a norte, voltadas para Poente «(...) não pude saber com quem confina êste reino (...), somente dizerem que são desertos de montanhas e que há além delas judeus(...)»¹⁷¹⁹.</p> <p>O reino de Bagamidri, conflui a oeste com a terra dos <i>belonos</i>, mouros que pagam tributo em cavalos ao Preste e cujo território, por sua vez, confinaria com a Núbia. Nos limites dos reinos de Angote e Tigré, estão as terras dos <i>aganos</i>, e de gentios e cristãos que, «(...) da outra parte não sei com que confinam, devem confinar com êste reino Bagamidri»¹⁷²⁰.</p>	<p>Estando no reino de Amara Álvares é informado « (...) que um mês de caminho seria para aquela parte o senhorio do Preste e que logo entram montanhas e desertos e após êles mui ruim gente, muito preta e muito má. Durava a seu parecer, espaço de quinze dias de andadura(...), que entram logo mouros brancos do reino de Tunes (e não me espanto, porque de Tunes vêm as cáfilas ao Cairo e a esta terra do Preste)(...)»¹⁷²¹.</p> <p>O Norte da Etiópia, confronta-se com as terras dos Núbios de aquém e além Nilo, em relação às quais, e segundo as informações obtidas pelo autor, «Diziam ser estes Núbios cinco ou seis</p>	<p>Terras de gentios</p>

¹⁷¹⁵ Álvares, *op. cit.*, p. 356

¹⁷¹⁶ *Ibid.*, p. 357

<p>e senhorios do Preste (...)»¹⁷¹⁷. O primeiro é a terra de Ganze, habitada por gentios e cristãos; segue-se a grande senhoria de Gamu; ambos fazem fronteira com os reinos do Preste de Oija e Xoa.</p>		<p>jornadas dos extremos de suas terras contra Egipto.(...) e ouvi dizer que na fronteira destes núbios (...) é terra muito abundada de mantimentos e não pode al ser porque é daquém e dalém Nilo, que dizem ser terra muito farta.»¹⁷²².</p>	
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

¹⁷¹⁷ *Ibd.*, pp. 357/358; Penetrando no dito reino de Adea, onde o *Preste* se desloca em missão de auxílio ao respectivo rei, informa-nos Álvares da existência de um reino de Orgabeja, no extremo desse território. Segundo o relato de portugueses e genoveses que acompanharam a expedição, o monarca etíope penetrara no reino até «(...) muito acêrca de Magadaxo e diziam ser reino mui frutífero e de grandes arvoredos em tanta maneira que não podiam caminhar sem cortarem árvores e fazerem caminhos. E assim dizem haver aí muitos mantimentos (...)»¹⁷¹⁷.

¹⁷¹⁸ *Ibd.*, p. 360

¹⁷¹⁹ *Ibd.*, p. 361

¹⁷²⁰ *Ibd.*, p. 362

¹⁷²¹ *Ibd.*, p. 162

¹⁷²² *Ibd.*, p. 73

QUADRO 7

LIMITES DO IMPÉRIO ETÍOPE SEGUNDO Pêro Pais (1603/11620)

NASCENTE	POENTE	NORTE	SUL
<p>Domínio mouro a Levante, sob a égide do império turco, impedindo o livre acesso á costa do Mar Vermelho. Na sua obra, Pais refere, as lutas havidas com os reinos mouros vizinhos, nomeadamente incursões dos mouros do reino de Adel à corte do Imperador Claudio, estacionada no reino de Ôyê e o avanço turco até Debaroâ e suas razias no reino de Tigré, na época do patriarca André de Oviedo¹⁷²³. Pais alude ainda um reino a sudeste, Bali, no qual a influência etíope se encontrava em recuo face aos muçulmanos¹⁷²⁴.</p>	<p>A Poente, Pais informa-nos que «Aquelles de Gumân, que são Christão (...) moram no extremo do reyno de Gojâm sobre o Nilo (...)»¹⁷²⁵. O mesmo reino de Gojâm confina também com os reinos gentios de Fascolô e de Ombareâ, senhareado pelo Imperador desde 1615 e, que segundo Pais, «(...) por ser terra tam grande e pouco conhecida, a chamarão elles Ayez Alêm, q quer dizer novo mundo. Dali por diante não senhorea o Emperador, nem sabem dar rezão dos nomes das terras (...)», sendo os seus habitantes «Cafres gentios»¹⁷²⁶. No limite poente do Império habitam igualmente os Agôus, população gentia, em parte já convertida ao cristianismo, «(...) muitos e muy belicosos, [e] as terras onde moram, são muy fortes, asperas, e montuosas(...)»¹⁷²⁷.</p>	<p>A norte do território por exemplo, o autor refere em várias passagens, o grande reino de Dequin, diante de Çuaquên, habitado por «(...) mouros muito pretos, q q chamão Balôus(...)»¹⁷²⁸, com os quais se mantém a paz. De resto separam a Etiópia do Egipto «(...) grandes desertos e vastissimos mattos(...)»¹⁷²⁹.</p>	<p>Para sudoeste o limite das terras do <i>Preste</i> é o reino de Nareâ, terra de gentios sujeita recentemente ao Imperador Etíope. A sul a delimitação do reino etíope, no sentido Poente/Nascent e parece situar-se no reino de Damôt/Damut, «(...) q he hua região muy grande e vasta(...)»¹⁷³⁰ e uma série de outros reinos de tamanho diverso, cuja localização não é muito clara e ainda os reinos de Fatagâr e o de Ôye, que confinam com os reinos mouros de Hâdea e de Adel.</p>

¹⁷²³ *Ibd.*, Vol. I, p.287 e Vol. II, p. 320

¹⁷²⁴ «(...) Balí, que são outras terras do Emperador; ainda q de pouco tempo a esta parte se meteo nellas hu mouro e os christãos se forão retirando.», *Ibd.*, Vol. III, p.211

¹⁷²⁵ *Ibd.*, p. 117

¹⁷²⁶ *Ibd.*, p. 217

¹⁷²⁷ *Ibd.*, Vol. III, p. 248

¹⁷²⁸ *Ibd.*, p.225

¹⁷²⁹ *Ibd.*, Vol. II, p.217

¹⁷³⁰ *Ibd.*, Vol. II, p.305

QUADRO 8

CRONOLOGIA DOS GOVERNANTES ETÍOPES ¹⁷³¹

<u>PERÍODO</u>	<u>NOME DE BAPTISMO</u>		<u>NOME DE GOVERNO</u>	
	<u>Segundo Penec</u>	<u>Segundo Pais</u>	<u>Segundo Penec</u>	<u>Segundo Pais</u>
1478/1494	Eskender	Escânder	Qwästantinos	
<u>1494</u>	Amdä Seyon II	Amd Ceôn		
<u>1494/1508</u>	Na'od	Naôd	Anbasa Badar	
<u>1508/1540</u>	Lebnä Dengel	Lebena Denguil (Incendo de Virgem)	Wanag Sagad/Etana Dengel/Dawit/Asnaf Sagad	Onâg Çaguêd/David
<u>1540/1559</u>	Gälawdéwos	Glaudeôs/Cláudios	Asnaf Sagad	Atanâf Çaguêd
<u>1559/1563</u>	Minas	Minâs	Admas Sagad/Wanag Sagad	Adamâs Çaguêd
<u>1563/1597</u>	Särdä Dengel	Zerza Denguil	Malak Sagad	Malâc Çaguêd
<u>1597/1603</u> e <u>1605/1607</u>	Ya'eqob	Jacob	Malak Sagad	Malâc Çaguêd
<u>1603/1604</u>	Zä Dengel	Za Denguil	Asnaf Sagad	Atanâf Çaguêd
<u>1607/1632</u>	Susneyos	Suseneôs	Seltan Sagad	Seltân Çaguêd
<u>1632/1667</u>	Fasiladas			

¹⁷³¹ Segundo as obras de Hervé Penec, «Chronologie des Rôis Éthiopiens», *op. cit.*, p. 325 e Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp.55/59 e ainda 19/20

Anexos

ANEXO 1

HISTORIAL DAS RELAÇÕES POLÍTICO RELIGIOSAS ETIÓPIA/ PORTUGAL PAIS, SEGUNDO O P. PÊRO PAIS¹⁷³²

- O imperador David/ Onâg Çaguêd escreve cartas ao Papa e ao rei de Portugal em 1524, manifestando a sua vontade de aproximação, na sequência da embaixada de D. Rodrigo de Lima, enviada pelo rei português D. Manuel I; mas morreu antes que chegassem representantes da Igreja de Roma;
- O seu filho Cláudios/ Atanâf Çaguêd, em guerra com os muçulmanos, recebe a expedição de D. Cristovão da Gama e o alegado Patriarca católico, D. João de Bermudes (1541), temporizando enquanto a ajuda militar foi necessária, substituindo depois Bermudes, por um Patriarca vindo da Alexandria. Mais tarde (1555), entra na Etiópia o P.e jesuíta Mestre Gonçalo Roiz com o embaixador Diogo Dias para preparar a chegada do novo patriarca católico, o P.e João Nunes Barreto e de outros membros da Companhia. Tenta convencer o imperador a juntar-se a Roma apresentando-lhe um tratado com os erros de sua igreja e sublinha a necessidade de obediência de todos os Cristão ao Papa, lembrando-lhe as cartas por ele escritas, protestando a sua obediência a Roma. Tudo em vão; o imperador dispensa a missionação portuguesa e pretende manter os seus costumes, afirmando um português na corte que ele preferiria ser antes súbdito dos mouros.
- Em Março de 1557 chega à Etiópia o bispo católico e futuro patriarca, D. André de Oviedo, com alguns P.es jesuítas. Recebido, com tolerância pelo imperador, os seus esforços (concílios, tratado s/ os erros da igreja etíope) continuam infrutíferos e o imperador declara a sua vontade de permanecer nos seus costumes (1558). Desgostoso, D. André de Oviedo abandona a Corte em Janeiro de 1559.

¹⁷³² Vide, Pais, *op. cit.*, Vol. II, pp. 59/66

Em Fevereiro uma tribo moura invade o território etíope e o imperador morre ao defrontá-los em Março.

- Sucedeu-lhe o seu irmão Minas / Adamâs Çaguêd, que durante 4 anos perseguiu os católicos;
- Seu filho Zerza Denguil / Malâc Çaguêd, reinou 33 anos e, embora não tenha perseguido a igreja de Roma, não adoptou o seu credo. E a correspondência que tentou encetar com o Vice-rei da Índia e o Papa (em 1576 e 1593) foram apenas pretextos para solicitar ajuda militar contra os turcos e os povos Oromo/Galês.
- Sucede-lhe o seu filho bastardo, Jacob, de 7 anos, ficando como regentes a Imperatriz Marian Siná e seu genro, Athanateus, durante 7 anos. Estes não mostram vontade de conversão ou de convívio com Poertugueses (excepto com alguns oficiais portugueses específicos).
- Em Maio de 1603, Pais entra na Ethiopia, onde iniciara o seu reinado Jacob/Malâc Çaguêd. Mas foi deposto em Setembro e exilado para o reino de Nareá.
- Sucede-lhe seu primo, Za Denguil/Atanâf Çaguêd, que depois de animosidade, mostra simpatia pela igreja de Roma e acaba por se converter. No entanto face à sublevação que se seguiu, foi morto em batalha em Outubro de 1604. Jacob é repostado e mostra benevolência para com o Catolicismo. Mas é igualmente morto em batalha em Março de 1607.
- O seu primo Susénio/ Seltân Çaguêd sobe ao trono, e mostra simpatias para com o catolicismo, ao qual adere, mas sofre a oposição do povo que continua arreigado às suas tradições religiosas, revoltas e tentativas de assassínio (Maio de 1617).

